

103

10.37
750.

9-8-10.38.
133:54 «17»

FAR
FOA 3104

E N N Æ A,

OU

APPLICAÇÃO DO ENTENDIMENTO

S O B R E A

PEDRA PHILOSOPHAL.

105

10.33
740.

9-8-10.58.
133:54 «17»

FAR.
FOA 3104

E N N Æ A,
OU
APPLICAÇÃO DO ENTENDIMENTO
SOBRE A
PEDRA PHILOSOPHAL.

R. 265. 142 1
«175»
M 12

E N N Æ A,

OU

APPLICAÇÃO DO ENTENDIMENTO

S O B R E A

PEDRA PHILOSOPHAL, PROVADA, E DEFENDIDA

Com os mesmos argumentos com que os Reverendissimos Padres
Athanasio Kircker no seu *Mundo Subterraneo*, e Fr. Bento Hieronymo Feyjoo no seu *Theatro Critico*, concedendo a possibilidade, negão, e impugnaõ a existência deste raro, e grande mytherio da Arte Magna.

PARTE PRIMEIRA.

O F F E R E C I D A

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

D. FRANCISCO DE MENEZES,

CONEGO DA SANTA IGREJA PATRIARCHAL,
e do Conselho de Sua Magestade, &c.

POR ANSELMO CAETANO

MUNHO'S DE AVREU GUSMAO
E CASTELLOBRANCO,

Doutor na Universidade de Coimbra, Familiar do Santo Officio,
Medico do Excellentissimo Senhor Duque de Aveiro, e natural da antiquissima Villa de Soure.



LISBOA OCCIDENTAL.

Na nova Officina de MAURICIO VICENTE DE ALMEIDA
morador ao Arco das Pedras Negras.

M. DCC. XXXII.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.

ILLUSTRÍSSIMO SENHOR.



AQUELLE venturoso tem-
po, em que *VOSSA ILLUS-*
TRÍSSIMA estudava, e juntamente ensinava na
Universidade de Coimbra, era a sua casa huma dou-
tíssima

* iij

tissima Aula , ou eruditissima Academia , em que sô
 erão admittidos por Academicos , ou Candidatos os Va-
 rões illustres nas letras humanas , ou consummados nas
 sciencias Divinas ; e foy VOSSA ILLUSTRIS-
 SIMA então servido dispensar comigo , para que sem
 tanta sabedoria podesse entrar naquella venturosa Athe-
 nas , tendo eu tão poucas letras , como annos , e tão
 pouca sciencia , como idade , para que em tres lustros ,
 que então tinha imperfeitos , sabbisse daquelle Collegio
 da Sapiencia com a sua erudição perfeito Academico ,
 e com a sua grande Sabedoria hum consummado Phi-
 losopho ; porque assim como os que bebiaõ antigamente na
 Fonte Cabalina , ficavaõ Poetas laureados no Monte
 Parnaso , tambem os que gostavaõ o nectar da scien-
 cia naquelle Oceano da Sabedoria , erão Philosophos
 graduados na Universidade de Coimbra. Se com o tra-
 to dos perversos ficão os homens pervertidos , e acom-
 panhando com os Santos se santificaõ : Cum Sancto
 Sanctus eris , & cum perverso perverteris ; necessa-
 riamente na companhia de tantos Sabios todos os ad-
 mittidos se faziaõ doutos , e illustres em todas as scien-
 cias , e artes liberaes , principalmente com o trato de
 hum Heroe então no sangue , e nas letras , e agora na
 dignidade Episcopal , e em todas as virtudes illustris-
 simo ; porque justo era , que algumas vezes , assim co-
 mo o forão sempre os males , e os vicios , fossem tambem
 contagiosos os bens , e as virtudes ;

Na presença do grande Propheta Samuel profeti-
 zaraõ tambem os Archeiros , Beleguins , e Soldados da
 guarda d'ElRey Saul , mandados por elle em differen-
 tes occasiões a Naãoth em Rematha , para prenderem
 ao valeroso , e perseguido David tanto que entraraõ
 no congresso dos Prophetas , a que Samuel presidia :

Reg. lib. i. Qui cum vidissent cunctum Prophetarum vaticinan-
 19. 20. tium

tium, & Samuelém stantem super eos, factus est etiam Spiritus Domini in illis, & prophetare cœperunt etiam ipsi; e até o mesmo Rey Saul profetizou na companhia dos Prophetas, e na presença de Samuel: Prophetavit cum cæteris eorum Samuele; porque com o trato, e companhia dos Prophetas todos profetizão, como ficou em Proverbio este notavel successo d'ElRey Saul: Unde & exiit proverbium: Num & Saul inter Prophetas? E podera tambem ser proverbio na Universidade de Coimbra ser eu Academico, só porque entrey no Collegio dos Academicos, a quem VOSSA ILLUSTRÍSSIMA presidia como Samuel aos Prophetas, discorrendo eu tão facilmente nas Sciencias, como Saul nos futuros, sem mais trabalho, nem estudo, do que entrar naquelle Circulo de Sabios, aonde erão tão communicaveis as Sciencias, que parecião contagiosas, convertendo VOSSA ILLUSTRÍSSIMA com a sua Philosophia, que he a verdadeira Pedra Philosophal, o ferro dos males, na prata dos bens, e o mercurio dos vicios, no ouro das virtudes.

Mas quando não houvera esta razão, que para mim foy sempre a mayor de todas, concorrem da minha parte tantas obrigações para dedicar, e offerecer a VOSSA ILLUSTRÍSSIMA esta primeira parte da minha Enxada, que por não poder agradecerellas de outro modo, senão com a publica confissão de tantas dividas, quero tambem neste lugar dizer o muito que lhe devo, para que o Mundo conheça, que sempre sou devedor; porque não posso satisfazer tão grandes obrigações com tão pequena offerta. As confissões mais verdadeiras se costumão fazer em segredo, e ainda que eu quero fazer a minha bem verdadeira, e bem publica, sempre ficará em segredo, por me



me não saber explicar ; e para declarar o que não sey dizer , me servirey de hum exemplo , em que tambem he segredo , e verdade o que ouvem os ouvidos , e vem os olhos.

Tres milagres da Natureza observão os Egyptios nas agoas do Rio Nilo ; o primeiro ser Rio sem principio , nem fim ; porque ainda os olhos humanos não virão o berço em que nasce , nem o tumulto , em que se sepulta , por se lhe ignorar o verdadeiro nascimento , e por entrar tão impetuosamente no mar , que perpetuamente lhe disputa o vencimento , abrindo tão grandes , e multiplicadas bocas contra o Tridente de Neptuno , que parece quer de hum sorvo conquistarlhe o Imperio das agoas : o segundo despenhar-se com tanto estrondo , que os homens , que vivem junto às Catadupas do mesmo Rio , ouvem o doce murmurar das claras fontes entre as areas , e a branda viração do Zefyro entre as flores ; e os que chegam de novo a ver aquelle precipicio de cristal , nem o grande estrondo das agoas despenhadas podem perceber ; porque cahindo de huma rocha muito alcantilada , que tem meya legoa de altura , sobre hum profundissimo pego , cercado de altas , e fragosas cerras , parece hum perpetuo trovão , que atroa , e ensurdece aos estranhos , e serve de harmonia aos moradores das Catadupas ; e o terceiro , que sem chover nunca no Egypto , nem apparecerem là outras agoas , que possam augmentar a caudalosa corrente deste grande Rio , a certos tempos enche as suas margens , e inundando os campos , os fertiliza , enriquecendo com os seus fructos a todo o Reyno do Egypto ; donde veyo a dizer Plinio , que só os Egyptios não olhavaõ para o Cco , porque não esperavaõ de là o sustento , como os outros homens.

Todas estas tres maravilhas da Natureza tenho
acha-

D. Francisc.
Man. Epaph.
naph. 1. pag.
2.

achado na liberalidade, e magnificencia, com que VOSSA ILLUSTRISSIMA sempre me favoreceo, porque he para mim tão antigo o seu favor, que a minha memoria lhe não acha principio, nem pelo que o discurso, e experiencia me vão mostrando, poderão os meus olhos verlhe o fim; e quando continua as mercês, não só multiplica os beneficios, mas até abre muito as mãos, para me dar por huma vez todas as riquezas da terra. São tão estrondosas as suas liberalidades, que fazendo nos meus ouvidos excellente harmonia pelo costume de as receber, deixão atroados os daquellas pessoas, a quem novamente chega o rumor da sua despenhada grandeza. E sem manifestar VOSSA ILLUSTRISSIMA o modo porque me faz tantas mercês, nunca cheguem ao seu lado, que não ficasse como as margens do Nilo, cheyo, e muito enriquecido com a inundaçãõ da sua magnificencia; e desta sorte, como os Egyptios, não tenho necessidade de olhar para outras mãos, assim como elles não olhãõ para o Ceo.

Mas por isso mesmo devo beijar muitas vezes as de VOSSA ILLUSTRISSIMA, por me terem dado o muito, que possuo; e como não sou pobre, nem ambicioso, e a VOSSA ILLUSTRISSIMA sobeja, o que a grandes Senhores falta, já que me não he necessario acabar rogandolhe muitos bens, nem pedindo para mim novas mercês, devo somente acabar agradecendo tantos beneficios, louvandolhe os seus grandes merecimentos. Nesta obrigaçãõ me poz o costume, ou estilo dos Panegyristas, que neste lugar elogião as acções, e manifestão a nobreza dos seus chamados Mecenas. Porém eu não quero, nem posso dizer de VOSSA ILLUSTRISSIMA, o que o Mundo sabe, e só o Mundo explica; porque não ha palmo de terra no Universo, aonde os seus nobilissimos, e

**

augus-

augustísimos ascendentes , não tenham escrito com caracteres de sangue , derramado das veias de seus inimigos , as suas heroicas acções ; sendo o Mundo todo pequeno padraão , em que com o ferro das suas espadas esculpirão os mais verdadeiros elogios do seu valor , e nobreza.

Não posso porém deixar em silencio dous exemplos, hum natural, e outro politico, com que mostre ao mesmo Mundo pintada, ou retratada a agigantada fidalguia de VOSSA ILLUSTRÍSSIMA pelo dedo: Ex digito Gigas, como o Leão pela unha: Ex ungue Leonem. Nasce o famoso rio Tejo no alto monte de Vallecillo, junto de Albarracin, poucas legoas distante da Cidade de Toledo, e da Corte de Madrid; e sendo o Tejo neste alto berço hum pequeno arroyo, descendo logo aos valles, e recebendo as agoas de outras fontes, que de longe o vão buscar para se unirem com elle, chegando a este Reyno de Portugal em figura de Dragão de prata com dentes de bronze, e de ferro, queixos de pedra, e linguas de fogo, enveste tão furiosamente o Oceano, que não só o fez tremer, e sujeitar ao dominio dos Monarchas Lusitanos, mas até lhe fez tributarios os rios de todo o Mundo. Este he o verdadeiro, e natural retrato da nobreza de VOSSA ILLUSTRÍSSIMA; porque nascendo no alto monte do Augustíssimo Senhor D. Ordonho II. Rey de Leão, desceo o sangue Real como arroyo ao valle de Menezes, aonde a Sereníssima Senhora Infanta Dona Ximena, como fonte Real, recebeu por seu Esposo ao Senhor D. Tello de Menezes, o qual transformando-se pela união, e vinculo do matrimonio, na fonte que o recebera, depois desta união, e transformação, assim como no Tejo se não distinguem as agoas, que se lhe ajuntão, assim naquella Real familia se não diferem,

serençavaõ os sangues, que se unirão. Todo este sangue era muito proporcionado para ser illustrissimo principio desta familia Real ; porque o puro, e muito esclarecido sangue do Senhor D. Tello era como a mais rica tela, e o sangue da Srenissima Senhora Dona Ximena era como a mais fina purpura ; e assim como para o adorno das Monarchas a purpura, e a tela são o mais preciso entre as galas : tambem este sangue para a fidalguia he o mais illustre entre as familias.

Por isso recebendo outra vez o sangue Real do Augustissimo Senhor D. Sancho I. e dos Excellentissimos Marquezes de Orelhana, Castro Forte, e dos Condes de Nerya, Faria, Cantanhede, e outros grandes Senhores : quando no Paço d'ElRey D. Pedro Cru de Castella corriaõ rios deste illustrissimo, e augustissimo sangue, derramado só pelas mãos Reaes, não por crimes de traição, senão por delictos de amor, veyo correndo o dos esclarecidos Heroes ascendentes de VOSSA ILLUSTRISSIMA, como o caudaloso rio Tejo para este Reyno, augmentando-se cada vez mais na Corte com a união de outro sangue igualmente puro, e bem nascido, para competir hoje no claro, e no limpo com a mesma agoa do Tejo no cristalino, e no puro, servindo de guarnição de tão ricas telas, e de tão finas purpuras, o valor, e acções heroicas dos nobilissimos, invictos, e sempre Augustos Progenitores de VOSSA ILLUSTRISSIMA, os quaes não só vencerão, e conquistarão a terra, mas tambem sugentaraõ o mar, fazendo feudatarios à Coroa de Portugal todos os Diademas dos Mundo, como lemos diminutamente escriptto nas Historias Portuguezas, e estrangeiras ; porque se não poderão escrever, nem contar todas as suas proezas, aindaque para se fazer a sua Chronica, e numerar os seus triumphos, emprestassem

** ij

a todos

a todos os Historiadores 'a Esphera para papel, a immensa grandeza do seu dilatado circulo; o Firmamento para letras cabidolas, o numero innumeravel das suas Estrellas; o Ether para bradar nos clarins pa fama toda a regiao dos ares; a terra para letras dequenas toda a multidão das suas areas; e o mar para tinta toda a immensidade das suas agoas.

Finalmente coroou todas estas grandes honras a Mitra Episcopal, que VOSSA ILLUSTRISSIMA logre tantos annos, como este papel tem de letras. Esta grande dignidade o constitue Principe da Igreja, depois de nascer dos mayores Monarchas, e Principes da Europa; e por esta causa fica VOSSA ILLUSTRISSIMA superior aos mesmos Senhores, que no sangue o igualarão; sendo mayor credito desta nova superioridade, a mercê Real, que por sorte o preferio a muitos fidalgos benemeritos para assistir, e servir a Deos na Santa Igreja, ou Basílica Patriarchal, que está unida com o Real Palacio, e se venera, e admirá hoje em todo o Mundo; porque as eleições do Augustissimo, Serenissimo, e invicto Senhor D. JOAM V. em tudo acertadas, parece, que se na escolha de outros Sacerdotes, e Ministros da Santa Igreja, e grande Basílica Patriarchal forão voluntarias, a respeito da nomeação que fez de VOSSA ILLUSTRISSIMA, e dos Illustrissimos Conegos da Santa Basílica, de que lhe fez mercê por carta do Secretario de Estado, forão reguladas pela sorte, que distinguio entre as familias mais fidalgas as nobrezas, e acreditou entre as mayores virtudes o merecimento.

Elegeo voluntariamente ElRey David de todos os Principes, Sacerdotes, e Levitas do Reyno de Israel, innumeraveis Presidentes, Ministros, Sacerdotes, e outras muitas pessoas para servirem continuamente a Deos no Templo

*Templo de Hierusalém, que era huma grande Basili-
 ca, unida com o Palacio do Rey : Ex his electi sunt, & distributi in ministerium domus Domini : Do-
 mus Domini juxta Regem, fecit etiam atrium Sa-
 cerdotum, & Basilicam grandem: Mas quando quiz
 nomear os vinte e quatro Illustrissimos Sacerdotes des-
 cendentes das mais illustres, e principaes familias do
 Reyno de Israel, para tambem assistirem naquelle Tem-
 plo tao famoso, e nomeado em todas as Regiões do Mun-
 do : Domus autem, ut in cunctis regionibus nomi-
 netur : dividio por sortes as familias de Eleasar, e 5.
 Ithamar, descendentes do Summo Sacerdote Aaraõ ;
 dando não a vontade d'El Rey David, senão a sorte,
 os lugares aos fidalgos mais honrados, e benemeritos
 de tao grande honra, da qual lhe fez mercè por huma
 carta do Secretario de Estado, que entao era Semeias,
 filho de Nathanael : Porro divisit utrasque inter se
 familias fortibus : descripsitque eos Semeas filius 5. 6.
 Nathanael scriba Levites coram Rege ; porque as no-
 meações, ou nominas de Sacerdotes Illustrissimos, esco-
 lhidos das mais illustres, e principaes familias do Rey-
 no, para servirem a Deos no seu Templo, ou Basílica
 grande : Basilicam grandem ; não hão de ser feitas
 como as dos outros Sacerdotes, e Ministros, só pela
 vontade Real, senão pela divisaõ, e distribuição das
 sortes, que presiraõ tanto as qualidades das familias,
 como os merecimentos dos benemeritos : Divisit utras-
 que inter se familias fortibus : os outros Ministros,
 e Sacerdotes, elege-os a vontade, e o agrado do Rey :
 Ex his electi sunt ; porèm os Sacerdotes Illustrissimos
 distingue-os a sorte, que mysteriosamente examina a
 qualidade da nobreza, e a justiça do merecimento : Di-
 visit utrasque inter se familias fortibus. Por este mo-
 do dividio o Augustissimo Senhor D. JOAM V. os
 vinte.*

Paralip. 1. 23.

4.
Paralip. 2. 4.

9.

Paralip. 1. 22.

Paralip. 1. 24.

5. 6.

vinte e quatro *Illustriſſimos* Conegos da Santa Basílica Patriarchal, eſcolhendo-os conforme a ſorte do ſeu merecimento, e da ſua fidalguia os diſtinguia: Diviſit utraſque inter ſe familias ſortibus; paraque deſte modo eſcolhidos os mais nobres, e mais dignos, aſſiſtiſſem, e ſerviſſem a Deos dentro no Templo, ou Basílica grande, que eſtá unida com o ſeu Real Palacio: Domus Domini juxta Regem, fecit Baſilicam grandem. Tão grande, e tão celebrada Basílica no Mundo, pelos clarins da fama, como foy o Templo d'ElRey Salamaão, merecendo pela ſua grande riqueza, magnificencia, e Mageſtade ſer nomeada em todas as regiões do Univerſo: Domus autem, ut in cunctis regionibus nominetur. Para eſcoger tantos Sacerdotes, e Miniſtros da Santa Basílica Patriarchal, com a ſua Real vontade fez o noſſo grande Monarcha huma acerta-da eleição: Ex his electi ſunt; mas para nomear, e para eſcolher a VOSSA ILLUSTRÍSSIMA, e aos Illuſtriſſimos Conegos da Santa Igreja, dividio, ou diſtinguiu primeiro as principaes, e mais illuſtres familias de Portugal, e depois ſeparou dentro nellas os benemeritos com as ſortes, que myſterioſamente cabirão ſobre os mayores merecimentos: Diviſit utraſque inter ſe familias ſortibus; e deſta eſcolha, e dignidade lhe fez mercè por carta eſcrita tambem pelo Secretario de Eſtado: Diſcripſitque eos Semeias ſcriba coram Rege. Paraque veja, e conheça o Mundo, que a eleição, ou eſcolha; que Sua Mageſtade fez da Peſſoa de VOSSA ILLUSTRÍSSIMA, para ſervir a Deos na Sacroſanta Basílica Patriarchal, he igualmente elogio da ſua nobreza, e panegyrico do ſeu merecimento; porque ſe o ſeu merecimento não forá tão grande, e a ſua nobreza tão illuſtre, não ſeria eleito, ou eſcolhido entre muitos pela ſorte, para poſſuir com
a Mitra

a Mitra Episcopal o titulo de ILLUSTRISIMO.

Com esta nobreza tão calificada, com esta dignidade tão grande, e com esta sabedoria tão consummada, podera VOSSA ILLUSTRISSIMA ser a inveja dos Nabucos, dos Darios, dos Alexandres, e dos Julios Cesares, se hoje chegassem a ver, o que o Mundo não comprehende, mas vê, e admira; porque emprendendo estes Monarchas a Conquista do Mundo, e aspirando à gloria da divindade, não chegarão a ser divinos, nem conseguirão como VOSSA ILLUSTRISSIMA o absoluto dominio sobre todos os Reys, Monarchas, e Emperadores da terra. He verdade, que a mayor cousa, que vio o Mundo depois de si mesmo, e do seu Criador, quando feito homem remio o genero humano, forão os quatro Imperios dos Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos, representados primeiro nos quatro metaes da Estatua de Nabuco, aos quaes succedeo o quinto Imperio de Christo, figurado na mysteriosa Pedra, que derrubou a Estatua, e cresceo de sorte sobre as suas cinzas, que encheo, e occupou toda a redondeza da terra. O primeiro Imperio principiou em Nabucodonosor Rey dos Assyrios: o segundo em Dario Rey dos Persas: o terceiro em Alexandre Magno Rey dos Gregos; e o quarto em Julio Cesar Supremo Dictador dos Romanos. Nabucodonosor duvidou que houvesse outro Deos senão elle, ou se atreveo a competir com o Deos verdadeiro, quando disse a Sidrach, Misach, e Abdenago, que Deos os poderia livrar das suas mãos? Mas por castigo da sua soberba, e arrogancia, o castigou Deos, lancando-o fora da companhia dos homens, e convertendo-o em hum bruto. Dario ordenou por hum Decreto, ou Editto, que ninguem por certo tempo pedisse mercês a Deos, nem aos homens, senão a elle, com pena de que seria lançada no lago dos Leões

Dan. 3. 15.

Leões toda a pessoa, que fizesse o contrario, como succedeo ao Propheta Daniel, por fazer oração a Deos; mostrando com este castigo, e Decreto, que elle só era mayor, e mais poderoso, que todos os Deoses, e homens. Alexandre Magno, sendo filho não de Philippe Rey de Macedonia, e de sua mulher Olympias, mas de Olympias, e de hum profugo, e humilde Egyptio chamado Neetanabo, foy reputado por filho do Deos Jupiter; porque Olympias para occultar o adulterio, fingio, que esta fabulosa Deidade supprira no thalamo a ausencia de Philippe; e Julio Cesar, chamado tambem Julio Magno, sendo hum homem particular de Roma, passando a Hespanha pela aspereza dos Alpes, chegou a hum pequena, e pobrissima povoação daquelles soberbos montes, e desejou mais ser o primeiro naquella Aldea, do que o segundo em Roma; e aindaque depois de tantas batalhas gloriosamente vencidas, foy o primeyro entre os Emperadores Romanos, não conseguiu ser divino entre os Deoses, aindaque depois da sua morte o divinizarão os Romanos, crendo, e publicando, que o Cometa, que appareceo depois de o matarem às punhaladas no Senado, era a alma de Cesar collocada no Ceo entre as Estrellas; mas todos estes grandes Monarchas, se atrevidamente competirão com Deos, como Nabuco, e Dario, ou se lhe attribuhio falsa divindade, como ao grande Alexandre, e Julio Cesar, não forão, nem podião ser Deoses. Porém a divindade, que não conseguirão os Cesares, Alexandres, Darios, e Nabucos, ainda que Reys, e Emperadores do Mundo, alcançou VOSSA ILLUSTRÍSSIMA, dominando com mais absoluto dominio sobre todos os Reys, e Emperadores da terra.

Tanta differença faz o Direito Canonico entre a dignidade Ecclesiastica, e a dignidade Real, e Imperatoria,

ria, como entre o chumbo, e o ouro: Aurum non tam pretiosius est plumbo, quam Regia potestate est altior dignitas Sacerdotalis. Bem confessou a superioridade dos Bispos, e Ecclesiasticos sobre todos os Monarchas o Emperador Constantino Magno, quando se celebrou o Concilio Nisseno; porque esteve em pè no meyo do pavimento com a cabeça descuberta, esperando, que todos os Ecclesiasticos se assentassem, para elle a seus pès tomar depois assento, em hum pequeno, e humilde banco, como se refere na Historia Tripartita; porque o mayor Emperador do Mundo não tem dignidade igual à do Sacerdote: Imperator non est dignior Sacerdote; Por isso Constantino não tomou conhecimento da injuria, que o Arcebispo de Myra S. Nicolao fez nessa occasião à Magestade Cesarea, dando na sua presença, e de todo o Concilio, huma grande bofetada no Herefarcha Arrio; mas dimittio aos Ecclesiasticos como inferior o conhecimento desta afronta, para que elles castigassem o delicto, do qual absolvirão o Rey dos Reys, Senhor dos Senhores, o Summo Sacerdote, e Pontifice Supremo da Igreja Catholica J E S U Christo, e a Emperatriz dos homens, e dos Anjos MARIA Sanctissima ao innocente, e santo Prelado; para que se visse que os Ecclesiasticos não tem outro superior se não a Cabeça da Igreja.

Mais fazia, e muito mais venerava os Ecclesiasticos, do que o grande Constantino, Boleslao Rey de Polonia; porque nunca se assentou diante dos Sacerdotes, como escreve Cromero. Até nos Sacerdotes dos Gentios havia esta superioridade sobre os Reys, e Emperadores do Mundo, como ao Emperador Cayo Augusto escreveu El Rey Agrippa, segundo lemos em Philo Hebreo. Por isso Santa Isabel Augustissima Rainha de Hungria, e Santa Heduwiges Duqueza de Polonia se prof-

travao

Cassald. tract.
de Imperat.
Quæst. 50. n.
18. cap. Denique
Dist. 4. ubi
glos. verbo
Dignitas
cap. Duæ
sunt 96.
Dist.

Joan. Hugon.
Tract. offic.
4. Prælator.
Part. 4. Vers.
quod.

Cromer. lib.
3. Histor.
Pol.

Phil. lib. de
leg. ad Ca-
yum.

Lud. Blof.
lib. 20. de fi-
gn. Ecclef.
cap. 5.

Laur. Sur. in
13. Aug. V.
H. Engelgr.
in Cæl. Em-
pyr. Tom. 1.
in feft. An-
nunt. B. V. §.
2.

Ut expresse
tradit Specu-
lat. tit. de Ref-
cript. præ-
sent. §. 9. n. 2.
ibi. Maxim.

travaõ de joelhos diante dos Sacerdotes para os vene-
rarem, e beijarem a terra, que elles pizavaõ, confor-
me escreve Ludovico Blofio. *A Chriftianiffima Rai-
nha de França Santa Radegundes, efpõsa de Clotario
Rey daquella Monarchia, varria com as fua Reaes,
e preciofas galas o pò, que aos Sacerdotes cahia dos çap-
atos, quando celebravaõ o facroſanto Sacrificio da
Miſſa. Com eſta humilde, e devota piedade honraõ as
Mageſtades, e Altezas aos Eccleſiaſticos, e Sacerdo-
tes, confeſſando, e publicando com eſtes Catholicos ob-
ſequios a ſua grande ſuperioridade ſobre os Reys, e Em-
peradores do Mundo. Affim o confeſſou tambem o Em-
perador Maximo, quando em hum banquette, para que
convidou ao Pontifice S. Martinho, lhe deu por ſua
propria mão huma taça cheia de vinho para beber,
eſperando, que Sua Santidade o honraſſe, dandolhe
tambem com a ſua mão o copo para que bebeſſe; pore-
m o Santo Padre, depois que provou o vinho deu a taça
com elle a hum pobre Clerigo, que eſtava entre os Prin-
cipes do Imperio, que aſſiſtião à meſa; e aſſim o Em-
perador, como todos os Senhores que eſtavão preſentes,
louvarão muito, que o Summo Pontifice preferiſſe à
Mageſtade Ceſarea a dignidade Sacerdotal; poden-
do então dizer todos com verdade, e diſcrição: Ma-
ximus laicus minor eſt minimo Clerico. Com ma-
yor honra recebeo, e hospedou Pepino Rey de França ao
Papa Eſtevão III. quando retirado de Roma, ſe foy valer
da ſua protecção contra Aſtulpho Rey dos Longobar-
dos; porque o mandou eſperar aos confins do Reyno, e
conduzir para a Corte por ſeu filho Carlos Magno, que
depois foy Emperador; e o meſmo Rey de França ſa-
bio tres milhas fora de Pariz a eſperar, e para rece-
ber a Sua Santidade; e chegando à ſua preſença, deſ-
montado do ſeu cavallo, beijou a pè ao Summo Pon-
tifice*

tifice, e a pè foy levando, e guiando pela redea o cavallo, em que hia montado o Papa, e com esta honra, e veneração o conduziu ao seu Real Palacio, como se lê na Historia Imperial, na vida do Emperador Constantino V. Ainda fez mais o grande Emperador Rodolpho I. quando apeando-se do seu coche, o deu a hum Sacerdote, que caminhando a pè, levava para grande distancia o Sagrado Viatico a hum enfermo. Ignorando esta superioridade do Sacerdocio, ou desprezando a dignidade Ecclesiastica a soberbissima Emperatriz Eusebia, mandou chamar ao Paço de Constantinopla com grande imperio ao Santo Bispo Leoncio, para com elle tratar hum negocio de importancia; porém o Santo Prelado lhe mandou dizer, como escreve o Eminentissimo Cardeal Cesar Baronio, que elle hia fallar-lhe, se quando elle chegasse ao Paço, viesse a Emperatriz buscá-lo, ou recebê-lo à porta com toda a reverência, e cortezia, ficando a Emperatriz em pè, depois que elle se assentasse, e que não se assentaria Eusebia na sua presença, sem que primeiro Leoncio o mandasse, e lhe dèitasse a sua bênção. Não era soberba esta soberania de Leoncio, era regalia da sua dignidade; porque quando os Sacerdotes estiverem na presença das Senhoras mais illustres hão de estar assentados, e ellas em pè, por elles serem Anjos, e ellas mulheres. Muito illustre mulher era a Magdalena, por ser huma das mais nobres Senhoras da Corte de Hierusalem, e quando no sepulchro esteve na presença dos Anjos, e conversando com elles, ella esteve em pè, e os Anjos assentados: Maria autem stabat ad monumentum foris plorans. Dum ergo fieret, inclinavit se, & prospexit in monumentum: & vidit duos Angelos in albis sedentes. E assim devem estar em pè as Senhoras na presença dos Sacerdotes, por serem Anjos,

Baron. Tom.
3. Anno 325.
num. 16.

Joan. 20. 12.

Anjos, como lhes chama o Propheta Malachias : Labia Sacerdotis custodiunt scientiam, & legem requirunt ex ore ejus, quia Angelus Domini exercituum est ; Por isso Leoncio justamente dava Leys à Emperatriz Eusebia, que ella devia receber em pé, como mulher, estando elle assentado como Anjo. Não se escandalizem as Senhoras da nossa Corte, que hoje se vem adoradas até dos Sacerdotes, que com errada politica as comprimentão de joelhos, quando ouvirem, ou lerem, que devem estar em pé diante dos Sacerdotes, que na sua presença estiverem assentados ; porque os mesmos Anjos não permitem, nem consentem que os adorem os Sacerdotes, e à vista dos Sacerdotes estão em pé os mesmos Anjos. No Templo de Hierusalem appareceu hum Anjo ao Sacerdote Zacharias, mas em pé (por veneração do Sacerdocio) esteve aquelle Espirito Angelica : Sacerdos quidam nomine Zacharias cum Sacerdotio fungeretur. Apparuit autem illi Angelus Domini, stans à dextris altaris incensii ; e querendo S. João adorar hum Anjo, que no seu Apocalypse lhe appareceo glorioso : Cecidi ut adorem ante pedes Angeli, o mesmo Anjo o impedio, porque pelo Sacerdocio era tambem Anjo S. João, como tambem são Anjos os mais Sacerdotes : Vide ne feceris, confervus enim tuus sum, & fratrum tuorum Prophetarum. Vejam agora as Senhoras feitas do barro de Adão, se merecem ser adoradas pelos Sacerdotes, de cuja adoração são indignos os Anjos ? E se alguma dellas desvanecida da sua belleza, e fidalguia imagina que he hum Anjo na fermosura, e nobreza, e pretende por nobre, e por fidalga ser até dos Sacerdotes adorada ; advirta, que Lucifer que foy Anjo, e tentou que o adorasse o Summo Sacerdote : Si cadens adoraveris me : tu es Sacerdos in æternum, he o maior de todos os Demonios.

Luc. 1. 5. 8.
12.

Apocalyp. 22.9.

Esta he a razão altíssima porque Santo Agostinho
 depois de mostrar, que os Sacerdotes são superiores ao
 Ceo, mais perfeitos, que o Sol, mais puros que a Lua,
 e mais illustres, que as Estrellas: accrescenta, que são
 mais discretos, que os Anjos, mais sublimes, que as
 Dominações, e somente a Deos inferiores: Oh Sacer- D. Aug. apud
 dos Dei, si altitudinem Cæli contemplaris, altior Dionys. Paul.
 es: Si pulchritudinem Solis, Lunæ, & Stellarum, in suo flosc.
 pulchrior es: Si discretionem Angelorum, discre- part. 2. num.
 tior es: Si omnium Dominorum sublimitatem, su- 86.
 blimior es: Solo tuo Creatore inferior es. Até aqua
 se atreveo a dizer o Salamaõ da Ley nova Santo Agos-
 tinho; porèm o mesmo Deos disse o mais, que não se
 atreveo a dizer o subtilissimo Doutor, e grande Lu-
 me da Igreja; porque disse por boca de hum Propheta
 Rey, que os Sacerdotes eraõ Deoses: Ego dixi Dii Psal. 81. 6.
 estis; porque são Deoses na grandeza, Deoses na Ma- Vieir. Part.
 gestade, Deoses no poder, Deoses na adoração, e tam- 1. fol. 98.
 bem Deoses no nome: Dii. Bem vejo, como diz o gran-
 de Padre João Paulo Oliva; que faz pasmar partici-
 parem os homens do titulo da Divindade: Stupet enim Patr. Oliva
 divinitatis titulum hominibus communicatum; mas Strom. Tom.
 todos estes pasmas, e admirações suspende dizello por 1. fol. 143.
 boca de David o mesmo Deos: Ego dixi; Por esta
 razão lhe chamou tamhem Deoses o Emperador Con-
 stantino Magno, dando-lhe o nome que Deos lhe tinha
 posto: Vos Dii estis, à Deo constituti; o que appro- Div. Gregor.
 vou, porque o refere o grande Pontifice, e Oraculo da Papa lib. 4.
 Igreja Catholica Romana S. Gregorio Papa. A con- Epist. ad
 templação, e exclamação do mesmo Santo Agostinho Maur.
 ainda exalta mais a dignidade Sacerdotal; porque ele-
 va a tanta honra os Sacerdotes, que os faz Progeni-
 tores, como a Virgem MARIA Senhora nossa, do
 seu Filho, a Divino Verbo, J E SU Christo, Filho
 de

Div. Aug. in *de Deos* : Oh veneranda Sacerdotum dignitas, in
lib. de digni- quorum manibus Dei Filius velut in utero Virgi-
tat. Sacerdot. nis incarnatur ! *De maneira, que proferidas as pala-*
uras da consagração, ficam os Sacerdotes sendo de hum
certo modo Pays do mesmo Filho de Deos, assim como
MARIA Santissima he sua Mãe; porisso a Igreja na
Missa do Sacramento põem o mesmo Prefacio do Na-
tal : Per incarnati Verbi mysterium, nova mentis
nostræ oculis lux tuæ claritatis infulsit ; porque as-
sim como o Divino Verbo tem no dia de Natal a
MARIA Santissima por Mãe, na instituição da Eu-
charistia tambem tem aos Sacerdotes por Pays; e da-
qui se segue, que sendo a Virgem MARIA Senhora
nossa Mãe do Filho de Deos; e sendo tambem os Sacer-
dotes Pays do mesmo Filho, ficam os Sacerdotes tambem
sendo esposos daquelle Soberana, e purissima Virgem,
de quem o Espirito Santo tanto se preza de ser Esposo.

Cantic. 9. 10. *Vulnerasti cor meum soror mea Sponsa. Assim o dis-*
se o Beato Alano em nome do Divino Verbo, fallando
dos Sacerdotes : Cum itaque tali ratione Sacerdotes
Alan. Part. 4. *fiant mihi quodammodo Patres, par est, ut ean-*
cap. 26, Serm. *dem mecum fortiantur mihi Matrem MARIAM, &*
2. *in Sponsam acceperint. Mas na mesma fecundidade,*
com que os Sacerdotes gerão, como MARIA Santis-
sima, ao mesmo Filho de Deos, gozão os Sacerdotes
de prerogativas, e excellencias mayores, que as da
mesma Mãe de Deos; porque a Mãe de Deos concebeo
ao Verbo Divino, como dizem os Theologos tanquam
passivè se habens, e os Sacerdotes o gerão, e produ-
zem agendo activè nas palavras da consagração. A
Mãe de Deos concebeo ao Filho, quando disse : Fiat
S. Bernardin. *mihi secundum Verbum tuum; e os Sacerdotes o ge-*
de Sena in *raão, quando effectivamente proferem : Hoc est enim*
Serm. 20. fe- *Corpus meum; e não hà duvida, que he mais no-*
riæ 3. post. *bre*
Domin. 2.
Quadrag. c. 7.

bre modo de obrar o activo, do que o passivo. A Mãe de Deos, quando concebeo o Verbo Divino, obrou com mayor dilacão, proferindo oito palavras: Ecce, Ancilla, Domini, fiat, mihi, secundum, verbum, tuum; e os Sacerdotes, quando gerão o mesmo Filho de Deos obraõ com mais brevidade, proferindo somente cinco palavras: Hoc, est, enim, Corpus, meum. A Mãe de Deos, nos primeiros instantes, em que concebeo ao Verbo Divino, não excedia o Corpo de Christo, conforme ensina depois de S. Paulo Santo Thomaz, a grandeza de huma Abelha; e os Sacerdotes, quando o produzem com as palavras da consagração, he na mesma grandeza, com que Christo resuscitou glorioso, e reyna triumphante no Ceo. A Mãe de Deos gerou a Christo mortal, passivel, sujeito como homem a fomes, frios, sedes, dores, angustias, lagrimas, e trabalhos; e os Sacerdotes, quando consagrando a Hostia, gerão de novo a Christo, fica o Senhor impassivel, immortal, e glorioso. A Mãe de Deos finalmente, aindaque agora quizesse conceber de novo ao Verbo Divino, proferindo as mesmas palavras do seu consentimento; de nenhum modo tornaria nella a encarnar o Divino Verbo; e os Sacerdotes podem gerar tantas vezes ao Filho de Deos, quantos são os dias; e cada dia o poderiaõ gerar muitas vezes, se lhe fora licito. Mais: A Mãe de Deos, quando por virtude das palavras do seu consentimento gerou a Christo, foy individualmente em huma só entidade natural, dentro de suas purissimas entranhas, e não multiplicado nellas, ou reproduzido em muitos corpos; e os Sacerdotes em hum só acto, com a mesma prolação das palavras da consagração, podem gerar ao mesmo Filho de Deos em milhares, e milloens de Hostias, ficando em cada huma dellas realmente o mesmo Christo. Porém não he o mais admiravel, que

Ad Roman.
cap. 9. D.
Thom. in 3.
dist. 3. quæst.
5.

que os Sacerdotes levem nesta grande prerrogativa algumas ventagens à Mãe de Deos, quando ao Eterno Pay no modo de obrar exceedem os Sacerdotes.

Mais fazem os Sacerdotes proferindo as palavras da consagração, do que fez o Eterno Pay creando com aquelle seu prodigioso Fiat tantos milhares de Anjos, e toda esta grande, e fermosa machina do Universo; porque o Eterno Pay tudo o que creou com o seu Fiat, he temporal, transitorio, finito, ou limitado; mas o que os Sacerdotes produzem quando consagram a Hostia, he eterno, incorrupto, immortal, e infinito, por ser o mesmo Filho de Deos. Por isso alguns Theologos dizem, ou ensinão, que a dignidade Sacerdotal não só he Divina, mas infinita; porque se conforme a doutrina do Angelico Doutor Santo Thomaz, toda a causa porque a dignidade de ser Mãe de Deos he em MARIA Santissima infinita, resulta, e provem do ser de Mãe pelo respeito que diz ao Filho, e da grandeza do Filho se collige a grandeza, e dignidade da Mãe; como não pôde haver Filho mayor do que Deos, sendo MARIA Santissima Mãe de Deos, não he possivel a Deos fazer outra melhor Mãe: Beata Virgo (diz Santo Thomaz) ex hoc, quod est Mater Dei, habet quandam dignitatem infinitam ex bono infinito, quod est Deus, & ex hac parte non potest aliquid fieri melius ei, sicuti non potest aliud melius esse Deo. Ao ponto agora. Se no constitutivo dos Sacerdotes entra tambem o Sacrificio, sendo o Sacrificio do Altar o mesmo Deos; segue-se, que assim como a Deos lhe não he possivel poder fazer melhor Sacrificio, tambem não pôde fazer melhores Sacerdotes. Veja agora VOSSA ELLE LUSTRISSIMA, qual he a sua grandeza pela dignidade Sacerdotal, que só ella empobreceo a Omnipotencia Divina; porque se o ser

Sa-

D. Thom. 1.
Part. Quæst.
25. Art.6.

Sacerdote , he huma dignidade tão grande , pelo respeito que diz ao Sacrificio , que celebra ; sendo o Sacrificio infinito , infinito fica tambem sendo o Sacerdote , como da Mãe de Deos afirma o Doutor Angelico. E como Deos não pôde fazer melhor Mãe , do que MARIA , mayor Sacrificio , do que o da Eucharistia , nem Sacerdotes mais perfeitos , que os da Igreja Catholica ; sendo VOSSA ILLUSTRISSIMA Sacerdote da Igreja Romana , que celebra tão grande Sacrificio , não pode o mesmo Deos fazer mayor Sacerdote , nem criar mayor Dignidade , que a de VOSSA ILLUSTRISSIMA.

Não comparo agora a VOSSA ILLUSTRISSIMA com os Nabucos , Darios , Alexandres , Cesares , e outros Monarchas , e Emperadores do Mundo , por não offender a sua grande Dignidade , igualando o infinito com o limitado , e o Divino com o humano ; mas não deixarey de ponderar , que competindo Nabuco com Deos , ficou Nabuco convertido em bruto , e depois que reconheceo a Deos , como Superior a todos os habitantes da terra , foy restituído ao throno como Emperador : intentando Dario empobrecer a Omnipotencia Divina , prohibindo que se lhe pedissem mercês , para Deos não poder fazer beneficios ; não impedio , que a Divina Omnipotencia livrasse a Daniel do lago dos Leões : aspirando Alexandre a ser Divino , como Filho do Deos Jupiter , não conseguiu a Divindade entre os Deoses do Olympo , senão que de Olympias fosse publica a humanidade ; e fingindo os Romanos , que Cesar depois de morto fora collocado no Ceo entre as Estrellas , quando o fingimento chegasse a ser verdade , nunca podia ser Deos hum Cometa. Por em VOSSA ILLUSTRISSIMA com a sua grande Dignidade , sendo mais alto , que o Ceo , mais luzido , que

do, que o Sol, mais claro, que a Lua, e mais illustre, que as Estrellas : Si altitudinem Cæli contemplaris, altior es : si pulchritudinem Solis, Lunæ, & Stellarum, pulchrior es : não só escurece a luz do Cesareo Cometa, mas tem debaixo de seus pés ao mesmo Cesar : com a sua grande Dignidade, sendo não só Deos : *Dij estis, mas Filho de Deos* : Dedit eis potestatem filios Dei fieri, e Progenitor de seu Unigenito Filho, excede ao grande Alexandre, aindaque fora, não filho de Nectanabo, e de Olympias, senão do mesmo Jupiter ; porque Jupiter he hum Planeta inferior às Estrellas do Ceo, sobre as quaes collocou a VOSSA ILLUSTRISSIMA Santo Agostinho : Si altitudinem Cæli contemplaris, altior es : com a sua grande Dignidade empobrecendo, e exaurindo a Omnipotencia de Deos, vence VOSSA ILLUSTRISSIMA a Dario ; porque Dario não pode impedir, que Deos obrasse milagres, e fizesse a Daniel os mayores beneficios ; e com a grande Dignidade Sacerdotal estão como inhibidos os poderes de Deos, por não poder fazer mayores Sacerdotes, nem sacrificios : finalmente com a sua grande Dignidade competindo humildemente com Deos, e produzindo VOSSA ILLUSTRISSIMA com cinco palavras em hum Hostia ao mesmo Deos, eterno, incorrupto, immortal, e infinito, quando Deos com a sua palavra Fiat tão poderosa, e Omnipotente, só creou humas creaturas temporaes, transitorias, mortaes, limitadas, e finitas : triumphava tambem de Nabuco, a quem Deos converteo em bruto, por querer sendo homem, ser como Deos. Mas que muito he, que por querer hum homem soberbo ser como Deos, o transforme Deos em bruto ; se por este grande atrevimento, converteo Deos a Lucifer em Demonio, sendo Lucifer hum Seraphim ! Porém-daqui infiro eu agora, que

que perdendo Lucifer a cadeira, que tinha no Ceo, e sendo arrojado à terra por indiscreto, ou nescio: Perdidisti sapientiam tuam in decore tuo, in terram Ezech. 28. projeci te; sendo VOSSA ILLUSTRISSIMA 17. mais sabio, ou mais discreto do que Lucifer, e todos os Anjos, e exaltando-o a sua Dignidade sobre o Ceo: Si altitudinem Cæli contemplaris, altior es: si discretionem Angelorum, discretior es: alcançará no Ceo por esta discrição, sabedoria, e exaltação a mesma cadeira, que Lucifer lá perdeo.

Prometto Deos aos filhos de Israel, quando houverão de entrar na Terra de Promissão, que todo o lugar que ne'la pizassem seria seu: Omnem locum, quem Josue. 1. 3. calcaverit vestigium pedis vestri, vobis tradam. A Terra de Promissão era figura do Ceo; e desta promessa de Deos infere Origenes, que quem vencer a Lucifer, e o meter debaixo dos pés, alcançará no Ceo o seu lugar, ou cadeira: Lucifer sedem habebat in Cælis; postea verò quam factus est Angelus refuga, si eum vincere potero, & subjicere pedibus meis, consequenter locum Luciferi merebor in Cælis. E se he consequencia fundada na promessa Divina, que a cadeira de Lucifer perdida pela soberba, ignorancia, e indiscrição, só a conseguirá aquelle, que sendo mais discreto do que Lucifer, o meta debaixo dos pés, vencendo com a sua discreta sabedoria, a sua soberba ignorancia, com a humildade Christãa, a sua diabolica soberba, e com a exaltação da dignidade Divina, o seu precipicio diabolico: tendo VOSSA ILLUSTRISSIMA como Sacerdote collocado no Ceo, a Lucifer metido debaixo dos pés, como despenhado, e arrojado na terra, e vencendo a sua diabolica ignorancia, com a sua Catholica sabedoria, e abatendo com hum Christãa humildade, a soberba mais diabolica: a

**** ij

VOS-

VOSSA IL LUSTRISSIMA se deve, conforme a promessa Divina, a cadeira, que Lucifer perdeu no Ceo.

Toda esta grande honra, e felicidade, que *VOSSA IL LUSTRISSIMA* possuiue como Sacerdote, conseguiu tambem, e com muita especialidade, como Conego da Santa Igreja Patriarchal, e com a Dignidade de Bispo; porque esta Dignidade, e honra o exalta tanto sobre os Monarchas da terra, que juntamente o coroa no Ceo, para de tão supremo lugar, dominar, e reynar sobre todos os Monarchas, Emperadores, e Reis do Mundo. Vio o Evangelista S. João humma Igreja, ou humma Sé collocada no Ceo, que tinha a sua vista hum mar crystalino como vidro, e diante do seu throno ardiaõ sete alampadas: Ecce sedes posita erat in Cælo: & septem lampades ardentes ante thronum: & in conspectu sedis tamquam mare vitreum simile crystallo. Na circumfereencia desta Sé havia vinte e quatro thronos, ou assentos, em que se assentavaõ vinte e quatro Anciãos, coroados com Mitras Episcopaes, ou Coroas de ouro: Et in circuitu sedis, sedilia vigintri quatuor: & super thronos viginti quatuor seniores sedentes, & in capitibus eorum coronæ aureæ. Estes vinte e quatro Anciãos declarou S. João, que eraõ Sacerdotes, que reynavaõ, e dominavaõ sobre a terra: Fecisti nos Deo nostro Regnum, & Sacerdotes, & regnabimus super terram, e sendo Reis que dominavaõ, e reynavaõ, eraõ tambem o Reyno de Deos: Fecisti nos Deo nostro regnum. Por este Ceo, que no sentido literal he o Empyreo: Sedes posita erat in Cælo, entenderaõ Aureolo, e Lyra a Igreja Militante, pela Sé a Santa Igreja Romana, em que preside o Summo Pontifice, Vigario de Christo, e pelos vinte e quatro Anciãos

Joann. Apoc.
4.2.5.9.

Apoc. 5. 10.

Anciãos todos os Bispos da Igreja , como se pòde ver em Sylveira: Cælum est Ecclesia militans : Dei sedes Ecclesia Romana , in qua fedet Summus Pontifex , tanquam Christi Vicarius : viginti quatuor seniores sunt omnes Episcopi. Porèm Menochio, Pereira , e Cornelio Alapide entendem pelos vinte e quatro Anciaos os mais insignes , e illustres Santos da celestial Curia, a quem o Evangelista chamou Velhos por respeito da sua antiguidade , gravidade , sabedoria , prudencia ; e em significação da sua innocencia , e pureza , os descreve vestidos de branco : Per hos viginti quatuor seniores intelliguntur insigniores , & illustriores Sancti cælestis Curix : dicuntur autem senes ob suam antiquitatem , gravitatem , sapientiam , ac prudentiam , sicut & vestiti albis ob innocentiam , & puritatem. Mas por esta Curia celestial , e por este Reyno do Ceo , de que em varias partes falla a Escriitura , se deve entender algumas vezes a Igreja do tempo presente , como ensina S. Gregorio Papa: Scindum nobis est , quod sæpe in sacro eloquio Regnum Cælorum præsentis temporis Ecclesia dicitur. Sendo pois esta Igreja , ou Sé posta no Ceo , a Sé, Igreja , ou Curia , que no tempo presente tambem vemos estabelecida na terra , à vista de hum mar crystalino como vidro , semelhante ao crystal , alumeada com sete alampadas , que ardem continuamente diante do throno , aonde vinte e quatro insignissimos , e illustrissimos Conegos Anciaos , Sacerdotes , coroados com Mitras , como Bispos , tem vinte e quatro cadeiras , assentos , ou thronos em que se assentão : com nenhuma Igreja , ou Sé tem mais semelhança , do que com a Santa Igreja Patriarchal ; porque tem à vista o mar , e o tejo que he quasi mar : In conspectu sedis tanquam mare , e na Capella Mayor tem sete alampadas ardendo continuamente

Sylveira in
Apoc. cap. 4.
quæst. 13. n.
101. fol. 290.

Sylveir. ibid.
num. 105. fol.
291.

D. Gregor.
Pap. in Ho-
mil. 12. in
Matth. 25.

D. Hiero-
nym. in cap.
Duo sunt ge-
nera 12.
quæst. 1.

nuamente diante do throno : Septem lampades ante
thronum; e como *VOSSA ILLUSTRISSIMA*
he hum dos vinte e quatro insignissimos, e illustrissi-
mos Sacerdotes, ou virtuosos, e Santos Bispos Anciãos
desta celestial Curia : Insigniores, & illustriores ca-
lestis Curia : estando como elles assentado cã na terra
sobre o seu throno, tambem està coroado, e assentado em
hum cadeira là no Ceo, para de tão alto lugar rey-
nar não somente sobre a terra : Regnabimus super
terram; mas tambem paraque sendo o Reyno de Deos:
Fecisti nos Deo nostro regnum; domine, e impere
sobre os Reys, Monarchas, e Emperadores do Mun-
do, segundo escreve o Doutor Maximo S. Hieronymo:
Hi namque sunt Reges, idest, se & alios in virtu-
tibus regentes; & ita in Deo regnum habent, &
hoc designat corona in capite. Com estas virtudes,
com o Sacerdocio, com a dignidade de Bispo, e com o
dominio de Rey, domina *VOSSA ILLUSTRIS-
SIMA* tudo quanto abaixo do Ceo, e do seu Creador,
vive, e reyna cã na terra : Regnabimus super ter-
ram. Porque conforme escreve Sylveira commentando
este Texto, tem *VOSSA ILLUSTRISSIMA*
este dominio sobre o Sagrado, e profano, e tanto no Ec-
clesiastico, como no politico: Constituisti nos univer-
sales principes Ecclesiae, quia tam Sacra, quàm pro-
fana, tam Ecclesiastica, quàm politica curemus, at-
que administremus super terram. Na terra domi-
na sobre os Anjos, e Lucifer, que cabirão do Ceo : na
terra domina sobre Nabuco, e o Imperio dos Assyrios:
na terra domina sobre Dario, e o Imperio dos Per-
sas : na terra domina sobre Alexandres, e o Imperio
dos Gregos : na terra domina sobre Cesar, e o Impe-
rio dos Romanos; e na terra domina sobre todos os
Reys, e Monarchas, que hoje mandão, e governão o
Mundo;

Mundo; porque VOSSA ILLUSTRÍSSIMA, e os Senhores Conegos da Santa Basílica, são Reys, que possuindo, e governando o Reyno de Deos, imperarão sobre todos os mais Reys, e Emperadores do Universo: Fecisti nos Deo nostro regnum, & Sacerdotes, & regnabimus super terram. E desta sorte se estabeleceu na Sacrosanta Basílica Patriarchal o quinto Imperio do Mundo, e de Christo; porque he Reyno de Deos, e do Ceo, promettido por Christo ao primeiro Rey de Portugal, para elle, para seus descendentes, e para o mesmo Christo.

Todos sabem que o Reyno de Deos, e do Ceo, he o Imperio quinto, que succedeo aos quatro Imperios dos Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos: In diebus autem regnorum illorum suscitabit Deus Cæli regnum. Não he este Reyno, ou Imperio o de Alemanha, nem outro algum dos que atègora adquirio o valor, ou repartio a fortuna; mas he hum Imperio novo, mayor que todos os passados, não de huma só nação, ou parte do Mundo, mas universal, e de toda a terra. He certo, que hà de haver este Imperio; porque consta esta verdade de muitos lugares da Escritura. Nabucodonosor aquelle grande, e soberbo Monarcha dos Chaldeos, ou Assyrios, poz-se huma noite a considerar, se o seu vastissimo, e dilatado Imperio, seria perpetuo, ou se depois d'elle succederiaõ outros no Mundo; e ador-mecendo com estes pensamentos, e ciudados, vio em sonhos aquella famosa, e prodigiosa Estatua, cuja cabeça era de Ouro, o peito de Prata, o ventre de Bronze, e dahi atè os pès era de Ferro, e barro: vio tambem, que huma Pedra descida do alto, dando nos pès da Estatua, a derrubava, e desfazia em pó; e a mesma Pedra crescendo, se augmentava, e dilatava de sorte, que ficava como hum alto monte, e de tanta grandeza, que

Daniel. 2. 44.

que enchia , e occupava toda a terra. Este foy o mysterioso sonho de que Nabuco totalmente se esqueceo , até que o Propheta Daniel lho trouxe à memoria , declarandolhe tambem a sua significação. A cabeça de Ouro (disse Daniel) significa o primeiro Imperio , que he o dos Chaldeos , ou Affyrios , a que ha de succeder o dos Persas : o peito de Prata significa o segundo Imperio , que he o dos Persas , a que ha de succeder o dos Gregos : o ventre de Bronze significa o terceiro Imperio , que he o dos Gregos , a que ha de succeder o dos Romanos ; e o de mais de Ferro , e barro até os pés significa o quarto Imperio , que he o dos Romanos , a que ha de succeder o da Pedra , que derrubou a Estatua , e a desfez em pó : e a mesma Pedra significa o quinto Imperio , a que nenhum outro ha de succeder ; porque elle he o ultimo ; e assim como a Pedra se levantou a altura , e se estendeu a grandeza de hum monte , que encheo , e occupou o Mundo todo : assim este quinto Imperio dominará o mesmo Mundo , e será reconhecido , e obedecido em toda a terra : Lapis autem , qui percussisset statuat factus est mons magnus , & implevit universam terram : suscitabit Deus Cæli Regnum , quod in æternum non dissipabitur , & Regnum ejus alteri populo non tradetur : comminuet autem & consumet universa Regna hæc , & ipsum stabit in æternum. Esta Pedra que derrubou , e desfez a Estatua , he Christo Senhor nosso , como diz S. Paulo : Petra autem erat Christus , porque Christo descendo do Ceo à terra , desfez , e derrubou os quatro Imperios da Gentilidade , e da Idolatria , figurados nas metaes , e barro da Estatua , que he a materia de que se formavaõ os Idolos ; e com a sua Igreja Romana fundada em S. Pedro , encheo , e occupou toda a redondeza da terra : Lapis implevit universam terram:

Daniel. 2. 35.
Ibid. 44.

Ad Cor. 1. 10.
4.

Terram : tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam. *E este he o Imperio espiritual da Igreja Catholica , como ensina a Fé, e disse claramente o Propheta Daniel a Nabucodonosor : Suscitabit Deus Cæli Regnum, quod in æternum non dissipabitur. Poi em este mesmo Imperio, que sendo de Christo, tambem he temporal, porque sendo do Ceo, encheo, e occupou toda a terra : Lapis implevit universam terram, prometteo Christo ao Senhor Rey de Portugal D. Affonso I. para elle, para seus descendentes, e para o mesmo Christo, dizendo-lhe, que elle como edificador, e destruidor dos Reynos, e dos Imperios, quaes forão os dos Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos, quera nelle, e na sua descendencia estabelecer o seu Imperio, que já tinha fundado na Igreja Romana, para encher, e occupar o seu nome toda a terra ; Ego ædiftor, & dissipator Regnorum, atque Imperiorum sum: volo enim in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exterar gentes. De maneira, que o quinto Imperio do Mundo, sendo Imperio espiritual, e de Christo, tambem he temporal, e dos Reys Portuguezes ; e tendo-o fundado Christo na Santa Igreja Romana, o estabelecea depois na Sacrosanta Basílica Patriarchal, que por ser Igreja junta, e unida com o Palacio d'ElRey: Domus Domini iuxta Regem, entre ElRey, e o Ecclesiastico, está reparado sem divisaõ o quinto Imperio : o Ecclesiastico com o Summo Pontifice governará o espiritual ; e ElRey com os seus Ministros dominará o temporal deste quinto Imperio do Mando, e do Ceo.*

Replicarão os Doutos contra este discurso, dizendo, que o Imperio representado na Pedra, he o mesmo Reyno de Christo ; e que sendo de Christo não he, nem pôde ser do nosso Emperador, e Rey Portuguez, posto que

seja

Monarch.
Lusitan. 3.
part. cap. 5.
Chronic.
Cyst. 5.3.c.3.

Padre Vieira
Palavr. De-
semp. §. Mas
fol. 102.

Apoc. 19. 10.

seja Catholico. O argumento parece fortissimo, mas não desfaz, antes confirma todo este discurso. Que disse Christo por sua Sagrada bocca a ElRey D. Affonso? Quero em ti, e na tua descendencia estabelecer hum Imperio para mim: Volo enim in te, & in semine tuo, Imperium mihi stabilire. Primeiramente já não falla de Reyno, como quando disse ao mesmo Rey: Ut initia Régni super firmam petram stabilirem, senão de Imperio: Imperium; e esse Imperio em quem, e para quem? Em ti, e para mim: In te mihi. Venhão agora como diz o Padre Antomo Vieira, todos os Doutores do Mundo, e todos os Interpretes mais sabios, mais agudos, e mais escrupulosos, e casem-me este Te, com este Mihi, e este Mihi com este Te. Hey de fundar hum Imperio, diz Christo, em ti: In te, mas para mim: Mihi. E que quer dizer em ti, e para mim? Quer dizer, que será Imperio Ecclesiastico de Christo, e juntamente politico do Rey de Portugal. Porque he fundado para mim: Mihi, he meu: porque he fundado, ou estabelecido em ti: In te, he teu: logo se o mesmo Imperio he meu, e teu, he de ambos; e estes ambos, ou estes dous Monarchas quaes são? Christo que o disse, e o Rey de Portugal a quem o disse, ou a quem fez tão grande promessa. E porque razão depois de dizer o mesmo Senhor: In te em ti, accrescentou: Et in semine tuo post te, e na tua descendencia depois de ti? Porque era Imperio em promessa, e em profecia: Testimonium enim JESU est spiritus prophetiae. Em promessa para o Rey presente, e em profecia para o descendente futuro: fundado agora em ti, e depois levantado, e estabelecido nelle; mas em ti, e na tua descendencia, sempre Imperio para mim: In te, & in semine tuo Imperium mihi; porque assim como o Piloto governa o leme, e o Sol governa o Piloto; e ambos

ambos governão a Náo : assim eu desde o Ceo domina-
rey, e governarey o Imperio como meu, e tu neste Mun-
do o dominarás, e governarás como teu. Melhor ex-
emplo ainda. Assim como o mesmo Christo fundou a
sua Igreja em S. Pedro, e seus successores, assim fun-
dou tambem o seu Imperio em D. Affonso, e seus des-
cendentes. Que disse Christo a S. Pedro? Tu es Pe-
dro, e sobre esta pedra edificarey a minha Igreja: Tu
es Petrus, & super hanc Petram ædificabo Eccle-
siam meam. Do mesmo modo pois em lugar de Eccle-
siam, ponha-se Imperium: em lugar de Meam, po-
nha-se Mihi: em lugar de Tu es Petrus, & super
hanc Petram, ponha-se: In te, & in semine tuo,
ut initia Regni super firmam Petram stabilirem. E
assim como a Igreja universal por ser de Christo, não
deixa de ser de Pedro, e por ser de Pedro, não deixa
de ser de Christo: assim o universal Imperio, sem dei-
xar de ser de Christo, por ser de Portugal, e sem dei-
xar de ser de Portugal, por ser de Christo, será Im-
perio de Christo, e juntamente Imperio de Portugal,
como antigamente foy o Throno de Israel Throno de
Deos, e Throno d'ElRey Salamaão: Sedit, que Salo-
mon super solium in Regem pro David patre suo; 23.
& cunctis placuit. Pois se antigamente agradou isto
a todos: Cunctis placuit; porque não agradarà tam-
bem agora? Bem vejo, que por ser tão agradável, todos
approvaõ a semelhança, que não pôde ser mayor. E pa-
ra que a ninguem fique o escrúpulo de ser, ou parecer
minha, ouçamola da boca do Propheta Zacharias na
mesma Igreja, e no mesmo Imperio.

Mostrou Deos a Zacharias quatro Carroças, pelas
quaes tiravão tantos Cavallos, todos diversos nas co-
res, e que corriaõ para partes tambem diversas; os da
primeyra Carroça eraõ Castanhos; os da segunda eraõ

***** ij

Mur-

Mutzellos, os da terceira eraõ Pombos, e os da quarta eraõ Remendados, e Fortes: In quadriga prima, equi rufi, & in quadriga secunda, equi nigri, & in quadriga tertia, equi albi, & in quadriga quarta, equi varij, & fortes. E perguntando Zacharias a hum Anjo, que cousa eraõ aquelles Cavallos, respondeo, que eraõ quatro Ventos do Ceo, que sabião para estarem em pé diante do Supremo Monarcha dominador de toda a terra: Isti sunt quatuor venti Cæli, qui egrediuntur, ut stent coram Dominatore omnis terræ. Estas quatro Carroças significavaõ os quatro Imperios, que successivamente precederaõ ao quinto, symbolizando nas rodas a sua perpetua revolução, e inconstancia; e nos cavallos, não serem governados de homens, e por razão, mas sem uzo della, levados, e arrebatados por brutos, se representava a brutal ambição dos Monarchas, que os dominaraõ, cada hum sujeito à idea das proprias paixões, que tambem se retratavaõ na diversidade das cores. A primeira Carroça era o Imperio dos Assyrios, a segunda o dos Persas, a terceira o dos Gregos, e a quarta o dos Romanos. Mas porque restava somente o quinto, e ultimo Imperio, declarou o Anjo a Zacharias, que se representava no Dominador de toda a terra, porque apparecia depois dos quatro Ventos, e das quatro Carroças, figuras dos quatro Imperios, os quaes na sua presença estão em pé como vassallos: Ut stent coram Dominatore omnis terræ. Este Dominador de toda a terra se representava tambem em Jesu filho de Josedec, a quem Deos mandava coroar pelo mesmo Zacharias com duas Coroas, huma de Ouro, e outra de Prata, por edificar dous Templos a Deos, e ser Sacerdote: Et fumes aurum, & argentum: & facies coronas, & pones in capite Jesu filii Josedec Sacerdotis

Ibid. 11. 12.

13.

dotis magni , & loqueris ad eum , dicens : Hæc
 ait Dominus exercituum , dicens : Ecce vir oriens
 nomen ejus : & subter eum orietur , & ædificabit
 templum Domino : & ipse extruet templum Domi-
 no : & ipse portabit gloriam , & sedebit , & domi-
 nabitur super solio suo : & erit Sacerdos super so-
 lio suo , & consilium pacis erit inter illos duos.
*Jesu filho de Josedec era figura de JESU Christo Se-
 nhor , e Redemptor nosso , Filho do Eterno Padre : e as
 duas Coroaas figuravaõ tambem os dous poderes soberanos ,
 que competem ao mesmo Senhor como Filho de tal Pay :
 a Coroa de Ouro , e mais preciosa significava o poder
 espiritual , por ser Pontifice Summo , e universal da
 Igreja : e a Coroa de Prata symbolizava o poder tem-
 poral , por ser Emperador Supremo , e universal de to-
 do o Mundo. Nesta intelligencia concordão sem contro-
 versia todos os Expositores. Mas com facil reparo en-
 contro huma grande duvida nas ultimas palavras des-
 te grande Texto : Et sedebit , & dominabitur super
 solio suo ; & erit Sacerdos super solio suo , & con-
 silium pacis erit inter illos duos. Assentar-se-ha , e do-
 minarà sobre o seu Throno , e o Sacerdote tambem se
 assentará sobre o seu Solio , e haverà grande concor-
 dia , ou concelho de paz entre estes dous ; Et consi-
 lium pacis erit inter illos duos. De maneira , que
 diz o Anjo ao Propheta , que neste quinto Imperio do
 grande Dominador da terra , hà de haver dous Solios ,
 e que nestes dous Solios , ou Thronos , se hão de assentar
 dous , que nelles presidaõ , e que entre estes dous ha de
 haver grande uniaõ , concordia , e paz : Et consilium
 pacis erit inter illos duos. Pois se Jesu filho de Jo-
 sedec era hum sô , e JESU Filho de Deos , a quem
 elle representava , he tambem hum sô , como sendo hum ,
 se hà de assentar em dous Solios , e depois de se assentar
 em*

em dous Solios, elle tambem ha de ser dous : Et confilium pacis erit inter illos duos ? Não se pôde dizer nem mais admiravelmente, nem com mayor propriedade: Assim como Christo sendo hum só, tem duas Coroas : assim ha de vir tempo, em que tenha dous Vigarios, que o representem na terra : hum coroado com a Coroa de Ouro, que he o poder, e jurisdicção espiritual : outro coroado com a Coroa de Prata, que he o poder, e jurisdicção temporal. O coroado com a Coroa espiritual, he o Summo Pontifice, que tem o poder, e jurisdicção universal sobre toda a Igreja : Et erit Sacerdos super folio suo : o coroado com a Coroa temporal, ha de ser o novo Emperador, que terá o poder, e jurisdicção universal sobre toda a terra : Ut stent coram Dominatore omnis terræ : & sedebit, & dominabitur super folio suo. Este he o sentido mais proprio, e literal desta profecia. E quanto ao Imperio temporal, e universal do Mundo, que pôde parecer novidade, tenho mais de trinta Authores, que fallão expressamente delle, huns antigos, e outros modernos, huns por conhecido espirito de profecia, outros por intelligencia das Sagradas Escrituras, e outros por discurso historial, e politico. Por final, diz o grande Vieira, que boa parte dos mesmos Authores põem a cabeça deste Imperio em Portugal, sinalando os lugares, ou Metropoles destes dous Solios, como logo veremos.

Sobre estes Authores, huns Santos, e outros doutos, entre agora a authoridade Divina. Tornando Deos a revelar terceira vez ao Propheta Daniel os quatro Imperios do Mundo, para declarar mais o quinto, e ultimo, mostrou a Daniel não já quatro Metaes, nem quatro Carroças, senão quatro Bestas feras : Et quatuor bestiax grandes ascendeabant de mari. Estas quatro grandes Feras erão os quatro Imperios dos Assyrios,

syrios, Persas, Gregos, e Romanos, a que succedeo o quinto Imperio de Christo, e do seu Catholico Emperador : Ecce quasi filius hominis veniebat, & Dan. 7. 13. ad antiquum dierum pervenit, & dedit ei potestatem, & honorem, & regnum, & omnes populi, Tribus, & linguæ ipsi servient. *Note se agora muito, muito o quasi filius hominis : quem he o filius hominis, e quem he o quasi filius hominis? o Filho do homem he Christo* : Cum autem venerit Filius hominis : o quasi filho do homem, he o quasi Christo, ou Vice Christo. De sorte, que assim como o primeiro Vigario de Christo, que he o Summo Pontifice, pela jurisdicção universal, que tem sobre toda a Igreja, se chama Vice Christo no Imperio espirital ; assim o segundo Vigario do mesmo Christo pelo dominio universal, que terá sobre o Mundo todo, se chamará também no Imperio temporal Vice-Christo : quasi filius hominis.

Por todas as circumstancias, que ficão ponderadas, he o nosso Augustissimo Monarcha o Serenissimo Senhor D. JOAM V. o primeiro Emperador do quinto Imperio. E porque? Porque promettendo Christo a ElRey D. Affonso I. que nelle, e na sua decima sexta geração, havia de fundar hum Reyno, e estabelecer hum Imperio, para que o nome de Christo fosse conhecido, e adorado nas estranhas, e remotas Nações, como se vê das palavras formaes do juramento do mesmo Rey : Dilectus es Domino, posuit enim super te, & super semen tuum post te oculos misericordiæ suæ usque in decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles, sed in ipsa attenuata ipse respiciet, & videbit. Ego ædificator, & dissipator Regnorum, atque Imperiorum sum : volo enim in te, & in semine tuo Imperium mihi stabi-

P. Vicir. Palavr. de Deos empennhad. §. VIII. vers. Elite fol. 58.

Dom Luiz de Menezes Côde da Eriçeira na Historia de Portugal Restaur. tom. 1. livro 2. fol. 92. Anno de 1640.

Reg. 1. 2. 10.

Mendoç. lib. 1. Reg. Vicir. Palavr. de Deos desemp. §. X. fol. 134.

Reg. 3. 22. 19.

stabilire, ut deferatur nomen meum in exterar gentes. Sendo o Senhor Rey D. João IV. a decima sexta geração, e o Senhor Rey D. Pedro II. a prole attenuada, por ser o ultimo descendente da geração decima sexta, e se ver sem filhos do primeiro Matrimonio depois da morte da Princeza a Senhora Dona Isabel, a qual prole, e não a geração se refere o pronome, ou relativo Ipsa: em ElRey D. Pedro II. como em firme pedra se estabeleceo o Reyno de Portugal fundado primeiro em Affonso: Ut initia Regni super firmam petram stabilirem; para depois se estabelecer em seu filho o Senhor D. JOAM V. o quinto Imperio; porque assim como a Igreja se fundou em Pedro, como em pedra: tambem como em pedra, se fundou em Pedro o Reyno, para que sobre tão solidos fundamentos se estabelecesse o Imperio quinto de Portugal, e da Igreja Catholica.

Isto profetizou antigamente Anna, mãy do Propheta Samuel, quando disse, ou predisse, que Deos havia de julgar os fins da terra, e dar o Imperio ao seu Rey, paraque sublimase a potencia do seu Christo: Dominus judicabit fines Terræ, & dabit imperium Regi suo, & sublimabit cornu Christi sui. Alguns Authores, como se pôde ver no Padre Mendoça, e mais facilmente no Padre Vieira, cuidarão que fallava aqui Anna do juizo final: mas, diz o mesmo Vieira, assim neste lugar, como em outros, he pouca intelligencia das Escrituras; porque todas as vezes que Deos muda Reynos, e Imperios, e o quer manifestar, representa-se na Escritura fazendo juizo. Assim o vio o Propheta Micheas, quando Deos quiz tirar a vida, eo Reyno a ElRey Achab: Vidi Dominum sedentem super folium suum, & omnem exercitum Cæli assistentem ei. E assim o vio o Propheta Daniel no nosso pro-

*proprio caso, como atabamos de ponderar, quando
condemnou a fogo o Cornu parvulum, e deo o Imperio
universal ao quasi filho do homem : Aspiciebam do-
nec throni positi sunt & iudicium sedit, & libri
aperti sunt. Finalmente por estes mesmos termos pro-
phetiza S. Joao a destruição da Cidade de Roma, figu-
rada em Babylonia : Cecidit Babylon magna : ideo Apoc. 18.2.8.
in uno die venient plagæ ejus, mors, & luctus, &
igne comburetur : quia fortis est Deus, qui judica-
bit illam. Nem este juizo, sendo o final, podia ser só
dos fins da terra, ou das ultimas acções do genero hu-
mano ; porque como ensina a Fé, e diz o Padre Men-
doça, no juizo final ha de julgar Christo de tudo, e
a toda a terra. Estes fins da terra, na frase da Sa-
grada Escriitura, he o Imperio Romano, como se vio
por experiencia no cumprimento da profecia de Moysés :
Adducet Dominus super te gentem de longinquo, Deut. 28. 49.
& de extremis terræ finibus in similitudinem aqui-
le volantis ; porque governando o Emperador Vespasi-
ano, seu filho Tito com o Romano exercito destru-
bio a Corte de Hierusalem, e outras muitas Cidades
dos Judeos, levando nos estandartes huma Aguia pin-
tada, ou debuxada, que era a insignia daquelle Impe-
rio, e da verdadeira Aguia só tinha a semelhança :
In similitudinem aquilæ volantis. E daqui se segue,
que depois da extincção do Imperio Romano, que he o
quarto, o Imperio, que ao seu Rey darà Deos, he o
quinto, e quinto tambem o Rey, a quem Deos darà o
Imperio ; porque nenhum Rey he mais de Deos, do que
o Senhor D. JOAM V. porque a elle quadraõ as pa-
lavras do referido Texto de Zacharias : Ecce vir oriens
nomen ejus : & subter ejus orietur, & ædificabit
templum Domino : & ipse extruet templum Domi-
no ; porque elle edificou dous magnificos Templos a Deos*

em

em Lisboa, e em Mafra: o Templo de Mafra explicado pelo verbo extruo, que não só significa edificar, mas também compor, accumular, e aparelhar; porque este magnifico edificio accumulou o Augustissimo Senhor D. JOAM V. à Igreja, e a Portugal, pois o edificou depois da Santa Basílica Patriarchal, compondo-o com grande magnificencia, e aparelhando-o para cousas muito grandes, que verão com admiração os Portuguezes, e com inveja todas as mais nações: Et ipse extruet Templum Domino; e o Templo de Lisboa, que he a Santa Basílica: Et ædificabit Templum Domino: elle se chama JOAM, a que profeticamente alludio o Propheta Zacharias, quando disse: Ecce vir oriens nomen ejus; porque à margem deste Texto se acha citado o capitulo primeiro de S. Lucas, aonde o Evangelista escreveu estas palavras, como se commentara a Zacharias: Oriens ex alto: JOANNES est nomen ejus: Elle se não he Sacerdote, he todo Ecclesiastico, e como se fora Sacerdote, assiste frequentissimamente nos Templos aos sacrificios, e Officios Divinos: Et erit Sacerdos; por isso a elle darà Christo o Imperio, como a Rey tanto seu, pois tanto exalta o nome, e potencia do mesmo Christo: Dabit Imperium Regi suo, & sublimabit cornu Christi sui. Não só o exalta com o culto, que lhe dà em Portugal; mas também o sublima, fazendo-o adorar em todas as suas Conquistas, entre os que antigamente forão Gentios: Ut deferatur nomen meum in exterar gentes. Este Texto entenderão de Christo S. Gregorio, S. Hieronymo, Theodoreto, Beda, Ruperto, Procopio, Hugo, Carthusiano, Eyra, Caetano, Abulense, Mendoça, e outros; e daqui tira, ou infere Santo Agostinho, referido por Mendoça, esta conclusão: Ergo non est sermo de Imperio, seu Regno, quod Christus à Patre

Mendog. lib.
1. Reg. num.
10. fol. 365.

à Patre accipiet, sed quod Apostolis, aut quibuscunque aliis voluerit, Christus conferet. Os *jeremita* Interpretes em lugar de Regi suo, trasladarão: Regibus nostris; e daqui infiro eu, amparado por Santo Agostinho, por taes Interpretes, e por tão sabios, e santos Expositores, que se neste Texto não fallou Anna do Reyno, ou Imperio, que Christo recebera de seu Eterno Padre, senão do que deo aos Apostolos, ou a outros homens, a quem o quiz dar: Quibuscunque aliis voluerit, Christus conferet, dizendo Christo a ElRey D. Affonso I. que a elle, e seus descendentes quera dar o Reyno de Portugal, e o seu Imperio universal do Mundo: Volo enim in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire: A nenhuns homens deo este Reyno, e Imperio, senão à Se Apostolica, e aos nossos Reys Portuguezes: Regibus nostris, porque só Portugal he o Reyno, que he juntamente Imperio, como do Imperio de Christo se lê na concordia deste Texto na Biblia Maxima: Sed metaphorice regnum, Imperium. E como este Imperio he d'ElRey de Portugal, e juntamente de Christo: In te, mihi; por isso Anna disse, que o Rey he de Christo: Regi suo; e Christo no modo possível também he deste venturoso Rey: Christi sui. Não o pôde haver Rey mais venturoso, do que o Senhor Rey D. JOAM V. a quem deo Christo o seu Imperio; porque o mesmo Christo, que disse: In me manet, & ego in illo, está tão unido com o nosso Emperador, que sendo dois Reys, e ambos Reys nossos: Regibus nostris, parecem hum só, e o mesmo Rey: Regi suo. Assim se cumprio no Augustissimo Senhor D. JOAM V. a profecia de Anna, e a promessa de Christo; porque elle he o primeiro descendente da prole attençada da decima sexta geração, com o nome de JOAM V. que

***** ij

gover-

governa este Reyno , ou Imperio de Christo , succedendo nelle em razão do nome sobre o Senhor D. João IV. e só àquelle Monarcha , que se chamasse JOAM V. por succeder com este nome no Reyno de Portugal sobre João IV. estava promettido o Imperio quinto.

Na ordem mysteriosa dos quatro Imperios dos Assyrios , Persas , Gregos , e Romanos , foy o Romano, o quarto Imperio. Todos estes Imperios revelou Deos antigamente aos Prophetas na figura enigmatica de quatro metaes , Ouro , Prata , Bronze , e Ferro , como na primeira visão diz Daniel ; ou de quatro Carroças , tiradas por outros tantos Cavallos Castanhos , Murmellos , Pombos , e Remendados , como vio Zacharias ; ou de quatro Feras Leão , Ufso , Pardo , e de outro Bruto , a quem o Texto Sagrado não dà outro nome , declarando somente , que he Forte , Terrivel , e Admiravel , como na segunda visão descreve Daniel ; ou finalmente de quatro Rodas , pelas quaes tiravaõ quatro animaes enigmaticos Homem , Leão , Boy , e Agua , como se vê na Carroça de Ezechiel : Similitudo autem vultus eorum : facies Hominis , & facies Leonis , à dextris ipsorum quatuor ; facies autem Bovis à sinistris ipsorum quatuor , & facies Aquilæ desuper ipsorum quatuor. Por esta Carroça de quatro Rodas , e de quatro animaes entenderão S. Justino , Lyra , Maldonado , Sixto Senense , e outros Expositores as quatro Monarchias do Mundo , que forão os referidos Imperios dos Caldeos , ou Assyrios , Persas , Gregos , e Romanos , como diz o Padre Cornelio Alapide : Currus hic , sive quadriga adumbrabat quatuor Monarchias puta Chaldeorum , Perlarum , Græcorum , & Romanorum ; e a todos estes quatro Imperios destruição humana Pedra mysteriosa , que na visão de Zacharias se chama Dominador de toda a terra , e na segunda propheta

Daniel. 1.

Zachar. 1.

Daniel. 7.

Ezech. 1. 10.

Cornel. Alapide comm. in Ezech. cap. quæst. 2. fol. 955.

phécia chama Daniel quasi filho do homem, que he
tambem aquella Aguia Real, ou Imperial, que na Car-
roça de Ezechiel voa sobre todos os quatro aminaes :
Facies Aquilæ deluper ipsorum quatuor; e significa Ezech. 1.
(como as outras figuras) o Emperador do quinto Im-
perio; porque apparece no quinto lugar (escrita com cin-
co letras, como a Pedra) immediatamente depois do nu-
mero quarto, em que esteve o Imperio Romano. Nesta
carroça de Ezechiel, symbolo dos quatro Imperios, re-
presenta tambem a Aguia, conforme a intelligencia de
S. Irineo, Santo Athanasio, Santo Agostinho, Santo
Ambrosio, S. Gregorio, e os Padres, e Doutores, a
quem citão, e seguem Viegas, Ribeiro, Alcazar, Pe-
reira, e outros Expositores a S. João, que voando so-
bre todos os quatro animaes, se remontava sobre os
quatro Evangelistas, symbolizando o Imperio quinto, e
o seu primeiro Emperador: Recte accomodant qua-
tuor Cherubim quatuor Evangelistis: Sanctus Joan-
nes est Aquila. He certo, que este he o quinto Impe-
rio de Christo, que o mesmo Senhor fundou no pri-
meiro Rey de Portugal, depois de destruhir, e dissipar
os quatro referidos Imperios, para se perpetuar na sua
decima sexta geração: Ego ædicator; & dissipator
Regnorum, atque Imperiorum sum: volo enim in
te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire. Us-
que in decimam sextam generationem, in qua at-
tenuabitur proles, sed in ipsa attenuata ipse respiciet,
& videbit. E esta geração decima sexta, como dizem
o Padre Vieira, e o Conde da Ericeira, foy o Senh.
Rey D. João IV. estabelecida, e eternizada na sua
descendencia, ou prole attenuada: In ipsa attenuata;
a qual sem questão foy o Senhor Rey D. Pedro II. a quem
o Augustissimo, e Invicto Senhor D. JOÃO V. suc-
cedeo no Sceptro como legitimo successor, e filho; e co-
mo

Alapid. loc.
cit. fol. 959.

Monarch.
Lusit. 3. part.
cap. 5. Chron.
Cylt. 5. 3. c. 3.
Vieira Palavr.
de Deos Emp.
§. VIII. vers.
Este fol. 58.
D. Luiz de
Menez. Cód.
da Ericeir.
Hist. de Port.
Ref. Tom. 1.
liv. 2. Annod.
1640. fol. 92.

mo S. João, sendo hum só, e o ultimo dos quatro Evangelistas, parece, que não podia voar sobre todos quatro; porque havia de voar tambem sobre si mesmo, e sobre os outros tres animaes, ou Cherubins, que occupavão os primeiros lugares, ficando elle no ultimo; por isso João quando voa sobre João o quarto Cherubim, ou animal enigmatico da Carroça de Ezechiel, era figura expressa de JOAM V. porque em quinto lugar fica JOAM remontando-se no voo sobre João IV; porque sobre o quarto, não voa, nem pôde subir immediatamente outro numero, senão o quinto. Esta me parece a razão altissima, porque o quinto Imperio do Mundo, figurado em João, e prometido por Christo a outro JOAM descendente do Senhor D. Affonso I. e da prole attenuada da sua decima sexta geração, não compete, nem pôde competir a outro Monarcha, senão a hum Rey de Portugal chamado JOAM V. porque só sendo elle JOAM, desta categoria voa sobre João IV. e como Aguia mysteriosa sobre outra Aguia, symbolo, e insignia do quarto Imperio dos Romanos, a que ha de succeder o quinto. Porém assim como a Aguia, sendo hum só animal, e voando sobre si mesma, representava dous animaes, mas tão unidos, e conformes como se forão hum só: assim tambem João, sendo hum só Evangelista, representa duas pessoas, huma Ecclesiastica, e outra secular: hum Emperador, e hum Pontifice, que são os dous Vigarios de Christo do quinto Imperio, mas tão conformes, e unidos entre si, como se forão hum só pessoa, sendo realmente duas pacificamente unidas, como Christo, e o seu Rey: D. bit Imperium Regituo: & consilium pacis erit inter illos duos.

Como estes Vigarios de Christo, sendo duas pessoas, hão de ser tão conformes, e hão de reynar tão unidos como se forão hum só: tambem hão de assistir em hu-
ma

ma Corte, que sendo huma só Cidade, seja juntamente duas Cortes. Alguns Authores, a quem segue o Padre Vieira, dizem, que em Lisboa estarão estes dous Vigarios de Christo; por isso o Pontifice Clemente XI. e o Senhor D. João V. sem dividirem a Corte, separarão a Cidade de Lisboa em duas partes Oriental, e Occidental, dispondo mysteriosamente ElRey de Portugal, e o Pontifice Romano, que esta só Cidade fosse juntamente duas Cortes, para nella residirem os dous Vigarios de Christo. Para que os Romanos, e os Portuguezes conheçam, que sem lisonja digo a verdade, ouçam a S. João fallando de Lisboa, e de Roma. Da Cidade de Roma profetiza, que ha de ser destruhida, e assollada, de tal sorte, que ficará totalmente deserta, como habitação dos Demonios, e não dos homens: Cecidit, Apoc. 18. 2. cecidit Babylon magna, & facta est habitatio Dæmoniorum. Assim o entendem S. Hieronymo, Santo Agostinho, Santo Ambrosio, Santo Thomaz, Ecumenio, Tertuliano, André Cesariense, Aretas, Menochio, Sà, Ferrario, Cassiodoro, Beda, Alapide, Vieira, e outros Padres, a quem seguem concordemente Interpretes, e Theologos: Per Babyloniam Romam intelligunt: escreve Sylveira, provando a sua sentença com humas palavras do Apostolo S. Pedro: Salutat vos Ecclesia, quæ est in Babylone collecta. Não será destruida Roma pelo que hoje he, senão pelo que antigamente foy, e ainda ha de ser: Roma espirital he eterna; porque contra ella não prevalecerão os conselhos, ou portas do Inferno: Portæ Inferi non prævalebunt adversus eam; mas Roma a temporal, sujeita está como as outras Metropoles das Monarchias, e não só sujeita, mas condenada ao Catastrophe das cousas mudaveis, e aos eclipses do tempo, por castigo dos grandes peccados das suas antigas idolatrias, das perseguições dos

Sylveir. côm.
 in Apoc. cap.
 14. v. 8. quæst.
 21. num. 190.
 Petr. Epist. 1.
 cap. §. 13.

Matth. 16. 18.

dos Catholicos, e de outros graves delictos, que ainda ha de cometer no tempo futuro, como: além de outros diz Sylveira na exposição deste Texto: In everfione Romanæ civitatis, puniet Deus idolatriam Romanæ Ethnicæ; puniet persecutiones omnes, quas fecit in Christianos, & puniet omnia alia crimina, quibus est fornicata. Sem offensa da Sé Apostolica o pregou assim à mesma Roma o grande Padre Vieira na occasião, em que lhe representava esta tragedia nas cinzas, em que os Romanos como homens se convertem depois de mortos. Porém em outras cinzas lhe podia mostrar com igual verdade este desengano, que são aquellas, a que reduzirá a Roma hum voracissimo incendio:

Apoc. 18. 8.

Sylveir. in
Apoc. cap. 18.
vers. 2. expof.
1. n. 6. fol.
338.

Igne combureretur; ficando Roma não só queimada, senão totalmente deserta, sendo habitação não de homens, senão de Demonios: Facta est habitatio dæmoniorum: per quod significatur magna urbis solitudo, ubi erat magna frequentia: ac proinde civitas solo æquata in magnum desertum redigenda est: solent enim dæmones in locis desertis, & horribilibus commorari. Chegando pois Roma a este miseravel, e lastimoso estado, ou antes de padecer tão justo, e severo castigo, sahirá da Corte Romana a Santa Igreja de Roma, para não participar dos seus delictos, nem dos seus castigos:

Apoc. 18. 4.

Exite de illa populus meus: ut ne participes sitis delictorum ejus, & de plagis ejus non accipiatis; e como em alguma Cidade Catholica ha de collocar o Pontifice a Cadeira de S. Pedro, em Lisboa ficará de assento a Santa Igreja de Roma; porque Lisboa he Corte de hum Reyno puro na Fé: Fide purum: Lisboa he Corte de hum Reyno amado, e escolhido por Christo, pela sua piedade, para nelle com a Cadeira de S. Pedro estabelecer o seu Imperio: Pietate dilectum: Lisboa he Corte de hum Reyno o mais seme-

semelhante à Igreja : e Lisboa he Corte de hum Reyno , que em todas as quatro partes do Mundo meteo sempre , e meterà debaixo dos pés o Imperio dos Turcos , e dos Mouros , para sobre a potencia Othomana , e Mahometana assentar o Throno da Igreja , ou Cadeira de S. Pedro , exaltandoa , e sublimandoa a tanta altura , que a porà sobre as pontas da Lua.

No seu Apocalypse vio S. João huma Mulher vestida da luz do Sol , coroadada com doze Estrellas , e com a Lua debaixo dos pés : Mulier amicta Sole , & Luna sub pedibus ejus , & in capite ejus corona Stellarum duodecim. Esta Mulher vestida das luzes do Sol , he a Igreja Catholica , que está vestida da luz de Christo , que nasceo como Sol : Orietur vobis Sol : Mulier amicta Sole ; e neste sentido entendem communmente este Texto todos os Padres , principalmente Latinos , como escreve Sylveira : Per eam intelligunt Ecclesiam. A coroa de doze Estrellas , ou as doze Estrellas da coroa , são os doze Apostolos , conforme o mesmo Sylveira : Per duodecim Stellas intelligunt duodecim Apostolos , e por lição de S. Boaventura diz o mesmo Expositor , que pelas doze Estrellas se pòde entender a Aureola dos Mestres , e Doutores : Corona verò Stellarum significat Aureolam Doctorum ; porque com os Doutores , Mestres , e Apostolos , se coroa a Igreja como com Estrellas : Qui ad justitiam erudiunt multos , quasi stellæ in perpetuas æternitates ; porisso a Igreja Catholica em todas as Séz tem duas Cadeiras para os Mestres , e Doutores , e por respeito dos doze Apostolos tambem se chama Apostolica , coroando-se com tão luzidas Estrellas : Et in capite ejus corona Stellarum duodecim , e a Lua debaixo dos pés he o Imperio do Turco , e a Lua Othomana , que a Igreja com os pés muitas ve-

zes

Apoc. 12. 1.

P. Sylveir. in
Apoc. cap. 11.
vers. 1. expof.
1. n. 1. fol. 2.

Sylveir. ibid.
n. 91.

Sylveir. ibid.
n. 199.

Dan. 12. 3.

Hist. do Em-
perador Leo-
pold. I. Tom.
3. cap. 2. An-
no de 1683.
fol. 98.

zes tem pizado. No anno de 1683. pizou com os pès
o Summo Pontifice Innocencio XI. o grande Estandar-
te de Masoma, suprema, e mayor insignia do Impe-
rio Othomano, que Mahometo IV. Emperador dos
Turcos deo por sua propria mão na Cidade de Adria-
nopolis a Carà Mustafá seu Graõ Visir, ao qual ven-
ceo Innocencio XI. com as suas orações, e com os soc-
corros, que deo ao Emperador Leopoldo I. porisso
João III. Rey de Polonia conhecendo, que não ao seu
grande valor, nem ao braço invencivel de Carlos V.
Duque de Lorena, mas à Igreja se devia a victoria,
e retirada de hum exercito, que constava de trezentos
mil homens, por hum Prelado de grande authoridade
mandou pôr aos pès do Pontifice, e da Igreja com
aquelle Estandarte a Lua Othomana, ficando a Igre-
ja tão exaltada; como posta sobre as pontas da Lua, e
a Lua tão abatida, como pizada com os pès da Igre-
ja: Et Luna sub pedibus ejus; mas porque S. João
descreve a Igreja na metaphora de Mulher, tambem
nesta allegoria falla de Portugal, e da Cabeça de Por-
tugal, que he Lisboa, aonde Christo prometteo esta-
belecer o seu Imperio, e o da Igreja, por ser Reyno
escolhido pela pureza da sua Fé: Fide purum, pie-
tate dilectum. A Mulher pois vestida da luz do Sol
está dizendo, que he a Lusitania, duas vezes vesti-
da das luzes de Christo: a primeira quando se vestio
da luz do mesmo Sol Divino J E S U Christo, rece-
bendo a sua Fé, e o Baptismo; porque todos os que se
baptizão, e recebem a Fé, se vestem da luz deste Di-
vino Sol, como diz S. Paulo: Quicumque in Chris-
to baptizati estis, Christum induistis: a segunda,
quando no campo de Ourique na escuridade da noite
foy novamente illustrada, ou vestida com as luzes de
Christo, que da parte do Oriente vinha mais resplan-
de-

Ad Galat. 3.
27.

decente , que hum rayo , e que todos os rayos do Sol:
 Vidi subito à parte dextra Orientem versum micantem
 radium : as doze Estrellas postas por coroa da cabeça
 da Lusitania , são os doze Bispos , e Arcebispos do
 Reyno de Portugal , cujas Metropoles servem de
 diadema à Corte de Lisboa. Estas são Braga , Evora ,
 Coimbra , Leiria , Guarda , Lamego , Viseo , Porto ,
 Miranda , Portalegre , Elvas , e Faro , as quaes
 completamente fazem o numero de doze Estrellas :
 Et in capite eius corona Stellarum duodecim. Neste
 sentido , que he o Tropologico , entenderão Pannonio ,
 e Alapide os Prelados pelas doze Estrellas ; porque com
 a sua grande sabedoria , e santidade são coroa de Christo ,
 e da Igreja : Notat Pannonius duodecim Stellas
 esse Prælatos quoslibet , qui hic admonentur
 eximie sapientiæ , & sanctitatis : nam ipsi sunt corona
 Christi , & Ecclesiæ ; e se quizermos coroar a
 Igreja com a Aureola dos Mestres , e Doutores , na
 Universidade de Coimbra temos as mais luzidas Estrel-
 las , e da mayor grandeza , para fazer o diadema da
 Igreja : Corona verò Stellarum significat Aureo-
 lam Doctorum. Assim o escreveo ao Reytor da Uni-
 versidade de Coimbra o Papa Clemente XI. responden-
 do à carta , em que este nobilissimo , e doutissimo Pre-
 lado punha aos pés de Sua Santidade a sua pessoa ,
 todos os Academicos , e o assento , que em claustro ple-
 no fez com juramento a mesma Universidade , de de-
 fender a Bulla Unigenitus até derramar o sangue , e
 perder a vida : Nec sane aliter opinari fas erat de
 Academia , in qua Orthodoxa Fides præsidium ,
 & decus maximum , sancta verò hæc Sedes præci-
 puum , ac inviolabile obsequium semper invenit.
 E quando os Hereges pertendião atropellar a Constitui-
 ção Apostolica de Clemente XI. pondo a Universidade

Alapide cap.
 12. in Apoc.
 fol. 201.

de Coimbra aos pès de Sua Santidade a sua obediencia , a Sé Apostolica poz na sua cabeça estas Academicas Estrellas por coroa : Et in capite ejus corona Stellarum duodecim ; e a Lua debaixo dos pès da Mulher vestida de luzes , ou da Lusitania , he a Lua Othomana ; porque Portugal foy o primeiro Reyno , que se livrou do jugo dos Sarracenos , e Mahometanos , e depois de tao famosas victorias , meteo sempre as Luas Othomanas debaixo dos seus pès : Et Luna sub pedibus ejus. Toda a empresa do Imperio Othomano , he que a sua meya Lua encha , e occupe o Mundo todo : Donec totum impleat orbem ; e o timbre da Lusitania he calcar , pizar , e meter debaixo dos pès a mesma Lua , atè que a lance fóra do Mundo ; Donec auferatur Luna , ou como declara o Texto na

Pfalm. 71. 7.

versão Hebræa : Donec auferantur servi Lunæ. Os Pregadores quando explicão este lugar do Apocalypse , dizem , que a Mulher , figura da Igreja , estava coroadada de Estrellas , vestida do Sol , e calçada de Lua. Este modo de fallar , diz o Padre Vieira , que he elegante , mas improprio. O Texto não diz , que a Lua ha de calçar a Mulher , senão que a Mulher ha de calcar a Lua , metendoa debaixo dos pès : Luna sub pedibus ejus ; e assim vay metendo a Igreja a Lua Othomana debaixo dos pès , e os vassallos , ou servos da mesma Lua , com as victorias , que por mar , e terra gloriosamente tem conseguido , nas quaes sempre teve grande parte o Reyno de Portugal.

Assim lemos , que o Conde D. Henrique , de quem descendem os Reys Portuguezes , venceo , e desbaratou muitas vezes aos Mouros na Europa , e na Asia , sendo hum dos doze Capitães , por quem se repartio o governo das armas Catholicas na Conquista de Hierusalem ; elle lançou fóra os Mouros de muitas terras de Portu-

Portugal, depois de os vencer, e destruir muitas ve-
zes em Castella: D. Affonso I. toda a vida gastou em
destruir, e vencer os Mouros, cativando na prodi-
giosa victoria do campo de Ourique cinco Reys, como
Josue, para neste cativoiro principiar a representação
do Imperio quinto; porque tinha cinco Reys tão pode-
rosos sujeitos à sua obediencia. Na entrada de Miramo-
lim venceu ElRey D. Sancho I. quatrocentos mil Ca-
vallos, e quinhentos mil Infantes, de que se compunha
o formidavel exercito dos Mouros, repartindo-se a vic-
toria, como a de Gedeão, entre a espada de Deos, e
a de Sancho, continuando em vencer fóra de Portu-
gal os Sarracenos, com o braço do Mestre de Aviz na
batalha de Alarcos: contra D. Affonso II. se aquar-
tellarão em Elvas com numerosos exercitos os dous Reys
Mouros de Sevilha, e Jaen; porém Affonso, que com
o nome herdou o valor de seu Avô, não só venceu em
batalha campal aos dous Reys; mas entrando como
vencedor por suas proprias terras, castigou com ferro,
e fogo, todo o Reyno de Andaluzia: ElRey D. San-
cho II. que injustamente infamarão de pouco cuidadoso;
porque fizeram a comparação entre elle, e os valerosos
Reys, que o precederão, não fez tão pequena guerra
aos Mouros, que lhe não tirasse da cabeça a Coroa
do Reyno dos Algarves: D. Affonso III. venceu os
Mouros dentro em Portugal, lançando-os totalmente
fóra deste Reyno, e conquistando-lhe fóra delle muitas
Villas, e Castellos: ajudou ElRey D. Diniz I. a El-
Rey D. Fernando de Castella na intentada Conquista
do Reyno de Granada: com as forças de toda a Afri-
ca passou ElRey de Marrocos a soccorrer os Mouros
de Granada, e duvidando os Catholicos dar batalha,
por ser innumeravel a multidão dos barbaros, D. Af-
fonso IV. que de Portugal tinha passado a Sevilha,
foy

foy o que aconsellou a batalha, e o primeiro, que a venceo: ElRey D. Pedro I. e ElRey D. Fernando I. como não tinham Mouros dentro no Reyno, deixaraõ tomar alento aos Portuguezes, para continuarem as Conquistas nas terras Africanas, onde ElRey D. João I. em hum só dia tomou, e fugeitou à sua Coroa a famosa, e fortissima Cidade de Ceuta: sustentou-a poderosamente ElRey D. Duarte; e logo ElRey D. Affonso V. tendo já tomado Alcacer aos Mouros, se fez tambem Senhor de Tangere: proseguio a mesma empreza, e com mayor fortuna ElRey D. João II. por mar, e terra, ganhando Praças, fundando Fortalezas, e se passara, como intentou, pessoalmente a Africa, conquistara toda esta parte do Mundo; porque só à fama de que passava, bastou para conseguir o seu intento: conquistou ElRey D. Manoel I. muitas Cidades Africanas, e fez outras tributarias, e não continuou nesta empreza, porque intentou conquistar a Hierusalem, como representou aos Summos Pontifices por seus Embaixadores, para que se fizesse guerra ao Turco por ambos os mares, e que elle tomaria por sua conta toda a do mar Roxo, e sustentaria no Mediterraneo trinta galeões de guerra: D. João III. ajudou a guerra de Tunes com hum competente Armada, fazendo no Oriente, e Occidente eclypsar as suas Luas: ElRey D. Sebastião pessoalmente entrou na Africa, aonde se perdeu a batalha, deixou dous Reys mortos na campanha, e os Mouros no ultimo estrago. Entre tantos gastos, e cuidados enthesourava dinheiro o Senhor D. João IV. como declarou a hum seu confidente, segundo refere o Padre Antonio Vieira, o qual presumo ser o mesmo confidente, que nos dà esta noticia, para com este dinheiro, depois da guerra de Castella, fazer guerra ao Turco. Morrèo aquelle Precursor da nossa liberdade-

berdade, deixando na sua prole attenuada aquelle grande Rey o Senhor D. Pedro II. que foy a Pedra, em que Christo Senhor nosso tinha prometido estabelecer os fundamentos do Reyno: Ut initia Regni super firmam petram stabiliorem; o qual foy tão inclinado a esta guerra, como testemunha o grande soccorro, que mandou contra o sitio de Oran, e as duplicadas Armadas contra a Cidade de Argel; offerecendo-se contra o Turco ao Promotor desta guerra o Santissimo Pontifice Innocencio XI. com tão prompto soccorro, que foy o primeiro que appareceu em Roma. Finalmente o Augustissimo Senhor D. JOAQUIM V. não só conserva as nossas armas na Africa, como chave Mestre para abrir as portas aos Soldados conquistadores desta dilatada parte do Mundo; mas em soccorro da Igreja mandou ao Mediterraneo muitos Galeões de guerra, que vencerão primeiro do que outras Nãos de guerra a poderosa Armada do Turco; sendo felicissimo annuncio de que Portugal destruirá totalmente o Imperio Othomano, vencer a Capitania dos Portuguezes a Capitania dos Turcos: testemunhando naquelle naval conflicto os Turcos vencidos, e os Catholicos vencedores, que só os Portuguezes com o fumo dos seus tiros podem eclipsar as suas Luas, e tirallas deste Mundo com os golpes das suas balas: Donec auferatur Luna.

Sobre estes, e outros grandes merecimentos de Portugal, e sobre a promessa de Christo, assentará o favor do Ceo, quando destruhida a Cidade de Roma, passará para este Reyno a Cadeira da Igreja, como cantou o nosso Poeta, ou Homero Lusitano; porque

Via estar todo o Ceo determinado,
De fazer de Lisboa nova Roma.

Enão verão os Portuguezes, e todas as nações do
Mun-

Mundo, que Deos fundou este Reyno, para estabelecer nelle o seu Imperio, e a sua Igreja; destinando sempre aos Portuguezes para ultimos vingadores das injurias, e injustiças feitas aos Catholicos; e por isso lhe infundio nos corações hum fino amor para com a Igreja, e hum refinado odio contra os seus inimigos. Donde vinha a Moysês aquella aversão natural contra os Egyptios, com que sendo homem, vingava nelles com a morte as injurias feitas aos Hebreos, que eraõ a Igreja daquelle tempo: Cur eduxistis Ecclesiam Domini in solitudinem, e ainda sendo menino, e innocente, metia este grande Propheta debaixo dos pés a Coroa de Pharão; senão porque Deos forjava, e lavrava nelle o cutello do Egypto, a ruina de Pharão, e do seu barbaro Imperio? E porque foy Samsão tão contrario dos Philisteos; Gedeão dos Madianitas, Josué dos Cananeos; senão porque aos cabellos de hum, e aos fios das espadas dos outros tinha Deos vinculado os castigos daquellas nações inimigas de Deos? Com razão posso logo inferir pelos Canones, e regras universaes da Justiça, e Providencia Divina, que os Portuguezes, e os seus Augustissimos, e valerosissimos Reys, hão de ser os Moysês, os Gedeões, os Sansões, e os Josués da potencia, e tyrannia Othomana, e os libertadores gloriosos da Terra Santa, e Casa de Hierusalem, lançando fóra della a sua Lua: Donec auferatur Luna, e metendoa debaixo dos pés da Igreja: Et Luna sub pedibus ejus; porque aos Portuguezes escolheo Deos para esta grande empresa, revelando aos Prophetas, que depois de castigar a Roma, hã de pôr em Lisboa a sua Igreja, dando o seu Imperio ao seu, e nosso Rey: Dominus judicabit fines terræ, & dabit Imperium Regi suo.

A esta mysteriosa razão tirada do Texto Sagrado ajunta outra politica Justo Lypsiõ, varão incomparavel
nas

nas noticias do Mundo antigo, e moderno, e diligentissimo observador das declinações, e augmentos dos Reynos, e Imperios, e das causas porque huns se levantão, e outros cabem: huns dominaão, e outros servem: huns nascem, e outros morrem, e quasi debaixo da sepultura alguns talvez resuscitão. Esta razão politica interio elle prudentemente da lição de todas as historias do Mundo; porque a experiencia havida pelas historias, he aquelle espelho inculcado por Salamao, em que olhando para o passado, se antevem os futuros: Quid est quod fuit? Ipsum quod futurum est: quid est quod factum est? Ipsum quod faciendum est. E posto que estes dependão dos decretos Divinos, pelos effectos, que os olhos vem dos mesmos decretos, não sô conhece o discurso humano quaes elles fossem, mas ainda quasi com certeza, quaes hajaão de ser. Assim o notou o grande Mestre da Politica, advertindo (e pedindo se considere) que o poder, e dominio do Mundo sempre veyo caminhando, ou descendo do Oriente para o Occidente: Nescio quo Providentiæ decreto res, & vigor, (considera si voles) ad occasum eunt. O primeiro Imperio, que foy o dos Assyrios, e dominou toda a Asia, tambem foy o mais Oriental: dalli passou aos Persas mais Occidentaes, que os Assyrios: dalli aos Gregos mais Occidentaes, que os Persas: dalli aos Romanos, mais Occidentaes, que os Gregos; e como já tem passado pelos Romanos, e vay levando o seu curso para o Occidente, havendo de ser como he de Fé, o ultimo Imperio, aonde pôde hir parar senão na gente, e Cidade mais Occidental de todas?

Mas porque o mesmo Author desta advertencia confessa ignorar a razão della, e a da Providencia Divina em hum tal decreto: Nescio quo Providentiæ decreto, não será temeridade, nem consideração su-

per-

Vieira Palav.
do Prêg. Em-
penhad. e de-
fendida §. X.
fol. 205.

Eccles. 1. 9.

Vieira Palav.
do Prêg. §. X.
fol. 209.

Sylveir.côm.
in Apoc. cap.
17. quæst. 26.
num. 221. fol.
322.

Theodoreto referido por Sylveira : Cornua divina Scriptura, aliàs pietatem vocat, aliàs potentiam, aliàs regnum, e para fazer esta exaltação em huma Igreja, que em Lisboa Occidental, ou Mafrense, sempre está unida com o Palacio do Rey, sabio a primeira sorte a Joseph: Ut exaltaret cornu in ministeria Domus Domini juxta Regem : Egressa est fors prima Joseph. Pois assim como ao Principe sabio a primeira sorte para exaltar a potencia de Christo, tambem lhe sabio por sorte a primeira Cidade de Lisboa, que he a Oriental, para ter nella a sua Corte. Em pouco differre Corte, de sorte; por isso pela primeira sorte se pôde tambem ler, e entender a primeira Corte.

Mas vejo, que todos me estão perguntando a razão porque fará Deos tantas merces ao nosso grande Emperador JOAM o Magno? Primeiramente respondo como S. Paulo, que os juizos de Deos são incompreensiveis. Porém se pela experiencia do passado se alcança o conhecimento do futuro, como ha pouco disse com Salamaão, parece-me que dará Deos o quinto Imperio a JOAM o Magno, porque lhe edificou dous grandes Templos. No tempo passado prometteo Deos a ElRey David, que amaria como pay a seu filho Salamaão, perpetuandolhe o Solio, ou Throno do Reyno de Israel para sempre; porque o mesmo Salamaão lhe edificaria hum Templo: Ipse ædificabit domum nomini meo: & ipse erit mihi in filium, & ego ero illi in patrem: firmabo que solium Regni ejus super Israel in æternum. Com esta certeza disse David a toda a Igreja, que seu filho Salamaão estava eleito por Deos para ser o mayor Monarcha de Israel; porque fizera huma obra muito grande, que era, não o Palacio, que edificara para si, senão o Templo, que dedicara ao mesmo Deos: Locutusque est David Rex ad omnem Ecclesiam: Salomonem filium

Paralip. 1. 22.
10.

filium meum unum elegit Deus adhuc puerum, &
 tenellum, opus namque grande est, neque enim ho-
 mini præparatur habitatio, sed Deo. *O mesmo digo eu*
a toda a Igreja: elego Deus a J O A M o Grande para Em-
perador do quinto Imperio, sendo ainda menino, por-
que lhe havia de edificar, e consagrar dous magnifi-
cos Templos, não como habitação de homens, mas co-
mo casas de Deos: Ipse ædificabit domum nomini
meo: firmabo que solium Regni ejus: opus namque
grande est, neque enim homini præparatur habita-
tio, sed Deo. Edificar Templos a Deos, e servir a
Deos, he a verdadeira grandeza; por isso chamey ao
nosso Monarcha J O A M o Magno, e J O A M o Grande;
porque em todas as suas obras, e acções he grandioso,
e magnifico. Por antonomasia se chamarão Grandes Ale-
xandre Magno, Pompeo Magno, e Julio Magno, sem
outro merecimento que o de serem grandes Tyrannos.
E em que pararão as grandezas dos Cesares, dos Pom-
peos, e dos Alexandres? Acabarão em nada. Ao Em-
perador Carlos V. reputa o Mundo por grande Em-
perador com tantas victorias, e com tantos augmentos
da Monarchia; e a mayor acção de Carlos foy renun-
ciar a Coroa, e coroar todas as suas victorias com a
retirada, que fez para S. Juste, onde mandou fazer
hum casa muito pequena unida com o Convento, para
acabar a vida entre os Religiosos de S. Hieronymo: Ad
Divi Justi Hieronymianum Cænobium, delectam jam
diu sedem, recta se contulit... construi sibi domuncu-
lam jussu erat, cænobii additamentum. Quanto mayor
acção he a de J O A M tambem V. e Grande Empera-
dor, que accrescenta a Igreja com hum Convento, e
com hum Palacio, para viver com os Religiosos, e go-
vernar juntamente o seu Imperio. Estas sim, que são
as verdadeiras grandezas; porque sempre durão, e
nunca

Padr. Famiani
 Strada de Bel-
 lo Belgic. De-
 cad. 1. lib. 1.
 fol. 10.

nunca acabaõ. Mas assim como JOAM excede nesta acção a Carlos, tambem exceedo nesta obra a Salamaõ; porque Salamaõ edificou o Templo antigo de Hierusalem, que acabou; e Joaõ edifica com este Templo huma nova Cidade de Hierusalem, que ha de durar até o fim do Mundo: Et ego Joannes vidi sanctam civitatem Hierusalem novam descendentem de Cælo à Deo paratam sicut sponsam ornatam viro suo. Neste sentido entende Sylveira a Igreja Militante, figurada em nova Cidade de Hierusalem, ou pela nova Cidade de Hierusalem descida do Ceo, entende a Igreja Militante novamente fundada na terra, em que tudo he novo:

Joan. 21. 2.

Sylveir. côm.
in Apoc. cap.
21. q. 4. n. 38.
fol. 490.

Si verò de Ecclesia militante intelligas, recte dicitur Jerusalem nova distinctione ab antiqua terrestri: & quia in hac Ecclesia vetera transierunt, & nova sunt omnia. Tudo diz o mesmo Padre, he novo nesta Igreja: novo o Legislador JESU Christo: nova a Ley da Graça: nova a doutrina do Evangelho, explicada pelos Pontifices Romanos: nova a presença Sacramental de Christo; e novo o mesmo Cantico Ecclesiastico: Cantabunt Canticum novum; porisso em premio de tanta novidade deo Christo ao edificador destes novos Templos hum Imperio tambem novo, sem nenhuma novidade, porque he o mesmo Reyno de Salamaõ, e Imperio de Christo.

Apoc. 5. 9.

Dous grandes Reynos fundou Deos per si mesmo, e Reyno de Israel, e o Reyno de Portugal. Ambos dominarãõ o mar, a Ethiopia, Arabia, Ilhas, e outras Provincias do Mundo: Dominabitur à mari usque ad mare, & à flumine usque ad terminos orbis terrarum: coram illo procident Æthyopes: & inimici ejus terram lingent: Reges Tharsis, & Insulæ munera offerent: Reges Arabum & Saba dona adducent: & adorabunt eum omnes Reges terræ: omnes

nes gentes-servient ei. Todas estas profecias se cumprirão em Christo, e muitas dellas se cumprirão tambem em Salamaão, como consta da Historia Sagrada. Mas porisso mesmo se cumprem tambem em JOAM o Grande, e mayor que todos aquelles Heroes, a quem a verdade com razão, ou a lisonja sem ella deo o epiteto, ou anthonomasia de Magnos; porque he Rey daquem, e dalem Mar: Dominabitur à mari usque ad mare, He Senhor de Guiné, da Conquista, Navegação, e Comercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India: Procident Æthyopes, Reges Tharsis, Reges Arabum, & Saba dona adducent. Recebe o que lhe offerecem tributariamente varias Ilhas do Oceano: Insulæ munera offerent; e brevemente chegarà o tempo, em que todos os Reys da terra o venerem, e todas as gentes o sirvaão: Et adorabunt eum omnes Reges terræ, omnes gentes servient ei; e deste modo ficará JOAM o Grande com o Reyno de Salamaão conquistando a Terra Santa de Hierusalem, e com o Imperio de Christo, dominando a todo o Mundo.

Mas sobre esta profecia de David, diz o Padre Vieira, se offerece huma grande duvida, à qual antes quizerá ouvir responder, do que dar a resposta. O Reyno de Salamaão, figura do Imperio de Christo, e do Imperio de Portugal, como consta de todas as outras profecias, e desta mesma foy dado a Christo. Christo desde o instante de sua Conceição teve todo o dominio supremo espiritual, e temporal do Mundo em quanto Filho de Deos: e em quanto homem teve o mesmo dominio, ao menos depois da Resurreição, como elle mesmo disse: Data est mihi omnis potestas in Cælo & in terra. A experiencia mostra, que muitas Nações Barbaras, Hereticas, e Infieis não crem, nem servem a Christo, conforme diz S. Paulo: Nunc autem nec-

Ad Hebr. 2:
dum

dum videmus omnia esse subiecta ei : como ; ou quando pois se cumprio esta mysteriosa Prophecia de David : Adorabunt eum omnes Reges terræ : omnes gentes servient ei ? Esta duvida , que certamente he grande , solta-se facilmente com huma reposta , que confirma este discurso. Christo Senhor nosso sempre foy Senhor do Mundo , quanto à jurisdicção , e dominio de Senhor ; mas o mundo não foy , nem he ainda universalmente de Christo , quanto à obediencia , e sujeição dos vassallos. Isto significaçõ expressamente aquellas palavras : Adorabunt eum omnes Reges terræ : omnes gentes servient ei. Já todos os homens , e todos os Reys são seus ; porque sobre todos tem Christo jurisdicção , e dominio como Senhor ; mas ainda o não adorão , e servem como vassallos. Porém depois que o Emperador Catholico destruhir o Turco , e se pregar o Evangelho em todo o Mundo , todos os Reys da terra , e todas as gentes adorarão , e servirão a Christo. Não depende Christo do nosso Emperador , para que os homens o sirvão , e adorem ; mas o poder , e armas do Emperador , (das quaes não tem Christo dependencia) facilitarão a pregação do Evangelho , como succedeo no tempo de Constantino I. Carlos V. Manoel I. e João III. como em suas cartas confessa S. Francisco Xavier ; e foy praxe approvada pelos Summos Pontifices na conversão de ambas as Indias.

Porém para que não pareça novidade , que o nosso Emperador com as suas armas facilite a pregação do Evangelho , ouçamos a Christo fallando desta missão. Na Parabola do Semeador introduz Christo muitos impedimentos , que o Semeador Evangelico encontrou no Campo , quando semeava a palavra de Deos : Semen est verbum Dei ; porque achou pedras , achou espinhos , achou aves , e achou homens ; e todos estes im-

pedi-

Luc. 8.

pedimentos embarçarão a pregação do Evangelho, ou
 sementeira da palavra de Deus : os homens calcarão,
 e pisarão a doutrina, como diz o Texto, e declara a
 Glossa: Conculcatum est ab hominibus: as aves co-
 merão-na: Volucres Cæli comederunt illud: os espi-
 nhos suffocarão-na: Spinæ suffocaverunt illud, e as
 pedras secarão-na: Cecidit supra petram, & natum
 aruit. Para tirar pois do campo estas pedras, para en-
 xotar estas aves, para cortar estes espinhos, e para pi-
 zar estes homens, que calção, e metem debaixo dos pés
 a palavra de Deus, diz Christo a seus Discipulos, que
 por ser grande a seara, os operarios poucos, e os impedi-
 mentos muitos, roguem ao Senhor da seara para que
 mande os operarios: Messis quidem multa, operarii
 autem pauci: rogate ergo Dominum messis, ut mit-
 rat operarios in messem suam. Estes operarios serão os
 Apostolos, e todos os Pregadores Evangelicos, que se-
 mearão a palavra de Deus em todo o Mundo, onde en-
 contrarão também os referidos impedimentos, que cal-
 çarão, secarão, comirão, e suffocarão a Doutrina do
 Evangelho; por isso ainda hoje vemos o Mundo com he-
 rezias, e infidelidades. E que fez Christo para desfa-
 zer estes impedimentos? Tomou huma foice muito agu-
 da na sua mão, e a rogos dos Anjos a lançou no Mun-
 do, e com ella segou toda a terra: Et misit qui sedebat
 super nubem falcem suam in terram, & demessa est
 terra. A foice he instrumento de ferro, com que se cor-
 ta o que he inutil para se colher somente o util; e com
 estes instrumentos se armarão Christo, e os Soldados com-
 panheiros dos Pregadores, para alimparem o campo da
 Igreja, em que se fez a sementeira do Evangelho. Não
 segou Christo com esta foice para cortar, e perder os ho-
 mens, senão para os colher; não applicou o ferro para
 os ferir, e matar, senão para os sarar, isto he, para

Matth. 9. 38.

Apoc. 14. 16;

Sylveir. côm. *de incredulos os fazer feis, como diz Sylveira: Mes-*
in Apoc. cap. fuit, inquam, non perdendo, sed eos colligendo;
14.verf. 16.n. non percutiendo, sed ab incredulitate sanando, &
300.fol. 212.

ad veram fidem suæ divinitatis convocando. E por-
que se compara Christo neste lugar com hum homem,
que tem huma fouce de ferro na mão? A esta pergunta
responde o mesmo Sylveira, que se compara Christo com
o segador; porque quando este encontra algum impedi-
mento cegando o trigo, o corta fortemente com a fouce;
por isso Christo apparece primeiro com a fouce na mão,
e a seu tempo a mete na seara, para mostrar aos homens,
que a seu tempo competirá o rigor futuro com a pre-
sente paciencia: Ille qui falce aliquid demetit, vi
eam retrahit, ut quod obvium validè præscindat.
Ecce cur Christus primo apparet falcem manu ten-
nens, deinde cum tempus adest, eam in messem mit-
tit, ut significetur quod quanto magis Christus pa-
tiens, ac longanimis judicium differt, cum tempus
advenerit, eo rigidius illud exercebit. De maneira,
que feitas muitas misões, em que fructificou tão pouca
a palavra de Deos, que só deo fructo a doutrina, que ca-
bio na terra boa, que são os homens de bom coração,
ficando esteril a que cahio aonde foy pizada, comida,
suffocada, e seca: para que na ultima missão, ou se-
menteira se não encontrem tantos impedimentos, se ar-
mour Christo, e aos seus Soldados comi huma fouce, ou
instrumento de ferro para alimparem o campo da Igre-
ja das pedras, dos espinhos, das aves, e dos homens; e
porque não bastarão os ameaços, que fez com a fouce,
ou espada, que tinha na mão, a meteo finalmente na
seara, e com ella segou toda a sementeira da terra: Et
misit falcem in terram, & demessa est terra.

Não disse Christo no Evangelho, nem declara
S. João no Apocalypse, quem são estes segadores, a quem
do Ceo

do Ceo lançou a foice para segarem a terra ; mas no campo de Ourique declarou Christo , que os Portuguezes erão os segadores , que elle escolhera para acompanharem os Pregadores nesta última , e grande missão : Per illos enim paravi mihi messes multas , & elegeri illos in messores meos in terris longinquis. De sorte , que o mesmo Christo com os segadores , ou Soldados preparou a seara : Paravi mihi messes ; e com os Soldados , ou segadores fez tambem a colheita : Elegi eos in messores meos ; porque com as foiceas , ou espadas dos Portuguezes alimpou no tempo passado , e alimpou também no tempo futuro , o campo da Igreja Catholica das pedras , dos espinhos , das aves , e dos mãos homens , que embaraço a seara , e pregação do Evangelho. Por isso Salamao vendo profeticamente os progressos da Igreja neste estado , *descreve defendida com os esquadros de homens de guerra* : Quæ est ista , quæ progreditur quasi Aurora confurgens , pulchra ut Luna , electa ut Sol , terribilis ut castrorum acies ordinata ; porque os Soldados affugentão , ou suguem com as armas os impios , e inimigos de Christo , como escreve o Padre Cornelio Alapide : Melius alij hæc omnia ad progressus Ecclesiæ Christianæ referunt. Tunc enim Ecclesia oppressa sub Antichristo , & impijs , & pene extincta , ab Elia , & Enoch suscitata , confurget quasi Aurora , sensimque increfcet ut Luna , ac tandem radiabit ut Sol splendidissimus , erit que ut castrorum acies ordinata , qui omnes antichristianos , & impios vel profligabit , vel sibi subiget. Mas como os Soldados acompanhando os Pregadores , e as foiceas , ou espadas na companhia da doutrina , se ordenão não a guerra , se não a paz ; porque a espada de Christo se não dessembalha para matar , se não para dar vida , como diz Sylveira , fazendo comparação entre a espada , e a

Cantic. 6. 9.

Cornel. Alapide com. in Cantic. cap. 6. v. 9. fol. 278.

***** ij

fou-

Sylveir. loc. *fouce* : Gladius filij hominis non est ut pereat, sed
cit.num. 302. ut custodiat in vitam; *com estas fources, ou com estas*
fol. 212. *espadas, fugeitarão sem violencia, mas por vontade, os*

Soldados de Portugal todo o Mundo ao seu Rey, e os
Prègadores toda a terra à obediencia de Christo, e do
Summo Pontifice; e assentados então o Pontifice no seu
Throno, e o nosso Emperador no seu Solio, governarão
ambos o Imperio de JESU Christo: o Emperador no tem-
poral, e no espiritual o Pontifice; mas tão conformes, e
tão unidos, como se forão huma pessoa, como sendo dous
homens Moysès, e Aarão, parecião hum só; porque go-
vernavaõ o Povo Hebreo, e a Igreja antiga com huma
Psalm. 76. 21. *só voz, com hum só sceptro, e com huma só mão: In*
manu Moyfi, & Aaron; e por este modo haverà con-
cordia, união, e paz no Conselho do Summo Pontifice,
e do nosso Emperador: E consilium pacis erit inter
illos duos.

Finalmente, chegando o Reyno de Portugal a ser Ca-
beça do Imperio universal de todo o Mundo, e a San-
ta Basilica Patriarchal o throno da Cadeira de S. Pe-
dro, serão os Illustrissimos Senhores vinte e quatro Co-
negos Eminentissimos Cardeaes da Santa Igreja Ro-
mana. Esta conclusão infiro eu das premissas, em que
tão solidamente tenho fundado este discurso; porque se
os Senhores Conegos da Santa Basilica são os mesmos
vinte e quatro Sacerdotes, e Bispos, Anciãos do Apoca-
lypse, que se representam nos Sacerdotes, que antigamen-
te havia no Templo de Hierusalem, como diz Alapide:

Cornel. Ala- Alludit ad viginti quatuor principes Sacerdotum,
pide comm. tot enim erant eorum familiae à Davide distributæ,
in Apoc. cap. ut per vices sacra obirent in Templo; *porque tam-*
4. vers. 4. *bem tinham suas cadeiras; e thronos dentro no Templo,*
solids verdadeiramente angustos, como são os dos Prin-
cipes, e Reis; e como agora tem os Bispos, e os Pontifi-
ces,

ces, por cujo respeito se chamaõ as suas Igrejas Cathedraes: Id est throni augusti, quales sunt Regum, Alapide ibid.
& Principum: nam viginti quatuor Principes Sacerdotum in templo suas habebant cathedras, & thronos, uti jam habent Episcopi, & Pontifices, à quibus vocantur Ecclesiæ Cathedrales; sendo os mesmos vinte e quatro Sacerdotes, e Bispos Anciãos no sentir do Padre Alapide, figura dos Cardeaes da Santa Igreja Romana, chamada vulgarmente Capella do Summo Pontifice, em que se vê a imagem da celeste Hierusalem, donde se derivou, e tirou a Santa Igreja de Roma, como copia de tão perfeito original, segundo conclue o mesmo Alapide: Hosce viginti quatuor seniores representant Cardinales, adeoque thronos, solium, totumque hoc caput eleganter representat confessus (vulgò Capella) Pontificis, in qua videtur imago Cælestis Hierusalem, ut merito ex illa hæc deprompta videatur; bem se segue, que tambem serão Eminentissimos Cardeaes da Santa Igreja Romana os Illustrissimos Conegos da Sacrosanta Basilica Patriarchal, que he tão semelhante à Santa Igreja de Roma, como a Igreja Romana à Cidade de Hierusalem Celeste; porque assim como da Celeste Hierusalem se derivou a Igreja de Roma, da Igreja Romana, como de perfeitissimo original, se tirou a perfeita copia da Sacrosanta Basilica Patriarchal: Ut merito ex illa hæc deprompta videatur. A Santa Igreja de Roma, tambem se chama vulgarmente Capella do Summo Pontifice: Confessus vulgò Capella Pontificis, e atè nesta circumstancia se parece com a Igreja Romana a Santa Basilica Patriarchal; porque sendo antigamente a Capella Real dos Monarchas Lusitanos, ainda hoje he Capella dos mesmos Reys, e o vulgo lhe chama Capella: Vulgò Capella. Porém não só he imagem da antiga Hieru-

Hierusalem, e da Hierusalem Celeste, mas nova Cidade de Hierusalem descida do Ceo à terra, e collocada onde a vem os olhos do Grande JOAM: Ego Joannes vidi Sanctam Civitatem Jerusalem novam descendentem de Caelo à Deo paratam sicut sponsam ornata viro suo. Pergunta o Padre Sylveira neste lugar: porque occultando S. João o seu nome em todas as visões do Apocalypse, o poem só, quando diz que vio a nova Cidade de Hierusalem, descida do Ceo à terra? E responde com S. Bernardo, que como João quer dizer graça, e esta Cidade de Hierusalem he figura do Ceo, e da gloria, que tambem quiz mostrar S. João, que não verá a gloria, nem entrará no Ceo, quem como João não estiver em graça. Nenhuma cousa traz JOAM o Grande mais diante de seus olhos, do que o culto Divino, e o ornato desta nova Cidade de Hierusalem, a quem a sua magnificencia tem dado tanta riqueza, que no Ouro, e Prata, e pedras preciosas excede ao Templo da antiga Hierusalem no reynado de Salamaão; porisso Deos o ama, como amou ao mesmo Salamaão, eternizandolhe o Reyno, dilatandolhe o Imperio, e sobre tudo promettendo a ElRey D. Affonso I. pelo Ermitaão do Campo de Ourique de pôr nelle os olhos de sua misericordia: Posuit enim super te, & super semen tuum post te oculos misericordiae suae; como tambem Deos prometteo a ElRey David pela Propheta Nathan de estabelecer o Reyno, e firmar o throno de Israel em seu descendente Salamaão, segurando, que não apartaria delle a sua misericordia: Suscitabo semen tuum post te: & stabiliam regnum ejus, & firmabo solium ejus: & misericordiam meam non auferam ab eo. E se Deos poz os olhos da sua misericordia em JOAM o Grande, grande fundamento tenho para dizer, que tambem como JOAM está em graça de Deos; porque na graça de Deos

Paralip. 1. 17.

11. 12. 13.

Deos está aquelle Monarcha com quem Deos usa da sua misericordia. Por isso verà a Hierusalem Celeste o mesmo JOAM que vio a nova Cidade de Hierusalem descida do Ceo à terra : Ego Joannes vidi Sanctam Civitatem Hierusalem novam descendentem de Cœlo. Tambem parece que S. João poz o seu nome nesta visão , para mostrar que JOAM havia de ver, o que S. João estava vendo : Ego Joannes vidi, porque JOA Mo Grande vio a nova Cidade de Hierusalem, não sô como a antiga, mas como a Celeste, e Romana, aonde os vinte e quatro Illustriſsimos Conegos, sendo Sacerdotes, são Principes, são Reys, são Bispos, e serão Cardeaes ; e todas estas honras, e dignidades possue VOSSA ILLUSTRÍSSIMA, com virtudes, e merecimentos para ser coroado com a Thiara Pontificia. Deos guarde a VOSSA ILLUSTRÍSSIMA como a Igreja, Portugal, e os criados de VOSSA ILLUSTRÍSSIMA havemos mystér. Lisboa Occidental, 12. de Janeiro de 1730.

ILLUSTRÍSSIMO SENHOR,

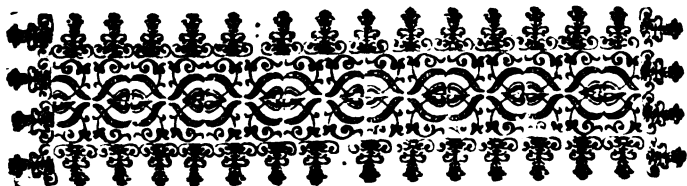
B. AS M. DE V. ILLUSTRÍSSIMA

Seu criado obrigadíssimo.

Anselmo Caetano Munhõs de Auren Gusmão e Castello Branco.

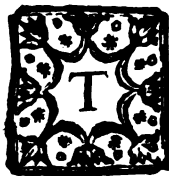
JOHN C. BROWN

1841-1861



PROLOGO GALEATO.

§. I.



O D A a Philosophia nasceo de pa-
 radoxos; porque o seu principio te-
 ve origem na admiração. Sempre o
 que na primeira vista pareceo estra-
 nho, o uso, e facilidade fizeram vil,
 porque tudo he peregrino antes que se conheça.
 As mais notaveis maravilhas de Deos, não suspen-
 dem os nossos entendimentos quando são conti-
 nuas, e cousas muito faceis nos admiraão, e assom-
 braão por desusadas. Daqui nasce, que os homens
 imprudentes julgaão por delirio, o que não alcança
 o seu juizo; porque como passaros sem penna,
 tudo o que he fahir do ninho, em que obtusamen-
 te nasceraão, julgaão por despenho, e precipicio.
 Não são as cousas por admiraveis impossiveis. Os
 homens, que vivem junto às Catadupas do Rio Nilo,
 ouvem o doce murmurar da corrente breve das cla-
 ras fontesinhas entre as areias, e a branda viração do
 Zephro entre as flores, e os que chegaão de novo

2 P R O L O G O

a ver aquelle precipicio de cristaes, nem o soberbo estrondo das ondas despenhadas pòdem perceber, e ficaõ aturdidos do rumor, que os naturaes da terra não eſtranhaõ; e vem-se a defenganar, que não he impossivel à Natureza, tudo o. que he peregrino aos ouvidos. Foy atè agora paradoxo a *Pedra Philosophal*, e serà indecilo problema a realidade da *Chrysopeia*, até que se vejaõ despenhar as agoas do Rio da Prata, e soltar as correntes do Rio do Ouro Preto, e se defenganem com a experiencia os muito circumspectos; porque fez Deos as grandes maravilhas da Natureza, e da Arte, para accommodallas ao juizo dos homens; mas criou o juizo humano, para que admirado com os milagres da Omnipotencia, e com os prodigios da Arte; pudesse accommodar-se à contemplação do seu poder, e para que dentro da esphera dos possiveis, nenhuma cousa, por mais rara, e difficultosa que fosse lhes parecesse impossivel, ou chymerica.

Para persuadir o entendimento humano, a que creya este mysterio da *Philosophia Hermetica*, lhe proporey os meyos, com que o mesmo Deos, (conforme discorre Vieira) lhe facilitou a crença dos Mysterios da Fé Catholica. Argumentando contra a Gentilidade Tertulliano no seu Apologetico disse, que as Fabulas dos Gentios fazião mais crivais os Mysterios dos Christãos. Parece proposição difficultosa; porque as Fabulas dos Gentios, são mentiras, são fingimentos: os Mysterios dos Christãos são verdades infalliveis: como logo pòde ser, que a mentira accrescente o credito à verdade? O mesmo Tertulliano se explicou com o juizo, que costuma: *Fideliora sunt nostra, magis que credenda, quorū imagines*

Vieira Part.
1. fol. 167.

Tertullian.
Apol. cap. 21.
& 23.

nes quoque fidem invenerunt. As Fabulas dos Gentios, se bem se considerão, são huns arremedos, são humas semelhanças, são humas imagens, ou imaginações dos Mysterios Christãos; e se os Gentios derao se ao arremedado sómente dos nossos Mysterios, porque a não haõ de dar ao verdadeiro delles? Se cre- raõ, e adoraraõ os retratos, porque haõ de duvi- dar a crença, e negar a adoração aos Originaes; *Fideliora, magisque credenda, quorum imagines quo- que fidem invenerunt?* Com a sua mesma Idolatria, está convencendo a razão aos Gentios, para que não possaõ negar a Fè; porque nenhuma cousa lhes propoem tão difficultosa de crer a Fè, que el- les a não tenham já concedido, e confessado nas suas Fabulas. Daqui se entenderà a razão, e pro- videncia altissima, que Deos teve, para permittir a Idolatria no Mundo. E qual foy? Para que a mes- ma Idolatria abrisse o caminho à Fè, e facilitasse no entendimento dos homens a crença de tão al- tos, e tão secretos Mysterios, como os que Deos tinha guardado para a Ley da Graça.

Assim como Deos neste Mundo criou hum só homem, para Pay de todos os homens, que foy Adam, assim fez outro homem para Pay de todos os crentes, que foy Abraham. A hum deu o pri- mado da Natureza; a outro a primasia da Fé. Mas esse mesmo Abraham, se bem lhe examinarmos a vida, acharemos, que antes de crer no verdadeiro Deos, foy idolatra: *Thare pater Abrahæ, & Na- chor, servieruntque Diis alienis.* Pois idolatra Abra- ham, que ha de ser Pay de todos os crentes? Sim, e por isso mesmo. Permittio Deos, que o Pay da Fè fosse filho da Idolatria; porque a Idolatria he de- grão

Josue 24.2.
Masius hic:
Phil. lib.
de Abrahæ.
Genebrard.
& Hebræi.

grão, e successão para a Fè. A porta da Fè he a credulidade, como dizem os Theologos ; porque antes de huma cousa ser crida , hà de julgar o entendimento, que he crível : e isto he, o que fez a Idolatria no Mundo, vindo diante da Fè. A Idolatria semeou a credibilidade; e a Fè colheo a crença : a Idolatria com as Fabulas começou a fazer os Gentios credulos ; e a Fè com os Mysterios acabou de os fazer crentes : como a Fè he crença de cousas verdadeiras , e difficultosas : a Idolatria facilitou o difficultoso, e logo a Fè introduzio o verdadeiro. As repugnancias, que tem a Fè, he o grande, o arduo, o escuro, e o sobrenatural dos Mysterios : crer o que não vejo, e confessar o que não entendo : e estas repugnancias já a Idolatria astinha vencido nas Fabulas, quando a Fè as convenceo nos Mysterios.

Com estes dous exemplos diante dos olhos, facilmente conhecêraõ os entendimentos , que se Deos os convenceo antigamente com o fingimento das Fabulas, e com os erros da Idolatria, para depois crerem como infalliveis as verdades, e realidades dos Mysterios da Fè ; que tambem pòdem, e devem crer nos mysterios da *Philosophia Hermetica*, allumeados primeiro com os Mysterios da Fè Catholica. Se a mentira, e o engano facilitarão a crença da verdade ; porque não facilitará a verdade a credulidade do que não he engano , nem mentira? Crerão os entendimentos Gentilicos, e Idolatras; que Ariadne se convertera em Estrella, Jupiter em Touro, Cesar em Cometa , Neptuno em Delphim, Echo em Voz, Acis em Rio, Arethusa em Fonte, Alcione em Ave, Syra em Pombo, Adonis

nis em Flor, Athlante em Pedra, Daphne em Louro, Adamas em Diamante, Apollo em diversas formas, e Protheo em varias figuras; por isso lhes ficou facil de crer a conversão da Mulher de Lot em huma Estatua de Sal : a conversão da Vara de Moysês em huma grande Serpente : a conversão das agoas do Nilo em verdadeiro sangue : a conversão da luz do Sol nas escuras trevas do Egypto : a conversão da Pedra de Horeb em copiosa Fonte de agoa : a conversão da Serpente na prodigiosa Vara de Moysês : a conversão do Fogo do Altar em pouca agoa congelada : a conversão da mesma agoa em labaredas de Fogo : a conversão da Agoa de Canna em generoso Vinho, e a conversão do Vinho, e do Pão Sacramentado em verdadeiro Corpo, e Sangue de Christo, como depois da diffinição dos Concilios Tridentino, e Florentino escreveu o grande Philosopho, e mayor Theologo Francisco Soares, da Sagrada Companhia de JESUS : *In Eucharistia, ubi intervenit vera conversio Panis, & Vini in Corpus, & Sanguinem Christi.* Pois se Deos, que he Author da Natureza, a qual imita tão perfeitamente a Arte, em todas as suas producções, e operações, obrou com a Omnipotencia conversões tão milagrosas, paraque o entendimento humano se accommodasse à contemplação do seu poder, conhecendo, e crendo, que ao braço Omnipotente nenhuma cousa, por mais ardua, e admiravel que fosse, era impossivel: porque não crerá tambem agora, que a Arte imitadora da Natureza pôde obrar grandes, e iguaes maravilhas, quando a Natureza ensina a Arte, e a melhor, ou a mais facil mestra da Fè, he a mesma Natureza.

P. Soar. Lus.
Tract. de Gen-
ner. & Corup.
Sect. 3. §. 1. n.
47. fol. 7.

Os

Vicira Part. I.
fol. 191.

Os Prophetas (continua, ou prosegue Vieira) que foraõ os que prègarão, e ensinarão os Mysterios da Fè aos homens, não os mandou Deos ao Mundo ao tempo da Ley da Natureza, senão no tempo, que se seguio depois della, que foy o da Escrita. E porque? Douta, e aviadamente Tertulliano: *Premisit tibi Naturam magistram submissurus, & prophetiam, quò facilius crederes prophetiæ discipulus naturæ.* Deo Deos primeiro aos homens por mestra a Natureza, havendolhes de dar depois a Prophecia; porque as obras da Natureza são rudimentos dos Mysterios da graça; e muito mais facilmente aprenderiaõ os homens, o que se lhes ensinasse na Eschola da Fè, tendo sido primeiro discipulos da Natureza; *Quo facilius crederes prophetiæ discipulus naturæ.* Se queres ser Mestre na Fè, fazete discipulo da Natureza; porque os exemplos da Natureza te desatarão as difficuldades da Fè. Com a Fè ser sobrenatural, a melhor, ou a mais facil Mestre da Fè, he a Natureza. Pois se a Natureza ensina aos homens os Mysterios sobrenaturaes, como não ensinarà os artificiaes aos Hermeticos? Ensinã a Natureza aos Philosophos a intelligencia das Prophecias, e não ensinarà melhor as Philosophias aos homens? Pòde a Natureza ensinar-lhes o mais difficil, e não lhe poderà ensinar o mais facil? Ha de poder a Natureza o mais, e não ha de poder o menos? Toda a difficuldade, que os Philosophos Academicos de Platão, ou Peripateticos discipulos de Aristoteles, pòdem achar na operação da *Chrysopeia*, e *Argyropeia*, he a transformação das substancias metallicas em Prata, e Ouro; porque conforme os verdadeiros Axiomas da Phi-

Philosophia, são immutaveis as effencias, e natur-
 rezas de todas as cousas; e com tudo lhes ensina a
 Natureza o contrario na nutrição natural do cor-
 po humano, convertendo em poucas horas o pão,
 e agoa em verdadeiro sangue, em que se acha co-
 lera amarella como Ouro, e Phleuma tão branca
 como Prata; e como a Arte imita a Natureza,
 tambem converte humas em outras substancias.

Isto se prova com a industriosa operação de
 alguns *Chymicos*, que dentro de hum vaso de vidro
 fizerão artificialmente chylo, e sangue, lançando
 sobre alguns alimentos, hum licor subacido vola-
 til, ajudando a sua operação com hum calor mo-
 derado. O celeberrimo Boyle, não só fez chylo,
 mas sangue da carne de hum frangaõ dissolvido,
 e fermentado com acidos vitriolicos, e outros
 menstruos, ajudando esta operação com hum ca-
 lor, e quasi natural, como elle escreveo por estas
 formaes palavras: *Beneficio menstrui cujusdam aci-* Boyl. in util.
di, ex vitriolo artificiose parati, carnes pulorum transi- Philos. Ex-
mutari, accedente blando calore, in licorem instar cu- per. P. 2. fol.
jusdam chyli, qui licor affusione menstrui alius me- 20.
diante digestionis transmutatur in licorem rubicundissi-
imum instar sanguinis. A operação do Magisterio
 de enxofre he hum claro espelho, em que se pó-
 de ver, o que tão occultamente succede dentro no
 estomago, e veyas na elaboração do chylo, e na
 transmutação da substancia chylósa em perfeito san-
 gue; porque do mesmo modo, que o enxofre re-
 duzido a Magisterio, ou a póis subtilissimos se faz
 branco: assim os alimentos estando bem fermenta-
 dos, e atteniada a sua substancia dentro no estoma-
 go, se convertem em branco chylo, e do mesmo
 modo,

modo, que o enxofre totalmente desfeito he de cor vermelha: assim as partes do chylo estando totalmente exaltadas, e desfeitas, por repetidas circulações dentro das veias, e arterias, se fazem rubicundas, transformando-se em perfeitissimo sangue.

Esta substancia rubicunda, ou sangue se converte em materia nos apostemas, ficando nelles de cor branca; porque o acido preternatural, que nelles encontra, havendo-o quasi fixado, e reunindo as suas partes inseparaveis, lhe faz tomar a cor alva do chylo; do mesmo modo, que o licor acido, que se lança sobre a dissolução vermelha do enxofre, lhe faz tomar cor de leite. Este pensamento se confirma com esta admiravel experiencia. Fervendo-se em hum vaso de vidro, ou de barro hum parte de chylo, ou de leite, misturado com duas partes de oleo de tartaro feito por diliquio, o licor, que era branco, se faz logo vermelho; porque o Sal de tartaro rarifex, e inteiramente dissolve a parte mais oleosa, ou sulphurea do leite, e do chylo, convertendoa em hum especie de sangue, o qual será mais vermelho, e mais crasso, conforme a sciencia do Artifice, e a repetição das circulações. Mas de qualquer modo, que se faça esta operação, sempre verá os olhos, o que por falta do conhecimento della costumão negar os entendimentos, persuadindo-se erradamente, que não pôde a Arte imitar nas suas operações as obras da Natureza, sendo certo, que assim nesta como em outras muitas, obra tão perfeitamente como ella. De hum ovo tira a Arte hum frango, como o tira a galinha por natureza. Todos sabemos, que ha Cinnabrio, e Alambre artificiaes, tão me-

medicinaes, e perfeitos, como os naturaes. Já Plinio fez menção de Sal natural, e artificial, como se pôde ver no seu Livro trigefimo primeiro. Em Polonia ha Sal mineral, e em França ha Sal artificial, com as mesmas propriedades, efficacia, e natureza do nosso Sal marino, como se pôde ver em Thomaz Arfoncino, tão grande Jurisconsulto, como acerrimo defensor da *Pedra Philosophal*. Por isso o grande Philosopho Aristoteles affirma, que a Arte imita perfeitamente a Natureza, vendo que por ella se fazem, e aperfeiçoão muitas cousas naturaes, como são o colehotar, e o calcantho. Isto se prova evidentissimamente com a experiencia, que referem Bechero, e Digbeo de hum grão de cevada artificialmente nutrido, e preparado, o qual com esta industria produzio duzentas, e quarenta e nove altas, e dezoito mil grãos. Não leyo semelhantes exemplos da Natureza, ainda que me lembre da fertilidade do Egypto, onde por testemunho da Escritura, houve tanta abundancia de trigo, que no tempo em que o governava Joseph, igualava às areas do mar: *Tantaque fuit abundantia tritici, Genes. 41. 49. ut arena maris coquaretur.* E se nas terras mais férteis do Mundo não produz tanto a Natureza, como desta vez produzio ajudada pela industria da Arte, bem se fegue, que a Arte não só imita a Natureza, conforme diz Aristoteles, mas que tambem algumas vezes nas suas operações a excede, como experimentou Santo Alberto Magno: *Cum Sanct. Alberti: scirent, & intelligerent quod naturam superaret; con- Magn. Libell, de Alchym. in Præf. §. cum, fol. 1.* vertendo os Metaes imperfeitos em Prata, e Ouro, o que não pôde fazer a Natureza, depois de estarem arrancados da mina: *Inveni esse possibilem trans-*
muta-

Manget. in
Præfact. ad
lector. To-
mo 1. Biblio-
th. Chemic.
§. Nec.

Bluteau Vo-
cabul. Tom.
6. fol. 358. &
Tom. 7. fol.
514.

Psalm. 102.
7.

mutationem in Solem, & in Lunam; e transformando com mayor admiração, e difficuldade o espirito de vinho alcoolizado em terra, os sayes volateis accerrimos, em agoa insipida, os ramos, e folhas das arvores, em Pedras, e Ferro; e o Ferro em verdadeiro Cobre, como com experiencias proprias, e alheyas affirma o grande Medico Mangeto: Nam si spiritus vini defecatissimus, & maxime alcoolisatus, totus quantus, & servato eodem materie pondere, in terram; si salia volatilia accerrima, in aquam insipidam; si arborum frondes, & rami, in lapideum, ac ferruginosum quid; imò si etiam, ut ad metalla transeam, ferrum in cuprum per novam particularum insinuationem, converti queant, ut tum propria, tum aliena experientia plusquam probatum credimus. E só pela industria da Arte Magna não são frêquentes, e manifestas muitas outras conversões, he por ignorancia, ou perguiza dos Artifices; porque alguns, que forão diligentes, e sabios, com a sua grande sciencia, e trabalho, descobriraõ novas, e inauditas maravilhas; sendo a mais rara, e plausivel de todas, o invento da Pedra Philosophal, que não só converte os Metaes viz, e imperfeitos, em perfeitissimo Ouro, e finissima Prata; mas excedendo às admiraveis virtudes da Pedra Iman, que como escreve Bluteau, tomada em certa quantidade preserva da velhice; transforma as molestias em faude mais perfeita, do que a de Senofilo Musico, que viveo cento e seis annos sem nenhuma enfermidade; convertendo a idade decrepita na mocidade florente, conforme a outro intento cantou David: Qui replet in bonis desiderium tuum: Renovabitur ut aquila juvenus tua; e como já creraõ os Gentios nas Fabulas de Eson,

e de

e de Midas; porque deste affirmão, que convertia em Ouro quanto tocava com as mãos; e daquelle dizem, que de velho decrepito, se transformara em florido mancebo.

§. II.

Como a empreza deste Prologo he convencer a incredulidade dos entendimentos, defendendo a possibilidade, e existencia da *Pedra Philosophal*, e desfazendo todas as duvidas, que nos *Dialogos* não oppoz Enodio a Enodato, por não confundir a conversação com Philosophicas disputas, quero nelle provar, e confirmar fundamentalmente a *Philosophia Hermetica* da *Chrysopeia*, não só com a *Peripatetica*, mas tambem com a razão, e experiencia, para delvanecer totalmente as difficuldades, que fazem incrivel a existencia da *Chrysopeia*. Imitando, pois, e seguindo o costume, e o estylo dos Philosophos, que logo no principio das suas controversias diffinem as materias, que disputaõ, digo com Sennerto, que merecendo só o nome de *Chymicos* os *Hermeticos*, que transmutaõ os Metaes viz em Prata, e Ouro, e dos Metaes; e Mineraes, como tambem dos Vegetaveis preparaõ utilissimos remedios para conservaçaõ da saude, e não os Artifices mecanicos, que trabalhaõ nos Metaes, e Mineraes para diferentes usos: *Usus fere obtinuit, ut non quisvis sine discrimine, qui circa metalla, & mineralia occupantur, & serviles operas in iis præstant, hodie Chymici appellantur: sed ij solum, qui metalla viliora in aurum & argentum transmutare conantur; vel utilia medica-*

b ij

D. Sennert.
Tom. 1. de
Chym: cum
Arist. & Ga-
len. conf. ac
diff. cap. 1.
fol. 180.

menta

menta ex metallis & mineralibus elaborant, ut & qui ex vegetabilibus artificiosè idem præstant : estes nobilissimos Philosophos são aquelles Sabios, aquem só chamarey humas vezes *Chymicos*, outras *Hermeticos*, algumas *Adeptos*, e poucas vezes *Alquimistas*; porque derivando-se este nome de *Al'chymia*, que significa *Chymia* elevada, ou sublime, não he tão conhecido, e nomeado no Mundo como o dos *Chymicos*; por isso diffinirey a *Arte Magna*, chamando-lhe não *Alchymia*, senão *Chymica*. He a *Chymica* humia Arte de resolver os corpos naturaes compostos, ou os concretos naquelles principios de que se compoem, para com a resolução ficarem mais puros, e com mayores, e mais efficazes virtudes, de tal sorte, que sirvaõ ao Medico como remedios mais uteis, e excellentes, para evitar as doenças, curar as enfermidades, dilatar as vidas, e purificar, e transformar os Metaes em Prata, e Ouro : *Est nimirum ars corpora naturalia composita, sive concreta in ea, è quibus naturaliter constant, resolvendi, resolutaque pura, & viribus validissima reddendi, ut utilia Medico præbeant remedia, vel metallorum perfectionibus, & transmutationibus inserviant.* Esta Arte, ou os seus effeitos, que a razão persuade a muitos ser impossivel, mostra ser possivel a experiencia, como escreve Daniel Sennerto : *Et si verò ea plurimis impossibilis videatur : testatur tamen contrarium experientia.* Sobre esta experiencia entrará logo mais confiada a razão, porque se como neste lugar discorre Sennerto, he grande temeridade contradizer com a razão a experiencia, sobre a experiencia deve o Philosopho indagar os Phenomenos, e descobrir as causas com a subtileza da razão : *Præterea & hoc caven-*

Sennert. loc.
cit. cap. 1.
fol. 182.

Sennert. loc.
cit. cap. 2. fol.
182.

cavendum, ne experientia ratio temerè præjudicet, sed primò danda opera, ut de re per experientiam confitet, postea ejusdem rationes inquirantur. A razão pois natural de toda esta admiravel Philosophia he, porque todo o ente imperfeito, e incompleto, que se altera, aperfeiçoa, e enche com alguma cousa, ou agente, que o aperfeiçoa, e purifica, se pôde purificar, e aperfeiçoar cada vez mais, atè adquirir o ultimo termo da sua natural perfeição, transmutando-se dentro do seu mesmo genero de imperfeito em perfectissimo: *sed sic est*, que os Metaes impuros a respeito do Ouro, e da Prata, só differem entre si por imperfeitos, e incompletos, e se pôdem aperfeiçoar cada vez mais pela *Arte Magna* atè chegarem ao ultimo complemento, e perfeição natural, dentro do mesmo genero, isto he, atè serem Ouro, ou Prata, que he a mayor, e ultima perfeição dos Metaes: Logo todos os Metaes imperfeitos, e incompletos se pôdem aperfeiçoar pela *Arte*, atè que finalmente chegando à sua mayor perfeição, e complemento, se convertaõ em Prata, e Ouro. A *mayor* deste sylogismo confessa Aristoteles tratando da geração, e corrupção, como tambem no primeiro da *Metaphysica*, e no setimo dos *Topicos*, e o vemos por experiencia na geração dos animaes, a qual cada vez mais se aperfeiçoa, atè finalmente adquirir a sua ultima perfeição. A *menor* provaõ os *Chymicos* com muitas experiencias, aperfeiçoando os Metaes, como vemos todos os dias; e se a mayor, e menor estaõ provadas, ou concedidas, não importa, que me neguem a consequencia, porque a negação sem fundamento merece tanto credito, como se deve dar a quem differ, que o Sol não

naõ luz, o fogo naõ queima, e a agoa naõ molha.

Prova-se mais a transmutação dos Metaes, conforme discorre Theophilo traductor, e illustrador de Æireneo Philalera; porque sendo, segundo ensina a Eschola Peripatetica, a materia indifferente para todas as formas, se o Artifice encontra com o agente proporcionado para nella introduzir a forma de Ouro, ou Prata, applicando-o com acerto, logrará sem duvida a producção, ou educação da dita forma. Confirma este discurso com a famosa experiencia da transmutação do Ferro em Cobre, por meyo da Pedra Lipis, ou Vitriolo azul, da qual se segue a possibilidade, e realidade da transmutação dos Metaes. Este argumento tomado da indifferença da materia para todas as formas, ainda que posto por Theophilo só nos termos da Philosophia de Aristoteles, ainda tem mais sensível força no Systema de Descartes; porque como na Philosophia Cartesiana, a variedade dos mixtos consiste sómente na varia textura, e configuração das suas partes, tem conforme este Systema, menos que trabalhar o Artifice, para conseguir a producção de qualquer mixto; porque naõ he necessario eduzir da materia aquelle novo ente, que os Aristotelicos chamaõ Forma substancial, basta só variar a textura, e figura das partes, o que igualmente, e ainda com mais propriedade he da jurisdicção da Arte, que da Natureza. Por isso dizem alguns Neotericos, e dizem a verdade, que a composição dos mixtos naturaes, como explica Descartes, he mais artificial do que natural; porque a forma dos compostos artificiaes naõ consiste sennão na contextura, e configuração das partes, que concorrem para a sua composição.

Por

Por esta razão, para provar a possibilidade do Ouro artificial com argumento commum a todo o Systema Philosophico, he preciso fórmallo, não sobre a materia primeira, ou remota do Ouro, senão sobre a proxima. He certo, que na formação dos mixtos de todos os tres Reynos Animal, Vegetavel e Mineral, a Natureza não usa immediatamente da materia nua de toda a forma, nem tão pouco della collocada debaixo de qualquer forma indifferentemente, mas da materia collocada debaixo de alguma forma determinada, a qual se ha como preludio, ou preliminar da forma do mixto, que se intenta. Assim se forma o animal da materia collocada debaixo da forma de Embrião, e a planta da materia collocada debaixo da forma de semente. A materia proxima dos Mineraes não occorre aos nossos sentidos de maneira, que possamos ter certeza do que he; porém não ha duvida, que a proporção, tambem tem sua materia seminal; e em quanto aos Metaes, muitos Philosophos julgaõ, que se geraõ de verdadeira semente, sendo por este modo rigorosos Vegetaveis, donde veyo chamaremos sem receyo de impropriedade Planetas subterraneo. Mas sejam, ou não sejam Vegetaveis os Metaes, com tudo não se pôde negar, que precede immediatamente à sua geração, a materia debaixo de alguma determinada forma, com a qual faz huma massa, que vem a ser como semente, rudimento, ou preludio do composto metallico, que a Natureza intenta. Séja esta massa composta de vapor, ou exhalção, como quer Aristoteles; ou de Enxofre, e Mercurio, como pertendem os Chymicos; ou de Acido, Alkali, e Enxofre, como sentem muitos Mo-

Modernos, em qualquer destas sentenças se verifica o nosso assumpto. He tambem certissimo, que ha algum agente determinado, o qual obrando sobre esta materia proxima, a reduz ao *fermetallico*. Sobre estas innegaveis supposições, tórma o subtilissimo Feyjoo, de quem tirey esta doutrina, hum fortissimo argumento por este modo : Pòde a Arte applicar aquelle agente, seja qualquer, que for, o qual tem actividade para formar Ouro, ou Prata, aquella materia proxima de que a Prata, e o Ouro se formão : logo pòde a Arte fazer Ouro, e Prata. A consequencia he evidente, e o antecedente innegavel, porque suppondo, que ha na Natureza aquelle agente, e aquelle passo, que se pòdem applicar hum ao outro, que repugnancia se pòde assignar, para que a diligencia humana os conheça, e applique? Roberto Boyle refere como cousa certa, e constante, que hum *Chymico* do seu tempo, que se andava cansando nos alcanços deste grande segredo, logrou em hum a occasião hum a pequena porção de Ouro, mais por accidente, do que por Arte; porque repetindo depois a mesma operação sobre a mesma materia, não conseguiu o effeito desejado, e pertendido, por falta sem duvida de alguma, ou muitas circumstancias, que observa sempre nesta obra a Natureza, e pòde tambem alcançar a Arte, obrando com sciencia, o mesmo que fez o *Chymico* por acaso. O que se fez a primeira vez por acaso, se repete depois muitas vezes por artificio; porque facilmente execura a Arte, o que lhe ensina hum a casual experiencia. Assim inventarão casualmente Berto!do Schuvar o artificio da polvora : Jacobo Mecio o invento do Telescópio :
por

por acaso se descobrio o uso da Agulha, tocada da Pedra Iman, para observar o Polo, com tanta utilidade da Nautica; de sorte, que isto de inventar, ordinariamentê he huma mera, e casual felicidade, em que aos chamados inventores succede o mesmo, que ao rustico Lavrador, que arando o campo, descobre nelle hum thesouro.

Prova-se tambem a transmutação dos metaes com esta natural paridade : a Arte faz as mesmas tintas, que nas suas minas cria a Natureza : logo tambem pôde fazer os Metaes, que a Natureza cria nas minas. O antecedente confessa Aristoteles, dizendo, que a Arte faz o calcantho, ou colchotar, que são humas tintas naturaes, e mineraes; e confessando o antecedente, estimara ouvir a algum Peripatetico seu discipulo a razão da disparidade. A'lem do que, he certo, que pela Arte se faz a Pedra hume, chamada de Rocca, que he mineral creado tambem pela Natureza : logo tambem pôde fazer Ouro, e Prata, que a Natureza cria nas entranhas da terra. E a razão disto he, porque todo o Ente indigesto, e ordenado a digestão, e todo o Ente, ou substancia impura, mas habil para se purificar, se pôde digerir, e purificar; os Metaes imperfeitos, alguns são indigestos, e impuros, como vemos no Estanho, e no Chumbo, e alguns somente são impuros, como he o Cobre, e o Aço, porém habeis, e dispostos para a sua digestão, e purificação completa : logo podem completamente digerir-se, e purificar-se por beneficio da Arte ; e como a completa digestão, e depuração nos Metaes, he serem, ou chegarem a ser Ouro, ou Prata : segue-se, que chegando a este termo de digestão, e depura-

Aristotel. 4.
Meth. cap de
corp. miner.
& de atra-
ment.

ção, que pela Arte em Prata, e Ouro, como nas Minas, se transforma. E daqui se segue, que se a *Arte Magna* purifica os Metaes impuros, e imperfeitos, tambem purifica os corpos humanos, convertendo-lhe a idade de Ferro em idade de Ouro.

Confirma-se finalmente este discurso com outro puramente Philosophico. He possivel, que pela Arte puramente natural se pòde fazer huma *Pedra*, ou *Tinctura*, que não só converta em Ouro, ou Prata todos os Metaes imperfeitos, e impuros; mas que tambem infinitamente os multiplique, a qual preserva de todas as molestias, cura todas as enfermidades, e prolonga por muitos seculos a vida; porque na sua existencia, e realidade não ha implicancia da parte da Natureza, nem da parte do fugeito, ou *Semente aurifera*, nem da parte do Artifice, nem da Arte, nem finalmente da parte do homem, e muito menos da parte de todas estas cousas reduplicativamente tomadas: logo naturalmente he possivel a *Chrysopeia*, que converte os Metaes viz em Ouro, e a *Argyropeia*, que os transforma em Prata; e se não he impossivel este raro, e natural effeito do *Lapis*, facilmente alcanção os sabios este segredo; porque se do mais difficil para o mais facil val o argumento dentro da mesma materia; como do acto para a potencia, não deixarão os *Chymicos* peritos, e sabios na *Philosophia Hermetica* de transmutar os Metaes viz em Prata, e Ouro, por ser mais facil transformar a materia, que em todos os Metaes he sempre a mesma, quando como scientes na *Arte Magna*, transformão atè as substancias diversas na materia, que he operação muito difficil-tosa, mas vencida facilmente pela Sabedoria, e segre-

gredos da *Arte Magna*, com que converterão as suas varas em Serpentes os famosos Magos do Egypto?

§. III.

Contra esta parte da *Philosophia Hermetica* se levanta o mayor Antagonista da *Chrysopoeia*, o Reverendissimo Padre Mestre Athanasio Kircker, Varão grande entre os mayores, não só da sempre illustre, esclarecida, e doutissima Religião da Companhia de JESUS, mas de todo o Orbe Literario, a quem antes de o impugnar, faz João Zwelfer, Medico do Imperador Leopoldo I. este pequeno elogio para o seu grande merecimento: *Ex professo, & acerrime impagnat, & eliminare nititur. Magnus ille Societatis Scriptor, & Presbiter Pater Athanasius Kircherus, vir incomparabilis doctrinae, ac talenti, multisque ævo nostro arcanis tomis, luculenter editis, conspicuus*; porque para elogiar Varão tão Sabio, os mayores hyperboles são limitados panegyricos. He a sagrada Religião da Companhia de JESUS, aquella Casa, que para si edificou a Sabedoria: *Sapientia edificavit sibi domum*; e o Reverendissimo Padre Kircker he huma das mais solidas, e firmes columnas, que com o *Nonplus ultra* das sciencias, e virtudes sustenta melhor que Atlante o Ceo, este doutissimo, e celestial edificio; porque como escreve Caramuel, foy *Divinitus edoctus*. Mas assim como os Apostolos da Companhia de JESUS, quando passarão com seu Divino Mestre pelas searas alheas, não colherão todas, senão algumas espigas; *Discipuli autem ejus esurientes, cæ-*
c ij *perunt*

P. Kircker. Mund. Subter. tom. 2. lib. 11. sect. 2. cap. 1. de lapid. Philosoph.

Zwelf. Mantif. Spag. Part. 1. cap. 1. fol. 324.

Proverb. 9. 1.

Matth. 12. 1.

perunt vellere spicas ; porque só principiarão, ou começaraõ a colher : *Ceperunt vellere* ; assim este grande Apostolo não colheo todas as espigas, quando meteo a mão na seara alheya ; porque estudando, trabalhando, e escrevendo doutissimamente da *Chymica*, não pode averiguar o segredo, nem descobrir o invento da *Pedra Philosophal*, de que resultou escrever acerrimamente contra a verdade da *Chrysopeia*, cujos argumentos seraõ agora fundamentos desta disputa, com os quaes o intentarey vencer, como David ao Gigante Golias, com o golpe desta *Pedra*, e com a sua propria espada.

Para proceder com mayor clareza, supponho primeiro com o grande Medico Paracelso, que na rigorosa transformação perdem as cousas transformadas a sua propria fôrma, e recebem outra de novo, como vemos nas transformações do pano em papel, da pelle em grude, do pão em cinza, do Metal em pedra, e da cinza em vidro. Esta rigorosa transformação não admite o Reverendissimo Kircker nas especies dos Metaes, e com este fundamento nega os effeitos, e por consequencia a verdade da *Chrysopeia*. Demos agora forças a esta sua opiniaõ, para com a victoria ser mais plausivel este *Hermetico* triumpho. Os *Hermeticos* mudaõ os Metaes quanto aos accidentes, e não quanto às especies : ficaõ semelhantes na apparencia, e não na realidade, como realmente sendo muito diversos, são tambem muito semelhantes o *Sal commum*, e o *Sal Armoniac*. Se os Metaes diffiriraõ accidental, e não essencialmente huns dos outros, seria taõ facil a sua transmutação, como mudarem-se os accidentes ; mas como differem pelas especies, he taõ imposs.

impossível a sua transformação, como a mudança das essências. Neste sentido tão impossível he transformar Ferro em Prata, ou Cobre em Ouro, como converter hum Leão em Tygre, huma Pomba em Aguiã, huma Maçã em Pera, hum Pessego em Figo, e hum Melaõ em Laranja, como discorre Thomaz Erasto, Medico do Emperador Rodolpho, aquem convence Claveo, insignifimamente Francez, com huma doutissima apologia, que anda impressa no Segundo Volume do Theatro Chymico.

A reposta do grande Medico Hespanhol, ou Francez Arnaldo de Villanova, recebida por Raimundo Lullio, e outros Philosophos *Hermeticos*, que dizem não se transformarem as especies, se não os individuos, não satisfaz aos argumentos contrarios. Confessaõ os *Hermeticos*, que a *argenteidade* se não commuta em *auridade*; mas affirmão, que o Ouro se transforma em Prata. Isto porém he tão difficuloso de provar, como a transformação de huma Balea em hum Delphin, ou de hum Elephantem em hum Camello. Se hum individuo se convertèra em outro, tambem as especies, e differenças individuanes ficariaõ transformadas, como a *Petreidade* em *Pauleidade*, se Paulo se convertera em Pedro. Para responder a este argumento, ou desatar cortando este nó Gordio, supponho tambem com a commum opiniaõ de todos os Philosophos Peripatericos (que são os mais escrupulosos, e os menos illustrados com a noticia das transmutações, que faz a *Chymica*) que ha verdadeira conversão de huma em outra substancia, como consta da sua mesma diffinição: *Est transmutatus*

P. Soar. Luf.
loc. cit. num.
39.

fitus unius rei in aliam; e se a *Pedra Philosophal* não he outra cousa senão huma tinctura, ou pô branco, e outras vezes vermelho, da mesma cor do açafraão pizado, e reduzido a pô subtil; tão resplandecente como vidro triturado, a qual tinctura converte os Metaes impuros em Prata, ou em Ouro, e as enfermidades em saúde, que he o mesmo, que converter huma cousa em outra: *Est transitus unius rei in aliam*: admitindo os Peripateticos esta conversão em todas as cousas, ou substancias criadas; porque o genero comprehende a todas, e não exclue a nenhuma das suas especies, não podem negar a mesma conversão nas especies dos Metaes, e dos humores, a que os *Hermeticos* defensores da *Chrysopeia* chamaão por outro nome transmutação da enfermidade em saúde, e dos Metaes imperfeitos em Ouro, ou Prata perfeitissimos.

He tão certa esta Philosophia entre todos os Philosophos Aristotelicos, e Academicos, que o mesmo Kircker, inimigo declarado da *Philosophia*, e *Medicina de Hermes* ingenuamente confessa, que nenhum Philosopho a duvidou até agora; admitindo tambem, que o Ouro se faz sujeito de outra differente especie: *Aurum fit subiectum alterius speciei, de quo nemo Philosophorum hucusque dubitavit*. Mas ao mesmo tempo, que confessa a transformação do sujeito, nega incoherentemente a conversão das especies; lembrando-se no mesmo lugar, de que determinava escrever em outra parte, que huma herva se transforma em outra, o succo das plantas se transmuta em varios insectos, os brutos mortos se convertem em animaes vivos, os alimentos se commutão em sangue, e as cinzas se cris-

crystalizaõ em vidro , que sãõ indissolueis argumentos contra a sua Philosophia , e muito solidos fundamentos da *Pedra Philosophal*. Para isto se perceber melhor , devemos advertir , que por dous modos , conforme escreve o meſmo Kircker , se pôde considerar a metamorphose , ou transformação de huns em outros Metaes , a que o doutiſſimo Padre chama transformação propria , e immediata , ou mediata , e impropria transformação : na transformação impropria , e mediata por falta de aptidão para a permutação , de ſujeito commun , e permutavel , e de ſujeito immediato da acção permutante , mas feita por outro diverſo ſujeito , ſó as eſpecies , ou accidentes ſe pôdem mudar : *Hoc autem pacto ſpecies , & accidentia tranſmutari poſſunt*. Não pôde por eſte modo tranſmutar a argenteidade na auriidade , nem a eſpecie abſtrahida do Ouro ſe pôde transformar in abſtracto na eſpecie de Prata ; porque eſtas eſpecies abſtrahidas dos ſeus individuos eſtão iſentas de toda a permutação ſenſivel , excitada pela compoſição , accreſcimo , ou contrariiedade , que as transformão ; mas accidental , e impropriamente ſe pôdem transformar pelo inſtrumento do fogo : *Sed per accidens quidem , & improprie , & mediate verbi gratia igne tranſformantur*. E na transformação propria , e immediata , que tem aptidão da ſua immutabilidade , ſujeito commun , que repugne à converſão , ou mutação , e que admite qualquer ſujeito , que activamente transforme , tranſmutarſeão os individuos , e não as ſuas eſpecies : *Hoc autem pacto ſpecies mutari impoſſibile eſt ; ſed ſpeciei dumtaxat illius individua*. E conſideradas as transformações por qualquer deſtes

tes dous modos , que propoem o Reverendissimo Padre Kircker, nunca este grande Philosopho poderà com elles provar a impossibilidade da transformação dos Metaes feita pela *Chrysopeia*; porque se admite a conversão propria, e immediata quanto aos individuos , e não quanto as especies abstrahidas, concede a transmutação, que os *Hermeticos* defendem, e praticão, e a razão he , porque elles fazem a transformação de entidades phisicas , e não de especies metaphisicas. Fazem as suas operações reaes , ou à *parte rei*, aonde não hã, nem pôde haver especies abstrahidas, senão os individuos, que são o objecto , e sujeito das transformações. E se pelo contrario admite a transformação impropria, e immediata, concede, que atè as especies se convertem , cousa que nem os mesmos *Adeptos* differão , nem sonharão. Necessariamente deve Kircker admittir huma destas transformações, propria, ou impropria; porque são os unicos dous modos, em que elle divide a conversão, a qual não pôde negar como Philosopho discipulo de Aristoteles , aindaque na sabedoria tão superior ao grande Stagyrita , que pôde ser seu Mestre.

Nem o Reverendissimo Padre Kircker pôde negar a transformação propria dos Metaes imperfectos em perfeitissimo Ouro , confessando ingenuamente, que os Metaes differem entre si só pelas suas especies, e não pela sua materia : *In specie quidem differunt, non tamen in materia*; porque a materia do Ouro, como depois de outros escreve Salamaão Blawenstein, he Enxofre louro, subtilissimo, e purissimo : a materia da Prata he Enxofre branco, e Mer-

Salamaão Blawenst. apud Mang. tom. 1. Bibliot. Chemic. l. 1. sect. 2. subf. 2. cap. 2. §. In, f. 314.

e Mercurio claro, e puro : a materia do Cobre, he Enxofre amarello, crasso, e impuro, e Mercurio com alguma impuridade : a materia do Ferro, he Mercurio modico, e Enxofre espesso, mas ambos impuros, e adurentes : a materia do Chumbo, he Mercurio impurissimo, crasso, e feculento, e Enxofre tambem impuro, e a materia do Estanho, he finalmente Mercurio branco na superficie, corado no interior, e de Enxofre mal misturado. Alem destes Metaes, ha sete *Espiritus Alchymicos*, quatro principaes, que são, Mercurio, Enxofre, Ouropimente, e Sal Armoníaco, e tres secundarios, ou compostos, que são Marsalita, Magnesia, e Tutia, mas em todos tem o primeiro lugar o Enxofre, e o Mercurio, como elementos da sua composição. Só o Antimonio, que he mineral quasi metallico, tem por materia o Enxofre semelhante ao common, como se averigua pela sua anathomia. E se a materia dos Metaes he Enxofre, e Mercurio, ou para o dizer melhor, he sempre a mesma materia, facilmente se podem transformar todos os Metaes em outros diversos na cor, e não na essencia por hũa verdadeira, e propria transformação, porque he muito facil, e muito natural, que o mesmo Metal não seja diverso de si mesmo. Antes mais difficil, ou verdadeiramente impossivel parece, que os Metaes sejam diferentes nas suas especies, sendo certamente os mesmos nas suas essencias. E o exemplo, que traz Kircker, de que a sentença Sulphureo-Salino-Mercurial de todos os Metaes he sempre a mesma, mas que da terra recebe as differenças accidentaes, ainda facilita mais a possibilidade, e certeza da sua transformação, porque

os accidentes, ou cores dos mixtos mudaõ-se com facilidade, e muito melhor sendo identicas as substancias dos fogeitos da sua inhesaõ, e havendo em todas as materias appetite para receber todas as fórmas; por isso o grande Medico Avicena, ainda que concede, que se não mudaõ as especies dos Metaes, e dos Mineraes, affirma que se transformaõ com perfeita transmutação, introduzindo-se novas fórmas na commum materia.

Porém ainda nesta supposição se condemna mais o mesmo Kircker, admittindo, ou escrevendo immediatamente no mesmo dilcurso, que os Bichos da feda, e as Lagartas se convertem em Borboletas: os Insectos em hervas; e as Plantas em varios Insectos, não só por obra da Natureza, mas tambem por industria da Arte: *De admiranda vero vegetabilis nature, qua non solum una herba in aliam transmutatur, sed ex herbarum putrescente succo, animaliumque putredine, differentis speciei animalia producuntur, metamorphosi, in ultimo hujus operis libro, magno experimentorum apparatu differemus*; porque a Arte fermentando os humores dos Animaes, e os succos das Plantas obra tão admiraveis produções, como a Natureza; sendo digno de mayor admiração, o que se lê no segundo Tomo do *Theatro Critico*, de huma especie de Gafanhoto do Brasil, que pela Primavera se converte em Planta. De clarando a palavra *Catapa*, escreve o grande Bluteau no seu Vocabolario, por lição de Diogo de Couto, que desta arvore cahem humas folhas mais pequenas, que as goras, cujo pé he cabeça de hum bicho, ou Borboleta, e o talo, e corpo, e as veyas, que procedem d'elle, pés, e mãos, e as folhas azas, com

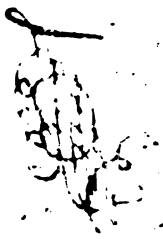
com que logo voaõ, ficando perfeita Borboleta, e juntamente folha. Cada anno renova esta arvore, lançando humas candeas, como de castanheiro, e de hum pedaço dellas sahe hum bicho, servindo-lhe osigaõs a roda de pés, e o talo de corpo, e as folhas novas criaõ hums bichos, como de hortaliça, que cahem de cima pendurados por fios, como teas de aranha, que acodem a apanhar humas castas de bespas, e as metem em seus ninhos, que fazem de lama dentro nas casas, e enchendoas daquelles bichos, tapão hum pequeno buraco, que tinhaõ para servintia, e vão-se as bespas para outro pouso, e destes bichinhos, que ficão nos ninhos, se geraõ outras bespas, que por tempos sahem dalli a buscar mantimento para sustentar a vida. Nos mares de Gaoxa, Ilha da China na Provincia de Quantungo, ha hum peixe, a que os Chins, segundo escreve Kircker, chãmaõ *Floangeioyu*, que vale o mesmo, que *peixe amarello*. Do principio do Outono atè entrar o Estio fica este peixe nas agoas do mar, donde procuraõ os nacionaes pescallo, porque he muito delicado, e saboroso ao gosto, mas no principio do Veraõ se transforma em Ave de penna amarella, e como as mais Aves, levanta o voo, e vay buscar nos montes o seu sustento. Porém em chegando o Inverno, passa do Sertão para as prayas do mar, e metido nas ondas, converte as plumas em escamas, atè que tornando a Primavera, lhe renascem as azas, e assim com perpetua revolução vay este animal amphibio mudando de espécie. Na geraçãõ do Picaflor, ave do Brasil, contaõ Padre Simão de Vasconcellos quatro transformações, que vem a ser de bichos brancos em mosquitos, de mos-

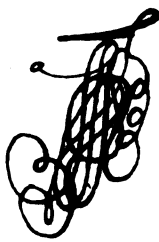
mosquitos em lagartas, de lagartas em borboletas, e de borboletas em aves. E se lhe dermos o credito, que merecem os escritos do sapientissimo Padre Arfdekim, confessaremos mais admiraveis transformações, porque escreve, que em Irlanda ha hum lago, aonde fixando-se hum pão comprido, a parte que penetra a terra, se converte em ferro, a que fica na agoa, se transforma em pedra, conservando o que fica ao ar o fer, que dantes tinha. E não só muitos, e graves Escritores, senão tambem o mesmo Kircker confessaõ, que os homens, brutos, arvores, plantas, e outras cousas viventes se converteraõ em pedra, penetradas com o espirito lapidifico, e petrificante, expirado repentinamente das entranhas da terra, como temos visto nos caranguejos de Aynaõ: e daqui se segue, que se as entidades perfeitas, e imperfeitas se convertêraõ em pedra, que he huma especie tão differente, como o insensivel, e o vivente, que mais facilmente se poderãõ transformar os Metaes em Ouro, e Prata, havendo entre elles, não só analogia, e sympathia, como escreve o mesmo Kircker, mas verdadeira identidade, sem a sonhada differença, ou imaginada diversidade de especies; porque ainda que a Prata seja branca, o Ouro amarello, o Cobre negro, o Ferro azul, e o Chumbo livido, não differem especificamente, como tambem especificamente não são differentes os homens Europeos, que são brancos; dos Ethiopes, que são negros, nem os Chins, que são amarellos, dos Americanos, que são pardos. Os Tapuiyas tem cor de Bronze: alguns Chins tem cor de azeitona; e muitos negros tem cor de neve, chamados por esta causa

Albi-

Albinos, ou Alvinhos, como escreve Bluteau por lição de Dapper, na Descripção da Ethiophia. Nesta Corte vi hum negro do Secretario de Guerra, tão alvo como hum pomba: porém as feições do rosto, e o crespo do cabello eraõ como as de qualquer negro, tão preto como hum Corvo. Hoje vive em Casa do Excellentissimo Senhor D. Gabriel de Alencastro VIII. Duque de Aveyro, hum negro tão salpicado de branco, que com o alvo, e escuro igualmente proporcionados em manchas, representa em noite elcura o Ceo estrellado. Com a diversidade das cores não se differençaõ essencialmente os individuos. Por ventura o Cavallo Dourado, o Cavallo Branco, o Cavallo Castanho, e o Cavallo Murzello, são Brutos tão differentes nas especies, como são diversos nas cores? He certo que não. Pois se a diversidade das cores não he argumento para provar differentes especies nos mesmo brutos, e homens: tambem não he fundamento solido, para provar diversas especies nos mesmos Metaes de differentes cores.

E para que não fique duvida, nem escrupulo nesta materia, aquem ler esta anticipada apologia dos tres Dialogos, quero responder neste lugar por dous modos a hum Texto de Direito Canonico, tirado como se diz do Concilio Anquirense, ou Ancyrano, no qual, conforme as Collecções de Buchardo, Ivo, e Graciano, se achão escritas estas palavras: *Quisquis credit posse fieri aliam creaturam, aut in melius, aut in deterius transformari in aliam speciem, vel aliam similitudinem, nisi ab ipso Creatore, qui omnia fecit, infidelis est.* São formidaveis estas palavras entendidas assim como são, por:





porque parece, que totalmente condemnaõ por
 infiel o meu discurso; mas quando fossem Canoni-
 cas, sendo entendidas no seu verdadeiro sentido,
 não se oppoem ao meu assumpto. Este Concilio
 Auquirense he chymérico; porque o não houve
 na Igreja. O Concilio donde os Canonistas tiraraõ o
 dito Texto, he o Aquilense, ou Ancyrano, onde
 se introduzio aquelle Canon sendo espurio, e apó-
 cryfo; porque se não acha em muitos exemplares
 Gregos, e Latinos do Concilio de Ancyra. Nem as
 Collecções de Dionysio Exiguus, e de Isidoro Mer-
 cator fazem delle menção, sendo as mais antigas.
 He verdade, que se acha este Texto em Buchar-
 do, Ivo, e Graciano, porém Varões muito doutos;
 ainda depois da correção de Graciano, feita por or-
 dem dos Papas Pio IV. e Pio V. e principalmente
 por mandado de Gregorio IX. o reputaõ por fal-
 so. Natal Alexandre referindo todos os Canones
 deste Concilio, não falla neste Texto, o qual tam-
 bem omittio o P. Labbe; e o P. Harduino no Pro-
 logo daquella Collecção, que augmentou, insi-
 nua, que se não reputem por verdadeiros os Ca-
 nones, que ella omittio, ainda que se achem em
 outros Collectores. Porém ainda que foraõ Cano-
 nicas as palavras do Concilio não contradizem a
 minha Philosophia; porque fallaõ só da transfor-
 mação das pessoas, e não da transmutação dos Me-
 taes, ou da metamorphose de outros semelhantes
 mixtos, como as explica o grande Jurisconsulto
 Thomaz Artoncino: *Nam Textus ille non loquitur de*
speciebus Metallorum, aut similium rerum, sed de
speciebus personarum: hoc est de mulieribus sortilegis,
que dicebant, quod noctu transformabantur in varias
spe-

Arfenc. apud
 Mang. Tom.
 r. Bibliothec.
 Chem. lib. 1.
 Sect. 2. Subl.
 6. fol. 216.

ties animalium, & per sylvas, ac nemora cum Diana vagabantur. Justissimamente prohibiria o Direito Canonico às Feiticeiras, ou Bruxas affirmarem, que de noite se transformão em varias especies de animaes, e que deste modo transformadas, vagão, ou andão correndo pelos bosques, e selvas na companhia da fabulosa Deosa Diana, acompanhando-a, e servindo-a naquellas montanhas no divertimento da caça; porque a Alma racional não pôde naturalmente informar corpo, que não esteja organizado com organização humana. Toda a forma pede necessariamente determinada configuração da materia, de sorte, que he impossivel subsistir em configuração propria de outra especie. Esta doutrina, que Feyjoo Theatro segue como communissima entre todos os Philosophos, se pôde confirmar com estas duas horrendas experiencias. No seu Dictionário Historico, imitando os Authores da sua nação, chama Luiz Moreri *Striges* a huns cadaveres de defuntos, que se achão em Polonia, e particularmente na Russia, a que os naturaes da Terra chamão *Upiers*. Estaõ estes corpos mortos cheyos de hum certo humor, que parece sangue. He opiniaõ provada com estupendos successos, que o demónio tem chupado, ou tirado este sangue de gente viva, ou de alguns animaes, donde o trespassa para os cadaveres, dos quaes em certos tempos sahe o diabo a fazer mal aos parentes dos defuntos, desde o meyo dia atè a meya noite. Depois desta perseguição, torna o demónio a entrar nos cadaveres com todo o sangue, que tem roubado, que algumas vezes he tão copioso, que se o não tirão, rebenta pelos narizes, pela boca, e particularmente pelos ouvidos, ficando

Feyjoo Theatro. Crit. Tom. 4. Discurs. 9. §. 2. num. 3. fol. 227.

Bluteau Vocabul. Port. Tom. 7. Verbo Strige fol. 751.

do os corpos nadando no ataudé, e padecendo tanta fome, que comem as mortalias, que ordinariamente se lhes achão na boca. Este Demonio, que sahe dos cadaveres apparece de noite aos seus parentes, e amigos, representandolhes a figura dos defuntos, com os quaes se abraça, e apertando-os muito, e tirando-lhes as forças de maneira, que acor-dão aflictos, gemendo, e pedindo soccorro; e por-lhes ter o Demonio tirado muito sangue, ficão muito fracos, e summamente attenuados, e deste modo se vão mirrando até que acabão a sua vida. Dura esta perseguição até o ultimo descendente da sua familia, se não atalhão, e evitaõ com o remedio tão lastimoso estrago. Fazendo-se vestoria nas sepulturas, estaõ estes funestos cadaveres brando, inchados, vermelhos, e flexiveis, ainda que se tenha passado muito tempo depois da sua morte. Cortão-lhe logo a cabeça, arrancão-lhe o coração, recolhem todo o sangue, que sahe das feridas, e amassando-o com farinha, fazem della hum pão, que os vexados comem, e com esta mutilação de membros, não entra mais o Demonio naquelles corpos, theatros funestos das suas representações. Entre os Gregos ainda hoje são muy celebres as apparições dos *Broncolacas*, que são cadaveres de pessoas excommungadas, falsa, e apparentemente resuscitadas pelo Demonio, entrando dentro nos seus corpos, animando-os, e obrando de forte com a sua organização, que fallão, andão, comem, e bebem; mas tanto que lhe arrancão o coração do peito, e cortado em pedaços o sepultaõ, não pôde o Diabo representar aquelles vitaes fingimentos. Sem a organização natural dos corpos humanos

Blureau Vo-
cabul. Port.
Tom. 5. Ver-
bo Ntoui
fol. 763.

manos, vemos nos cadaveres dos Broucolacas sem coração, e dos *Striges* sem coração, nem cabeça, não só a Alma Racional, mas nem ainda o mesmo Demonio pôde causar transformações, nem representar fingimentos. Logo não podendo, conforme ensinão os Theologos, fazer o Demonio operações sobrenaturaes, e milagrosas, he preciso confessar, que não pôde o Diabo conseguir, que a Alma Racional informe algum corpo, configurado com organização propria de alguma especie de bruto, e por consequencia não pôde sem romper, ou desfatar o vinculo, e união da alma com o corpo, transfigurar o corpo humano em outra especie, com diversa organização.

Para fingir estes prestigios, só tem o Demonio poder, conforme advertio Santo Agostinho, e não Div. August. para transformar huma em outra creatura, como lib. de spirit. & alguns erradamente imaginãrão dos Arcadios trans- Anim. cap. 17. formados em Lobos, de Iphigenia mudada em Corça, & 18. e dos companheiros de Diomedes convertidos em aves, e dos de Ulysses, pelos encantos de Circe, transfigurados em brutos. Com arte diabolica tomava Simão Mago a figura que queria, e com tão grande semelhança trocou a cara de Faustiniano na sua, que só S. Pedro conheceo este engano. Foy este impostor tão temerario, que se offereceo, a que lhe cortassem a cabeça, promettendo, que resuscitaria dahi a tres dias. O Emperador o mandou degollar, e com seus prestigios poz debaixo do cutello a cabeça de hum carneiro em lugar da sua, e passados os dias se appresentou diante do povo, e do Principe com admiração de todos. Na sua historia diz Apuleyo, que imaginando ter morto tres homens, achou que erão tres pelles de bode, que a encantadora Pam-
pila

pila com seus magicos prestigios representàra debaixo da figura de tres homens. E sendo esta a verdadeira intelligencia do Texto reputado por Canonico, não se deve trocar contra a transformação dos Meraes, e de outros mixtos semelhantes, a qual sem diabolico artificio, nem encanto magico, se faz naturalmente por industria da *Arte Magna*. Não sendo este o verdadeiro sentido do Concilio, serião infieis todas as pessoas, que affirmassem, que os ovos se transformavão em frangãos, e outras aves: os bichos da seda em borboletas, e os alimentos em carne, e sangue, que todas estas cousas são creaturas transformadas. Os mesmos Jurisconsultos serião reos de infidelidade; porque affirmão nos

Text. in l. 2. C. de conf. pecun. Text. in L. quod saepe §. venena ff. de contr. emp. seus Textos, que tudo se converte em dinheiro, e que o veneno se transforma em thiaga, pondo o exemplo no celebre antidoto chamado *Methridato*; e desta sorte não hà razão, Texto Divino, ou humano, nem ainda authoridade, que destrua os fundamentos, com que os *Hermeticos* defendem os decantados effeitos da sua famosa *Chrysopeia*.

§. IV.

T Ambem da contradicção dos *Adeptos* infere o Reverendissimo Kircker, que se enganão, e nos enganão os *Hermeticos*; e com este fundamento conclue, em que não hà *Pedra Philosophal* no Mundo; porque he sufficientissimo argumento da sua falsidade, a variedade das suas grandes contradicções: *Contradictionum varietas, sufficientissimum falsitatis argumentum*. Toda esta contradicção dos *Philosophos Chymicos*, he dizerem, que o Ouro constitutivo

para fazerem o *Lapis* com o segredo da *Arte Magna*: *Et tamen Aurum, & Mercurium ad opus Magnum assumunt*; não se devendo chamar *Mercurio*, nem *Ouro*, a materia de que os *Adeptos* formão a *Chrysopeia*, aqual entra na obra *Magna*: *Aurum quod lapidem constituit, non esse aurum; Mercurium in Arte Magna non esse Mercurium*; porque esta materia do *Lapis* he incompleta, por estar destituida, e separada de muitas das suas partes integrantes, e como tal não tem toda a sua material perfeição, aindaque por estar purificada, he perfeitissima. Explicome com hum exemplo Philosophico. O homem essencialmente he *Animal Racional*; e com tudo não podemos chamar homem a qualquer destas formalidades, quando objectivamente se distinguem pelo entendimento; porque ambas compoem o homem unidas, e não separadas; porèm estando distintos estes dous grãos methaphisicos, não hà duvida, que o *Racional* he perfeitissimo, como vemos nos Anjos. Da mesma sorte não se pôde chamar *Ouro*, ou *Mercurio* a qualquer destes mixtos, separando-lhes as suas partes integrantes, e componentes a *Arte Magna*, postoque estando purificados, ficão muito mais perfeitos. E neste sentido não são *Mercurio*, nem *Ouro*, aindaque por *Synedoché* se pôde chamar a esta materia seminal, *Ouro*, ou *Mercurio*. Por este modo me parece, que se explicaõ os *Hermeticos* sem contradicção, e com admiravel rhetorica.

Esta semente *Mercurial*, e *Solar*, admite o mesmo *Kircker* distincta do mesmo *Ouro*, e *Mercurio*, quando escreve, que o halito, ou vapor *Sulphureo-Salino-Mercurial* he a materia sугeita dos

dos Metaes ; mas não he Metal , senão semente metálica : *Aurum , argentum , aut plumbum non est , sed veluti semen quoddam.* Não he Ouro , Prata , nem Chumbo , mas he parte sua , como he a semente dos Vegetaveis parte , e não toda a planta ; e com admitir Kircker esta semente distincta dos Metaes , intenta provar , que os *Hermeticos* a não tirão do Ouro ; porque se destroe com tantas dissoluções , calcinações , e outros tormentos do fogo , ou das agoas corrosivas : *Urgeo , quomodo probas illud semen per tot dissolutiones , cæteraque tum ignis , tum aquarum rosivarum tormenta non esse destructum ?* Prova esta instancia , com esta paridade : a semente dos Vegetaveis destroe-se com os repetidos cozimentos : logo tambem se destroe a dos Metaes com os referidos tormentos. A este exemplo porèm respondo com a disparidade , que elle mesmo reconhece entre a semente dos Metaes , e dos Vegetaveis : *Aliter se habere cum seminibus vegetabilium , aliter cum semine metallicorum corporum ;* porque a natureza do Ouro he indestrutivel , como confessa Kircker neste lugar : *Ab auro minerali primitus assumpto , natura sua indestructibili ;* e a natureza dos Vegetaveis totalmente se destroe pelo cozimento : *Ut potius destructa per tam frequentem decoctionem forma , & seminis vim vegetabilem , una perire necesse sit.* De maneira , que para defender a *Chrysopeia* , não acho melhor doutrina , do que a contradicção de Kircker ; porque as suas lanças mais agudas , e penetrantes , são os escudos impenetraveis da nossa Pedra. E agora justamente se deve notar , que admittindo este grande Philosopho , que a semente , ou porção do Ouro se destroe

tree nos tormentos do fogo, diga juntamente no mesmo lugar, que por ter este Metal natureza indestrutivel, não pôde destruir, contradizendo-se em poucas regras, ao mesmo tempo em que com tanta advertencia argue contradicções.

Se a contradicção he grande absurdo na Philosophia : *Quo in vera Philosophia nihil absurdius est*; nos escritos não dos *Hermeticos*, senão do Reverendissimo Kircker, e do pay da Philosophia Aristoteles, se achão estes absurdos; porque o mesmo Aristoteles no livro de *Mirabilibus auscultationibus* afirma, que em Silicia há hum lago, donde metendo-se os animaes afogados, resuscitão, ou recuperão a vida; contradizendo com esta resurreição a sua grande maxima, em que diz, que não há regresso da privação para a forma. E no livro quinto da Historia dos animaes, não só dá credito à fabula da Salamandra; mas accrescenta, que nos fornos de Metal da Ilha de Chypre nascem, e se crião no meyo das chammas humas pequenas aves, que são os insectos volantes chamados *Pyraustas* (dos quaes affirmão o mesmo Eliano, Plinio, Aylchilo, e Aldovrando) tão symbolicas com o fogo, que morrem logo que as apartão do lume, contradizendo-se no livro segundo da geração dos animaes, aonde prova; que o fogo não gera animal algum. Tambem Kircker se contradiz, quando escreve, que na Helvecia se crebra hum homem debaixo da terra, e na companhia dos Dragões subterraneos, comia sómente: Sal pedra; affirmando em outra parte, que o homem se não pôde alimentar, e nutrir, se não com alimentos vegetaveis, que he tão grande absurdo, como

Kircker. Tomo 2. lib. 8. sect. 4. fol. 95.
& Tom. 2. lib. 9. sect. 5. fol. 3.

como manifesta contradicção. E se da contradicção dos *Hermeticos* infere Kircker que não hã *Pedra Philosophal*, também com o encontro dos *Vegetaveis*, e *Sal pedra* estão as pedras encontradas. Elle conclue, em que não hã *Pedra Philosophal*, porque se contradizem os seus defensores: e eu também provo com o mesmo argumento a existencia da *Chrysopeia*, por se contradizer o mesmo Kircker, que a impugna.

§. V.

COM a mesma subtileza argue o Reverendissimo Kircker das contradicções dos *Hermeticos*, sobre o descobrimento, ou eleição da materia, e do methodo com que preparam a *Chrysopeia*; porque cada hum elege materia differente, e a prepara por diverso modo, ou methodo. He certo, que se a materia do *Lapis* he o Mercurio, Enxofre, Arsenico, Calcantho, Magnesia, Marchasita, Sangue, Antimonio, Tutia, ou qualquer dos outros innumeraveis mixtos, que acertão todos os *Adeptos*, ou acerta hum só *Hermetico*; e como he tão duvidoso acertarem todos nesta materia, também hã grande duvida, em que hum só homem descubra a verdade, aqual senão pôde achar entre tantas contradicções: *Vel enim unus virtutem attingit, vel omnes simul. Sed sicuti illud incertum est, ita in posteriori veritas tot contradictionibus involuta, locum habere non potest.* Porisso Villanova injuria a Lullio, Paracelso impugna a ambos, e Libavio refuta a Paracelso: *Villanovanus insectatur Lullium; utrumque impugnat Paracelsus; hunc Libavius,*
omniura

omnium bipedum, quadripedumque nequissimum impostorem intitulat. Em castigo desta calúnnia, vierão outros *Hermeticos*, que satyrizarão a Libavio, e a todos os Antigos, chamando aos mais velhos ignorantes, e fatuos, e a Libavio calumniador, mentiroso, e falso accusador, que tudo isto quer dizer a palavra *Sycophanta*: *Omnes vero reliqui contra Libavium insurgentes, Sycophantam livore plenum, mordacitate satyrica efferum vocant, omnes tandem singulos fatuos, & ignaros rerum intitulant.* Nem os *Hermeticos* se ajustão sobre o methodo, com que se fabrica o *Lapis*; porque Azotho emenda a Lullio, Libavio a Azotho, e Paracello a todos: *Azothus emendat Lullium, Libavius Azothum, Paracelsus omnes.* Antes que responda a esta censura, quero advertir huma contradicção, que tambem se acha nestas poucas palavras de Kircker: primeiro diz, que Libavio escreveo contra Paracello, e depois affirma, que Paracello emendou a Libavio, sendo Libavio mais moderno, e escrevendo muito tempo depois de Paracello; porque de outro modo não podia satyrizallo nos seus escritos.

Para desfazer a censura das contradicções referidas, não recorro ao *Polyônimo*, com que por modo de *Synonymo*, com variedade de nomes, se explica a mesma cousa; nem aos sentidos allegorico, e metaphorico, em que os *Hermeticos* fallão quando escrevem da materia, e methodo com que se fabrica o *Lapis*; porque como a metaphora he figura, que muda a propria em outra significação, e a allegoria diz huma cousa, e entende outra, por qualquer daquelles mixtos entendem os *Hermeticos* cousas differentes, e antes querem mostrar, que

que se contradizem a respeito da materia , ou do methodo, com que fazem a *Chrysopeia*, do que revelar o mysterio da *Pedra Philosophal*; à qual também no sentido allegorico, e tropologico chamaõ os Chymicos *Ceo*, *Chrysosperna*, *Semente de Ouro*, *Terra benedicta*, *Agua da vida*, *Sigillo de Salamaõ*, *Fogo da Natureza*, *Leite de Virgem*, *Mercurio dos Philosophos*, *Dragão*, *Agua*, *Corco*, *Laton*, *Elixir*, *Remedio de todas as enfermidades*, das quaes não morre quem o toma, como diz Kircker: *De quo qui bibit, non moriatur*; porque os *Adeptos* usando da *Protopomafia*, ou conjunção de nomes semelhantes, daõ varios epithetos ao *Lapis*, imitando aos Antigos, que por Hieroglyphicos se explicavão com mysterio, e brevidade, para com barbara aphonía de palavras Phenicias, e Arabicas zombarem de ignorantes, e presumidos Edipos; mas recorrerey a semelhante contradicção, que se acha em todos os Systemas dos Philosophos antigos, e modernos sobre a averiguação dos Elementos, ou materia de que se compoem todos os mixtos; porque os Aristotelicos dizem, que os Elementos são quatro, Fogo, Ar, Agoa, e Terra: os Chymicos affirmão, que são cinco, Sal, Enxofre, Azougue, Terra, e Agoa: os Carthesianos defendem, que são tres, Materia Subtil, Globolosa, e Crassa; e os Antigos Epicuros, e modernos Gassendistas sustentão a opinião, ou capricho de infinitos Elementos, que são os Atomos. Em todos estes Systemas, como discorre o doutissimo Feyjoo no Sceptisimo Philosophico do seu *Theatro Critico*, està tão duvidosa a verdade, que provavelmente nenhum delles he verdadeiro. Ao

f

menos

menos de qualquer dos referidos Systemas, humão Seita diz, que he verdadeiro, e tres affirmão, que he falso: que he o mesmo, que dizer, humã testemunha o justifica, e tres o condemnão: o Systema de Aristoteles parece fabula aos Chymicos: o Systema dos Chymicos parece chymera aos Carthesianos: o Systema de Descartes parece fingimento aos Epicuros, e Gassendistas; e o Systema de Epicuro, e de Gassendo parece sonho a todos os Philosophos, por isso os Philosophos todos afrontão a Gassendo, e Epicuro: os Gassendistas, e Epicuros injurião a Descartes: os Carthesianos satyrião aos Chymicos; e os Chymicos calumniam a Aristoteles. Comparemos agora a discordia de todos estes Philosophos a respeito dos Elementos, e Systemas da sua Philosophia, com a opposição dos Hermeticos sobre a materia, e methodo da sua Chrysopeia, e acharemos, que se Villanova injuria a Lullio: *Villanovanus insectatur Lullium*, que o mesmo fazem os Chymicos calumniando a Aristoteles: se Paracello impugna a Lullio, e Villanova: *Utrunque impugnat Paracelsus*, que o mesmo fazem os Carthesianos satyrizando aos Chymicos: se Libavio offende a Paracello: *Hunc Libavius omnium bipedum, quadripedum impostorem intitulat*, que o mesmo fazem os Gassendistas, e Epicuros, injuriando a Descartes; e se todos os Philosophos afrontão a Libavio, e aos antigos, e modernos Hermeticos: *Omnes vero reliqui contra Libavium insurgentes, Sycophantam livore plenum, mordacitate satyrica efferum vocant, omnes tandem singulos fatuos, & ignaros rerum intitulant*; que o mesmo fazem os Philosophos todos, afrontando a Gassendo,

do, e a Epicuro. Pois se entre todos os Philosophos se acha esta discordia, emulação, e contradicção em proprios termos, isto he, sobre a materia dos mixtos, e do *Lapis*, que muito he, se encontre tambem entre os *Hermeticos*? Se por estas contradicções os censura Kircker, contra todo o Orbe literario publica esta censura; porque não ha Philosopho, que seguindo a qualquer dos Systemas, e oppondo-se aos contrarios, não possa ser censurado. Assim censurou antigamente Santo Anselmo aos Philosophos *Nominaes*, sequezes da opinião de *Guilherme Ocham*, Religioso de S. Francisco, natural de Inglaterra, e discipulo do Subtilissimo Scoto, chamandolhe *Hereges da Dialectica*, achando-se os *Reaes*, e *Integraes* comprehendidos nesta voluntaria censura. Nas Escholas da Theologia Escolastica ha grandes contendas, e discordias entre Thomistas, Scotistas, e Jesuitas, sem que a diversidade das opiniões se opponha ao essencial da verdade. Finalmente, se esta contradicção *Hermetica* he delicto, que haja de castigar só quem não tiver commettido o mesmo crime, não se achará na Republica das Letras Philosopho, ou Sabio, que lhe possa dar o castigo.

Os Escribas, e Phariseos, que erão antigamente os Sabios, e Doutores entre os Hebreos, accusarão diante de Christo huma mulher adultera, que merecia ser apedrejada por tão grave crime: *Moyse mandavit nobis hujusmodi lapidare*. E que respondeo Christo, como tão sabio, àquelles doutos accusadores? Não respondeo por palavra, senão por escrito: *Dixit scribebat in terra*. O que Christo escrevesse, não se sabe de certo. Entendem communmente os Pa-

dres, que forão os peccados dos accusadores. Que accuse o homicida ao homicida, o ladrão ao ladrão, o adultero ao adultero? Homem, acculate a ti: olha que quando accusas os peccados alheios, te condemnas nos proprios. Assim succedeo. Depois que o Senhor escreveo o processo, não da accusada, se não dos accusadores, levantou-se, e não lhes disse mais que estas palavras: *Qui sine peccato est vestrum, primus in illam lapidem mittat*. Aquelle de vòs, que se achar sem peccado, seja o primeiro, que atire as pedras. Aqui me lembrão as do Doutor Maximo S. Hieronymo. As pedras, que trazião apparelhadas contra a delinquente, converteo-as cada hum contra o seu peito; e os que tinham entrado tão zelosos, começarão a sair confusos: *Audientes autem unus post unum exhibant, incipientes a senioribus*. Sahirão-se; porque entrarão na propria consciencia; e como todos se achirão culpados, nenhum se atreveo, nem pode castigar aquella culpa. Com as mesmas contradicções dos *Hermeticos* se achão no Orbe Literario todos os Philosophos; e nenhum poderá sentenciar as suas culpas, sem ler no mesmo processo os seus delictos; e não podem castigar estes crimes, os que não estiverem innocentes. Sem huma innocencia muito pura, ninguém pôde escurecer a outros a fama. As thesouras com que se espivitavão, e os vasos em que se apagavão as luzes das sete Alampadas do Tabernaculo, erão de Ouro limpissimo: *Fecit & lucernas septem cum emunctoris suis, & vasa ubi ea, que emuncta sunt extinguantur, de auro mundissimo*. Tão limpo deve ser como Ouro purissimo, quem se atrever a purificar Alampadas, e quizer extinguirlhes as luzes. E

nota

Exo1. 37. 23.

nota o Evangelista S. João, que os Escribas, e Phariseos, que sabirão primeiro do Tempo, foram os mais velhos : *Incipientes à senioribus*. Exclam. Vicir. Part. 1. ma sobre este lugar o grande Vieira : miseravel fol. 763. condição da vida humana ! Quantos mais annos, mais culpas ! E muito mais miseravel he a condição *Philosophia*, e sciencia humana, porque quanto mais sabios, e mais Philosophos, mais, e maiores são as contradicções. Porém entre estas contradicções se apura a verdade, como vemos nos Historiadores, Chronologos, Jurisconsultos, e Theologos. E se a contradicção dos Authores fora efficaç argumentõ contra a verdade das materias, sobre que tão contradictoriamente escreverão, e disputarão, seguiu-se este grande absurdo : sobre o descobrimento, e averiguação da verdade ha grandes controversias, e contradicções entre os seus indagadores : logo não há verdade. Da verdade disse Kircker, escrevendo contra o *Lapis*, que depois de conhecida, nenhuma cousa lhe destruhia a sua infallivel certeza : *Cum veritas una, & simplex sit, quæ semel revelata, nunquam sua destruitur certitudine*. E accrescento eu agora, que tambem a não destroem as contradicções dos que a ignorão, ou contradizem, antes da sua clara, e manifesta revelação. Antigamente só em Judea era conhecido o verdadeiro Deos : *Notus in Judæa Deus*; e sendo Deos essencialmente a mesma Verdade, porque possui a plenitud da verdade, não por alguma verdade adventicia, mas só em virtude da sua propria essencia, contradizia a sua existencia o necio Atheo, lá no interior do seu infidelissimo coração : *Dixit insipiens in corde suo, non est Deus*; e com tudo não pode

Psalm. 13. 1;

pode a nescia contradicção do Atheo destruir a verdade certa, e infallivel da existencia do verdadeiro Deos, aindaque por falta do conhecimento estava Deos como occulto, e desconhecido entre as nescias contradicções do Atheismo.

He verdade certa, e infalivel a existencia de Cyro, famosissimo Rey da Persia, e da mayor parte da Asia; porque tambem faz delle honrada menção o Sagrado Texto, como se pôde ver no capitulo primeiro do primeiro livro de Esdras, aonde não só o nomea muitas vezes, mas tambem traslada o Decreto com que este Monarcha deu liberdade ao Povo de Israel, cativo então em Babylonia, o qual principiava assim: *Hæc dicit Cyrus Rex Persarum*; e não faltão contradicções entre a narração historica de Herodoto, e Xenophonte, referindo ambos por diverso modo as acções heroicas deste grande Rey. Não he menor a discrepancia, ou contradicção dos Historiadores entre as circumstancias da sua morte; porque Herodoto affirma, que morreo em huma batalha, que deu contra Thomiris Rainha dos Scytas: Diodoro Siculo refere, que foy morto, ou crucificado por ordem de Thomiris, depois de prizoneiro na mesma batalha: Ctesias conta, que acabou a vida atravessado com huma setta, batalhando contra os Dervicios, Povos vizinhos da Hircania: Xenophonte diz, que morreo na Persia de morte natural, e não faltão Historiadores, que escreverão, que Cyro morrera em huma batalha naval contra os Samios. Ninguem duvida, que Xenophonte escreveu muitas fabulas na vida de Cyro; vicio, que tambem descobrirão os Criticos na historia de Herodoto; e por muitos capitulos está re-

tã reputado Ctesias por suspeito: e não se pôde, nem deve inferir daqui, que Cyro he hum Rey fabuloso. Os Historiadores de Hespanha defendem, e provão, que o Apostolo Santiago Mayor converteo à Fè de Christo esta grande Península do Mar Oceano: e os Escritores Francezes negão, que este Apostolo viesse a Hespanha: alguns Hespanhoes escrevem, que S. Paulo convertera esta Provincia; outros dizem que Santiago, e outros, como se pôde ver no *Theatro Critico*, affirmão, que pregarão em Hespanha ambos estes Apostolos. Será lícito agora inferir desta discordia de opiniões, e contradicção de Historiadores, que nenhum destes Apostolos veyo a Hespanha? Pois a illação tem a seu favor, não só a prova da contradicção, mas tambem os fundamentos de opiniões tão contrarias, e oppostas; porque a opinião, que prova a vinda de Santiago exclue totalmente a de S. Paulo, e a que defende a de S. Paulo, destroe absolutamente a de Santiago; e se admittirmos, que os fundamentos de cada huma destas opiniões são tão verdadeiros, como oppostos, devemos confessar, que nenhum destes Apostolos veyo a Hespanha; e com tudo he certo, que hum só, ou ambos convertêrão os Hespanhoes à Fè de Christo, conservando-se a verdade pura entre tão grandes contradicções.

§. VI.

Contra a multiplicação do Ouro, que com a semente aurifera, infinitamente multiplica a Pedra Philosophal, argumenta acerrimamente o grande Kircker com este Dilemma: ou esta semente au-
riferá

rifera multiplicativa do Ouro tem vida , ou não : *Vel hoc semen anima vegetativa erit præditum, vel non* ; se não tem vida , como he possível , que privada do movimento vital , possa ser tão fecunda , que se o Mar fora de Mercurio , o convertesse todo em Ouro : *Atque adeo tumidos fluctus maris imbuat auro* , quando as cousas vitaes carecem desta tão grande fecundidade ? E se tem vida , contra todos os principios da natural Philosophia , serão os *Hermeticos* obrigados a conceder vitalidade em todos os corpos mineraes , e metallicos , que sem duvida são inanimados , affirmando contra a verdade , que todos em si formalmente tem vida.

Bem previo o doutissimo Kircker , que os *Chymicos* enfurecidos se levantarião contra elle , arguindo a sua ignorancia , ou accusando o seu zelo indiscreto : *Non dubito, quæ Alchymistæ hic contra me æstro furoris perciti insurgent, meam sive ignorantiam, sive indiscretum zelum sint accusaturi*. Contra o indiscreto zelo , com que este grande Padre injuria aos *Hermeticos* com palavras afrontosas , não escreverei huma só palavra ; porque nem me considero offendido , nem com palavras , senão com razões melhores , que as suas me desafronto destas injurias. Porém neste seu Dilemma considerarei não a sua ignorancia , senão o seu descuido. Acha este grande Philosopho ser impossível , que tenha virtude multiplicativa , o que não tem vitalidade , esquecido de que sem vitalidade multiplica huma pequena porção de fermento huma grande quantidade de massa , fazendoa crescer , ou multiplicar com grande excesso : *Modicum frumentum totam massam corrumpit*. Nem he inconveniente conceder

der vitalidade aos corpos mineraes, e metallicos, quando sem os apertos deste Dilemma, affirmam muitos Philosophos, que os Metaes, e Mineraes são rigorosos vegetaveis, como escreve Feyjoo no Tomo III. do *Theatro Critico*, impugnando a *Pedra Philosophal*, a quem refuta doutissimamente Enodato no primeiro Dialogo desta obra: *La materia proxima, dizelle, de los minerales no incurre a nuestros sentidos de manera, que podamos tener certeza de qual es; pero no hai duda, que a proporcion tienen tambien su materia seminal; y en quanto a los metales, muchos Philosophos juzgan, que se procrean de verdadera semilla, y son rigorosos vegetables, por lo qual no recelan darles el nombre de plantas subterraneeas. En nuestras Paradoxas Physicas, contenidas en el segundo Tomo, hemos tocado esta materia, y alla se puede ver; e para que todos a vejaõ neste lugar, e conheçaõ o descuido do Padre Kircher, traduzirey aqui o mais curiozo, que na decima Paradoxa refere o mesmo Author; e concluirey este discurso com razões, e experiencias do Padre Kircher, e do seu Museo Kirckeriano.*

Na composição de todos os vegetaveis (escreve Feyjoo) entra alguma porção metallica. Esta he huma grande novidade na Physica. Monsieur Gofredo da Academia Real das Sciencias, havendo examinado as cinzas de muitas plantas, em todas achou pequenissimos grãos, que attrahia a *Pedra Iman*, donde inferio, que eraõ de Iman, ou de Ferro os mesmos grãos. Mas porque restava a duvida, se acalo a virtude attractiva do Iman se estendia (ainda que ategora não se haja conhecido) a outras algumas particulas, que entraõ na compo-

posição dos vegetaveis , sem que sejaõ do Iman , nem do Ferro , ou de outro algum metal ; os Senhores Lemerys Pay , e Filho , fizeram nova averiguação sobre a mesma materia , que resolveo toda a duvida ; porque usando do Espelho Vistorio , derreterão as particulas , que o Iman tinha attrahido das cinzas das plantas , as quaes se derreterão na mesma fôrma , com que se liquidão , scintelleando muito o Iman , e formãrão finalmente huma bola de consistencia , e dureza metallica. Ainda no mel depois da sua destillação , achãrão estas particulas , que attrahia o Iman ; donde se infere , que até ao succo mais subtil das flores , se estende esta composição metallica. Sem embargo deste exame , ainda ficava por averiguar , se estas particulas preexistiaõ na planta , ou resultãrão da calcinação , como producto do fogo ; em que a producção parece mais verosimil , porque se não acha difficuldade alguma , em que o fogo transmute em Metal algumas particulas dos vegetaveis ; encontrando-se grande duvida , em que o ferro sendo tão pezado , possa subir à mayor altura das arvores.

Monsieur Lemery Filho desfez esta duvida , com subteis , e curiosas experiencias , as quaes não só o certificãrão da volatilidade do Ferro , mas tambem o inclinaraõ a crer , que esse Metal contribue muito em todas as plantas para a vegetação. A mais famosa experiencia , que fez , foy por este modo. Havendo lançado elpirito de nitro acido sobre limadura de Ferro , se seguiu hum violento fervor , ou evolução , que em fim socegou , ficando hum licor vermelho com a dissolução do Metal : misturando depois na composição oleo de tar-

tartaro por deliquio, se excitou mediana fermentação, em que se foy inflammando cada vez mais o licor, atè formar pelos lados do vaso varios, e subtilissimos ramos, os quaes depois de extincta toda a sensível fermentação, foraõ crescendo atè toda a altura do vaso. Ainda que a primeira vez, que se fez esta experiencia, conseguiu só os rudes lineamentos de huma arvore, variando depois por muitos modos adosís do oleo de tartaro, foy conseguindo com mayor perfeição esta vegetação metallica, atè lograr finalmente huma arvore perfeitamente delineada, ou formada com raizes, tronco, ramos, folhas, flores, e fructos. Este grande, e excellentissimo *Chymico* colheo desta admiravel experiencia, que assim a volatilidade, como a vegetação, se deviaõ à limadura do Ferro; porque sem ella, o mais que se produziria, seriaõ alguns cristaes no fundo do vaso, pela dissolução do espirito de nitro.

Mas nem por isso se imagine, que a vegetação metallica se faz somente com o Ferro; porque o celeberrimo Abbade de Vallemont no 1.º Primeiro Tomo das curiosidades da Natureza, e da Arte sobre a agricultura, diz, que em Pariz se fizeraõ semelhantes vegetações artificiaes com Metaes diferentes, Ouro, Prata, Ferro, e Cobre. Porém a mais commum de todas, he a què se faz com Prata, a quem os *Chymicos* chamão *Arvore de Diana*. A sua formação he por este modo. Dissolve-se hum onça de Prata, com duas, ou tres onças de espirito de nitro acido. Evapora se esta dissolução a fogo de areya, atè consumir-se quasi ametade. O que resta, se mistura em vaso proporcionado, com vinte onças de agoa commum, e muito clara, e

duas onças de azougue. Deixando depois esta mistura em quietação por espaço de quarenta dias, neste tempo se vay formando huma arvore de Prata, com bastante analogia às naturaes em quanto a figura. Monsieur Homberg *Chymico* celeberrimo da Academia Real das Sciencias, ulando dos mesmos materiaes, achou modo de formar esta arvore metallica em menos de hum quarto de hora. Rhodes Canasses, *Chymico* Grego, tem achado o segredo de huma vegetação artificial, da qual se tem feito experiencia em Pariz, e consiste na preparação de certa agoa forte, a que o dito Rhodes chama *Agoa de Calhao*, na qual os Metaes, como Ouro, Prata, Ferro, Cobre, se vem brotar, subir, e ramificar em poucos instantes atè a superficie do dito licor.

Estas vegetações metallicas, juntas com a experiencia de se acharem porções de ferro nas cinzas de todas plantas, não só provaõ, que os metaes podem em virtude de certas fermentações fazer-se volateis, quanto basta para subir pelos tubos, por onde sobe o succo alivel às plantas, mas tambem fazem provavel, que a mistura do metal devem as arvores, e todos os vegetaveis a sua vegetação. Atè aqui o *Theatro Critico*. Confirma-se esta doutrina com duas experiencias de Kircker. Em huma, que traz neste mesmo lugar, confessa, que nas cinzas de muitas hervas (principalmente no Reyno de Hungria) se acha Ouro, quando as queimão para lhes tirar o Sal; porque da terra se communicarão, e introduzirão nas suas raizes os espiritos auriferos, e dahi se diffundirão por toda a planta: *Dum herbas nonnullas in cineres ad silem extrahendum redigunt, aurum reperiunt; & audiui id saepius in Hungaria*

garia juxta aurisodinas accidere; rationem hujus hanc damus, quod spiritus auriferi in radices, ac reliquam berberum substantiam delati, &c. E em outra não pôde negar, que no seu *Museo Kircheriano* se via no tempo, em que vivia este grande homem, huma arvore de Prata, nascida, e formada, como escreve *Bluteau*, da contusão, e fermentação de subtilissimas particulas do dito Metal, encerradas em hum vaso de vidro, que se abrião em folhas, e estenderão em ramos, que pareciaõ originados de huma natural vegetação. E destas razões, experiencias *Kirckerianas*, e nova doutrina dos *Chymicos* Francezes, infiro contra *Kircker*, que se os Metaes fazem vegetaveis as plantas, que os Metaes são vegetativos; porque se o não foraõ, não lhe poderiaõ communicar a vitalidade, se a não tiverão, porque ninguém dà, nem pôde dar o que não tem. A'lem do que *Thomaz Campanella*, Religioso Dominico, e celeberrimo Philolopho, em varias partes das suas doutissimas obras, prova com varios argumentos, que todas as cousas elementaes são sensitivas; e sendo os Metaes mixtos elementaes, necessariamente hão de sentir, e forçosamente hão de viver; porque conforme a *Philosophia Peripatetica*, que segue *Kircker*, o vegetavel inclue-se no sensitivo.

*Bluteau Supl.
ao Vocabular.
Tom. 1. Verbo
Arvore metal. fol. 77.*

§. VII.

O H não permitta Deos, que os incautos Leitores do grande *Kircker* imaginem, que por eu defender a *Chrysopeia*, que elle impugna, foy tão máo homem, como elle diz, que são todos os que

que se applicão ao estudo, e exercicio da *Chrysopeia*? Affirma, que a mayor parte dos *Chymicos* tem Demonios familiares, como por lição de Gefnero, escreve contra Paracelso: *Demone utebatur familiari, uti ex ejus discipulo audiui*; ou que o Demonio trata com muita familiaridade aos *Chymicos*: *Quod Demon, ut plurimum se Alchymiae cultoribus immisceat*. Taes diz elle, que foraõ Sendivogio, Roberto de Fluctibus, o Marquez de Vilhena, e innumeraveis outros, de que se lembra com pejo; porque todos foraõ Magicos, e Alchymistas: *Talis Sendivogius, talis Robertus de Fluctibus, talis Marchio de Villena, & innumeri alij, quorum piget meminisse, omnes Magi, & Alchymistae*. Semelhantes a estes, e ao mesmo Paracelso, diz elle, que saõ os famosos *Philosophos Invisiveis*, chamados tambem da Rosa Cruz, que he huma Irmandade de Philosophos, que com este titulo se erigio hà poucos annos em Alemanha: *Huic similes sunt illi fratres, qui à Rosæ Cruce nomen habent, impium genus hominum, & diabolico commercio tumidum*. Este he tambem hum argumento do Reverendissimo Padre Kircker contra os *Hermeticos*, com o qual pretende atemorizar aos homens pios, e timoratos, para que não estudem, nem exercitem huma Arte tão util, a quem deve as cores a Pintura, as artelharias a Milicia, e os remedios a Medicina.

Admiro-me muito, de que confesse o mesmo Reverendissimo Padre Kircket, no lugar aonde isto escreveo, que tinha estudado a Chymica: *Ego sane tunc temporis Chymiae studio intentus*; e que por serem os seus estudos, e experiencias tão publicamente notorias, chegaraõ à noticia de hum peritissimo

fimo Chymico, que o veyo consultar sobre os Myſterios da Arte Magna : *Ego hoc loco tantum narra-
bo, quid ore tenus mihi à viro Chymicæ artis peritiſ-
ſimo, cujus nomen conſulto reticeo, ſimili illuſione à
Dæmone decepto, relatum fuit. Audierat is de meis
circa hoc ſtudium experimentis; unde me convenit, ro-
gans, quid de magnæ artis myſterius ſentirem; e de-
clara no fim do que eſcreveo contra a Chryſopeia,
que conheceo, o que pôde, e não pôde a Nature-
za, à qual não pôde nunca vencer a Arte : *Novi
quid Natura poſſit, quid non poſſit. Novi Naturam
ab Arte ſuperari nunquam poſſe.* E para que não dif-
feſſem os futuros Chymicaſtros, que elle eſcrevia
da Chymica, ou contra ella; ſem eſtudo, nem ex-
periencia, remettendo o Leitor ao exame das ſuas
doutiſſimas obras, ſe jaſta de preſidir no Ergaſte-
rio, ou officina do Collegio Romano, a varios
Chymicos Alemaens, Polacos, Francezes, e Ita-
lianos, a quem pagava muito bem o trabalho da
manipulação, mandando a eſtes homens, como o
Medico aos Cirurgiões, e Boticarios, e como o
Architecto aos Canteiros, e na companhia deſtes
Chymicos, ou per ſi meſmo ſem elles, fez todas as
experiencias : *Nihil in hoc opere experimentorum adfer-
ri, quod partim per memet, partim per dictos labo-
rum peritos Chymicos in mea præſentia, non com-
probatum ſit;* e conclue finalmente fazendo hum
grande panegyrico à Chymica, elogiando a ſua di-
gnidade, e excellencia, como porta unica da Phi-
loſophia natural, e da Medicina mais ſecreta, por
onde ſe entra para deſcobrir os mais intimos Myſ-
terios da Natureza : *Ne proinde me, aut Chymicæ
contrarium eſſe exiſtiment; novi enim ejus ſummam
digni-**

dignitatem, & excellentiam, eamque semper veluti unicam Philosophiæ naturalis, ac Medicinæ secretioris portam, qua ad intima quævis Naturæ mysteria aditus nobis concedatur satis de prædicare non desino. Só nos escritos de Kircker leyo os louvores da Chymica, encontrados com os vituperios da *Arte Magna*; mas pareceme, que a contradicção com que louva, serve de satisfação ao agravo com que offende; porque como a injuria precedeo ao elogio, pôde o panegyrico ser atrependimento da censura, e satisfação de tão grande afronta; porém como os atrependimentos não bastão para satisfazer publicos agravos, que tanto infamão o credito, quero mostrar ao Mundo a sem razão, com que Kircker injustamente infamou aos Professores da Chymica, e defensores da *Chrysópeia*.

Primeiramente quando a *Chrysópeia* não fora effeito de huma Arte, que por ser mais Divina, que humana, todos os que a profanão, sacrilegamente a offendem, segundo com palavras de Guilherme Aragoso escreve Beyerlinck, chamando a este Author novo Platão, Philosopho, e Medico mais excellente que todos: *Ut qui hæc præterquam iis, quorum evulgatio plus commodi quam incommodi mortalibus affert, prophanare institunt; sacrilegij nomine jure postulari queant. Manus autem operatio; que a motu supra naturam sumitur; divinæ potius quam humanæ, artis mechanicæ umbram solummodo ostendit*: confessa o mesmo Kircker nas primeiras palavras da sua dissertação; que não achára na *Physiologia*; que he o mesmo, que sciencia; estudo; ou disputa das cousas naturaes; argumento mais controvertido do que o curiosissimo thema da *Chrysópeia*:

Beyerlinck.
Tomo 2.
Theatr. Vitæ
Humanæ. Verbo
Chymia
fol. 203.

*Sopeia: Vix nullum in Physiologia argumentum tot, tantisque, tamque acribus Authorum velitationibus exagitatum, tanta opinionum varietate discerptum, (quibus intricato opinionum fune, se se nunc in hanc, nunc in illam partem trahere, lite in hanc usque diem pendente, contendunt,) quam hoc de Chrysopoeia thema sane curiosissimum reperi; e como o estudo, ou especulação, e a praxe da Chrysopoeia convida aos entendidos com a curiosidade, aos ambiciosos com a riqueza, aos enfermos com a saúde, e aos sãos com a duração da vida; porque a Physiologia, como declara Bluteau, se deriva do Grego *Physis*, Natureza, e *Logos*, discurso, e geralmente se toma pela Phisica; mas propriamente fallando, *Physiologia* he a parte da Medicina, que observa, e considera a Natureza do homem, a formação, conformação, e perfeição do feto, a differença dos temperamentos, e das idades, os espiritos, as faculdades, os humores, e outros fundamentos da Arte Medica, e tudo isto em ordem ao conhecimento, e remedio de todo o genero de doenças, para os enfermos alcançarem saúde, e dilatarem os homens a vida: vendo todos, que Adão, primeiro pay do genero humano, foy o primeiro Mestre da *Arte Magna*, como discorre Daniel Sennerto: *Ut Chymiam plane antiquam esse demonstrent, inventionem ejus ad Adamum primum generis humani parentem referunt, eumque ejus primum magistrum fuisse: vendo, que Tubalcaim fóra, senão inventor, Professor desta Arte, segundo com mayor probabilidade affirma o mesmo Author: Probabilius Alchymiae inventio, & rudimenta ad Tabalcaimum referentur: vendo, que o grande Antesignano dos Theologos, con-**

Bluteau Vocab. Port. Tomo 6. fol. 489.

Sennert. Tomo 1. de cons. & diss. Chymic. cum Galen. cap. 3. fol. 184.

h

fôrme

Beyerlinck.
Tomo 2.
Theatr. Vitæ
Human. Ver-
bo Chymia
fol. 204.

fôrme lhe chamão Alapide, e Vieira, o famoso *Hermes Trismegisto*, Rey, Sacerdote, e Philosopho Maximo, escreveu a *Chymica* nos mesmos livros da Theologia, misturando os segredos *Chymicos* com os mysterios Theologicos, como no Theatro da Vida humana refere Beyerlinck: *Hermes Trismegistus, Rex, Sacerdos, & Philosophus maximus, libris, qui extant Theologicis passim Chemica mysteria aspergere videtur*: vendo, que Moysés, como Sábio, e excellentissimamente erudito em todas as sciencias do Egypto, não ignorava a *Chymica*, segundo escreve o mesmo Beyerlinck no referido lugar: *Praefertim cum Moyses in omni Egyptiorum sapientia, quod ex sacris constat, excellentissimus, ne Chemia quidem ignarus esse potuerit*: vendo, que era questão problematica, se o muito Ouro, e Prata, que possuhio ElRey Salamaõ, foy herança de seu pay David, lucro do commercio de Ophir, ou effeito da *Pedra Philosophal*; porque, conforme alguns homens doutos, de quem Beyerlinck faz menção, das transformações da *Arte Magna* parece que escreveu Salamaõ, cousa, que Enodato não quiz ponderar nos Dialogos, nem affirmar neste Prologo, ainda que por estas palavras se ache escrito este problema no Theatro da Vida humana: *Salomonem Regem Judæorum... Auri, argentique tantam sub eo copiam Hierosolymis extitisse, quantam lapidum aiunt. An hoc thesauris paternis, an navigationi trienali per mare Rubrum in Ophir... an ipsi Lapidi Philosophico acceptum ferendum? In Meretricis certe descriptione, Ecclesiasten capita præcipua Chymia metamorphoseos persecutum esse harum rerum periti antumant*: vendo, como diz o mesmo Beyerlinck, que por se

Beyerlinck
Tomo 2.
Theatr. Vitæ
Human. Ver-
bo Chymia
fol. 204.

se julgar Catholica : *Catholica quadam censei potest*, estudarão, e praticarão a *Arte Magna* o Summo Pontifice João XXII. o Eminentissimo Cardeal Gilberto, que de hum ovo fazia pela *Chymica* hum Basilisco, Santo Alberto Magno, Bispo de Ratisbona, que fez com esta Arte huma cabeça de Metal, e Ferro, que fallava, e respondia ao que lhe perguntavão, Raymundo Lullio, que transformou os sinos das Torres de Londres em finissimo Ouro, Basilio Valentino, João de Rupefciffa, João Trithemio, Rogerio Bacon, o mesmo Athanasio Kircker, Morieno, Savanorola, e outros muitos Religiosos de exemplar virtude, e grandes letras, assim Divinas, como humanas : com o seu exemplo se animarão a estudar, e praticar esta Arte outros homens, sem o perigo de serem Magicos, ainda que fossem, como alguns Santos, tentados, e perseguidos pelo Demonio. E daqui se pôde formar, ou voltar contra Kircker, e a favor da *Chrysopoeia* este argumento : se por haver na *Arte Magna* Professores mãos, como diz que forão o Marquez de Vilhena, Cornelio Agrippa, Roberto de Fluctibus, Sendivogio, Paracelso, e outros, hã de ser mã : havendo na mesma Arte professores bons, como forão João de Rupefciffa, Religioso Franciscano, João Trithemio, Monge Benedictino, Rogerio Bacon, Religioso de S. Francisco, Basilio Valentino, Monge de S. Bento, Athanasio Kircker, Religioso da Companhia de JESUS, Alberto Magno, Religioso Dominico, Bispo, e Santo, Raymundo Lullio, Frade Franciscano, e Martyr, Morieno, Savanorola, e o Eminentissimo Cardeal Gilberto, aos quaes ajuntão alguns ao Papa João XXII.

h ij

como

Beyerlinck.
Tomo 2.
Theatr. Vitæ
Human. Verbo
Chymia
fol. 203.

como se pôde ver no mesmo Kircker, e àlem dos referidos, ElRey Salamão, Moysés, *Hermes*, Tubalcaim, e Adão, também por respeito de tão bons Professores ha de ser boa; porque não hà mayor razão para não tomar a *Arte Magna* o bem dos bons, tomando a malicia dos mãos. Dos mãos se recebem os males, como dos bons os bens. Assim o cantou David fallando com Deos, no dia, em que se vio

Reg. 2.22.26. livre de seus inimigos: *Cum Sancto Sanctus eris: & cum robusto perfectus. Cum electo electus eris: & cum perverso perverteris.* Os homens pervertem-se com os perversos, e sanctificão-se com os Santos.

Santo foy Josué; mas na companhia de Moysés, também Santo: Santo foy Samuel; mas na companhia de Heli, também Santo: Santo foy David; mas na companhia de Nathan, também Santo: Santo foy Elizeo; mas na companhia de Elias, também Santo: Santo foy Ezechias; mas na companhia de Isaias, também Santo: Santo foy Cornelio; mas na companhia de Pedro, também Santo: Santo foy Dionysio; mas na companhia de Paulo, também Santo: Santo foy Agostinho; mas na companhia de Ambrosio, também Santo: Santo foy Xavier; mas na companhia de Ignacio, também Santo, sanctificado com o exemplo de todos os Santos. Na *Arte Magna* deve Kircker admittir esta doutrina, e conceder esta consequencia; porque sendo esta Arte má, e perversa, por haver nella, como elle discorre, Professores perversos, e mãos; também ha de ser santa, e virtuosa, porque muitos *Chrysopeios* forão virtuosos, e Santos.

Porém como a Arte he indifferente para o bem, e para o mal, applico aos *Chrysopeios*, o que Santo Agosti-

Agostinho disse dos Mercadores : *Mercatorum vitia non Artis, sed hominum sunt.* Div. Aug. in Psal. 70.

Os vícios particulares dos homens não são culpáveis nas Artes, que elles professão; e se porque houve alguns Hermeticos magicos, se seguisse serem Magicos todos os Hermeticos, também se devia seguir, que todos os homens neste Mundo erão máos, porque houve no Mundo máos homens. Se esta consequencia se não segue, nem conclue, também a do Padre Kircker se não infere, nem colhe. Do Ceo cahirão alguns Anjos feitos Demonios: do Apostolado sahio Judas feito Diabo: das Religiões fugirão muitos Apostatas: nos Thronos dominaão muitos Tyrannos: nos Tribunaes sentencião injustamente alguns Ministros: nas campanhas pelejão covardemente alguns Soldados; e nas Academias reprovão os Mestres alguns idiotas; mas nem por isso se deve inferir, que são idiotas todos os Academicos: covardes todos os Soldados: injustos todos os Ministros: tyrannos todos os Dominantes: apostatas todos os Religiosos: Diabos todos os Apostolos; e Demonios todos os Anjos. Até o tempo da sega permittio o Pay de Famílias, que se creasse a zizania na companhia do trigo: *Sinite utraque crescere usque ad messem;* e não foy culpa para o trigo o vicio da zizania; porque no tempo da colheita foy a zizania condemnada ao fogo, e o trigo foy recebido no celeiro: *Colligite primum zizania, & alligate ea in fasciculos ad comburendum, triticum autem congregate in horreum meum.* Sempre os máos andarão de companhia com os bons; e não se desacreditarão as virtudes dos bons com os peccados dos máos. No Ceo esteve Lucifer com Miguel; e

Matth. 13. 30.

Matth. 13. 30.

na

na terra viverão Caim com Abel : Ismael com Isaac : Esau com Jacob : Saul com David : Nabuco com Daniel : Assuero com Esther : Aman com Mardocheo : Hollofernes com Judith , e Judas com Pedro ; mas não desacreditou a Pedro a traição de Judas : não infamou a Judith a lascívia de Hollofernes : não arruinou a Mardocheo a inveja de Aman : não perdeu a Esther a infidelidade de Assuero : não castigou a Daniel o peccado de Nabuco : não matou a David a ingratidão de Saul : não empobreceu a Jacob a ira de Elau : não manchou a Isaac a perversidade de Ismael : não desacreditou a Abel a culpa de Caim ; nem precipitou a Miguel a soberba de Lucifer. Injusto he logo culpar os bons *Chrysopeios* nos vícios dos máos *Hermeticos* ; e muito mais culpavel he condemnar a *Arte Magna* nos delictos de alguns *Artifices*, se alguns por acaso forão Magicos. Se os delictos dos máos *Artifices* forão culpaveis crimes das suas Artes , todas serão exterminadas da Republica por suas enormes culpas , porque em nenhuma Arte houve atègora Professores , que no seu exercicio, e fóra d'elle , não commettessem alguns erros , como máos *Artifices*, ou alguns delictos , como homens. Por isso sem razão imputa Kircker o peccado de alguns *Artifices* à innocencia das Artes ; porque se não deve imputar às Artes innocentes o peccado dos *Artifices* culpados , como em defeza da *Chrysopeia* escreveo o famoso Jurisconsulto Thomaz Arfoncino: *Artificum vitia nequaquam Arti imputanda esse.* Huma cousa he o Artifice , e outra a Arte ; necessario he logo distinguir o uso do abuso , com que os máos *Artifices* a exercitão. Não tem culpa a Medici-

dicina dos erros do Medico : a Nautica dos descuidos do Piloto : a Milicia da temeridade do Soldado : a Mathematica do prognostico do Astrologo : e a Rhetorica da ignorancia do Orador. Approva o Direito commum a Arte monetaria, e condemna ao fogo os que fazem moeda falsa : louvaõ os Jurisconsultos aos Medicos, e não faltaõ nesta Arte embusteiros, que merecem condemnados como falsarios : condemnãõ as Leys a sciencia Mathematica, que hoje està bem recebida, ainda que por ignorancia dos Astrologos anda mal avaliada. Se por culpa dos mãos Artifices, e Professores fossem culpadas, e condemnadas as suas Sciencias, e Artes, que seria da Jurisprudencia, com as trapações dos Requerentes, com os enganos dos Advogados, e com as injustiças dos Ministros ? Que descreditos não padeceria a Theologia com a prevaricação de tantos Heresiarchas ? Que afrontas não experimentaria a Philosophia com a ignorancia de tantos Scepticos ? Que injurias não ouviria a virtude com os fingimentos de tantos Hipocritas ? He logo necessário separar as nuvens do Ceo, as fezes do Ouro, o fumo da luz, o lodo da perola, a palha do trigo, a noite do dia, o espinho da rosa, o mal do bem, e a mentira da verdade.

Naõ consta, que o grande Medico Philippe Theophrasto Paracelso fosse Magico, ainda que o diga Corringio, que não faz prova, por ser testemunha singular; e posto que Gesnero o affirme, ou lhe levante este falso testemunho; porque Gesnero funda esta asseveração no dito de hum seu discipulo, que não nomea : *Uri ex ejus discipulo audi-
vi*, o qual por ser testemunha singular, e de audito alheyo,

alheyo, não faz prova, e muito menos referindo-se a pessoa incerta; porque fica sendo então de ouvida vaga. Nem ao referente se dá credito, sem que conste do referido, com todas as suas qualidades, em que o referente se transfunde; principalmente em causas arduas, e em materias de honra, em que se requerem provas, como nos delictos, não só legaes, mas tão claras como a luz do Sol, conforme com muitos Doutores resolvem Mascardo de *Probatombus*, e Farinacio de *Testibus*; e Corringio com muito menor fundamento lhe chama Magico; porque nem com semelhante testemunha o prova; e por ser inimigo da *Chymica*, fica o seu testemunho muito suspeito; porque se presume, que para desacreditar esta Arte, infamou ao seu mais perito Artifice. Todo este rumor desmente o Epitaphio, que o Serenissimo Principe, e Illustrissimo Arcebispo de Salisburgo mandou gravar na sepultura de Paracelso, para credito da sua grande virtude, e charidade para com os pobres, que deixou por herdeiros de todos os seus thesouros: *Ac bona sua in pauperes distribuenda, collocandaque honoravit*; e se o Reverendo Kircker der mais credito a hum homem desconhecido, do que a hum Prelado, Principe do Imperio, não se admire, se virmos, como diz Zwelfer, aos seus escritos com desprezo: *Quibus si Pater Kircherus fidem negarit, interveniente tanti Præsulis autoritate, neque ipse demiretur Author, si ejus partus minus æquo judicemus oculo*. Nem Oporino tão ingrato criado, e discipulo de Paracelso, como Cuculo do Divino Platão, na carta satyrica, e libello infamatorio, que contra elle escreveu a João Viero, diz acerca da sua Magica

humana

huma só palavra. E o testemunho de Paracelso, referido, e ponderado pelo Reverendo Padre Kircker, a respeito da campana, ou sino pequeno do Marquez Henrique de Vilhena, cuja estampa lhe mandou a Roma o Padre Thomaz de Leaõ, para que o Reverendo Padre Kircker declarasse o mysterio, e expuzesse a significação de tantos caracteres, a qual se pôde ver no seu Edipo; mais justifica a sua innocencia, do que prova a sua Magica, porque nelle confessa Paracelso, que fallando em Hespanha com aquelle famoso Nigromantico, não pudera conseguir delles a communicação, ou revelação do que mysteriosamente significavaõ, e occultavaõ aquellas palavras, e caracteres, alcançando com a sua especulação, o que por modestia deixava sepultado no silencio: *Non autem perveni, ut homo arcanum, & mysterium verborum, at que characterum mihi communicaret: cepi tandem ipse hac de re penitus speculari, ita ut in mentem mihi venirent, quæ hoc loco tacebimus.* E se Paracelso fôr Magico, nem o Marquez, como a companheiro da Nigromancia, lhe occultara o segredo, nem elle alcançara o mysterio com a sua natural, e aguda especulação, como tambem o alcançou Kircker com a subtilidade do seu engenho, e prespicacia do seu juizo, e o que hoje he credito do engenho, e entendimento de Kircker, não pôde, nem deve ser discredito da pessoa, e infamia da consciencia de Paracelso.

Finalmente conclue Kircker, em que se não deve crer, o que os *Hermeticos* affirmão da Arte Aurifera: *Ut proinde nulla Arti Auriferæ fides habenda sit*; e daqui se segue, que se Paracelso não soubera fazer a *Pedra Philosophal*, que não tinha consigo Demonio Familiar, porque trazendo-o na sua companhia,

panhia, elle lhe ensinaria a preparar a *Chrysopeia*, porque o mesmo Kircker, depois de Santo Thomaz, affirma, que os Anjos, e os Demonios, não por milagre, mas pela sua grande sabedoria, sabem o segredo da Arte Aurifera: *Certe præter Angelum, aut. Dæmonem, ut pote quæ pollet potentia humana superiori, neminem alium hoc præstare posse, quis non videt? Et tamen cum talia, ac tanta operantur, non ea miraculosa, sed ex occulta nobis naturæ potentia & efficacia præstant, inter quæ artem quoque auriferam, quam juxta naturæ exemplar perfectè norunt, adnumerandam censéo.* E não fica tendo incrível, que tendo o Demonio tanta familiaridade com Paracelso, lhe descobrisse este segredo, que revelou a outro Chymico, a quem Kircker occulta o nome, sem com elle ter nenhuma familiaridade, e de facto com este methodo fez na primeira operação trezentos arrateis de excellentissimo, e finissimo Ouro: *Sede itaque, & scribe veram procedendi methodum. Ego statim arrepto calamo dictantis verba, in duodecim puncta divisã, excepi, excepta methodo ait, jam ea in proxime operante, eo prorsus ordine, & juxta præceptorum præscriptionem, redigamus. Quo peracto, jubente Magistro exemi ex vase Chymico materiam instar olei refulcentem, & superaffuso liquore mox congelatam massam reperi, quæ in pulverem redacta, & supra 300. libras hydrargyri projecta, illud in obrysum, & nobilissimum aurum, multo naturali excellentius, nobilisque convertit, quod apud Aurifices optimi, & perfectissimi auri examen subiret.* A' vista pois destas authoridades do Reverendissimo Kircker, infiro, que se os Anjos, e os Demonios, não por milagre, mas por sciencia natural podem fazer Ouro: *Tanta operan-*

operantur, non ea miraculosa, sed ex occulta nobis Natura potentia, & efficacia præstant, inter quæ artem quoque auriferam, que também Paracelfo, e outros Sapieníssimos *Hermeticos* o podião, e pòdem fazer, porque podião naturalmente alcançar o conhecimento desta sciencia, que foy revelada aos Anjos, como contra Feyjoo, com authoridade de Santo Agostinho, e de Santo Thomaz discorre douta, e subtilmente Enodato no primeiro Dialogo desta Ennza: infiro também, que o Mestre, que ensinou ao referido, e incognito *Chymico*, não era Demonio, se não homem, e peritíssimo *Hermetico*. Todo o fundamento, que toma Kircker para affirmar, que este *Chymico* não era homem, senão Demonio, he que perguntandolhe o *Hermetico* donde era natural, e aonde tinha conseguido este segredo, respondera, que elle andava peregrinando pelo Mundo, sem necessidade de cousa alguma, animando aos *Adeptos* desesperados no exercicio da *Arte Magna* com alguma liberalidade, que como fructo colhia da sua Arte, para que se animassem com o seu exemplo a proleguir naquelle estudo. E dizendo isto, e recusando a hospedagem da casa, que o *Chymico* lhe offerecia, se recolheu a hum Hospicio publico, aonde o *Hermetico* o não achou no outro dia, levantando-se de madrugada a visitallo. E por mayores diligencias, que fez, não achou naquella Cidade noticia alguma de tal homem, nem o tornou mais a ver. Isto porèm he o que os *Adeptos* fazem, e não o que obraõ os Demonios; porque os Demonios, como pertendem enganar aos homens, tentaõ-nos muitas vezes, e não costumaõ desistir facilmente da tentaçõ, se Deos não ordena o contrario; e ordinariamente promet-

mettem tudo : *Omnia tibi dabo* ; mas não dão nada. E os *Hermeticos*, que peregrinão pelo Mundo, como Democrito, e Paracelso, depois de verem huma Cidade, e averiguarem, que nella hã curiosos, que pertendem conseguir a *Chrysopoeia*, quando estão já de caminho para se ausentar, buscão estes *Chymicos*, para os admirar, e confundir com semelhantes operações, como aconteceu a Helmonte; e para não serem conhecidos, perseguidos, nem obrigados a revelar por força o segredo da *Aurifactoria*, recusaõ a urbana hospitalidade, e quando fingem, que vão recolher-se na estalagem publica, sahem para fóra da Cidade, continuando a sua peregrinação pelo Mundo.

Finalmente para desmentir o testemunho falso, que Gesnero divulgou contra Paracelso, traduzirey neste lugar, como Cicero as orações de Demosthenes, o que contra o erro commum dos Espiritos Familiares escreveu o grande Theologo Feyjoo no terceiro Tomo do *Theatro Critico*. Ainda que o nome de Espiritos Familiares, convem com propriedade aos Duendes, de quem acabamos de tratar, em Hespanha só se usa desta voz (ainda que tambem com propriedade) para significar aquelles Demonios, que se diz estar ligados por alguma pessoa determinada, a qual se serve delles a seu arbitrio. Destes não hã tantas historias, como de Duendes; porque não he tão facil, que os contrafaça o engano, ou imagine o erro. A isto se accrescenta, que como semelhante assistencia de Espiritos infernaes não pòde succeder sem pacto expresso da pessoa, a quem assistem, qualquer noticia falsa, que se torje nesta materia, seria logo descuberta, devendo a Justiça entender no exame, para averiguar, e castigar o delicto. Por tanto,

to, esta he huma daquellas cousas, que pelo commum só se contaõ de terras distantes, ou de tempos remotos. O vulgo de Hespanha crê, que he muito frequente o uso destes Espiritos Familiares em outras Nações, em tal fórma, que dizem, que os vendem huns homens a outros; e alguns accrescentão, que esta venda se faz publicamente sem nenhum rebuço, como a de qualquer genero ordinario. No que se vê muito bem, que não há mentira, por monstruosa, que seja, que o povo não admitta sem repugnancia.

O mais admiravel he, que homens, que estão fóra da vulgaridade, tambem tenham dado credito a esta ficção. Crespeto, citado pelo Padre Del-Rio, refere, que os Espiritos Familiares se achão venaes em França, e em Italia (expressão, que significa, que quem os busca, os acha, e por conseguinte, se faz a venda sem muita dissimulação) se este Author he Pedro Crespeto, Religioso Celestino, que floreceo em França no fim do seculo decimo sexto, he mais de estranhar nelle tão extravagante noticia; porque foy muito sabio para crella, e muito virtuoso para fingilla. Em Hespanha dizem, que vendem os Espiritos Familiares em França: em hum Author Francez li, que os vendem em Alemanha: em Alemanha assentão varios Authores, que esta venda he frequente nas Regiões mais Septentrionaes. Assim vão lançando esta patranha humas Nações a outras, paraque se verifique o Adagio: *Longas vias, longas mentiras*; porque as grandes mentiras vem de terras distantes, e remotas.

Que o Demonio pôde ser ligado pela virtude de Deos Omnipotente; communicada aos seus Mi-
nistr

nistros, e Servos, he cousa tão certa, que não tem duvida. Assim se lê no livro de Tobias, que o Archânjo S. Rafael ligára no deserto do Egypto ao Demonio Almodeo; e lemos no Apocalypse, que hum Anjo prendeo com huma cadeya a Satanàs, encarcerando-o por mil annos no Abyssmo. Porém he falso, que tenham este poder os conjuros da *Arte Magica*. Circulos, Palavras, e Ritos, que carecem de toda a actividade, e não podem mover a mais leve aresta de huma para outra parte, como hão de ter força, para trazer hum Demonio do Inferno, atallo, e fugeitallo ao arbitrio de hum homem? O recurso he dizer, que em virtude do pacto, que se faz com hum Demonio de hierarchia, ou superior ordem, este pelo dominio, que tem sobre outro inferior, o ata, e obriga àquella servil fugeição. Eu convenho, em que haja essa authoridade de huns Demonios sobre outros, e que Deos lhes permitta o seu uso. Porém duvido muito, que o Demonio superior, com quem se faz o pacto, seja tão fiel na sua observancia, como nos suppoem as noticias, que correm dos Espiritos Familiares; porque, segundo o que se diz, estes nunca já mais rompem a sua prizão, e quem os compra, o faz debaixo da supposição, que dà o seu dinheiro por huma alfaya imperdível. O Demonio não observará pacto algum, se não em tanto, que seja conducente a seus depravados desígnios; e nas innumeraveis circumstancias, que podem occorrer, haverá casos, em que à sua malignidade tenha mais conveniencias quebrar o pacto, do que observallo.

Como quer que seja possível, que o Demonio preste com legalidade esse funesto obsequio aos homens, não obstante isso, asseguramos ser fabula, o que

o que o vulgo erè dos Demonios Familiaes das Nações Estrangeiras. Se fosse tão frequente o seu uso, muito se leria delles nas historias classicas dos Reynos; porque intervirião como instrumentos nos successos de mayor importancia. Sendo vendiveis, quem os poderia comprar melhor do que os Principes? Com hum Familiar, que cada hum tivesse a seu mandado, oh quanto pouparião do que gastão em Postas, e do que dispendem em ganhar confidentes, para saber o que se trata nos gabinetes de seus inimigos! São por ventura todos os Principes tão timoratos, que sollicitados da ambição, renunciem a todos os meynos illicitos de prover seus interesses? Alguns, como Saul a Pythonisa, consultarião aos Familiaes. Sem embargo disto, não se encontra nas Historias o uso destes Demonios, nem a sua mais leve sombra, antes se vê tudo pelo contrario, pois não se lê successo algum, a que se não assignem as causas naturaes, e ordinarias. Assim que as narrações de Espiritos Familiaes só se achão no vulgo, ou em algum Author nimiamente credulo, e facil, que andava recolhendo contos de velhas, para encher hum livro de fabulosos prodigios. E se a voz de todos (voltemos sobre Kircker) he tão falsa, e mentirosa na asseveração dos Familiaes Espiritos, como devemos dar credito a Gesnero ácerca do Espírito Familiar, que diz assistia a Paracelso, sem mais averiguado fundamento, que tello ouvido a hum seu Discipulo: *Uti ex ejus Discipulo audivi*? He bem verdade, que o mesmo Paracelso, como nota Kircker, na prefacção ao Paragrato, e em outras partes das suas obras, falla com muita impiedade, e superstição; mas como era hum homem tão ambi-

ambicioso de fama , e gloria , que aspirava à Monarchia da Medicina : *Ego Monarcha ero , mea erit Monarchia* ; e tão presumido da sua grande sciencia , que escreveo , que o mais nescio cabello da sua cabeça era mais sabio , que todos os Medicos , e mais douto que os seus Escretores , as fivellas dos seus çapatos mais eruditas do que Galeno , e Avicena , e a sua barba mais experimentada , do que todas as suas Academias : para fazer mais respeitada a sua pessoa , e doutrina , não duvidou fallar entre os seus criados , e escrever nas suas obras com supersticiosa jaçtancia. Homens de boa feição costumam chamar o vulgo aos fogeitos , que affectão , como Paracelso , esta arrogancia fingida. Porém como este grande Medico deixou os pobres por seus herdeiros , mostrou claramente ao Mundo , que tora pessoa virtuosa , e de boa vida , como são reputados os charitativos ; porque ordinariamente cada hum vive como morre , por acabar como vive.

Agora já he tempo de abrímos os olhos , e de fazer melhor conceito dos homens doutos , como Paracelso , do que fizeraõ das suas letras Conringio , e Gesnero , seguindo a barbaridade dos seculos passados , quando injustamente se condemnava em Roma o bom Lavrador Cresino , pelo sortilegio chamado Scopelismo , que consistia em lançar pedras encantadas nas fazendas alheyas , para esterilizallas ; porque se observava , que a sua herdade , sendo de qualidade inferior , dava melhor fructo , do que as vizinhas ; sendo tudo effeito do seu trabalho , porque cultivava melhor a sua terra , do que os outros Lavradores. Já he tempo de restituir o credito a Paracelso , como a Galeno , reputado

tado em Roma por Magico, por curar brevemente com a sangria huma fluxão, que sem ella não pôde vencer em muito tempo o Medico Erasistrato. Já he tempo de perdoar a Paracelfo, como a João Fausto, reputado por Magico em Pariz, por vender naquella Corte algumas Biblias impressas, não havendo ainda em França noticia da impressão. Já he tempo de não injuriar a Paracelfo, como a André Doria, por navegar com vento contrario, com o qual todos os dias vemos entrar, ou fahir barcos, e Navios da barra de Lisboa, cousa algum dia tão admirada, e estranhada, que os Marinheiros do Lago, mayor no Ducado de Milão, costumados a por-se na agoa só com bom vento, entre duas escotas, vendo a André Doria, embarcado no mesmo Lago, fazer caminho com o dito vento, se persuadião, que este Principe era feiticeiro, ou magico, e que os Demonios davaõ à embarcação o impulso. Já he tempo de não infamar a Paracelfo, como a João Trithemio, Abbade Benedictino de Spanheim na Diocesi de Moguncia, o qual por occultar a sua grande sabedoria ao vulgo, nos seis livros da Polygraphia, e com mayor segredo, e mais impene-travel mysterio na Steganographia, usou de muitos termos mysteriosos, e com terminação Hebraica, que os ignorantes, com Possevino, entenderão serem Espiritos malignos, desacreditando tanto esta engenhosa escriptura (antiquissimo invento de Eneas Tattico) que como suspeita na Fè, mandou o Eleitor Palatino Federico II. reduzir a cinzas o innocente original, que tinha na sua Bibliotheca, hoje tão celebrado no Mundo, depois que a seu favor escreve o Padre Gaspar Schot da Companhia de JESUS.

k

Jà he

Já he tempo de extinguir as suspeitas contra Paracelso, como de moderar as queixas, que os Hespanhões fizeram em Roma contra os Francezes, entendendo, que por arte diabolica decifravão os enigmas das cartas, que se escrevião de Helpanha àquelle Reyno, quando ardia no fogo da guerra no tempo da liga, por serem escritas com caracteres voluntarios, em que se accrescentava a precaução de variar differentes alfabetos, dentro de huma mesma carta, cousa certamente impossivel de perceber a quem não tivesse a chave, e porisso reputada por superior à toda a humana industria, devendo-se a declaração desta prodigiosa cifra à rara comprehensão, e engenhosa subtilidade de Francisco Vieta, insigne Mathematico, e inventor da Algebrã Especiosa, o qual era tão raro, e incansavel, que passava muitos dias, e noites sem comer, nem dormir, absorto em subtilissimas especulações. Já he tempo finalmente de perdoar a Paracelso, como ao famoso Adam Tanero, Cathedratico da Universidade de Praga, e tão douto, como virtuoso Jesuita, reputado por feiticeiro, por lhe acharem, depois de morto, o Microscopio: ao Papa Sylvestre II. Monge de S. Bento, por ter inventado os Orgãos Hydraulicos com a sua grande sciencia Mathematica; e aos famosissimos varões Miguel Scoto, Rogerio Bacon, Boecio Severino, e outros *Hermeticos*, todos reputados por Magicos, por serem doutos entre os ignorantes, em cujo juizo tudo o que he raro passa por Divino, ou diabolico, como Apollodoro, e Plinio julgãrão da *Planta Sensitiva*, chamada tambem *Pudica*, ou vergonhosa, porque com o nome de *Eschinomenen* a puzerão no Catalogo
das

das hervas Magicas, sem mais culpa do que encolher as suas folhinhas, cozendoas com seus ramitos, quando alguém lhe quer tocar, tornando-as logo a estender, estando livre do contacto. Tanto que entre os idiotas apparece hum sogeito eminente, logo dizem, que he feiticeiro; e sem mais delicto, que a sua virtude, todos o culpão por Magico, ou Nigromantico.

§. VIII.

Com pouca, ou nenhuma razão se admira o Padre Kircker de dizer Paracelso, que sendo thuitos os segredos para transmutar os Metaes, só os conhecem esses poucos *Hermeticos*, a quem Deos allumea para conseguirem este grande arcano: *Arca-na plura transmutationes exhibentia reperiuntur, & si paucis, id est, solis à Deo illuminatis artis filius cognita*; porque se isto, diz elle, fora verdade, não era possível, que deixasse Deos de revelar esta Arte a homens Santos, e virtuosos, prevendo, que não havião de abusar destas riquezas: *Est ne possibile, Deum Optimum Maximum hanc Artem tot Sanctis, & Spiritu Dei plenis hominibus, quos sciebat ea non abusus, revelare omisisse?* Bem sabia Kircker, que a pobreza he hum dos tres votos da Religião, em que os homens virtuosos, e Santos seguem a Christo com a perfeição Evangelica; e o mesmo Christo no Evangelho de S. Mattheus diz, que não he possível, que juntamente, e no mesmo tempo possão os homens servir a Deos, e ao dinheiro: *Non potestis Deo servire, & mammonæ.* Se hã cousa no Mundo, que pudera competir no senhorio com Deos, como dis-

Matth. 6. 24.

k ij

corre

Vieir. Part. 2.
num. 272. fol.
255.

Ecclesiast. 10.
20.

Matth. 27. 6.

Matth. 6. 25.

corre Vieira, he o idolo universal do Ouro, e **Pra-**
ta. Muitas Nações há no Mundo, que não conhe-
cem a Deos, nenhuma, que não adore, e obedeça
a este idolo : *Pecunia obediunt omnia*. E ainda dos
que professão servir a Deos, quem hà, que o não
sirva ? Pois assim como ninguem pôde servir a dous
senhorès : *Nemo potest duobus dominis servire* ; as-
sim, diz Christo, que não pôde servir a Deos, e
mais ao dinheiro. Servir a Deos com o dinheiro, bem
pôde ser, e he bem que seja, mas servir a Deos, e
ao dinheiro juntamente, he impossivel. Quando Za-
cheo se resolveo a servir a Christo, logo renunciou
o dinheiro : e quando Judas se resolveo a servir ao
dinheiro, logo renunciou a Christo. Arrependido
o mesmo Judas de ter vendido a seu Mestre, lan-
çou os trinta dinheiros no Templo : *Projecit eos in*
Templum. E os Ministros do Templo resolvèraõ,
que não se podiaõ meter na bolça : *Non licet eos mit-*
tere in corbonam. Mofoino dinheiro, que nem rouba-
do, nem restituído, nem no Templo, nem na bol-
ça, teve lugar com Deos : e assim he todo. Se o
roubais, perdeis a Deos : se o restituís, perdeis o
dinheiro : se quereis servir a Deos, Deos, e o di-
nheiro não cabe no mesmo Templo : se quereis ser-
vir ao dinheiro, o dinheiro, e Deos não cabem na
mesma bolça : *Aut unum odio habebit, & alterum di-*
liget : aut unum sustinebit, & alterum contemnet. Ou
haveis de renunciar o dinheiro, se amais, e prezais
a Christo, como fez Zacheo; ou haveis de renun-
ciar a Christo, se amais, e prezais o dinheiro, co-
mo fez Judas. Oh quantos Judas, e quam poucos
Zacheos hà no Mundo ! Se Deos tivera tantos ser-
vos, e tão diligentes, como tem o dinheiro, que
bem

bem servido fora ! Mas quantos deserviços se fazem a Deos, em serviço deste mão idolo ? O mayor sacrilegio de todos, he, que em vez de os homens se servirem do dinheiro para servir a Deos, chegam a se servir de Deos, para servir ao dinheiro : *Servire me fecisti in peccatis tuis.* Quantas vezes os bens Ecclesiasticos, que são de Deos, os vemos applicados, e consumidos em usos profanos : e os vasos do Templo de Jerusaleem, ou levados aos thesouros de Nabuco, ou servindo nas mesas de Balthasar. Quando já mais se encontrou Deos com o interesse, que o desprezado não fosse Deos ? Ou quem seguiu os idolos de Ouro de Jeroboam, que não virasse as costas à Arca do Testamento ? O Ouro, que os Hebreos roubaram no Egypto, adoraram-no no deserto. E quantos há, que fazem o mesmo, só com a figura mudada ? Que importa, que não adoreis a forma, se adorais a materia ? Que importa, que não adoreis o Bezerra de Ouro, se adorais o Ouro do Bezerra ? E no mesmo tempo (como os de Azoto) pondeis a Deos, e o idolo sobre o mesmo altar, e credes, com affectada hypocrisia, que podeis servir juntamente a hum, e a outro ? Se Christo diz, sem exceção, que isto he impossivel : *Nemo potest, non potestis* ; como diz o Padre Kircker, que não he possivel, que Deos deixasse de revelar a Arte de fazer Ouro, e Prata a homens Santos, e virtuosos, que sabia não haviaão de abusar do dinheiro : *Est ne possibile, Deum Optimum Maximum hanc Artem tot Sanctis, & Spiritu Dei plenis hominibus, quos sciebat ea non abusus, revelare omisisse ?* He certo, que Deos sabe tudo ; e sabendo muito o Padre Kircker, não sabia, que os homens virtuosos, e San-

e Santos não haviaõ de abusar do dinheiro. Poderia haver homens Santos, e virtuosos, que Deos conhecesse haviaõ de usar bem das riquezas; porque as riquezas são indifferentes, e ambidextras, e por ellas como pelas escadas, sobem huns ao Ceo, e descem outros ao Inferno; mas ainda que Deos conhecesse os homens, que podem usar bem das riquezas, isto que de possível pôde ser, de facto he tão difficuloso, que mais facilmente entrará hum calabre pelo fundo de huma agulha, do que hum rico no Reyno do Ceo: *Facilius est, camelum per foramen acus transire, quàm divitem intrare in Regnum Cælorum*; porque ainda os homens virtuosos, como devia ser Judas, quando Christo o elegeo para o Apostolado, com o dinheiro se pervertem, e perdem pelo dinheiro, como succedeo ao mesmo Judas no Collegio Apostolico. E para que os justos se não pervertão, e percão, não os quer Deos fazer ricos, revelandolhes a *Chrysopeia*.

Assim o entendeo o mesmo Kircker, quando escreveo contra Paracelso estas palavras, que provadas com a doutrina de S. Paulo, precedem immediatamente às outras acima referidas: *Tantum abesse, ut Deus ad Artem tot satanicis illusionibus expostam supernaturali auxilio concurrere censeatur, ut potius eam expressis verbis, veluti remis, velisque vitandam in sacris literis innuerit: qui divites volunt fieri, id est, Alchymistæ, incident in multas tentationes, & laqueos Diaboli. Est ne possibile, Deum Optimum Maximum hanc artem tot Sanctis, & Spiritu Dei plenis hominibus, quos sciebat ea non abuturos, revelare omis-*se? A todos os homens dá Deos as riquezas, mas ordinariamente as reparte com elles conforme a diligên-

gencia, com que cada hum trabalha pelas adquirir. Sempre Deos se houve com os trabalhadores, como com os virtuosos. Reparte os bens espirituais, conforme o merecimento da virtude, e distribue os bens temporais, conforme a diligencia do trabalho. Sem trabalhar, ninguem he rico; e sem merecer, ninguem he Santo; e daqui se segue, que he taõ moralmente impossivel, que hum rico seja Santo sem merecer, como hum Santo rico sem trabalhar; e como para ser rico, não trabalha nenhum Santo, como he logo possivel, que revele Deos a *Chrysopeia* aos virtuosos, para fazer ricos aos Santos, sem que os Santos trabalhem por serem ricos? Esta parece a energia das palavras de S. Paulo: *Qui divites volunt fieri*. Não dizem, os que trabalham tanto, como querem ser ricos, senão os que desejão ser feitos ricos sem nenhum trabalho: *Divites volunt fieri*; e isto que são tentações, e laços do Diabo: *Tentationes, & laqueos Diaboli*, não pôdem ser merces, e revelações de Deos. Porém ajudar Deos a quem trabalha, e dar luz, e auxilios a quem adquire com a sua industria as riquezas, para comer o pão com o suor do seu rosto, como o comia, e ganhava Paracello, não me parece cousa, que não possa fazer Deos. Santo Alberto Magno, tão grande Theologo, como *Chymico*, na prefacção do livrinho de *Alchymia*, com que coroou as suas doutissimas obras, affirma, que depois de perseverar no estudo, especulação, e trabalho da *Arte Magna*, não pela sua grande sciencia, mas por graça do Espírito Santo descobrira a *Chrysopeia*: *Tandem perseveravi studendo, meditando, laborando in operibus ejusdem, quousque quod querebam inveni, non ex mea sciencia, sed ex Spiritus Sancti gratia*; e como nel-
tas

tas palavras profere Santo Alberto Magno, como Theologo, a mesma proposição, que condemna o Padre Kircker em Paracelso, como impio; não posso entender, como allegando na mesma obra com ambos estes Authores, se atreveo Kircker a reprehender em Paracelso a impiedade, sem censurar em Alberto a Theologia; porque Alberto concorda com Paracelso em que depois do estudo, e do trabalho: *Studendo, laborando*, alcançara o segredo da *Pedra Philosophal*, não pela sua propria sabedoria: *Non ex mea scientia*, mas por revelação, ou graça de Deos: *Ex Spiritus Sancti gratia*; e daqui se deve inferir, que não pôde ser em Paracelso impiedade a proposição, que em Santo Alberto he Theologia.

Todo o escandalo, que nesta proposição de Paracelso descobrio o Padre Kircker, está em que sendo a *Chrysopeia* huma Arte tão util para a vida, a não revele Deos aos Santos, e virtuosos, senão só aos *Hermeticos*, e *Alchymistas*. Mas tambem sendo as sciencias muito necessarias para saber, não as revela Deos ordinariamente aos virtuosos, e Santos, se não aos estudiosos, e applicados, porque ainda que Deos he muito liberal com os homens, a nenhum por mais Santo, e virtuoso, que seja (não lhe infundindo, como aos Apostolos, a sciencia) concede a sabedoria sem estudo, nem dá a riqueza sem trabalho. Muito virtuoso, e Santo era Adam antes de peccar, e tambem depois de penitente, e arrependido da sua culpa, porém Deos não lhe deu as riquezas necessarias para viver, sem Adam primeiro trabalhar para comer: *In laboribus comedes*, nem lhe concedeo a sciencia do bem, e do mal, para saber, sem que elle a colheesse á custa da propria vida, comendo do fructo da Arvore da

Genes. 3. 17.

re da sciencia: *Ecce Adam quasi unus ex nobis factus est, sciens bonum, & malum.* Com esta grande sciencia era Adam quasi tão sabio, como era o mesmo Deos: *Adam quasi unus ex nobis factus est sciens,* e sendo Senhor de todo o Mundo, com o absoluto dominio de todas as riquezas, era mais rico do que todos os homens; mas com toda esta grande opulencia não comia hum bocado de pão, para sustentar a vida, sem lhe custar o suor do seu rosto: *In sudore vultus tui vesteris pane,* e á custa da propria vida alcançou tão grande sabedoria: *De ligno autem scientiae boni, & mali ne comedas. In quocunque enim die comederis ex eo, morte morieris.* Tão pensionadas são as sciencias, que se compraõ com as proprias vidas; e tanto custão estas vidas a sustentar com as riquezas, que até hum bocado de pão se não pòde comer, sem se ganhar com o suor do rosto proprio! Não dà ordinariamente Deos aos homens os bens de que necessitão, se elles com a sua propria virtude, e diligencia os não buscaõ.

Na Parabola dos Talentos, diz Christo Senhor nosso, que os repartio o Rey a cada hum dos servos, conforme a sua propria virtude: *Unicuique secundum propriam virtutem.* Este Rey he Deos, que conforme a virtude, e officio proprio de cada homem lhe reparte os talentos. Ao Estudante dà sciencias, e applausos: ao Mercador dà lucros, e ganancias: ao Soldado dà victorias, e triumphos: ao Navegante dà commercios, e riquezas: ao Lavrador dà fructos, e cearas; e ao Santo dà graças, e bemaventuranças; e não confunde as bemaventuranças, e graças do Santo, com as cearas, e fructos do Lavrador: as riquezas, e commercios do Navegante com os triumphos.

triumphos, e victorias do Soldado : as ganancias, e lucros do Mercador com os applausos, e sciencias do Estudante; por isso não revela aos Santos, e virtuosos a *Chrysopeia* dos *Alchymistas*, e *Hermeticos*; porque não confunde o officio proprio dos *Hermeticos*, e *Alchymistas* com as virtudes proprias dos virtuosos, e Santos.

§. IX.

NÃO posso agora deixar de me rir neste lugar, não sey se do zelo, se dos zelos, com que o P. Kircker escreveu contra a *Pedra Philosophal*, defendendo para exterminar esta Philosophia do Orbe Literario huma Extravagante do Papa João XXII. aonde Sua Santidade reprova a *Chymica*, e condena os *Chrysopeios*, não à morte, mas a perpetua infamia. Porém devia advertir o Reverendissimo Kircker, que esta Extravagante não foy recebida, e incorporada no Direito Canonico, nem he infinita, e geralmente fulminada contra os verdadeiros *Hermeticos*, ou *Chymicos*, senão contra os *Pseudochymicos*, e embusteiros, que fazem, e vendem Prata, e Ouro falso, por verdadeiro Ouro, e Prata fina, como doutissimamente resolve o Sapiientissimo Jurisconsulto Arfoncino : *Verum specialiter, & proprie de ijs tantum, qui (ut Textus verba proferam) aurum, vel argentum sophistica transmutatione confingunt. Quare ad eos, qui non reprobum, & adulterinum, sed probum, & verum aurum conficiunt, Textus ille non pertinet. Itaque omnes Doctores tam Civilistæ, quam Canonistæ non curarunt illam Extravagamem Papæ, ut superius diximus.* Nem a Constituição do Summo Pontifice

tifice João XXII. necessita de expolição; porque da mesma Extravagante clara, e expressamente conta, que não condemna senão aos *Pseudochymicos*, que falsificão Ouro, e Prata, para enganarem aos homens com artificio, vendendo-lhes estes Metaes por verdadeiros: *Idemque verbis dissimulant falsitatem, ut tandem, quod non est in rerum natura, esse verum aurum, vel argentum sophistica transmutatione confingant.* Porisso João Pico, Duque de Miranda, Conde da Concordia, Principe do Imperio, e tão grande Principe, como Sabio, por lição de Acurcio, Baldo, Guilherme, e outros Juristas, absolue do crime de fallarios aos verdadeiros artifices da *Chrysopeia*; porque contra elles não fulminou o Papa este Editto: *Præscribitur enim de crimine falsi, at nos de vera loquimur arte, quæ falsitatis nomine taxari non potest.* E porque esta Arte de fazer Ouro verdadeiro, e puro, não he prohibida por nenhum Direito positivo, como escreve Beyerlinck: *Ars conficiendi eo modo aurum, nullo jure positivo vetatur*, por esta razão confiadamente dedicou ao Papa Leão X. João Aurelio Augurello tres livros escritos em versos Hexametros, em que tratava da *Pedra Philosophal*, com o titulo de *Chrysopeia, & velus Aureum, seu Chrysopesa Mayor, & Minor*; sobre a qual tambem elcreveo em verso Heroico Lusitano o famoso Poeta Bocarro, sendo gratissimos aos Portuguezes, e Romanos estes Poemas, os quaes não seriaõ tão estimados dos Pontifices, e Monarchas, se por elles, ou por alguma Ley Divina, ou humana fossem prohibidos.

Nem se deve prohibir huma Arte, da qual se duvidou Santo Thomaz, commentando nos seus

l ij

pri.

Joan. Franc.
Pic. Mirand.
lib.1. de Auro
cap. 3. in fin.

Beyerlinck.
Tomo 2.
Thear. Vitæ
Human. Verbo
Chymia
fol. 203.

primeiros annos as sentenças dos Padres, a defendeo sendo já velho, escrevendo a *Summa Theologica*, como melhor que Pedro Gomes, e João Lyguero entendeo o Principe de Concordia o grande Mirandulano: *Adde, quod quæ juvenis negare visus est Thomas, constanter affirmavit longo post tempore, hoc est, dum Summam conficeret Theologicam, tanquam ultimum suarum opinionum testamentum.* E accrescenta este grande Principe no principio do terceiro livro, que escreveo desta transmutação dos Metaes em fino Ouro, (de que elle foy testemunha de vista) que depois do incendio dos livros *Chrysophilos*, que mandou queimar o Emperador Diocleciano, como refere Suydas, para que os Egypcios poderosos com o muito Ouro, que fazião com a *Chrysópeia*, se não rebellassem contra o Imperio Romano, se fazia publicamente tanto Ouro daquella especie de area dourada, a que os Gregos chamão *Chrysamos*, que os Cesares mandarão aos *Hermeticos*, que do seu trabalho pagassem tributo, como os Mineiros, com a differença porèm, de que os Mineiros pagassem a decima parte do que tiravaõ das minas da terra, e os *Hermeticos* pagassem poucos escrúpulos do Ouro, que fazião com a sua *Philosophia*, como ainda hoje testemunhaõ duas Leys, que debaixo do titulo de *Metallarius*, se pòdem ver no Codigo Justiniano; donde se segue, e conclue, que não podia ser prohibida huma Arte, pelas mesmas Leys, que a permittiaõ, e approvavaõ.

§. X.

Argumenta mais o Padre Kircker contra a *Arte Magna*, desacreditando os seus Artifices, porque

que lhe chama Magicos, Feiticeiros, Nigromanticos, Impios, e Atheistas. Louvo a piedade com que Kircker os censura, como Catholico; mas estranho a Logica com que os impugna, como Dialectico. João Zwelphero, Medico do Emperador Leopoldo I. e Philolopho excellente, não quiz, nem se atreveo (não se atreveo, porque não quiz) a investir, e com guerra declarada refutar os argumentos, e asserções do Padre Kircker, Varaõ tão celebre, que ninguem o igualla na fama, e no talento, e por modestia não oppoz, mas propoz amigavelmente contra elle a sua opiniaõ: *Cujus viri, ut pote celeberrimi, fama ac talentis nunquam æquandi, doctissimas assertiones, & argumenta, licet aperto Marte incescere, ac adoriri, neque velim, neque ausim: meam tamen interim non tam opponam quam proponam opinionem.* Porém chegando a este ponto do Atheismo, impiedade, e Nigromancia, com que o Reverendissimo Kircker, usando da Figura chamada dos Gregos *Poly syndethon* injuria, e afronta a Paracelso, não só defende a este grande *Hermetico*, mas impugna, ou expugna ao Padre Kircker. Por obsequio de Zwelphero não respondo a Kircker sobre esta injusta censura, como em veneração de Lorino deixou Alapide de commentar o Psalterio, porque na disputa deste Prologo caminho por nova estrada; e quando entro em varedas já trilhadas, sempre me desvio de dar passo sobre pegada alheya. Mas como estranhey a Kircker a sua Logica, mostrarey só, que melhor argumentára este Philosopho com esta, ou semelhante Dialectica: os *Chymicos* admittem huma só *Pedra Philosophal* com duas cores differentes, que são branca, e vermelha, chamadas *Chrysopæa*, e *Argyriopæa*, as quaes convertem os

Me,

Zwelfer.
Mantif. Spag.
Part. I. cap. I,
fol. 324.

Metaes imperfeitos em Ouro, e Prata, obrando juntamente dous effeitos contrarios; porque o *Lapis* endurece os Metaes brandos, que são o Chumbo, e o Estanho, para os transformar em Prata, e abrandando os Metaes duros, que são o Cobre, e o Ferro, para os transmutar em Ouro: he impossivel, que a mesma Pedra faça contrarias operações; porque nenhuma cousa naturalmente produz dous effeitos contrarios: logo he tão impossivel esta Pedra, como os seus contrarios effeitos. Mas tambem lhe respondera, que a soluçãõ deste argumento he tão clara como a luz do Sol, que abrandando a cera, e endurece o barro; porque obra em diversos fugeitos, e a respeito de naturezas differentes. Com diversos alimentos duros, e molles, faz a Natureza, por meyo da nutrição, a substancia do corpo da mesma consistencia, endurecendo com huma só acção o molle, e abrandando o que he duro, e solido; e daqui se segue, que imitando a Arte tão perfeitamente a Natureza, sendo isto possivel à Natureza, não fica sendo impossivel à mesma Arte. Os Philosophos Peripateticos, e todos os outros sabios, que professão, e ensinão a verdade, claramente a escrevem nos seus livros, e a explicaõ a seus Discipulos, e por isso a pintaõ nua: *Nuda veritas*; e todos aquelles homens, que occultaõ o que ensinão, e escondem o que affirmão, professão a mentira, e o engano; porque como disse a Sabedoria Divina Encarnada, quem obra mal, aborrece a luz, para não serem arguidas as suas obras: *Omnis, qui male agit, odit lucem, ut non arguantur opera ejus*; os Philosophos *Hermeticos* affirmando, e defendendo a existencia do *Lapis*, e ensinando aos Discipulos a preparaçaõ da *Chrysopea* com *Polygraphia* encobrem a ver-

Joan. 3. 20.

a verdade, occultando o que ensinaõ, e encobrin-
do o que defendem, e affirmão : logo os Philosophos *Hermeticos* quando escrevem, e quanto escre-
vem da *Chrysopeia* he engano, e mentira. Mas tam-
bem lhe respondera, que os Philosophos Pythago-
ricos, que professâraõ a verdade, e perseguiraõ a
mentira, não a explicavaõ a seus Discipulos, senão
por symbolos, como tambem faziaõ os Philosophos
Heracriticos, que foraõ muito verdadeiros, ensi-
nando a seus Discipulos a verdade das suas Escho-
las com enigmas, segundo escreve o Divino Plataõ,
e a todas as pessoas, que lhes pediaõ a explicação
destes mysterios, a declaravão com outros enigmas. O
mesmo Plataõ, Mestre de Aristoteles, escreveu tão
occulta, e enigmaticamente os seus dogmas, que
poucos sabios os entenderão, imitando, como es-
creve o grande Hieronymo aos Syros, e Palestinos,
que se explicavaõ por Parabolas. A Sagrada Escri-
tura, que he Fonte pura de toda a verdade, està
cheya de Parabolas, Enigmas, Allegorias, e Me-
taphoras; e o mesmo Christo, em quem, como diz
S. Paulo, estão escondidos todos os thesouros da
sciencia, e sabedoria : *In quo sunt omnes thesauri sa-* Ad Coloss. 2.
pientia, & scientia absconditi, ensinando a verdade 3.
a seus Discipulos, e a toda a Igreja Catholica,
tambem lha declarou por Parabolas : *Et sine parab-* Matth. 13. 34.
olis non loquebatur eis. E daqui se segue, que a expli-
cação mysteriosa não deixa por isso de ser muito
verdadeira. Porisso Aristoteles conhecendo, e pra-
cticando nos seus escritos esta verdade, como escre-
veo ao grande Alexandre, confessa, que a ignoran-
cia de alguns, ou de todos os Philosophos *Anti-*
Hermitticos, corrompeo a sciencia, e a Philosophia
dos

dos Egypcios; pôr não entenderem os seus mysteriosos Hieroglyphicos, fingindo fabulas para mostrarem os nescios, que os entendiaõ, perdendo a sua verdadeira intelligencia, a ignorante presumpção destes fingidos Edipos; onde se deve notar, que o Philosopho chama sabios aos Authores dos Hieroglyphicos, e nescios aos que os não entenderaõ; e a estes nescios, como a inimigos peregrinos dos sabios, occultão os *Hermeticos* os thesouros da *Chrysopoeia*, quebrando-lhes a cabeça com os mysterios dos seus enigmas, para cástigar a sua cubiça, e presumpção.

São os *Hermeticos* com os seus enigmaticos mysterios, como os Gryphos animaes de quatro pès, com azas, e bico de Ave, costas de Leão, e cauda de Serpente; os quais nos Montes Rhipheos, e Hyperboreos guardaõ os thesouros, como tambem diz Kircker: *Ad Rhiphaeos quoque montes ad Gryphos Hyperboreos praestantissimi auri custodes*, e são inimigos dos cavallos; e Arimás pes; e accrescenta Bluteau pôr lição de Solino, que habitaõ estes animaes as terras da Scythia abundantes de Ouro, e pedras preciosas, e aos Estrangeiros, como a inimigos, que pretendem roubar esta riqueza, assaltaõ, e despedaçaõ os Gryphos, como nascidos para occultarem o Ouro, e castigare a cubiça, e avareza de homens nescios; porque tambem são os Gryphos, como diz o referido Author, huma especie de enigmas de palavras mutiladas; com transposição, união, ou separação das syllabas; que fazem diversos sentidos; os quaes se daõ a adivinhar para exercitar o engenho. De maneira, que os Gryphos, e os *Hermeticos* com os seus enigmas, e mysterios admiraõ os engenhos dos peregrinos, ou estranhos da sua elchola, escondem

Bluteau Vo-
cabular. Port.
Tom. 4. Ver-
bo gripho fol.
133.

dem os seus thesouros, occultaõ as pedras preciosas, que sãõ o *Lapis*, e *Pedra Philosophal*, e fazem guerra aos nescios, que sãõ como os Cavallos, e Arimaspes, que no meyo da testa tem hum só olho, como final do pouco, que descobrem, e avistaõ; porque se vem mais quatro olhos, que dous, menos avista, e descobre que dous, hum só olho na testa; e com grande razão os despedaçãõ, quebrando-lhes a cabeça, para castigar a cega presumpção; e cobiçados Arimaspes, e Cavallos, que sendo Toupeiras, se atrevem a competir com os *Hermeticos* ou *Gryphos*, que na sua vigilancia sãõ Argos, e na perspicacia huns Linceos.

Os *Hermeticos* finalmente não pòdem fazer Ouro com a sua *Chrysopeia*, nem com a *Argyropeia* Prata, senão imitando com a sua Arte a Natureza, a qual como elles confessãõ com Geber na Summa, Rhasis no livro do Perfeito magisterio, e outros Coryphicos da sua Eschola, não pòde fazer Ouro, senão no dilatado, ou quasi eterno espaço de mil annos; os *Hermeticos*, que não vivem mais de hum seculo, não pòdem em tão breve tempo imitar com a Arte a Natureza, no que ella só faz em mil annos: logo não pòdem os *Hermeticos* com a sua *Chrysopeia* fazer Prata, nem Ouro; mas tambem finalmente lhe respondera, que em poucos mezes faz a Arte, õ que em mil annos não pòde fazer a Natureza, como escreve Bernardo Conde de Treveris: *Adeo ut hac via per nostram artem perficiamus aliquot mensibus, quod ipsa Natura vix mille possit annis*. Isto se prova com a experiencia; porque a Natureza nunca desfaz o Ouro, que desfaz a Arte com Agoa Regia em pouco tempo, e com o Espelho Ustorio em hum instante.

m

tan-

Bern. Com.
March. Treviran.
Part. 3.
§. Imprimis V.
Manget. tom.
2. Bibliothec.
Chem. f. 139.

tante; formando tambem a *Arvore de Diana* em hum quarto de hora, confôrme mostrou Homberg em Pariz, Corte de França, e transformando os Metaes em Ouro em hum momento, como em Ouro converteo Lullio em Londres, Corte de Inglaterra, os sinos das suas torres, com os quaes reduzidos a dinheiro, não Ricardo I. como erradamente, e contra os melhores Chronologos, escreveu Kircker, mas Eduardo VI. fez cruel guerra aos Francezes, saltando à palavra, e promessa, que fez a Lullio de gastar aquelle dinheiro na guerra contra o Turco. Tambem com dinheiro feito com muita brevidade de Ouro *Chymico*, e verdadeiro, fez Carlos VII. Rey de França, cruelissima guerra aos Inglezes, o qual lhe deu Jacobo Cor Biturienſe, segundo refere Claudio Seiffelio na Historia de Luiz XII. Rey do mesmo Reyno. E se a Arte não excedesse nesta brevidade à Natureza, não poderião os *Hermeticos* fazer este Ouro em tão pouco tempo, do que se não pôde duvidar, sem desterrar primeiro do Mundo a Fé humana, pelo affirmarem assim as Historias Classicas, e authenticas daquelles Reynos, e muitas daquellas moedas, que ainda hoje conservaõ alguns curiosos.

§. XI.

ANtes de concluir o exame da doutrina Kirckeriana, quero referir por episodio humagante Historia, para divertimento dos Leitores, prova, e confirmação do que tenho dito, como tambem para soluçãõ de todos os mais argumentos. Escrevem Joã Zwelfer, e Phelippe Jacob Sachs, que Cornelio Martinho, Lente da Universidade
Julia

mayor facilidade, e da mesma sorte he tambem facilissima a sua geraçãõ : não podendo pois a Arte õ mais facil, que he gerar hum Animal vivo; (ainda que Paracelso diga o contrario) menos pôde fazer o mais difficil, que he fazer Ouro puro, e Prata fina.

Estando porẽm o grande Cathedratico respondendo a todos os argumentos, que se lhe oppunhaõ a favor do *Lapis*, com soluções taõ sophisticas, como os sobreditos fundamentos do seu tratado, entrou na Aula hum seu particular amigo de grande authoridade, e respeito naquella Cidade, ao qual convidou Cornelio com huma conclusãõ para que lhe assistisse, e argumentasse, com o desvanecimento de que o honrasse naquella funçãõ literaria, e academica. Era este Cavalheiro mayor *Chymico*, do que Peripatetico, e mayor practico, do que especulativo, ou rhetorico; e para fazer o acto mais plausivel, argumentando demonstrativa, e não sophisticamente, com experiencia, e não com o diseurso, com verdade, e não com paralogismo, com obras, e não com palavras, mandou trazer à sua presença hum fogareiro com carvões accezos, hum cadinho, e hum pouco de Chumbo, e depois de tudo muito bem examinado por Martinho, e pelos mais Academicos, para desvanecer a suspeita de algum engano, transformou o Chumbo em fino, e puro Ouro, à vista de toda aquella Universidade, e dando huma porçãõ della a Cornelio, para que o examinasse na Copella, lhe disse com muita graça, que respondesse àquelle argumento, ou dissolvesse tão aureo syllogismo: *Hens jam tu, mi D. Corneli, solve mihi hunc syllogismum*. Esta demonstraçãõ deixou a Cornelio muito envergonhado, como affirma o mes-

mesmo Zwelfer na sua Mantissa: *Interim rubore, ac verecundia suffusus*; porque não há cousa mais vergonhosa para hum Sabio presumido, do que darem-lhe publicamente hum quinão, a que elle não possa responder com distincções, ou apologias. Agora quero eu mostrar a Cornelio o justo fundamento com que *Aristoteles* reprehende aos homens, que tendo visto pouco, julgaão de tudo. Os Jurisconsultos chamão incivis aos Juizes, que julgaão o pleito, sem verem primeiro todas as Leys, ou quando menos a Ley toda. Condemna Seneca aos Ministros, que como *Claudio Cesar*, decidem as duvidas, ou demandas, sem, conforme as Leys, ouvirem ambas as partes: *Auris una actori, altera reo servanda*. E merecem grande censura todos os Philosophos presumidos, que sem noticia da *Arte Chymica*, nem experiencia das suas admiraveis operações, negão os prodigiosos effectos da *Chrysopeia*.

Text. in L.
quæ omnia
25. fl. de Pro-
curat.

§. XII.

PROVADA, e defendida por este modo a transformação do Chumbo em Ouro, não só com a razão, se não também com a experiencia; como contra a experiencia não prevalece a razão, segundo depois de *Aristoteles*, repete muitas vezes o insignifimmo *Heredia*: *Experimentum quancunque rationem vincit*, facilmente se responderá ao argumento, com que *Kircker* pertende provar com muitas razões, que não há alma do Ouro, a qual conforme dizem os *Chymicos*, não he outra cousa, senão huma onça de Ouro, reduzida pela *Arte Magna* a pó, que peza só doze grãos, e qualquer grão converte huma onça

*Heredia Syn-
tag. Univerf.
de febr. malig.
Disp. 3. quæst.
3. §. Mihi fol.
522.*

onça de Metal em huma onça de Ouro. O fundamento com que Kircker nega esta conversão, he porque a materia não pôde receber qualquer fôrma, senão tendo aptidão, e disposição conveniente para a receber. E como he possível, que este pô, fôrma, ou alma, não corporea, mas corpulenta do Ouro, (a qual não pôde estar separada do corpo) deixando o proprio fôgeito, se introduza (como da metempsychose, ou transmigração da alma racional erradamente imaginou Pythagoras) no Chumbo, Estanho, Cobre, ou no Ferro, que todos tem já a sua fôrma? Pôdem por ventura estar duas fôrmas em hum só, e no mesmo fôgeito? E se me negão este absurdo, digão-me, que foy feito da alma do Chumbo: *Quidnam de anima plumbi factum sit?* Não descubraõ a sua ignorancia, recorrendo à sua anniquilação. E se a fôrma, que estava no pô, se separou, admittirão os *Chymicos*, que pôde subsistir sem fôrma hum fôgeito? Este pô chamado alma do Ouro, he verdadeiro Ouro, reduzido a pô com corrosivos; e como consta de materia, e fôrma, não se deve chamar alma aurifera, senão natural, e verdadeiro Ouro: *Anima auri nequaquam dici potest, sed aurum verum, & naturale.* Se este pô lançado sobre qualquer Metal, o transmutasse em Ouro, por virtude da sua aurea alma, não se me dará razão, porque huns pôs v. g. de loiã, lançados sobre a loiã secca, a não reverdeção, ou os pôs de qualquer animal queimado, não resuscitem a todos os animaes depois de mortos? Como he possível, que dem vida os Metaes, que não tem alma: *Qui fieri potest, ut quod animam non habet, uti sunt metalla, vitam tamen dare possit?* Parece-me este argumento do Padre

dre Kircker como aquellas, com que Lactancio Firmiano impugnava antigamente os Antipodas. Antes de se descobrirem os Antipodas na America, com apparentes razões provava Lactancio, que os não havia; mas todas se desvanecerão com o descobrimento dos Antipodas. Todos achavaõ antigamente razão a Lactancio, quando os impugnava; e todos hoje se rim de Lactancio, quando os impugna. Assim succede sempre a quem escreve contra aquillo, que não sabe. Hoje se poderão rir de Kircker, todos os que antigamente celebravaõ este argumento; porque està já descuberto, que os Metaestem alma, e daõ vida. Ignorou Kircker esta novidade da Physica; e assim se podia tambem enganar neste argumento; pörque se funda na aptidão, e disposição da materia, na duplicação, e anniquilação das formas, e finalmente na existencia separada do fogeito, que são cousas, que hoje vamos sabendo, que ignoramos.

Mas para que não imagine algum Peripatetico, que respondo nesta forma, para fugir à difficuldade, advirto aos que não forem Philosophos, que no systema Aristotelico, em que funda o seu argumento o Reverendissimo Padre Kircker, todos os corpos Physicos se compoem de Materia, Forma, e União. Por esta Materia, que se chama *Materia prima*, se entende entre os Philosophos hum fogeito commum de todas as mutações substanciaes, o qual he incorruptivel, e delle se formaõ, ou fazem os corpos Physicos pertencentes ao predicamento da substancia. Diffine-se por este modo nas suas Escholas: *Materia prima est id, ex quo quidpiam fit, non per accidens, sed per se, tanquam e primo subiecto.*

Esto. Prova-se a sua existencia com a transmutação substancial de qualquer fogeito, o qual persevera sempre, depois que nella se corrompe huma forma, e sobrevem outra de novo, como vemos em hum pão quando se queima; porque lhe sobrevem de novo a forma de fogo, depois da corrupção da forma de pão, havendo no pão fogeito commum para ambas aquellas formas. Nem se pôde negar ser o fogeito commum, e o mesmo; porque morrendo, ou acabando a forma de hum Cavallo, e sobrevindo de novo a forma cadaverica, ficaõ no cadaver os mesmos accidentes, figura, e quantidade: logo tambem fica o mesmo fogeito. E se em qualquer transmutação substancial não houvesse fogeito commum, ácerca do qual succedesse a corrupção da forma, que se corrompe, e a geração da forma, que se gera, a forma, que naturalmente se gera, se crearia, e se anniquilaria a que naturalmente se corrompe; porque a nada se reduziria a forma corrupta, e de nada se crearia a forma gerada. E conforme a verdadeira Philosophia, não ha criação, e anniquilação natural das formas substanciaes.

Alguns Philosophos com Escoto, Henrique, Gregorio, e Oviedo, aos quaes parece, que favorece a opinião de Santo Agostinho, Santo Ambrosio, e S. João Chrysostomo, admittem naturalmente, e sem milagre, a existencia da materia separada de toda a forma. Nem Aristoteles provou com fundamento algum a impossivel existencia da materia, naturalmente separada da forma; e o Padre Arriaga depois de refutar muito bem cinco razões, com que ordinariamente se prova este Dogma Aristotelico, confessa, que lhe não occorre outro fundamento desta

desta conclusão, senão, que esta existencia repugna tanto à Natureza da materia, como a quantidade à penetração com outra quantidade. O Padre Francisco Soares Lusitano defende, que a materia não pôde existir sem forma; porque sem ella morreria totalmente destruhida a Natureza. Porém admitte a natural existencia da forma, separada da materia; porque se não segue nenhum incommodo à Natureza na separação, e existencia da forma sem materia; havendo grande inconveniente na existencia da materia separada de toda a forma: *Nulum ergo sequitur naturæ incommodum ex eo quod forma separaretur ab omni materia; maximum vero ex eo quod materia separaretur ab omni forma.* E a razão, que dà desta grande differença he porque a forma he como vida da materia, e quasi morre, e acaba a materia com a leparação da forma; porém a materia não he vida da forma, antes a forma vive, e se conserva sem materia. O mesmo Soares com Santo Thomaz, Telles, Hurtado, Oviedo, Arriaga, e Soares Granatense, affirma, que esta materia he da mesma especie em todos os compostos: *Materia, cum hæc in omnibus compositis sit ejusdem speciei.* E accrescenta o Padre Arriaga, a quem seguem muitos Modernos, que muito mais perfeita he a materia, que pôde receber mais formas, do que aquella, que pôde receber muito menos.

Passando agora da explicação da materia prima, para a averiguação das formas substanciaes, he certo, que antes dos Modernos que as negão, as não admittirão os Philosophos Antigos referidos por Aristoteles, como tambem as impugnão Porcio, Aphrodiséo, Philoponio, Galeno, e outros mu-

n

tos

P. Soar. Lusitan. in Phyl. Tract. 1. Disput. 2. §. 1. n. 87.

P. Soar. Lusitan. in Phyl. Tract. 1. Disput. 4. Sect. 1. §. 1. n. 221.

tos Sabios. A razão com que os Antigos negavão estas fôrmas, he porque se fosse necessario admit-
tir fôrmas substanciaes, seria para salvar as muta-
ções, em que hum pão v. g. se muda em fogo; mas
para salvar, ou explicar esta mudança, são escu-
sadas estas chamadas fôrmas; porque, como diz

Aristotel. 7.
Meth. Tx. 41.

o mesmo Aristoteles, toda a mutação he de con-
trario, para contrario; e a contrariedade, confôr-
me a boa Philosophia, não se dà nas substancias,
dà-se somente nos accidentes. Eu porém como ve-
jo muitas substancias corporeas, diversas na espe-
cie, como são o fogo, e hum cavallo, ou qual-
quer outra entidade corporea, e esta tal diversida-
de especifica não provem só dos accidentes diver-
sos; porque estes só induzem huma accidental dif-
ferença; nem pôde resultar da materia, por ser esta
da mesma especie em todos os compostos physicos;
necessariamente devo admittir fôrmas substanciaes.
Diffini-se a fôrma substancial por este modo: *For-
ma est substantia simplex, & incomplecta, quæ ut
actus constituit essentiam substantiæ corporeæ*, Suppo-
sta esta diffinição, dizem os Philosophos, que mui-
tas fôrmas substanciaes pôdem naturalmente infor-
mar não só a mesma materia continua, segundo as
suas diversas partes, como vemos em huma vara
em parte verde, e em parte secca; porque sendo
a sua materia total, e continua, na parte secca
não he vivente a sua fôrma, e na parte verde tem
fôrma vivente; mas tambem a mesma materia, se-
gundo a mesma parte; porque no mesmo fôgeito, e
segundo a mesma parte, pôdem naturalmente estar
juntas muitas fôrmas accidentaes, como são Quan-
tidade, Frio, Alvura, e outras semelhantes; e da
mes-

mesma forte pòdem tambem naturalmente estar juntas muitas formas substanciaes , como vemos no Ferro abrazado , no qual naturalmente se achão, *juntas a forma de Ferro, e a forma de Fogo.*

Com a verdade desta doutrina, ou com a luz desta verdade, se descobre, e se desterra a falsidade do argumento do Padre Kircker; porque se todas as materias de que se compoem os corpos physicos são da mesma especie : *Materia, cum hac in omnibus compositis sit ejusdem speciei*; todas tem a mesma capacidade, aptidão, e disposição, para receber qualquer forma; e como he mais perfeita a materia, que mais formas recebe, tão possivel he, que o pò, forma, ou alma do Ouro, (a qual como fica provado, e logo repetiremos, pòde estar separada do corpo) deixe o proprio sogeito, e se introduza no Chumbo, Estanho, Cobre, ou Ferro, tendo todos a sua forma, como se introduz a forma substancial do fogo no Ferro metido no lume, deixando a propria materia. Tanto pòdem estar duas formas em hum só, e o mesmo sogeito, que de facto estão juntas no Ferro ardente, a forma de Ferro, e a forma de fogo. E se no Ferro não podessem estar não só estas duas, mas ainda mais formas, não ensinaria o grande Arriaga, que he mais perfeita a materia, que mais formas recebe. Prova-se esta verdade com dous exemplos verdadeiros, ou com duas experiencias, que são demonstrações innegaveis. Entre todos os mixtos, nenhuns tem materia mais perfeita, depurada, e pura, do que o Ouro, e a Prata. A Prata fixa, he Ouro branco, e com a addição do Enxofre Solar, fica perfeito Ouro. Com espirito de nitro be-soartico, se tira a cor amarella ao Ouro, e fica

n ij

bran-

branco como Prata, de sorte, que já se não dissolve com a Agoa Regia, senão com Agoa forte; mas pôde-se tingir outra vez; e transformar em Ouro, que se dissolverá com Agoa Regia, com a qual o Ouro sómente se dissolve. De maneira, que estas demonstrações, com que por lição de Ettmullero convence Enodato a Feyjoo, acreditão a Physica de Aristoteles, e a doutrina Peripatetica defende a *Hermetica Philosophia*.

Agora resta dizer ao Reverendissimo Padre Kircker, aonde está a alma do Chumbo, depois que na sua materia se introduzio a alma, ou forma do Ouro. Está aquella alma no mesmo lugar onde vay parar a forma, ou alma de pão, depois que no madeiro, ou cepo, se introduzio a alma, ou forma de fogo; ou tambem onde está a forma, ou alma do fogo, depois de apagado, ou extincto o incendio, em que ardia o pão. Não temos, Reverendissimo Senhor, nenhuma necessidade de recorrer à impossivel anniquilação, havendo a corrupção da forma, a que recorrem todos os Philosophos. Nenhum inconveniente he na Philosophia Aristotelica, admitir, que a forma, que estava no pò do Ouro, se apartou, e separou do sujeito, subsistindo depois da separação, e apartamento sem sujeito huma forma; porque não só na Alma Racional, mas em outras formas substanciaes, admite Soares esta subsistencia, sem incommodo da Natureza: *Nullum erga sequitur incommodum ex eo, quod forma separetur ab omni materia*. E se este pò finalmente for verdadeiro Ouro, e não aurifera alma, transformaria o Ouro verdadeiro, em verdadeiro Ouro, a qualquer Metal, como faz este pò, o que não consta por

por alguma experiencia, havendo infinitas das transmutações metallicas, feitas todas pela alma do Ouro. E daqui se segue ser alma do Ouro, e não Ouro verdadeiro. Nem o exemplo do pò da losna, e do animal morto, e queimado, conclue a favor de Kircker, contra os *Hermeticos*, pela grande differença, que já mostrey com palavras do mesmo Kircker, havia entre o Vegetavel, e o Metallico; porque ainda que os Metaes, e as plantas todos sejam Vegetaveis, os Metaes são mais solidos, e compactos, e porisso capazes de se lhe extrahir a semente, e alma, para com ellas fazer as Metallicas transformações, as quaes se não podem extrahir das plantas; porque antes da sua extracção, lhas corrumpem a violencia do fogo.

Tão forte, concludente, e indissolúvel pareceo o sobredito argumento ao Reverendissimo Kircker, que por dar com elle aos *Hermeticos* por convencidos na sua ignorancia, os injuriá de nescios com estas indecentes palavras, que escreveo por remate da victoria, e coroa do imaginado triumpho: *Vides igitur, quam stolidè philosophentur ij, qui talia ex asinina quadam ignorantia fieri posse imperitis persuadere contendunt.* Bem se vê nesta resposta, que os *Hermeticos* filosofaõ conforme o Systema de Aristoteles: e se com tudo os *Hermeticos* são nescios neste modo de filosofar, tambem os Aristotelicos mostrão grande necedade na sua Philosophia. Não pareceo ao Padre Kircker asinina a doutrina Chymica quando a estudava: *Ego sane tunc temporis Chymie studio intentus*; porque com experiencias reduzio a practica o seu estudo: *Audierat is de meis circa hoc studium experimentis.* E se então lhe não pareceo

receo asinina esta doutrina, pois a estudava, e praticava; como agora chama asinina a huma Philosophia, em que empregou tanto estudo, e trabalho? Por hum de dous modos, ou por ambos; poderia o Padre Kircker julgar, que era asinina esta *Philosophia Hermetica*: pela razão, ou pela experiencia, ou por tudo junto; e por nenhum destes modos o podia julgar: pela experiencia não, porque elle não sabia com certeza, que fizesse com todo o acerto a operação da *Arte Magna*, em que muito bem sabia, que bastava qualquer pequeno erro, ou descuido para ser mal succedido; e pela razão muito menos, porque entendendo antes, que podia fazer a *Chrysopeia*, e se enganou, como agora suppoem; tambem deve suppor agora, que se pode enganar com a mesma razão, com que a impugna, entendendo agora o contrario daquillo mesmo, que já entendeo; porque elle não tinha melhor razão em hum, do que em outro tempo. Nem podia fazer melhor juizo sobre a mesma materia, não havendo nenhum motivo, que sobre viesse de novo, para fundar nelle o seu desengano.

Mas ainda que eu feri ao Reverendissimo Kircker com a sua mesma espada, ou como vulgarmente se diz pelos mesmos fios, para que não imaginem algumas pessoas, que todos os Philosophos são necios, applicarey contra Kircker humas admiraveis palavras, que contra Arriaga elcreveo Soares, ambos douturissimos; e grandes Philosophos da Companhia de JESUS: *Sed unde, quæso, hoc probat Pater Arriaga? Sane id liberè assumit. Ego ægre fero, quod aliqui Authores, cum aliis minimè credere velint, putent nos illis adeo facile credituros, non alio de titulo,*

P. Soar. Lusitan. in Phyc. Tract. 1. de Princip. Disp. 2. §. 4. num. 85.

lo, nisi quod ipsi dicant, cum tamen certum sit non omnia, quæ ipsi dicunt, esse de fide: querem dizer estas palavras: Mas rogo, que me digão, porque o desejo saber, donde prova isto o Padre Arriaga? Na verdade, que livremente toma esta empreza a seu cargo. Com difficuldade, e muito contra minha vontade soffro, que alguns Authores, que de nenhum modo querem dar credito a outros, imaginem que nós muito facilmente os havemos de crer a elles, não por outro titulo, ou motivo, se não porque elles o dizem, constandonos com tudo certissimamente, que nem tudo, o que elles dizem, he de Fè. Ponha agora o Leitor no lugar do Padre Arriaga, o nome do Padre Kircker, e ficarão desafrentados pelo Padre Soares todos os Philosophos.

§. XIII.

R Esta sómente provar, e defender contra Kircker a possibilidade, e certeza da infinita multiplicação do Ouro, por virtude da *Pedra Philosophal*, que he a *Pedra Lydia*, em que se provão os engenhos, e *Pedra de Escandalo* de todos os Antagonistas da *Chrysopeia*. Nenhuma cousa pareceo mais incrivel ao Reverendissimo Kircker, do que a virtude multiplicativa do *Lapis*; porque conforme dizem os *Hermeticos*, se todo o mar fora *Mercurio*, hum só grão da *Chrysopeia* o transformaria todo em Ouro, como nestes versos cantou o famolo Augurello.

*Ipsius ut tenui projecta parte per undas
Æquoris, argentum si vivum tunc foret æquor,
Omne vel immensum verti mare posset in aurum.*

Esta

Esta verdade ensinarão os antigos Mythologicos na Fabula de Midas. Por hospedar Midas Rey de Phrygia a Sileno, hum dos Capitães de Baccho, conseguiu deste Nume a virtude de transformar em Ouro tudo quanto tocasse com as mãos; e porque Midas se viu em perigo de morrer de fome, por se lhe transmutarem em Ouro atè os alimentos, e bebidas de que necessitava para sustentar a vida, pediu a Baccho lhe tirasse das mãos a virtude de transformar; e multiplicar as entidades em Ouro, e por ordem do mesmo Baccho se foy lavar no Rio Pactolo na Lydia, ao qual communicou esta aurifera propriedade, porque logo que com as mãos tocou as suas agoas, começou este rio a criar auríferas areas, depois de transformadas as suas agoas em correntes de Ouro. Com a mesma certeza transformarão as mãos de Midas as agoas do Oceano em Ouro, com que em Ouro transmutarão as agoas do Pactolo; porque cada hora estamos vendo, que hum pequena porção de fermento, levêda, azêda, e fermenta hum grande quantidade de massa. Hum pequena luz se multiplica em luzes infinitas, quando a hum vela acceza se applicão outras velas. Qualquer grão de veneno corrompe, e apeseta hum grande corpo. Hum indivisivel miasma do contagio, inficiona a todo o Mundo. Sem reflectir nestes, e outros exemplos naturaes, infere o Reverendissimo Kircker, que se a *Tinctura Universal* pedesse fazer esta extraordinaria conversão, e multiplicação do Ouro, que tambem hum só gota de espirito de vinho bem alcoolizado, podêra transmutar em generoso vinho hum grande tonel de agoa, cousa que atè agora não se provou com a experien-

perencia, e he repugnante à razão; por isso, diz Kircker, ninguém poderá destruir esta instancia: *Sed, & si quis vinum septies cohobatum ad summam subtilitatem reduceret, inde pariter sequeretur, illud elixiris vitæ, vel unicam guttulam integrum aquæ dolium in vinum nobilissimum transmutaturum, quod & rationi, & experientiæ repugnat; neque quisquam hanc instantiam evertere poterit.* Mas com licença de tão grande Philospho, e Chymico tão experimentado, hã grande disparidade nesta comparação; porque hã grande differença entre o vinho, e os Metaes, e por consequencia entre a *Tinctura Universal*, e o Espirito de vinho. A'lem de que, o Espirito de vinho pelas repetidas cohobações, e depurações sempre se purifica das suas impuridades, e algumas vezes se converte em terra, como com authoridade, e experiencia de Mangeto fica provado; e a *Tinctura Universal* não se depura, antes cada vez mais se aperfeiçoa, atè chegar à sua inalteravel pureza.

Nem a *Chrysopeia* se faz de Ouro, ou de outros Metaes, senão do principio dos Metaes, que he o *Mercurio Philosophico*, ou da *Semente do Ouro*; porque todas as sementes Vegetaveis produzem infinitamente outras semelhantes; e não se pôde negar o mesmo effeito nos seminarios metallicos, que são innegaveis, como por lição de Santo Agostinho prova doutissimamente Ludovico de Comitibus: *Quod & nobiscum aperitè sensit Divus Augustinus, qui lib. 3. de Trinitate, omnium quippe rerum quæ corporaliter, visibiliterque nascuntur, occulta quædam femina in istis corporeis hujus elementis latent; & lib. de Civitate Dei. Insunt in rebus corporeis per omnia*

Ludovic. de Comit. apud Manger. tom. 2. Bibliothec. Chem. lib. 3. Sect. 3. subf. 8. §. Nos fol. ele- 798,

elementa quædam occulta seminarie rationes, quibus cum data fuerit opportunitas temporalis, & causalis prorumpunt in species suis modis, & finibus. Isto se confirma com a grande authoridade de Aristoteles, porque no livro de *Mirabilibus auscultationibus* affirma, que na Ilha de Chypre ha hum territorio¹, onde os naturaes da terra semeão Ferro, dividido em pedaços, e com o beneficio da rega produz, e cresce como as plantas, (vejão se he Vegetavel) de forte, que a seu tempo se faz colheita de Ferro, como a fazem os Lavradores em outras terras de trigo, cevada, e outros fructos. E pelo contrario o *Espirito Universal* prepara-se do vinho, e das suas fezes, ficando por este modo o seu Sal volatil sem actividade para transformar em vinho hum tonel de agoa, como transmutão em Ouro, e Prata os seus seminarios a todos os Metaes imperfeitos, e impuros. E para que o Reverendissimo Kircker não presumia, que tem convencido aos *Hermeticos* de nescios, e de ignorantes, por affirmarem seriamente, que hum só grão da *Tinctura Universal* pôde converter em Ouro todo hum Oceano de Mercurio, lembre-se, de que elle, com toda a Eschola de Aristoteles, admitte augmento substancial, o qual como se vê da sua definição, não he outra cousa senão hum movimento de menor para mayor substancia: *Est motus à minori ad maiorem substantiam*; o qual movimento he verdadeiramente o effeito multiplicativo da *Chrysopeia*. Atè os meninos da Eschola sabem muito bem, que huma pequena faísca de fogo excita muitas vezes hum grande incendio, a que os mesmos Philosophos chamão aggeneração. E daqui se mostra facilmente, como hum

16 grão da *Chrysopeia* pôde transmutar hum Oceano de Mercurio em hum Mar de Ouro, e outro grão de *Argyropesa* pôde transformar hum Mar de Azougue em hum Oceano de Prata. E porque? Porque tambem se todo o Mundo fora hum monte de polvora, huma só faísca de lume o poderia converter todo em fogo.

He certo, que philosophicamente està provada a possibilidade da infinita multiplicação do Ouro, e Prata, por virtude da *Argyropesa*, e *Chrysopeia*; mas para que não imagine algum Critico, que eu não entendi neste ponto a doutrina dos *Hermeticos*, como Zwelfer mostra, que o Reverendissimo Padre Kircker não entendeu a Bernaudo a respeito desta multiplicação: *Sed solum, ut remonstrarem Bernaudum à R. P. Kircherò indebitè refutatum, ac notatum fuisse; cujus mentem, ac sensum non erat affectus*; advirto aos Leitores, que por muitas experiencias, que se tem feito, cada grão da *Tinctura Universal* transforma em fina Prata, e puro Ouro dezeseis mil quatrocentos e setenta grãos de outros Metaes; conforme a demonstração, que se pôde ver em Zwelfer, ainda que nesta circumstancia se acha grande variedade nos Escritores *Chrysopeyos*, originada sem duvida da varia, e differente preparação, que cada hum faz da mesma Tinctura; porque no Ouro, Mercurio, Cobre, Vitriolo, Antimonio, Sal, Enxofre, Pedra hume, Arsenico, Salgema, Pedra Iman, Solimão, Tincal, Sal armoniaco, Sangue, Mumia, Esperma, Ovos, Vinho, Ourina, Ferrugem, Sal tartaro, Manná, Lunaria, Sangue de Drago, Ceo terrificado, Puto da Natureza, e outras cousas creadas, e desco-

com tudo não esterilizou o seu errado juízo, e a falta da sua vista a grande fertilidade, que depois testemunhárao tantos olhos, e explicárao facilmente vulgares entendimentos.

Na exposição do Plalmio setenta e hum escreve Jacobo, Bispo Christopolitano, que a *Mesa do Sol* tão celebrada no Mundo, como escrevem Herodoto, Celio Rhodoginio, Pomponio Mela, S. Hieronymo, e outros Authores, he a Zona Torrida, que fica entre os dous Tropicos de Cancrô, e de Capricornio, pelo dilatado espaço de cincoenta e sete grãos de largura; porque na terra sojeita à dita Zona, como affirma Bluteau, os frutos nascem com mayor abundancia, e perfeição do que em nenhuma outra parte do Mundo.

Com esta fertilidade compete a frescura. Em muitas terras, que ficão de baixo da mesma Zona, recebendo os rayos do Sol perpendiculares, são tão frequentes as chuvas, tão numerosos, dilatados, e caudalosos os Rios, que não só tempera o calor do Sol, mas como vemos na America, fazem fresco, e delicioso o Paiz. Isto se experimenta sempre na Asia; porque em muitos Reynos della, e particularmente no de Golcondá, e na Cidade de Goa, em que correndo o Sol o Signo de Tauro, tem sobre si perpendicularmente este Planeta, se levantão, e se dissolvem tantos vapores, que quasi todo o mez continua o as chuvas; porque da mesma forte, que chegando a força do calor à parte superior do lambique attrahe para si todo o licor, que ficava no fundo d'elle, e o torna a mandar desfeito em brvalho, assim o Sol feito vertical attrahe a si os vapores, que dissolvidos em chuvas regaão, fertilizaão,

lizaõ, e refrezaõ tanto as terras, que em muitos lugares daquelle paiz, reputado por ardente, hã frio excessivo. Na Provincia de *Quangsi* do Imperio da China, e perto da Cidade de *Tolay* hã hum Monte, a que chamaõ *Han*, que na lingua da terra quer dizer *Frio*, porque nelle he o frio excessivo, ainda que, como advertio o grande Bluteau, fica debaixo da Zona Torrida.

Antigamente negavaõ os mayores Theologos a existencia dos Antipodas; porque não estava ainda visto, e descoberto o Novo Mundo, e não impedia a sua doutissima negação, que os Antipodas existissem, e vivessem no mesmo tempo na sua America. O primeiro, que neste Hemisferio teve alguma idea dos Antipodas foy Virgilio, Bispo de Salisburgo, que no anno de 745. fallou publicamente nesta materia; mas com tão pouca aceitação desta novidade, que à instancia de Bonifacio, Bispo de Moguncia, perante o Papa Zacharias, foy Virgilio accusado, e finalmente, como refere Bluteau, condemnado por Herege, por dizer que havia Antipodas. Hoje se poderá rir Seneca dos homens, que antigamente zombavão dos vaticínios, que elle fazia do Novo Mundo. E como ficarião confusos, envergonhados, e convencidos os Lactancios, os Justinos, os Basilios, os Chrysosthomos, os Ambrosios, os Agostinhos, os Hilarios, os Procopios, os Theophylatos, e os Euthymios, se no tempo, em que elles negavaõ com grandes argumentos, e subtilissimos discursos a existencia dos Antipodas, como com apparentes razões contradizia Cornelio a *Chrysopeia*, apparecesse tambem na sua presença hum Tapuya buçal, que sem dizer huma só palavra, lhes

Ihes fizesse tapar a boca; e callar a lingua, confessando todos no seu coração o engano do seu entendimento. Ninguém presuma tanto do seu discurso, nem se fie tanto da sua vista, que entenda, que não existe no Mundo senão aquillo, que descobre a sua perspicacia, e se conforma com o seu juizo; porque naturalmente existem muitas cousas, que não alcança só o entendimento, nem se conhecem facilmente estando diante dos olhos.

Nenhuma cousa descobre mais difficultosamente a nossa vista, nem percebe menos o nosso entendimento, do que os Paradoxos da Physica, e da Mathematica, e ainda que os olhos os não descubram, nem o entendimento naturalmente os conheça, realmente existem estes vinte e dous Paradoxos: o fogo elemental não he quente em summo gráo: o ar antes se deve julgar frio, do que calido: a agoa, considerada conforme a sua natureza, antes pede ser solida, do que fluida: ou todas as qualidades são occultas, ou nenhuma o he: he falso, geralmente fallando, que a virtude unida seja mais forte: o Sol, em virtude da sua propria disposição intrinseca, aquece, e allumea com desigualdade em diferentes tempos: o Sol, fazendo reflexão de corpo concavo, mais aquece no Inverno, que no Verão, e tanto mais, quanto o tempo estiver mais frio: a extensão da chamma, ou labareda da luz até cima, ou para o ar, em forma pyramidal, ou conica, he violenta à mesma chamma: he duvidoso se os corpos graves, como pedras, ou globos de Chumbo, apartados a huma grande distancia da terra, tornarão a cahir nella: na composição de todos os Vegetaveis entra alguma porção

são metálica : sem fundamento , e ainda contra to-
 da a razão se attribue ao Sol a producção do Ouro :
 he possível restituir naturalmente a vista a hum ce-
 go : são possíveis duas linhas , que continuadamen-
 te se vão chegando cada vez mais huma à outra ,
 e que por mais que se prolonguem , nunca cheguem
 a tocar-se : duas paredes de hum edificio , se estão
 feitas a prumo , não podem ser parallellas , ou equi-
 distantes , porque he preciso , que distem mais hu-
 ma da outra pela parte superior , que pela inferior :
 he impossível saber se os objectos se nos representaõ
 aos olhos conforme a verdadeira grandeza , que tem
 em si mesmos : nenhum objecto se vê clara , e dis-
 tintamente , se não com hum só olho : os dias natu-
 raes são desiguaes entre si : supposta a duração do
 Mundo , virá tempo em que gele , ou geze pela Ga-
 nicula : a Terra não he de figura espherica : os cor-
 pos graves não descem por linha recta até o centro
 da Terra : se o movimento dos corpos graves fos-
 se uniforme , isto he , que se não accelerasse na des-
 cida , huma pedra de moinho , movendo-se conti-
 nuadamente por espaço de trinta mil annos , não
 baixaria hum dedo : o Sol finalmente se vê sobre o
 horizonte antes de nascer , e depois de se pôr. Tu-
 do isto , sendo visível , está occulto aos nossos olhos ,
 e sendo perceptível , não o comprehendem natural-
 mente os entendimentos ; porém com a luz , e co-
 nhecimento da Dioptrica , Statica , Geographia ,
 Astronomia , Optica , Geometria , e Physica os en-
 tendimentos o percebem , e os olhos o conhecem ;
 e daqui se segue , que não sómente existem na rea-
 lidade muitas cousas , que sendo visíveis se não
 viaõ , e sendo intelligíveis se não entendião , mas

tambem, que sem estudo da *Philosophia Hermetica*, e pratica da *Arte Magna*, não podem os olhos ver, nem os entendimentos descobrir o mysterioso segredo da *Chrysopeia*; porque tanto exceedem a esphera dos olhos, e a capacidade dos entendimentos os mysterios da *Chymica*, como os Paradoxos da *Phyfica*, e *Mathematica*; e como sem estas sciencias os entendimentos, e os olhos estão cegos, tambem sem *Chymica* não podem os Morcegos, ou mórcegos serem Lynces.

§. XV.

MEnos difficulta a existencia da *Pedra Philosophal* o grande, mysterioso, e raro desta artificial maravilha; porque maravilhas mais raras, e mysterios mais occultos, assim criados pela Natureza, como feitos pela Arte, estão vendo os nossos olhos, explicando os Philosophos, e referindo os Historiadores, os quaes a todos parecerião impossiveis, se os não enxergasse a vista, declarasse a *Philosophia*, e publicasse a Historia. Taes são a *Phoenix*, o *Unicornio*, a *Salamandra*, o *Basilisco*, o *Iman*, a *Nepenthes*, a *Remora*, a *Baaras*, a *Heliotropia*, a *Turqueza*, a *Helites*, e o *Carbunculo*. Mas deixando estes grandes prodigios da Natureza, a que cada hum dará o credito, que lhe parecer, e discorrendo por outras maravilhas naturaes, e do artificio, que ninguem pòde negar, he certo, que se ellas existem, sendo tão extraordinarias, e portentosas, que não he argumento contra a existencia da *Chrysopeia* ser huma *Pedra artificial*, e peregrina. Na China creou a Natureza a famosa Raiz chama-
da

da *Ginſen*, ou *Ginſam*, tão rara, e admiravel, que luz de noite, como Estrella, e deſapparece de dia, como ſombra, mata de repente a quem a colhe, e dilata a vida a quem a toma; e por ſuas grandes, e raras virtudes ſe vende na China, e na Europa a pezo de Ouro. Em varias partes do Mundo produzio a Natureza muitos *Phosphoros*, que luzem de noite, como o *Pyrlampo*; mas ainda ſão mais brilhantes, e raros, os que tem inventado a *Chymica*. Luzem de noite, como fogo, queimão como lume, brilhaõ como diamantes, e vibraõ como rayos. Fazem os *Hermeticos* eſtes *Phosphoros*, como a *Pedra Philoſophal*; porque para a ſua compoſição elegem pedras mineraes, Ourina humana, Sal negro, Sangue, Terra, Agoa forte, Ouro, e Pedra de Boloſna. ſão muito celebrados os *Phosphoros* feitos da Pedra de Bolonha; porẽm excede a eſtes o Ouro diſſolvido, ſegundo as regras da *Arte Magna*; porã que ſe converte em *Phosphoro* tão claro, e tão raro, que com a luz, que lança, ſe pòde facilmente ler, e eſcrever de noite. João Fernelio, Medico de Henrique II. Rey de França, moſtrou com admiração da Corte de Pariz huma pedra, que poſta em lugar eſcuro, brilhava como luz. No principio deu a entender, que lhe viera da India; porque das couſas, que vem de longe ſe faz melhor conceito, e mayor eſtimação. Paſſado algum tempo, declarou, que era compoſição ſua; e eſtava reſoluto a enſinar o ſegredo della, mas não lhe deu a morte tempo para dar a luz eſte parto do ſeu grande engenho. Muitos outros *Phosphoros* inventou a curioſidade dos modernos. O *Phosphoro Hermetico* de Balduino, a que chamaõ o Iman da Lua, expoſto ao Sol, ou a hum

pij

lume

lume claro, em hum vaso de barro, attrahe para si a luz, e em lugares escuros a espalha. Não fallon os *Phosphoros* fulgurantes de Daniel Craft, Brandii, Homberg, Lemery, e outros Neotericos, porque com demonstrações mais vulgares, e não menos luminosas, quero mostrar, que entre nós existem muitas cousas, sem embargo de serem admiraveis, e mysteriosas.

Nenhum Philosopho daria credito a quem lhe dissesse, que dentro na agoa, e no meyo da neve, se accende, e conserva o fogo, e que com a luz de huma tocha em hum instante se pôde atear no mesmo Ar hum grande incendio; e sem embargo do Ar ser incapaz de se inflamar, e resistir a neve, e a agoa ao fogo, vemos muitas vezes nelles ateados prodigiosos incendios. A Camphora criada pela Natureza, ou feita pela Arte, mantem, e conserva na agoa, e no meyo da neve hum fogo, que se não apaga. Procede este rarissimo effeito da sua substancia ser summamente tenue, e pingue, como a experiencia tem mostrado; porque se se lançar della em huma bacia sobre agoa ardente, e ambas fervem até sua ultima evaporação, dentro em lugar estreito, e bem fechado, entrando alguem neste lugar com huma tocha acceza, todo este Ar cerrado se converte subitamente em fogo, que se desvanece, como relampago, sem fazer damno à casa, nem offensa aos circunstantes; porèm mostrando, que se inflamma o Ar, e que dentro na agoa arde o fogo. Para cada hum conhecer, que no Ar se atea o fogo, basta tocar huma pederneira com hum fuzil de aço, porque com este movimento de tal forte se converte o Ar em fogo, que não torna mais a ser

a ser Ar, como dizem os Philosophos : *Aer cum convertitur in ignem, desinit esse aer* ; e se os nossos olhos não virão todos os dias esta rara, e singular maravilha, como seria possível, que os Peripateticos cressem a quem lhes dissesse, que de hum ferro secco, e frio, e de huma pedra fria, e secca, tocados com grande velocidade, havia de sahir à vista dos olhos verdadeiro fogo, accendendo, e abrazando a Ar, sem embargo de resistir asymbolicamente com a sua humidade ao incendio? Pois se os olhos estão vendo, os Philosophos explicando, e os Historiadores referindo estas maravilhas tão raras, e mysteriosas, assim da Natureza, como da Arte, das quaes duvidaria o entendimento, se as não vira escritas na Historia, provadas na Philosophia, e patentes à vista dos olhos, porque razão o raro, e mysterioso da *Pedra Philosophal* ha de ser argumento contra a sua existencia?

P. Soar. Lusitan. Tract. de gen. & Corrupt. Disp. 2. Sect. 1. fol. 6.

§. XVI.

POrèm já estes Phenomenos da Natureza, e da Arte não são os mais incriveis; porque em fim ha pessoas, que testemunhão tellos visto, e pôde a fé humana certificar o entendimento dos homens, que os não virão, paraque creyaõ a sua existencia, assim como crem, que ha Pariz, Roma, Vienna, e Constantinopla, os que nunca sahirão de Lisboa. Mas o que de nenhuma sorte se pôde crer, he, que haja *Pedra Philosophal*; porque entre muitos homens ainda se não vio. Ainda quando ninguém tivesse visto a *Chrysopeia*, não argumentava bem contra a sua existencia, só com o fundamento de a não

ver

ver ; porque muitas^{77*} cousas criadas naturalmente existem, e andão diante de nossos olhos, sem que as vejamos, nem entendamos. Fallemos primeiro com os Philosophos, e depois fallaremos com todos. Contra o celebre Axioma da Physica de Aristoteles : *Natura non patitur vacuum*, descobrio o Padre Valeriano Magni, Capucho Polaco, hum segredo, em que com o pezo do Ar, e por meyo do Azougue, se acha, que ha Vacuo no Mundo. Antigamente tinha mostrado Epicuro, que sem Vacuo se não podia explicar o movimento, nem a rarefacção dos corpos. A machina Pneumatica de Roberto Boyle he experiencia evidente da existencia do Vacuo diante de nossos olhos ; porque com ella se attrahe o Ar de hum vaso, de tal sorte, que estando dentro delle qualquer animal, com a falta do Ar logo morre. E ainda que (absolutamente fallando) se tenha por certo, que a nossa vista não ha Vacuo sensivel, porque não ha espaço algum, que não tenha huns corpusculos tão ténues, e tão subteis, que são imperceptiveis ; entende-se porém, que ha huns pequenos Vacuos insensíveis, e metidos entre as partes dos corpos ; e a razão em que se funda esta verdade, he, porque não he possível, que sem os ditos Vacuos possa haver movimento algum nos corpos. Tudo isto há, e não se percebe ; como tambem se não comprehende, nem se descobre o que todos quasi sempre estamos observando.

Se a hum Peripatetico, e a qualquer outro homem affirmasse hum *Adepto*, que havia no Mundo, andava sempre em nossa companhia huma vulgar, e invisivel entidade, leve, veloz, incorporea, e
sem

sem espirito, com trinta e tres figuras, com huma das quaes cahe muitas vezes a pluma do Zenith, ou ponto mais alto do Ceo, e sem viver, comer, beber, dormir, nem descansar hum instante, tem tantas forças, que sem mãos derruba edificios, arranca arvores, descompoem homens, açouta brutos, e desbarata Exercitos: sem pès, nem azas, corre todo o Mundo em hum momento, penetrando todos os Reynos, investindo brechas, entrando nas Cidades, occupando todas as casas, sem perdoar às Sagradas, nem profanas, revolvendo tudo, apagando luzes, accendendo fogos, ateando incendios, introduzindo pestes, communicando epidemias, extinguindo contagios, seccando a terra, fertilizando os campos, e destruindo as searas: sem embarcação navega Rios, lagoas, e Mares, e passeando à tona da agoa, levanta as ondas, cava os Mares, ajuda a navegação, e sobverte Navios, e Armadas: e subindo da terra ao Ceo, donde muitas vezes tem cahido, tolda os ares, espalha as nuvens, facilita, ou impede o precipicio da chuva, e do orvalho: poem sobre nós, ou aparta para região mais distante as trovoadas, ajuda o movimento dos rayos, e he a Authora de todas as tormentas, e tempestades: e nenhum delles advertisse, ou não tivesse nunca experimentado, que cousa era, e os effeitos, que no Mundo causava o Vento, que ainda seriam mayores, pois faria rodar todo o Globo Terra-queco, se o centro da Terra não resistisse com o *magnetismo* ao seu impulso, havia de imaginar este Philosopho, como tambem qualquer pessoa, que esta nunca vista entidade era algum *Demonio* dos precipitados, o *Ente de Razão* dos Dialecticos, a *Chymera* dos Mythologicos,

D.R. Bluteau
Vocab. Portug.
Tom. 8.
fol. 406.

cos, ou a *Chrysopeia* dos *Hermeticos*. E porque todos os dias estamos não vendo, nem entendendo, mas experimentando os effeitos deste rara maravilha, mais da Omnipotencia, que da Natureza: *Producit ventos de thesauris*, não nos admirão, nem palhão os seus extraordinarios, e incomprehenſiveis impulsos, a que não-dariamos nenhum credito, se nós entrasse esta noticia só pelos ouvidos. Pois se o Vento, coula tão vulgar, tão commum, e tão conhecida, he superior à vista mais aguda, e à mais perspicaz intelligencia, debalde se canção os Philosophos, e os outros homens em especular, e averiguar outros mysterios, e segredos da Natureza, e da Arte, muito mais apartados do seu conhecimento, e comprehensão; porèm não devem negar a sua existencia, ainda que, como a do Vento, e a do Vacuo, a não entendão, nem veção.

§. XVII.

JA' me não admiro dos que negão a *Pedra Philosophal*, porque a não virão, nem entenderão, senão dos que a contradizem, por não advertirem no mesmo, que estão vendo. Os Philosophos dizem, que huma contraditoria não cabe na esphera dos possiveis; e eu digo, que cabe no circulo de seus olhos. Vem, e juntamente não vem; porque vem, e não advertem; e vendo, sem advertirem no que vem, estão vendo, sem verem os seus olhos. Assim vião, e não vião os Soldados d'ElRey de Syria ao Propheta Eliseo, os moradores de Sodoma a porta de Lot, e os Discipulos a Christo no caminho de Emaus: elles não vião o que vião; por-

Reg. 4. 6. 13.
Genel. 19. 11.
Luc. 25. 16.

porque lhes confundio Deos as especies; e os olhos sem confusão, nem variedade das especies, não vem o que estão vendo, ló por desatensão, e divertimento da vista. Esta he a energia do *intuemini ad videndum* do Propheta Isaías, e do *attendite, & videte* de Hieremias Propheta; porque muitos olhos não vem, por não attenderem, nem olharem para o mesmo, que estão vendo. Assim como ha muitos, que olhão para cegar, que são os que olhão sem tento; assim ha muitos, que vem sem olhar, porque vem sem attenção. Não basta ver, para ver; he necessario olhar para o que se vê. Não vemos as cousas, que vemos, porque não olhamos para ellas. Vemollas sem advertencia, e sem attenção; e a mesma desatensão he a cegueira da vista.

Isai. 41. 18.

Hier. Thren

1. 12.

Sem nenhuma advertencia affirmão os Philosophos, que não ha nenhum corpo leve, porque todos com o seu pezo bulcão o centro da terra, e não podem suspender-se no Ar, ainda que sejam tão leves como huma penna; e de muitas, e innumeraveis pennas vestidos, vemos povoada, e cruzada a região do Ar, com os corpos das Aves, os quaes pequenos, e grandes, todos são gravissimos. No Ar se suspende o Globo Terraqueo, que, segundo a opinião de alguns Geometras, tem nove mil legoas de circuito, e vinte e cinco milhões, setecentas, e setenta e tres mil legoas quadradas. No Ar se suspendem as Espheras, e os Orbes Celestes, e toda a grande machina do Universo. Tudo isto são maravilhas da Omnipotencia Divina, que vê, e não adverte, nem entende a nossa Philosophia. Vemos, que voão as Aves, e não vemos, nem entendemos como se remontão: vemos, que se elevão nas pennas, e não vemos,

q

mos,

Proverb. 30.
18. 19.

mos, nem attendemos como se suspendem nas azas. Cada Ave que voa, he hum agradável espectaculo da vista, e desattendido enigma dos olhos. Não acabamos de ver, o que sem attenção vemos voar. Parecenos muito facil o mesmo, que para Salamão foy difficil: *Tria sunt difficilia mihi, & quartum penitus ignoro: viam Aquilæ in Cælo*; porque a sua advertencia reparou com grande attenção na difficuldade do voo, e a nossa desattenção vê remontar huma Ave, sem fazer nesta difficuldade nenhum reparo.

Para quem não adverte no que vê, ainda as cousas mais vulgares são enigmas, e mysterios. Quem crera antes de o ver, e advertir, que era possivel huma Arte, por virtude da qual os olhos suppreem com ventagens o natural officio dos olhos? Huma Arte, que dá eterna permanencia à volatil inconstancia da voz? Huma Arte, que faz fallar as pedras, os troncos, as cascas das arvores, pelles de brutos, e tetelhos de panno de linho? Huma Arte, por quem he mais eloquente a mão, do que a lingua? Huma Arte, com a qual hum homem, sem sair do seu aposento, faz entender os seus pensamentos em todo o ambito do Mundo? Huma Arte, pela qual, sem fallar com ninguem de perto, se falla com qualquer pessoa desde Hespanha à China? Huma Arte, com a qual os mortos sem horror fallão aos vivos, e os vivos tem noticia de quanto sabem os mortos? Huma Arte, por quem se pôde dizer, que se sabe tudo o que se sabe, pois sem o subsidio da Escrittura, órgão das sciencias, que haveria no Mundo, como advertio Feyjoo, senão ignorancias? Sem o Leitor advertir no que está vendo, ou no que está lendo, he impossível descifrar este enigma, porém se o vir
com

com attenção, he impossível, que o não entenda. Com esta mysteriosa clareza descrevem os *Herméticos* a *Chrysepeia*, mas por falta de advertencia, não descobrem os Leitores o segredo; porque hã homens tão cegos, com os olhos abertos, que nem a si proprios se conhecem, como experimentarão muitos à custa da sua vida no celebre enigma da Esfinge.

Juno inimiga dos Thebanos (segundo a Mythologia) fez nascer perto da Cidade de Thebas hum monstro com rosto, e voz de mulher moça, corpo de cão, cauda, e garras de Leão, azas de Aguiã, e unhas de Harpia. Esta he a famosa Esfinge, que aos passageiros propunha questões enigmaticas, e com tanta difficuldade, e tyrannia, que matava aos que as não soltavão. Com este perigo ninguem se atrevia a passar à Cidade de Thebas, que tinha já os contornos desertos, e despovoados. Consultado o Oraculo, respondeo, que o unico meyo, para se livrarem os homens desta calamidade, era interpretar o sentido desta enigmatica questão da Esfinge: *Qual era o Animal, que pela manhã andava com quatro pès, pelo meyo dia com dous, e com tres na tarde?* Creon, que por morte de Layo, se apoderou do Reyno, por hum Ediçto, que publicou em toda a Grecia, prometteo renunciar a Coroa, e dar por Esposa a Viuva do dito Layo, chamada Jocasta, ao interprete deste enigma. Naquelle tempo hum Principe moço, chamado Edipo, que foy criado na Corte d'ElRey Corintho, soltou o enigma, dizendo, que este Animal era o Homem, porque na sua infancia andava de gatinhas, e crescendo a idade, se punha em pè, atè que na velhice

q u

anda-

andava encostado a hum bordão , que com os pés era o terceiro arrimo da sua fraqueza. Vendo a Esfinge o segredo do seu enigma descoberto, foy tão grande a sua raiva , que se despenhou da rocha , em que vivia , e quebrou a cabeça. Se aos Leitores da *Escola Hermetica*, ou do Sonho enigmatico de Enodato, faltar o engenho de Edipo para verem com attenção , e advertencia no enigma desta Esfinge, o segredo da *Chrysopeia*, não manifestem a sua grande cegueira , contradizendo o mysterio, que diante dos olhos não penetrão ; porque a *Esfinge Hermetica* está sobre a sua *Pedra*, para castigar com a morte a todos os presumidos, que sem advertirem no que estão vendo, nem saberem o que dizem , pertendem com sem razões detruballa do seu throno, e quebrarlhe a cabeça.

§. XVIII.

INfinita cousa seria, se eu neste lugar houvesse de referir todas as maravilhas da Omnipotencia Divina, todas as obras da Natureza, e todos os inventos da Arte, escuros por desconhecidos, e desusados , como no Sexto dos Topicos diz Aristoteles : *Omne quod insuetum est, obscurum est*, para mostrar aos Leitores incredulos, que o invento da *Chrysopeia* não he o mais admiravel de todos, porque ponderando as Historias, encontrará qualquer pessoa-artificios mais estupendos. Ponderando como dous corpos graves se fazem leves, e são ligeiros como o rayo, quando a polvora, inventada por Bertholdo Swartzio, acceza com huma faísca de fogo, despede o globo de huma grande bomba, ou impelle o corpo

po de hum pezadissima balla. Ponderando como de corpos pezados, como troncos, se levantão fantasmas, ou torres de fumo, que voão como nuvens, e das cinzas se faz vidro transparente, como os Ares, que sem embargo da sua fragilidade, e dureza, pela Arte se fez, no tempo do Emperador Tiberio, tão solido, e flexivel, como ferro; e porque o Artifice sem a cautela dos *Hermeticos* descobrio este raro, e utilissimo segredo a hum Emperador, (na minha estimação) mais tyranno do que Nero, perdeu a vida nas mãos deste Barbaro, e o Mundo hum tão grande beneficio da Arte, deixando-nos o infortunio deste engenhoso, e desgraçado Artifice, com este escandaloso exemplo, a importante advertencia, para nunca mais se revelarem semelhantes segredos a homens ambiciosos, e Tyrannos, para não morrerem, como Perillo, em premio de lisongear com o engenhoso invento do Touro de metal, à crueldade do Tyranno Dionysio. Ponderando o segredo do Padre Vicente Corneli, que com grande admiração do Mundo conserva a polvora dentro de hum sacco, de sorte que dentro nelle resiste ao impeto, e actividade do fogo. Ponderando o invento da polvora branca, que não faz estrondo, chamada por esta causa pelos Francezes polvora muda, e polvora surda, composta de polvora ordinaria, misturada com Borax, ou Chrysocola, Sal Armoniac, Pedra Calaminar, ou Toupeiras vivas calcinadas. Ponderando o artificio do Fogo Grego, que arde, e queima até dentro no Mar, augmentando-se cada vez mais com a agoa, inimiga dos incendios, e depois de acceso, se não apaga, desprezando toda a industria humana, até
nao

não reduzir tudo a cinzas. Ponderando os Espelhos Ustorios, ou Parabolicos de Archimedes, e de Proclo, que postos em parte donde recebessem os rayos do Sol, queimavão Armadas, e todas as machinas de guerra, em proporcionada distancia; como se vio nos cercos de Syracusa, e de Constantinopla, aonde Archimedes queimou com estes Espelhos as Nãos de Marcelo, e Proclo os Navios de Vitaliano. Ponderando o novo invento de outros Espelhos Parabolicos, tambem chamados Ustorios, que ha poucos annos inventou Monfiur Villette, em cujo foco recebidos os rayos do Sol, queimão no mesmo instante qualquer madeiro, ainda que seja huma arvore verde, como se fora sequissima estopa: derretendo tambem em hum minuto os Meraes, que menos se liquidão: vitrificando em brevissimo tempo todas as materias, que o fogo mais activo não reduz a vidro, e quando vitrifica algum corpo he em largo espaço de tempo: resolvendo finalmente o Ouro, e separandolhe os seus principios componentes, que sem o Espelho Ustorio he impossivel separar só com o fogo, nem com outro instrumento, que não seja o da *Philosophia de Hermes*. Ponderando os Espelhos, que no tempo do Emperador Augusto inventou Hostio, que representavão as cousas mayores, outras vezes mais pequenas do seu natural: outros, que mostravão os objectos às avessas; outros, com os quaes se divisavão as cousas em duas legoas de distancia: outros, que multiplicavão os objectos, formando de hum só homem hum grande Exercito; outros, que representavão as figuras suspensas no Ar, entre a vista dos olhos, e o vidro dos Espelhos; e outros, que queimavão por dian-

diante, e por detraz. Ponderando o Espelho da Torre da Goleta, que está edificada entre o Mar Mediterraneo, e a lagoa de Tunez, em que distintamente se via nos Navios, que entravão no porto, toda a gente, e mercancia, que vinha dentro nelles. Ponderando o Espelho de Henrique Cornelio Agrippa, no qual escrevendo-se alguns caracteres com sangue, se lião os mesmos estampados no corpo da Lua, passando-se deste modo em hum instante avisos a todo o Mundo.

Ponderando as minas de fogo, que Federico Jambelo fazia debaixo das agoas de Rios caudalosos, e invadiaveis, como o Escalda em Flandes, compostas de polvora de tão exquisito artificio, que concebendo o fogo, que accendião huns relógios, excitavão tão furioso terremoto, que parecia cahir o Ceo, tremer a Terra, e voar o Mundo; porque disparando entre relampagos, trovões, e rayos, grande quantidade de pedras de moinho, sepulchraes, e rochedos de extraordinaria grandeza, cadeyas de ferro, garfos, cutellos, e pellotas, com outros instrumentos de ferir, e de matar, em que a dureza do ferro, corta, e penetra mais com a violencia do fogo, arrebatavão aos ares Castellos, Artelharias, Navios, Pontes, Armas, Marinheiros, e gente de guerra, como se fossem folhas de arvores, ou palhas; e papeis voados da furia de hum grande tempestade, matando com hum só tiro mais de oitocentos homens, não contando os feridos, e outros que voavão pelos ares, como ballas disparadas pela artelharia; passando por elevação de hum a outra Província; atrojando a distancia de mil passos pedras sepulchraes, e cravandoas pela terra dentro

exten-

extendendo-se tão furioso terremoto ao circuito de nove mil passos, matando tambem muita gente só com o pestifero cheiro da polvora, e atormentando a todos com o calor excessivo das agoas do Rio Escalda, que sendo mais caudoloso do que o Tejo, defronte de Lisboa, escaldava como azeite fervente. Ponderando os passarinhos de pão, que Juannelo Turriano, Archimedes do seculo passado, fazia voar na presença do Emperador Carlos V. os quaes sahião de S. Juste de Placencia, e tornavão voando a recolherse no mesmo aposento donde tinham saído. Ponderando como o mesmo Turriano formava Exercitos armados de lamas figuras de Soldados a cavallo, com varios Regimentos de Infantaria, que tocavão caixas, e clarins, provocando-se a batalha, e pelejando furiosamente entre si, ferindo-se com lanças, espadas, e outras armas, para com esta marcial, e fingida representação de huma verdadeira batalha, divertir ao mesmo Emperador retirado dos Exercitos, e campanhas. Ponderando os moinhos de ferro, que fez o mesmo Juannelo, que se movião per si mesmos, sendo tão subtiz, e tão pequenos, que os podia levar hum Religioso na manga, e com serem tão delicados, erão tão uteis, que cada hum delles mohia, em hum dia, o trigo que bastava para sustentar oito homens. Ponderando aquella artificiosa, e admiravel cabeça de pão, ferro, ou bronze, que em trinta annos fabricou com grande trabalho, e mayor engenho, Santo Alberto Magno, a qual fallava, e respondia, como Oraculo, a quanto lhe perguntavão, e com tão primoroso artificio, que atemorizando-se com as suas vozes, ou repostas Santo Thomaz, a quebrou com hum

hum pão, que acaço tinha na mão, por entender sendo rapaz, que o invento de Alberto seu Mestre era magico, ou illusão diabolica. Ponderando a Estatua humana, que Reiselio fez com tal artificio, que nella se vem as principaes operações da Natureza, assim na circulação do sangue, como em outras funções, por principios da Physica Hydrostatica, com esperança de lhe dar voz, e movimento. Ponderando a suspensão das Estatuas de Arsinoe, e do cavallo de Bellorophonte, pela virtude magnetica, dentro no Templo de Serapis, edificado na Cidade de Alexandria; o que tambem intentarão, e não poderão conseguir os Mahometanos em Medina, nem antigamente em Meca, para suspenderem no Ar o infame cadaver do falso Profeta Masoma. Ponderando a Estatua de Venus, que inventou Dedalo, a qual andava, quando lhe lançavaõ dentro algum Mercurio. Ponderando a Estatua de Memnon, Rey dos Thebanos, fabricada com tal Arte, que ferida na boca com os rayos matutinos do Sol, soltava vozes harmonicas, que fazião dos circuntantes Estatuas, movendo-se, e pronunciando Oraculos. Ponderando a Cabeça de Metal, que havia antigamente em Tavora, a qual fallava, e mostrava com as suas vozes todos os Judeos, que entravaõ, e sahiaõ naquella terra. Ponderando o Talisman de Cobre, chamado Beelzephon, inventado pelos Magos de Pharaõ, o qual tendo a figura de Cão, ladrava todas as vezes, que algum Israélita, com tenção de fugir do Egypto, passava pelo lugar, em que este Idolo estava collocado, que era muito perto do Mar Roxo.

Ponderando a Alampada da Vida, e da Morte,
de

de Ernesto Burgravio, chamada assim, porque se compunha, ou fabricava com tal symbolização a hum homem determinado, que a qualquer distancia, se podia saber por ella a faude, doenças, gostos, pezares, vida, e morte da pessoa, a quem respeitava, observando-se os varios movimentos, cores, intensão, e remissão da luz, atè a sua total extinção. Ponderando com Rogerio Baccon, Religioso de sublimè engenho, os inventos de grandes Náos, governadas por hum só homem, as quaes navegavão com mayor velocidade, do que outros Navios, mareados por muitos Marinheiros. Ponderando os Cochets ligeiros, movidos sem cavallo, nem outros animaes, que os movão. Ponderando os Navios, que navegão os ares, voando com azas em lugar de vèllas. Ponderando os instrumentos de altura, e largura só de tres dedos, e ainda mais pequenos, os quaes levantão, e abaixão os mayores pezos, e podem livrar dos carcereos a todos os prezos, fazendoos subir por cima dos telhados, e pondoos sem molestia, nem perigo soltos na rua. Ponderando o invento com que hum só homem, com hum assopro, arranca do chão a mayor arvore, e assoprando poucas vezes, pôde levantar tão grande tormenta, que arraze huma Selva, que resistia firme à mais furiosa tempestade. Ponderando os instrumentos, com que hum só homem pôde fazer unir consigo a mil homens, os mais valentes, por mais que elles forcejem, e resistão. Ponderando os engenhos de andar sobre as agoas, sem ir ao fundo, não sendo a embarcação, nem odres de vento, e outros vulgares modos de navegar, que se não tiverão apparecido aos nossos olhos, serião incriveis aos ouvidos. Ponderando

rando a Pomba de pão, que inventou Architas Tarentino, que voava pelos ares como viva, sendo humma estatua morta, sem ter outra alma, que o engenho de seu Author. Ponderando as sete Torres de Constantinopla, que repetião, como citharas, as vozes, que alguém pronunciava ao pè de qualquer dellas. Ponderando a *Pedra Venturina*, que por ventura, ou acaso se inventou, cahindo humas limaduras de Cobre em vidro derretido, a qual he humma vitrificação, ou mistura de palhinhas de Cobre, lançadas em vidro derretido sobre o fogo, mas de humma cor tão honestamente dourada, ou salpicada de pontinhos de Ouro, que deu o nome, e não a primazia à *Pedra Venturina*, que com a mesma cor se cria naturalmente na Silezia, e em Bohemia. Ponderando o vidro, corpo liso, lucido, e transparente feito, pelo fogo violentissimo de reverberação, com calhãos brancos, e luzidios, ou com area branca, e bem lavada, ou com sal alcalico, ou cinzas de teto, ou folda, o qual excede, e leva a preferencia em algumas cousas ao Diamante; porque o Diamante pôde ser aberto, furado, e lavrado com outro, e ao vidro nenhuma cousa penetra. Ponderando como o vidro he a ultima obra, a que, por meyo do fogo pôde chegar a Arte, porque todos os Metaes com a força do fogo se convertem em vidro, e até o mesmo barro, como se vê nas telhas, e nos tijolos, que de muito cozidos se vitrificação.

Ponderando como com o Helioscopio, ou Thelescopio, que no anno de 1609. inventou o famoso Holandez Jacobo Mecio, natural da Cidade de Alcmár, ao qual aperfeiçoou pouco tempo depois o grande Mathematico Florentino Galileo de

Galileis, se descobre a Lua trinta mil leguas distante da Terra, a qual tendo a medida da quarentessima parte do Globo Terraqueo, e parecendo-nos huma como cara humana, he hum labyrintho de varias, e confusas figuras, distinctas, e separadas com montes, e valles de grande eminencia, e profundidade: Mercurio o menor de todos os Planetas, e muitas vezes mais pequeno, que a Terra: Venus de cor de Cobre, vinte e oito, ou trinta e sete vezes menor que a Terra, manchada, e mudavel como a Lua: o Sol distante da Terra mais de vinte e hum milhões, e seiscentas mil leguas Hespanholas, em que a incerteza, que pôde haver, he só de hum, ou dous milhões, que vem a ser o mesmo, que dizer na terra, que de hum lugar a outro hà só a distancia de vinte, ou vinte e duas leguas, que não he grande engano: com diametro cem vezes mayor que o diametro da Terra, e com corpo mayor que o Globo do Mundo hum milhão de vezes. Segundo o Padre Kircker, e outros, que com Thelescopios observarão a figura do Sol, acharão nelle eminencias com montes, que fazem o seu corpo muito desigual, e juntamente huns fogos, que se communicão por grandes cavernas, e receptaculos, que se suppoem no interior daquelle Astro, com diversos mares de fogo, repartidos em Rios da mesma materia luminosa, e ardente, o que apparecendo quando o Sol està perto do Horizonte, delapparece estando mais alto; como tambem ao meyo dia he redondo, ou espherico, e ao nascer, e pôr, parece elliptico. Por observações novas se tem visto o Sol cercado de duas ordens de rayos, e com vinte, ou mais lavaredas, que o cercão, postas por ordem, e compasso,

G A L E A T O.

so, como os cravos nas rodas de hum Coche, foguetes nas Girandulas de fogo. Por dentro do disco tem dezoito Estrellas, e muitos bosques, montes, e valles, com altas ferranias, e varias manchas cada huma das quaes he mayor, que toda a Europa, as quaes no mesmo Sol tem movimento, ortinterito, periodos, e revoluções. Estas manchas são negras, ou azuis, e outras vezes mais brilhantes do que o corpo do mesmo Sol, a que os Latinos chamão *Faculas*, que he o mesmo, que pequenas fochas de fogo. Estas manchas se unem, e formão às vezes huma grande mancha, e outras vezes huma mancha grande se divide, e fórma varias manchas mais pequenas. Algumas vezes se dissipão as manchas, outras vezes se accendem, e convertem em *Faculas*. Muitas vezes se tem observado cincoenta manchas juntas, e outras vezes em muitos annos não apparece nenhuma; porque as manchas dos grandes nem sempre se descobrem, e quando algumas vezes se observão não são perpetuas. As *Faculas* durão mais do que as maculas, e todas circulão no Sol da parte Oriental para a Occidental, pelo Hemispherio Solar, que está contra a Terra, e dão sua volta pelo Hemispherio superior, tornando da parte Occidental para a Oriental, e desta sorte concluem esta circulação em vinte e sete, ou em vinte e oito dias. Ainda não assentarão os Astronomos, que cousa são estas manchas, e estas *Faculas*. Dizem alguns, que são ilhas errantes, contiguas ao corpo do Sol, e andão com elle, e revolvendo-se sobre seu proprio eixo no espaço de vinte e sete dias, acabão o seu gyro. Outros dizem, que as maculas do Sol são vapores, ou fuligens, que do Sol se
leyan-

levantão, e fôrmao aquelles corpos opacos, como nuvens negras, e quando se inflammão, se convertem em *Faculas*. Outros dizem, que são Estrellas, ou Planetas, que à nossa vista se representam embebidos no Sol, e segundo a sua mayor, ou menor distancia, mais, ou menos brevemente fazem ao redor do Sol o seu circular movimento; e outros dizem com os Carthesianos, que as ditas manchas são humas codeas, e grossuras, pela actividade da materia subtil separadas das partes crassas, e levadas a certa distancia do corpo Solar. Porém nem estas manchas do Sol são grossuras, ou codeas da materia subtil, como affirmão os Cartesianos; porque nos corpos liquidos mais depurados dos corpusculos terreos, que são infinitamente menos fluidos do que a materia etherea, tendo todas as suas partes em movimento continuo, no que, segundo os mesmos Philosophos, consiste a fluidez, nunca se observão estas maculas; nem, como no seu Uranophilo diz o Padre Estancel, podem estas manchas ser Planetas, ou Estrellas; porque no proprio disco Solar, onde parece, que nascem, se desvanecem, e acabão: nem são fuligens, ou vapores que se levantaõ do Sol, e formaõ aquelles corpos opacos; porque de hum fogo purissimo, e tão simples, que sem materia, que o sustente, como a lenha ao fogo, arde sem diminuição, nem augmento hà quasi sete mil annos, não se pôde levantar fumo, ou exalação, que circule com esta ordem, e regularidade observada, por ser na exalação, e no fumo tudo desordem. Nem finalmente podem ser Ilhas errantes; porque, como fica dito, humas se ajuntão em huma só, e huma só se divide em muitas, cou-

sa que

sa que repugna tanto às Ilhas do Sol, como às do Oceano. A'lem de que, o desapparecerem algumas vezes por muitos annos, convence não serem Ilhas, vapores, Estrellas, nem codeas do Sol; porque semelhantes entidades costumão ser mais persistentes. No Tom. I. §. 11. num. 44. do meu *Systema Medicæ*, que, dividido em dous grandes volumes de folha, compuz sobre o *Morbo Hungarico*, chamado vulgarmente *Vomitos pretos*, acharão os curiosos huma nova opinião sobre a causa, que dou a estas manchas do Sol, quando não desça (com que tambem me satisfazo) fulminado como Phaetonte, donde subio, approvado por todos os Tribunaes, como Manucodiata, que he o celebre Passaro do Sol, chamado tambem Ave do Paraíso; porque só para o Sol sobe voando. A'lem das ditas manchas, se tem descoberto com o Thelescopio trinta Satellites ao redor do mesmo Sol, que no espaço de quinze dias fazem seu gyro, e parecem hora mayores, hora mais pequenos; e não falta quem diga com o Padre Hieronymo Vital, que Mercurio, Venus, Marte, Jupiter, e Saturno são Satellites do Sol, e da Lua: Marte de cor de fogo, com corpo giboso, e de figura espherica, aspera, e desigual; como o Globo da Terra, com huma mancha-negra no meyo, e nas suas duas faces, ou hemispherios tem humas manchas diversas humas das outras, das quaes se argumenta, que este Planeta se move no seu eixo: Jupiter com tres faxas, e quatro Satellites, que o cercaão, ou rodeão. Estas faxas, ou bandas se descobrem com o Thelescopio hora em huma parte do seu disco, hora em outra, humas vezes duas, e algumas vezes tres, como advertio o Padre Schot, e
dellas

dellas se argumenta, que Jupiter se move circularmente sobre o seu centro. Este Planeta padece seus eclipses causados pelo Sol, Lua, e Marte : Saturno da cor do Chumbo, acompanhado de cinco Satellites, com varias Phases, ou apparencias causadas da diversa situação do anel, ou circulo, em que anda : o numero de todas as Estrellas do Ceo, que na opinião dos Antigos era só demil e vinte e duas, com o invento do Thelescopio se tem observado completo em hum só Constellação chamada *Orion*; e a cor branca da *Via Lactea* se descobre finalmente com o Tubo Optico, ou Helioscopio ser a luz de hum numero innumeravel de Estrellas, humas mayores, outras menores, e outras minimas, tão pequeninas, que as não alcança bem a nossa vista; e tão chegadas humas às outras, que se confunde a sua luz, e desta luminosa confusão resulta hum candor, ou brancura, que aos olhos, que a contemplaõ, parece leite. Para a vista faz em certo modo o mesmo effeito hum crivo, ou papel todo furado, suspenso no ar diante de huma parede, ou taboa tinta de preto, ou posto de noite defronte do lume, no qual de longe se não enxergaõ os furos, ou buraquinhos, mas só se vê huma superficie mais, ou menos branca, e luminosa. Isto mesmo succede a quem olha para a *Via Lactea*, em que se bem as Estrellas mayores se vem distinctas das partes do Ceo não estreladas, nesta mesma distancia as Estrellinhas muito juntas não se divisaõ claramente, mas deste aggregado resulta hum como terceiro objecto de partes luzentes, e não luzentes, que manda a especie de humma cousa menos luminosa, e candida, como he a especie do leite, que fôrma a *Via Lactea*. Ponderando

randò o *Binoculo* do Padre Rheita , com o qual se vê quasi no Signo de Leão entre a Linha Equino-cial, e o Zodiaco, huma representação da *Veronica do Senhor* ; na constellação de *Orion*, para a Estrella Polar, huma mão fechada com huma especie de Caliz ; no Signo de Tauro huma Cruz, das que chamaõ Theutonicas ; no dito *Orion* huma figura da Tunica inconsutil do Senhor ; e nas Pleyadas hum circulo, e nelle hum Menino, objectos tão alheys daquelle lugar, que excederiaõ o credito, se os não confirmara a evidencia ; mas parece que assim como quiz Deos, que na terra houvesse flores, em que se representassem alguns instrumentos de sua Sagrada Paixaõ, como vemos na flor, a que o Gentio do Brasil chama *Maracujá*, os Castelhanos *Granadilla*, e os Italianos *Fiore della Passione* ; no Ceo houvesse tambem Estrellas, de cuja luz, e varia disposição resultaõ imagens dos martyrios do nosso Redemptor.

Ponderando mais o Anel de Gyges, que o fazia invisivel. Ponderando o Palladio de Troya, ou Estatua de Pallas, que fazia inexpugnavel esta Cidade. Ponderando o Escorpiaõ de Bronze, com que Apollonio Thianeo exterminou todos os Escorpiones da Cidade, e territorio de Athenas. Ponderando os sete Aneis, de que Jarchas, famoso Philosopho da India, fez presente ao dito Apollonio Thianeo, que trazendo-os consigo, na idade de cem annos conservava a bizzarria, e disposição de huma floriente mocidade. Ponderando os Braceletes dos Zinpangros, moradores da Ilha de Niphon, no Japão, que os fazião invulneraveis. Ponderando o Anel de Diceo, com que os delinquentes concilia-

vão a benevolencia, e amor dos Juizes. Ponderando a Mosca de Bronze, feita por Virgilio, que afugentava de Napoles todas as moscas. Ponderando o Anel, que foy achado na boca de huma mulher humilde, depois de morta, da qual o Emperador Carlos Magno era com indecencia da Magestade, vilmente namorado. Ponderando as pedras lavradas com a figura do Escaravelho, 'perfeito Hieroglyphico do Sol, com que os Egyptios alentavão os espiritos a quem os trazia. Ponderando a Serpente de Bronze, que na Cidade de Constantinopla impedia a todas as Serpentes a entrada, atè que Mahomet II. depois de tomada Constantinopla, quebrou com huma frechada os dentes à dita Serpente, e huma prodigiosa quantidade de Serpentes se lançou aos Cidadãos de Constantinopla, sem porèm os poderem morder, porque todas tinham os dentes quebrados, como a de Bronze. Ponderando o Anel de Eleazar Judeo, com que na presença do Emperador Vespasiano, e de muitos Officiaes do Romano Exercito, livrara muitos obseffos do Demonio, cuja invenção se attribue a Salamão, que ensinava a meter no engaste do Anel certa raiz, que chegada ao nariz do Energumeno, obrigava a sahir do corpo o Demonio. Ponderando finalmente a Esphera de Archimedes, o Palacio de Nero, a Aguia, e Mosca de Ferro de João Montreal, que voarão em Nuremberga; os Microscopios, Macroscopios, Lanternas Thaumaturgas, Polemoscopios, Polyhedros, Termometros, Balanças Philosophicas, Espingardas de Vento, Orgãos Hydraulicos, e outros inventos, que se encontrão a cada passo nas Historias.

Porèm destas ponderações deve o Leitor sabio,

bio, e prudente inferir, que sendo todos, e qual-
 quer destes engenhosos inventos, artificios mais ra-
 ros, e admiraveis, que o *Lapis Hermetico*, que só
 quem negar a Fè, e credito às Historias, pôde nes-
 ciamente duvidar da *Chrysopsia*; porque duvida,
 que o engenho humano inventasse hum segredo mais
 facil, do que muitos dos referidos, sendo tão dif-
 ficultosos. Toda a difficuldade, que o entendimen-
 to incredulo encontra nos effeitos da *Pedra Philo-
 sophal*, he converter a enfermidade em saude, e trans-
 formar o Mercurio em Ouro; e só quem não tiver
 entendimento, pôde duvidar destas duas conversões;
 porque como ensina o grande Philosopho Peripate-
 tico Francisco Soares, da sempre sabia, e esclareci-
 da Religião da Companhia de JESUS, tão facil-
 mente se converte o Mercurio em Ouro, como o
 Ouro em Mercurio: *Ex Mercurio fit aurum, sicut* Soar. Lusitan.
ex auro, Mercurius; e para crermos na conversão da *Tract. de Gen.*
 molestia em saude, não faltão exemplos na Medi- & Corup. dis-
 ciplina. Bem conheço, que difficoltosamente deve put. 4. sect. 1. §.
 cret o entendimento cousas impossiveis, principal- 3. num. 338.
 mente depois que Feyjoo desterrou o credito dos er-
 ros communs; mas por isso mesmo deve crer na *Chry-
 sopsia*, vendo-a neste Prologo, e no primeiro Dia-
 logo defendida da censura de Kircker, e da criti-
 ca de Feyjoo, e sobre tudo provada com demonst-
 trações innegaveis, feitas por Authores gravissimos,
 que seria, e doutamente escreverão do *Lapis*, con-
 vencendo com razões, e experiencias ao mais in-
 credulo entendimento.

E não imagines, Leitor incredulo, ou nescio,
 que Varões tão sabios, e tão serios, como forão en-
 tre os Alemães os Trevísanos, Paracelsos, Alber-
 tos,

tos, Alanos, Turneifferos, Valentinós, Majeros, Crolios, Libavios, Harthmanos, Lamspringos, Burcgravios, Ettmulleros, e Cunrados. Entre os Inglezes os Baccones, Nortões, Ripleos, Macolones, Charaochos, Dastinos, Chauceros, Kelleos, Robinsonios, Goweros, Ligdacios, Blumfieldos, Redemanos, Fludos, e Mouffetos. Entre os Hollandezes os Helmontes, Hollandos, Drebelios, Vogelios, Balbianos, e Hoghelandos. Entre os Francezes, os Flamelos, Beguinos, Chrysipos, Claveos, Castagnios, Calleffonios, Fabros, Poterios, Gohorios, e Espagnetos. Entre os Italianos os Morienos, Ficinós, Fioravantos, Locatellos, e Caneparios. Entre os Escocезes os Blutheros, e Sydenios. Entre os Danos os Severinos, Borrichios, e Tychos Brahes. Entre os Hespanhoes os Arnoldos de Villanova, Raymundos Lullios, e Pedros Arlenses : não imagines, que estes, e outros Escritores, que já passão de seis mil, entre os quaes forão insigniffimos os Clauderos, Mohorffios, Sendivogios, Sachfios, Helvecios, Becheros, Rupefciffas, Heilmanos, Dienheimios, Ulf-radios, Quercetanos, Geberes, Halides, Ascios, e Azothos, não imagines digo, que Varões tão famosos no Orbe Literario, como o grande LINO NOTA BEM, havião de escrever falsidades, para teu engano, e seu descredito, sendo homens, que o Mundo Racional estimou sempre pelas suas honradas acções, e venera ainda hoje pelos seus escritos, nos quaes a pezar da morte serão eternos. A estes immortaes Propugnadores da *Pedra Philosophal* podèra ajuntar outros muitos defensores do *Lapis*, como tambem todos aquelles sabios, que com-

compuzerão os Tractados, que se intitulão : *Turba Philosophorum* : Turba dos Philosophos, de que só te podes rir, se fores Philosopho das turbas.

Nestes riquissimos thesouros escondidos em metaphoras, e occultos em allegorias, veràs se fores Lynce, o que pôr mais que nelles cavem, não descubrem as Toupeiras. Não te admires, de que os Sabios escondaõ, como costumaõ, a sciencia : *Sapientes abscondunt scientiam* : pasma sim, de que não descubra a tua inadvertencia, o que não para todos, mas para muitos homens està encuberto debaixo de huma pequena Pedra. No Mundo hà muitas, e prodigiosas cousas, de que ainda todos não temos perfeita noticia; porque estão mais escondidas debaixo da tua grandeza, do que a verdade no Poço de Democrito. Ainda não sabemos todos com certeza, que Creaturas Maritimas, e Subterraneas são aquellas, de que deu noticia hum Homem Marinho no anno de 1619. a dous Ministros do Conselho de Christierno IV. Rey de Dinamarca, navegando os Mares da Noroega, quando admirados de o pescarem com figura humana, respondeo com voz clara, e dearticulada a hum dos circunstantes, que justamente se admirava das maravilhas de Deos: *Se tu o souberas tão perfeitamente como eu, muito mais te admiraras, vendo pelas mais profundas agoas do Mar, e nas concavidades da Terra, creaturas de Deos, como eu, em muito mayor numero, do que a gente humana, que anda pizando a Terra.* Huma destas creaturas era aquella Ninfa Marina, com cabellos brancos, olhos rasgados, e corpo ayroso, e delicado, que perto do Cabo Samo Danico appareceo no tempo de Federico II. Rey de Dinamarca a Erasmo Læto,

Proverb. 10.
14.

D.R. Bluteau
Prof. Portug.
1. Part. fol.
133.

Laxto, segundo elle refere na sua Historia, predizendo-lhe alguns successos concernentes àquelle Reyno, e declarando-lhe, que naquelle Mar tinha sua Máy, Avò, e Bisavò, que viviaõ havia muitas centenas de annos. Huma destas creaturas era Oannes, monstro meyo homem, e meyo peixe, que antigamente foy visto no Egypto, que, segundo refere

Bluteau Vocabular. Port.
Tom.6. fol.5.

Bluteau, sahia pela manhã do Mar Vermelho, e andava nos contornos da Cidade de Babylonia, donde pela tarde se restituhiã ao Mar, e de dia aos que o hiaõ ouvir, ensinava todo o genero de Sciencias, e Artes, Agricultura, Architectura, Mathematica, Philosophia natural, e moral, como tambem a Medicina; e segundo refere o mesmo Author, no espaço de quatrocentos annos apparecêrão quatro Oannes, que

D.R. Bluteau Vocab. Port.
Tom. 8. fol. 768.

forão chamados Annedotes. E pôde ser que os latidos de caens, cantos de gallos, huyvos de lobos, bramidos de touros, balidos de ovelhas, rugidos de leões, e outros notaveis estrondos, que em certas partes, e em concavidades de montes se tem ouvido; como gritos horrendos, entre labaredas de fogo do Monte Vesuvio, que no anno de 1682. atroavaõ os ares, sejaõ vozes, não de Demônios, como escreve Cromero, se não de creaturas desconhecidas; e assim como estas creaturas não são ignoradas de todos, ainda que para muitos são occultas: assim os thesouros da *Chrysopeia* estão escondidos para muitos, mas não estão occultos para todos. Estão como os thesouros da terra, encubertos a quem ignorante os piza, e despreza, e não a quem diligente os cava, e busca; mas os thesouros por escondidos, e occultos, não são menos ricos, e preciosos. Não depende o seu valor da tua avaliação. Tanto

Comer. lib.1.
Polon. pag. 485.

to luz o Sol no Zenith, onde o admiras, como em o Nadir, onde o não contemplas. Como a luz do Sol, theſouro de luzes, brilha occulta, e descuberta, como em diferentes Hemispherios, a ſciencia dos *Hermeticos*, a huns manifesta a *Chryſopeia* tão claramente como a luz do dia, a outros a encobre nas eſcuras trevas da noite: a huns aclara a viſta, a outros deixa às eſcuras; porèm o credito, e eſtimacão da *Pedra Philoſophal* não depende do teſtamento de nenhuns olhos; porque a ſua grande virtude não neceſſita de ſer viſta, para ſer eſtimada. A virtude he o premio de ſi meſma: *Ipsa quidem virtus ſibi met pulcherrima merces*. E a excellencia da *Pedra Philoſophal* he ſatisfação de ſi propria. Não dão os olhos humanos a bondade à *Chryſopeia*; porque ainda que não ſeja viſta, traz os bens intrinſecamente com ſigo. Antes de haver eſtes olhos no Mundo, já no Mundo havia Luz muito boa: *Vidit Deus lucem quod eſſet bona*; porque a bondade da Luz não tem dependencia dos olhos. Com ſer tão boa, por falta de olhos, não era viſta antigamente no Mundo a excellencia da Luz; e por não haver olhos, não he tambem hoje bem viſta no Mundo a excellencia, e bondade da *Chryſopeia*. Se o Mundo hum dia abriſſe os olhos, veria ſem nenhuma duvida, o que tem à ſua viſta. Murmurando o Hypercritico Gracian da grande eſtimacão, que os homens dão às pedras preciosas, diſſe profunda, e judicioſamente, que ſe o Mundo acordaffe hum dia com juizo, amanhecera muita gente pobre: mais certo he, que ſe o Mundo acordara hum dia com os olhos abertos, para ver a *Pedra Philoſophal*, que ſe lhe occulta, por olhar para ella com olhos fechados, que amanhecera muita gente.

Sil.Ital.lib. 3.

Genef. 1. 4.

gente tão rica de Ouro, como abundante de saúde. Se o Mundo se vê enfermo, e pobre, não se queixe dos trabalhos, e dos Medicos; queixe-se só dos seus olhos: queixe-se o Mundo de serem os seus olhos tão cegos, que nas suas molestias não olhão se não para os Medicos mais bem vistos, os quaes por não olharem nunca para os livros, e não apartarem nunca a vista dos seus interesses; deixando a todos os enfermos com os seus achaques, ló o dinheiro, que lhes offerecem, não deixão. Com estes mesmos olhos com que o Mundo cegamente elege os Medicos, para lhe curar as suas enfermidades, julga todas as virtudes dos Sabios, e benemeritos. Chama hypocrisia à virtude, covardia ao valor, mentira à verdade, ignorancia à sabedoria, avareza à parcimonia, soberba ao respeito, tyrannia à justiça, chymera à realidade, e engano à *Chrysopeia*. O Mundo juiz cego, he peyor censor, que Momo ridiculo. Com gestos affectados em tudo finge defeitos. No Touro de Neptuno, censura ter as pontas na cabeça, porque se as tivesse diante dos olhos, daria as cornadas mais certas: na Casa de Minerva, censura a immovel constancia, porque se fora movedica, mudaria a porta aos mãos visinhos; e no Homem de Vulcano censura o peito sem janella, porque não se lhe podião conhecer os mãos intentos. Para evitar estas censuras, abrem os *Adeptos* no peito do Homem a janella, para descobrirem claramente a Momo os seus intentos; porèm mudão a porta da Casa de Minerva, para não darem nella entrada a ridiculos; porque não acertando com a porta, ainda que vejam a janella, andem tão cegos, como o Touro com as pontas diante de seus olhos. Con-

fiste

siste em fim o primor da sua Philosophia, em manifestar, e encobrir juntamente a verdade, com tão engenhoso artificio, que Momo a saiba, e a não entenda, que a veja, e se lhe esconda, equivocando sempre o apparente com o verdadeiro, e o verdadeiro com o fingido, de sorte, que sendo certo, e de Fé humana o que ensinaõ, na realidade seja tambem sonho.

§. XIX.

NAõ me atrevèra a fallar nesta materia, nem approvar tão nova, ou paradoxá proposição, se me não houvera de explicar, e defender com huma famosa Prophecia, e com hum admiravel Hieroglyfico; mas ainda o Hieroglyfico, e a Prophecia não seraõ cousa minha, senão do Philosopho *Hermes*, e do Propheta Daniel. Principiemos pela Prophecia. Estando Nabucodonosor deitado na sua cama, começou a considerar na possibilidade dos futuros: *Tu Rex cogitare cepisti in strato tuo, quid esset futurum post hæc;* e sonhando, ou dormindo lhe revelou Deos muitos segredos, ou mysterios, que estavaõ occultos, e escondidos: *Et qui revelat mysteria, ostendit tibi, quæ ventura sunt.* Todos estes mysterios, e segredos vio Nabuco deitado, e sonhando com huma prodigiosa Estatua, composta de Ouro, Prata, Bronze, Ferro, e Barro, a qual sendo tão pezada como os mesmos Metaes, de que se compunha, estava suspenza no Ar: *Tu Rex videbas, & ecce quasi statua una grandis, statua illa magna, & statua sublimis stabat.* A todos estes Metaes, estando unidos em hum só corpo, reduzio a

cinzas huma só *Pedra*, que sem mãos desceo de hum alto monte, e crescendo tanto sobre as cinzas da Estatua, que encheo toda a redondeza da Terra : *Abscisus est Lapis de monte sine manibus : lapis autem qui percusserrat statuat, factus est mons magnus, & implevit universam terram.* Esta imagem, a que Nabuco muitas vezes chama sonho, e muito menos vezes pratica, tambem desappareceo da sua memoria, como fogem as palavras da boca de quem falla, e o sonho esquece à lembrança de quem acorda : *Somnium ejus fugit ab eo : sermo recessit à me.* Atemorizado porèm Nabuco com a novidade do sonho, e incitado tambem com a curiosidade da pratica, que ignorava, e lhe esquecia, mandou chamar à sua presença todos os Magos, Augures, Ariolos, e Feiticeiros dos Chaldeos; porèm todos confessarão, que não podião intrepreatar o sonho, que não ouvirão, e pedião a Nabuco, que lhe referisse o que sonhara, para elles lhe darem a sua intelligencia : *Dic somnium servis tuis, & interpretationem ejus indicabimus.* Para livrar a todos estes doutissimos idiotas da pena capital, a que por hum Decreto estavam condemnados, por não saberem interpretar, ou adévinhar aquelle sonho, se offereceo (depois de orar a Deos) o Propheta Daniel, que era naquelle tempo o mayor sabio do Mundo, ao General das Armas Arioch, executor da sentença de morte, para lembrar, e explicar a Nabuco o sonho mysterioso, como Deos tambem de noite lho tinha revelado : *Mihi quoque non in sapientia, quæ est in me plusquam in cunctis viventibus, Sacramentum hoc revelatum est, sed ut interpretatio Regi manifesta fieret.* E declarando o mysterio a Nabuco, fez logo huma grande Estatua

tua toda de Ouro, que tinha sessenta covados de alto, e seis de largo, a qual mandou collocar no campo Dura da Provincia de Babylonia, aonde foy vista, e adorada por todos os Principes, Ministros, Satrapas, Capitães, Tyrannos, Embaixadores, e outras innumeraveis pessoas do seu vastissimo Imperio: *Nabucodonosor Rex fecit statuam auream, altitudine cubitorum sexaginta, latitudine cubitorum sex, & statuit eam in campo Dura Provinciae Babylonis*; e adverte finalmente o mesmo Propheta Daniel, que o sonho do Rey Nabuco era sonho verdadeiro, e digna de toda a fé a sua interpretação: *Verum est somnium, & fidelis interpretatio ejus*. Esta he, Leitor, a famosa historia da prodigiosa Estatua de Nabuco, que refere o Propheta Daniel no Capitulo segundo da sua Prophecia, e debaixo deste titulo: *Prophetia Danielis*; donde se segue, que não só he historia do passado, mas tambem Prophecia do futuro; e deste modo he verdadeiro successo, como historia, e sonho verdadeiro, como Prophecia, sendo tambem de Fé Divina a certeza infallivel da sua interpretação: *Verum est somnium, & fidelis interpretatio ejus*; mas como este successo he prophetico, e he juntamente historico, se pela historia de hum caso succedido, pela Prophecia de hum acontecimento sonhado: *Tunc Danieli mysterium per visionem nocte revelatum est*. Taõ certa, e de Fé, he esta Prophecia sonhada, como foy a mesma Historia succedida; porém tanto equivoca a palavra *Verum* a verdade com o sonho, que ao mesmo tempo, em que se crê, e se escreve, que o sonho he verdadeiro: *Verum est somnium*, parece que tambem se escreve, e se affirma, que esta verdade he sonho:

sonho : *Verum est somnium*. Com tanto primor escreveu Daniel, com a penna tirada das azas do Espírito Santo o Enigma da sua mysteriosa Prophecia, que sendo Prophecia, e Historia verdadeira, e de tão infallivel certeza, que he de Fé Divina, tambem na realidade he sonho.

§. XX.

PAssemos agora ao hieroglyfico, sem apartarmos os olhos do prophetico. No *Livro Mudo de Hermes*, que hoje acharás tambem restampado no fim do primiero Tomo da *Bibliotheca Chymica* de Mangeto, em que não verás outro titulo, se não este de *Livro Mudo*, nem lerás outra doutrina, senão a que mudamente te ensinarem humas figuras hieroglyficas, que nelle depois deste titulo estão primorosamente estampadas : *Mutus liber, in quo tamen tota Philosophia Hermetica, figuris hieroglyphicis depingitur, ter optimo maximo Deo misericordie consecratus, solisque filiis artis dicatus, authore cujus nomen est Altus*; entre as quaes figuras não há mais preceitos, nem dogmas, ou documentos, do que estas oito palavras : *Ora, lege, lege, relege, labora, & invenies*. Verás na primeira figura deitada, hum homem considerando, e dormindo como Nabuco : *Cogitare cepisti in strato tuo*; e dous Anjos, com duas trombetas postos em huma escada, como revelandolhe do alto grandes mysterios, ou segredos da Pedra Philosophal : *Et qui revelat mysteria ostendit tibi*; e na ultima figura do mesmo livro, acharás ao mesmo homem dormindo, e sonhando com huma grande Estatua à sua vista, a qual está suspena no Ar, como

mo no Ar estava suspenſa, a que vio Nabuco ſonhando : *Statua ſublimis ſtabat*. Tambem verás, que aos corpos metallicos, compoſtos de Ouro, Prata, Bronze, Ferro, e Barro, reduz a cinzas a *Pedra dos Philoſophos*, tem operação, nem força de mãos : *Lapis ſine manibus*, a qual por fazer eſta *Obra grande*, creſceo tanto na eſtimação de todos os Sabios, que he hum altíſſimo, e inacceſſivel monte para os ignorantes. Por eſta cauſa os Poetas fizeram de hum Monte inacceſſivel Emblema da virtude, e da *Pedra Philoſophal*, como eſcreveo Mangeto, na preſação do Primeiro Tomo, que compoz da *Chryſopeia* : *In hujus veritatis emblema virtutis domicilium à Poetis in rupium quam maxime abruptarum cacumine poſitum fuiſſe*. Por iſſo os neſcios não vem cá debaixo a *Pedra Philoſophal*, e tó lhes chega aos ouvidos huma confuſa noticia da *Chryſopeia*, por eſtar o *Lapis* divulgado por toda a redondeza da Terra : *Lapis autem, qui percufferat ſtatuum, factus eſt mons magnus, & implevit univerſam terram*. Sobre eſta *Tinctura Universal* tambem ſe falla, como fallou Nabuco na Eſtatua; porque huns dizem, que he ſonho : *Somnium* : e outros affirmão, que tambem he practica : *Sermo*; e ou ſeja practica, (perdoem-me o equivoco, e amplificação do ſignificado) ou ſeja ſonho, tambem Enodato, e todos os *Hermeticos* dizem, que não alcanção a practica, e que o ſonho, e o ſono lhes foge : *Somnium ejus fugit ab eo, ſermo receſſit à me*. Não faltão Emperadores, como forão Caligula I. e Fernando III. a quem não altere, e inquiete a novidade do ſonho dos *Hermeticos*, nem Reys, como Eduardo VI. de Inglaterra, e Carlos VII. de França, a quem não incite a curioſidade de ſaber
o in-

o invento dos *Adeptos* ; porém nenhum dos seus grandes Sabios, ainda que sejaõ Magos, Ariolos, e Feiticeiros como os Chaldeos, pòdem adivinhar tão grande Enigma , e só lhe pedem a noticia do sonho, para lhe darem a sua interpretação: *Dic somnium servis tuis, & interpretationem ejus indicabimus.* Não tira porém a sua ignorancia, que não haja hum Raimundo Lullio, cujas obras approvou o Concilio Tridentino, e cujas virtudes coroou o martyrio, o qual não só com a sua grande sabedoria, em que excedeo a todos os Sabios do Seculo, em que floreceo, chamado por tão extraordinaria Sciencia Rayo do Mundo: *Mihi quoque non in sapientia, quæ est in me plusquam in cunctis viventibus* ; mas porque foy Deos servido, que elle alcançasse a revelação deste segredo, para serviço, e utilidade de Eduardo VI. Rey de Inglaterra, famoso, e zeloso Conquistador da Terra Santa, a quem o mesmo Lullio deu seis milhões de Ouro de vinte e quatro quilates, do qual mandou lavrar Escudetes, Rosas, ou Moedas, com o titulo de Soberanos, e de *Nobile Raymundi*, a que Paracelso chama *Rosenobili*, e ainda hoje conserva o nome de *Noble* em Inglaterra o Ouro, que Lullio deo a Eduardo, para continuar a conquista da Terra Santa, como se pòde ver nos Historiadores daquelle Reyno, e nestas palavras de Olao Borrichio: *Quem propterea Lullius pagandæ fidei Christianæ inter Paganos solícite intentus, sex illis millionibus redditum in Terram Sanctam festinandum animare parabat.* Por isso a Lullio quadra de algum modo, com boa venia dos pios, e doutos Leitores: *Sacramentum hoc revelatum est, ut revelatio Regi manifesta fieret.* E a Eduardo, e não a Richardo,

Theloson.
apud Manget.
Tom. 1. Biblioth. Chem.
1. subf. 1. fol. 32.

Ol. Borrich.
apud Manget. loc. citat.
fol. 34. & 43.

do, (como erradamente lhe chama Kircker) por
 sair a campo contra os Francezes, convertendo
 contra elles as armas, que se destinavaõ para a Con-
 quista de Hierusalem : *Arma in Gallos vertit*, fazen-
 do dos seis milhoens huma poderosa Armada, que
 pela despeza com que se aprestou, se pôde chamar
Estatua de Ouro, muito grossa, e muito alta, a qual
 viraõ entaõ os Principes de toda a Europa, os Mi-
 nistros, Satrapas, Capitaens, Tyrannos, Embaixa-
 dores, e Vassallos de ambas as Coroas Franceza, e
 Ingleza : com alguma propriedade applico as pa-
 lavras, que Daniel escreveo de Nabuco, quando de-
 pois do sonho, e revelação do Propheta, mandou
 fazer a Estatua de Ouro : *Rex fecit Statuam auream,*
altitudine cubitorum sexaginta, latitudine cubitorum
sex, & statuit eam in campo Dura Provincia Babylo-
nis. E com ser taõ verdadeira esta famosa Historia,
 como certificaõ depois de muitos Authores Marti-
 nho Del-Rio, Religioso da Companhia de JESUS,
 Varaõ de grandes letras, e muito universal nas noti-
 cias do Mundo, e o grande, e Sapientissimo Padre
 D. Raphael Bluteau, Religioso Theatino, Varaõ
 raro em virtudes, e consumado nas Divinas, e hu-
 manas letras; não faltaõ com tudo outros Escri-
 tores com Santo Thomaz, e Athanasio Kircker, que
 neguem a *Pedra Philosophal*, ou lhe dem varias inter-
 pretações, estando por esta variedade, e discordia
 dos Escritores indeciso atè o dia de hoje o Proble-
 ma da *Chrysopeia*, como confessa o mesmo Kircker:
Lite in hanc usque diem pendente. Porém como os Kir-
 ckeros, e os Thomazes approvão a *Chrysopeia*, que
 condemnão, admittindo não só a probabilidade das
 transmutações, confôrme diz Kircker : *Quo ad theo-*

Ol. Borrich:
 loco cit. §. 24.
 fol. 43.

Martin. Del-
 Rio lib. 6. dif-
 quis. Magic.
 cap. 5.

Bluteau Vo-
 cab. Portug.
 Tom. 6. fol.
 353.
 Div. Thom.
 2.2. q. 77. art.
 2.

riam

riam probabilem tantum esse ; mas escrevendo algumas operações, com que se convertem os Metaes em Ouro, e Prata, e descobrindo tambem raros segredos de falsificar estes preciosos Metaes, que o mesmo Kircker deixou sepultados na urna do legredo : *Germanus sum, germano pectore veritatem profiteor. Poteram, & ego innumera sub specie veri, transmutatoriae artis arcana adducere, sed absit ab humano pectore tale scelus.* Concluindo finalmente este sincero Author, com decisões Juridico-Canonicas, que a *Alchimia*, que faz verdadeira Prata, e fino Ouro, de outros quaesquer Metaes he Arte licita : *Illa licita est, que verum, genuinum, & naturale aurum producit ;* porque sendo o Ouro, e Prata verdadeiros, e puros, como são estes Metaes tirados das minas, licitamente se podem vender, e com elles se pode tambem licitamente comprar, como por authoridade do mesmo Santo Thomaz, Oldrado, Andrada, Ifernina, Baldo, Alberto, e outros resolve o mesmo Kircker : *Si aurum Alchymicum à naturali in nullo differat, id vendi, & solvi posse ;* e como o objecto desta resolução ha de ser verdadeiro, para não ser esta questão ociosa, bem se segue, que assim os contraditores do *Lapis*, como os defensores da *Chrysopeia*, approvão o que condemnão, e censurão o que louvão ; e deste modo todos os livros escritos contra a *Chrysopeia*, ou em defeza do *Lapis*, são como o *Livro Mudo* de *Hermes* ; porque todos bradão com o silencio, isto he, dizem, e juntamente callão, escondem, juntamente mostram, approvão, e juntamente negão, manifestão, e juntamente occultão o mesmo mysterio, que affirmão, e sendo por este modo eloquentes, tambem são mudos, por-
rêm

rêm mudos que fallão, como o Mudo do Evangelho, com admiração das Turbas : *Locutus est mutus, & admirata sunt Turbæ*. Todos encobrem mysteriosamente o que dizem, com o mesmo silencio com que fallão; porque discorrendo conforme o segredo das *Turbas dos Philosophos*, escondem a doutrina, que enlinão, com admiração dos *Philosophos* das Turbas. Escrevem da *Chrysopeia*, ou contra o *Lapis*, com tão primoroso artificio, e com tão patente mysterio, que nos mesmos livros equivocão o verdadeiro com o sonhado, para que entendão os Sabios, que elles tem o sonho de *Hermes* por verdadeiro : *Verum est somnium*; e ao mesmo tempo imaginem os nescios, que elles reputão o verdadeiro por sonho: *Verum est somnium*. Não podiaõ os *Adeptos* excogitar melhor industria, para segurarem a opinião entre os Doutos, e não perderem o credito entre os ignorantes, do que escreverem da *Chrysopeia*, por huns termos tão enigmaticos, com que evitem a calumnia dos nescios, e conservem a opinião para com os Sabios, como fez na sua *Real Allegoria* o celebre *Hermetico* Merlino, recomendando nella muito aos *Adeptos*, que guardassem o seu Tratado, e declarandolhes, que se para os nescios era escarnio, era para os Sabios muylerio : *Custodi frater hunc Tractatum, & serva bene, quia trupha est optima inter stultos, & non trupha inter sapientes*. Com estas engenhosas allegorias, e metaphoras, com estes admiraveis enigmas, e mysterios, e com estes subtilissimos fingimentos, e verdades, se não approvão a *Chrysopeia*, tambem não condemnão o *Lapis*; porque com as mesmas palavras affirmaõ com toda a verdade, que o sonho de *Hermes* he verdadeiro, mas verdadeiro sonho.

Allegor. Mer-
lin. apud
Manget. tom.
2 Bibliothec.
Chem. lib. 3.
sect. 1. subl.
11. fol. 192.

§. XXI.

A Razão natural, e politica desta equivocação da verdade com o fingimento, do sonhado com o verdadeiro, e da voz com o silencio he, porque os *Philosophos Hermeticos*, ou *Adeptos* conhecem como sabios, e observão como prudentes, que se o perservativo das molestias, o remedio das doenças, o antidoto das felicidades, a posse das riquezas, e o antagonista das misérias he cousa muito conveniente, e muito honrada, como vem claramente no que sonhaõ; tambem he cousa muito ardua, e cheya de grandes difficuldades, conforme conhecem no que experimentaõ, segundo pondera Mangero, na prefacão do primeiro Tomo, que escreveu da *Chrysopeia*: *Ardua etenim res est, ac difficultatibus plena materiae Philosophiae acquisitio, ac possessio*. E como os *Hermeticos* no sonho vem ao longe grandes riquezas, muitas honras, e as mayores felicidades da vida, e com a experiencia descobrem ao perto extraordinarios trabalhos, intoleraveis infortunios, implacaveis odios, crueis perseguições, e escandalosas invejas, ou não proseguem na diligencia de adquirir tantas felicidades, ou fingem, que ignorão a *Chrysopeia*, que já tem descoberto, por não padecerem tantos perigos, trabalhos, e infortunios. Consideraõ em silencio na *Tinctura Universal*, mas na certeza do *Lapis* não fallão claramente humia palavra: confessaõ com a especulação, que he cousa possivel, e negão com a pratica ter descoberto esta ventura; porque em materia tão perigosa, e importante, os homens, que são prudentes, consideraõ
e não

e não fallão; porque he discrição não fallar no segredo, e prudencia o considerar no mysterio, que outros virão, e sonhãrão.

Sonhou Joseph filho do Patriarcha Jacob dous admiraveis, e mysteriosos sonhos: no primeiro vio, que atava no campo, na companhia de seus irmãos, huns molhos de trigo, e que os molhos de seus irmãos adoravão o que elle atou, o qual estando lançado no chão depois de atado, ficou em pè: *Au-* Gen. 37. 7
dite somnium meum quod vidi: putabam nos ligare manipulos in agro: & quasi consurgere manipulum meum, & stare, vestrosque manipulos circumstantes adorare manipulum meum; e no segundo tambem vio, que o Sol, a Lua, e as Estrellas, descendo do Ceo à terra a magestade luminosa de seus resplendores, prostrados humildemente por terra, o adoravão: *Vidi per somnium quasi Solem, & Lunam, & Stellas undecim adorare me.* Estes sorão os dous mysteriosos sonhos do Patriarcha Joseph, em que propheticamente vio as adorações, e felicidades, que depois possuhio, sendo Viso-Rey do Egypto, aonde seu Pay, e seus onze irmãos de Rubem até Benjamim, ajoelhados por terra o adoraraõ, confôrme elles tinhaõ predito, como duvidando muito tempo antes do cumprimento destas prophecias: *Numquid Rex noster oris? Num ego, & mater tua, & fratres tui adorabimus te super terram?* Porèm he cousa digna de reparo, e tambem de admiração, que tendo Jacob, e Joseph ambos Prophetas, nenhum delles sonhasse, nem prophetizasse os trabalhos, e grandes difficuldades, que primeiro encontrou Joseph, do que subisse por tão perigosos degrãos à suprema Presidencia do Reyno do Egypto. Nenhum delles vio,
u ij nem

nem por sonho, que da relação das felicidades sonhadas, se havia de augmentar a inveja, e odio de seus irmãos : *Hæc ergo causa somniorum atque sermonum, invidiæ ; & odii fomitem ministravit.* Nenhum delles vio, que os irmãos lhe havião de machinar a morte, injuriandoo com o nome de sonhador, e prendendoo em o carcere de huma cisterna : *Ecce somniator venit : venite occidamus eum, & mittamus in cisternam veterem.* Nenhum delles vio, que despojado da tunica, o havião de vender seus irmãos aos Ismaelitas : *Nudaverunt eum tunica talaris, & polymita, vendiderunt eum Ismaelitis.* Nenhum delles finalmente vio os falsos testemunhos, que no Egypto levantaria a mulher de Putifar aos justos, e honestos procedimentos de Joseph, os quaes sendo as mais raras virtudes de hum mancebo tão bello como Adonis : *Erat autem Joseph pulchra facie, & decorus aspectu,* forão castigados com a prisão, como se forão os sensuaes delictos de Tiberio : *Tradiditque Joseph in carcerem ;* o só o Patriarcha Jacob, como Varão experimentado nas perseguições de Esau, nas peregrinações da Mesopotamia, e nos enganos de Labam, considerava como prudente, mas juntamente callava o mysterio daquelles sonhos : *Pater vero rem tacitus considerabat.* Os Prophetas chamão-se na Elcritura *Videntes ;* porque vião os futuros : pois se todos aquelles trabalhos de Joseph erão futuros, como as sonhadas felicidades, porque os não virão estes dous Prophetas, que no tempo futuro tanto vião ? Porque nos sonhos não havia nenhuns trabalhos, nem perigos, que se vissem, nem previssessem. Os perigos, e trabalhos, que também acontecêrão, encontrarão-se na dilação do cumprimento-

primento das prophcias , como cousa separada , e distincta dellas. Como as prophcias se cumprirão mais tarde , vierão os trabalhos mais cedo ; e não poderão os olhos propheticos ver ao longe , para onde só olhavam , os successos , que por estarem mais proximos, não vião. Esta parece, que era a materia , em que Jacob tão mudamente considerava ; porque se lembrava da visão , que tinha visto em Bethel , antigamente chamada Luza, quando Deos, e os Anjos lhe apparecêrão naquella mysteriosa esca- cada, estando elle deitado, e dormindo ao pé della, com a cabeça reclinada sobre as pedras : *Tulit de lapidibus, qui jacebant, & supponens capiti suo, dormivit in eodem loco.* Lembrava-se de que entre tantas felicidades promettidas por Deos quando dormia, encontrara depois de acordar com os trabalhos, que por estarem muito perto, o obrigarão a exclamar com grande temor, e muito tempo antes de os padecer : *Quam terribilis est locus iste !* Mas tambem se lembrava Jacob, de que delvanecido aquelle temor, e receyo, das muitas pedras de que fizera o encoisto, para sobre elle descansar, e dormir, se fizera milagrosamente hum- ma só Pedra, depois de acordar daquelle prodigioso sono : *Lapis iste, quem erexi in titulum, vocabitur Dominus Dei,* como por lição da Glosa dos Hebreos escreve o Bilpo Cathariense, affirmando, que as pedras de que Jacob fizera o reclinatorio, ou travesseiro para dormir, forão tres realmente distinctas, que todas se unirão em hum- ma só Pedra : *Tres enim fuerunt lapides, quos Jacob supposuit capiti suo, & mane excitatus à somno, ipsorum trium unione facta, unum tantum lapidem invenit ;* circumstancia admiravel, que tambem se acha na Pedra Philosophal, symbolo da Santissima

Paul. Brut.
Episcopi. Ca-
thariens. lib.
contr. Judcos
cap. 2.

Faber apud
Mang. Tom.
1. Bibliothec.
Chem. lib. 1.
Sect. 3. Subl.
2. cap. 7. fol.
295.

tíssima Trindade, e da unidade de Deos, que nas tres pedras distinctas, e em huma só pedra unidas, se figurava : *Lapidem Philosophorum esse trinum & unum*, & *symbolum habere divinitatis, quod est trinum & unum*; e como Jacob tinha experimentado, que sem embargo dos trabalhos de tão comprida jornada, dos amorosos desvelos, que padecera por amor da sua amada, e fermosa Rachel, emfim apezar de Labam voltara muito rico para a mesma patria donde sahira encoitado sómente a hum cajado : *In baculo meo transivi Jordanem istum : & nunc cum duabus turmis regredior* : esta mistura de trabalhos com felicidades, de peregrinações com descansos, e de riquezas com pobreza, se por huma parte lhe emmudecia a lingua, por outra lhe desvelava a consideração : *Rem tacitus considerabat*. Conhecia Jacob, como Proheta, que Joseph conseguiria muitas felicidades no comprimento dos sonhos, e previa, como prudente, e experimentado, que antes de se cumprirem as prophcias, padeceria grandes trabalhos, principalmente tendo dentro de casa, em cada irmão hum inimigo : *Oderant eum, nec poterant ei quidquam pacifice loqui*; e como tinha por certos os trabalhos, e por infalliveis as felicidades dos sonhos, como Propheta emmudecia, e como prudente considerava : *Rem tacitus considerabat* : considerava em que o sonho era certo, e também emmudecia a vista do que se lhe representava trabalhoso; porém sem embargo dos trabalhos, sempre considerava nos sonhos, mas tão callado, que nem huma só palavra dizia : *Rem tacitus considerabat*; porque em materia de tanta importancia, a prudencia he considerar, e a discrição emmudecer; porque com o silencio se occul-

occulta o segredo, e com a consideração se alcança o mysterio.

Por esta razão, Leitor, considerão os *Hermeticos*, e emmudecem os *Adeptos*; porque como prudentes, vem a perseguição dos trabalhos, e como sabios, prevem a felicidade dos sonhos; e como antes das suas felicidades sonhadas, vem as perseguições verdadeiras, fallão como se forão mudos, e considerão muito callados: *Rem tacitus considerabat*. Para os *Hermeticos*, que descobrem a *Chrysopcia*, todos os tempos são como aquelles tão calamitosos, em que, como diz Tacito, o mesmo crime cometia a voz, que o silencio: *Crimen in silentio, crimen in voce*. Por isso *Enodato*, que significa cousa declarada, nesta *Enmæa*, que vem a ser o mesmo, que applicação do entendimento, intelligencia, ou noticia, quando responde a *Enodio*, que val o mesmo, que cousa *encontradiça*, e que sempre está no caminho, considera profundamente no sonho dos *Hermeticos*, e no modo de o reduzir a practica não diz palavra, que se não ignore, e entenda, ou responde a *Enodio* por taes allegorias, e metaphoras, que por fallar sempre por enigmas parece mudo, e como Jacob considera callado: *Rem tacitus considerabat*; mas sempre com tão entendida clareza, que sendo a sua doutrina tirada da *Turba dos Philosophos*, he confusão dos *Philosophos das Turbas*; porque confunde a ignorancia escondendo a sciencia: *Sapientes abscondunt scientiam: os autem stulti confusioni proximum est*. Imita *Enodato* ao Patriarcha Jacob, não só porque discorre callado; mas porque depois de achar a *Pedra Philosophal*, feita, como edificio de muitas pedras, e descuberta depois de acor-

Proverb. 10.

14.

acordar do sonho, tão enigmatico, e mysterioso, como se vê no Terceiro Dialogo, ainda que nelle se lhe promette com tantas riquezas o Imperio Universal de todo o Mundo: *Dilataberis ad Occidentem, & Orientem, & Septemtrionem, & Meridiem*, contentou-se com alcançar a protecção de Deos, na peregrinação desta vida, e a desejada restituição à casa de seu Pay, sem outras riquezas mais do que pão para comer, e pano para vestir: *Si fuerit Deus mecum, & custodierit me in via per quam ego ambulabo, & dederit mihi panem ad vescendum, reversusque fuero prospere ad domum patris mei: erit mihi Dominus in Deum*. E sempre terá *Enodato* que gratificar a Deos, pelo livrar, como a Jacob, dos enganos, e perseguições de Labam, conseguindo depois do casamento de Lia, o Matrimonio de Rachel, pertendido, e conseguido com desvelos, e trabalhos, como succede a todos os *Hermeticos*, segundo elle creve Mangeto: *Sicque hujus artis amasus frequenter accidat, ut post multos sudores, & ardores, pro formosa quam expectabant Rachele, in lippam incidant Leam; donec resumptis laboribus, refatigatisque subinde furnis, ac vasis, scopum exoptatum, ac magnis precibus, orando scilicet, & laborando, exquisitum tandem attingant*. He verdade, que para *Enodato*, e todos os mais *Hermeticos* conseguirem esta grande felicidade, encontrarão primeiro grandes difficuldades, que vencêrao com inexplicavel trabalho, como succedeo a Jacob, antes de se despoliar com Rachel, e a Joseph antes de ser Viso-Rey do Egypto; mas ainda na pertença de negocios de menor importancia, e na diligencia de conseguir cousas de pouca utilidade, experimentão os homens grandes

Mang. Tom.
I. Bibliothec.
Chem. in
præfaction.

des trabalhos, e padecem intoleraveis fadigas, encontrando a cada passo mayores obftaculos, e às vezes invenciveis difficuldades, e nenhum filho de Adam foy atè agora tão mimoso da ventura, ou tão favorecido da fortuna, que comeſſe hum ſó bocado de pão, ſem que primeiro o ganhaſſe, como ſeu pay, com o ſuor do ſeu roſto. E ſe os homens tanto ſuaõ, e trabalham para viverem, e terem com que vivão: em nenhuma Arte devem trabalhar, e ſoar mais, do que no eſtudo da *Chymica*, e no deſcobrimento da *Chryſopeia*; porque ſabendo a *Philofophia Hermetica*, e deſcobrindo a *Pedra Philoſophal*, terão hum remedio univerſal para viverem, e hum theſouro perpetuo para ſuſtentar a vida.

Na prefacão do primeiro Tomo da *Bibliotheca Chymica* chama Mangeto à *Chryſopeia* Medicina Univerſaliſſima contra todas as enfermidades do corpo humano, ainda que ſejaõ achaques deploradiſſimos: *Hæc eſt noſtra Medicina Univerſaliſſima, contra omnes humani corporis etiam deploratiſſimos morbos*. Não ſe admirem agora os Medicos Galeniſtas, de que o *Lapis*, ſendo hum ſó remedio, tenha tão varias, e extraordinarias virtudes, que cure todas as doenças, e multiplique as riquezas, quando a famosa Planta, ou Electuario, a que Galeno chama *Enopia*, e Homero dà o nome de *Nepenthes*, tem mais, e mayores virtudes, para evitar moleſtias, vencer enfermidades, e augmentar os theſouros; porque o *Lapis* deſterra ſómente a pobreza com Prata, e Ouro, e extermina a doença do corpo com a medicina da Arte; mas não evita as paixões da alma, nem remedeia as enfermidades do animo; porèm a *Nepenthes*, como eſcreve Feyjoo, deſfaz a triſteza,

x

evita

evita as dores, emenda os contratempos, remedeia os desgostos, e alegra a mesma alma. Por isso uzava frequentemente desta planta a famosa, e fermosa Helena, como remedio seguro de todas as suas penas. Não imagine o Leytor, que a *Chysopeia* he tão fabulosa, como Feyjoo presume ser a *Nepenthes*; porque ainda que Homero falla tão ambigualmente desta planta, que não concordão por esta causa os Authores; em que a *Nepenthes* seja substantivo, ou epitheto; como também não averiguão se he licor, gumo de herva, ou qualquer composição em forma de Electuario: todos convem concordemente em que Helena com sua própria mão (conforme o costume dos Egypcios) offereceo a *Nepenthes* a Telemachio, e Pisistrato, hospêdes de seu marido Meneláo, para antidoto de todas as suas penas; porque prendendo brandamente os sentidos, e suffocando no coração as dores, não deixa romper pelos olhos as lagrimas, nem sahir pela boca os suspiros. Nenhuma paixão afflige o animo, para que a *Nepenthes* não seja alivio; porque extingue no coração os desgostos, risca da memoria os aggravos, e extermina da alma os sentimentos. Ainda na auzencia dos amigos, e parentes, em que são excessivas as saudades, ou na morte dos pays, e dos filhos, aonde os prantos são mais enternecidos, enxuga nos olhos as lagrimas, e apaga a *Nepenthes* a lembrança. Plinio chama Helenio a *Nepenthes*, afirmando, que desterra do coração a tristeza. Theophrasto, e Juliano Martyr, referidos por Bluteau, fazem menção da *Nepenthes*, chamada *Enopia* por Galeno; e Diodoro Siculo escreve, que no tempo de Augusto, quando elle também florescia, vinha esta

esta planta de Thebas do Egypto, para regallo da Corte Romana, onde era muito estimada, como antidoto certo da tristeza, alivio das penas, extermínio das lagrimas, antagonista dos sentimentos, refugio das faudades, esquecimento das magoas, e remedio unico da melancholia. E com estas tão admiraveis, e estupendas virtudes excede incomparavelmente a *Nepenthes* à *Chrysopeia*; porque evita as doenças do corpo, e curando principalmente as enfermidades do animo, lerá para o Medico, que a receitar, hum riquissimo thesouro, e para o enfermo, que a beber universalissimo remedio.

Esta virtude universal para todos, e para tudo, que os Historiadores referem da *Nepenthes*, e os *Hermeticos* affirmão da *Chrysopeia*, com virtudes de transformar as entidades em Ouro, de augmentar as riquezas, evitar molestias, e curar enfermidades não poderão negar alguns Medicos da nossa Corte, que applicão o Leite com as mesmas propriedades, como remedio universal para tudo, e para todos. He o Leite entre estes Physicos, como o *Universal Communissimo* entre os Logicos; porque sendo huma só, e commum natureza, com todas as naturezas em particular se conforma. Abstrahido o Leite de todos os animaes, applica-se a todos os homens; e conheço Medicos de bom predicamento; que com a actual predicação deste *Universal Communissimo* transformão os homens em animaes; porque ordenão aos enfermos, que continuem a tomar Leite até que imitem a voz dos Onocrótaes. Por esta discreta expressão, com que por modestia occultey a propria Onomatopeia, de que em bom portuguezuzão estes Medicos, admittem elles no Leite,

os principaes effeitos da *Chrysopeia*; porque confessaõ a transformação, que faz de entidades, e a efficacia com que cura todas as doenças, sem poderem negar, que lhes rende tambem muito dinheiro. E se estes Medicos forão agora desterrados de Lisboa, como diz Plinio, que já forão outros semelhantes exterminados antigamente de Roma, com o Leite só venceriaõ os Cortezãos não só as enfermidades do corpo, como se fora a *Chrysopeia*; mas tambem as paixões do animo, conforme fica provado da *Nepenthes*. Os Abienos povos da Scythia, diz Bluteau, que vivião só de Leite, e erão muito castos; e por lição de Plinio escreve o mesmo Author, que os Archades logravaõ boa saude, sem terem Medicos; porque tomavaõ na Primavera Leite de Vaca, que he a substancia, ou quinta essencia das melhores ervas do campo. Faz Plutarcho honrada menção de Sofastres, que todo o tempo da sua vida, não comeo, nem bebeo outra coisa se não Leite, e com elle, sem Medicina, logrou boa saude. A' vista destes exemplos, e de tanta quantidade de Leite, como se bebe, e come nesta Corte, digaõ-me agora os Medicos de quem fallo, porque não ha nenhum Sofastres em Lisboa? Qual he a razão, porque os Portuguezes tomando tanto Leite, não lográo tão boa saude como os Archades, nem são tão castos como os Abienos? Como contra a experiencia não há razão, toda a culpa tem a Medicina.

Nem falta no Leite a virtude de transformar algumas entidades em fino Ouro, como tenho dito do *Lapis*: antes em muitas auríferas transmutações, excede o Leite à *Chrysopeia*; porque atè converte em Ouro cousas, que como o Ar não tem nenhuma

ma

ma entidade. Fingirão os Poetas, que a Deosa Ju-
no mulher de Jupiter, depois de ter dado hum dia
de mamar a Hercules, apertando com a mão os pei-
tos, burrifara com o Leite delles ao Ceo, que logo
appareceo cingido daquelle candido circulo chama-
do *Via Lactea*, que he huma Zona de neve pespon-
ta da de Estrellas, grandes, e pequenas moedas de Ou-
ro, em que se transformou a parte do Firmamento,
aonde com o seu Leite fez a projecção este Nume fa-
buloso; e com o invento do Thelescopio se tem ob-
servado sem fingimento, que a candura da *Via Lactea*,
procede da confuza luz de hum innumeravel numero
de Estrellas humas mayores, outras menores, e ou-
tras minimas, e tão pequeninas, que ainda com o
Oculo de ver ao longe as não alcança bem a nossa vis-
ta; mas por estarem tão chegadas humas a outras,
que parecem unidas, se confunde a sua luz, e des-
ta luminosa confusão resulta hum candor, que aos
olhos, que a contemplaõ, sendo na realidade Estrel-
las, se representa huma estrada corrente de Leite,
por onde, conforme dizem os Poetas, sobem os
homens ao Ceo, principalmente os Heroes, e Va-
rões illustres por suas heroicas virtudes, como Her-
cules por valor, Alexandre por conquistas, Scipião
por facanhas, Cesar por victorias, e as Deidades
de inferior hierarchia, quando são chamadas ao
Consistorio, que faz o fabuloso Jupiter no Olym-
po. Porém sem fabula, nem fingimento poetico,
antes com toda a certeza, e verdade sobem por ou-
tra *Via Lactea* ao Ceo, muitas Deidades, e a mayor
parte dos homens, assim plebeos, como Heroes,
que os Medicos encaminhaõ por esta estrada Real,
feita não só do Leite, que sahe de peitos apertados
com

com a mão, como os de Juno ; mas também das juntas dos Medicos, que se fazem com grande despeza dos que gemem, e só com utilidade dos que receitão, para nellas proporem com as suas palavras os remedios dos apertos, que dentro no peito padecem os enfermos ; em cujas conferencias a união destes Medicos, como Estrellas grandes, pequenas, e minimas, com luz confuza da sciencia Medica, aos quaes fora muito conveniente reconhecer também com Oculos de ver ao longe, e não com os olhos ao perto, propoem aparentemente aos olhos a candura do Leite, que penetrada por dentro, não vem a ser outra cousa, se não moedas de Ouro, como Estrellas, em que todos estes Medicos, como bons *Hermeticos*, transformão as suas palavras (que não tem entidade, como o Ar de que são formadas) não pela sua sciencia, mas pela virtude do Leite. De maneira, que Juno derramando o Leite pelo Ceo, transformou a parte do Firmamento onde cahio em Estrellas, como moedas de Ouro ; e os Medicos votando em Leite, transmutoem com elle as palavras em moedas de Ouro, como Estrellas.

Não equiparo, nem comparo o Leite com a *Chrysopeia*, para que estes Medicos aproveem a minha *Pedra Philosophal*, obrigados com o panegyrico, que também lhe faço ao Leite: fiz sómente este paralelo, paraquê o exemplo do Leite confirme a verdade da *Pedra Philosophal*; mas como o Leite emfer Panacea, que he o mesmo, que *Medicina Universal*, he tão semelhante à *Chrysopeia*, justo he que como o *Lapis* ouça a sua justa censura, no mesmo lugar onde ouvio o seu elogio. Assim como os homens doutos não condemnão, nem approvão a

Chry-

Chrysopeia com grande admiração das *Turbas dos Philosophos* : tambem eu para hir coherente faço o mesmo com o Leite ; porque, imitando ao grande Vieira, não approvo, nem condemno, admiro-me com as turbas.

Porèm como o meu intento he fazer a *Pedra Philosophal*, e ensinar a todos o methodo de preparar a *Chrysopeia*, concludo este Prologo, como Enodato os Dialogos, descobrindo aos Medicos novatos, e aos *Hermeticos* principiantes este tão util mysterio. E principiando pelos Medicos, que pela *Via Lactea* buscão a *Chrysopeia*, como os Argonautas. pelo Mar o Velocino, advirto a todos, que se as tormentas lhes impedirem a viagem, serenarão felizmente as tempestades lançando nas ondas do Mar a *Via Lactea*. Elcreve Atheneo, que antigamente nas tormentas offerecião os navegantes Leite de mulher novamente cazada a Eolo Rey dos Ventos, e com este sacrificio applacado Eolo tocava logo a recolher, e deixando o Mar quieto, se retirava com os turbulentos esquadrões para o seu cavernoso Imperio. Com semelhante religiosa superstição dizem, que escapara Jalon do naufragio, navegando para Colchos em demanda do Velocino. Sem nenhuma superstição, com esta industriosa politica, applacarão os Medicos as tempestades, que o vento da presumpção costuma levantar nas juntas, as quaes locega promptamente a *Via Lactea*, porque em se votando em Leite, *Mar leite* fica logo o Mar bravo, e todos os Medicos descobrem os thesouros, que estão escondidos nas areãs ; *Qui inundationem maris quasi lac sugent, & thesauros absconditos arenarum.* Os Medicos presumidos, que ca-
mi-

minhaõ pela *Via Lactea*, sem lançarem Leite no Mar tempestuoso, cahem fulminados, como Phaeton-te, e morrem afogados no Rio Pò; ou ficão como Estrellas nebulosas na *Via Lactea* aonde não luzem muito, sendo brilhantes Estrellas; porque a união de Estrellas muito pequenas lhes eclipsaõ os luzimentos; porèm os Medicos, que da *Via Lactea* serenarem o Mar bravo, convertendo em Mar branco, o Mar negro, beberão o Mar negro como Leite: *Inundationem maris quasi lac sugent*; e desta sorte descobrião os thesouros escondidos nas arêas: *Et thesauros absconditos arenarum*. Os Tufões dos argumentos, as ondas das difficuldades, que pòdem comer Navios de alto bordo, com a mesma facilidade eom que no Leite votarem, beberão como se fõra Leite: *Inundationem maris quasi lac sugent*; e os thesouros, que estão tão guardados, como se estiverão nas arêas escondidos, forverão juntamente com as ondas: *Et thesauros absconditos arenarum*. Em huma palavra, engolirão de hum sorvo as ondas, e os thesouros, com a mesma facilidade, com que se bebe hum pucaro de agoa, ou se vota hoje em hum copo de Leite.

Os *Hermeticos* finalmente, que não penetrarem o sonho enigmatico de Enodato, por lhes faltar a Omnisciencia para alcançarem o segredo da *Chrysopsea*, com a chave da virtude abrião facilmente este thesouro. Para descobrir a *Pedra Philosophal* he muito necessaria a virtude, porque só com a virtude, conforme ensina o Padte Hieremias Drexellio da Companhia de JESUS, conseguem todos os homens a *Pedra Philosophal*: *Chymia est inter Christianos admirabilissima, quæ ex omni ferro, ex omni plumbo, ex omni metallo aurum purissimum eliquare novit.*

Drex. Tom.
4. de Salom.
cap. 18. §. V.
num. 12. fol.
897.

novit. *Artus istius princeps documentum hoc est: E quavis re, quantumvis mala, quantum pessima, bonum quid eliciendum. Hanc artem exacte callent, qui serio virtuti student. Hæc lucrosissima Christianorum est Chymia. Non imperite dixit Plinius: Librorum nullus tam malus est, quin ex eo boni aliquid discas.* Quer dizer, que entre os Christãos ha huma admirabilissima Chymica, a qual de todo o Ferro, de todo o Chumbo, e de todo o Metal sabe tirar purissimo Ouro. Este he o principal documento desta Arte: *De qualquer cousa, por má, e pessima, que seja, se ha de tirar algum bem.* Entendem perfeitamente esta Arte todos aquelles, que seriamente se applicão à virtude; porque como peritamente disse Plinio, não ha Livro tão máo, em que se não aprenda alguma cousa boa: *Librorum nullus tam malus est, quin ex eo boni aliquid discas.* Esta será a principal utilidade, que acharás neste meu Livro. O prudente de todas as cousas más tira bens; porque a prudencia he a verdadeira Vara de Mercurio, que melhor, que as mãos de Midas, com o seu toque tudo converte em Ouro: *Hæc est Mercurij Virgula, hac quidquid attigeris, aurum erit,* continúa o Padre Drexellio, *Chymia Christiana quid quid uspiam malorum est, virtutibus diversis in suum transfert commodum. Industrius pater familias vere agrum stercorans: male naribus, inquit, sed bene arvis: fætet, sed lætificat.* Com diferentes exercicios virtuosos transforma a Chymica dos Christãos todos os males em grandes conveniencias; assim como o pay de familias do trabalho, e máo cheiro, com que esterca, e lavra os campos, tira para si muitas utilidades; que vem a ser o mesmo, conforme conclue Drexellio, que do Chumbo tira Ouro:

y

Quod

Quod prorsus aliud non est, quam è plumbo purum putum eliquare aurum. Com semelhantes virtudes conseguem os homens laboriosos o desejado arcano da *Chrysopeia*. O Lavrador tira Ouro da terra, que cultiva : o Estudante tira Ouro dos livros, por onde estuda : o Mercador tira Ouro dos contratos, em que entra : o Official tira Ouro das obras, em que trabalha : o Medico tira Ouro dos remedios, que receita : o Letrado tira Ouro das partes, que aconselha : O Musico tira Ouro das operas, que canta : o Boticario tira Ouro dos remedios, que prepara : o Pescador tira Ouro da industria, com que pesca : o Caminheiro tira Ouro da brevidade, com que anda : o Escrevaõ tira Ouro da velocidade, com que escreve : o Caçador tira Ouro da fadiga, com que caça ; e o Author de livros tira Ouro daquelles volumes, que imprime, quando os não dá, e os vende. Para tirar Ouro do meu trabalho, compuz, e imprimi esta *Ennea* : ainda que seja livro mão, espero, que todos achemos nelle algum bem : *Librorum nullus tam malus est, quin ex eo boni aliquid discas.* Os curiosos, que penetrarem os mysterios, e descobrirem os enigmas da *Pedra Philosophal*, acharão neste livro hum thesouro, e eu em Ouro transformarey juntamente as suas folhas, se as vender, quando divulgar estes volumes. Não distingue Salamaõ o tempo de espalhar as pedras, do tempo de colher o fruto do que divulga ; porque junta, e ata o tempo de colher, com o tempo de espalhar : *Tempus spargendi lapides, & tempus colligendi.* Vou divulgando, e espalhando estas *Pedras Philosophaes* ; e ao mesmo tempo hey de hir colhendo. Sem que me compres com o teu dinheiro

Ecclef. 3. 5.

fo estes Dialogos, não tenho tenção de que os leas, porque não só quero, que comprando esta obra, confesses, que descobri a *Chrysopéia*; mas para que se te rires de mim, depois de me ter custado tanto estudo, tanto trabalho, e tanto dinheiro a composição, e a impressão deste Tomo, seja tambem esse riso à tua custa.

Para evitar este riso, não queria *Enodato* imprimir estes Dialogos da *Pedra Philosophal*, antes de fahir a luz eom dous Volumes de folha, com o titulo de *Systema Medico Galeno-Chymico*, escritos sobre o *Morbo Hungarico*, que he o summo grão das febres ardentes, complicadas com o funesto symphoma dos *Vomitos atrabillarios*, que no anno de 1723. infectarão as Cidades de Lisboa Oriental, e Occidental, chamados vulgarmente nesta Corte *Vomitos prezas*, dos quaes Volumes consagròu a *Primeira parte* a Nosso Senhor J E S U Christo, Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores, e mysteriosamente dedicou a *Parte segunda*, que consta de cinco livros, ao numero quinario do Augustissimo Senhor D. João V. Rey de Portugal, como tambem intentava estampar primeiro dous Tomos de oitavo, com o titulo de *Vieira abbreviado*, offerecidos ao Serenissimo Senhor D. Joseph, Principe do Brasil, Nosso Senhor, e finalmente pretendia dar ao Prêlo tres Volumes de folha com o titulo de *Polymathia Medica Hermetico-Galenica*, em que compendiou toda a doutrina das Escolas Medicas antigas, e modernas, dedicados ao Excellentissimo Senhor D. Gabriel de Alencastro VIII. Duque de Aveiro, porque lhe parecia mais acertado imitar a Santo Alberto Magno, que se imprio no fim das suas doutissimas obras, que se com-

poem de XXI. grandes Tomos de folha, o seu livrinho de *Alchimia*, em que ensina a fazer a *Pedra Philosophal*, como se este tratado fora a coroa dos seus trabalhos literarios, e o fructo daquella Arvore da sciencia, ou o fim dos seus estudos. Mas como este mesmo exemplo se animou *Enodato* para sahir a publico com a sua *Enmea*, ou applicação do entendimento sobre a *Pedra Philosophal*, primeiro do que com as obras referidas, e outras, que virão nascendo a seu tempo, se antes do parto não malogran algum desconhecimento os fetos, que já não são informes embriões, por serem os desgostos as causas de abortarem os entendimentos, depois de terem concebido admiraveis, e fermosas idéas, porque sem embargo de estarem approvados os ditos Volumes por todos os Tribunaes com honradissimos elógios, que lhes fizeraõ os seus doutrissimos Censores, e conseguirem depois a ventura de poderem apparecer no Orbe Literario com beneplacito dos seus Augustissimos Protectores, por se não poderem imprimir com a mesma diligencia, e brevidade, com que se compuzerão, será credito agora para *Enodato*, já que não pode igualar a Santo Alberto Magno na sciencia, excedello ao menos na ordem, e modo de imprimir as suas obras, principiando a impressão dos seus escritos, por onde acabou de estampar os seus Volumes o grande Mestre de Santo Thomaz de Aquino, Santo Alberto Magno.

Tambem não farás callar a *Enodato*, se te ri-res como Zóilo, sem o juizo de Aristarcho, de compor em Dialogo, escrevendo elle da *Pedra Philosophal*, porque em Dialogo escreverão quasi todos os *Hermeticos*, que tratarão da *Chrysopeia*, como podes

ver

ver na *Bibliotheca Chymica* do grande Medico Mangeto. Pretendêrão estes Philosophos (Medicos quasi todos) imitar a El Rey Salamaõ, que por modo de *Dialogo*, segundo diz Andricomio, compoz o *Canticum Canticorum*, em que docemente canta, não o sonhado epithalamio do Sol, e da Lua, conforme erradamente imaginâraõ os *Alchimistas*, presumindo temerariamente, que neste Cantico escrevera o mesmo Salamaõ os segredos da *Chrysopeia*, mas outro verdadeiro, e mysterioso epithalamio para declarar, e explicar o incomprehensivel amor de Christo, e da Igreja Catholica sua Espõsa, movendo com maravilhosa graça, e doçura a qualquer alma perfeita, e pura, a unirse, e abraçarle intimamente com Deos. Porém sem imitarem tão fabio, Regio, e antiquissimo Dialogista, entre os Gregos. Plãtaõ, Alexamenes, e Luciano, e entre os Latinos S. Gregorio Magno, e o Papa Zacharias são honradissimos exemplares, a quem depois imitãrão outros famosos Escritores, que em diferentes materias escreverão em Dialogo, e por te não enfadar repetindo os nomes dos mais celebres Dialogistas modernos, entre os quaes tem o primeiro, e supremo lugar o Principe D. Joã Manoel, filho do Infante D. Manoel, e neto do Santo Rey D. Fernando, Author daquelle livro, ou milagre de agudeza, em que são Interlocutores o Conde Lucanor, e o seu Conselheiro Petronio, bastava que o Principe dos Prêgadores, o grande Padre Antonio Vieira prometteffe no Prologo dos seus Sermões hum livro, que tinha ideado com o titulo de *Prêgador, e Ouvinte Christão*, em que por modo de Dialogo ensinaria (como Apostolo doutrinando) as verdadeiras regras, com que o genio, e

o en-

o engenho illustraria a mesma Arte Oratoria. Mas não me são necessarios tantos exemplares humanos, tendo eu hum exemplo Divino, para com o primeiro livro do Mundo elogiar os Dialogos, principalmente sendo *Hermeticos*, e seguindo, ou imitando os *Adeptos* a este Divino exemplar, nunca devem emmudecer, posto que os *Mysochymicos* nunca deixem de se rir.

D. Basil. Homil. 11. in Hexam.

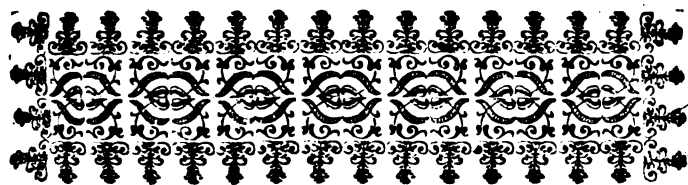
Esta grande machina do Universo, conforme diz S. Basilio, he hum livro escrito com letras, para publicar a gloria de Deos, que o compoz: *Univerſa hæc mundi moles perinde eſt ac liber literis exaratus palam conteſtans, ac deprædicans gloriam Dei*. Das mãos de Deos (segundo a ponderação, e amplificação do grande Bluteau) ſahio eſte Mundo como hum livro, dividido em quatro partes, que ſão os quatro Elementos, e diſtincto em muitos generos, e eſpecies de viventes, ſenſitivos, vegetativos, e racionais, como em diferentes capitulos, e paragrafos, e cheyo de tantos caracteres, quantas ſão as creaturas, que dentro nelle ſe encerraõ. Neſte myſterioſo livro os Montes, as Baleas, e os Elephantes ſão as letras cabidolas: as correntes dos Rios, e as eſtradas ſão as regras: as valas dos campos, e os atalhos das eſtradas as entrelinhas: nas arêas, nos mosquitos, e nas formigas ſe figuraõ os pontos, e as virgulas: nos arcos celeſtes, que de tempo em tempo apparecem, ſe representaõ os parenteſes, ou clauſulas da paz, que Deos antigamente fez com os homens: as prayas do Mar ſão as margens, as Ilhas ſão as cotas: as charneacas, e os deſertos ſão os vãos, ou eſpaços em que nada eſtã eſcrito, e as horas dos dias ſão o numero das folhas: a Arvore da Sciencia he a doutrina, a Arvore da

da Vida a utilidade, o Paraíso são as flores, as fontes a recreação, e o Mar a profundidade: os Monstros são as serratas (da Natureza, e não do Author della) e as produções mais perfeitas são as emendas: o tempo, que tudo descobre, he o index das materias, e das cousas mais notaveis: o homem he o Leitor, e a morte o fim. Este livro sempre aberto à curiosidade dos nossos engenhos: *Mundum tradidit disputationum* Ecclef. 3. 11. *eorum*, está envolto em si mesmo, forrado com as Espheras, e cuberto, ou encadernado com os Ceos, que são como pelles, ou pergaminhos: *Extendens Cælum sicut pellem*, os quaes se estendem para o cubrir, ou encadernar. O Sol, e a Lua são como duas chapas, ou brochas, que tem mão nelle com o vigor das suas influencias. Fôrma a *Via Lactea* huma filigrana de Prata para o adorno, e as Estrellas parecem preguinhos de Ouro em pasta azul, cravados com imperceptivel artificio, e com estes esplendidos atavios, só o Ceo podia dignamente vestir o livro, de que Deos he o Author.

Neste grande, e antiquissimo Volume todos os Ceos fazem, ou compoem hum só livro, como disse Isaias: *Complicabuntur sicut liber Cæli*; e a empreza, Isai. 34. ou assumpto deste livro he apregoar dialogisticamente a gloria de Deos, e publicar as obras das suas mãos, segundo cantou David: *Cæli enarrant gloriam Dei*, Psam. 18. 2. *& opera manuum ejus annuntiat firmamentum*; porque alternando com a sua perpetua revolução as luzes, e as sombras, e fazendo com as sombras a noite, e com as luzes o dia, por modo de Dialogo a cada palavra com que pergunta o dia, responde com grande sciencia a noite: *Dies diei eructat verbum, & nox nocti indicat scientiam*. Para desterrar o Dialogismo, em que os

Ibid. 4.

os homens fallaõ só comfigo, conversão, como interlocutores, o dia com a noite, com vozes, praticas, e palavras, que todos ouvem : *Non sunt loquellæ, neque sermones, quorum non audiantur voces eorum* ; mas como se praticãrão a respeito da *Chrysopeia*, responde a noite muito escuro, ao que pergunta o dia muito claro. O dia tudo doura com a luz do Sol, e come esta *Tinctura Universal*, ou *Tinctura de Ouro* mostra claramente, que em Ouro transforma atè os accidentes das cores, que he a mayor difficuldade, que os *Antichymicos* encontrão na *Philosophia dos Hermeticos* ; e a noite em cada Estrella mostra multiplicada a luz do Sol em infinitos globos de Ouro ; e desta forte provaõ no seu Dialogo a noite, e o dia, que existe no Mando a *Chrysopeia*, e a infinita multiplicação do Ouro. E por mais que a Aurora, metida, ou entremetida entre o dia, e a noite, se ria todas as madrugadas, chorando ao mesmo tempo ver-se sem tanta luz, que possa competir com a claridade do dia, e com a sciencia da noite, nem por isso o Ceo se calla.



L I C E N Ç A S

D O

S A N T O O F F I C I O .

Approvação do Reverendissimo P. M. D. Antonio Caetano de Sousa, Clerigo Regular, Qualificador do Santo Officio, e Academico da Academia Real da Historia Portugueza.

EMINENTISSIMO SENHOR.

V I o Livro intitulado *Ennea*, ou *Appliação do Entendimento*, sobre a *Pedra Philosophal*, ou transmutação dos Metaes, &c. Author o Doutor Anselmo Caetano Munhõs de Avreu Guisãõ e Castello Branco. Este Tratado he muy curioso, e de muy particular estudo, a que bem quadra o titulo de *Appliação do Entendimento*; porque aqui só obra a especulação, pois a pratica desta sciencia não he mais que trabalho sem utilidade, e por isso os sequazes desta Arte a persuadem por termos escondidos, e impenetraveis, por palavras enigmaticas, por orações cheyas de allegorias, taõ difficeis de entender, como de conseguir a transmutação dos Metaes viz em Prata, e Ouro.

Z

Esta

Esta sciencia, a que dão nome de *Alchimia*, a que se attribue fabuloso, e antiquissimo principio, tem cançado muitos, e grandes engenhos na sua practica, e em que se tem escrito diversos Tratados por homens doutos, a que a ambiciosa ancia de conseguir o invento da *Pedra Philosophal* levou infructiferamente o tempo, e a alguns os cabedaes.

E querendo os que seguem esta Eschola fortificar a sua opiniaõ, mostrando a grandeza desta Arte, a imaginaõ praticada nos primeiros seculos do Mundo. Não duvido, que tão antiga he nos homens a avareza ! Porém os fundamentos de que se valem não são, os que quadraõ a *Alchimia*, por ser bem differente a transmutação dos Metaes em Prata, e Ouro.

Alguns entenderaõ, que tivera principio este invento em Cham filho de Noè, primeiro Rey do Egypto, e que delle aprenderaõ esta Arte os Egypcios; porém era outra a Arte de fundir Ouro, e Prata, que os Egypcios uzaraõ. Suidas refere, que o Emperador Diocleciano no fim do terceiro seculo fizera ajuntar os manuscritos dos Egypcios, que tratavão da materia de fundir Ouro, e Prata, e os fizera queimar, para os livrar desta sorte de consumirem as suas fazendas. Nem aquella Arte de fundir o Ouro, e Prata era a *Pedra Philosophal*; porque se o fora, não era grande o segredo, pois era comum em todo o Egypto.

Não falta, quem diz, que Salamaõ a exercitou, pela grande copia de ouro, que despendeo, querendo esteja incluída nos livros apocrifos deste Rey, a que dão o nome de *Clavicula*, augmentando-se em outros tanto este delirio, que impiamente ouzaraõ dizer, que o livro *Cantica Canticorum* era hum Epi-

Epithalamio do Sol, e da Lua, em que Salamão escreveu os segredos da *Alchimia*, o que he ridiculo, ainda que não souberamos, que de Ophir o transportou com não pouco trabalho.

Destá sorte com extravagantes imaginaçoens, e paradoxos querem acreditar esta Arte os seus Professores, numerando fingidos successos acontecidos em diversos tempos, e lugares. O que he certo he, que se não acha Author algum, que fallasse na *Alchimia* antes da vinda de Christo, e ainda muito depois. De Julio Firmico celebre Astronomo, que viveo no quarto seculo, affirmão, que conheceu a *Alchimia*; porèm havendo, quem examinasse os seus originaes na Bibliotheca Vaticana, se lhe não achá tal palavra, de que se infere, lha enxerirão os novos *Alchymistas*, para authorizarem esta Arte, a qual não he tão antiga, como querem persuadir.

De mais, que Geber grande Philosopho, que viveo no fim do oitavo seculo, ou no principio do nono, que os Mouros tem por principal Author desta Arte, como escreve Leão Africano, ondé na sua descripção da Africa diz, que em a Cidade de Fèz era tão seguida, que nella havia hum grandissimo numero de *Alchymistas*, os quaes intitulavaõ a Geber Rey, com tanto respeito, que leguem com superstição a sua doutrina; sendo como huma especie de Seita a tal Escola, como de gente barbara, e falta de Fè, como foy o mesmo Geber, que dizem ter nascido Grego, e de profissão Christão, de que apostatara por seguir a Mafoma: outros o fazem natural da Cidade de Sevilha, e originario de Arabes, que muitos tem por inventores da *Alchimia*.

Mas seja, quem fosse o inventor da *Alchimia*, a es-

te propósito referirey, o que disse hum Author Fran-
cez de bom humor, e com singular reflexão, que ha-
via quatro cousas, sobre que os Philosophos, e Ma-
thematicos trabalhavão havia tanto tempo, sem que
tirassem proveito, ou as estabelecessem em practica.
A primeira he a *Quadratura do circulo*: a segunda hu-
ma machina, que tivesse hum *Movimento perpetuo*: a
terceira huma *Alampada inextinguivel*, pelo meyo de
hum tal oleo, e de huma torcida, que não se consu-
misse; e a quarta a *Pedra Philosophal*, ou a Arte de
fazer Ouro, e Prata pela transmutação dos Metaes.

Não ha duvida, que Arnoldo de Villanova,
Raymundo Lullo, João Azoth, Paracelso, e ou-
tros homens grandes, de que tambem faz menção
este Tratado, seguirão, e ostentaraõ a parte da trans-
mutação dos Metaes na *Alchymia*, de quem muitos
affirmaõ conseguiraõ o effeito da *Pedra Philosophal*,
asseverando, que na lição dos seus livros a acharã
aquelle, que com applicação por elles estudar. Com
tudo esta materia passa por inverosimel em Autho-
res de grande nota, pois em o discurso de tão larga
serie de annos nunca appareceo a utilidade deste
estudo; muitos sim empobreceraõ com o festro de
acertar pela *Alchymia* a *Pedra Philosophal*; mas não
se sabe, que nenhum destes operarios se fizesse tão
poderoso, como devera, tendo dentro da sua casa
huma inexhausta mina de Ouro, e Prata, que não
tinha fim nas fornalhas das suas fabricas; pois con-
fôrme a sua doutrina, pela transmutação dos viz
Metaes, podiaõ ter immensa abundancia de Ouro,
e de Prata, e por este segredo, se augmentar por
hum só homem huma Monarchia à mayor felicida-
de. E que não houvesse hum destes, que alcancaraõ o
segre-

segredo da Pedra Philosophal, que tivesse hum espirito heroico, de se fazer celebre no Mundo pela riqueza, e ser por ella instrumento da gloria da sua Patria, e da sua Nação? Porém como no Reynado de Luiz o Grande de França favorecedor das Sciencias, e das Artes, e larguissimo remunerador dos estudos, se lhe não manifestou, havendo no mesmo tempo, quem escreveo, e imprimio, como foy o celebre Cosmopolita, de quem se contaõ tantas coufas; muito menos me persuadirey, a que o tenhaõ conseguido alguns, que se diz o acharaõ, para viverem taõ parcamente, andando sempre como fugitivos de hum lugar para outro, sem habitaçaõ certa, como se refere, o que he incrível.

Ainda supposto o referido, não posso deixar de dizer, que esta sciencia he portentosa, ainda não conseguida a utilidade, que se persuade; e que este Tratado he muy curioso, e que tem hum excellente methodo; e que assim como em diversas linguas se tem impresso outros deste assumpto, Vossa Eminencia lhe deve dar a licença, que seu Author pede para o imprimir; porque ainda que se não tire mais, do que instruir a idèa com especulações sem proveito, he huma demonstração da litteratura do Author, com que quer encaminhar aos curiosos a Philosophia experimental, paraque applicando-se a estudos grandes, e dificeis em proveito da Patria, lhe possaõ ser taõ uteis, como o saõ as suas letras medicas nesta Corte, não sendo só estas as suas melhores partes; porque na Republica das letras tem elle hum grande lugar. Este he o meu parecer. Lisboa Occidental na Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia 9. de Fevereiro de 1730.

D. Antonio Cactano de Sousa, C.R.

Ap-

*Approvação do M. R. P. M. Fr. João Baptista Troiano,
Mestre jubilado na Sagrada Theologia, Prior do Con-
vento de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa Occi-
dental, Definidor perpetuo da sua Provincia, e Qua-
lificador do Santo Officio.*

EMINENTÍSSIMO SENHOR.

O Livro intitulado *Emmea, ou applicação do En-
tendimento sobre a Pedra Philosophal*, ou trans-
mutação dos Metaes escrito pelo Doutor Ansel-
mo Caetano Munhõs de Avreu Gusmão e Castello
Branco, li com summa curiosidade, e attenção; e
he obra de grande engenho, e de particular estudo,
na qual o Author dà testemunho do amor, que tem
a Nação, pois a quiz acreditar com esta obra, so-
bre cuja materia não sabemos escrevesse Author Por-
tuguez, sendo tantos os Estranhos, que della tra-
taraõ. Se he, ou não he possível a transmutação dos
Metaes viz em Ouro, ou Prata por força da Arte,
ou se se podem reduzir a praxe os dictames desta
Philosophia, não me toca a sua averiguação, ex-
primente-o, o que tiver curiosidade, e sciencia,
que a mim só me toca o exame, pelo que respeita a
Fè, e bons costumes, no que em nada pecca a di-
ta obra. Em cujos termos julgo, se lhe deve conce-
der ao Author a licença, que pede. Carmo de Lis-
boa Occidental 1. de Março de 1730.

Fr. João Baptista Troiano.

Vistas

V Istas as informações, pode-se imprimir a *En-
nea*, ou *Appliação do Entendimento*, sobre a
Pedra Philosophal, que compoz o Doutor Anselmo
Caetano Munhós de Avreu Gusmão e Castello Branco,
e depois de impressa tornará, para se conferir,
e dar licença, que corra, sem a qual não correrá.
Lisboa Occidental 6. de Março de 1730.

Fr. R. Lancastro. Cunha. Teixeira.
Sylva. Soares.

DO ORDINARIO.

*Approvação do M. R. P. M. Manoel Monteyro da Con-
gregação do Oratório, Doutor na Sagrada Theolo-
gia; e Missionario Apostolico.*

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

L O Livro intitulado *Ennea*, composto pelo
Doutor Anselmo Caetano Munhós de Avreu
Gusmão e Castello Branco, e a lição de obra tão
erudita me confirmou o pensamento, em que eu es-
tava, que em tão grave Doutor não era possível des-
cobrir, que censurar, como a semelhante intento es-
creveo Cassiodoro: *Neque enim fas erat, ut quod Cassiod. Ep.
tantus Doctor praduxerat, nostra sententia in eo aliquid* 22.
corrigendum inveniret. O titulo de *Ennea*, que quer
dizer *Appliação do Entendimento*, bem dá a conhecer
o do

o do Author, mostrando-o também applicado, como solido profundo, e discursivo.

A materia he quasi tão antiga como o mesmo Mundo; porque Author houve, que não contente com dar a esta Arte o nascimento em Misraim filho de Cham, primeiro Rey Egyptio, a fez infuza em Adaõ, primeiro Pay do Universo. E com esta antiga prosapia acreditou a *Chrysopeia* em hum livro, que intitula: *Gloria Mundi*, alias *Paradisi Tabula*. O certo he, que ainda que a sua antiguidade não seja tanta, he muita; porque Hermano Boheraave Medico insigne affirma, que já da *Chrysopeia* apontou alguma cousa Eneas Gassero, que floreceo no quinto seculo, desde o qual foy sempre em augmento, crescendo com os annos os Professores *Chrysopeios*, sem embargo, que em todos os tempos teve esta Arte impugnadores accerrimos, negandolhe huns a possibilidade, e outros a existencia; por cuja causa se empenhãrão em defender huma, e outra muytos Philosophos, e muitos *Chymicos*, fundados nos principios Aristotelicos, e Carthesianos, entre os quaes são sem controversia insignissimos Joã de la Fontaine, Nicolão Flamello, Henrique Madathano, Arnaldo de Villanova, João Frederico Helvecio, Raymundo Lullio, Bernardo Trevifano, Theophrasto Paracelso, e Theophilo, que traduzindo o tratado de *Alchymia* de Erinéo Philaleta confirma com a doutrina do Doutor Angelico a verdadeira existencia da *Aurifactoria*, acrescentando, que diz o Santo, que o verdadeiro Ouro, que por esta Arte se fizer, se pôde licitamente vender, que val o mesmo, que assentar por certo, que por esta Arte se pôde fazer Ouro; pois se

In Proleg. ad
Inst. Alchem.

Div. Thom.
2.2. q.77. n.2.

se affirm o não assentára ; escusado fora resolver a
questão da venda, porque seria de *subjeção non sup-
ponente* , como lhe chamaõ os Philolophos, e nota
o Author com agudeza bẽm advertida,

Em fim esta transmutação *Hermetica* , e esta Ar-
te *Espagyrica* tem sido de vellado emprego de tan-
tos engenhos , e curioso assumpto de tantos livros ,
que na *Bibliotheca Chymica* se contaõ mais de qua-
tro mil Authores já impressos , lendo talvez mais de
outros tantos, os que tem accrescido depois , que
se deo à estampa a referida *Bibliotheca*. Porẽm entre
todos pòde ter o melhor lugar este , que agora se
pretende imprimir ; porque entre os que vio Theo-
baldo Hoghelande , que foraõ mais de cem , como
elle diz , no que compoz , nenhum achou , que com
clareza trarasse esta materia , porque todos a envol-
vem em tão enigmaticos termos , que nem mil Edi-
pos pòdem decifrallos. Esta circumstancia he , a que
singularmente acredita ao Author de tão implicada
obra , explicat-se de tal maneira , que não se pode-
rà achar , quem deixe de a perceber. Nem he mui-
to , que seja tanta a sua clareza , pois he proprio dos
grandes Doutores serem luzes : *Luminis nomine Do-
ctores appellarunt* , disse Pierio Valeriano.

Theob. Hog-
hel. de Diffic.
Alchem.

Pier. Valer.
Verb. Lu-
men.

Mas se por este principio se faz entre todos uni-
co , não o he menos por erudito , subtil , grave , elo-
quente , e copioso : os seus conceitos , e os seus
discursos são tão bẽm fundados , e tão persuasivos ,
que a vontade gostosa se lhes inclina , e o entendi-
mento rendido os abraça ; porque a erudição sagra-
da , e profana faz duplicada ; mas suave força : e
sendo este livro tão singular na clareza , com que
se explica , na energia , com que persuade , na for-

ça com que convence , e no estylo , e methodo com que està composto , atè se singularisa em ser o primeiro desta materia na lingua Portugueza , circumstancias , que bastando divididas para o fazerem raro , todas juntas o constituem maravilhoso , como a semelhante intento disse Cassiodoro : *Habent hæc sigillatim distributa præconium , conjuncta miraculum*. E quando não bastara , para acreditar de verdadeiro este Systema , a copia de Authores , com que se corrobora , e a multidão de exemplos , com que se confirma , a mesma contextura do Livro he evidente prova da verdadeira existencia da *Chrysopeia* , ou *Aurifactoria* ; porque se esta (como querem muitos) tem o Vitriolo por materia , este , que tambem o he da tiata , com que se escreveo a obra , soube o Author converter em tantos bocados de ouro , quantos são os periodos dos seus Dialogos. Nem he muito , que seja de ouro o estylo deste Tratado , porque este he do Author o estylo proprio , ou escrevendo , ou fallando , ou na conversação , ou na disputa , sendo sempre tão aurea a sua eloquencia , que se pôde com verdade dizer della aquillo , que da de Hercules se fingia , pois quando discorre com fraze tão corrente , como com cadeas de ouro prende , a quem o ouve.

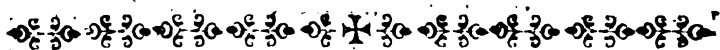
Finalmente neste Livro se verá o principio certo , porque o seu Author obra com tanto acerto na Arte da Medicina , que professa , pois quem sabe descobrir a *Pedra Philosophal* , que he *Medicina universalissima* , não pôde deixar de ser singular na Medicina. Assim o tem mostrado a experiencia , achando os enfermos na sua practica tanta utilidade para dilatar a vida , quanta os sãos na sua theorica para bem

bem empregalla. Pelo que me parece a obra muito digna de sahir à luz publica. Vossa Illustrissima mandará, o que for servido. Congregação do Oratorio 14. de Junho de 1730.

Manoel Monteiro,

Vista a informação, pôde-se imprimir o Livro, de que se trata, e depois de impresso torne para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 15. de Junho de 1730.

Gouvea,



DOPAÇO.

*Approvação do Reverendissimo Padre D. Raphaël
Bluteau, Doutor na Sagrada Theologia, Pregador
da Rainha de Grão Bretanha Henriqueta Maria de
França, Qualificador do Santo Officio no Sagrado
Tribunal da Inquisição de Lisboa, e Academico da
Academia Real.*

S E N H O R.

O Bedeco a Vossa Magestade : e começando pelo titulo da obra , a que seu Author , o Doutor Anselmo Caetano Munhòs de Avreu Gusmão e Castello Branco , quer dar a luz , com grande razão , e com discreta novidade lhe chama *Ennea* , vocabulo Grego , composto da proposição *En* , e do nome

nome *Noos*, ou *Nous*, palavras, que valem o mesmo, que *Appliação do Entendimento*, segundo o sentido, que Authores de Vocabularios lhe dão, e neste papel he parto da perspicaz intelligencia, e agudissimo juízo do seu Author. Amalth. laurent.

Todas as obras bem governadas necessitam de applicação intellectual, principalmente livros de materias controversas, porque da variedade das noticias, e opposição dos juízos resultam opiniões tão contrarias, que a verdade combatida, e vacillante não sabe, que partido ha de tomar para o acerto.

Na minha opinião abaixo das questões sobre pontos, e artigos de Fè, nas Escolas, e Academias ha muitas materias dignas da *Appliação do Entendimento humano*, e ainda que intrincadas, e difficiltozas de averiguar, merecedoras da investigação dos especulativos, como entre outras, a existencia do Fenix, a que com versos hexametros descreveo Claudiano com tanta miudeza, como se o tivera criado em casa; e a Quadratura do Circulo, que no seu Tractado de *Mathematicis complementis*, o Cardeal Cusano representa, ou pretende demonstrar como invento da sua sciencia eminentissima.

Na possibilidade da *Pedra Philosophal* se dividirão engenhos subtilissimos com tão douta, ainda que diversa applicação, que para muitos deixará a questão indecisa. Na minha opinião se se poderão juntar os Authores, que nesta materia escreverão *pro*, e *contra*, tão grande seria o numero dos que affirmão a existencia da dita Pedra (que podem não he Pedra) como o dos que a negão.

Hum dos mais communs argumentos, com que os *Anti-Chymicos*, ou *Anti-Lullos* querem provar, que

que não ha, nem houve tal Pedra no Mundo, ~~ho~~ que não consta claramente, que houvesse Professo-
res conhecidos, e authenticos desta admiravel trans-
mutação de Metaes impuros em Ouro. Mas contra
esta objecção, quem havia de ser tão imprudente,
e inimigo de si mesmo, que se quizesse declarar pe-
rito, e Mestre em huma Arte, em que qualquer Mo-
narcha havia de folgar de ser discipulo, e aprendiz,
não só para ter em casa huma mina aurifera para
todo o genero de emprezas, mas tambem hum ali-
xipharmaco contra toda a sorte de doenças.

Todo o homem possuidor de tão raro thesouro
se veria quasi obrigado a viver desconhecido, e an-
dar por este Mundo sempre peregrino, como se
conta do Cosmopolita, e de Fedérico Gualdo, do
qual se diz em hum livrinho, impresso em Colo-
nia anno de 1694. que chegando a saber, que em
Veneza, onde residia, a gente tinha fundamento para
crer, que por virtude da *Chrysopeia* elle passava de
trezentos annos, *Insalutato hospite* desapareceu com
o receio, de que o Senado com premios, ou amea-
ças o obrigasse a manifestar o segredo de tão dura-
vel conservação, como succedeo a Raymundo Lul-
lo, a quem Duarte III. Rey de Inglaterra teve pre-
so em huma torre de Londres, da qual sahio para em
praça publica converter em Ouro huns sinos da di-
ta Cidade, com condição, que o dito Rey se vale-
ria daquelle Ouro para a guerra contra os Turcos,
ao que o dito Rey faltou, e moveo guerra a Fran-
ça, e o dinheiro da dita transmutação foy chama-
do *Nobile Raymundi*, como ainda hoje se vê em al-
gumas moedas, que os curiosos conservão; e se me
não engano, ainda hoje em Inglaterra chamada *No-
ble*.

He. Em França; ouvi dizer, que do grande con-
curso da gente, que em Londres acudio a ver a con-
versão dos finos em Ouro, o dito Raymundo des-
tramente escapulio, e feito Religioso de S. Fran-
cisco, passou a prègar a Fè em Africa, onde na ida-
de de oitenta annos os Mouros o apedrejãrão. O
seu corpo foy trasladado a Malhorca, onde o San-
to Varão he venerado como Martyr. Em Autho-
res Latinos consta o seu elogio destas trez palavras
Chymia, & Medicinæ peritissimus.

Tambem correo perigo de ser apanhado o famo-
so *Alchimista* Nicolao Flamel, porque o Rey de
França Carlos VII. ouvindo os grandes gastos do
dito Flamel na fundação de quatorze Igrejas, e ou-
tros tantos Hospitaes, mandou (pelo que escreve
Borel) a hum *Mestre de Requetes*, chamado *Cramoi-
sy*, que tomasse conhecimento dos meyoys, com que
ajuntara cabedaes para tão exorbitantes dispendios.
Mas ao dito Ministro tapou Flamel a boca com hum
vidro cheyo de pòs, a que os da Arte chamão de
Projeção, e servem para purificar Metaes, e con-
vertelos em ouro vivo, e accrescentar a opulencia.
Por não ficar victima da ambição dos Potentados
nenhum dos *Philosophos Hermeticos, Espagyricos*, e
curiosos da mayor, e melhor Arte do Mundo, com
homens poderosos se facilita; mete-se nas suas con-
chas, anda peregrino, ou vive solitario; mas con-
tente; porque com dinheiro para o necessario, e
medicamento para doenças; e se lhe fora possivel,
se fizera invisivel a si mesmo.

Parece, que a este genero de felicidade aspira-
rão os *Irmãos* chamados da *Rosa Cruz*. Ha huns an-
nos, que em Alemanha se erigio com este titulo hu-
ma

ma *Irmandade de Philosophos*, que tambem se chãma-
vão os *Invisíveis*, e elles o eraõ de sorte, que com in-
violavel fidelidade observavaõ as Leys, e Regras
da sua instituição; carteavaõ-se com enigmas, e se
presavaõ de saber segredos, ainda mais notaveis,
que o da *Pedra Philosophal*; porẽm a sua invisibili-
dade era o seu mayor mysterio; porque com ella
não ficavaõ expostos à perigosa curiosidade dos
Grandes, mas com o tempo se veyo a conhecer,
que a mayor parte dos Arcanos, que elles attribu-
hiaõ ao seu grande estudo, e penetração do espiri-
to, eraõ chymera de fabulosa jaçtancia. Eu aqui
não faço menção delles, senão para confirmar o
prudente recato, com que devem viver os que tive-
rem a fortuna de conseguir algum notavel descobre-
mento em Arte, ou Sciencia; porque necessitão de
outro anel, como o de Gyges, para se fazerem in-
visíveis, em quanto houver Magnates no Mundo.

A reputação desta tão recondita Sciencia mui-
tas vezes prejudica muito a vaidade, dos que com ra-
zoens sophisticas, experiências apparentes, e apo-
cryphas tradiçoens, quizerão certificar a sua exis-
tencia. A estes apaixonados padrinhos do *Lapis* te-
nho às vezes ouvido provas, que atẽ na Sagrada Es-
critura pareciaõ solidamente fundadas. He verda-
de, que no livro quarto de Estras Capitulo oitavo
versiculo segundo, que se acha no fim da Biblia, diz
o Texto: *Dabit tibi terram multam magis, unde fias*
fiatile; parvum autem pulverem, unde aurum fit; e
com errada exposição querem, que nestas palavras
se declarem os pontos principaes da *Pedra Philoso-*
phal, a saber a transmutação em ouro nestas qua-
tro: *Terram unde aurum fit; e a multiplicação do*
mes-

mesmo Ouro nestas seis : *Parvum autem pulverem, unde aurum fit* ; mas no dito lugar tão fóra está o dito Eldras de fallar em *Alchymistas*, que o seu intento he tratar dos castigos, que Deos dà aos peccadores impenitentes, e dos premios, com que ha de remunerar os justos.

Com esta advertencia não pretendo destruir os fundamentos, que a douda, e subtilissima especulação do Author deste opusculo, assenta a possibilidade, e certeza da *Pedra Philosophal* ; porque o seu fim he querer, que saiba o Mundo, que tambem em Portugal ha engenhos capazes para penetrar nos Arcanos da mais occulta *Philosophia* ; e aos vassallos de Vossa Magestade não he totalmente infructuoso este estudo ; porque na pratica das suas operaçoens, muitas vezes succede, que trabalhando inutilmente no que se busca, sahem felices abortos, quero dizer, effeitos não esperados das materias, e dos modos com que se obra ; e neste caso esta *Enneaa* do Author não sómente seria *Appliação do Entendimento*, mas effeito, e fructo de huma laboriosa especulação, e de huma docil credulidade.

Muitas outras utilidades tacitamente pedem, que Vossa Magestade permitta, que este opusculo laya a luz ; porque supposto no exercicio desta Arte, empobreceraõ alguns, que esperavaõ enriquecer, a muitos outros succedeo o contrario. De mais do que, por fortuitos dezastrs não perdem as Artes o credito. Quantos Astrologos com falsas prediçoens fizeraõ mentir as Estrellas ? E das regras da metoposcopia, quantas vezes injustamente se queixarão os Physionomistas ? Como se em todos os rostos se obrigara a natureza a pintar fortunas, ou infortunios.

bb

A isto

A isto se accrescenta, que a *Chrysopeia* não he Sciencia para todos; para muitos he, e sempre será enigma; porèm das noticias, que nesta obra a todos poderão ser variamente proveitosas: aos *Hermeticos*, porque os confirma na sua profissão; aos *Anti-Hermeticos*, porque os instrue, e desengana; aos *Rhetoricos*, porque com grande elegancia, e muita erudição o Author se explica; aos *Philosophos*, porque representa possível a transmutação de hum Metal, em outro; aos *Theologos*, porque na esphera da Natureza a obra parece milagre, e demonstração da omnipotencia Divina; aos *Monarchas*, pode encher, e recheiar os seus thesouros; aos *Pobres*, porque com ricas esmolas a caridade os poderá tirar de lazeira; e finalmente ao *Author*, porque pela impressão destas folhas communica a sua patria a intelligencia de huma obra, que pede muita *Appliação do Entendimento*, chamada de seus professores *Obra Magna*, e que pelo beneplacito de Vossa Magestade, será *Obra Maxima*, *Obra summa*, e ainda que pequena muito preciosa, porque auriferaria, e tão *Aurea*, que sem minas dà Ouro, e com pòs o multiplica. Lisboa Occidental Casa dos Clerigos Regulares de N. Senhora da Divina Providencia 29. de Julho de 1732.

D. Raphaël Bluteau. C. R.

Que

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa, para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Occidental 30. de Julho de 1732.

Pereira. Teixeira. Bonicho. Rego.

Está conforme com o seu Original. Lisboa Occidental na Casa de N. Senhora da Divina Providencia 24. de Março de 1733.

D. Antonio Caetano de Souza. C.R.

Visto estar conforme com o Original pôde correr. Lisboa Occidental 24. de Março de 1733.

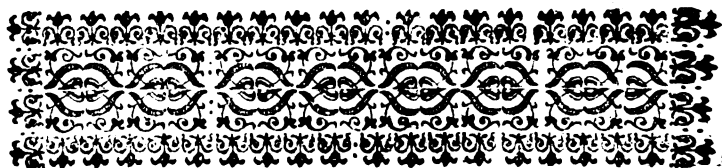
Fr. Alencastro. Cunha. Teixeira. Sylva. Soares.

Visto estar conforme com o Original pôde corre. Lisboa Occidental 27. de Março de 1733.

Gouvea.

Taxaõ este Livro em 1000. réis em papel, para que possa correr. Lisboa Occidental 28. de Março de 1733.

Pereira. Teixeira. Rego.



INDICE
DO
CAPITULO,
INTRODUCCÃO, E PARAGRAFO,
Que se contém no Dialogos, de que
consta a
PRIMEIRA PARTE
DESTA
E N N Æ A.
DIALOGO PRIMEIRO.

CAPITULO UNICO. *Da origem, antiguidade, e excellencia da Arte Magna; e dos seus dous mayores mysterios, que são a Chrysopeia, e Argyropeia, com que os Hermeticos evitão todas as enfermidades, curão todas as doenças, dilatão muito tempo as vidas, e transformão em*
Pra.

Prata, e Ouro todos os Metaes. pag. 1.

- §. I. *Introducção do primeiro Dialogo. pag. 1.*
§. II. *Da origem, etymologia, e antiguidade da Chymica. Pag. 6.*
§. III. *Proseguindo a mesma materia da-se noticia de Hermes. pag. 20.*
§. IV. *Da excellencia, e mysterios da Arte Magna. pag. 23.*
§. V. *Da Chrysopeia dos Hebreos. pag. 35.*
§. VI. *Da Arte Magna de Salamaõ. pag. 41.*
§. VII. *Responde-se a huma objecção. pag. 56.*
§. VIII. *Da Chrysopeia dos Philosophos, e Medicos provada com a expedição dos Argonautas. pag. 85.*
§. IX. *Da Chrysopeia dos Romanos, Arabes, e de Nações do Mundo, provada com authoridade dos seus Historiadores, Medicos, Philosophos, Jurisconsultas, e Theologos. pag. 112.*
§. X. *Prova-se a existencia da Chrysopeia com exemplos succedidos em varios Reinos. pag. 140.*
§. XI. *Elogio dos Hermeticos peregrinos. pag. 157.*
§. XII. *Refutaõ-se finalmente todos os mais argumentos, que contra a Chrysopeia oppoem o Reverendissimo Feyjoo no seu Theatro Critico. pag. 171.*

SUP:

SUPPLEMENTO DO SUPPLEMENTO.

NO fim da undecima pagina do Supplemento desta obra ficou truncado o paragrafo que principia : *Nem se pôde impugnar Logicamente esta transformação dos Sinos em Ouro, &c.* Por isso se imprimio diminuto , ou infôrme este syllogismo : *Nenhuma cousa omittida por todos os contemporaneos Escriitores he verdadeira ; a transformação dos Sinos de Londres em Ouro feita por Raymundo Lullio he cousa omittida por todos os Authores , ou Escriitores contemporaneos : Logo a transformação dos Sinos em Ouro , feita em Londres por Raymundo Lullio , não he verdadeira.*

E á vista do Amannuênsê deixar nã tinteiro syllabas , palavras , regras , periodos , e discursos inteiros , não se admire o Leytor douto de que trocasse dipthongos , como se vê nos titulos , e em varias partes desta obra , aonde por ficar o dipthongo de æ trocado por dipthongo de e vemos erradamente escrito *Emnea* em lugar de *Ennea* , que he a palavra grega que significa *Appliação do Entendimento*. Finalmente na Approvação de D. Rafael Bluteau faltaõ quatro palavras , que agora vão escritas em grifo unidas com as precedentes. Na segunda regra do paragrafo antepenultimo se deve ler : fundamentos , em que , &c. Na terceira regra do paragrafo ultimo se deve ler : nesta obra *se encerraõ* , &c. E depois da palavra *Monarchas* falta *porque* , que justamente devo restituir a este discurso por gratificação da honra , que o Autor me faz com este elogio.

SUP;

SUPPLEMENTO

DE ALGUNS DISCURSOS DESTA ENNÆA;

que da Estampa sahiraõ defectuosos, e imperfeitos; porque

o Amannuense quando copiou o seu original omitio algu-

mas addicções marginaes, que o Author tinha

escripto nos seus lugares, para complemento
desta obra.

§. I.

Todos os Authores de livros, que sahem errados do Prêlo, costumaõ dar neste lugar huma satisfação aos Leitores, culpando ao Impressor, e ao Corrector como cúmplices nas suas erratas. Porém ainda que no Prologo està escripto a folhas 48. regra 25. *considerarey* em lugar de *condemnarey*, a folhas 8. do primeiro Dialogo regra 15. *Zofino* em lugar de *Zozimo*, a folhas 166. regra 18. *xas* em lugar de *fixas*, a folhas 168. regra ultima, *Car-moisy*, em lugar de *Cramoisy*, e em outras paginas, e regras se achão outras muitas imperfeicções, que o Leitor perdoará, e emmendará; quando as for encontrando: não me queixo destas venialidades vendo, que são poucos os paragrafos, em que não faltem palavras, oraçoes, Textos, authoridades, e às vezes soluçoes, e argumentos, de que se compoem discursos-inteiros. Mas como esta *Ennea* nos Criticos, e nos escrupulosos achará muitos inimigos, não he justo, que saya desarmada ao dezafo. Como para conseguir a sua empreza intenta provar, que Feyjoo não he Critico, e persuade, que Salamaõ foy *Hermetico*, não escrevo neste Supplemento senão o que omitio o Amannuense, respectivo a este assumpto.

§. II.

Primeiramente na regra 12. da 10. pagina falta neste discurso, o que agora vay escripto em *griso*, entre

...te as palavras, que vão copiadas de redondo : mais facilmente escurecem as suas luzes do que extinguem as luzes perpetuas ; porque como diz S. Paulo aos Romanos , não tem defeza alguma o Juiz , que julgando a outro homem , na sua propria sentença se condemna , fazendo incoherentemente o mesmo , que em outra pessoa censura : *Propter quod inexcusabiles , o homo, omnis,*

Ad Rom. 2. 1. *qui judicas. In quo enim judicas alterum te ipsum condemnas : eadem enim agis , que judicas.* Primeiramente para extinguir estas luzes , &c. E na mesma pagina na regra 23. se havia de escrever : seguiu a narração só de Aristobulo , Historiador Grego , condemnando-se inexcusavelmente por censurar em Liceto aquillo mesmo , que approva em Arriano ; porque ambos estes *Authores* são unicas , e singulares testemunhas do facto , ou do successo , que affirmão : *In quo enim judicas alterum te ipsum condemnas. Para eu agora condemnar a Feyjoo com o seu proprio juizo , e sem nenhuma escusa , nem defeza pergunto , e responde Feyjoo ; ou alguem por elle : e porque não merece tanto credito Liceto , &c. No fim da pagina 14. do primeiro Dialogo falta este paragrafo inteiro. Como Feyjoo crê as authoridades de tão graves , e doutos Escritores entre os quaes tem o primeiro , e principal lugar Santo Agostinho , ouça agora a sua incredulidade a prejudicial consequencia , que se segue a qualquer incredulo da humana authoridade , fundando-se para sua mayor confusão na doutrina do mesmo Santo. Todo o homem , diz Agostinho , que nega a fé , e duvida o credito à authoridade humana fica obrigado a confessar , que não sabe de quem he filho , porque sendo certo , que qualquer homem deve a noticia , e conhecimento de quem he seu pay só à confissão , e authoridade de sua mãy ; e não conhece quem he sua*

sua mãy senão pela authoridade, e testemunho das par-
teiras, amas, e criadas, que lhe assistirão ao parto :
duvidando o filho incredulo do testemunho das partei-
ras, e negando o credito às criadas, e amas a respei-
to de sua mãy; e não crendo a confissão, e authoridade
materna a respeito de seu pay, por serem estes testemu-
nhos humas asseveraões fundadas em authoridade, e
fé humana, não sabe, nem pode saber o incredulo, de
quem he filho; porque negada a humana authoridade
daquellas testemunhas (que certificaõ ser o filho na sua
prezença nascido, e não roubado, ou trocado por ou-
tro) não poderá por outro modo averiguar, quem são
seus verdadeiros pays; e com tudo he tão crível, e res-
peitada a authoridade humana, que não se podendo ave-
riguar, nem saber por outro modo esta verdade, a crem
firmissimamente os homens, sem nenhuma duvida, fun-
dados sō na authoridade daquellas tão pouco authori-
sadas pessoas: Non enim ratione ullo pacto sciri po-
test: sed interposita matris autoritate de patre cre-
ditur: de ipsa vero matre plerumque nec matri, sed
obstetricibus, nutricibus, famulis. Nam cui furari fi-
lius potest, aliisque supponi, nonne potest dece-
pta decipere? Credimus tamen, & sine ulla dubi-
tatione credimus; quod scire non posse confitemur.

Div. Aug. lib.
de Utilitat.
credend. cap.
11.

E daqui se segue agora, que assim como, quem nega a hu-
mana authoridade, não pode saber, de quem he filho; tam-
bem todo o homem, que nesta duvida affirma com to-
da a certeza, quem he seu pay, não pode sem inexcusa-
vel contradicção negar a fé, e authoridade humana;
e como Feijoo sem ter outros fundamentos, que os aci-
ma referidos, affirma no seu Theatro Critico ser fi-
lho (sem nenhuma duvida) do Señor Don Antonio
Feijoo Montenegro, deve tambem confessar, que não

Feijoo Tom.
4. Discurs. 14.
§. 23. num. 85.
fol. 412.

pode negar sem manifesta contradicção da sua propria doutrina o grande, e respeitado credito dos antigos Escritores, e a fé da humana authoridade; e por consequencia a existencia das Luzes perpetuas, que com ella sem mais outro algum fundamento hoje se provaõ.

Na pagina 15. regra 7. omittio o Amanuense a segunda parte desta oração : (e com muita especialidade de Santo Agostinho, Luiz Vives, e Martin Del-Rio, que o mesmo Feyjoo com grande contradicção elogia.) Na pagina 16. regra 28. faltaõ nestas orações as palavras, que vão em grifo : Ficão sendo sem razões, para impugnar as luzes : *In quo enim judicas alterum, te ipsum condemnas ; porque com inexcusavel, e manifesta contradicção impugna a mesma doutrina, que defende : Eadem enim agis, quæ judicas ; e quando as luzes estejaõ bem impugnadas ficaõ as glorias (de Hespanha) mal defendidas. No fim deste paragrafo falta a seguinte conclusão deste discurso. A este proposito me lembra, que perguntado o grande Philosopho Aristoteles, que conta lucravaõ os mentirosos com os seus enganos ? Respondeo, como refere Laertio, que conseguiaõ, não serem cridos, quando algumas vezes fallavaõ verdade : Ut cum veta dixerint, non illis credatur. Os Canonistas, e os Legistas não daõ credito a testemunhas varias, e inconstantes ; porque os homens (como Feyjoo) inconstantes, e varios no que referem, ou querem enganar a outros, ou fallãõ sem considerar, o que dizem, e de qualquer destes dous modos, fica sendo indigno de fé, e credito tudo, quanto semelhantes homens affirmãõ. E no paragrafo seguinte faltaõ na 6. regra estas palavras: Sempre a incorruptibilidade dos corpos, que com ellas se acharaõ inteiros, e sem nenhuma corrupção (como naturalmente succede a todos os ca-*

Feyjoo Tom.
4. Discurs. 14.
§ 22. num. 69.
78. 82. fol.
405. 410.
411.

Laert. lib. 5.

os cadaveres de Spitzberga, e aos defuntos sepultados no Cemeterio dos Padres Franciscanos de Toloja) prova a grande antiguidade da Chymica.

Para que fique junto em hum lugar, o que disperfo por muitas partes impugna a Feijoo, perverto neste Supplemento a ordem, com que o escrevo nos Dialogos. A folhas 139. do primeiro Dialogo falta na 8. regra: Defendeo o contrario sendo velho (*como sendo velho se retratou Santo Agostinho, do que escreveu sendo mancebo*) escrevendo a Summa Theologica. E na regra 14. da mesma pagin. se segue depois da palavra Testamentum : *Imitaraõ estes dous grandes Doutores ao Doutor das Gentes S. Paulo, que se apartou sendo Varão, do que tinha falado, sabido, e excogitado, quando era mancebo: Cum essem parvulus, loquebar ut parvulus, sapiebam ut parvulus, cogitabam ut parvulus : Quando autem factus sum vir, evacuavi, quæ erant parvuli ; e bem pôde ser, que o motivo de seguir depois o Doutor Angelico opiniaõ contraria &c.*

Ad Corinth.
13.11.

Todo o seguinte discurlo falta na pagina 188. entre as duas palavras Enodato, e agora, com que principia o paragrafo, devendo começar deste modo:

ENODATO. *Com varias soluções se pôde responder, ou com muitas respostas se deve dissolver este negativo, e infeliz argumento. Chamo infeliz ao argumento negativo, ou de authoridade negada, porque não provando nunca o que intenta, como com a doutrina de Aristoteles mostram todos os Logicos : Ex puris negativis nihil colligi, he muito familiar aos Hereges, conforme por lição de Christovão Gil escreve o grande Censor da Academia Real da Historia Portugueza, o Illustrissimo Senhor D. Manoel Caetano de Souza, tão illustre pelo seu esclarecido sangue, como pelas suas incom-*
cc ij *para*

Sousa Expe- paraveis letras, e universalissimas noticias : Quod est
dit. Hispan. Hæreticis familiare. Funda-se este argumento na omis-
Sanct. Jacob. são, ou no silencio dos Authores contemporaneos, ou dos
Tom. 1. Part. Historiadores, que florecerão pouco tempo depois do suc-
2. Sect. 6. Af- cesso das mesmas cousas, que não escreverão ; e a estas
sert. 44. num. noticias recebidas por tradições verdadeiras, que bastão
838. fol. 379. para provar a verdade, segundo escreve S. João Chry-

S. Chrylost. sottomo : Est traditio ? Nihil quæras amplius, ou por
Homil. 4. in outros modos bem averiguadas impugnaõ (à imitação
2. Thessalo- dos Hereges) alguns Escriitores ignorantes com o silen-
nic. cio, e omissão dos contemporaneos Historiadores ; por-
que não podendo contradizer, o que pretendem impugnar,
recorrem ao negativo na falta do positivo argumento.
Como não podem estes Adversarios arguir com autho-
ridade negante, argumentão infelizmente com authori-
dade negada ; e desta sorte não só he falso este argumen-
to, mas erroneo, como diz o mayor Critico do Mundo

Pagi in Cri- Antonio Pagi : Argumentum negativum, omnia lia
tic. Histor. probatione denudatum, fallax, & errori obno-
Chronolog. xium. Porisso não só os Philosophos, senão tambem os
in univers. Santos Padres, e os Historiadores Ecclesiasticos, e Prô-
Annal. Eccl. fanos refutarão este argumento, para exterminarem da
Cæsar. Baron. Republica das Letras esta peste do Orbe Literario ; co-
Tom. 1. Sæ- mo se pôde ver em Cesar Baronio, Natal Alexandre,
cul. 2. ad Ann. Jacobo Saliano, Theophilo Raynaldo, João Columbo,
Christi. 147. Pedro da Fonseca, Ignacio Laubrusse, João Cabassu-
§. 15. cio, Nicolao Harpersfeldio, João Pineda, Francisco
Turriano, Guilielmo Beveregio, Affonso Tostado, Luiz
Tena, Christovão Gil, Affonso Salmeirão, S. Maximo,
Santo Agostinho, e o Doutor Maximo S. Hieronymo,
aos quaes cita, e segue Sousa senão maximo, em tudo
grande. E a razão, porque o argumento negativo he fal-
so, e erroneo, he, porque entre a cousa succedida, e a Es-
critura

critura, em que se le, ou podia ler este successo, não se dá, nem se pôde naturalmente dar conexão necessaria; porque sempre a cousa verdadeira succede primeiro, do que se escreva na Historia; e muitas vezes escrevem os Historiadores, como succedidas, cousas, que nunca succederão. Algumas vezes se perdem os escritos, em que se relatão cousas succedidas, como aconteceo (segundo diz Nicolao Serario) aos vinte Livros do Testamento Velho, e a outros muitos volumes da Historia profana; e outras muitas vezes deixão os Authores de escrever cousas succedidas no seu tempo, sem por isso ficarem falsas; porque o silencio, de quem não escreve, e se calla, não pôde destruir a effeçcia da acção obrada, e succedida.

Muitas cousas cremos de Fé, que succederão antes, e depois da vinda de Christo, sem que estejão escritas em ambos os Testamentos. Faz S. Judas Apostolo menção de huma disputa, que o Archânjo S. Miguel teve com o Demonio no tempo do Testamento Velho, a respeito do corpo de Moysés: Cum Michaël Archangelus cum Diabolo disputans altercaretur de Moyse si corpore; e no Velho Testamento se não acha escrita esta disputa, como no valle de Moab se não descobre o corpo de Moysés. Mas deste silencio se não pôde, nem deve inferir, que não houve naquelle tempo esta disputa; porém devemos entender, como adverte Lorino, que S. Judas vio esta disputa em algum livro, que ao depois com outros se perdeu, ou que o Apostolo escreveo, o que sabia por bem averiguada tradição. Não escreveo S. João Evangelista no seu Evangelho muitos, e muito verdadeiros milagres, que na presença de seus Discipulos obrou Christo: Multa quidem, & alia signa fecit JESUS in conspectu Discipulorum suorum, quæ non sunt scripta in Libro hoc; e com tudo não

tira

Sanct. Jud.
Apostol. Ep.
Catholica v.
o 9.
Joann. cap.
20. vers. 30.
& 31.

Salian. Tom.
 5. Annal. Ve-
 ter. Testam.
 ad Annum.
 3609. n. 9 1.
 Raynaud.
 Tom. 9.
 Tract. de
 Sâct. Latron.
 cap. 8. n. 19.
 Souza Exped.
 Hilp. S. Jacob
 Tom. 1. Part.
 2. Sect. 6. Af-
 fert. 44. num.
 606. & se-
 quent. folh.
 407.
 Ad Corinth.
 12. 4.
 Ad Roman.
 11. 33.

tra o silencio do Evangelista a Té destes occultos, e não
 escritos milagres. Com este silencio calão os Evangelis-
 tas o dia em que nasceo Christo : com este silencio ca-
 lão os nomes, e as dignidades dos Magos : com este si-
 lencio calão os Pays da Virgem MARIA, Senhora
 Nossa : com este silencio calão o Nascimento, Morte,
 Resurreição, e Assumpção da mesma Senhora ; e com
 este silencio calão outras muitas cousas, que notarão
 Saliano, Raymundo, Sousa, e outros Escriitores ; mas
 tambem nós nos devemos calar, sem deixar de as crer ;
 porque como diz o Apostolo S. Paulo (afirmando de
 si, como de outra pessoa, que ouvira no Empyreo pala-
 vras, que tambem não escreveu) ha cousas em que não
 he licito fallar : Audivit arcana verba, quæ non licet
 homini loqui ; porque como são altos, e incomprehen-
 siveis os juizos de Deos, ninguem os pôde comprehen-
 der, conforme diz o Apostolo escrevendo aos Romanos :
 Incómprehensibilia sunt judicia ejus ; E quando não só
 em ambos os Testamentos Velho, e Novo ; mas nos mes-
 mos Actos dos Apostolos, nos Concilios, e no Martyro-
 logio Romano se não achão algumas noticias pertencentes
 à Historia Ecclesiastica, que maravilha he não appare-
 cerem em outros Historiadores as mesmas, e outras His-
 torias ? Que maravilha he não escreverem Philo, e Jo-
 seph ambos Judeos a prodigiosa Historia de Job ? Que
 maravilha he não escrever Joseph as acçoens de muitos
 Pontifices Hebreos ? Que maravilha he não escrever Jo-
 seph muita parte da Historia de Samuel ? Que maravi-
 lha he não escrever Joseph quasi toda a Historia do se-
 gundo livro dos Machabeos ? Que maravilha he não es-
 crever Joseph da Piscina, tão celebre pelos seus milagres ?
 E que maravilha he não escrever Joseph outras muitas
 cousas, que omitto, sendo tão notaveis, e por isso muito
 nota-

notadas por Toledo, e Saliano, as quaes cremos de Fe, posto que omitidas por hum tão grande Historiador?

Por estas razoes se deve desprezar o argumento negativo (Clava Herculca de Launoio, Hercules Commo-diano) como falso, inepto, e sem concludencia, segundo contra Joaõ Launoio seu infeliz Protector mostra Joaõ Baptista Tiers. He verdade, que Launoio foy homem eruditissimo; mas como em trinta e seis dos setenta volumes, que escreveu mais para destruir, do que para edificar, cahio o rayo fulminado no Vaticano contra os seus hereticos erros, escritos a favor de Lutheranos, Calvinistas, e Protestantes, inimigos declarados da Fé Catholica, contra a qual se armaraõ com este negativo argumento, para negarem o Purgatorio, e outras cousas, que nos ensina a Fé, e tirarem o credito, e certeza a todas as Historias Ecclesiasticas, e Civis. Não posso deixar de lamentar compalavras do esclarecido Souza, que se atrevesse hum Catholico, Religioso, e Mestre em Theologia, a imitação dos Hereges, a commetter este erro particular, querendo desterrar, como Critico, erros communis: Sed quod sanguineis lacrimis deplorandum est, quod etiam Catholici nonnulli, ut notat idem Fleures, ut videantur docti, pessima Hæreticorum æmulatione in hunc errorem trahuntur. Não advertio, que admitida a falsidade do argumento negativo, ou da authoridade negada, como se fosse verdadeiro argumento, se seguem gravissimos inconvenientes? Segue-se, que toda a Historia do Testamento Velho, que não está escrita nos Livros Canonicos; he suspeita, e fica sendo inutil a lição de Joseph, Saliano, Tormiolo, Spondano, Natal Alexandre, e de outros Historiadores, porque todos escreverão os successos, que não leraõ na Biblia, referindo-os por lição, e authoridade de Historiadores mais modernos,

Souza loc.
cit.num. 972.
fol. 434.

nos, do que os mesmos successos, que muitos annos depois de succedidos historiaraõ. Segue-se, que a mayor parte da Historia Ecclesiastica, e Civil não merece Fé, nem credito: segue-se, que são falsas as tradições, os milagres, as reliquias, e as virtudes dos Santos, como sabia, e Catholicamente lamenta, e chora João Baptista Tiers: segue-se, que se deve negar o credito aos Criticos, que se esmeraraõ em apurar noticias, descobrir verdades, e desterrar mentiras, como forão Tillemontio, Baillet, Dupin, Natal Alexandre, e o mesmo Feyjoo; porque todos estes Criticos escreveraõ cousas, que se não achão em outros Authores contemporaneos.

Restringir a authoridade dos Escriitores somente aos que são contemporaneos, ou quasi coetaneos da cousa referida, e que não sejam posteriores duzentos annos he cousa voluntaria, extravagancia, ou fingimento laumano para exterminar a Fé humana do Mundo, estabelecida na authoridade dos Historiadores, que deraõ a conhecer o Mundo ao mesmo Mundo. Para humana noticia merecer credito de fé natural, e humana, basta só a humana authoridade de Author verdadeiro, que com a sua verdade certifica o successo, sem que seja necessaria a existencia de testemunhas oculares, ou contemporaneas, do que entaõ succedeo.

Com esta authoridade só, cremos o que na Cidade de Deos escreveo por lição de Varro Santo Agostinho, sendo cousas antiquissimas escritas muito tempo depois por hum Author, que não existe. Assim cremos tambem a Diogenes Laercio, e a outros Authores, que escreveraõ antiguidades, que não testemunharaõ; porque as podião participar de outros, que se perdêraõ, e não se podem convencer de falsas.

Finalmente, ou o argumento negativo prova, ou não pro-

prova o intento : senão prova, não conclue, e fica sendo inutil ; e se prova o intento, tanto fere aos que negão, como aos que affirmão v. g. a existencia da Chrysopeia, e muito mais aos que negão transformar Raymundo Lullio com a Pedra Philosophal os Sinos de Londres em Ouro ; porque se não se pode affirmar, que Raymundo Lullio fizesse aquella famosa transformação por não haver Author, que affirmativamente certifique este successo antes de Roberto Constantino, como se poderá provar, que elle não transformou os Sinos em Ouro, não havendo tambem Author contemporaneo, que negue esta transformação ?

E ainda que se achasse Author antigo, que negasse, ou contradizesse a transformação, que Lullio fez dos Sinos em Ouro, nem por isso se affirmaria ser falsa aquella transmutação, sem o mesmo Author provar contra os seus defensores, que a transmutação dos Sinos em Ouro, feita pela Chrysopeia era operação impossivel ; e como nem então, nem agora se lhe nega a possibilidade, segundo confessa Feyjoo, tambem se lhe não pode negar o successo, fundado em tradiçoens, e no testemunho de Autores tão serios, e verdadeiros.

Nem se pode impugnar Logicamente esta transformação dos Sinos em Ouro com o argumento negativo, senão reduzido a estes dous Syllogismos ; em que a conclusão do primeiro feito em Darii he affirmativa, e a consequencia do segundo formado em Ferio he negativa : Toda a coisa, que os Escriitores contemporaneos não escreverão he falsa ; a transformação dos Sinos de Londres em Ouro, feita por Raymundo Lullio, não se escreveu pelos Autores contemporaneos : logo a transformação dos Sinos em Ouro feita por Lullio he falsa. Nenhuma coisa omitida por todos os contemporaneos Escriitores he verdadeira ;

ra ; e ambas as consequencias , ou conclusões destes dous syllogismos são falsas por respeito da falsidade das suas premissas , pois não se pôde agora provar a sua verdade. As consequencias devem conter-se nos antecedentes , o que se não pôde dar no nosso caso. A não existencia da transformação dos Sinos de Londres em Ouro , feita por Raymundo Lullio , não se contém na não existencia da escriptura coetanea ; porque bem podia Raymundo Lullio transformar os Sinos de Londres em Ouro , e não escrever ninguem esta transformação ; no mesmo tempo em que elle avista de toda a Corte a fez com a Chrysopeia. E deste discurso se segue , que se a transmutação dos Sinos em Ouro não está hoje escripta em Authores daquelle tempo , he , porque elles a não escreverão , ou se perderão (como Feyjoo affirma dos Historiadores de Bernardo del Carpio) e não se pôde , nem deve inferir deste silencio , que não fez Lullio esta transformação , porque não houve quem a escrevesse.

Para Feyjoo conseguir o seu intento devia mostrar , ou provar em primeiro lugar , que os Authores , que precederão a Roberto Constantino tiveram inteira , e perfeita noticia de todos os successos : em segundo , que elles quando escreverão se tinham lembrado de tudo quanto souberão : em terceiro , que elles quizerão escrever tudo quanto lhe lembrava : em quarto , que elles escreverão quanto quizerão : em quinto , que tudo quanto escreverão chegou ao tempo presente : em sexto que elle tem lido tudo quanto escreverão os Antigos ; e em septimo lugar , que elle tem na sua memoria , quanto tem lido em sua vida ; porque em saltando alguma destas sete circumstancias , como affirma o grande Sousa , fica sendo inutilissimo o negativo argumento ; mas porque non omnes capiunt verbum istud , agora basta dizer-vos , &c.

No

Souza Expedi-
dit. Hispanic.
Tom. 2. Syn-
tagm. de gra-
viss. authorit.
Breviar. Ro-
man. Apend.
12. Sect. 3. Af-
fert. 3. numer.
2820. f. 1219.

No fim da pagina 197. falta esta conclusão da-
 quelle discurso. *Contra este, e outros surdos clama El-
 Rey Salamaõ no Capitulo sexto da Sabedoria, pedindo aos
 Reys, como Juizes da Terra, e Ministros do Reyno do
 supremo Monarcha de todos os Reys, e Emperadores do
 Mundo: Rex Regum, & Dominus Dominantium,
 que oução, e entendão, que Deos, Altissimo Senhor, lhes
 deo o poder, e a virtude com que reynão, e governaõ: Au-
 dite ergo Reges, & intelligite, discite iudices finium
 terræ: Præbete aures vos, qui continetis multitudi-
 nes, & placetis vobis in turbis nationem: Quoniam
 data est a Domino potestas vobis, & virtus ab Altissi-
 mo: Quoniam cum essetis ministri regni illius, e se
 Deos poem nos lugares os Ministros, que, como Reys, haõ
 de governar o seu Reyno: Per me Reges regnant, ne-
 nhum Ministra poderã com diubairo comprar o seu despa-
 cho, nem conseruarse no Throno, ainda que possua muito
 Ouro se Deos o quizer depor do Solio.*

Finalmente deixando outras cousas menos impor-
 tantes, que poderãõ sahir a luz, se esta obra se tor-
 nar a imprimir falta na pagina 206. todo este discurs-
 so, que entra no fim da 24. regra. Ainda sou mais
 pobre do que este sabio Rey; e nenhum homem, posto
 que seja hum Rey sabio, pòde fazer Ouro com a Arte
 Chymica, se não for muito rico. De Salamaõ sapientis-
 simo Rey de Israel escreve Pineda, que não fazia Ouro
 pela Chymica para ser rico, senão porque era riquissi-
 mo; e como os pobres (como eu) não tem riquezas para
 usar desta Arte, não lhes he licito trabalhar nella, porque
 não tem cabedades para obrarem synceramente como de-
 vem: Si vera est Alchymix ars auri faciendi (nam ve-
 ram esse nunc non statuo) verosimile est illam ali-
 quando Salomonem excoluisse, non quidem tam ut

Pineda de
 Reb. Salom.
 lib. 4. cap. 21.
 tol. 239.

dd ij

locu-

Bluteau Vo-
cabul. Port.
Tom. 2. do
Suppl. fol. 94.

locuples fieret, quam quia locuples erat: quippe ars ea illicita pauperibus, ut quæ sine magno sumptu exerceri non possit. *Não aproveita o segredo da Chrysopeia aos pobres Adeptos, senão aos poderosos Magnates, que sendo ricos lhes roubão este arcano. Os Hermeticos pobres são como a Cabra sylvestre chamada Orix, porque na bexiga, que tem oculta se acha hum licor de tão prodigiosa virtude, que hum a só gota basta para extinguir a sede por muitos annos aos homens mais sequiosos; mas não lhe aproveita a ella este preservativo; porque enganada com as negações da agoa de que sempre necessita, vem a cahir nas mãos dos Caçadores, que a prendem, e mataõ, para se aproveitar do licor, que tem occulto.*

§. III.

Para evitar escrupulos de impertinentes, ou impertinencias dos escrupulosos imprimo tambem neste Supplemento as margens, que ficàraõ no original de-
frente daquelles lugares, em que discorro àcerca da Chrysopeia de Salamaõ. Na regra 4. que està a folhas 42. se devia escrever por este modo aquelle troncado discurso. *Foy Salamaõ o mais sabio, e o mais rico homem, que houve no Mundo; porque ninguem o excedeo na riqueza, nem igualou na Sabedoria. A este Monarcha disse Deos, que lhe infundiria tão grande Sciencia, que nem antes, nem depois haveria no Mundo quem o igualasse na Sabedoria: Dedi tibi cor sapiens, & intelligens in tantum, ut nullus ante te similis tui fuerit, nec post te surrecturus sit; e da sua riqueza diz o mesmo Rey, que era tão grande, que com a sua opulencia excedeo a todos os homens, que o precederão em tempo na Corte de Hierusalem: Et supergressus sum opibus omnes, qui ante me fuerunt in Hierusalem. E desta sorte era Salamaõ tão rico como sabio; porque igualava a sua sciencia à sua extraordinaria*

Reg 3. cap. 3.
12.

Ec clest. 2.
9.

ria riqueza, e não havia distincão, nem differença entre a riqueza, e a sabedoria, segundo confessa o mesmo Rey, definindo-se com as mesmas expressões tão sabio, como rico: *Ecce magnus effectus & præcessi omnes sapientia, qui fuerunt ante me in Hierusalem.* O Padre Hieremias Drexellio &c. e na pagina 49. se devia

Ecclesiast. cap. 1. 16.

escrever na regra 22. por este modo o discurso: *Só a Chymica he finalmente a sciencia, com que Salamaõ podia adquirir tantas riquezas, pois ajudado, e soccorrido com a sabedoria podia alcançar o segredo, e praticar a operaçãõ da Chrysopeia, como escreve Pineda: Itaque sapientia præsidio Salomon percullit Pyrotechniam, ac Chrysopeiam: Incrivel cousa parece &c.* Na regra 23. que esta a folhas 58. ficou diminuto este discurso: Com este excesso de sciencia revelada não podia deixar de saber Salamaõ a Philosophia Hermetica, que por estudo, e subtil especulaçãõ o grande Trismegisto tinha adquirido. *Se os Egypcios, Discipulos de Hermes, possubirão aquella Arte de os fazer ricos, he impossivel (como infere Pineda) que a não soubesse Salamaõ, praticandoa com grande perfeiçãõ, e mayor acerto, Ique os mais insignes Chymicos: Ergo sic Egyprij artem detescendi tenebant non potuit non percussisse Salomonem eandem, ac longe perfectiorem.* He a Philosophia Hermetica Sciencia, e Arte natural &c.

Pineda lib. 4.
de Reb. Salom. cap. 21.
fol. 239.

e no fim deste discurso falta na 3. regra da pagina 59. a seguinte authoridade do Padre Pineda: e entre as outras Artes a Arte Magna, com a qual segundo Pineda, parece, que Salamaõ adquirio tantas riquezas: Sed ut ad Alchymia, quæ Physicæ pars quædam est, artem redeamus, probari sane videtur Salomonem ejus artis beneficio & præsidio locupletari potuisse: Primo quod proculdubio universa naturalis Philosophia Salom.

Pineda lib. 4.
de Reb. Salom. cap. 21.
fol. 238.

Pineda lib. 4.
de Reb. Salom. cap. 21.
fol. 238.

Salomoni perspectissima, atque exploratissima fuit; Philosopho nimirum absolutissimo. *Porém &c.*

Na regra 16. que está a folhas 63. se devia escrever aquelle discurso por este modo: Ainda que duvidais a praticava Salamaão? *E para que vos não fique essa duvida, ouvi agora ao mesmo Salamaão confessando, que para ser tão rico, não só estudava, e excogitava todos os modos, ou meys de juntar muita Prata, e grande copia de Ouro, mas também trabalhava de sorte, que para adquirir tantas, e tão immensas riquezas com a sua industria, lhe custava esta grande opulencia o suor de seu rosto; e que por considerar possibilia os seus preciosos thesours, em que tinha junto para si muita Prata, e muito Ouro: Coacervavi mihi argentum, & aurum, hum herdeiro, que elle não sabia se por ventura seria sabio, ou nescio, porém que já conhecia muito bem, que havia de ser Senhor do que elle tinha grangeado com grande trabalho, com muito suor, e com incansavel fadiga: se resolvera em fim a descansar renunciando para sempre trabalhar mais debaixo do Sol: Rursus detestatus sum omnem industriam meam, qua sub sole studiosissime laboravi, habiturus hæredem post me, quem ignoro, utrum sapiens, an stultus futurus sit, & dominabitur in laboribus meis, quibus defudavi, & sollicitus fui, & est quidquam tam vanum? Unde cessavi, renunciavitque cor meum ultra laborare sub sole; e se ElRey Salamaão para ser tão rico, que amontouasse Ouro, e Prata trabalhava com tanta fadiga, e com tão grande trabalho, que suava: In laboribus meis quibus defudavi; não só estudava o meyo trabalhando: Studiosissime laboravi; mas também praticava o modo, conforme practicaõ com o suor do seu rosto todos os Professores da Arte Magna.*

Ecclesiast.
cap.28.

Ecclesiast.
cap.2. vers.
18.19.20.

Na

Na regra 2. que fica na pagina 70. falta o que se segue depois destas duas palavras Latinas : Mater est. Por isso ElRey Salamaõ chama bemaventurado a todo o homem, que descobre esta sciencia, tendo juntamente prudencia para saber usar della : Beatus homo, qui invenit sapientiam, & qui affluit prudentia; porque com a sabedoria faz melhor negocio do que possubindo a Prata, e o Ouro dos mais subidos quilates, fructo purissimo desta sciencia, a qual he mais preciosa do que todas as riquezas : Melior acquisitio ejus negotiatione argenti, & auri primi, & purissimi fructus ejus : Pretiosior est cunctis opibus. Com esta sciencia se não podem comparar quantas cousas neste Mundo se dezejaõ : Et omnia quæ desiderantur huic non valent comparari; porque tem na mão direita o remedio com que dilata a vida : Longitudo dierum in dextra ejus; e na mão esquerda os meyoys mais effectivos para fazer os homens ricos, e gloriosos : Et in sinistra illius divitiæ, & gloria. Todas as vias, ou estradas por onde caminha esta sciencia (como peregrina) para conseguir o fim pretendido, são honradas, honestas, e pacificas : Viæ ejus viæ pulchræ, & omnes semitæ illius pacificæ; para todos os homens, que venturosamente a conseguem he huma Arvore da vida : Lignum vitæ est his, qui apprehenderint eam; e com ella todo o Sabio que a possue fica bemaventurado : Et qui tenuerit eam, beatus; e daqui infiro eu agora, que se com sciencia, em que se achão os effectos da Chrysopeia, podem ser bemaventurados os homens, não se pode condemnar affirmar eu, que Salamaõ soube, e praticou a Arte Magna; porque entre os epithetos de Salamaõ o de Chymico, ou de Hermeticco fica sendo dos mais honestos, virtuosos, e honrados. No Padre Hieremias Drexellio &c. E na regra 22. da mesma

Proverb. cap.
3. 13.

ma pagina se devia escrever depois destas duas palavras: *Via ejus via pulchra.* Por isso o Padre João Pineda depois de disputar problematicamente a questão, em que ventila se as riquezas de Salamaõ forão producto, ou augmento da Arte Chymica, deixando a questão indecisa, permite liberdade a quem a quizer para seguir, que Salamaõ se fez muito rico com a industria da Arte Chymica: *Quæ afferebantur in favorem Alchymix Salomonicæ ejusmodi sunt, ut volentem possint in eam sententiam allicere.* E se isto he verdade facilmente posso dizer, que pela Arte Magna fazia Salamaõ os seiscientos e sessenta e seis talentos de Ouro &c. E no fim da 4. regra, que está na pagina 74. faltaõ estas palavras: Esta prova se costuma fazer em Ouro Chymico, por meyo do fogo, como diz o mesmo Rey Salamaõ: *Ignem probatur argentum, & aurum camino. Quomodo probatur in conflatorio argentum, & in fornace aurum; porque sô este Ouro Chrysopeio necessita de se examinar no ensayo, e na copella para se ver se sofre o exame do fogo.*

Pineda de
Reb. Salom.
lib. 4. cap. 21.
fol. 239.

Proverb. cap.
17. 3. & cap.
27. 21.

EN-



ENNÆA,

OU APPLICAÇÃO
DO ENTENDIMENTO,
SOBRE A
PEDRA PHILOSOHAL.
DIALOGO PRIMEIRO.
CAPITULO UNICO.

Da origem, antiguidade, e excellencia da Arte Magna; e dos seus dous maiores mysterios, que são a Chrysopeia, e Argyropeia, com que os Hermeticos evitam todas as enfermidades, curam todas as doenças, dilatam muito tempo as vidas, e transformão em Prata, e Ouro todos os Metaes.

§. I.

INTRODUÇÃO.

ENODIO.



STA tarde, que não empregais no estudo, nem no jogo, na caça, nem na pesca, que são os quatro divertimentos, com que

honestamente passais o tempo das Férias, quando vindes da Universidade de Coimbra descansar al-

A

guns

2 *Ennea, ou Applicaçãõ do Entendimento,*

guns dias na vossa Patria, poderemos gastar no passeio pelas margens dos Rios Arunca, e Anços, ou assentados na sua Ponte, conversando em huma famosa questaõ da mais occulta Philosophia.

ENODATO. Não he a Ponte de Soure Academia de Platão, nem Lycèõ de Aristoteles, em que se possaõ disputar pontos Philosophicos; porque alguns Escudeiros desta Villa vem todas as tardes fazer no meyo desta *Ponte dos Anos* ridiculo *Outeiro de parvoices*, em lugar do antigo *Outeiro de Baixo*, saudoso Theatro, em que os antigos Philosophos, Theologos, Jurisconsultos, Medicos, e outros Sabios desta Villa disputavaõ todas as tardes, com tanta erudiçãõ, que podiaõ competir as suas conversações eruditas com as Conferencias discretas, que em Lisboa faziaõ outros Academicos todos os Domingos de noite no Museo do Conde da Ericeira; e não me parece acertado discurrir em Philosophia na Palestra, onde agora quem não sabe, murmura de quem estuda: na Aula, onde se averigua, o que se não sabe: no Tribunal, onde se julga, o que se não entende: no Consistorio, onde se reprova, o que se admira: no Mirante, onde se nota, o que passa; e na Balança sem fiel, onde se avalia, o que se não pèza; porque convém muito à minha reputaçãõ, que os nossos discursos sejaõ somente julgados por homens Sabios, e Prudentes, como sãõ os Mestres, e Doutores das Universidades do Mundo, e todos os Varões eruditos, que pela sua Philologia merecêraõ o nome de Academicos, como forão, segundo refere Bluteau, os *Generosos* de Lisboa: os *Fantasticos* de Roma: os *Ociosos* de Bolonha: os *Adormecidos* de Geno-

Bluteau Vocabular. Portug. e Latin: Tom. I. fol. 60.

Genova : os *Olympicos* de Vicencia : os *Escondidos* de Milão : os *Ardentes* de Napoles : os *Escuros* de Luca ; e os *Obstinados* de Viterbo ; e não sejam ouvidos pelos meus Patricios , que hoje só podemos chamar Academicos , por serem na satyra obstinados , na explicação escuros , na emulação ardentes , na censura escondidos , na ligeireza olympicos , no estudo adormecidos , na conversação ociosos , na erudição fantasticos , e em nada generosos.

ENODIO. Por alguns dos vossos Patricios se pôde dizer agora *fallay no ruim , e olhay para a porta* ; porque já o Ranchinho vem passeando , e passando da porta do vosso pateo , e subindo a Couraça da Ponte para virem tomar assento ao pé desta Cruz , aonde assisto há muitos annos , para desta atalaya lograr a deliciosa vista destes campos , que poderão competir com os Elysios , se os Agricultores deste fertilissimo Paiz se aproveitaraõ das agoas destes Rios ; e para tambem de caminho aprender dos peregrinos , que continuamente passam por estas quatro estradas , que em fórma da mesma Cruz se ajuntão no alto desta Ponte , aonde por quatro vias me chegaõ todas as horas noticias das quatro partes do Mundo ; e como vós , Senhor Enodato , tambem hoje aqui chegastes , desculpay a confiança , com que vos sahi ao encontro , pretendendo que me desseis alguma luz da *Chrysopeia*.

ENODATO. Já , Senhor Enodio , vos terã mostrado a experiencia , que neste lugar se mente por officio , e se murmura por costume ; principalmente dos homens eruditos , aquem sempre picão os moradores desta terra , como picaraõ as letras ,
A ij que

4. *Enmea, ou Applicaçãõ do Entendimento,*

que estavaõ esculpidas na Tarja daquellas Armas, para com eterna ingratitude riscarem a memoria de hum Ministro, que lhe fez taõ immortal beneficio; podendo-se duvidar nesta acção infame, se a executou o odio, que tinhaõ ao Doutor Bernardino Arnaut Machado, como Superintendente desta Ponte, ou como fugeito de letras, porque as letras em toda a parte onde apparecem, são ultrajadas, e perseguidas. A mesma mão, que as organiza, as corta: a mesma, que as fórma, as rasga: a mesma, que as defende, as talha: a mesma, que as esmalta, as cobre: a mesma que as escreve, as risca: a mesma, que as entalha, as pica; e a mesma, que nos Epitaphios as esculpe, com os proprios pés as piza; e com este defengano, tenho justo receyo, de que passeando os meus Patricios por esta Ponte, quando logo não tomem (como costumaõ) assento ao pé da Cruz, e nos obrigue a sua companhia a não fallar da *Pedra Philosophal*, vão de passagem murmurando das nossas letras, como blasfemavão os Principes dos Sacerdotes, Escribas, e os homens Anciãos de Hierusalem, e todos os que passavão à vista da Cruz no Monte Calvario; porque estava crucificada nella a Sabedoria Encarnada com as letras sobre a cabeça: *Imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam: Prætereuntes autem blasphemabant eum*; e tudo isto evitaremos, reservando para outra tarde a satisfação da vossa douta curiosidade; porque algumas vezes o jogo lhes embaraça o passeio, e ficam murmurando nos poyais da Praça, no Alpendre da Igreja, e nos degrãos do Pelourinho, que são os outros tres famosos mentideiros desta Villa.

Matth. cap.
27. n. 37.

ENO-

ENODIO. Mais acertado me parece, que vamos fallando na possibilidade, e existencia do *Lapis*; porque com esta *Pedra* os lançaremos fóra deste lugar, com tanta certeza, como a *Pedra Iman* attrahe para si o ferro; porque a *Pedra Philosophal* he a *Pedra Lydia*, em que se provão os engenhos, e nenhum dos homens que já vem chegando, ha de querer, que lhe examinem publicamente os quilates do seu juizo.

ENODATO. Estimo mais o vosso arbitrio, do que a occasião, que me offerece a vossa curiosidade; porque eu fujo quanto posso de fallar publicamente na *Chrysopeia*, principalmente diante de ignorantes; porém alguma cousa direy, ou alguma noticia vos darey da *Pedra Philosophal*, se o vosso arbitrio for tão effectivo, para affugentar estes murmuradores, com palavras subtilmente proferidas, como foy o dedo da mesma Sabedoria para exterminar da sua presença aos seus perseguidores com palavras mysteriosamente escritas; porque vendo todos nellas publicos os seus defeitos, velhos, e manebos todos desapparecerão.

ENODIO. Como nos ouvirão fallar baixo, desconfiarão, ou por entenderem que tinhamos negocio de segredo, forão tomar assento no fim dessa Couraça, que fica contra o Sul, por ser a mais divertida com a passagem das moças de cantaro, a quem dizem graças tão frescas, e tão frias como agoa.

ENODATO. Porém algumas vezes costumão estas criadas de soldada, com as suas repostas rusticas, despicar-se de tal sorte, que lhes fazem dar o vão pela barba; porque a huns desses Cavalheiros

ros, que ahi vedes, disse em huma occasião huma dessas mulheres, com tanta facilidade, como quem bebe hum pucaro de agoa, que estavaõ perto dos lugares, que só mereciaõ, pela sua sabedoria, e virtude, apontando com o dedo para o meyo circulo, que cerca o canto da mesma Couraça, ao lado direito de quem desce, e para a casa, que dà nome ao Olival, que fica no fim da Ponte.

ENODIO. Pois como estaõ já assentados, e divertidos, liberdade, e tempo vos deixão para me dizeres em primeiro lugar se a *Chymica* he Sciencia, ou Arte, e porque razão lhe derão os *Authores Hermeticos* varios nomes.

§. II.

Da origem, etymologia, e antiguidade da Chymica

ENODATO. **C**omo ainda se não averiguou se a palavra *Chymia*, ou *Chemia*, he Grega, Arabica, ou Egypcia, como escreve o doutissimo, e vastissimo Medico Daniel Sennerto : *Verum cum non dum satis constet, an vox hæc Græca, vel Arabica, aut Egyptia sit*, conforme as etymologias donde a derivavão, lhe variarão o nome, e a significação; porque lhe chamarão *Chymia* por derreter, e fundir os metaes duros, que se tiraõ das entranhas da terra : *Chemia*, porque conforme refere Plutarcho, com este nome costumavaõ os Sacerdotes nomear o Egypto, ou porque no Egypto havia huma antiga Cidade nos Campos de Thebas, chamada *Chemmis*, segundò lemos em Herodoto, que tambem na sua Euterpe

Sennert. tom.
1. de Chym.
cum Aristot.
tel. & Galen.
conf. ac diff.
cap. 1. de nat.
Chym. fol.
180.

terpe descreve amplamente huma Ilha do Egypto, com o mesmo nome de *Chemmis*, a qual na opinião de seus moradores se sustenta na agoa, donde querem derivar *Chemia*, como Arte do Egypto, aonde a *Chymica* principiou, ou quando menos floreceo muitos annos. Tambem lhe chamaõ *Alchymia*, de *Alchymo* Artifice, ou inventor desta Arte. Alguns lhe chamão *Alchemia*; porque derrete os Sais, ou *Archymia*, como pareceo a Celio Rhodigino. Paracelso em tudo extravagante, e mysterioso lhe chamou *Espagyria*; e outros lhe deraõ o nome de *Alkimia*, ou *Alchymia*, porque com o artigo *Al* accrescentarão esta palavra os Arabes, Secretarios insignes do Philosopho Hermes.

Quando a *Chymica* discorre, chama-se *Philosophia Hermetica*; porque Hermes foy o primeiro Author, que escreveu desta Sciencia na famosa *Tabula Smaragdina*; e quando obra, he Arte, e entãõ se chama *Obra grande*, *Arte do perfeito Magisterio*, *Arte do Magisterio grande*, *Magisterio de Sabios*, *Arte Magna*, e *Arte Hermetica*, por respeito de Hermes seu inventor, e por ser a mais perfeita Arte, que se pòde inventar, para imitar com as suas operações as obras da Natureza. Algumas vezes se chama tambem *Pyrothemia*, por ser Arte, em que nada se obra sem fogo; porẽm como hoje he mais conhecido o nome de *Chymica*, por elle se explicaõ quasi todos os Philosophos, e Medicos Hermeticos.

ENODIO. Como pòde ser Hermes o Antefig-nano desta Philosophia, e Medicina, affirmando Coringio, que esta scientifica Arte principiou no tempo do Emperador Constantino Magno?

ENO-

ENODATO. Nem Coringio se quiz cançar em averiguar a origem da *Chymica*, nem por escrever com grande furor contra ella, tem authoridade alguma nesta materia. Mayor credito devemos dar a Julio Firmico, celebre Astronomo do terceiro seculo, que escreveu no tempo do mesmo Emperador pelos annos de Christo 320. o qual no Livro terceiro ingenuamente confessa, que a *Chymica* era tão antiga, que já os antiquissimos Astrologos fazião della menção nos seus prognosticos, como expressamente se vê nestas formais palavras: *Si Saturni hæc domus fuerit, scientiam Alchymie dabit: Si solis, providentiam in quadrupedibus*; e ainda hoje se conservão na Livraria dos Reis de França os manuscritos Gregos de Zofino Philosopho Alexandrino, de Isaac Monacho, e de Blemidas antiquissimos *Chymicos*, como refere Roberto Valense, escrevendo da verdade, e antiguidade da *Chymica*. João Francisco Pico, Senhor de Mirandula, Conde, e Principe da Concordia, no Capitulo I. do Livro II. de *Auro*, affirma com a lição de varios Authores Gregos, e Latinos, que a *Chymica* principiara pouco tempo antes da guerra de Troya: *Ego vero quantum à Græcis, Latinisque Authoribus colligere potui, comperio artem antiquissimam quidem, sed paulo ante Trojanum bellum*. E bem sabereis vós como tão douto, e bom Chronologo, que fóra dos Livros Sagrados, não temos nenhuma noticia do Mundo, se não da guerra de Troya por diante, por ser *Escuro* o tempo, que a precedeo, e tão *Fabuloso* o tempo em que succedeo esta guerra, que ordinariamente lhe chamão os Eruditos o Paiz das Fabulas.

Con-

Confirma a grande antiguidade da *Chymica* a Luz, que foy achada no sepulchro de Maximo Olybio, antiquissimo Cidadão de Padua, pelos annos de 1500. collocada entre duas Phialas de Ouro, e Prata, que continhão dous purissimos licores, que servião de sustento à chamma, os quaes erão de Ouro, e Prata, dissolutos com alto magisterio em hum licor subtilissimo; e esta Luz sem contraversia he invento da *Arte Chymica*, como tereis visto em Pedro Apiano, Hermolao Barbaro, Luiz Vives, e Joáo Langio. Finalmente na *Tabula Smaragdina*, que se achou depois do Diluvio no Valle de Hebron, ou que tirou Sara do sepulchro de Hermes, achareis em treze regras comprehendida, como em treze dogmas, toda a *Arte Magna*; e cada letra desta *Tabula* he huma testemunha da antiguidade da *Chymica*, do que ninguem duvidou até agora; porque todos affirmão ser obra de Hermes.

ENODIO. Duas grandes duvidas se me offerecem sobre estas ultimas duas provas, com que confirmais a antiguidade da *Chymica*. Funda-se a primeira na universalidade, e transcendencia das palavras de Hermes; e a segunda na duvidosa noticia das *Luzes perpetuas*. Principiemos pelas Luzes, e depois fallaremos nas palavras. Antes que sahisse a luz o quarto Tomo do *Theatro Critico*, vi no seu Original, que em confiança me mostraraõ em Madrid, no Mosteiro de Nossa Senhora de Monferrate, muito bem refutadas as Alampadas inextinguiveis, não só a de Olybio, em que fallastes, mas a de Tullia, ou Tulliola filha de Cicero; e não provais, nem confirmais bem com estas noticias

B

o vos-

10. *Encha, ou applicaço do Entendimento,*
o voffo assumpro, tendo tão duvidofos os leus fun-
damentos.

ENODATO. Alguma noticia tenho dos ar-
gumentos, com que o doutissimo Feyjoo repro-
va a opiniaõ commum das *Luzes perpetuas*, sem
advertir, que são inextinguiveis luzes os seus dis-
cursos eruditos para desterrar do Orbe Literario
as sombras dos erros communs. Porém não posso
deixar de notar em algumas das suas Crises ma-
nifestas contradicções da sua mesma doutrina, que
mais facilmente escurecem as suas Luzes, do que
extinguem as *Luzes perpetuas*. Primeiramente pa-
ra extinguir estas Luzes nega o credito a Fortu-
nio Liceto por ser o unico Author, que dà noticia
da conservaçã das Phialas, e Alampadas intac-
tas, em poder de Francisco Maturancio as quaes
estimava tanto, que na carta, que escreveo a seu
amigo Alpheno, diz, que não daria este precio-
so monumento por mil escudos de ouro. E nas
Glorias de Hespanha cre firmemente o mesmo Fey-
joo o singular testemunho de Arriano, porque
na Historia de Alexandre Magno seguiu a nar-
ração só de Aristobulo Historiador Grego. E por-
que não merecetanto credito Liceto a respeito de
Maturancio, como elle tambem quer que mereçaõ
D. Rodrigo, e D. Lucas àcerca de Bernardo del
Carpio, sendo estes dous Historiadores tão apaix-
onados pelas *Glorias de Hespanha*, como Liceto
podia ser pela existencia das *Luzes perpetuas*? Por-
que razão são mais verdadeiros Philippe de Comi-
nes, João de Mariana, e Henrique Catharino, do
que Fortunio Liceto, se todos elles fallão, como
confessa Feyjoo, a favor do partido, que segui-
rão?

Vide Feyjoo
Tom. 4.
Discurs. 3. S.
num. 26.
fol. 56.

Feyjoo Tom.
4. Discurs.
13. S. 18. n. 62.
fol. 351.

Feyjoo Tom.
4. Discurs.
13. S. 18. n. 60.
fol. 350.

Feyjoo Tom.
4. Discurs. 8.
S. 44 n. 102.
fol. 221.

não ? Só no caso , em que a opinião do povo lhe
 seja prejudicial , conclue Feyjoo , se deve refutar ,
 ou apello della ; mas não havendo este prejuizo ,
 nem se podendo averiguar a verdade , não se deve
 perturbar o Povo da posse , em que está , nem pri-
 var do direito adquirido a qualquer noticia , que
 fomenta a sua devação , ou entretem a sua vaidade.
 Diga-me agora este Hypercritico , ou algum
 seu apaixonado , que prejuizo se segue de crer o
 Povo , que houve antigamente *Luzes perpetuas* ?
 Acholhe muita graça em negar as Luzes sepulchrais
 do Territorio de Viterbo , porque já não existem ;
 e como quer sua Reverendissima , que agora de-
 mos credito à existencia antiga dos instrumentos
 musicos , de que trata o seu Calmet , e elle tanto ce-
 lebra , se estes , e os Orgãos Hydraulicos , que mui-
 to elogia , tambem desapparecêrão ? De qualquer
 daquellas Luzes , diz Feyjoo , que se conservasse
 o licor , e a mecha , ainda que ao abrir o sepul-
 chro se apagasse , poderia accenderse de novo , e
 duraria hoje aceza : Não adverte , que não se po-
 dia outra vez accender a Luz , que o mesmo ar
 apagava , e destruhia ? O segredo consistia em ar-
 der fechada , e por isso se extinguia depois de
 aberta. Não se podia tornar a accender , porque
 se não sabia tornar a fechar. Porque se não escre-
 ve agora compendiosamente com as abbreviaturas ,
 ou notas de Ennio ? Porque , como confessa Fey-
 joo , não se pôde agora alcançar o mysterio : Pois
 essa he tambem a razão , porque se não accen-
 dia , e conservava as *Luzes perpetuas* ao abrir
 dos sepulchros ; porque já então se ignorava o se-
 gredo. Perdeo-se esta Arte , assim como se acabou .

Feyjoo Tom.
 4. Discurs.
 13. §. 20. n. 75.
 fol. 358.

Feyjoo Tom.
 4. Discurs. 3.
 §. 9. num. 28.
 fol. 56.

Feyjoo Tom.
 4. Discurs.
 12. §. 13. n.
 34. fol. 297.
 Feyjoo Tom.
 4. Discurs. 3.
 §. 9. num. 28.
 fol. 56.

Feyjoo Tom.
 4. Discurs. 3.
 §. 2. num. 3.
 fol. 45.

Feyjoo Tom.
 4. Discurs.
 12. §. 25. n. 71.
 fol. 314.

Feyjoo Tom.
4. Discurs.
12. §. 12. n.
31. fol. 295.

o artificio dos antigos Musicos, que Feyjoo tanto louva, e exalta sobre os modernos. Já emmudecerão as vozes daquelles instrumentos, que tocados por Antigenidas em tom de genio marcial enfureciaõ ao grande Alexandre, fazendo-o levantar da mesa, e tomar nas mãos as armas: Já se não ouve o contraponto de Timotheo, que variando o tom, enfurecia, ou suspendia o furor ao mesmo Alexandre: Já o tempo quebrou a frauta, em que tangendo Empedocles huma canção suavissima, deteve a hum furioso mancebo, que já com a espada nua queria matar hum inimigo: Já se destemperou a Lyra, ou se romperaõ as cordas daquella Viola, em que tocando Terpandro apaziguou huma sedição em Lacedemonia: Já se não vê, nem ainda sombra daquella facilidade, com que os mais primorosos Musicos da Grecia, já irritavaõ, já temperavaõ as paixões, já accendiaõ, já calmavaõ os affectos dos ouvintes: Pois tambem já se não vê nem sombra das *Luzes perpetuas*; porque como aquelles Musicos, morrêraõ tambem os *Chymicos*, que as accendiaõ. O mais que agora fazem os mayores engenhos modernos, he desenterrarem os mortos, para lhes apagarem as luzes.

Feyjoo Tom.
4. Discurs.
12. §. 12. n. 31.
fol. 295.

Feyjoo Tom.
4. Discurs.
3. §. 9. num.
27. fol. 56.

A que proposito, perguntara eu a Feyjoo, havia de fallar Cicero na sepultura da filha; se nas cartas escritas a Actico, como Feyjoo adverte, protesta, que he muito do seu desagrado o cheiro horrivel de sepulchro. Bom alivio seria para Cicero magoado, e faudoso, escrever com a penna o nome, do que lhe enternecia o coração, e offendia o nariz. Taõ digna de memoria era a Luz sepulchral, como a sepultura de Tullia nas obras, ou nas cartas

tas de Cicero; e tão desnecessario era dizer o pay, que accendera a Luz no sepulchro de Tullia, como que sepultara a filha; e ainda não vi exornar nenhuma Oração Funebre com as luzes da Eça, senão com as virtudes do morto. Não se lhe faz o elogio com as luzes, que no sepulchro se escondem, senão com as obras, que na sepultura se não enterraão, e na terra se não occultaão.

Finalmente o argumento geral contra as *Luzes perpetuas*, que Feyjoo tira da experiencia do fogo consumir a materia em que arde, tambem tem contra si a experiencia de não consumir esta materia n:quellas Luzes, que se achàrao no sepulchro de Olybio, Tulliola, Palante, e de outras pessoas, como testemunhaão além dos referidos Authores Guido Pancirollo, Henrique Salmuth, Mercurio Itatico, Bernardo Cesio, Baptista Porta, Martim del Rio, Bernardo Scardeono, cuja authoridade favorece o grande Lume da Igreja Santo Agostinho, referido, e seguido pelo Padre Francisco Soares da Companhia de JESUS na averiguação deste artificial meteoro; que com o Padre delRio confessa ser invento Chymico: *Mihi quidem dubium non est, liquorem illum Olybii Maximi, cujus beneficio lucerna multis seculis conservata fuit ardens, chymicum fuisse.* Nenhum credito dà Feyjoo à Philosophia, estando em contrario a experiencia; *porque la experiencia es, como hemos dicho, el unico conducto para saber algo de la naturaleza. Pero el Philosopho que sabe? Dudar de todo, y nada mas;* e quer agora esquecido desta sua maxima recebida de todos os Philosophos, que contra a experiencia, provada com tantas authoridades, prevaleça só a sua Philo-

P. Frác. Soar.
Luf. Tom. 2.
Traçt. de Me-
teor. Sect. 4.
§. 1. fol. 367.

Feyjoo Tom.
3. Discurs. 12.
§ 23. num. 87.
fol. 326.

14. *Enneæ, ou applicaço do Entendimento,*

lofophia, com *dudar de todo, y nada mas!*

Feyjoo Tom.

4. Discurs. 3.

§. 13. num.

37. fol. 63.

Nenhum credito dà Feyjoo ao grande numero de Escriitores, que affirmão haver antigamente *Lu- zes perpetuas*; porque „ Un entendimiento humilde „ y vulgar, llegando a saber que son muchos los „ Authores (como de hecho llegaràn oy à cen- „ tenares) donde se halla escrita la noticia de las „ Lamparas inextinguibles de los sepulcros de Pa- „ lante, de Maximo Olybio, y de Tulia, aqui pa- „ ra, porque o le faltan los principios necessarios „ para examinar la verisimilitud del hecho, ò aun „ que los tenga, no sabe usar de ellos. La multi- „ tud de Autores tomada a vulto es para el regla „ infalible, y tratarà de imprudente, y temerario „ a qualquiera, que dude, ò contradiga aquellas „ noticias. Pero un hombre discreto, y dotado „ de la instruccion, y talentos necessarios, nota- „ ra lo primero las dificultades insuperables, que „ la physica, assi theorica, como experimental, „ representa en la existencia, y aun en la possi- „ bilidad de dichas Lamparas. Notara lo segun- „ do, que en los antigos Escriitores no se halla „ sombra, ni vestigio de estas Luces sepulcrales „ inextinguibles. Notara lo tercero, las contradi- „ ciones de los Autores, que las affirman, en „ quanto al tiempo, y otras circunstancias. No- „ tara lo quarto, que ninguno de los Autores, „ que las affirman, y defienden, dice haverse hal- „ lado presente al descobrimiento de alguno de „ aquellos sepulcros. De todas estas observacio- „ nes prudentemente concluirà, que la especie de „ las Lamparas inextinguibles es uno de los mu- „ chos monstros, que engendra el embuste, y ali- „ menta la credulidad. Po-

Porém ainda que Santo Agostinho , o Padre Soares , e muitos dos referidos Authores não forão homens de *entendimiento humilde, y vulgar* , nem faltos dos *principios necesarios para examinar la verisimilitud del hecho* , e todos sabião muito bem *usar de ellos* ; porque qualquer delles , (e com muita especialidade Santo Agostinho) foy *un hombre discreto, y dotado de la instruccion, y talentos necesarios* , para philosophicamente examinar melhor do que Feyjoo esta verdade : com tudo , para que este presumido *Hombre discreto* não imagine , que para lhe responder offereço só a difficuldade por solução da sua duvida , notará tambem sobre o primeiro *las dificultades insuperables* , que lhe representa *Mañer en la existencia, y aun en la posibilidad* , de tudo quanto escreveo no seu *Theatro Critico* para deterrar erros communs. Notará sobre o segundo , que succedeo às *Luzes perpetuas* o mesmo , que aconteceo aos *Famosissimos Guerreros poco, o nada inferiores* ao Cid , y Bernardo del Carpio , de quem hoje não hà noticia , por se haver *sepultado la memoria de ellos, y de sus hazañas, por saltar Autores, que las comunicassen* ; e para não saltar circunstantia , em que estes artificiaes Meteoros se não pareçam de algum modo com tão famosos Heroes , es lo *mas lamentable, que haya oy Autores, que quieran borrar la memoria de algunos pocos, que por dicha especial se eximieron de aquel comun olvido*. Notará sobre o terceiro , que nega Feyjoo aquellas Luzes , como Ferreras a Bernardo del Carpio *sin mas motivo, que hablar mezcladas algunas fabulas en las hazañas de este Heroe, y algunas contradicciones en las varias noticias, que nos han quedado de el*. *Debilissimo fundamen-*

Feyjoo Tom.
4. Discurs.
13. §. 17. n.
56. 57. & 58.
fol. 348. &
349.

Feyjoo Tom.
4. Discurs. 13.
§. 18. num. 62.
fol. 351.

to por cierto : pues con el mismo se poderia negar la existencia de casi quantos hombres illustres tuvo la antigüedad. Quien ha havido , en cuyas acciones , y circunstancias concuerden , sin discrepancia alguna , todos los Autores ? Notará finalmente sobre o quarto , que não será motivo este bastante , para dissentir positivamente á quanto hallamos escrito das Luzes perpetuas , como de aquel Heroe Alexandro ; porque aunque ninguno de ellos (Plutarco , Arriano , y quinto Curcio) fue testigo de sus hazañas , ni alcanzo a los que lo fueron , se debe creer , que las participaron de otros escritos anteriores , que oy no existen. E agora estimo muito o ter visto , e notado estas tão notaveis , e não ley se notadas contradicções do Reverendissimo Padre Feyjoo , com que elle pretende (esquecido do que escreveo) defender no mesmo Tomo com os mesmos , e identicos fundamentos humas conclusões contrarias ; porque com estas contradicções me livro dos vossos , e respondo aos seus argumentos. Não pôde Feyjoo apagar as *Luzes perpetuas* ; sem eclypsar juntamente as *Glorias de Hespanha* ; porque com as mesmas razões com que pretende elogiar Hespanha , com a fama dos seus antigos , mas não fabulosos Heroes , intenta tambem extinguir , como fabulosas , as antigas *Luzes perpetuas* ; e não pôde apagar as *Luzes* , sem escurecer tambem as *Glorias* ; porque as razões , com que defende as *Glorias* , ficão sendo sem razões para impugnar as *Luzes* ; e quando as *Luzes* estejaõ bem impugnadas , ficão as *Glorias* mal defendidas ; mas como interessa mais nas *Glorias de Hespanha* , do que no eclypse das *Luzes* , estimará agora , que sem embargo das suas objecções se conservem accezas as *Luzes perpetuas* , para que estes

tes argumentos não deixem as *Glorias de Hespanha* eclypfadas.

Agora me haveis de conceder, que se duvidais das Luzes inextinguiveis, que sempre a incorruptibilidade dos corpos, que com ellas se acharão inteiros, e sem nenhuma corrupção, prova a grande antiguidade da *Chymica*; porque esta Arte com o espirito de vinho bem retificado conserva incorrupto dentro de hum vidro qualquer animal morto. Nisto me ha de conceder Feyjoo, que exceedia já os *Chymicos* antigos aos modernos, por ser reservado só à veneravel antiguidade o segredo, com que os Egypcios embalsamavaõ os corpos, para preservallos da corrupção. Era aquella confeição, ou Mumia Egypciaca, como diz Feyjoo, de muito mayor efficacia, do que as que agora se usaõ; porque o effeito das modernas apenas chega a dous, ou tres seculos; e o das antigas durava por milhares de annos. Os descendentes dos antigos moradores da Ilha de Tenarife, chamados *Guanchas*, ou *Guanchios*, guardaõ, segundo refere Bluteau, com grande veneração os cadaveres de seus mayores, tão perfeitamente embalsamados, que estaõ frescos, e inteiros; vem-se em differentes concavidades huns em pè, outros deitados sobre taboas de certo pào incorruptivel; tem os olhos fechados, bem arreigados ainda os cabellos, orelhas, nariz, dentes, beiços, e barba no seu estado natural, algumas rugas na pelle, e só a cor não he como a da gente viva. O segredo, conclue o mesmo Author, deste admiravel balsamo se perdeu com a morte das pessoas da familia, que unicamente o tinha. Porisso nenhuma comparação tem

Feyjoo Tom.
4. Discurs. 13.
12. §. 25. num.
65. fol. 31 1.

Bluteau Vocab.
Tom. 8.
fol. 91.

o espirito de vinho, que preparão agora os *Chymicos* modernos, com o licor, que faziaõ os *Hermeticos* do Egypto, entre os quaes era sabido o invento da *Chrysopeia*, e *Argiropoia*. Com este licor se conservou inteiro, e incorrupto o cadaver de Tullia filha de Cicero; porque como escreve Mercurio Italico referido pelo Padre Soares, descobrindo-se o seu cadaver no Pontificado de Paulo III. 1500. annos depois da sua morte, estava depositado em huma caixa de marmore, nadando em hum admiravel oleo, que conservava o corpo inteiro, o rosto illeso, fermosissimo, e com as cores, e aletos de vivo, os cabellos louros, atados, e entranfados com hum circulo de ouro, e aos seus pès estava ardendo a Luz inextinguivel, que o ar apagou de huma vez para sempre, como a morte tinha eclypsado aquella fermosura por toda a eternidade, onde estará sem fim às escuras, por lhe faltar como a Gentia a Luz perpetua.

ENODIO. Quando o vosso discurso não prove a verdade das Luzes inextinguiveis, sempre mostra com evidencia a antiguidade da *Chymica*; porque com as Mumias, e balsamos conservavaõ os *Hermeticos* antigos os cadaveres incorruptos. Porém ainda me fica o escrupulo, de que não fallaõ na *Chymica* as palavras de *Hermes*. São tão universais, e transcendentas as palavras deste Philosopho, que tanto servem para os *Chymicos*, como para os *Lavradores*, e com esta universalidade desfavorece muito o *Protho-Chymico* aos *Hermeticos*. E quando esta *Tabula* fora solido fundamento da sua doutrina; não falta quem negue, ou duvide, que esta obra seja de *Hermes*, porque se não acha nos seus Livros.

ENO-

ENODATO. Facilmente vos mostraria, que as palavras de *Hermes* se entendem especialmente da *Chymica*, e não da *Agricultura*, se essa fora a minha empreza, ou o fim da vossa curiosidade, porque mandaria vir da minha Livraria, que está tão perto como vedes, os doutíssimos *Commentarios* de *Kriegsmann*, e de *Dorneo*, ou a *Paraphrase* da *Tabula Smaragdina*, e com elles desvaneceria logo a vossa duvida a respeito da materia, que nella escreveo enigmaticamente o mesmo *Hermes*. Nem até agora consta com certeza, que *Hermes* não escrevesse a *Tabula Smaragdina* nas suas obras, porque nellas faltaõ muitos livros, e alguns que se divulgaraõ em seu nome, não são seus; sendo muito provavel, que não vulgarizasse nos livros os seus mayores segredos, como advertio o mesmo *Bennerto*: *Nam secretiora non semper cum reliquis edi solent*; porisso podeis crer com toda a certeza, que a *Tabula Smaragdina* he a *Pedra Lydia* de todas as opiniões, e dogmas *Chymicos*, e que são falsos, e contrarios da *Universal Medicina*, todos os dictames, que com ella não concordão, conforme diz o mesmo *Author*: *Quod falsa sint ea, & ab universali medicina aliena, quæ cum Tabula Smaragdina non conveniunt*. E daqui infere sabiamente *Santo Alberto Magno*, que *Hermes* foy a raiz donde brotou a *Chymica*; e accrescento eu, que a sua *Pedra Philosophal* he a base solida, em que se sustenta o edificio da *Philosophia Hermetica*, a qual se para alguns homens he *Pedra de Sisypho*, ou *Pedra de Escandalo*, ou *Pedra Reprovada* pelos edificadores, por fim como esta ultima *Pedra* he coroa dos homens sabios, e entendidos. Esta he a razão, por-
Cij que

que o Insignissimo, e Excellentissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes chamou em huma occasião na minha prezença à *Pedra Philosophal Sebastianismo da Philosophia*; porque todos os homens de grande juizo são Chrysopeios, assim como os Heroes de grande entendimento são Sebastianistas.

§. III.

Proseguindo a mesma materia, da-se noticia de Hermes.

ENODIO. **E**Stão discretamente comparados os Sebastianistas, com os *Herméticos*; porque tanta duvida tem a existencia do *Lapis*, como a do Senhor Rey D. Sebastião, porque ambos estão encubertos. Porém deixando agora o *Sebastianismo*, em que não tenho duvida, dizey-me, quem foy este *Hermes* tão celebrado no Mundo, que chegou a escrever trinta e seis mil, quinhentos e vinte cinco livros, como li na Oração Dedicatória, feita à Livraria do Illustrissimo, e Reverendissimo Arcebispo de Lisboa D. Luiz de Sousa, por D. Raphael Bluteau, a quem por ter escrito tantos, e tão doutos volumes, podemos chamar Hermes Catholico?

ENODATO. Hermes Trismegisto foy hum grande Philosopho, e Medico do Egypto, de eterna fama, e incomparavel sabedoria; porque chegou a saber as tres partes da Philosophia do Mundo, como elle escreveu no numero duodecimo da sua *Tabula Smaradigna*: *Itaque vocatus sum Hermes Tris-*

Trismegistus habens tres partes Philosophiae totius Mundi; e declara a Paraphrase da mesma Tabula, que *Hermes* soubera as tres partes de toda a sciencia, e *Philosophia* do Universo : *Et propter hoc Hermetis Trismegisti nomine me appellarunt : cum habeam partes tres sapientiae , & Philosophiae Universi mundi*. Bastava para credito da sua grande sabedoria conhecer como tão famoso Theologo , conforme lhe chamão *Alapide*, e *Vieira*, que o mesmo Universo era hum Livro composto por Deos : *Universum est liber Divinitatis*. Os Phenicios lhe chamãrão *Tauto* : os Egypcios *Toyth*, ou *Touth* : os Gregos *Hermes* ; e os Latinos *Mercurio* ; porèm assim os Latinos, como os Gregos lhe puzeraõ o cognome de *Trismegista*, que he o mesmo, que trez vezes grande, ou trez vezes Mestre ; porque *Hermes Trismegisto* foy summo Sacerdote, Philosopho, e Rey, ou Rey, Sacerdote, e Propheta , que são as tres partes da Sabedoria do Mundo, que he o livro da Divindade, segundo escreve o mesmo Sennerto : *Unus Trismegistus est, sive quod summus Sacerdos, Philosophus, & Rex, seu ut aliis placet Rex, Sacerdos, & Propheta esset ; quod communi Graecorum, & Latnorum more summe excellentes ter, quaterque maxime, & beate appellantur*. Foy *Hermes* discipulo de Noacho, Mestre de Camephon, Legislador, e Mestre de todas as Sciencias do Egypto , como refere Cicero, as quaes segundo escreve Beroso, tinha Abraham communicado aos Sacerdotes Egypcios, porque antes do grande Patriarcha entrar no Egypto, ignoravaõ todos a sciencia dos Astros, dos Numeros, e outras muitas. Floreceo este grande Philosopho no tempo de Isis, e de Otyris, como se co-

Alapide in Proem. & encom. S. Scriptur. Tom. 1. S. 1. n. 1. fol. 1. Vieira Tom. 5. num. 9. fol. 9.

22 *Enneea, ou applicação do Extendimento,*

lhe do que escreveu Diodoro Siculo no primeiro Livro, que vem a ser 2000. annos depois da criação do Mundo. Ainda que muitos Authores concordão, em que *Hermes* compoz trinta e seis mil quinhentos, e vinte e cinco Livros, os principaes forão, como diz Clemente Alexandrino, trinta e seis de Philosophia, e seis de Medicina, aos quaes ajuntarão outros Escreitores varios volumes, divulgados debaixo do nome de *Hermes*, querendo antes perder a gloria de Authores, do que ver sem estimação os seus livros. A estas injurias chama discretamente o grande Vieira as mais intoleraveis; porque se lhe deve o agradecimento. Por estas letras, e muitas virtudes moraes, e heroicas, com barbara, e superficial idolatria adorarão os Egypcios a *Hermes* depois da morte, como seu verdadeiro Deos da Sabedoria. Tão antigo he no Mundo o costume barbaro de adorarem os homens aos Sabios por Deoses das Sciencias, não em quanto vivos, senão depois de mortos.

ENÓDIO. Só hum Philosopho tão sabio, que soube as tres partes da Philosophia do Universo, podia escrever tantos livros, e inventar huma Arte, sobre que se tem escrito Livrarias. Agora estimarey saber de vós, se com ella possuhirão os Egypcios grandes remedios para conservar a faude, e dilatar a vida, como tambem mysteriosos arcanos para adquirir, e augmentar as riquezas, que são os dous principaes effeitos da Chrysopeia.

§. IV.

Da excellencia, e mysterios da Arte Magna.

ENODATO. **T**odos sabemos, que no Egypto chegou a Medicina à sua mayor perfeição, e pela faude, que logravão os moradores daquelle Reyno, vivião muito, e multiplicavão com tanto excessso, que para extinguir a geração dos Hebreos, ordenou Pharaò às parteiras Egyptanas, que nos partos lhes matasem os filhos varões; e porque estas mulheres por temor de Deos desprezaraõ o Real Decreto, mandou o Tyranno lançar os Innocentes no Rio : *Quidquid masculini sexus natum fuerit, in flumen projicite*; sendo este Barbaro tão semelhante a Herodes perseguidor tambem dos mesmos Innocentes, que entre o Herodes de Memphis, e o Pharaò de Hierusalém não houve mais differença, que affogar Herodes os Innocentes da Palestina em sangue, e Pharaò em agoa os Innocentes do Egypto; mas por justo castigo de Deos morreraõ depois, Pharaò no mar Vermelho, como affogado em sangue, e Herodes na Redinha affogado em agoa; porque ainda hoje lá se conserva sepultado no Rio.

E sobre a boa faude, e larga vida dos Egyptios, que devião abaixo de Deos à *Medicina Hermetica*, ninguém ignora, que *Hermes Trismegisto* inventou no Egypto os Hierogliphicos, como escreve Platao, os quaes sã os Philosophos, e Sacerdotes mais Sabios entendiaõ, e interpretavaõ. Debaxo do veo daquelles enigmas, e mysterios, he dei-

24. *Enneæ, ou applicaçaõ do Entendimento,*

deixou Hermes em testamento, ou herança, aquella recondita, e preciosa sabedoria, que foy o Potosi, donde tiraraõ os Egypcios tantas riquezas, como forão necessarias para edificar as Pyramides, Obeliscos, Labyrinthos, e soberbos Palacios, que foraõ maravilhas do Mundo, os quaes edificios pyramidaes eraõ de taõ segura architectura, que os não arruinou, nem destruhio o dilatado espaço de trinta seculos. Das Pyramides, que ainda hoje se conservaõ tres legoas do Graõ Cayro, as mayores são tres, que segundo a tradiçaõ daquelles Povos, foraõ edificadas por ordem de Pharaõ, perseguidor dos Ibraëlitas: a primeira para sua propria sepultura: a segunda para sua mulher; e a terceira para sua filha; porêm não logrou Pharaõ o descanço que esperava, porque no mar Vermelho deraõ as ondas a este Tyranno huma fluctuante sepultura. Na fabrica da mayor destas Pyramides trabalharaõ inutilmente vinte annos, trezentos, e setenta mil homens, que só em alhos, e cebollas, de que gostaõ muito os Egypcios, gastaõ mil e oito centos talentos, que importaõ em dous milhões de ouro; porque nem Pharaõ, nem sua mulher, nem sua filha, ou pessoa alguma, lograraõ a vaidade de serem os seus cadaveres sepultados neste soberbo Mausoleo. Thevenot, que vio, e medio esta prodigiosa Pyramide, diz, que he quadrilatera, e por onde começa a sahir da terra, tem mil e duzentos e sessenta passos de circuito. Todas as pedras de que se compoem, tem tres pès de alto, e cinco, ou seis de comprido, e cada pedra destas forma hum degrão sacado, que por todos são duzentos e oito, desde o alicerce até o remate, que pare-

parecendo cá debaixo agudo, tem no alto hum plano de pedra, em que pòdem caber quarenta pessoas. Nesta Pyramide hà huma camera, em que està hum tumulo vazio, feito de huma pedra inteiriça, e semelhante a porfido; mas quando nelle estiverão depositadas as cinzas de Pharaò, ou de algum outro Monarcha, sempre estaria vazio o sepulchro; porquè nenhum lugar occupa depois da morte a vaidade. He porèm digno de reparo, que sendo as Pyramides do Egypto huma das sete Maravilhas do Mundo, sejaõ hoje de todas ellas a unica, que posta em pè hà mais de tres mil annos, triumphá, e triumphará por muytos seculos de todas as injurias do tempo; porque como as Pyramides entre os Egypcios eraõ o symbolo da vida humana, que da baze da infancia sempre se vão attenuando até o ultimo ponto, que he a morte, por cuja razão ainda hoje se levantaõ Pyramides nos Mausoleos, para significar a continua extenuação da vida, e no Egypto foraõ edificadas as Pyramides com Ouro-feito pela Arte *Chymica*, ainda hoje està apregoando com mudas vozes, e lingoas de pedra aquelle symbolico pregoeiro de marmore, que a *Chrysopeia* de Hermes, senaõ eterniza, dilata tanto a vida, como as suas Pyramides, sem saltar nunca dinheiro a quem possuir este arcano, para fazer aquellas, e outras mayores maravilhas; sendo a mais plausivel de todas, acharem-se depois de tão dilatado tempo os Mausoleos, e tumulos dos *Hermeticos*, tão desnecessarios, como vazios. Tanto viviaõ, e tão opulentos eraõ os Egypcios possuidores da *Chrysopeia*, que ainda no tempo do Emperador Diocleciano, como refere Suidas, era tão certa; e constante

D

tante a fama do muito Ouro, que pela *Chymica* se fazia no Egypto, que por temer Diocleciano a sublevação de hum Povo tão rico, e vigoroso, lhe mandou queimar os livros, que tratavaõ da *Chrysopeia*, para evitar com este incendio a duração, e rebelião de tão poderosos, e robustos vassallos.

ENODIO. Todos os Tyrannos são ambiciosos da vida, e da riqueza; e principiando pela riqueza: Marco Antonio, estando na Asia, poz duas decimas no espaço de hum anno, a cuja exorbitancia respondeo o Povo, que estimavaõ muito, que elle tivesse authoridade para em hum anno duplicar a obrigação de lhe pagarem duas vezes tributos dos fructos da terra; porque tambem devia mostrar primeiro o novo poder, que tinha para fazer dous Estios, e dous Outonos dentro do mesmo anno, de que elles muito necessitavaõ para fazerem duas colheitas, e duas vindimas, tão necessarias para sustentarem a vida, e pagarem os tributos aonde reynavaõ Tyrannos, como Agamemnon, a quem Achilles com justa razão chamava devorador do Povo, os quaes de hum só beneficio, que cada anno lhe fazia a Natureza, queriaõ dous agradecimentos. Não ha nenhum Tyranno, que não imite o fabuloso Caronte, que contentando-se no principio com hum só Obolo, depois pedio dous, e finalmente quiz tres; porque todos poem tributos para tempo determinado, e não só se perpetuaõ, mas ordinariamente se augmentaõ, e multiplicaõ, ainda que os Estios, e os Outonos se não duplicaõ, e os fructos por andarem as terras cançadas, se attenuaõ. Quanto ao desejo de viver, e de dilatar a vida, temos hum admiravel exemplo em hum dos Dionysios

aylios Tyrannos, a quem serviaõ de Barbeiros suas filhas em quanto foraõ pequenas ; porque depois de serem grandes, não queria que usassem de navalha , ou da tesoura , e só com hum tição permitia que lhe chamuscassem os cabellos da cabeça , e com cascas de nozes accezas os da barba ; e à vista do referido , não podia a tyrannia de Diocleciano deixar de estimar muito huma Arte , que lhe podia dilatar a vida , como a duração das Pyramides do Egypto , e augmentar as riquezas , como por sua mão fazia Mydas ; por isso entendendo que o motivo de tão barbaro incendio seria experimentar Diocleciano , que com a *Chrysopeia* senaõ augmentava a riqueza , nem se dilatava a vida.

ENODATO. O Emperador Diocleciano , como cruel perseguidor da Igreja Catholica , ainda que estimava muito a conveniencia , e saude propria , tambem desejava destruir a vida , e utilidade alheya , como testemunhaõ tantos Martyres , que barbaramente condemnou à morte. E como o amor proprio lhe promettia larga vida , e não tinha como Emperador necessidade do Ouro , e Prata do Egypto , nem os *Hermeticos* lhe pagariaõ tributo daquella Prata , e Ouro , que fabricavaõ occultamente pela Arte: para evitar estes roubos , e a guerra , que lhe faziaõ com as suas riquezas , mandou Diocleciano buscar , e queimar no Egypto todos os livros *Chrysophilos* , paraque ignorando os Egypcios aquella Sciencia , não vissem tantos annos , nem possuissem grandes thesouros. Nem se pôde presumir , que o incendio das Livrarias *Chymicas* foy ordenado para castigar o engano dos *Hermeticos* , affirmando Suidas , que o Emperador as mandara queimar,

Dij

mar, por temer a guerra presente, e a sublevação futura dos poderosos, e riquissimos Egypcios: *Chemia est auri, & argenti confectio: cujus libros Dioclecianus conquisitos cremavit, propterea quod Ægyptij res novas adversus illum moliti fuerant, quos duriter, atque hostiliter tractavit: eodemque tempore libros de Chemia auri, & argenti ab antiquis scriptos conquisivit, atque incendit: ne deinceps Ægyptij arte illa divitias compararent, neu pecuniarum abundantia confisi, deinceps adversus Romanos rebellarent.* Repetivos as formaes palavras de Suidas, para que visseis, que a *Chymica* de que falla, era Arte não de fundir, mas de fazer Ouro, e Prata: *Chemia est auri, & argenti confectio*; e como com estas excessivas riquezas eraõ os Egypcios muito poderosos, não por compaixão do seu trabalho, e dispendio da sua fazenda, mas enfurecido, e escandalizado Diocleciano do que machinaraõ, e poderiaõ novamente intentar contra elle, e contra o Imperio Romano, lhes mandou queimar os livros *Hermeticos*, para secar, e esterilizar com as labaredas de fogo as Arvores da Sciencia, que no Egypto produziaõ fructos de Prata, e Ouro: *Libros de Chemia auri, & argenti ab antiquis scriptos conquisivit, atque incendit.* De maneira, que tão longe està de provar o incendio a falsidade da *Chrysopeia*, que antes he hum argumento, que a todas as luzes acredita a sua verdade.

ENODIO. Como ninguem duvidou atè agora da verdade de Suidas, não me atrevo a negarlhe o credito, ainda a respeito do que diz da *Chrysopeia*. Porém não posso entender como convertiaõ os Egypcios huma substancia em outra, transformando os metaes viz em Prata, e Ouro.

ENO.

ENODATO. Bem sabeis vós como bom Philosopho, que da potencia para o acto não val o argumento, que conclue do acto para a potencia; porque senão he o que pôde ser, pôde muito bem ser o que já he; e daqui se segue com evidencia, que se os Egypcios fazião Ouro, e Prata pela *Chymica*, como vós confessais, crendo a Suidas, que o podiaõ fazer, transformando huma em outra substancia, e transmutando os metaes viz em Prata, e Ou.o; porque do acto para a potencia val o argumento. E atè para estas transformações favorecia muito a Natureza daquelle Paiz à industria da *Arte Magna*; porque como por lição de Ibrahim escreve no seu Vocabulario o grande Bluteau, as mesmas terras do Egypto cada tres mezes se transformão. Tres mezes do anno são brancas, e resplandecentes, como Perolas: outros tres mezes são negras, como Almisca: outros tres são verdes, como Esmeraldas: e outros tres são amarellas, como Alambre, que he huma cor, que està muito perto de ser de Ouro; e com a mesma agoa do rio Nilo se transformão em doces os limões azedos. Mas se estas experiencias, noticias, e razões vos não convencem o entendimento, para ererdes na transmutação das substancias, e na transformação dos metaes, ouvi agora o mayor exemplo, que se pôde achar nesta materia, succedido ha muitos seculos no Egypto, como qual as conversões com infallivel certeza se provaõ.

No Paço, e na presença de Pharaõ, Rey do Egypto, converteo o Summo Sacerdote Aaraõ magnosamente em Serpente a Vara de seu irmão Moysés: *Verfa est in Colubrum*; e sendo logo chamados

Exod. 7. 10.

Exod. 7. 11.

mados por ordem do mesmo Rey todos os Sabios, e Feiticeiros do Egypto, para competirem à sua vista com os Hebreos, converterão tambem os Magos as suas Varas em Serpentes, não só por força de encantos, como Feiticeiros; mas tambem de alguns segredos Egypciacos, como Hermeticos: *Vocavit Pharão sapientes, & maleficos: & fecerunt etiam ipsi per incantationes Egyptiacas; & arcana quedam similiter. Projeceruntque singuli virgas suas, quae versa sunt in dracones.* Alguns Expositores, como Nissenio, Justino, Ruperto, e Tertulliano entendem, que as Serpentes dos Magos forão fantasticas; mas Santo Agostinho, Theodoro, Lyra, Abulense, Caetano, e outros com o Padre Cornelio Alapide affirmão, que forão verdadeiras Serpentes: *Veras hos Magorum fuisse dracones.* Não concordão tambem os Expositores no modo, porque os Magos fizeraõ esta admiravel conversão. Entendeo Caetano, que por arte do Demonio converterão os Magos as suas Varas em Serpentes, porque usando de cousas naturaes, e efficacissimas, podia o Diabo fazer esta conversão. E deixando agora em silencio a opiniaõ de Calvino, que não deve ser ouvida, como proposição de hum Heresiarcha blasphemo, tambem se não pòde sustentar a do Padre Alapide; porque segue que os Demonios trouxeraõ de outra parte as Serpentes, e com a subtiliza, e brevidade, com que fingem os prodigios, as puzeraõ no mesmo lugar, donde repentina, e imperceptivelmente tirãraõ as Varas: *Dico ergo daemones aliunde hos dracones adduxisse, eosque virgis subito, & imperceptibiliter subductis, earum loco substituisse.* Porém esta expozição não concorda com o sentido literal

literal do Texto, nem com a doutrina, 'que o mesmo Alapide deixou escrita neste lugar; porque o Texto Sagrado diz expressamente, que as varas dos Magos se convertêrão em Serpentes, sendo os mesmos Magos *Ipsi*, e não outros, os Authores desta conversão, que elles fizeraõ por força de encantos Egypciacos, e obra dos segredos da sua Arte: *Et fecerunt etiam ipsi per incantationes Egyptiacas, & arcana quædam similiter. Projecerunt que singuli virgas suas, quæ versæ sunt in dracones*; e accrescenta que a Vara de Aarão, que era a mesma de Moysés, como diz Alapide: *Eadem virga nunc Moïsis, nunc Aaronis, nunc Dei dicitur*, engulira as mesmas varas dos Magos: *Devoravit virga Aaron virgas eorum*; o que não diria, se fossem Serpentes, pôtas pelo Demonio no lugar donde tinha tirado as Varas; porque usando a Escriitura com verdade da figura chamada Metonymia a respeito do nome, que dà à Vara de Moysés, não poderia com verdadeira translação afirmar, que as Varas dos Magos foraõ devoradas pela Vara de Aarão: *Devoravit virga Aaron virgas eorum*; porque as Serpentes conduzidas àquelle lugar pelo Demonio, não eraõ, nem tinhaõ sido Varas dos Magos; porêm sendo Varas convertidas em Serpentes, e não Serpentes em lugar de Varas, podia o Sagrado Texto dizer, sem faltar à verdade, que a Vara de Moysés, não pela Serpente que era, senão pela Vara que fora, engulira as Varas dos Magos, não porque nesse tempo fossem ainda Varas, mas porque antecedentemente o tinhaõ sido, como com authoridade de Philo Hebreo, Santo Agostinho, Prospero, Ambrosio, e Caetano commenta Cornelio Alapide

de: *Virga, id est Serpens, in quem virga erat conversa, devoravit virgas, id est Serpentes, sive dracones, in quos virgæ eorum erant conversæ.* No prodigioso successo, pois, desta conversão, se deve agora notar, que os Feiticeiros, e os Sabios, que na Versão de Onkelos, e conforme o Texto Hebreo são Magos, todos foram chamados ao Paço, para que os Magos, como Boticarios, e Chymicos na versão dos Setenta: *Sophistas, & Pharmacos*, com os segredos da sua Arte: *Arcana quedam*; e os Feiticeiros com os encantos do Egypto: *Incantationes Egyptiacas*, fizessem huma conversão; em que a Arte Magica dos Feiticeiros, e a *Arte Magna* dos Sabios, competissem com a Omnipotencia Divina; porque erão tão poderolos os segredos daquelles Sabios, como os encantos daquelles Feiticeiros, em fazer transformações prodigiosas, por serem peritos nos segredos da *Chymica*, a que o Padre Alapide chama com razão Arte admiravel: *Sapientes hic vocantur rerum arcanarum, vel artis admirabilis periti.* Por serem estes homens tão peritos na Arte de transformar as substancias por meyo de certos segredos: *Arcana quedam*, foram igualmente chamados ao Paço, e introduzidos com os Feiticeiros, a competir com Moysés, e Aarão, porque pelo conhecimento, e experiencia, que Pharaõ tinha da Magica dos Feiticeiros, e da Sabedoria dos *Hermeticos*, tanto esperava a victoria da efficacia dos segredos, como da força dos encantos. Em quanto Deos permittio, e não impedio a força dos encantos, e a efficacia dos segredos, para ser mais illustre a sua victoria, como notou o Padre Alapide: *Hinc patet, quod Deus permiserit Magos tam mira operari, eo fine ut illuf-*

illustrior foret victoria sua; convertião os Magos; e os Magicos humas Varas mortas em Serpentes vivas, da mesma sorte que em Serpente convertêo Aarão a Vara de Moysés: *Versa est in colubrum: similiter versæ sunt in dracones*. E se os segredos dos Sabios *Hermeticos* do Egypto: *Arcana*, erão tão poderosos, que convertião humas Varas mortas em huns Dragões, ou Serpentes vivas: *Dracones*, como transformavão em Dragões as mesmas Varas os Feiticeiros do Egypto com os seus encantos: *Incantationes*; e isto com tanta propriedade, que a conversão das Varas em Dragões tinha toda a semelhança, com a que Aarão tambem fez da Vara de Moysés em Serpente: *Similiter*; mas só com a differença, de que os Magos transformaraõ as suas Varas em Dragões, fazendo com ellas a *projectão*, que do Texto não consta, que Aarão fizesse com a Vara de Moysés: *Projecerunt que singuli Virgas suas*: Bem se segue, que com os pòs chamados de *projectão* converterião estes Magos com mayor facilidade o Dragão vivo do Mercurio em huma Vara de Ouro; assim como em Ouro convertia, quanto tocava a famosa Vara de Mercurio.

ENODIO. Toda a fé devo dar a hum exemplo, provado com hum Texto de Fè, ainda que não fica sendo de Fè, mas engenhoso discurso a consequencia, que vòs subtilmente delle inferis; por isso estimàra ouvir algum exemplo natural, succedido fóra do Egypto; e provado não só com a razão, mas tambem com a experiencia.

ENODATO. Não permitem as leys da conversação responder sempre com dilatados discursos a huma breve pergunta; mas se vòs desejais

E

ver

ver esta materia disputada com todo o rigor Philosophico, aqui tendes huma Critica, que eu fiz contra o Reverendissimo Padre Athanasio Kircker, e com ella me parece, que ficareis de todo satisfeito. Porém sem agora me valer do que nella tão diffusamente tenho escrito, direy o mesmo com menos palavras. He tão certa esta verdade da transformação dos metaes em Ouro puro, e fina Prata, por virtude da *Argyropeia*, e *Chrysopeia*, que o grande Medico Daniel Sennerto a prova com experiencia: *Et si vero ea plurimis impossibilis videatur: testatur tamen contrarium experientia*; e depois de referir os exemplos de Arnolde de Villanova, Raymundo Lullio, Travisano, Paracelso, Sydonio, Boethio, Kelleo, Hoghelando, Libavio, Dinheim, Bernaudo, Penoto, Zwingero, e de outros *Hermeticos*, que fizeraõ verdadeiro Ouro pela *Chymica*, refuta doutissimamente a opinião contraria. Não diz, que a fôrma do Ferro se converte em fôrma de Cobre, nem a do Chumbo em Ouro; porém affirma, e defende, que se introduz a fôrma do Ouro, saltando a fôrma do Chumbo, e a do Cobre, morrendo a fôrma do Ferro: *Forma quidem ferri in formam cupri, & plumbi in aurum non vertitur; sed forma ferri, decedente forma cupri, & forma plumbi, decedente auri forma, introducitur*. Prova Sennerto esta sua doutrina, não só com a experiencia de humas agoas, que ha no Monte *Carpatho*, junto de hum Lugar do Reyno de Hungria chamado *Smolnicio*, que convertem o Ferro em Cobre: com as agoas artificialmente vitrioladas, que deixão no Ferro hum pô vermelho, o qual depois de fundido, fica Cobre perfeitissimo: e com o segredo

segredo de Rhenano, que transforma o Mercurio em Chumbo, mas tambem com os alimentos, que são especies perfeitas, e de fórmãs diversas, sem embargo da qual diversidade, e perfeição, se convertem em chylo, em sangue, em carne, em membranas, em nervos, e em ossos; tendo todas estas entidades diferentes fórmãs. E se a Natureza, e a Arte fazem estas conversões, porque não fará a *Chrysopeia*, invento da Arte imitadora da Natureza, outras muitas transmutações, principalmente sendo symbolicas?

ENODATO. Não tenho outra duvida contra esta vossa Philosophia, senão, que não havendo neste Mundo segredo tão occulto, que se não revele, ficasse impenetravel este segredo Egypcio a todas as Nações circumvisinhas, e com maior admiração aos Hebreos, vivendo tantos annos captivos no Egypto; e como não consta, que os filhos de Israel soubersem a *Chymica*, nem fizessem Ouro, ou Prata pela *Arte Magna*, daqui infiro eu, que nunca no Egypto se obrou cousa alguma com a *Chrysopeia*.

§. V.

Da Chrysopeia dos Hebreos.

ENODATO. Agora estimo muito não vos ter repetido a Etymologia, que o grande Bluteau escreveu da palavra *Alquimia*, para com ella vós provar, que os Hebreos aprenderão a *Chymica* no captiveiro do Egypto. *Alquimia*, ou *Alchimia*, diz elle, deriva-se, ou de E ij *Alchi-*

Alchimo, que segundo Libavio, fazia Ouro falso, ou de *Chime*, ou de *Cheme*, que conforme Salma-zio, foy o inventor desta Arte, ou se derive do artigo *Al*, e de *Cham*, filho de Noè, a quem alguns Chymicos fazem inventor da *Arte Chymica*, e accresceitão, que Moysès, e sua irmã Maria compuzerão Livros desta Arte; tanto assim, que em hum dos seis volumes do *Theatro Chymico* se acha hum pequeno Tratado attribuido à dita Maria irmã de Moysès. Outros seguindo a opinião de Vossio, derivaõ *Alquimia* do artigo *Al*, e do Grego *Chymistos*; mas segundo Bocharde, a Etymologia mais provavel, he, a que se funda na palavra Arabica *Chema*, que val o mesmo, que occultar, e de *Chema*, se tem feito *Chemia*, e accrescentandolhe o artigo *Al*, fica *Alchemia*, que quer dizer *Arte occulta*, e esta he propriamente a de converter qualquer metal em Ouro; que se ha tal Arte no Mundo, he na realidade tão occulta, que ou todos a ignorão, ou nenhum dos que a sabe, a manifesta. Segundo os Mahometanos, conclue Bluteau, o inventor da *Alquimia*, ou *Chymica* foy Corè, a que elles chamão *Kiroun*, ou *Caroun*, ao qual com Dathan, e Abiron engulio a terra, e na opinião de alguns, de Moysès aprendeo Corè esta Arte.

Favorece esta opinião o Sagrado Texto; porque lemos nos Actos dos Apostolos, que Moysès fora erudito na Sabedoria dos Egypcios, e poderoso nas palavras, e nas suas obras: *Et eruditus est Moyses in omni Sapientia Egyptiorum, & erat potens in verbis, & in operibus suis*. Esta Sciencia, como declarou Clemente Alexandrino por lição de Philo Hebreo, foy Grammatica, Arithmetica, Geometria,

Act. 7. 22.

metria, Poesia, Musica, Mathematica, Medicina, e a *Philosophia Hermetica*, escrita mysteriosamente nbs seus Hieroglificos : *Philosophiam, quam in literis ostendunt hieroglificis*; por isso Moysés foy tão insigne, e tão poderoso *Chymico* nas operações dos Egypcios : *In operibus suis*, que com a sua grande Sciencia, e com a actividade do fogo, instrumento principal dos *Hermeticos*; reduzio a pô subtil o Bezerro de Ouro, que pela Arte fundio tambem Aarão : *Formavit opere fusorio*; ficando este pô de Ouro tão dissoluvel, que o beberão desfeito em agoa os filhos de Israel : *Arripiensque vitulum, quem fecerant, combussit, & contrivit usque ad pulverem, quem sparsit in aquam, & dedit ex eo potum filiis Israel*. He certo, que esta dissolução de Ouro naturalmente se não podia fazer sem o Espelho Ustorio, ou Parabolico, ou grande Sciencia *Chymica*; porque hoje nenhum Artifice pôde queimar Ouro, e reduzilla a pô subtil, que se possa dissolver, sem ir ao fundo, a que o Texto Sagrado com grande energia chama espalhar na agoa : *Sparsit in aquam*; senão usando do referido Espelho, que ha poucos annos inventou Monsieur Vilhete, ou chegando a descobrir como Moysés o segredo da *Arte Magna*, sem o qual por nenhum modo se pôde queimar, e pulverizar o Ouro, como diz Sennerto: *Dicitur quidem, (Exod. 32. v. 20.) ipsum vitulum illum ab Aarone conflatum igne combussisse, & in pulverem contrivisse, ac in aquam projecisse; quod sine Chymico artificio factum non esse nonnulli statuunt: cum aurum per se nullo modo comburi, & in pulverem redigi possit; e-ninguem farà Ouro potavel, de forte que se dissolva, e não vâ ao fundo, mas fique como espalhado no licor,*

Clem. Alexandrin.
Strom. lib. 1.

Exod. 32. 4.

licor para se beber em agoa : *Sparsit in aquam, & dedit ex eo potum*, se não for tão perito, como foy antigamente Moysés nas obras, e operações dos Egyptios : *In operibus suis*; porque o Ouro potavel, que no seculo passado fez pela *Chymica* o insigniſſimo Schrodero, aindaque não deſcia ao fundo, não ſe encorporava, ou eſpalhava, mas nadava à tona da agoa : *Sed & mihi fors favit, ut oleum rubicundissimum aquæ supernatans, ex auro elicuerimus*; e como Moysés pela *Arte Hermetica* fez, ou deſfez Ouro, que em agoa ſe eſpalhava, encorporava, e bebia, às obras da ſua Arte : *Operibus suis*, devemos attribuir eſta admiravel diſſoluçãõ, e não aos milagres da Omnipotencia Divina, os quaes Deos, como enſinaõ os Theologos, não coſtuma fazer ſem neceſſidade. Por eſta razão não conſta do Sagrado Texto, que a diſſoluçãõ do Ouro foſſe milagroſa como declara, que foy prodigioſa a converſãõ da Vara em Serpente : *Versa est in Colubrum*; dizendo expreſſamente, que Moysés queimara, e pizara : *Combussit, & contrivit*, ou como lê o Texto Hebreo, moera, e reduzira a tenuiſſimo pò o Bezerro de Ouro : *Moluit usque ad tenuitatem*; porque moer, e pizar depois de queimar o Ouro, para com o instrumento do fogo, e obra de mãos o reduzir a pò, e fórma potavel, mais parece obra da Arte, do que milagre da Omnipotencia.

Commentando eſte lugar o doutiſſimo Padre Cornelio Alapide, e não vendo neſta operaçãõ nenhuma circumſtancia, por onde entendefſe, que era milagroſa, reconhecendo como ſabio a grande difficuldade de fazer Ouro em carvão, para ſe moer,

moer, e desfazer em pò, que se podesse beber em agoa, attribuhio este prodigioso effeito à virtude, ou mistura de certas hervas, com que Moysés fundio no fogo o Bezerro de Ouro, para mais facilmente o fazer em carvão, e desfazer em pò: *Conjecit vitulum in ignem, certis admistis herbis, ut liquaretur in massam, & quasi in carbonem redigetur: Moses carbonem illum, vel massam igne extractam contudit, & contrivit in minutum pulverem.* Notay vòs agora esta expressão do Padre Alapide: *Massam igne extractam*; porque conformandose com o sentido literal do Texto, não só confessa, que Moysés fizera esta operação com o fogo, mas declara, que do fogo sahira o Ouro em fôrma de extracto: *Massam igne extractam*; e os extractos principalmente dos metaes, ninguem ignora, que são operações da *Chymica*. He certo, que Moysés fez esta dissolução do Ouro; e tambem he certo, que só pela Sciencia *Hermetica* o podia dissolver, não fazendo esta obra por milagre; e como não se deve admittir milagre entre os naturaes instrumentos de fundir, e triturar, que conforme diz o Texto, e sabem os *Hermeticos*, pòdem calcinar, e pulverizar o Ouro, necessariamente havemos de admitir, que pela Sciencia *Hermetica* reduzio Moysés a pò o Bezerro de Ouro.

He porèm verdade, que depois que os Israélitas beberão aquelle Ouro desfeito em agoa, succedeo no Deserto hum grande prodigio, segundo affirmaõ os Doutores Hebreos na Glossa ordinaria deste Texto, como se pòde ver em Nicolao de Lyra, o qual foy sem duvida effeito milagroso da Omnipotencia de Deos; porque os innocentes
acha-

- acharão a bebida doce, e não lhe fez nenhum dano; excitando pelo contrario dores, e intumescencia aos Idolatras, aos quaes tingio tambem a barba com a cor do mesmo Ouro; e por estes prodigiosos sinaes foraõ conhecidos os delinquentes; e degollados à espada pelos Levitas, capitaneados por Moysés. E daqui se segue, que sendo a sabedoria de Moysés tão grande, que do seu espirito, ou talento tirou Deos, a que repartio por Setenta Varões para saberem governar o Povo Hebreo: *Auferens de Spiritu, qui erat in Moyse, & dans septuaginta viris*; ainda era mayor esta sua sciencia, ajudada com os milagrosos soccorros da Omnipotencia Divina, que Deos lhe communicou, quando lhe mandou empunhar a prodigiosa Vara, cujos milagres affombrarão o Egypto: *Virgam quoque hanc sume in manu tua, in qua factururus es signa*. E não me digais agora, que ainda que Moysés sabia a *Philosophia Hermetica*, não tinha no Deserto os instrumentos necessarios para fazer operações *Chymicas*; porque do sagrado Texto consta expressamente, que no Deserto fizera Moysés por mandado de Deos a Serpente de Metal: *Fecit ergo Moysen Serpentem aeneum*; como tambem o Candelabro, Propiciatorio, Cherubins, Coroas, Campainhas, Thuribulos, Phialas, Alampadas, Vasos, e outras cousas de Ouro, para serviço do Santuario; e no mesmo Deserto formou Aarão o Bezerra de Ouro, pela Arte, que não ignoravão os Hebreos., antes que Deos revelasse a Beseleel a Sciencia necessaria para excogitar, e fazer todas as obras de Ouro, que fossem necessarias para o Tabernaculo, e Santuario. Finalmente não só no *Theatro Chymico* se affirma, que

que Maria irmã de Moysés foubra , e escrevera da *Arte Magna* ; mas também Isaac Caufatono certifica , que na Livraria d'ElRey de França se acha hum Livro da *Chrysopeia* ; com o titulo de *Ars Sacra* , escrito por esta Prophetiza , no qual ella cita , e louva muito a *Hermes* ; donde se colhe com certeza , que de *Hermes* aprenderão os Egypcios a *Philosophia Chymica* , e que dos Egypcios passou aos Hebreos a noticia , e Sciência da *Arte Magna*.

ENODIO. Não convence o vosso discurso o meu entendimento , porque me lembro dos exorbitantes tributos , que Salamaão , e Roboaão seu ambicioso filho , lançaraõ , ou impozeraõ ao Povo de Israel , e de Judá , os quaes de tal sorte vexaraõ os seus vassallos , que por não poderem soffrer jugo taõ peizado , acclamaraõ a Jeroboaão por seu Rey , negando a Roboaão a obediencia , b que não succederia na Palestina , se entre os Hebreos se praticasse a *Arte Magna* ; porque nem os Reys lançariaõ taõ grandes tributos sobre o Povo , nem os seus vassallos se rebellariaõ contra elles , por não terem dinheiro com que os pagar.

§. VI.

Da Arte Magna de Salamaão

ENODATO. **N** Unea lestes em Seneca , que Alexandre Magno desejara mais , depois de ser Senhor de tudo : *Inventus est , qui aliquid concupisceret post omnia* ? Pois também Salamaão , depois de possuir muito , poderia querer

F mais,

mais ; porque os homens ambiciosos , e ricos são como os hydropicos , a quem não satisfaz a sede toda a agoa do Rio da Prata , nem todas as correntes do Ouro. Foy Salamao o mais sabio , e o mais rico homem , que houve no Mundo ; porque ninguém o excedeo na riqueza , nem igualou na sabedoria : *Dedit tibi cor sapiens , & intelligens in tantum , ut nullus ante te superis tui fuerit , nec post te surrecturus sit.* O Padre Hieremias Drexellio , da Companhia de JESUS , fazendo a conta ás grossas rendas de Salamao , ainda que as limita a sessenta milhões de Ouro , não duvidou escrever , que nenhum Rey , ou Imperador , exceptuando o da China , teve , ou tem de renda tanto dinheiro ; e o Padre Athanasio Kircker , da mesma Companhia , averiguando melhor o que possuia Salamao , reduz toda a quança a oitocentos e sessenta e dois milhões de Ouro. Ponderando o mesmo Drexellio a grande opulencia deste Monarcha , disse com muita razão , que sendo riquissimos os Cyros , os Sardana-palos , os Darios , e os Cressos , podião estes Reys pedir esmola á porta de Salamao : *Cyras , Sardana-palos , Darios , Cressos , fuisse divites non negamus , sed poterant hi Reges mendicare ad fores Salomonis.* Com estas riquezas edificou Salamao o Templo em Hierusalem , que foy a obra mais sumptuosa , e magnifica , que vio , e admirou o Mundo , em que gastou , segundo refere o Abbade Fleuri na Historia dos Hraelitas , cento e oito mil talentos de Ouro , e hum milhão , e dez mil talentos de Prata , como consta do Paralipomenon , os quaes reduzidos a moeda Franceza , fazem o computo de mil , seiscentos , e sessenta e nove milhões , seiscentas sessenta e oito

Drexell. tom.
4. cap. 5. de
Salomon. §. 1.
vers. Lyfan-
der fol. 871.

oitto mil libras, e alguma coisa mais, que não seria pouco; porque cada libra de França, se me não engano, são dous tostões da nossa moeda. Com estas riquezas, não só fez o Altar, Mesa, dez Candelabros grandes, dez mil Candelabros pequenos, dez mil Mesas pequenas, e outras muitas coisas de Ouro, e cubrio o Oraculo de Ouro, o Altar do Oraculo, os Cherubins, o pavimento, e tudo o mais, que havia no Templo: *Operuitque omnia luminis aureis*; mas deu liberalmente para serviço do culto Divino grande quantidade de Ouro, e Prata, porque conforme escreve Josepho, havia no Templo de Ouro lavrado, e moído, oitenta mil Calices, ou copos grandes, cem mil Ambolas, oitenta mil Pratos, sessenta mil Taças, vinte mil Thuribulos, vinte mil Jarros, vinte mil trombetas, vinte mil medidas, dez mil Castiças, e duas vezes outra tanta Prata; e por todos eraõ os vasos de Ouro quatro centos e vinte mil, ainda que Vilhalpando augmenta este numero a seiscentos e sessenta mil, mas de qualquer modo, que se faça esta conta, não tem hoje tanto Ouro toda a Europa, e toda a Asia, como diz o Padre Drexellio: *Omnis Europa, & Asia, hanc auri molem hodie non representet*. Com estas riquezas edificou Palacio na Corte, Casas de prazer, e de recreação no monte Libano, aonde não fallando no delizioso, havia tanto Ouro, que não só a baixella, e serviço do Paço, e do Retiro, escudos, e lanças, eraõ de Ouro purissimo, mas por ser tanta a Prata, como eraõ as pedras, não tinha estimação, nem valor na Casa, e no reynado de Salomão: *Non erat argentum, nec alicujus pretij putabatur in diebus Salomonis*. Fecit-

Reg. 3. 6. 35.

Drexel. tom.
4. cap. 10. de
Salom. fol.
881.

Reg. 10. 21.
27.

Fij

que

44. *Ennea, ou applicação do Entendimento,*

que ut tanta esset abundantia argenti in Hierusalem, quanta & lapidum : com estas riquezas tinha taõ grande Estado, que só as Damas, filhas de Principes, e Monarchas, que tinhaõ o nome, e estado de Rainhas, eraõ setecentas, e com trezentas, que tambem eraõ mulheres de Salamaõ, mas de inferior hierarchia, faziaõ todas o numero de mil : *Fueruntque ei uxores quasi Regina septingentæ, & concubinae trecentæ*. Assim expõem este Texto o Padre Alapide, apartandose da intelligencia que S. Hieronymo dà ao nome de concubinas : *Reginae vocantur primariæ uxores, quæ Regum, & Principum erant filia, ideoque regio cultu, & nomine utebantur : concubinae erant secundariæ uxores, utpote plebeia*.

Drexell. tom. 4. cap. 3. de Salomon. fol. 904. O Padre Drexellio, fazendo com grande moderação a conta ao numero das Donas, Damas, Ajas, e outras criadas, que haviaõ de servir no Paço a estas mil Rainhas, e assignando a cada huma das setecentas Rainhas seis criadas, e tres a qualquer das trezentas Concubinas, diz, que por todas faziaõ o numero de cinco mil, e quatrocentas mulheres, limitado numero de pessoas, aonde sem duvida seria muito mayor o fausto, e a pompa. Salamaõ, que tudo isto vio, porque o tinha dentro em casa, não se atreveo a fazerlhe a conta, diz

Cantic. 6. 7. sómente que não tinhaõ numero : *Adolescentularum non est numerus*. Os coches de Estado, que serviaõ a Salamaõ, e a toda a Familia Real, e os que estavam prevenidos para a guerra, eraõ doze mil : *Et currum, equitumque duodecim millia* : os cavallos, repartidos por quatro mil Cavallariças, eraõ quarenta mil, que serviaõ para tirar pelos coches, carroças, e carros, destinados para o serviço do

Tem-

Templo, e da Casa Real: *Et habebat Salomon quadraginta millia praesepia equorum curriliam; hoc est, habuit 40. millia equorum in praesepis*; commenta, e prova o Padre Alapide com as palavras do Paralipomenon: *Habuit quoque Salomon quadraginta millia equorum in stabulis*; e os cavallos da Pessoa Real, e outros de manejo, e cavallaria, eraõ doze mil: *Et duodecim millia equestrium*. Por este modo, explicastes termos o mesmo Alapide: *Curriles equi vocantur, qui currus trahunt, equestres qui equitem sustinent*; e o numero dos Ministros, Officiaes, e criados, que serviaõ a Salamaõ, com tanta ordem, grandeza, e magestade, era taõ extraordinario, que admirou, e pasmou a Rainha Sabã. Todas estas, e outras muitas riquezas, que Salamaõ possuhia, deveis agora notar, que naõ eraõ rendas do seu Reyno, como se vio por experiencia nos seus antecessores, e successores, nem as conquistou pelas armas, como adquirio muitas seu pay David, nem as tirava de seus vassallos com tributos exorbitantes, nem as roubava aos estrangeiros com violentas oppressões; porque nem elles tinhaõ tanto Ouro, para fazerem a Salamaõ taõ rico; e consta certamente, que este Monarcha naõ usou destes meios para ser opulentissimo, como escreve o Padre Drexellio: *Subiectos sibi populos Rex Salomon exactionibus non exausit, non oppressit, non vi blanda spoliarvit. Omnes sub illo Hebrei fuerant opulenti, quique sub sua fide, & vite, suaque sorte vivebat contentissimus; sed nec exteris gentibus, & alienigenis erat gravis*. Taõ longe estava Salamaõ de empobrecer os seus vassallos, para com a sua pobreza se fazer rico, como fazem muitos, impondolhes intoleraveis

Reg. 3. 4. 26.

Paralip. 2. 9.

25.

Reg. 3. 4. 26.

Drexell. tom. 4. cap. 6. de Salomon. §. 1. ver. Ita. fol. 872.

Drexell. tom.
4. cap. 7. de Sa-
lomon. §. 1.
fol. 874.

raveis tributos, que mandava abrir os seus thesouros, e repartir o que estava nelles, por todos os seus vassallos, para que todos negociassem com a fazenda Real, e não fossem pobres, conforme diz o mesmo Author: *Aperuit Salomon aeraria, eaque in suos cives potissimum deplevit, deditque causam regias opes lucrificandi.* E como nem dos vassallos, nem dos estranhos, nem dos rendimentos do seu proprio Reyno, tirava Salamaõ tão immensas riquezas, como se vio nos seus antecessores, e luc cessores, que exceptuando David, todos os mais foraõ pobres, não aos rendimentos do Reyno, mas à grande sabedoria de Salamaõ devemos attribuir tão extraordinaria riqueza; porque a opulencia de Salamaõ, não sendo renda do seu Reyno, tributo do seu Povo, nem despojo do seu inimigo, só podia, não sendo milagre, ser prodigio naturalmente obrado pela sua incomparavel sabedoria.

No Capitulo terceiro do terceiro Livro dos Reys, tereis lido muitas vezes, que Salamaõ pediu a Deos, não riquezas, mas docilidade para governar o seu Povo: *Dabis ergo servo tuo cor docile, ut populum tuum judicare possis;* e offerecendo Deos a Salamaõ quanto elle lhe pedisse, e quizesse: *Postula quod vis, ut dem tibi;* não pediu muitos dias de vida, nem riquezas: *Non petisti tibi dies multos, nec divitias;* porèm assim as riquezas, como a sabedoria, concedeo liberalmente Deos a Salamaõ: *Sapientia, & scientia data sunt tibi: divitias autem, & substantiam, & gloriam dabo tibi.* Mas he digno de reparo, que sendo Deos tão liberal, e offerecendo a Salamaõ tudo quanto elle quizesse, e pedis-

Paralip. 2. 1.
12.

pedisse, dandolhe de presente tanta sabedoria, e sciencia : *Sapientia, & scientia data sunt tibi*, as riquezas não lhas deo logo, prometteo sim, que lhas daria no tempo futuro : *Divitias autem tibi dabo*. Fallando porèm Salamaõ destas riquezas, e sciencias, que recebeo da mão de Deos, confessa, que do Ceo lhe viera tudo igualmente com a sabedoria ; *Venerunt autem mihi omnia bona pariter cum illa*. Bem vejo, que estão oppostos entre si estes dous Textos, e que não pôde haver mayor difficuldade. Se Deos deo só a sabedoria, e prometteo de dar a Salamaõ a riqueza, como diz Salamaõ, que tudo lhe viera igualmente com a sabedoria? Porque tendolhe Deos infundido a sciencia desta Arvore, por mercè tambem de Deos colheo logo Salamaõ o fruto da riqueza; porque como diz o mesmo Salamaõ, a sabedoria he mãy de todos estes bens : *Quoniam horum omnium mater est*. Sap. 7. 11. Os bens de que neste lugar falla Salamaõ, são nomeadamente Ouro, comparado com area, e Prata, comparada com a terra : *Invocavi, & venit in me spiritus sapientie : praeposui illam regnis, & sedibus, & divitias nihil esse duxi in comparatione illius. Nec comparavi illi lapidem pretiosum : quoniam omne aurum in comparatione illius, arena est exigua, & tanquam lutum aestimabitur argentum in conspectu illius*. E com este espirito de sciencia adquirio Salamaõ tanta Prata, como as pedras, que são formadas do lodo da terra : *Tanquam lutum aestimabitur argentum*, e tanto Ouro com as areas : *Omne aurum in comparatione illius arena*; porque todas estas riquezas, ou todos estes bens eraõ frutos daquella Arvore da sciencia, com que não tem com-

comparação alguma nem a mesma PEDRA PRECIOSA: *Nec comparavi illi lapidem pretiosum*; e foram como filhos, ou partos da sua grande sabedoria, porque a sabedoria he a verdadeira mãy de todos estes bens: *Quoniam horum omnium mater est*; porisso como mãy precedeo aos filhos, e como arvore aos frutos, porque na ordem natural da producção dos frutos, e da geração dos filhos, a mãy vem primeiro, que os filhos, e a arvore, que os frutos; porèm como a arvore não produz em hum instante os frutos, nem a mãy gera em hum momento os filhos, mas paulatinamente os vão gerando, e produzindo, assim, diz Alapide, foy dando Deos pouco a pouco o muito, que elle diz tinha dado a Salamaõ: *Sed & hæc, que non postulasti, dedi, id est, dare decrevi, & illico sensim dabo tibi, divitias scilicet & gloriam*. Tudo isto disse com grande energia o mesmo Salamaõ, explicando-se mysteriosa, e profundamente em huma palavra: *Venerunt autem mihi omnia bona pariter cum illa*; porque o adverbio *pariter* tanto significa juntamente, como igualmente, e igualmente com a sabedoria deo a liberalidade de Deos a Salamaõ as riquezas, que juntamente com a sciencia lhe tinha dado, e promettido; porque conforme a igualdade da sciencia, adquirio Salamaõ a riqueza.

Todos os bens, que possuem os homens, são mercês de Deos; e todos alcançaõ estas mercês, como frutos da sua propria sabedoria, e conforme a igualdade, ou perfeição da sua sciencia; como diz o mesmo Salamaõ, que succede ao Lavrador sabio, o qual conforme a sabedoria com que cultiva, colhe da seara, o que perde o ignorante, por

Padr. Alapid.
comm. in lib.
3. Reg. cap. 3.
vers. 13. fol.
115.

por não saber fazer a tempo a lavoura : *Qui con-* Proverb. 10.
gregat in messe, filius sapiens est : qui autem stertit 5.
estate, filius confusionis ; e assim como o Lavrador
colhe frutos da terra , conforme a industria com
que cultiva : o Piloto tira utilidades do mar , con-
forme a sciencia com que navega : o Soldado ad-
quire riquezas na guerra , conforme o ardil com
que peleja : o Sabio descobre thesouros nos livros ,
conforme a diligencia com que estuda : o Medico
ganha com os remedios , conforme o acerto com
que receita : o mecanico grangea conforme a des-
treza com que trabalha ; e até o pobre junta com
os rogos , conforme a lastima com que pede. O Pa-
dre Hieremias Drexellio inferio destas palavras , que
Salamão tomou tambem para si o conselho que deo
a outros ; porque se valeo da sua grande sabedoria ,
para juntar tão immensas riquezas : *Quod aliis* Drexell. tom.
suasit Salomon, hoc ipse praestitit, opes immensas acer- 4. cap. 4. de Sa-
vavit, in quo maximum ei adjumentum fuit sapientia ; lom. fol. 868.
e esta Sabedoria prudentemente devemos crer , que
não foy outra senão a *Philosophia Hermetica* ; por-
que só a *Chymica* he a sciencia , com que Salamaõ
podia adquirir tantas riquezas. Incrível cousa pa-
rece , que fosse *Chymico* ElRey Salamaõ ; mas esta
mesma incredulidade he o mayor fundamento para
crermos , que por ser industrioso *Alchimista* , foy
riquissimo Monarcha.

Herdou ElRey Salamaõ nos thesouros d'ElRey
David caudalosas fontes de Ouro , e com possuir
tão immensas riquezas , pondera o Padre Drexel-
lio , que desenterrou muitos thesouros , augmentan-
do os descubertos , descobrindo outros de novo , ac-
crescentando os recebidos , ampliando os modera-
dos,

Drexell. tom. 4. cap. 5. de Salomon. §. 1. fol. 871.

dos, e propagando com industria, e sciencia incrível, os que lhe forão entregues : *Itaque Rex Salomon auri fontes à patre David relictos reperit, & plures effodit : inventis addidit, nova invenit, auxit accepta, ampliavit modica, commissa sibi propagavit industria, & sapientia incredibili;* mas se todos cremos de Fè, que Deos infundio em Salamão tão grande sabedoria : *Dedi tibi cor sapiens, & intelligens;* como pôde ser incrível a sabedoria industriosa d'El-Rey Salamão : *Industria, & sapientia incredibili?* He por ventura incrível, o que crê a nossa Fè? Não. Pois como pôde ser incrível a sabedoria, que a Fè nos ensina a crer? Porque nesta sabedoria, que cremos, ha outra sciencia incrível. E que incrível sciencia he esta, que se acha na sabedoria de Salamão, em que cremos? He a *Philosophia Hermetica* junta com a sua extraordinaria *Philosophia*. Ainda que todos crem, que Salamão teve sabedoria revelada, ninguém crê que soube, nem praticou a sciencia *Chymica*; porque não he de Fé, que fosse *Hermetico* o mesmo Salamão, que de Fè cremos, que foy Sabio; e desta sorte a respeito só da *Chymica* fica sendo incrível a sua sciencia, sendo de Fè a sua sabedoria. Porém a sabedoria com que Salamão industriosamente adquirio tantas riquezas pela *Alkimia*, por não ser de Fè, fica sendo como sciencia incrível : *Sapientia incredibili*. Os mesmos homens, que crerem, que Salamão teve esta incrível sciencia, facilmente me concederão, que foy *Hermetico*; e os que o não crem, devem confessar necessariamente, que foy *Chymico*; porque não tendo Salamão, como Rey de Israel, e filho de David que sendo Monarcha do mesmo Reyno, era pobre : *Pau-*
per

per sum ego,) outros meyoys para juntar tão im- Psalm. 87. v.
menhas riquezas, senão a sua industria, ajudada com 16.
a sua grande sciencia : *Opes immensas acervavit, in
quo maximum ei adjumentum fuit sapientia*; e tendo
esta sciencia, não a que devemos crer de Fè, se-
nãõ a que por falta de Fè he fabedoria; e industria
ingrivel : *Industria, & sapientia incredibili* : o mes-
mo será não crerem os homens, que teve Salamaõ
a fabedoria *Hermetica*, que ficarem obrigados a dar
credito a quem affirmar, que foy *Cbymica*; porque
esta crença he consequencia da incredulidade. Por
isso tanto que Salamaõ perdeu a sciencia *Hermeti-
ca*, ou humana, como elle mesmo confessa : *Sultis-
simus sum virorum, & sapientia hominum non est me-
cum*; e dizem concordemente Santo Agostinho,
S. Bernardo, S. Gregorio, e mais clara, e breve-
mente que todos Santo Ambrosio : *Salomon sapien-
tiam nec in principio, nec in fine possedit* : tambem
com a fabedoria perdeu os meyoys de adquirir pela
Alkimia tantas riquezas; porque possuindo entãõ,
como os seus antecessores, e successores, foy esse
pouco, que rendia o Reyno de Israel; e vexando
os Povos com intoleraveis, e exorbitantes tributos,
(unica sciencia dos Reys ignorantes) não foy não
era rico, mas era pobre, como refere Dréxellio :
*Salomon tot annulorum millionum dives, nihilominus
depauperatus est*; chegando pela sua grande pobreza
a tal miseria, que aquelle riquissimo Monarcha,
a cuja porta podião vir pedir esmola os Cyros, os
Sardanapalos, os Darios, e os Cressos, que forão
os Reys mais opulentos do Mundo, andava pelas
portas encostado a hum pão, e pedindo esmola,
conforme por lição, e tradição dos Hebreos, con-

Div. Ambros.
Apol. 2. pro
David. c. 6. e
7.

clue Drexellio : *Opinantur Salomonem ad incitas redactum, & baculo nixum mendicasse.* Ainda com Poemas Dramaticos senão representou nos Theatros do Mundo catastrophe mais certa, nem mais lastimosa, do que esta tragedia, que permittio a Providencia Divina representasse na Corte de Hierusalem, não menos que Salamao, subindo, e descendo sempre na roda da Fortuna.

Era Salamao aquelle bello mancebo, que na infancia foy educado com os mayores desvellos, e assistido com mayor cuidado, do que nenhum Principe do Mundo. Tinha o cabello moderadamente crespo, e de cor de ouro fino : os olhos erao esplendidos, e formosos, com que a todos via com agradável, e socegado aspecto : em hum rosto candido, e rubicundo, tinha as faces floridas, como affluencias misturadas com rosas, e os labios *tenuos*, e brandos, e tão rubicundos como os *Lyríos* de Syria : sahia da sua bocca hum alento de suavissimo cheiro, final de que os dentes erao muito alvos, e limpos : os braços erao bem formados, e ayrosos, e com humas mãos delicadas, macias, e tambem feitas, como se fossem torneadas ; porque os dedos erao compridos, e delgados : o peito era tao alvo como marfim, e a cintura delicada com gentil proporção : as pernas erao como columnas de candidissimo marmore, e com pés que pareciao bazes de ouro, com excellente medida proporcionados : era a estatura de todo o corpo direita, grave, e magestosa, a voz clara, e suavissima. Com esta gentileza era Salamao mais gentil homem, que nenhuma Dama, e com ser tão bello, era muy sabio, e summamente discreto, sem embargo de ser rico. Este he

te he o retrato , que do original dos Cantares copiarão Pineda , Saliano , e Alapide , mas toda aquella riqueza gastou a vaidade , toda aquella difficção emmudeceo a lascivia , toda aquella sciencia enfatuou a idolatria , toda aquella gentileza afeou o tempo , e toda aquella bizzarria eclipsou a morte , porque desappareceo a sua sabedoria , desappareceo a sua santidade , desappareceo a sua potencia , desappareceo a sua felicidade , desappareceo a sua gloria , desappareceo a sua saude , desappareceo a sua vida , e tambem desappareceo de sorte a alma de Salamaõ , que não sabemos certamente aonde appareceo : *Evanuit enim* , diz Alapide , *ejus sapientia , evanuit ejus sanctitas , evanuit ejus potentia , evanuit ejus felicitas , & gloria , evanuit denique sanitas , & vita præsens , utinam non eterna*. Este tão incerto voo , com que de entre tantas pompas fahio do Mundo a alma de Salamaõ , me faz lembrar , e repetir agora para vosso divertimento o Apotheosis , que era aquella pompa vã das supersticiosas cerimoniaes , com que os Emperadores , e Varões illustres erão collocados entre as falsas Deidades dos Antigos.

Morto o Emperador , toda a Cidade se vestia de luto , e depois de acabados os Funeraes com muita magnificencia , se deitava em hum leito de marfim huma figura de cera , que se parecia com o Emperador , a qual pelo espaço de sete dias era visitada pelos principaes Cavalheiros , e Damas Romanas , assistida juntamente de muitos Medicos , que de dia em dia hião encarecendo a enfermidade do Emperador , que por estar já fóra das suas mãos , e livre de tomar os seus remedios , não tinha o perigo , que lhe prognosticavão ; porèm como se ti-
nha

Alapide côm.
in lib. 3. Reg.
cap. 11. veri.
43. fol. 166.

nha ausentado para o outro Mundo, dentro de sete dias o hiaõ dispondo, para no fim do seteno o matarem em estatua. No oitavo dia finalmente vinhaõ ao Paço todos os Senadores, e Cavalheiros Romanos, e levavaõ o leito com a dita figura dentro atè a collocarem na praça, aonde havia hum magnifico estrado com outro leito, em que deitavaõ a figura de cera. A este espectaculo assistia o novo Emperador com os Pontifices, Magistrados, e Damas Romanas, e depois de huma pomposa Procissão atè o campo de Marte fóra da Cidade de Roma, subia o Emperador na Tribuna (a que chamavão das Arengas) e nella fazia o Elogio do defunto, e logo entregavaõ os Senadores este segundo leito nas mãos dos Pontifices, que o collocavão no segundo andar de hum machina pyramidal, em que depois de varias carreiras dos Cavalheiros Romanos, da Infantaria, e de muitos coches, guiados por cocheiros vestidos de purpura, o Emperador com hum brandaõ pegava o fogo na Pyramide, e depois de acceza, se soltava do mais alto della huma Aguia, a qual espantada das labaredas da machina ardente se remontava às nuvens, e segundo a opiniaõ do vulgo, arrebatava ao Ceo a alma do Emperador defunto. Assim creão os Romanos, que subiraõ ao Ceo as almas de Romulo, Julio Cesar, e do Emperador Claudio, do que se ri Seneca com muita graça, sendo Gentio; porque he muito para rir qualquer Philospho, mas para chorar todo o Christão, ver que de entre tantas pompas, com que os grandes vivem, e morrem, sahem as suas almas voando no fim da vida, e quando o Povo imagina, que sobem ao Ceo,

Ceo , como Aguias remontadas , sabe Deos para onde voão.

Nesta duvida está também a salvação daquelle Monarcha de Israel , não só idolatra , mas idolatrado Adonis da Corte da Palestina , e despenhado Phaetonte do mais elevado Solio da Fortuna. Foy no principio da sua vida admirado pela Sabedoria , logo invejado pela opulencia , depois aborrecido pela ambição , e finalmente ultrajado pela pobreza. Na morte , e fora já da jurisdição da Fortuna , anda Salamaão , como os que no Theatro do Mundo ainda sobem , descem , e poucos vezes paraão , impelidos com o movimento sempre inquieto da sua roda inconstante. Este he o indeciso problema das controversias dos Santos Padres , e das disputas dos Doutores Catholicos. Huns o salvão , outros o condemnão , e outros o duvidaão. Os Prosperos , Cyprianos , Gregorios , Agostinhos , Chrysostomos , Tertulianos , Isidoros , Bedas , Lyras , Abulenses , Veygas , Pereiras , e Bellarminos o precipitão , e metem no profundo do abyssmo. Os Hieronymos , Ambrosios , Cyrillos , Thaumaturgos , Rupertos , Pinedas , Salianos , Sanches , Barradas , Baccharios , Pinedas , Del-Rios , e Drexellios , o levantaão , e collocão no Empyreo ; e os Hugos , Panormitanos , Fevardencios , Pamelios , Lorinos , Vieiras , e Alapides nem resolvem , que subio ao Ceo , nem affirmão , que desceo ao Inferno. Huma das razões , porque Deos quiz fosse tão duvidosa , e incerta a salvação de Salamaão , foy como discorre o Padre Alapide , para que hum santo temor penetrasse a todos os homens , e os ensinasse a fugir das delicias , e pompas do Mundo , quali perigosos attractivos , que com caricias

Padr. Alapide
comm. in Ec-
cles. cap. 47.
vers. 22. fol.
976. & 977.

cias persuadem o peccado: *Hominibus incertam, & dubiam Salomonis salutem voluit esse Deus, ut omnibus metum incuteret, doceretque fugere mundi delicias, & pompas, quasi periculosas, & ad peccatum illices.* E por esta mesma razão me parece, que deixa a Es- critura tão incerto, e duvidoso o modo, com que Salamaõ adquirio com a sua grande sciencia tanta riqueza; porque não quiz Deos, que descoberto o segredo, arruinasse aos homens, como a Salamaõ; a opulencia; mas assim como he problema a salva- ção de Salamaõ, pôde tambem ser questaõ o modo porque foy rico. E da mesma sorte, que ha Expor- sitores que dizem, que Salamaõ se salvou, outros que se perdeo, e outros que o duvidaõ: pôde ha- ver outros, que affirmem, que as riquezas de Sala- mão eraõ rendas do seu Reyno, outros que assentem eraõ beneficios de Deos, e outros que digaõ que eraõ utilidades da sua *Chymica*.

§. VII.

Responde-se a huma objecção.

ENODIO. **S** Em embargo de tão erudito, e bom discurso, com que pretendeis pro- var, que Salamaõ adquirio tanta riquezas pela sua grande labedoria; vós não podeis negar, que a mayor parte desse Ouro, e Prata, que elle possu- hio, vinha de Tharsis, e de Ophir, aonde este Monarcha o mandava buscar, e conduzir a Hie- rusalem nas suas Armadas, como expressamente consta do Sagrado Texto. Primeiramente em Amon- gaber, perto de Ailath, nas prayas do mar Roxo, que

que fica na Provincia chamada antigamente Idumea, mandou Salamao fazer huma poderosa Armada, a qual com Pilotos Tyrios, e Phenicios, vassallos de Hiram Rey de Tyro, e com os criados, e Soldados de Salamão, partio para Ophir, donde trouxe para Salamao quatrocentos e vinte talentos de Ouro :

Misitque Hiram in classe illa servos suos viros nauticos, & gnaros maris, cum servis Salomonis: qui cum venissent in Ophir, sumptum inde aurum quadringentorum viginti talentorum, detulerunt ad Regem Salomonem. Nos annos seguintes continuaraõ estas expedições de Idumea para Ophir, com taõ feliz successo, que cada anno traziaõ as Frotas para Salamao seiscentos e sessenta e seis talentos de Ouro, que im-

portavaõ, segundo a conta do Padre Vieira, oito milhoes menos oito mil cruzados da nossa moeda: *Erat autem pondus auri, quod afferebatur Salomoni per annos singulos, sexcentorum sexaginta sex talentorum auri.* E sem fazermos agora menção do Ouro, que os Reys da Arabia, e os Principes da terra, mandavaõ por regalo a ElRey Salamao, nem tambem do que importava a negociação de seus Ministros, e rendiaõ os tributos, e direitos Reaes, por-

que tambem a Escriitura o não declara: *Excepto eo, quod afferebant viri, qui super vectigalia erant, & negotiatores, universique scruta vendentes, & omnes Reges Arabia, Ducesque terrae:* tinha de renda cada anno ElRey Salamão 16 na Frota oito milhoes da moeda Franceza, que são vinte e quatro milhoes de Florins, conforme a conta do Padre Alapide: *Quae faciunt octo milliones aureorum coronatorum Francicorum; exceptis octo eorundem millionibus: jam octo miliones coronatorum Francicorum faciunt 24. miliones*

Reg. 3. cap. 9.
verl. 27. 28.

Vieira Tom.
4. num. 449.
fol. 419.

Reg. 3. cap.
10. verl. 14.

Reg. 3. cap.
10. verl. 15.

Alapid. côm.
in lib. 3. Reg.
cap. 10. verl.
14. fol. 157.

H

flor.

florenorum Belgicorum. E com hum testemunho tão verdadeiro, como he o da Escriitura, e com tão effectivos meynos de adquirir riquezas, quaes são os direitos Reaes, tributos, regalos, e Frotas tão importantes, escusais de recorrer à Sabedoria de Salamão, para dahi inferirdes com pouco, ou nenhum fundamento, que este grande Monarcha fazia muito Ouro, e Prata pela *Chymica*, a qual vos concedo, que não ignorava Salamão, sendo tão sabio, e florecendo depois de Hermes Trismegistro seu inventor, que he o primeiro, a quem diz o Padre Alapide, que excedeo na Sabedoria: *Ut nullus ante te similis tui fuerit: Salomon ergo sapientia superavit non tantum Trismegistum, Orpheum, Homerum, Platonem, Solonem, Lycurgum, Aristotelem, omnesque Graecorum, Aegyptiorum, Chananæorum &c. Sapientes, utpote quorum sapientia fuerit studio acquisita, cum Salomoni fuerit à Deo immediate infusa; sed etiam Abraham, Moysen, Davidem, Adamum saltem post lapsum;* porque com este excesso de sciencia revelada não podia deixar de saber a *Philosophia Hermetica*, que por estudo, e grande especulação o grande Trismegistro tinha adquirido. He a *Philosophia Hermetica* sciencia, e Arte natural; e como Deos revelou, e infundio em Salamão o conhecimento de todas as Artes naturaes, e de todas as sciencias, como disse corre o mesmo Alapide: *Omnesque scientias, & artes naturales*, tambem lhe infundio a *Philosophia de Hermes*; porque não ha mayor razão para dizer Alapide, que Deos infundio em Salamão nomeadamente a Ethica, Politica, Physica, Medicina, Logica, Rhetorica, Poesia, Mathematica, e Architectonica, que não a tenha tambem eu à sombra da

Alapide côm.
in lib. 3. Reg.
cap. 3. vers.
12. fol. 115.

Padr. Alapide
comm. in lib.
3. Reg. cap. 3.
vers. 12. fol.
115.

da sua authoridade, para affirmar, que entre as de mais sciencias lhe revelou a *Philosophia Hermetica*, e entre as outras Artes a *Arte Magna*; porèm não he possivel, que practicasse esta Arte hum Monarcha como Salamaão.

ENODATO. Não vos pareça, que por acreditar a *Chymica* levantarey algum falso testemunho contra a verdade infallivel da Sagrada Escriitura. Conforme o sentido literal do Texto Sagrado, pos-
-tuhio Salamaão toda essa extraordinaria riqueza; mas não he contra o sentido, e verdade da mesma Es-
-critura, ponderar agora para provar o meu assumpto, que nem os antecessores, nem os successores de Salamaão forão tão ricos como elle; porque não falando nos antecessores, que forão Saul, e David; porque David confessa que era pobre: *Pauper sum ego*, e Saul todos sabemos que não foy rico: he certo, que ainda os mais opulentos successores de Salamaão erão tão pobres, que não tinhão nos seus thesouros duzentos mil cruzados, que se achão juntos na casa de qualquer homem de negocio. Invadindo Sennacherib, Rey dos Assyrios, o Reyno de Judà, e conquistandolhe todas as Cidades, temendo o Santo Rey Ezechias, que Sennacherib cercasse, e conquistasse tambem a Corte de Hierusalem, (como succederia depois, se Deos não soccorresse aquella Cidade, e ao seu Rey, mandando de noite hum Anjo em sua defeza, o qual matou cento e oitenta e cinco mil Assyrios, deixando com vida a Sennacherib para sua mayor confusão) e com os seus Vassallos o levasse cativo, como pouco tempo antes tinha succedido aos Israelitas, que todos forão transmigrados aos Assyrios; depois da conquista

Hij

quista de Samaria, mandou a Lachiz os seus Embaixadores, para que Sennacherib se retirasse com algum tributo, que lhe impuzesse; e para Ezechias pagar trezentos talentos de Prata, e trinta talentos de Ouro, (que segundo o mayor valor dos Talentos, que são seiscentos cruzados da nossa moeda, erão cento, e noventa e oito mil cruzados,) foy necessario exhaurir Ezechias os seus thesouros, e despojar o Templo de Hierusalem, para pagar o tributo imposto por Sennacherib : *Deditque Ezechias omne argentum, quod repertum fuerat in domo Domini, & in thesauris Regis. In tempore illo confregit Ezechias valvas Templi Domini, & laminas auri, quas ipse affixerat, & dedit eas Regi Assyriorum.* Não era Ezechias dos mais pobres, senão dos mais opulentos Reys de Judà, como se prova da vaidade, e jactancia, com que alguns annos depois deste successo, mostrou a Baladan, Embaixador de Berodach, Rey de Babylonia, os seus preciosos, e ricos thesouros: *Nihil est, quod non monstraverim eis in thesauris meis.* Tanto Ouro, e tanta Prata havia nestes thesouros, que diz o Texto Sagrado, que Ezechias era muito muito rico: *Fuit autem Ezechias dives, & inclitus valdè.* E com tudo era tão limitado o seu cabedal, que para pagar cento e noventa e oito mil cruzados a Sennacherib, foy necessario darlhe toda a Prata, que havia no Templo, e nos thesouros Reaes, a qual por não chegar à quantia de quasi duzentos mil cruzados, a completou Ezechias com algum Ouro do pouco, que já nesse tempo havia no Templo de Salamaõ: *Omne argentum, quod repertum fuerat in domo Domini, & in thesauris Regis: & laminas auri, quas ipse affixerat,*

Reg. 4. 18.
15. 16.

Reg. 4. 20.
15.

Paralip. 2. 32.
27.

rat, & dedit eas Regi Assyriorum. E como Ezechias tão prezado de rico, não tinha nos seus thesouros duzentos mil cruzados, que tem em sua casa qualquer homem de negocio; e valiaõ só cinco lanças de Ouro, das duzentas, que Salamaõ por magnificencia, e ostentaçaõ da sua riqueza mandou lavar; ou os trezentos escudos de Ouro de figura de meya Lua, que com as lanças serviaõ de ornato da sua casa de armas: *Fecit igitur Rex Salomon ducentas hastas aureas de summa sexcentorum aureorum, qui in singulis hastis expendebantur: trecenta quoque scuta aurea trecentorum aureorum, quibus tegebantur singula scuta: posuitque ea Rex in armamentario, quod erat consitum nemore;* porque os escudos pezávaõ todos, como diz Alapide, setecentas e cincoenta libras de Ouro; e cada huma das lanças vinte e cinco libras, que importaõ em muito dinheiro: bem provado està, que ainda os Reys mais opulentos de Hierusalem, não eraõ tão ricos como Salamaõ; porque mais valiaõ as vaidades de Salamaõ, que as jaçtancias de Ezechias.

Porèm do Sagrado Texto se colhe, que toda esta grande riqueza de Salamaõ, foy effeito da sua sabedoria, e não fruto do seu Reyno; porque em quanto Salamaõ não se valeo da sua sciencia, para ser rico, era mais pobre do que Ezechias. Ezechias ainda que pobre, remio, ou comprou a Cidade de Hierusalem a Sennacherib seu inimigo por duzentos mil cruzados; porque dandolhe este dinheiro, evitou, que elle lha tomasse: e Salamaõ por não ter dinheiro, entregou a Hiram seu amigo vinte Cidades, para lhe pagar o proprio, e juro do que lhe devia. *Tunc dedit Salomon Hiram viginti Oppida* Reg. 3. cap. 9.
in vers. 12.

in terra Galilææ. Taõ grande era o empenho de Salamaõ, que desempenhando-se com vinte Cidades, não se deo Hiram por satisfeito; porque sahindo de Tyro para tomar posse dellas, não lhe agradaraõ, e publicamente se queixou do seu amigo: *Non placuerunt ei, & ait: Hæccine sunt civitates, quas dedisti mihi, frater?* Não alienou Salamaõ para sempre estas vinte Cidades da Coroa de Israel, porque faria huma grande injuria aos seus vassallos, por ser huma acção indigna da sua honra, e contra a Ley de Deos, como resolve Alapide; porèm este grande Expositor com Abulense, Serario, Saliano, e outros, diz que lhas consignou para pagamento do que lhe tinha emprestado a razão de juro, atè se pagar do principal, e redditos, ou para lograr só em sua vida o uso fructo: *Quare non tradidit Hiram absolutum plenum que earum dominium, sed tantum usum fructum, ut scilicet Hiram ex eis redditus & jura, que Salomon percipere solebat, reciperet, donec expensas suas pro Salomone factas compensaret; vel certe usque ad vitam.* E já huma divida provada com huma escriptura taõ authentica, como a Escriitura Sagrada, he argumento infalivel da grande pobreza de Salamaõ. Salamaõ, e Ezechias ambos eraõ pobres, e qualquer delles podia dizer com David, que tambem confessa, que era pobre: *Infirmata est in paupertate virtus mea;* mas Salamaõ era mais pobre, porque estava empenhado. De maneira, que Salamaõ empenhou vinte Cidades por toda a vida de Hiram seu amigo, e Ezechias nem huma só Cidade quiz entregar a seu inimigo por huma hora; porque ainda que pobre, tinha dinheiro para se remir; e Salamaõ por ser pobrissimo, não pode deixar de se empenhar. Mas como *Hombre*
pobre

pobre todo es traças, ainda que Deos o ajudava, e parece que a Providencia Divina fazia com que lhe chovesse o Ouro em casa, com tudo por lição de Pineda, e Vilhalpando diz Alapide, que com a sua grande Sabedoria excogitava Salamaõ mil modos de ajuntar Ouro, e Prata: *Ex his omnibus patet, quanta & quam immensæ fuerint opes Salomonis; Deus enim in finum ejus aurum, & argentum undequaque congregare videbatur: & ipse sua sapientia mille modos illud cogendi excogitabat;* e como Salamaõ excogitava mil modos de ajuntar Prata, e Ouro com a sua Sciencia, porque não seria hum modo destes, o melhor modo de todos, que era valer-se Salamaõ da *Arte Magna*, e da Sciencia, ou *Philosophia Hermetica*, que vòs me concedeis, que sabia, ainda que duvidais, que a praticava Salamaõ? Sem embargo de que o P. Alapide nos diga, que chovia a Salamaõ o Ouro em casa, não era Deos só o Author desta chuva, era tambem Salamaõ ajudado da Sciencia, que Deos lhe tinha infundido; porque chuva de Ouro, sem que os homens ponhão da sua parte a diligencia para o adquirir, ou a sciencia para o fazer, he fabula do Deos Jupiter, e não Providencia do Deos verdadeiro; porisso chovia Ouro em casa de Salamaõ, porque tinha sciencia para o alcançar, e juizo para o conseguir; e se os homens tiverão juizo, e sciencia, tambem lhes havia de chover Ouro do Ceo; porque para quando algum dia chegar o juizo aos homens, está no Ceo muito Ouro, donde cahirá como chuva.

Entre a grande variedade de chuvas, que tem descido do Ceo, sendo tão prodigiosas como a de fogo sobre as Cidades de Sodoma, e Gomorrha: *Igitur Dominus pluit super Sodomam, & Gomorrhaim*

Alapide côm.
in lib. 3. Reg.
cap. 10. vers.
15. §. Ex fol.
158.

Genes. 19. 24.

ful-

- fulphur, & ignem*: a chuva de Mannà sobre os arrais dos Hebreos: *Et pluit illis Manna ad manducandum*: a chuva de pedras, que assolou o Egypto: *Pluitque Dominus grandinem super terram Egypti*: a chuva de laços sobre os peccadores: *Pluet laqueos super peccatores*; e a chuva de sangue, e de outras cousas raras, como chuva de Boys, conforme por lição de Alberto Magno escreve o Padre Alapide: *Sic ait Albertus Magnus aliquando boves pluisset*: nenhuma será mais admiravel, nem mais admirada dos homens, do que a chuva de Ouro, que descerá do Ceo, donde até agora não cahio tão preciosa chuva. E quando veráõ os homens chuva tão aurea? No dia em que os homens se virem com o juizo; porque o juizo fará cahir do Ceo as Estrellas: *Stellæ de Cælo cadent*; e em cada Estrella descerá do Ceo huma gota de Ouro: *In die judicii astra igne destruentur, & dissolvenda sunt*, diz o Padre Soares; e accrescenta, *quod potissimum credo de Stellis fixis, affiguntur enim corpore solido firmamenti, ut clavi auri in rota*. Não deixa de cho-
ver Ouro do Ceo, porque lá o não haja; deixa de chover, porque o nosso juizo não chega: não deixa de cahir, porque não possa descer; deixa de baixar, porque o nosso juizo não acaba de o trazer. O Sol he hum oceano de Ouro liquido como agoa; conforme diz o mesmo Soares: *Fatendum est Solem esse corpus fluidum, constans massa fluida per modum auri liquati motu ferventis, ac undantis*. O Padre Athanasio Kircker, e Raphael Averfa observaraõ, que o Sol era como metal derretido, e fervente; e o Padre Scheinero depois de chamar ao Sol hum mar Oceano de fogo sempre inquieto, e agitado: *Solem*
- Psal. 77. 24.
Exod. 9. 23.
Psal. 10. 7.
Alapide cõm. in Exod. cap. 7. §. Dico secundo fol. 391.
P. Soar. Lus. tom. 2. Tract. de Cælo Disp. 1. sect. 2. § 5. num. 86. fol. 285. & loc. cit. §. 7. num. 36. fol. 277.
Idem P. Soar. Lus. loc. cit. §. 7. num. 35.

Solem tanquam mare fluctibus asperum, ad instar Oceani cujusdam ignei perpetuo motu, & agitatione versatum; declara com authoridade de Simão Mario, que o metal liquido, de que consta o Oceano do Sol, não he outro senão Ouro: *Corpus Solis fervere non aliter, ac aurum in fornace liquefactum;* e se o corpo do Sol he juntamente mar de fogo, e Oceano de Ouro: *Solem tanquam mare, ad instar Oceani cujusdam ignei, non aliter, ac aurum;* e as Estrellas pregos de Ouro, que no dia de Juizo se haõ de dissolver com o fogo, para cahirem como chuva do Ceo: *Stellæ de Cælo cadent; in die judicii astra igne destruentur, & dissolvenda sunt, ut clavi aurei;* havendo no Ceo ja o fogo, e o Ouro, no Sol, e nas Estrellas, donde pôde, e hà de vir chuva tão admiravel, e copiosa, como os chuueiros de agoa do Oceano, toda esta dilação da chuva de Ouro nasce da falta do juizo, como se vio em Salamaõ, que com o seu juizo se fez rico, e sem entendimento foy pobre.

Em quanto Salamaõ colhia os frutos da terra, cobrava os tributos dos Povos, e recebia os presentes dos amigos, era hum Rey tão pobre, como os outros, porém tanto que excogitou com a sua extraordinaria sciencia, e grande juizo aquelles mil modos de fazer, e ajuntar Ouro; *Ipsæ sua sapientia mille modos illud congerendi excogitabat;* logo do Ceo parece, que lhe chovia copioso Ouro, e Prata: *Deus enim in sinum ejus aurum, & argentum undequaque congerere videbatur;* porque tantos milhões, que lhe entravaõ todos os annos em casa, no pezo certo, e invariavel de seiscentos e sessenta e seis talentos de Ouro, sabese que lhe vinhaõ de

de alguma parte: *Afferebatur Salomoni*; mas não está averiguado o lugar donde este Ouro vinha. Exceptua a Escritura deste pezo todo o Ouro, que rendiaõ a Salamaõ os tributos, direitos, negocios, e presentes: *Excepto eo quod afferebant viri, qui super vectigalia erant, & negotiatores universi servantes, & omnes Reges Arabiae, ducesque terrae.* E feita esta excepção, aindaque o Padre Alapide presume, que vinha de Tharsis, ou de Ophir, não assenta donde era trazido, dando por certo, que não era renda dos tributos: *Erat autem pondus auri, quod afferebatur Salomoni, ex Ophir, Tharsis, & aliunde quam ex tributis, hac enim mox excipiuntur, per annos singulos sexcentorum sexaginta sex talentorum auri*; mas porque fenaõ pôde averiguar donde vinha este Ouro, está averiguado que vinha como do Ceo, trazido aos thesouros de Salamaõ pelo seu juizo.

Nem obsta a presumpção, que teve Alapide de vir este Ouro de Ophir, e de Tharsis, porque este Ouro vinha todos os annos a Salamaõ: *Afferebatur Salomoni per annos singulos*; e o que vinha de Tharsis, chegava huma só vez de trez em trez annos: *Semel per tres annos ibat in Tharsis differens inde aurum, & argentum*; e tanta differença vay de trez annos a hum, como vay do Ouro de Tharsis ao Ouro que Salamaõ fazia com o seu juizo. Nem a Escritura declara que este Ouro viesse de Ophir, como refere, que de Ophir traziaõ a Salamaõ quatro centos e vinte talentos de Ouro, como se lê no Capitulo nono do terceiro Livro dos Reis: *Qui cum venissent in Ophir sumptum inde aurum, quadrigentorum viginti talentorum, detulerunt ad Regem Salomo-*

Imonem ; declarando tambem , que em huma occasião veyo a Frota de Ophir sem Ouro, e carregada só de madeira, sem trazer outra cousa de estimação mais do que algumas pedras preciosas : *Sed & classis Hiram, que portabat aurum de Ophir, attulit de Ophir ligna thyma multa nimis, & gemmas pretiosas* ; e porque a Frota não trouxe Ouro algum, como costumava, offereceo a Rainha Sabà a El Rey Salamaõ cento e vinte talentos de Ouro, de que faz a Escriitura expressa menção : *Dedit ergo Regi* Reg. 3. 10. 10. *centum viginti talenta auri* ; mas porque fazendo a Escriitura tão miudas, e expressas declarações donde vinha, e quando faltava a Salamaõ o Ouro, não diz donde vinhão os seiscentos e sessenta e seis talentos, que todos os annos eraõ trazidos a Salamaõ, mostra que tinha algum mysterio este segredo, ou o segredo deste Ouro mysterioso.

Alguns Chymicos affirmão, que as immensas riquezas de Salamaõ eraõ effeitos, ou productos da *Arte Magna*, como escreve Sennerto : *Quidam Chymici asserunt, eum immensas illas, quibus abundabat opes, Arte Chymica acquisivisse*. Eu não digo tanto, porque vejo na Escriitura, que sem o artificio da Chymica, tinha Salamaõ muito Ouro, e Prata de renda ; porèm os seiscentos e sessenta e seis talentos de Ouro, que na Escriitura não vejo donde vinhão, posso entender, que os fazia Salamaõ com a *Cibryopeia*, inventada pela sua grande sabedoria, porque fallando elle desta sciencia, parece, que se descreve como hum grande Adepto favorecido de Deos : *Antecedebat me ista sapientia, & Sap. 7. 12. 13. ignorabam, quoniam horum omnium mater est : quam* 14. *sine fitione didici, & sine invidia communico, & ho-*

ne statem illius non abscondo. Infinitus enim thesaurus est hominibus, quo qui usi sunt, participes facti sunt amicitiae Dei, propter disciplinae dona commendati. Esta sabedoria, diz Salamaõ, hia diante de mim, e não sabia eu, que ella era mãy de todos estes bens, que vinhaõ a ser tanta quantidade de Ouro, como area miuda, e tanta abundancia de Prata, como a mesma terra: *Omne aurum in comparatione illius, arena est exigua, & tanquam lutum aestimabitur argentum.* Esta sciencia aprendi sem as ficções, e fingimentos, como os Hermeticos a escrevem, e ensinaõ: *Quam sine fictione didici;* e da mesma sorte a communico a todos sem a inveja, que obriga aos Chymicos a occultalla: *Et sine invidia communico;* porque não escondo huma sciencia tão honesta: *Et honestatem illius non abscondo:* he finalmente esta sciencia hum thelouro infinito para os homens: *Infinitus enim thesaurus est hominibus;* e todos os que usão deste thelouro: *Quo qui usi sunt,* merecem muitos louvores: *Commendati,* por se fazerem participantes da amizade de Deos: *Participes facti sunt amicitiae Dei,* por causa de todos os bens, e dadivas da sua virtuosa disciplina: *Propter disciplinae dona;* e sendo esta arte tão honesta, tão louvavel, e tão louvada por Salamaõ, por serem os seus artifices amigos de Deos, era dignissima de que elle a exercitasse; e nenhum absurdo tenho commettido em dizer, que este Monarcha entendeo; e praticou a Chymica, como diz Sennerto: *An autem in specie Chymicam calluerit, vel exsoluerit, sine absurditate quidam affirmari potest.* Ninguem devida, que Salamaõ edificou, ou instituiu no Monte Sion, que estava dentro em Hierusalem, huma Escola, ou Academia,

mia, (como o nosso Salamaõ Portuguez em Lisboa) em que elle mesmo ensinava, conforme escreve o Padre Alapide : *ipse edificavit Scholam, sive Academiam in Monte Sion in qua ipse docebat*; e nesta Academia ensinon, diz Alapide, a Physica, e a sciencia das cousas naturaes, particularmente aos seus, e publicamente a todos : *Hinc patet Salomonem tum privatum suos, tum publice omnes docuisse Physicam, & scientiam rerum naturalium*; e desta fonte beberão a doutrina os Pythagoras, os Socrates, os Platões, e os Aristoteles, como testemunhaõ Eusebio Cesariense, Santo Ambrosio, Clemente Alexandrino, e outros; e accrescenta o Abulense referido pelo mesmo Alapide, que fora Providencia de Deos, que as postillas, que dictou, e os livros que escreveo, atabassem queimados pelos Chaldeos, segundo diz a Glossa, ou por mandado de Ezechias, conforme escrevem Glycas, e Eusebio; porque continhaõ cousas nimiamente curiosas, ou que nós não mereciamos saber : *Dei Providentia eos interijisse, eo quod nimis curiosa continerent, vel quod non tanta scientiarum luce, quam ipse per revelationem acceperat, indigni essemus*; e pouca duvidatam, que só podiaõ ser *Chymicos* os livros, que continhaõ cousas nimiamente curiosas : *Nimis curiosa*: porque a *Chymica* he a quinta essencia da curiosidade; e bem pode ser, que principiando Salamaõ a exercitar por curiosidade a *Chymica*, continuasse este exercicio por negocio; porque como elle mesmo diz, por não ter experimentado ainda a sua utilidade, tendo aquella sciencia ignorava, que ella era mãy de todos aquelles bens, que já tenho dito, eraõ infinita Prata, e Ouro: *Antecedebat me ista*

Alap. comm.
in lib. 3. Reg.
cap. 4. vers.
33. 5. Hinc
fol. 121.

sapien-

sapientia, & ignorabam quoniam horum omnium mater est. No Padre Hieremias Drexellio achareis varios epithetos honorificos de Salamaõ, como Salamaõ Modesto, Economo, Architecto, *Industrioso*, Rico, Riquissimo, Liberal, Caritativo, Clemente, Magnifico, Magnificentissimo, Justo, Justissimo, Sabio, Sapientissimo, Pio, Piissimo, e finalmente Omniscio; porèm voltando logo a *Scena*, vereis no mesmo Author, como no mesmo theatro, a Salamaõ *Negociador*, Inconstante, Prodigio, Avaro, Deshonesto, Luxurioso, Ingrato, Sorberbo, Imprudente, Fatuo, Idolatra, Magico, Melancolico, Pobre, Enfermo, Inglorioso, e ultimamente Morto. E se o Padre Drexellio, sendo hum Religioso da Companhia de JESUS tão pio, e tão douto, não duvidou chamar a Salamaõ *Industrioso*, e *Negociador*, bem posso chamarche tambem *Chymico*, e dizer, que negociava com a industria da *Arte Magna*; porque mais decente he para Salamaõ o epitheto de Hermetico, que de Magico; porque sendo illicita a *Arte Magica*, he muito licita a *Arte Magna*. E se isto he verdade, facilmente posso dizer, que pela *Arte Magna* fazia Salamaõ os seiscentos e sessenta e seis talentos de Ouro, que politica, e occultamente mandava trazer de fóra à Corte de Hierusalem: *Afferebatur*, para encubrir com aquelle pouco Ouro ao Mundo; o segredo, e artificio com que no seu Palacio em mayor quantidade o fabricava; porque estes talentos, que faziaõ oito milhões da moeda Franceza, ainda com o de mais, que Salamaõ tinha de renda, não bastavaõ para sustentar a sua familia, e cavallariça, quanto mais para murar, edificar Cidades, e fa-

Drexel. Tom.
4. fol. 899.

e fazer Frotas; e outros grandezas de Monarcha.

Prova-se esta conjectura do numero certo dos mesmos talentos, que todos os annos lhe traziaõ, porque se este Ouro fora effeito do commercio, pareas de Feudatarios, ou de outras rendas, que exclude expressamente a Escritura, humas vezes seria mais, outras vezes menos; e poucas vezes se lhe pagaria no mesmo pezo; porque nos effeitos das rendas, dos commercios, e das pareas nunca ha infallivel certeza. Hum anno se rebella hum Feudatario: outro anno se perde hum Navio; e outro anno foge hum Rendeiro. Pelo contrario picaõ-se os Rendeiros, e crescem as Commendas: toma-se aos inimigos algum Navio, e augmenta-se o commercio; e ha melhores novidades, e sobem os arrendamentos das prebendas; e tudo isto altera os rendimentos de hum Reyno; mas não se observa esta alteraçãõ nos talentos. E agora deveis notar, que repetindo o Paralipomenon a mesma Historia dos Livros dos Reys, e às vezes com alguma variedade; nunca varea no pezo, e numero destes talentos. Por não sahirnos do nosso discurso, se vê isto no emprego dos cavallo, que serviaõ a Salamão; porque dizendo o Livro dos Reys, que os cavallo dos coches eraõ quarenta mil: *Quadragenta millia præsepia equorum curriliam, hoc est, habebat*, commenta Alapide, 40. *millia equorum in præsepis*; o Paralipomenon diz, que erãõ doze mil os cavallo dos coches: *Et carruum, equitumque duodecim millia*; e declarando o Livro dos Reys, que os doze mil cavallo eraõ só de cavallaria, e de manejo: *Et duodecim millia equestrium*; consta do Paralipomenon, que os cavallo, que serviaõ montados, que para isso

esta-

estavão pensados nas cavalharias, erão os quarenta mil : *Habuit Salomon quadraginta millia equorum in stabulis* ; na relação que faz dos Talentos , que vinhaõ nas Frotas , tambem não concorda totalmente com o Livro dos Reys ; porque neste se lê , que erão quatrocentos e vinte : *Quadrigentorum viginti talentorum* ; escrevendo o Paralipomenon , que erão quatrocentos e cincoenta : *Quadragenta quinque talenta* ; sendo mayor a discrepancia em dizer , que a Frota , que viera de Ophir , trouxera Ouro : *Attulerunt aurum de Ophir* ; quando do Livro dos Reys se pôde inferir , que viera sem elle , como parece exprime a palavra *Portabat* , que quer dizer trazia , e não trouxe ; e o que affirma trouxe a Frota , torão só madeiras , e pedras finas : *Attulit ex Ophir ligna , & gemmas pretiosas* ; porém fallando nos referidos talentos , concorda tem discrepancia , em que erão seiscentos e sessenta e seis , e que todos os annos vinhão , ou erão trazidos a Salamão : *Erat autem pondus auri , quod afferebatur Salomoni per singulos annos sexcenta sexaginta sex talenta auri* ; e esta concordancia de Textos , igualdade de pezos , e identidade de expressões : *Afferebatur Salomoni per singulos annos* , são humas circumstancias , que se não podião achar , senão em Ouro feito pela *Chymica* , e mandado por Salamão para fora , para lhe ser trazido no mesmo pezo : *Afferebatur* ; porque deste modo evitava , que lhe roubassem alguma parte deste Ouro , e occultava ao Mundo , que a sua sciencia era a mina inexhaurivel , donde tirava o dinheiro para tão exorbitantes dispendios.

Confirma este pensamento ter eu huma Biblia , (que mostrarey se a quizerdes ver) aonde está escrito

escrito este Texto com esta formalidade : *Erat autem pondus puri, quod afferebatur Salomoni per singulos annos, sexcenta sexaginta sex talenta auri*; o que se não fora erro da Impressão, como tenho por certo, porque não achei este Texto escrito por este modo em outras Biblias, (posto que não vi muitas) mostrava, que este Ouro por ser *puro*, não era como aquelle que costuma vir das minas com muita terra, e outras impuridades, porém como o Impressor em lugar de hum A poz hum P, quando havia de escrever *auri*, escreveu *puri*, e do Ouro ordinario fez Ouro puro; e eu só por purificar este Ouro, e mostrar que pela *Chymica* alcançou tanta pureza, não quero viciar a Escritura. Porém sem me valer deste Texto adulterado mostrarei, que este Ouro era purissimo, e de mais quilates do que o Ouro de Tharsis, e de Ophir; porque referindo o Paralipo menon as obras, que Salamaão mandou fazer deste Ouro, e de outro, que lhe mandavaõ os Reis da Arabia, Satrapas, Legados, e Negociadores, diz que as lanças eraõ de Ouro : *Hastas aureas* : os escudos de Ouro : *Scuta aurea* : o escabello do folio de Ouro : *Scabellum aureum* : e a baixella da mesa de Ouro : *Vasa convivii Regis erant aurea*; mas declara, que o Ouro do Throno era limpissimo : *Auro mundissimo* : e o Ouro da baixella do Libano purissimo : *Auro purissimo*. Com esta mesma distincção de Ouro, refere a Historia Sagrada no Livro dos Reis as obras de Salamaão; porque diz, que a sua copa era de Ouro : *Omnia vasa quibus potabat Rex Salomon, erant aurea*; e a baixella do Libano de Ouro purissimo : *Universa supellex domus saltus Libani de auro purissimo* : o Throno vestido de Ouro

74 *Ennea, ou applicação do Entendimento,*

de cor mais aurea : *Auro fulvo nimis* ; e entre tanta variedade de quilates , tambem faz menção de Ouro provado : *Et trecentas peltas ex auro probato* ; e esta prova só se costuma fazer em Ouro *Chymico* ; porque só este necessita de se examinar no *Ensayo* ; e na *Copella* , para se ver se sofre o exame. E da qui se segue , que no exame da *Copella* , e do *Ensayo* , provou tão bem este Ouro , que se fizeram delle escudos , como de Ouro provado : *Peltas ex auro probato* ; e nenhum Ouro , que vinha a Salamaõ na Frota , de presente , ou do negocio , chegava aos quilates deste Ouro ; porque a Escritura quando o nomea simplesmente , lhe chama Ouro , como vemos no que vinha de Tharsis , e de Ophir : *In Ophir sumptum inde aurum* ; *Aurum de Ophir* ; *Attulerunt aurum de Ophir* ; *In Tharsis , deferens inde aurum* ; e no que deo a Salamaõ a Rainha Sabã : *Talenta auri* ; *Talenta auri* ; não vindo a ElRey Salamaõ outro Ouro nos regalos , Frotas , e tributos , senão Ouro ordinario , a que chamamos Ouro da Ley ; e fazendo obras de Ouro finissimo , limpissimo , e purissimo , alguma desculpa teve o Impressor (fallo sinceramente a verdade) em escrever *puri* em lugar de *auri* ; fazendo por inadvertencia , o que de proposito fez o Padre Alapide , trasladando *Scruta vendentes* , em lugar de *Scuta vendentes* ; o que vos advirto não para sustentar como acerto o erro do Impressor , mas para que se acaso fizestes reparo em vos repetir estas palavras seguindo a sua versão , não me chaméis temerario.

Finalmente cofrobora este discurso , acabar com a vida de Salamaõ o comercio de Tharsis , e de Ophir , ou para dizer melhor , acabar com a sciencia

cia de Salamaõ este utilissimo commercio ; porque vendo-se este Monarcha muito opulento , e com meyoas taõ effectivos para ser taõ rico , entregou-se ao galanteio das Damas , às delicias da Corte , aos regalos da mesa , aos divertimentos do Libano , e aos encantos do Amor ; e assim como Eva perdeu a Adam , diz Santo Agostinho referido por Alapide , perderão a Salamaõ aquellas mil mulheres entre Rainhas , e concubinas , bastando menor , e singular numero para cauzar aquelle estrago ; porque a Sicheem perdeu Dina , a Sanlaõ perdeu Dalila , a David perdeu Bersabè , e a Holofernes perdeu Judith. Adorava Salamaõ os Idolos ; porque os adoravaõ as suas Adorações. *Adoravit ea autem* , diz Alapide , *non quod in eis aliquid inesse divinitatis censeret , sed ut suis concubinis morem gereret* ; por isso deo primeiro culto a Venus , Deosa do Amor , do que a outros Idolos : *Colebat Salomon Astarthen* : *Hæc* , commenta Alapide , *erat Venus* ; mas ainda que a causa proxima da sua perdição foram as mulheres , tambem concorreraõ para causar a sua ruina a nimia prosperidade , a muita opulencia , as demasiadas delicias , e os extraordinarios appetites , que o dementaraõ ; porque as mulheres fazem apostatar os Sabios : *Causa tanti lapsus* , diz o mesmo Expositor , *fuit nimia Salomonis prosperitas , opulentia , deliciae , & libidines. Proxima causa fuisse uxores , quas ardentissimè amabat : hæ enim eum dementarunt juxta illud : Vinum , & mulieres faciunt apostatate sapientes* ; e como Salamaõ com o juizo perdeu a sciencia , tambem perdeu a riqueza. Nunca mais tornaraõ as Frotas a Tharsis , nem foraõ a Ophir , porque era grande a despeza , e pouca a utilidade

Alapide com.
in lib. 3. Reg.
cap. 11. tolh.
162.

do commercio, como mostraraõ os succẽssores de Salãmão, que não seguirãõ o seu exemplo, sendo Roboão, e Jeroboão ambos muito ambiciosos. Não estava Ophir, nem Tharsis tão longe de Hierusalem, que não podessem os Reys de Judà, e de Israël mandar àquellas Provincias as suas Frotas, como faziaõ Hiraõ, e Salãmão, e intentarãõ Ochozias, e Josaphat, se Deos por castigo não derrotara aquella poderosa Armada: *Contritaque sunt naves, nec potuerunt ire in Tharsis*; mas só a Salãmão, e não a outros Monarchas convinha aquelle tão celebrado commercio, porque delle lhe vinha bastante Ouro para fazer a *Chrysopeia*, ou *Tinctura Philosophica*, que o faz, e multiplica com grande excessõ. He o principio Mercurial puro o fundamento da *Tinctura*, e o Ouro natural o fermento da *Chrysopeia*; porque este fermento determina o indeterminado, e bem digesto enxofre metallico fixo daquelle fundamento, para fazer, aperfeicoar, e multiplicar o Ouro Chrysophilo, conforme ensina o grande Medico Ettmullero: *Fundamentum totius Tincturæ Philosophicæ est principium Mercuriale purum, vel humida, vel sicca in forma, sulphure metallico fixo, ex se adhuc indeterminato; probe digesto, probe impregnandum, & plusquam saturandum. His pro frumento determinante aurum addendum, ut fiat aurum plusquam perfectum. Ex his paratus pulvis omnibus metallis facillime ob fluxum mercurialem copiosum se insinuat, & ratione adjuncti sulphuris tingentis eorum mercurium percipit, & in aurum figit*; porẽm como nenhum dos Reys de Judà, e de Israël sabia fazer esta *Tinctura*, para multiplicar Ouro com a *Chrysopeia*, conforme fazia ElRey Salãmão, porisso ficando Ophir

M.Ettmuller
Tom. 3. Col-
leg. Pharm. in
Schræd. Mi-
neralog. cap.
10. de Metal.
fol. 257.

na

na India Oriental entre o Rio Ganges, e Malaca, com as Ilhas de Java, e Samatra, e os Reynos de Siam, Pegu, e Bengala, nenhum delles, mas só Salamão sustentou aquelle commercio; porque com elle adquiria Ouro para augmentar a sua opulencia, e outras muitas riquezas, e curiosidades, que servião de recreação a hum Monarcha opulentissimo, que fazia melhor negocio com a sua *Chymica*, do que com a sua Frota.

ENODIO. Facilmente deixaria passar sem mayor exame o vosso discurso, senão tivera contra si huma fortissima instancia. Tambem a Escriitura não declara, que fosse purissimo o Ouro dos seiscentos e sessenta e seis Talentos: diz só que vinha Ouro naquelle pezo: *Pondus auri*; e como esta expressão he como as outras, com que falla no Ouro, que vinha de Tharsis, e de Ophir, não tendes nenhum fundamento para dizer, que nos Epithetos do Ouro se devem averiguar os seus quilates. E ainda que o Texto Sagrado não faça expressa menção da Prata, que Salamão tinha de renda, nem diga clara, e certamente o pezo, e valor da que lhe mandavão, ou trazião de fóra, com tudo affirma, que era tanta como as pedras de Hierusalem: *Abundantia argenti in Hierusalem, quanta & lapidum*; e por este mesmo modo podia ser tambem muito o Ouro, aindaque não conste da Escriitura o valor, e o pezo, nem as terras donde era mandado, ou trazido a Salamão.

ENODATO. Essa vossa instancia será agora a mayor, e melhor prova, para confirmar com ella quanto tenho dito; porque se a Prata não tinha valor, preço, nem estimação na Corte de Hierusalem,

salem, ninguém a traria de fóra por negocio; e da-
 qui resultou não se servir com ella ElRey Salamaõ,
 ou não haver Prata no seu Reynado: *Non erat ar-*
gentum, nec alicujus pretij putabatur in diebus Salo-
monis; e com essa pouca, que com algum Ouro
 vinha cada triennio de Tharsis: *Deferens inde au-*
rum, fez Salamaõ por grandeza, que houvesse tan-
 ta abundancia de Prata em Hierusalem, como eraõ
 as pedras daquella grande Metropole: *Fecitque ut*
tanta esset abundantia argenti in Hierusalem, quanta
& lapidum; porque com aquella pouca Prata por
 meyo da *Argyropeia*, que he o Espirito da Lua,
 fez Salamaõ tanta abundancia de Prata: *Fecit*. Nem
 em Hierusalem podia haver tanta Prata, senaõ fa-
 zendoa hermeticamente ElRey Salamaõ; porque
 das minas, e dos thesouros de todo o Mundo se
 não pôde ajuntar Prata, que iguale o numero, pe-
 zo, e medida de todas as pedras, que naquelle tem-
 po havia em huma Cidade taõ populosa, como foy
 antigamente a Corte de Hierusalem; porque era
 huma das mayores Metropoles do Mundo, a quem
 por sua potencia, e grandeza chama Hieremias Se-
 nhora das gentes, e Princeza das Provincias: *Do-*
mina gentium: Princeps Provinciarum. Porém pela
Chymica, e pela virtude multiplicativa da *Argyro-*
peia, a qual de huma parte faz mil, e dedoze partes
 cem milhões de milhões, crescendo, e multiplican-
 dose por este modo cada vez mais, como escreve o
 Padre Kircker, atè não ter nenhum fim, nem li-
 mite: bem podia ElRey Salamaõ fazer tanta quan-
 tidade de Prata, que igualasse a medida, pezo, e
 numero de todas as pedras da Corte de Hierusalem:
Fecitque ut tanta esset abundantia argenti in Hierusa-
lem,

Hierem.
 Thren. I.

tem, quanta & lapidum ; e como na Escriitura Sagrada não hà hyperboles , nem encarecimentos , como em hum dos seus Sermões diz o grande Padre Vieira , aindaque muitos Doutores digaõ o contrario ; e tudo quanto se lè na Escriitura , he verdade , sem encarecimento , nem engano ; sendo certo , que em Hierusalem havia tanta Prata como as pedras de tres ordens de muros , que a cercavaõ , das Torres que a defendiaõ , dos Palacios que a ennobreciaõ , das casas , que a povoavaõ , das calçadas que a seguravaõ , e finalmente do mesmo Templo , que era a obra mais magnifica do Mundo : não havendo antes , nem depois de Salamaõ tanta Prata , não digo eu para fazer huma Cidade pequena , fenaõ huma Villa , ou huma Ponte como esta ; e faltando logo no tempo de Jeroboaõ , e de Ezechias , para dar a Sennacherib trezentos talentos de Prata , vendo-se por esta pobreza obrigado a despojar o Templo da que tinha , a qual no tempo de Salamaõ haveria com mayor abundancia em casa de qualquer morador de Hierusalem , como do Ouro de Tharsis , e de Ophir affirma Drexellio : *Ophireium , & Tharsicum aurum domos omnium inaurabat* ; com grande fundamento se pòde concluir este discurso , attribuindo esta grande quantidade de Prata à sciencia *Hermetica* , e à vaidade , ou jaçtancia de Salamaõ ; porque atè pelas ruas de Hierusalem mandou fazer poyaes de Prata , conforme por lição de Pedro Comestor escreve Drexellio , os quaes serviaõ para os mesmos usos , que os de pedra , e caltem entre nós : *Petrus Comestor asserit Salomonis ævo Ierosolymis pro domorum foribus plurima argentea sedilia , qualia nos è ligno aut saxo habemus , equos as-*
censu-

Drexel. Tom.
4. n. 6. de Sa-
lom. §. 1. fol.
873.

Drexel. Tom.
4. cap. 7. de Sa-
lom. §. 1. fol.
874.

cenfurus commoda; e affim havia de fer; porque se entre nós hà tanta cal, e tanta pedra, como era a Prata em Hierufalem, por iffo là se faziaõ de Prata os poyaes, como nós cà fazemos de pedra. Mas como a eſta abundancia de Prata, que havia em Hierufalem, igualava a quantidade de Ouro, que na

Paralip. 2. 1. 15, meſma Corte havia: *Præbuitque Rex argentum & aurum in Hierufalem quaſi lapides*; tambem podia

Salamaõ fazer poyaes de Ouro, como os fazia de Prata; porque ſe por eſtas pedras ſe podeſſem entender as *Pedras Philoſophæes*, chamadas tambem *Tinctura de Ouro*, que Gregorio Niſſeno referido por Drexellio, diz, que tiveraõ naquelle tempo na ſabedoria de Salamaõ os moradores de Hieruſa-

Drexel. tom. 4. de Salom. cap. 2. §. 2. fol. 882. lem: *Habuerunt, inquit, Tincturam Aurei*, tanta ſeria, como a abundancia deſtas pedras, a de Prata, e de Ouro; porque ſeria a quantidade do Ouro, e Prata proporcionada ao numero deſtas auríferas *Pedras*. Finalmente quanto ao Ouro dos Talentos,

vòs não podeis negar, que era dos meſmos quilates, que tinha o puriſſimo Ouro da baixella do Retiro do Libano, e o Ouro limpiſſimo do Throno, que delle ſe fizeraõ; porque falla a Eſcritura neſtas obras, como feitas deſte Ouro, ſem que no *Livro dos Reys*, e no ſegundo do Paralipomenon haja variedade em referir tudo junto, e ao meſmo tempo, para moſtrar, que era da meſma materia.

ENODIO. Como ElRey Salamaõ foy tão ſa- bio, tão grande Medico, e tão inſigne *Chymico*, que eſcreveo oito mil Livros, em alguns dos quaes tra- tou das virtudes das plantas, dos animaes, das aves, das ſerpentes, e dos peixes, he muito provavel, que eſcrevendo tão vaſta, e curioſamente da Medicina, trataſ-

Reg. 3. cap. 4. 33.

tratasse tambem da *Chymica*, por ser a parte mais util, e perfeita da Arte Medica, e a quem devia a mayor parte das suas riquezas; e como alguns livros de Salamaõ estaõ encorporados na Biblia, e tem como Canonicos os quatro sentidos da Escriitura Sagrada Mystico, Anagogico, Allegorico, e Tropologico, deſejo ſaber ſe ao menos allegoricamente fallaõ da *Chryſopeia*.

ENODATO. He taõ certo, que Salamaõ eſcreveo da Medicina, como duvidoso, que tambem tratasse da *Chymica*; porẽm nãõ faltaõ Authores, que digaõ tratou tambem Salamaõ desta materia, e com muita eſpecialidade da *Chryſopeia* na ſua taõ celebrada *Clavicula*; mas he ſummiamente ridiculo preſumir, que nos livros Canonicos, e particularmente nos Canticos, que ainda hoje exiſtem, e cremos de Fè, eſteja occulto o artificio *Hermetico*, como ſe pòde ver neſtas palavras de Sennerto: *Ridiculum verò est, quod quidam in Cantico Canticorum artificium Chymicum latere existimant, & per Sponsam Regem, ſive Aurum, per Sponsam Reginam, ſive Argentum, que duo in Arte conjungantur, ſe que amplexentur, intelligendum cenſent; & cum dicitur: Nigra ſum, ſed formoſa, caput corvi intelligendum putant, quod foris nigrum ſit, intus autem ſummis divitiis plenum: per turturis collum, varietatem colorum, & pavonis caudam explicant: per hyemem, tempus putrefactionis: per imbrem, imbibitionem: per Flores, & Rosas albas, & rubras, colorem aureum, & album in lapide: per amiſſionem Dilecti, auri occultationem, intelligi opmuntur.* E ainda nos livros terceiro, e quarto de Eſdras, que por nãõ ſerem Canonicos, andaõ no fim da Biblia, ſenaõ deve af-

firmar esteja escrita a *Arte Magna*, como errada; e temerariamente entenderão alguns *Chymicos*, applicando à trasmutação dos metaes, e à multiplicação do Ouro feita pela *Chrysopeia*, estas palavras do Capitulo oitavo do Livro terceiro: *Quomodo autem interrogabis terram, & dicet tibi, quoniam dabit terram multam magis unde fiat fictile, parvum autem pulverem unde aurum fit*; porque com errada exposição explicação dos mysterios *Chymicos*, o que se deve entender dos castigos, que dará Deos aos peccadores impenitentes, e dos premios com que remunerará os justos, como declara o mesmo *Esdas*: *Multi quidem creati sunt, pauci autem salvabuntur*. E porque esta differença de predestinados, e de preceitos, tambem em certo modo se acha nos *Hermeticos*, que pretendem descobrir, e alcançar o segredo do *Lapis*; porque os que não conseguem esta *Pedra*, são desgraçados, e os que a achão, são venturosos: comparemos agora aos Hebreos, que sahindo tantos mil do Egypto, só dous entrãrão na Terra de Promissão, figura da Patria dos Predestinados, aonde Moysés lhe descreve nas delicias, e abundancias do Paiz os mesmos effeitos, que os Adeptos venturosos achão em todas as terras nas suas *Pedras Philosophaes*; porque comem o pão sem penuria, logrão de tudo muita abundancia; as suas pedras são de ferro, e nos montes destas pedras, como os Hebreos nos da terra da promettida Palestina, cavão os preciosos metaes: *Ubi absque ulla penuria comedex panem tuum, & rerum omnium abundantia perfrueris: cujus lapides ferrum sunt, & de montibus ejus æris metalla fodiuntur*. Porém como a *Pedra Philosophal* he como aquella, a que Job cha-

Deuter. 8.9.

chama pedra de escuridade : *Lapidem quoque caliginis* ; nos Livros de Salamão vos mostrarey sem obscuridade alguma esta pedra. Descrevê Salamão a Sabedoria no Capitulo oitavo dos seus Proverbios, e como se fallara a surdos diz , ou brada assim : *Nunquid non sapientia clamat , & prudentia dat vocem suam* ? Por ventura não está bradando a Sabedoria , e a prudencia dando vozes ? E que diz a prudencia com tantas vozes , e a sabedoria com taes clamores ? Entendey , parvinhos pequeninos a astucia , e vós nescios tende advertencia : *Intelligite parvuli astutiam , & insipientes animadvertite* : ouvi porque fallay de cousas muito grandes : *Audite , quoniam de rebus magnis locuta sum*. Recebey a minha disciplina , e não dinheiro : recolhey antes a doutrina , do que o Ouro , porque he melhor a sabedoria do que todas as cousas preciosissimas : *Accipite disciplinam meam , & non pecuniam : doctrinam magis quam aurum eligite ; melior est enim sapientia cunctis pretiosis*. Tudo quanto vós podereis desejar , não tem comparação com a sabedoria : *Omne desiderabile ei non potest comparari*. Ainda he melhor o meu fructo , do que o Ouro , e do que a PEDRA preciosa , e as mais gerações são mais excellêntes , do que a Prata mais selecta : *Melior est enim fructus auro , & lapide precioso , & gemina mea argento electo*. Para fazer a todos os meus amantes muito ricos , e lhencher os seus thelouros , ando com muita justiça pelos caminhos , sem me apartar da mediania , como do meyo , em que o juizo me mostra consiste a virtude : *In viis justitiæ ambulo , & in medio semitarum judicii , ut diligentes me , & thesauros eorum repleam* ; porêm nesta peregrinação ando como ju-
gando,

gando, e brincando com os homens, em cuja companhia acho as minhas delicias: *Ludens in Orbe terrarum: & delicia mea, esse cum filiis hominum*; por isso peregrino em toda a redondeza da terra: *In Orbe terrarum*; e para que todos sejam bemaventurados, oução agora o que lhes digo, porque se observarem os meus preceitos, nenhuns homens serão precitos: *Nunc ergo filij audite me: Beati, qui custodiunt vias meas*. Esta he a verdadeira *Pedra Philosophal*, que se acha descripta nos livros Sagrados, a qual a todos faz venturosos, e ricos, porque todos os homens, que observarem os sobreditos preceitos, e souberem servir a Deos, alcançarão as riquezas, que com a sabedoria, deo tão liberalmente Deos a Salamaõ.

ENODIO. Como vòs por authoridade de Santo Ambrosio, Clemente Alexandrino, Eusebio, e outros Escretores referidos, e seguidos por Alapide, dizeis, que da Academia de Salamaõ, como de pura fonte de sabedoria, beberão a doutrina os Pythagoras, os Socrates, os Platões, os Aristoteles, e outros Philosophos antigos, e no Egypto estudou Moysés a *Chymica*, do qual passou aos Hebreos; sendo estes tantas vezes cativos, e transmigrados a varias Nações do Mundo, aonde para viverem sem os desconmodos do cativeiro, e a pobreza do desterro, lhes seria necessario fazer Ouro, e Prata pela *Arte Magna*; e podendo alguns daquelles, e outros sabios entrar no Egypto, e observar, e saber com alguma industria os preceitos, e mysterios da *Philosophia de Hermes*, escritos publicamente nos seus Hieroglificos, não sey como dos Egyptios, dos Hebreos, ou de Salamaõ não passou

passou a todo o Mundo; ou quando menos a alguns Varões sabios a noticia da *Chrysopeia*?

§. VIII.

Da Chrysopeia dos Philosophos; e Medicos, provada com a expedição dos Argonautas.

ENODATO. OS Hebreos sempre foram homens nescios, e ignorantes, como lhes chamou seu Mestre o Propheta Moysés: *Popule stulte & insipiens*; e a comprehensão da *Ar-* Deut 32.6.
te Magna não he para ignorantes, nem para nescios, porisso os Hebreos a não souberão, nem praticarão nas Provincias onde estiverão cativos. Porém os Gregos, que foram homens de grande engenho, perspicacia, e Sabedoria, como testemunhaõ os Platões, Hypocrates, Aristoteles, Democritos, e outros Oraculos da sua Athenas, e de todas as Academias do Mundo, fazendo algumas jornadas ao Egypto, conversando na Corte de Memphis com os Sacerdotes de Vulcano, e observando as repostas mysteriosas dos mais agudos Interpretes dos Hieroglicos de Hermes, donde se conservava occulto o segredo da *Chrysopeia*; alcançaráõ o mysterio, e revelação da *Pedra Philosophal*, da que entre os Hebreos se perdeu a noticia com os Livros de Salamão. Os primeiros, que perceberão, e souberão esta *Philosophia Hermetica*, foram Orpheo, Democrito, e Homero, os quaes tornando para a sua Patria, escreverão enigmaticamente da *Chrysopeia*, como se pode ver na historia dos Pomos das Hesperides, e de Hercules, das Maças de Ouro

Ouro de Hippomenes, e Athalantha, nos dentes de Cadmo, olhos de Argos, e ramo de Ouro, e com muita propriedade, e mayor clareza na famosa historia dos Argonautas, que navegaraõ a Colchos para conquistarem o Vellocino.

ENODIO. Pego-vos, que me conteis ao meo, nos esta jornada dos Argonautas à Ilha de Colchos, para ver como na Conquista do *Vello de Ouro* se descreve a *Chrysopeia*.

ENODATO. Escreve Ovidio nas suas Metamorphoses, que Athamas, Rey de Thebas, casara com Nephele, sabia, e fermosa senhora, de quem nasceraõ hum filho chamado Phryxo, e hum filha chamada Helle. Por morte, ou ausencia da Nephele, que enloqueceo, e se meteo pelos mares, casou segunda vez Athamas com Ino, a qual como Madrastra lhe aborrecia os filhos, e pertendia tambem, que o pay lhe tivesse grande odio. Perseguiu esta cruelissima mulher aos innocentes Principes, com desattenções, e desprezos, mortificações, e tormentos, desejandolhes sempre a morte, e machinando tirarlhes a vida, para que seus filhos Learcho, e Palemo succedessẽ naquelle Reyno, Para lhes formar culpa, e dar o merecido castigo, esterilizou occultamente os frutos, para que não produzissẽ outros as searas, e quando já em todo o Reyno era publica a queixa, e universal o clamor dos vassallos, afflicto com a esterilidade que vião, e temerosos da fome, que esperavão, sem saberem, nem presumirem a causa de tão novo, e nunca visto successo: foy esta industriosa Mulher com fingida piedade, e manifesta hypoerosia ao Templo, aonde com promessas, e dadivas fobor-

NOU

não os Sacerdotes, para que publicassem, que os Deoses lhe revelarão, serem os peccados enormes de Phryxo, e de Helle a verdadeira causa daquelle castigo, e seriaõ origem de futuras calamidades.

Huns dizem, que Phryxo, e Helle temendo a morte, ou algum grande trabalho, fugirão de casa de seu pay, montados no Carneiro do Vello fatal; mas a opiniaõ mais seguida, he, que Athamas assustado, e temeroso das calamidades, e castigos, que promettiaõ as reveladas prophcias, para evitar os estragos futuros, desterrou com grande sentimento a seus filhos, os quaes por serem de tenra, e florente idade, e creados no Paço com o mimo, e regalo de Principes, padeceraõ grandes perigos na jornada, e muitos trabalhos na peregrinaçaõ das terras alheyas; porque passaraõ Charneças desertas, subiraõ Montes inacessiveis; cortaraõ Serras muito asperas; desceraõ Valles muito fundos; penetraraõ Bosques muito escuros, entraraõ em Selvas sem caminho, caminharãõ por Estradas sem sahida; atè que por Montes fragosos, Terras agrestes, Campinas incultas, e por dilatados, e desconhecidos Caminhos chegaraõ, como refere Hygino, à Corte de Cretheo, Rey dos Jolecos na Thessalia; que era seu tio.

Passados os primeiros dias, induzio Demodece, mulher de Cretheo, ao Principe Phryxo, para commetter com ella o incestuoso adulterio, crime de que o arguio vendo-se desprezada, e dando Cretheo credito à falsa accusadora, determinou matar a seu sobrinho. Neste tempo foy consultado o Oraculo, para se saber delle o modo de remediar a fome, que hia destruindo o Reyno dos Jolecos. Respondeo o

Ora:

Oraculo, que sem o sangue de dous Principes se não aplacaria a ira dos Deoses; e como na Corte não havia outros senão Phryxo, e Helle, foram ambos destinados para victimas. Estando ambos já com as cabeças debaixo do cutello, appareceu no meyo do Templo hum branca nuvem, da qual sahio hum Carneiro, que tomand'o-os sobre si, os levou ás prayas do mar, aonde lhes appareceu sua mãy Nephele ricamente vestida, como parece, que apparecerião depois de mortas todas as mãys se poderão, para consolarem neste Mundo com a sua vista, aos seus filhos peregrinos, e perseguidos.

Fallou-lhes tão amorola, e docemente como mãy, consolando-os com a sua presença; para alivio da sua grande saudade, e dandolhes para remedio da sua pobreza, e soccorro da sua necessidade, hum Carneiro, que tinha *Pello de Ouro*; com o qual vivirião ricos, e abundantes, e passarião seguramente o mar, com condição, que não voltarião para traz o rosto, quando montados no Carneiro de Ouro fossem navegando como em hum Delphim por cima das ondas; porque se fizessem o contrario, ficarião como Icaro affogados, e sumergidos nas agoas, como succedeo à fermosa Princeza Helle, que toda tremula à vista do mar, e atemorizada com o ruido das ondas, se deixou cahir, e morreo affogada, deixando com o seu naufragio, e com o seu nome famosissimo o Helesponeto. Porém Phryxo embarcado, ou montado no seu Carneiro, sem voltar para traz o rosto, por não ver tão funesto, e tragico precipicio, chegou felizmente à Ilha de Colchos, aonde o Carneiro despoia muitas vezes o *Pello de Ouro*, e vestia outro de novo.

novo, o qual por ser tão rico, e precioso, era de grande valor, e estimação, e Phryxo o trazia no rebanho d'ElRey Etha, que se criava em hum viveiro de Veados, Cabras, e outros animaes dedicados a Marte, e guardados por hum Dragaõ com azas. Por esta caula consagrou Phryxo a Jupiter, ou como outros querem, ao Deos Marte, aquelle aurifero Carneiro, o qual desceo alegremente do Ceo à terra, para receber da mão de Phryxo tão rica offerta, que depois foy collocada finalmente no Ceo entre os doze Signos do Zodiaco. Mas antes que Marte subisse de Colchos ao Olympo, e collocasse no Zodiaco o *Vellocino*, deixou o Carneiro de Ouro no Templo, e pendente de huma Arvore, que os moradores de Colchos tambem lhe consagraraõ. Guardavaõ esta Arvore, e *Vellocino de Ouro*, não só asperos, e inacessiveis montes, bosques sombrios, e valles frondosos, onde este grande thesouro estava escondido, e occulto; mas tambem hum Dragaõ de tres linguas, com tres ordens de dentes, e duas azas, que era tão vigilante, que nunca dormia, e lançava pela boca espantosas labaredas de fogo. Acompanhavaõ a este horriavel Dragaõ dous bravos, e ferocissimos Touros, que tinhaõ pontas de ferro, e pès de alambre, os quaes tambem lançavaõ pelas ventas do nariz vorazes chammass de fogo, com que abrazavaõ a todos os homens, que intentavaõ roubar o *Vellocino*; mas sem embargo de ser tão difficultosa a empreza, e tão arriscada esta aventura, estava determinado pelo Deos Marte, que venceria os Touros, e domaria o Dragaõ, quem emprendesse felizmente esta Conquista, e levasse o *Vellocino* de Colchos.

M

Reyna-

Reynava naquelle tempo nesta Ilha Etha, pay da sabia Medèa, tão peregrina na belleza, e tão rara na fermosura, como douda, e singular na *Arte Magica*; e dominavaõ toda a Grecia os dous irmãos Pelia, e Eson. Teve Eson hum filho chamado Jasoão, a quem aborrecia seu tio Pelia, (vicio, que ordinariamente se acha nos Tios,) sem mais causa, do que ser Jasoão mancebo de excellentes virtudes moraes, e heroicas, muito valeroso, discreto, sabio, generoso, e de gentil presença. Para lhe tirar a vida por tão honrados delictos, o persuadio seu Tio Pelia, a que fosse à Ilha de Colchos na companhia de Hercules, Theseo, e de outros valerosissimos Heroes, para conquistar o *Vello de Ouro*, que era a mais arriscada, rica, e gloriosa empreza daquelle tempo. Embarcados os famosissimos Argonautas em huma Náo, que lhe deo o Nome, tomando ella tambem de Argos seu Author, e do Cavallo Pegaço, chamando-se por esta causa Naão Argos, e Pegalia, navegaraõ com grande trabalho pelo mar Pontico, atè chegarem à Corte de Phineo, Rey de Peonia, que era já muito velho, enfermo, fraco, e cego, o qual os hospedou com muita grandeza, magnificencia, e regalo dentro no seu mesmo Palacio.

Estando os Argonautas assentados à mesa, se lhe queixou Phineo das suas enfermidades, e depois de ouvir o seu voto, se queixou muito mais das Harpias Aëllas, Ocypere, e Celleno, a que Homero chama Podarga, que eraõ humas aves de rapina, com cara de mulher, boca amarella, corpo de Abutre, pès, e braços humanos, e unhas agudas, como monstros; porque com grande atrevi-

men-

mento, e desobtezia contaminavaõ , e roubavaõ quantos manjaes se punhaõ na mesa ao vello doente, e cego Phineo. Ouvida a queixa de leza Magestade , e padecendo tambem Jasoõ , e seus companheiros a mesma injuria , se levantaraõ logo todos da mesa , e acompanhado Jasoõ só de Hercules , com animo de matar as Harpiãs , as investiraõ com as espadas nuas ; mas ellas metendo a mão às azas , evitaõ a morte propria , fugindo velozmente pelos ares , como ligeirissimas aves. Porém Jasoõ as mandou seguir , e perseguir por Zetheo , e Calais , filhos ambos do vento Boreas ; porque como filhos de tal pay nasceraõ com azas , e com ellas foraõ voando como Açores , em seguimento das fugitivas para lhe tirarem a vida. Mas neste aperto , e grande afflicção das Harpiãs lhes valeo o Deos Jupiter , pedindo com palavras brandas , e amorosas aos seus velozes perseguidores , que não matassem , nem perseguissem aquellas aves ; porque eraõ os cães , que comiaõ os ossos , e migalhas , quando cahiaõ das mesas dos Deoses.

Deixadas por respeito de Jupiter as Harpiãs , e despedidos d'ElRey Phineo , continuaraõ os Argonautas a sua derrota , surcando mares desconhecidos , e nunca dantes navegados , atè que finalmente aportaraõ , e deraõ fundo na Ilha de Colchos. Foraõ nella bem recebidos , e hospedados magnifica , e generosamente por ElRey Etha , pay da sabia , e fermosissima Medea , que amou extremosa , e finissimamente a Jasoõ ; e desposando-se occultamente com elle , lhe revelou , e descobrio os mayores segredos , para poder sem perigo , nem mais armas , do que hum sceptro de marfim , em-

M ij

pren-

prender, e conseguir a conquista do *Velloçino de Curo*. No dia assinalado, concorreu muita gente a ver o successo daquelle arriscada, e duvidosa temeridade de Jafão, o qual com o sceptro de marfim na mão foy caminhando por huma estrada, que ficava no meyo de todas as pessoas, que o viaõ, e admiravaõ. Tanto que Jafão deo os primeiros passos neste caminho, logo lhe sahiraõ ao encontro os bravos, e ferozes Touros, lançando tanto fogo pelas ventas do nariz, e pela boca, que parecião animados Ethnas, e Vesuvios, e com as labaredas queimarão as hervas do campo, e abrazarão as arvores atè as raizes; e cavando com as mãos na terra, e fazendo com os movimentos do corpo varias figuras, mudanças, e alterações investirão intrepida, e furiosamente a Jafão, o qual com grande esforço, e valor lhes rebateo a furia, e prendendo-os, os vencèu, domou, e sobjugou, de tal forte, que com grande facilidade, e mayor admiração dos que viaõ esta peleja, os meteo no jugo, e com elles lavrou a terra, em que semeou os dentes de huma Serpente, que elle primeiro matou, e desta sementeira nascèrão logo homens armados, que tambem investirão com grande furia, e impeto a Jafão, para darem a morte, a quem deviaõ a vida.

Porèm a Princeza Medèa, como sabia, e perita na Magica, os encantou com as suas artes; e ordenou a seu esposo Jafão, que no meyo delles lançasse huma PEDRA, a qual entre estes homens armados excitou tão grande discórdia, que pelejando todos furiosamente entre si, todos finalmente morrèrão na batalha. Applaudido, e acclamado Jafão por vencedor, celebràrão os Gregos com gran-

grandes festas, esta vitoria, animando-o com estes obsequios, para com o vencimento do Dragão alcançar o ultimo triumpho. Proseguiu Jafão a empreza; porèm como o Dragão era animal muito feroz, e horrivel, tanto pelas suas invenciveis forças, grandeza do corpo, e formidavel aspecto, como por ter em trez ordens de dentes, e trez linguas, multiplicadas armas para se defender, e devorar a todos os seus inimigos; e vomitando continuamente labaredas de fogo, que tudo abrazava, passando os dias com tanto cuidado, e as noites com tal desvelo, que nunca dormia, para melhor guardar o thesouro dedicado a Marte: foy necessario, que Medea o encantasse pela Arte, para que dormindo se descuidasse, e com o descuido permittisse a Jafão conseguir com esta industria, o que sem ella era impossivel ao seu grande valor. Encantado em fim por Medea, adormeceo o Dragão, cerrou os olhos, fechou os dentes, encolheo as azas, e apagou o fogo, e pode Jafão colher seguramente daquella Arvore o precioso *Vellocino de Ouro*, que nella estava pendente havia muitos annos, e com elle trouxe as auríferas maças, que a mesma Arvore produzia com a virtude do *Vellocino*.

Concluida esta empreza com tanta ventura, e credito de Jafão, passou este victorioso Heroe hum dia no Palacio d'ElRey Etha, aonde foy cumprimentado por toda a Corte, com admiração de muitos, e inveja de todos. Seguiu-se a este politico obsequio hum magnifico banquete, em que competio o regalo com abundancia, e a magnificencia Real com o aceyo. Tanto que entrou a noite, principiou hum baile, em que dançaraõ com mascara as

Damas,

Damast e os Cavalheros, e ajudados deste disfarçe fugirão seguramente do Paço Medea e Jaso, porque a máscara lhes occultava o rosto, e a noite o retiro. Para Medea evitar, que a seguisse seu pay Etha, foy dilacerando a seu irmão Absyrto, e lançando os membros despedaçados pela estrada por onde fugia, porque suspendia os passos o magoado pay, sepultando os membros do innocente filho. Chegando os fugitivos a Grecia, achàrao a Eson, pay de Jaso, deitado na cama, como doente, entrevado, como velho, e sem remedio, como decrepito. Porém Medea rogada por Jaso, restituiu não só a saude, mas tambem a mocidade a Eson, de tal sorte, que de velho decrepito, o transformou em florido mancebo.

Esta, e outras iguaes maravilhas obrou Medea, com hum particular remedio, cuja receita se pôde ver em Ovidio, o qual Medea principiou a preparar em occasião de Lua cheia, em noite clara, e de Ceo estrellado, com folhas de humas hervas, raizes de outras, enxofre, pedras do Oriente, e da praya do mar, partes de animaes, escamas do Dragaõ, e com o rocio do Ceo; e com esta mysteriosa preparação, e efficacissimos ingredientes, compoz hum Antidoto universal para evitar as molestias, curar as enfermidades, e renovar a velhice, ou converter a idade decrepita, na mais florida idade; porque só as hervas tinhaõ tão grande virtude de transmutar, e transformar as entidades, que faziaõ novos os Dragões velhos, que Medea trazia no seu coche. E o mesmo remedio era tão activo nesta sua operação, que o pào de Oliveira, com que Medea o mexeo, sendo seco como hum pào,

pão , logo reverdeceo de repente, vestinó-se de folhas , e produzindo muito fructo; e até os pingos, ou gotas, que do remedio cahirão casualmente na terra seca , a fecundarão de sorte, que logo se cubrio de verdes hervas, que repentinamente florescerão; e de que Medea colheo por fructo huma perpetua, e voluntaria peregrinação pelo Mundo, donde passados alguns annos desapareceo.

Antes que passe do sentido literal desta historia à explicação da sua allegoria, e moralidade, deveis primeiro advertir, que segundo a divisão de Varro, dividemos Chronologicos o tempo em trez tempos, que vem a ser tempo escuro, tempo fabuloso, e tempo historico: o tempo escuro, he todo o que correo de Adam até o Diluvio de Ogi-ges; chama-se escuro, e incerto, porque pela lição de Historiadores profanos, não se sabe o que se tem passado no Mundo no dilatado espaço de vinte e dous seculos: o tempo fabuloso começou desde o Diluvio, e durou até as Olympiadas; chama-se todo este tempo fabuloso, porque entre algumas verdades (como logo veremos) misturarão os Historiadores tantas fabulas, que tirarão o credito às suas historias: e o tempo historico começa das Olympiadas, e continuará até o fim do tempo; chama-se tempo historico porque depois das Olympiadas, começou a luzir na historia a verdade das cousas passadas. Porém como no tempo fabuloso andava a verdade junta com a fabula, he necessario, que agora façamos esta distincção com alguns exemplos, para com elles explicarmos a expedição dos Argonautas.

Na Philosophia Secreta de Moya tereis lido,
que

Moya Philos.
 Secreta lib. 1.
 cap. 1. e 2. in
 princ.

que ha Fabulas Mythologicas, Apologicas, Milesias, e Genealogicas : e cada huma destas quatro especies de Fabulas tem cinco sentidos, Literal, Allegorico, Anagogico, Tropologico, e Natural : o Natural, declara as obras da Natureza : o Tropologico, emenda os maõs costumes : o Anagogico, guia o entendimento à contemplaçãõ de cousas Divinas : o Allegorico, diz huma cõsa, e significa outra; e o que a letra propria, e immediatamente significa, he o sentido Literal, chamado Historico, ou Parabolico. Tudo isto se vè neste exemplo : Hercules filho de Jupiter, como fingem os Poetas, concluidos os seus trabalhos, subio victorioso ao Ceo. No sentido literal, se entende esta historia, como diz a letra : no sentido Allegorico, por Hercules se entende a virtude collocada no Ceo, victoriosa de todos os vicios : no sentido Anagogico, por Hercules se entende a Alma subida ao Ceo, desprezando os bens da terra : no sentido Tropologico, por Hercules se entende hum Varaõ forte, habituado em virtudes, e bons costumes; e no sentido natural por Hercules se entende o Sol, e pelos seus doze trabalhos, ou façanhas os doze Signos do Zodiaco, os quaes elle vence com trabalho, porque os corre todos dentro de hum anno. Nestes sentidos diz o Padre Vieira, que passarão as Fabulas, não em si mesmas, mas naquelles casos, e cousas, que derão occasiãõ a se fingirem. Na secca universal, que abrazou todo o Mundo, passou a Fabula de Phaetonte : no Diluvio particular, que inundou grande parte delle, passou a Fabula de Deucalion : no estudo com que ElRey Athlante contemplava o curso, e movimento das Estrellas, passou

Vieir. Tom.
 5. n. 11. fol.
 10.

fou a Fabula de trazer o Ceo aos hombros: na especulação continua de todas as noites, com que Lendimion observava os effeitos do Planeta mais visinho à terra; passou a Fabula dos seus amores com a Lua; e porque tambem os nossos vicios, a nossa fraca virtude, e a nossa mesma vida passa como Fabula: o amor, e complacencia de nós mesmos passou na Fabula de Narciso: a riqueza sem juizo, na Fabula de Midas: a cubica inflacivel, na Fabula de Tantalos: a inveja do bem alheyo, na Fabula; e Abutre de Ticio: a inconstancia da Fortuna mais alta, na Fabula, e roda de Ixion: o perigo de acertar com o meyo da virtude, e não declinar aos vicios dos extremos, na Fabula de Scilla, e Caribdes: e finalmente a certeza da morte, e a incerteza da vida, pendente sempre de hum fio, passou, e está continuamente passando na Fabula das Parcas. Assim envolverão, e misturarão os Sabios daquelle tempo, o que há com o que não há, e o certo com o fabuloso, para que nem o louvor nos desvaheça, nem a calumnia nos desanime; propondo, como diz Platao, aos meninos na curiosidade destas Historias, os segredos das doutrinas, para que as conservassem na memoria, e fizessem diligencia por descobrirem os seus mysterios; evitando tambem, que os seus segredos fossem publicos a todos; porque da mesma sorte, que o vinho, ou qualquer licor perde a sua doçura, e suavidade posto em mãos vasos: assim as cousas divinas da Philosophia, compostas de modo que sejam vulgares, e sabidas atè dos rusticos, se corrompem, e perdem muito da sua estimação; como perderia todo o preço a *Chrysopeia*, se não estive-

ra tão oculta, como agora ouvireis no mysterioso *Vellecino* de Colchos.

Toda a sabedoria, e discurso scientifico, são como Phryxo, e Helle, filhos primogenitos do entendimento, e da memoria, como de Athamas, e de Nephele; porque por Nephele, primeira mulher de Athamas, se entende a fresca memoria da idade de Varaõ, em que o entendimento, como Athamas, tem vigor, e actividade para fazer conceber a memoria os partos, e producções da sua grande fecundidade. Na morte, ou ausencia da memoria, que sempre se aparta, enfatua, ou morre primeiro, que o entendimento, são o discurso, e sabedoria perseguidos da ignorancia, sua madrastra, com quem o entendimento humano celebra segundões desposorios na velhice, a qual como Ino, allucina o entendimento com enganos, para que aborreça o discurso, e sabedoria, e succedaõ em seu lugar, como Learcho, e Palamon, a fatuidade, e o esquecimento. Esteriliza a ignorancia, occultamente com a sua infecundidade, todos os fructos, e producções do juizo; porque ninguem he tão nescio, que queira mostrar a sua needade em publico; e conjurando-se contra a sabedoria, e discurso, lhe levanta falsos testemunhos, ajudando-se da voz de todo o Povo, que ordinariamente murmura, sem saber a razãõ, porque condemna. Para persuadir o seu fingimento, corrompe os sugeitos de mayor caracter, os quaes sobornados pela ignorancia, fallaõ tão confiadamente contra a sabedoria, e contra o discurso alheyo, como se tiverãõ revelações do Céo; arrojando-se o seu atrevimento a tanto, que tambem fazem contra elles suas pro-

profecias, para que o mesmo entendimento, que os gerou, atemorizado com as presentes, e futuras censuras, os extermine como erros; mas ainda que esta he a opinião mais seguida, não he pouco provavel, que o discurso, e a sabedoria voluntariamente fahissem de casa de seu pay, com temor da morte, ou de outros trabalhos, e montados no Carneiro do *Vello de Ouro*; porque este metal metido em bolças de pelle de carneira, faz sahir a sabedoria, e o discurso fóra dos racionais dictames do entendimento, quando o respeito, a necessidade, e outros motivos corrompem o animo dos Varões sabios. Correm estes desterrados, ou fugitivos peregrinos por montes, e valles de escuras, e grandes difficuldades, passando por terras desertas, e incultas, que são os nescios, e ignorantes, que lhes não fazem companhia; entrando em selvas sem caminho, e estradas sem sahida; porque apartada a sabedoria, e separado o discurso do entendimento, nem acertão com o caminho da verdade, nem ainda pelas estradas de opiniões seguidas achão sahida; mas assim peregrinando pelas difficuldades vem a descobrir em Cretheo o conhecimento de muitas coufas ignoradas, o qual he como tio do discurso, e da sabedoria, por ser irmão do entendimento.

Provoca a semelhança, como Demodece, ao discurso, como a Phryxó, para que se conforme com ella; e porque o discurso se não deixa enganar da apparencia, e persevera constante no que discorre, se vê muitas vezes arguido, e arriscado, porque os Oraculos do Mundo para remedear a fome, não reparaõ em tirarem a fama; mas vendo-se os doutos nestes perigos, e com o cutello da fo-

me na arganta, com a especulação tão clara, e subtil como huma branca nuvem, se livra de todos estes trabalhos, e comparados principalmente de algum Protector, que os favorece, e sustenta. Com os primeiros beneficios da fortuna, estando para se engolfar no mar deste Mundo logo lhes apparece Nephele, porque aos venturosos sempre lhes resuscita os pays, porque a inveja lhes desenterra; mas como os felices devem aos pays o nascimento, tambem delles com o ser, participão as fortunas, por isso em Nephele sua mãy, que por ser memoria resuscitada, he experiencia muito util, achão os conselhos, e os thesouros na intelligencia do *Yellocino* de Colchos, o qual he o *buvo Mudo de Hermes*, que a experiencia, e a memoria offerecem ao sabio, para passar o valle de lagrimas desta calamitosa vida, mar, em que naufragaõ os que voltaõ atraz o rosto, e navegaõ com vento em popa, todos os que prosseguem a sua derrota, com huma virtuosa diligencia; como ensina Santo Alberto Magno no quarto precepto, que deve observar o *Hermetico* para conseguir a *Chrysopeia*: *Quartum est, ut Artifex hujus artis sit sedulus, & frequens circa operationes, & non sit tediosus, sed perseveret usque in finem.* As *Academias*, e *Tribunaes* são a verdadeira *Ilha de Colchos*, aonde os *Lentes*, e os *Ministros*, nas honras, e nas riquezas, colhem os preciosos fructos do *Vello de Ouro*; porque os *Estudantes*, e os *Pretendentes* de qualquer *Reyno*, que são o *Gado*, do *Viveiro Real*, despem todos os annos a pelle, como o *Carneiro* de *Phryxo*, para sustentarem os *Ministros*, e os *Lentes*; e quando os *Lentes virtuosos*, e *Sabios*, e os *Ministros rectos*, e dou-

e doutos, não os quiaõ, nemesfollaõ estas velhas, conservaõ o *Vellocino* da sua alma, mais puro, e precioso do que o Ouro, para o offerecerem a Deos no fim da vida. Para salvar, e collocar no Ceo as almas dos homens Sabios, como as Virgens prudentes, desce Deos do Ceo à terra: *Qui propter nos homines, & propter nostram salutem descendit de Caelis*; e fallando o Propheta David desta descida de Deos, diz, que desceria como chuva para o Vello: *Descendet sicut pluvia in Vellus*; e como sô as virtudes sobem com a alma ao Ceo; e ficaõ as riquezas na terra, para commodo dos que vivem no Mundo; estas deixa Deos aos homens, pendent na Arvore da sciencia, que està no Templo de Minerva, occulto entre os montes das Livrarias, e os bosques sempre frondosos, com as perpetuas folhas dos livros; mas assim como no Paraíso poz Deos hum Cherubim, com huma espada de fogo para guardar a Arvore da Vida; deixou por defensores da Arvore da Vida, e da sciencia, os Touros, e o Dragaõ, que saõ o Mercurio, e o Fogo, aos quaes sô Jasião, que he o Medico douto, ajudado de Medea, que he a Arte Medica, sabe domar, e vencer; e com esta victoria, colhe o *Vellocino*, e maçãs de Ouro por triumpho.

Plalm. 71. 6.

Emprendem os Medicos mais peritos esta utilissima aventura, como se lê nas suas doutissimas obras, e embarcados na famosa não Argos, que he a sua doutissima, e subtilissima especulação, mais vigilante do que Argos, que tinha cem olhos, e nunca dormia, e mais veloz do que o Pegaço, que voava com ligeirissimas azas, arribaõ na peregrinação desta vida, e navegação do mar, ou valle de lagri-

lagrimas em o Reyno de Peonia, e tomão porto na Corte de Phineo, velho, enfermo, cego, e fraco, como hóinẽm, e cercado de Harpias, que o comem, e roubaõ como a Rey; porque os Medicos peregrinando pelo Mundo, e navegando neste mar de miserias, arribão no Reyno da natureza humana; e na Corte do homem, que he a cabeça, costumão ser bem recebidos. Não tem o homem outro motivo, para fazer dos Medicos tanta estimacão, senão meterse-lhe na cabeça, que a Medicina de velho o fará mancebo, de enfermo sadio, de cego lynce, e de fraco valente. Com a famosa *Chrysopeia* não ha duvida, que podem os Medicos curar a Phineo, como com ella remedeou Medea a Eson; porque só a *Pedra Philosophal* he a *Universal Medicina*, que pôde restaurar forças perdidas, emendar cegueiras, vencer enfermidades, e renovar velhices. Porém em quanto os Medicos não descobrem a Ilha de Colchos, nem conquistão aquella *Universal Medicina*, ou o *Vellocino de Ouro*; compadecidos de Phineo, em lugar deste remedio, lhe daõ hum saudavel, e segurissimo conselho. Está o homem, sendo tão grande pessoa como Phineo, muito doente, e opprimidissimo com grandes enfermidades, que depois de o privar da vista, lhe querem tirar a vida; e se por huma parte os affligem as molestias, por outra o perseguem as Harpias, que são os Medicos idiotas, e comedores, que andaõ voando de huma terra para outra, os quaes por terem bocas de fome, nunca se fartaõ, e como aves da rapina, tudo aquillo em que poem a mão, levaõ nas unhas; porque Harpia se deriva da palavra Grega *Arpazein*, que quer dizer Roubar; e

não

naõ ha duvida, que estes idiotas Estrangeiros saõ
huns Ladrões roubadores : receitaõ, para receber:
tomaõ o pulso, para tomar : evacuaõ a vea da ar-
ca, para se encher: fazem juntas, para ajuntar ; e
atè para tirar, tirão novas indicações; porque ain-
daque ao doente com tantos remedios succeda mal,
como elles os vendem, sempre ficão bem. Cada ac-
cidente, que sobrevem ao enfermo, he novo symp-
thoma para roubo do doente, e utilidade do Medi-
co; porque tanto ganha, e leva o Medico, quanto
dà, e gasta o enfermo. E para que Phineo conheça,
e evite estes gastos, e aquelles ganhos, ou as utili-
dades de qualquer Medico, e os roubos que faz a
todo o doente, lhe perguntão os Argonautas:
Toma o Medico Aëlllo o regallo, e o dinheiro, sem
curar a V. M. da fraqueza? E responde Phineo:
Sim toma: Toma o Medico Ocyperé o premio, e
o presente, sem remedear a enfermidade? Sim to-
ma: Toma o Medico Celleno a joya, e o seu or-
denado, não vendo V. M. o que lhe dà, por estar
cada vez mais cego? Sim toma. Pois, Senhor, não
seja cego, dizem a Phineo os Argonautas, já que
não pôde ver, o que faz, e o que lhe fazem, ou o
que lhe não fazem, veja ao menos a sua propria ce-
gueira; porque he a unica cousa que pôde ver com
os olhos cegos, e fechados. Quanto menos vê por
estar cego, tanto melhor pôde ver que o não curaõ,
e o que experimentar nos achaques da vista, lhe
succederà tambem nas enfermidades do corpo; por-
que se o Medico lhe leva dinheiro, ou qualquer
outro premio, deixando no corpo a enfermidade,
e nos olhos a cegueira, he hum Harpia, que o rou-
ba, e hum sim toma, que faz mais perigoza a sua
doen-

doença. Com este conselho tão saudavel, e quasi tão efficaz como a *Chrysopeia*, para exterminar estes perigosos sim tomas, que ordinariamente sobrevem às enfermidades da velhice, abrem os Argonautas os olhos a Phineo; e porque já vê o seu engano, não pôde, nem quer ver na sua presença taes Harpias; porque o comem, e não deixão comer os benemeritos. Como os Argonautas não podem comer com a perseguição de tantas, e taes Harpias, mostrarão com razões tão claras, e nuas como a verdade, e tão agudas como espadas, que merecem castigadas com grande severidade; porém ellas metem nestas occasiões a mão às azas, não para tirarem dellas huma penna, e se defenderem com huma apologia; mas para voarem tão alto como as remonta a presumpção, e fugirem com o corpo aos argumentos, os quaes sempre as vão perseguindo; porque as palavras com que os animão os arguentes, como formadas do ar, parecem Zetheo, e Calais filhos do Vento. Sem embargo desta perseguição, sempre as Harpias se conservão com o favor de algum Magnate, ao qual porque as ajuda a viver, podem chamar *Juvans Pater*, como a Jupiter, e não se envergonhão de amparar huns monstros, que parecem mulheres, e não são homens, ainda que tem cara de gente, e rosto de donzellas; porque na realidade são cães tão vorazes como Abutres, os quaes lhe gratificação este beneficio, comendo-os em vida com as receitas, e até com as certidões depois da morte.

Chegando porém à Ilha de Colchos, aonde os Sabios como Jasoão são estimados, e honrados dos Monarchas como El Rey Etha, com o favor de Medea,

deca, que he a Arte Medica, alcanção facilmente o segredo *Hermítico*, com que emprende a conquista do *Vellotino*, caminhando sempre pelo meyo em que consiste a virtude, sem mais armas, nem outro instrumento, que a sua penna, a qual he o sceptro de marfim, que domina sobre os Emperadores, como diz Plinio: *Medicina una artium Imperatoribus quoque imperat*; porque com ella receitam a materia do *Lapis*, e com a sua grande sabedoria domam o fogo, que he tão feroz como hum bravissimo Touro, fazendo-o trabalhar conforme elles querem, por muitas differenças de graos, que representa varias figuras. Tanto que nos vasos, aonde fazem as suas fermentações, lançaõ as particulas mercuriaes, que são os dentes do Dragaõ mortificado, ou morto, se excita huma violenta, e horrenda evolução, donde se levantaõ corpusculos aculeados, com figura de homens armados, que ferem com as suas pontas, e investem com os seus bicos ao Medico *Chymico*, como he Jafão. Mas lançandolhe elle por conselho da sua Arte Medica, ou Espôsa Medea, huma pedra, que he a *Pedra Philosophal*, precipita, e suspende logo a evolução, porque os espiculos se rompem, e quebraõ, e ficam totalmente mortos; todos os corpusculos, que pareciao homens armados. Passando o Medico adiante com a sciencia, ou encantos da sua Medea, que he a Medicina, fixa o Mercurio vivo, que he o Dragaõ vigilante, de tantas virtudes, e propriedades, como publica a experiencia, com tantas ordens de dentes, e multidaõ de linguas, quantas são as suas melhores preparações, o qual depois de encantado, e adormecido pelo segredo de Medea,

O

dea, deixa colher a Jafab o *Vellocing*, e os fructos de Ouro da Arvore da sciencia, para ser tambem Arvore da vida, porque he huma Aurea Medicina.

Rodogin.lib. Affim explica depois de Celio Rodogino, esta, e
7.cap.2. outras allegorias o doutissimo Medico Daniel Sennerto : *Proxima antiquitate est expeditio Argonautica, quam quidem pro Chymia allegare velle, nugæ esse indignas, quarum tantum mentio fiat, censet Eras-*

Sennert. loc.
cit. cap. 3. §.
Proxima fol.
185.

tus. Verum non solum Chymici, sed & alij Scriptorum, eam de Chymia explicant. Refert enim Suidas, Aureum Vellus, quod Jason, & Argonautæ, Pontico mari in Colchiden profecti, unà cum Medea Regis Ætæ filia rapuerint, non fuisse ejusmodi, quale Poetæ fabulantur, sed librum in membranis scriptum, qui continebat artem, quâ Aurum fieri possit... Et si verò nonnulli Suidæ contradicant, atque alij de pelle Arietis fabulosi, super quo sit vecta Helle Phryxi soror, exponant: alij de Phiala Aurea, in cujus medio agnus fuerit sculptus: alij Aureum Vellus ob charitatem: alij ob colorem dictum putent: tamen valde absurdum est tot Heroas pro Arietis naturali pelle cujuscunque etiam coloris, vel pretij, aut aurea Phiala, aut re simili, tantam expeditionem suscepisse, & tanta pericula subisse. Ea fabularum expositio magis commoda est; quæ veritati, sive in rebus naturalibus, sive in politicis magis quadrat. Cum ergo & Medæ, & Jasonis vox Medicum significet, & Medea senectutem parentis medicinâ Philosophicâ depulisse dicatur; si reliqua etiam eidem rei commodè applicari possint, nulla causa est, cur Suidæ expositionem rejiciamus. Quadrant autem omnia aptissime. Nam Draco ille vigil est Mercurius, quem sopire difficilimum, huic Aurum, quod Phasis in Colchidem detulit, custodiendum traditur.

Mate-

Materia ista includitur Templo Martis, idest, Athanori sive Fornaci Philosophorum; custodiunt. Tauri ignem spirantes, calor nimirum per gradus adhibitus; Draconis dentes, qui in exercitum evadunt, & se mutuis vulneribus consiciunt, est pugna materiae vasi suo inclusæ, donec ad unitatem redigatur. Ita tandem arte Medæ Jason Draconem sopit, id est, volatile figit, & ex veneno utilem, aureamque medicinam parit. Neste mesmo sentido explica o grande Pico de Mirandula no lugar citado a jornada dos Argonautas, affirmando, que estes Heroes forão à Ilha de Colchos na demanda de huma pelle de Carneiro, em que estava escrita a *Arte aurifactoria*, ainda que Varro, e Estrabo attribuem esta derrota a respeito de outras invenções, ou segredos de colher Ouro nos rios; porèm Calisthenes Olynthio, discipulo, e parente de Aristoteles escreve, que as grandes riquezas de Atreo, e de Pelope forão de metaes riquissimos, fabricados pelos dictames enigmaticamente escritos no *Vellocino* de Colchos. Os Escritores antigos, que soubèraõ isto melhor que os modernos, por viverem em idade mais proxima àquelles tempos, controvertem sómente se era membrana, ou *Vellocino* aquelle mysterioso livro, em que estava escrito o segredo *Hermetico*; porque Charax, Apollonio, e Eustathio, antiquissimos Authores Gregos, affirmão, que era membrana; mas os Escritores Tragicos, e Comicos, assim Gregos, como Latinos, de quem faz menção Marco Tulio Cicero, disserão, que era hum Cordeiro, a que Seneca chama Carneiro. De maneira, que os sabios daquelle tempo por varios, e elegantissimos modos escrevèraõ allegorica, e enigmatica-

O ij

camen-

came e da verdadeira *Philosophia Hermetica*, como a ensinou *Hermes* nos seus Hieroglyphicos; mas he tal o legredo, principio, e mysterio, com que os sabios *Hermeticos* fallão na *Pedra Philosophal*, que sendo a *Chrysopeia* de Colchos verdade historica para os entendidos, sempre para os ignorantes he fabula.

Conseguindo finalmente os Philosophos Chymicos o *Velloco de Ouro*, ou Medicina aurea: *Aureamque Medicinam*, são muito estimados nos Palacios dos Monarchas, como Etha, e comprimentados de toda a sua Corte, porèm como advertem, que todos os que celebrão as suas acções, fallão com o fingimento, dos que com máscaras na cara disfarçao a pessoa, voltaõ de Colchos para a sua patria, acompanhados da sua Medea, ou Arte Medica, fugindo das honras fingidas, e das perseguições verdadeiras, com que os Monarchas, como Etha, os desejaõ ter nos seus Palacios, porque naquella noite, em que estão mais descuidados, com algum divertimento, os deixaõ, e se retiraõ; e para que de nenhum modo os sigão, suspendem os passos com que os procuraõ, pondo-lhes diante dos olhos os successos desgraçados, e funestos, como a morte de Absyrto, aqual representam só para lhes fugirem. Mas chegando a sua casa, e achando na cama os velhos pays, decrepitos, e entrevados, como Eson, diminuindo-lhes não os annos, senão os achaques, com a sua *Pedra Philosophal* de velhos os transformaõ em mancebos, por ser este o principal effeito da *Chrysopeia*, a qual por obrar taes maravilhas, he tão perseguida, que os Medicos que a possuem, não usaõ della senão em

em sua casa, occultandoa até aos seus criados, parentes, e amigos; porém se inadvertidamente a descobrem, para não revelar o seu segredo com que se prepara, perigrinao sempre pelo Mundo, como Medea, Demócrito, e Paracelso, até desapparecerem aos olhos dos seus perseguidores, primeiro na vida, e depois na morte, sepultando comsigo o mysterio, como fez tambem *Hermes* à sua *Fabula Smaragdina*, para não ser já mais visto, nem descoberto, senão por alguma prudentissima pessoa, como Sara, e por isso fica este arcano reputado no Mundo por fabuloso.

ENODIO. He grande, mas boa essa historia dos Argonautas, e por ser tão antiga, e mysteriosa a sua allegoria, fundou nella a Ordem Militar dos Cavalleiros do Tusaõ Philippe III. Conde de Flandes, e Duque de Borgonha, cognominado o Bom, no dia do seu recebimento com a Serenissima Princeza Dona Isabel, filha do Augustissimo Senhor D. João I. Rey de Portugal, e não pôde deixar de ter algum mysterio esta Insignia do *Vello-cino de Ouro* posta publicamente em tão grande dia sobre o peito dos mayores Senhores da Europa.

ENODATO. Instituhio este Principe a Ordem Militar do Tusaõ no anno de 1429. na Cidade de Bruges da Provincia de Flandes, para com esta honra animar os Cavalheros a expor generosamente a vida em defensão da Igreja Catholica, à imitação dos Argonautas, que tambem arriscarão a vida na Conquista do *Vello fatal*, ou *Vellocino de Ouro*. Trazem estes Senhores huma grande cadea em hum collar de aneis, entrefachados, ou alternados com pederneiras, que lanção fogo. Eraõ estas pederneiras

ras as Armas dos Duques de Borgonha, e nas chammas, que dellas sahem, se significa o valor, e o vigor, com que estes Cavalheiros haõ de investir o inimigo; porque tem este mote por empreza: *Ante ferit, quam flamma micet*. Do collar pende hum Carneiro semelhante àquelle, do qual trouxe Jafão o *Vellocino* de Colchos. Os Reys Catholicos de Hespanha pelo direito, que tem ao Ducado de Borgonha, saõ os grandes Mestres desta Ordem, chamada dos Latinos: *Equitum velleris aurei Ordo*; como se differaõ Ordem do *Vellocino* de Ouro, a quem os Grammaticos chamaõ *Vellus aureum*; porèm se vòs bem advertis na Insignia desta Ordem, achareis pedras, fogo, e o *Vellocino*, ou Carneiro de Ouro, e juntamente grande quantidade de Ouro no collar, e na cadea, porque as pedras, symbolos da *Pedra Philosophal*, com o fogo, e com o *Vellocino*, fazem, e multiplicação o Ouro; e com esta Insignia posta publicamente sobre peitos tão nobres, quiz mostrar Philippe ao Mundo, que era muito verdadeira historia a imaginada fabula dos Argonautas; porque na instituição desta Ordem fez, como diz Bluteau, honrada memoria de hum mysterio da *Chymica, ou Chrysópeia*. Na opinião de alguns Escritores instituhio o Duque de Borgonha a Ordem do Tusaõ, cuja insignia he humma pelle de Carneiro com sua láa, em memoria, segundo refere o mesmo Author, de huma notavel ganancia, que tivera o Duque no commercio das láas; porèm a magnificencia com que a Serenissima Senhora Dona Isabel se preparou para casar com tão grande Principe, lembraria a este Senhor a multiplicação do Ouro, que antigamente fazia Jafão

Bluteau Vo-
cabul. Port. e
Latin. tom. 8.
verbo Vello
fol. 308.

saõ com o *Vellocino*, que devia à Princeza Medea, porque a grandeza, e liberalidade com que os Monarchas Portuguezes costumão dotar, e preparar suas filhas quando as casaõ com Principes Estrangeiros, não parece effeito da opulencia dos Potosis, e dos seus riquissimos thesouros, senão do *Vellocino*, que os Argonautas Lusitanos descobrião, e conquistaraõ na Asia, e America. Assim o vimos agora (por não referir exemplos antigos) no felicissimo desposorio da Serenissima, e Augustissima Princeza a Senhora Dona Maria, filha primogenita do muito Alto, e muito Poderoso, e sempre Inviçto, e Magnifico Senhor D. JOAM V. Augustissimo Rey de Portugal, com o Serenissimo Senhor D. Fernando, Principe das Asturias, com quem passou deste Reyno ao de Castella todo o Ouro da America, e toda a pedraria da Asia; e não fallando no Real apparato, e pomposissimo luzimento das Magestades, e Altezas Lusitanas, que se avistaraõ com as Altezas, e Magestades Catholicas, para fazerem o Real troco de Augustissimas Princezas; porque não cabe na expressaõ da lingua mais eloquente a narraçaõ da pompa, e magnificencia, que excedeo os limites da Real grandeza: he certo, que nessa occasiaõ vio Hespanha nas margens do rio Caya os mayores effeitos da *Chrysopeia*; porque admirou os Portuguezes, que sempre para ella forão naquelle lugar Soldados de ferro, transformados em Estatuas de Ouro, e convertidos em Cavallos de Ouros, os brutos, que sempre temeo como Cavallos de espadas.

ENODIO. A *Philosophia Hermetica*, conforme vòs tendes provado, nasceo no Egypto, donde
passou

passou para a Grecia ; e succedendo no Imperio aos sabios Gregos os ambiciosos Romanos , com mayor razão devião estes emprender o estudo da *Chrysopeia* , do que a conquista do Mundo ; porque com o *Lapis* mais ricos , e poderosos serião pelas letras , do que foraõ pelas armas , por ser a Pedra (*Lapis*) arma tão forte , e invencivel , que derubava por terra Gigantes de ferro , para dar victorias a Saul por mãos do Pastor David , e arruina *Estatuas* de Ouro , à vista de Nabuco , e com ella os Imperios de todo o Mundo , entrando tambem nesta catastrophe o Imperio Romano , conforme lemos em Daniel ; e como nos Romanos Historiadores não acho noticia da *Chrysopeia* , infiro , que tambem elles a não achãrão entre os Gregos.

§. IX.

Da Chrysopeia dos Romanos , Arabes , e de outras Nações do Mundo , provada com authoridade dos seus Historiadores , Medicos , Philosophos , Jurisconsultos , e Theologos.

ENODATO. A Inda que os Romanos não averiguaraõ , nem descobriraõ os segredos , que estavaõ tão occultos entre os Gregos , como estiveraõ escondidos entre os Egypcios : não se pòde negar , que tiveraõ alguma luz , ou noticia da *Chrysopeia* ; porque de Cayo Caligula Emperador dos Romanos affirma Plinio , que fizera excellente Ouro com esta *Arte Aurifactoria* ; porèm como de grande quantidade de Oropimenta tirou sò quatorze libras de Ouro , que não

naõ satisfizeraõ a sua avareza, nem elle, nem outro algum de seus successores continuãdo esta operaçaõ da Chrysopeia: *Auri faciemus et etiam una ratio ex auripigmento: invitaverat que spes Caium Principem avidissimum auri, quomobrem iussit excuqui magnum pondus: & planè fecit aurum excellens, sed ita parvi ponderis, ut detrimentum sentiret, illud propter avaritiam expertus; quanquam auripigmenti Librae XIII. permutarentur, nec postea tentatum ab ullo est.* Era Caligula hum bruto feroz, sem entendimento, nem juizo; porque com a bebida de hum Philtro o fez Cesonia sua mulher louco, e furioso. Sendo alto, e corpulento, tinha o corpo disforme, e o rosto muito feyo; e prezava-se tanto de causar terror com a sua vista, que no espelho estudava a postura, com que ficava de mais horriavel aspecto. Foy o primeiro homem, que aceitou entre varios epithetos, que lhe chamassem *Senhor*, titulo, que Tiberio tinha recusado com modestia. Entre outras loucuras intentou fazer-se Deos; e nas Estatuas de Jupiter, e de outros Numes Gentilicos, que segundo Plinio, tinhaõ cabeças postiças, mandava pôr huma, que se parecesse com a sua, e seria melhor ser a sua propria, cortada do seu pescoço, e posta sobre qualquer daquelles troncos, não só por desejar, que o Povo Romano tivesse hum só pescoço para o degollar com hum só golpe; mas porque era tão grande a sua loucura, que mandou edificar para si Templos, em que collocou huma Estatua, que o representava, a qual todos os dias apparecia por industria de Caligula vestida com a mesma gala, que trazia o Emperador, e tambem por ordem sua lhe faziaõ sacrificios os Sacerdotes.

C. Plin. Natural. Histor. lib. 33. cap. 4. num. 10. fol. 580.

Namora a Lua, como hum Galan a hũa Dama. Con-
 versava com Jupiter ao ouvido, e fingia que lhe
 respondia em segredo, applicando o ouvido à boca
 de Jupiter, que sem esta cautela guardaria segredo,
 como estatua morta, e muda. Com este bom
 entendimento murmurava de Seneca, e ultrajava
 Homero, Virgilio, e Tito Livio; e sendo tão pro-
 digio, como fatuo, era tão avarento, como doudo,
 porque aos convidados mandava offerecer pão,
 fruta, e outros manjares de Ouro fino; e ao mes-
 mo tempo lançava a todos os vassallos, e a todos
 os officios, e empregos exorbitantes tributos, em
 que entravaõ os pleitos, mulheres publicas, e ma-
 riolas; porque das cargas de huns, e dos encargos
 de outros tirava dinheiro, sobre que se deitava com
 grande contentamento. E à vista desta avareza não
 me admira, que o não satisfizessem quatorze libras
 de Ouro, que fez com a primeira operação da *Chry-
 sopesia*, sendo tão fino, e excellente: *Fecit aurum
 excellens*, senão que sendo hum louco furioso, e
 sem juizo, tivesse curiosidade para mandar traba-
 lhar em huma Arte, a qual desprezaõ os nescios,
 como diz Santo Alberto Magno: *Stulti enim eam
 despiciunt*, e só estimaõ os Monarchas de gran-
 de entendimento; e porque esta nobre potencia da
 alma não exercitava as suas funções racionais, no
 Imperio de quasi todos os successores de Caligula,
 nenhum daquelles Emperadores tentou, inquirio,
 nem experimentou, o que podia fazer a Pedra Phi-
 losophal: *Nec postea tentatum ab ullo est*; porque se
 elles tiveraõ juizo, vendo que se transformaraõ qua-
 torze libras de Ouro pimenta em excellentissimo
 Ouro: *Quamquam auripigmenti Libra XIII. per-
 muta-*

Div. Albert.
 Magn. Libel.
 de Alchimia
 in præfact. §.
 Cum. fol. i.

mutarentur ; haviaõ de continuar esta obração , atè tirarem utilidade , para satisfazer a sua ambição , que foy o unico detrimento que nella sentio a grande avareza de Caligula : *Ut detrimentum sentiret , illud propter avaritiam expertus*. De maneira , que se não fora tão grande esta avareza , não fexia sensível o detrimento ; porque todo o detrimento desta transformação esteve não da parte do Ouro , senão do avarento : *Illud propter avaritiam expertus*. Se Caligula não fora tão ambicioso , com esta *Chrysopeia* se faria muito rico ; porque como disse Epicuro , não està o segredo da *Pedra Philosophal* em accrescentar a riqueza , senão em diminuir a cubiça : *Non in augendo opes , sed minuendo cupiditates*. Com esta maxima de Epicuro acharia Nero mais ricos os seuserarios , do que com o desejado thesouro da Rainha Dido ; mas porque era hum louco ambicioso , zombou a fortuna de Nero , como diz Tacito : *Illusit dehinc Neroni fortuna per vanitatem ipsius*. Tinha sonhado Cefelio Basso , Carthaginez de entendimento confuso , e apprehensivo , que em huma sua herdade havia hum riquissimo thesouro , sepultado em huma profunda cova , o qual era sem duvida o erario da Rainha Dido ; e vindo a Roma , representou a Nero esta grande utilidade em audiencia publica. Divulgou-se , e celebrou-se logo em Roma com Poemas , e Panegyricos a felicidade do Emperador , o qual era o mayor pregoeiro da sua sonhada ventura. Sem mais averiguação mandou logo buscar aquellas riquezas em huma esquadra de Galeras ; e nesta expedição , e em outras publicas necessidades , gastou prodigamente o que tinha nos seus thesouros ; e sobre a

Epicuro referent. Stob. apud. P. Drexel. Tom. 4. cap. 5. de Salom. §. 1. fol. 871.

Tacit. Annal. lib. 16.

configuração da riqueza sonhada, emprestarão a Nero o muito dinheiro que pedia, de tal sorte, que a esperança das suas particulares riquezas, foy huma das mayores causas da pobreza publica, em que então se vio a Corte Romana; porque o thesouro, e a cova tudo foy sonho. E porque a Nero succedeo tão mal com o thesouro de Dido, promettido no sonho de Ceselio, nem elle, nem outro algum dos Emperadores, que lhe succederão, imitarão o exemplo de Caligula; porque como ignorantes, não fizeram a estimação, que merecia o mysterioso sonho dos *Adeptos*.

Mas o que desprezarão antigamente os Emperadores de Roma, estimão hoje os Doges da Republica de Veneza; porque possuem os Venezianos além do seu tão celebrado thesouro, outro muito mais rico, e precioso na *Chrysopeia*, como com as vozes da Fama publica o douto Medico Gabriel

Clauder. tract
de Tinct. uni-
vers. n. VIII.

Claudero : *Inveterata est apud plures opinio Serenissimam Rempublicam Venetam calluere, & possidere Chrysopream*; nem a Serenissima Republica Veneziana poderia sustentar a guerra contra o Turco, e fazer-se tão respeitada entre os Monarchas, e Principes do Mundo, se pelas suas ruas não corrêrão juntamente as agoas do mar, e as do rio Pactolo; tão celebrado dos Poetas pelas suas areas de Ouro. Não quero dizer, que o Pactolo, rio da Lydia na Asia menor, banha a Cidade de Veneza, como a Sardis, antiga Cidade da mesma Lydia, donde se vem meter no rio Hermes; mas que de *Hermes* vem o Pactolo, que em Veneza não tem só areas, senão tambem correntes de Ouro. Por ter areas de Ouro chama Plinio Historiador *Chrysorrhoeas* ao Pactolo

do da Lydia; e *Chrysopeia* chamo eu a esta do de Veneza, por ter correntes, e areas de Ouro.

ENODIO. Sendo *Hermes* a fonte donde corre Ouro potavel para o thesouro de Veneza, tambem nella podem beber este precioso licor todas as Nações do Mundo; porque a doutrina deste Philosopho he tão publica, como a agoa do rio do mesmo nome; e sendo naturalmente mais insofivel a sede, do que a fome, obrigando aos homens a fome do Ouro a commetter os mayores excessos:

Quid non mortalia pectora cogis auri sacra fames: he certo, que a sede do Ouro lhe fará obrar mayores temeridades; e com tudo vejo, que bebem, e gostão mais homens do licor da *Fonte Arcada*, do que do Ouro potavel do rio *Hermes*; porque não he tão universal entre as Nações do Mundo a *Chrysopeia*, como o vinho.

ENODATO. Bem poderá ser, que por beberem tanto vinho, não possaõ os homens provar das agoas do rio *Hermes*; porque não haõ de usar de muita potagem os *Hermeticos*, que quizerem fazer a *Chrysopeia*, como na prefacão ao livrinho da *Alchimia* escreveo Santo Alberto Magno: *Vidi & alios bonum principium habentes, sed propter nimiam potationem, & alias vanitates opus facere non valebant*. E a razão disto he, porque a nimia bebida não só he contraria da obra, mas se he de vinho, perturba o entendimento, e não pôde o juizo perturbado entender, ainda que ouça, nem ver, ainda que veja a corrente do rio *Hermes*. He este rio mysterioso, como o rio *Alphee*, que humas vezes caminha descoberto, e outras se occulta por debaixo da terra, e correndo sempre, passa do Pelop-

loponella da Grecia atravessando o mar, para se unir com as águas de Arethusa, Fonte de Sicilia, em que a transformou a Deosa Diana, quando era Nympha de Elide; e deste modo discorre *Hermes* na sua *Philosophia*, ora descoberto, ora occulto, para que o vejam, e não vejam, e ouvindo-o também, o não entendão, conforme disse de si mesmo como Hermetico Santo Alberto Magno : *Ego minimus Philosophorum intendo scribere socijs, & amicis meis: veram artem, levem & infallibilem : ita tamen ut videntes non videant ; & audientes non intelligant ;* usando desta industria para passar correndo sempre o mar deste Mundo, e unir-se só com o Philosopho, cujo entendimento seja fonte de agoa de clara, e pura doutrina, o qual saiba como Arethusa por experiencia propria, que cousa são transformações, e não seja copo, ou vaso de vinho com vario, e temulento discurso, que só entenda por beber deste licor com grande excesso : *Propter nimiam potationem*, que todas as conversões da *Arte magna* são como as transformações fabulosas.

Hum destes entendidos foy o famoso Almançor, o qual, como refere Albusarajõ, Historiador Arabico, mandou ajuntar na sua Bibliotheca, e traduzir na sua lingua as Obras dos Philosophos Chaldeos, Egypticos, Gregos, e Latinos, por lhes constar, que nellas se podia descobrir mais Ouro, do que nas minas de todo o Oriente. Nestes obras o descobrio com os seus estudos o grande Geber, Rey dos Arabes; e nesta fonte bebêraõ a sua doutrina muitos Philosophos da Arabia. Todas estas obras ajuntou Arisleo, divulgandoas depois da sua collecção com o titulo de *Turba Philosophorum*, em que

que se achão com admiração de todos os sábios os verdadeiros principios, e os mais sólidos fundamentos desta utilíssima sciencia; porque Bernardo, Conde de Treveris, confessa, que depois de trabalhar inutilmente na *Obra grande*, passados muitos annos, descobrio hum riquíssimo thesouro, e hum remedio universalíssimo, caminhando pela verdadeira estrada, que lhe mostrara Parmenides na *Turba*; porque na *Chrysopeia* tinha hum antídoto universal para evitar doenças, curar enfermidades, dilatar as vidas, e transformar em Prata, e Ouro todos os metaes; e como entre os Arabes era muito sabida esta *Philosophia*, e bem practicada esta *Arte*, e com os Mouros passáraõ alguns *Hermeticos* a Hespanha, no tempo em que a conquistáraõ, e domináraõ os Mahometanos, dilatando muitos destes *Philosophos* as vidas com a *Chrysopeia*, e ajuntando com ella as riquezas extraordinarias, que davaõ a outras pessoas por sua morte, deraõ occasião ao antigo rumor, e fama constante dos Mouros encantados. Isto se prova com o que sobre esta materia deixáraõ escrito Geber, Rhasis, e Avicena, os quaes affirmão, que entre os Soldados Sarracenos andavaõ muitos *Philosophos*, e *Medicos Adeptos*, que obravaõ com o *Lapis* estupendas maravilhas, as quaes attribuião os homens synceros daquelle tempo aos encantos da *Arte Magica*, sendo verdadeiros, e naturaes effeitos da *Arte Magna*; porque não vemos hoje, que os Magicos vivão muito tempo, nem possuão muito dinheiro, tendo os *Hermeticos* grandes thesouros, e vivendo muitos seculos, conforme crê o vulgo dos Mouros encantados.

ENO

ENODIO. Sempre me pareceo muito difficiltofo, e quasi impossivel, que a *Pedra Philosophal* cure repentinamente todas as doencas, preserve de todas as enfermidades, transforme em Prata, e Ouro todos os metaes, e prolonge de tal sorte as vidas, que converta os velhos decrepitos em floridos mancebos; porque nem dos Mouros encantados publica tão raro prodigio a nescia credulidade do povo.

ENODATO. Para fallar nesta materia com mayor fundamento, e confiança, quero primeiro repetir a diffinição, que o Padre Kircker escreveo da *Pedra Philosophal*: *Lapis Philosophorum*, diz elle, *definitur ab Alchymicis, magnum in arte mysterium, & universalis medicina, quæ non modo corpus humanum validum in suo vigore conservat, lesum que pristinae sanitati restituit, sed etiam metalla imperfecta depurando, decoquendo, nativum calorem ministrando ad summum finem, quem natura intendit, brevi temporis spatio in purum aurum, argentumque transmutat, in infinitum multiplicabile.* He pois a *Pedra Philosophal* aquelle grande *Mysterio*, ou segredo da *Arte Chymica*, o qual como *Universal medicina*, não só conserva o corpo humano com perfeita saude, e grande vigor, e o restitue à sua antiga saude quando está doente; mas tambem por meyo da depuração, e cosimento, transmuta em Prata, e Ouro infinitamente multiplicavel a qualquer metal imperfecto. Comparando Santo Alberto Magno as impuridades dos metaes com as enfermidades dos homens, diz, que assim como da materia seminal pura por corrupção da madre materna, se gera hum menino enfermo, e leproso; tambem por corrupção da

da terra se produz o metal impuro, e como leproso, aindaque seja purissima a materia sexual da sua producção; por isso Aristoteles chama ao chumbo Ouro leproso: *Plumbum est aurum leprosum*; e desta lepra, ou impuridade, como de qualquer doença, se podem curar os metaes com as suas medicinas, que por meyo da Arte, conforme discorre Alberto, os purificação, e livrão da corrupção: *Unde nullo modo dubitandum est, quin metalla corrupta possint reduci ad sanitatem per medicinas suas*. Esta doutrina admite Miguel Ettmullero confessando, que a *Pedra Philosophal* he Medicina para abrir, e purificar os metaes de todas as suas impuridades morbificas, atè os restituir a tão perfeita saude, que da idade de ferro passem para a idade de Ouro; mas nega que a *Chrysopeia* seja antidoto, para conservar a saude, e dilatar a vida dos homens, por se ter observado, conforme notou Helmonte, que não vivem muito os *Hermeticos*, como se vio em Paracelso, que morreo aos quarenta e cinco annos da sua idade: *Nam Lapis Philosophicus est tantum Medicina ad metalla aperienda, eorumque imperfectionem morbosam corrigendam, & eadem ad perfectionis sanitatem deducenda: unde falsum est, quod debeat etiam ad conservandum corpus adhiberi: & rectè dicit Helmontius, quod Professores hujus Lapidis non sint longævi, quod & inductione exemplorum probari posset, sicut etiam Paracelsus anno 45. ætatis est mortuus*; mas como Ettmullero, e Helmonte não tem outro fundamento para negarem, que a *Chrysopeia* conserve a saude, e dilate a vida humana, senão a morte de Paracelso, sempre se deve seguir a opinião de todos os *Hermeticos*, que seguem o contra;

Div. Albert.
Magn. Tom.
21. libel. de
Alckim. fol.
3.

Ettmuller.
Tom. 3. Col-
leg. Pharm. in
Schræd. Mi-
neralog. cap.
10. de Metall.
fol. 257.

Sennert. loc.
fol. 181.

trario. O vastissimo Medico Daniel Sennerto, Mestre de todos os Philosophos, Medicos, e Chymicos, tão longe esta de entender, que a *Chrysopeia* cura só as enfermidades dos metaes, e não as dos homens, que segue com muitos *Hermeticos* ser mais efficaz a *Pedra Philosophal* para remediar as doenças dos corpos humanos, que as dos metalicos: *Tamen nonnulli statuunt, scopum præcipuum hujus artis non esse aurum conficere, sed sanitatem corporis humani conservare, Lapidem que, quem appellant, Philosophicum, non solum metalla imperfecta, sed & corpus humanum perficere, atque hunc finem potius, quam aurificium spectari.* Nem obsta o exemplo da morte anticipada de Paracelso para se entender, que os *Hermeticos* não dilatao muitos annos a vida com a *Chrysopeia*; porque consta certamente, que Paracelso morreo com veneno, como diz Osuvaldo Crolio; quelle derao os seus inimigos em occasião, que elle não pode tomar por antidoto a sua *Pedra Philosophal*; e à vista do que affirmão todos os Philosophos, só poderão negar estes effeitos do *Lapis* os homens, que forem ignorantes; porque conforme diz Santo Alberto Magno, não tem esta *Philosophia* outros contradictores, senão os que a não entendem, nem conhecem as naturezas dos metaes: *Volunt ergo quidam contradicere, & quamplures, & maximè illi, qui non intelligunt aliquid de arte, nec metallorum naturas agnoscunt.* Não vos encandalizeis dessa censura, que não faço contra os vossos duvidosos reparos; porque muito bem conheço, que se não fois *Hermetico*, delejais alcançar os mysterios da nossa *Philosophia*; mas he justo, se diga isto por respeito de alguns idiotas, muito presumidos do seu

seu entendimento, e summamente desvanecidos da sua sabedoria, os quaes sem estudar nada, presumem saber tudo, imaginando sempre, que os homens, que estudaõ muito, sabem pouco, ou os que estudaõ mais, sabem menos.

ENODIO. Ainda que eu não creyo no encanto dos Mouros, nem nas virtudes, que os *Hermeticos* attribuem ao *Lapis*, desejo com tudo saber, que effeitos obra, e o methodo com que se applica, para ver se com a *Chrysopeia* podiaõ viver os Mouros encantados, e se pòdem os homens evitar as doenças, curar as enfermidades, e dilatar por muitos seculos a vida.

ENODATO. Se vòs quereis saber as virtudes do *Lapis*, vede a Gabriel Claudero, David Lagneo, Libavio, Paracelso, e a Bechero, os quaes affirmão com experiencia o effeito de preservar de molestias, conservar a saude, e de curar todas as doenças procedidas de qualquer causa, ou seja o accido, ou o alkali preternaturalizados, como escreve Claudero: *Nostra vero tinctura modo extraordinario operans, sanat morbos omnes, quales quales ij sint, à quacunque etiam causa, sive ab alkali, sive ab accido præternaturaliter se habente orto.* Porém ninguem descreve melhor, nem com mayor clareza as virtudes da *Chrysopeia*, do que Arnolde de Villanova, cujas palavras transcreveo Richardo Anglico no Capitulo XIV. do seu livrinho intitulado *Correctorio*, às quaes ajuntarey as que Mangetto trasladou da *Tumba de Semiramis*, que podereis ver no Segundo Tomo da sua Bibliotheca Chymica; porque ensinaõ o methodo practico de applicar o *Lapis*; mas para vos livrar desse trabalho, vo

Claud. Tract.
de Tinct.
Univerf. n. 1.
§. Nomen.

Qij

las

las que o agora repetir: *Ad omnem aegritudinem cuiuslibet generis expellentem; & nominanter has assignavit virtutes: de senē facit juvenem, & senē reviviscere facit naturam, conservat sanitatem, roborat infirmitatem, omnem corporis expellit aegritudinem, venenum declinat à corde, arterias humectat; lividam immunditiem à pulmone dissolvit, vulneratum consolidat, sanguinem mundificat, lapidem frangit, contenta in spiritualibus purgat, si caput rheumaticum est, purgat à fluxu, stomachum in calore naturali confortat. Et si aegritudo fuerit unius mensis, sanat eam in uno die, vel hora: si aegritudo fuerit unius anni, sanat eam in octo diebus: si verò morbus fuerit antiquus, longo tempore, eum alijs medicinis incurabilis, sanat eum in dimidio mense. O felix scientia cum sciente! Quare non immerito hæc medicina super omnes alias medicinas est querenda, quia qui habet eam, incomparabilem habet thesaurum, & in salubri constellatione natus est, in hoc sæculo dives, divitiis infinitis super Reges, & Principes huius sæculi. Dosis illius est granum j ad ij juxta ætatem, & vires ægri in haustulo vini calidi, vel cochleare uno quintæ essentia ejusdem dissoluta, & tertio quoque die exhibitæ. In morbis externis, vulneribus, ulceribus cachecticis, phagadenicis, fistulis, gangrena, cancro, &c. quotidie, vel alternis diebus granum unum exhibetur in vino. Pars vero externe affecta vino, in quo portio nostri lapidis soluta sit, lavatur, vel si necessitas exigat per symphonem injicitur, superposita plumbi lamina, & ligatura conveniente. Com o Lapis, e com este methodo qualquer homem poderá ser taõ grande Medico, como sem a Chrysopeia foy Duarte de Brito, famosissimo Medico de Buarcos; porque cura-*

curava tão felizmente aos enfermos com a sciencia Medica, como se obrara prodigios. Com a *Pedra Philosophal*. Para ser Esculapio, não lhe faltava senão resuscitar mortos, como a Hippolito; e esta he a unica cousa, que não pôde tambem fazer a *Chrysosopeia*; mas conservar a vida muitos seculos, sem que seja necessario comer, beber, nem ainda respirar, como succedia aos Mouros encantados, he cousa tão antiga, que já Empedocles, celebre Philosopho Grego, deu a Pausanias, segundo refere Bluteau, ou lhe descobrio hum medicamento, com o qual podia huma pessoa estar o espaço de trinta dias sem alimento, bebida, pulso, nem respiração; e não podia ser outro este segredo, senão a *Pedra Philosophal*, preparada com summa perfeição. Agora conhecereis vós, que por ignorancia dos Medicos não fez sempre a Medicina naturaes milagres, e admiraveis prodigios, por isso todo o desvelo dos Medicos he descobrir a *Pedra Philosophal*, como escreve o mesmo Claudero na Bibliotheca Chymica de Mangeto: *Immediatè quidem hæc præcipue competit Medicis*, para com este remedio curarem todas as enfermidades, e occultarem as suas grandes ignorancias. Porém por mais que os Medicos as escondão, os seus erros as descobrem. He certo, que Deos creou na terra os medicamentos: *Altissimus creavit de terra medicamenta*; e tambem he certo, que todas as cousas, que Deos creou, são muito boas: *Viditque Deus cuncta quæ fecerat, & erant valdè bona*: logo se os remedios não obraão bem, não he por serem mãos, porque são mais que bons: *Valdè bona* he sim, porque os Medicos não são bons, e alguns são pessimos.

Bluteau Supplément. au Vocab. Tom. I. Verbo Apno fol. 57.

Ecclef. 38. 4.

Genes. 1. 31.

ENO.

Tacit. lib. 1.
Histor.

ENODIO. Senhor Enodato, aqui ninguem nos ouve. Eu não creyo nos Medicos, nem nos Chymicos; porque de huns, e outros se pôde dizer, como dos Astrologos murmura Tacito: *Genus hominum potentibus infidum, sperantibus fallax, quod in civitate nostra & vetabitur semper, & retinebitur;* e se vós quereis persuadir-me, para que creya a existencia do *Lapis*, mostray-me esta verdade provada com algum successo natural, ou provay este mystério Hermetico com outros Escretores, que se forem desinteressados, e de grande authoridade, resolvo-me a seguir a Philosphia de *Hermes*; principalmente se vir, que são naturaes os effeitos do *Lapis*, porque então fica mais crível, que possão os Chymicos imitar a Natureza com a sua Arte.

ENODATO. Nunca lestes em *Humero*, *Plinio*, *Galeno*, *Diodoro Siculo*, *Juliano Martyr*, e outros Escretores modernos, que a planta chamada *Nepenthes* alegra a alma, desterra a melancolia; affugenta as molestias, remedeia os desgostos, sendo por este modo efficacissimo antidoto de todos os contratempos? Pois se huma planta tem tais virtudes naturais, como se pôde duvidar na *Chrysopeia*, sendo composta de materia, que tem

Johan. Nihof. maiores virtudes? Em prova desta verdade vos in descrip. Si- contarey huma notavel historia. Como a *Arte Ma-* na. fol. 295. *gná* voou pelo Mundo, tambem passou da Euro- Olear. in In- pa à China, como affirmaõ Nihosio, Oleario, e tin. Persic. Erasmo Francisco, aonde foy muito estimada dos in Exter. Art. Cesares daquelle Imperio. A hum destes Monar- & Mor. spec. chas persuadirão os *Hermeticos*, que se tomasse o lib. 1. Histor. *Lapis*, ou bebesse sempre por hum copo de Ouro 16. fol. 98. Chymico, não havia de morrer, como succede aos outros

outros homens, ainda que sejam Emperadores; porque esta he huma das principaes virtudes da Chrysospeia, e com ella não falta quem presume, como escreve Beyerlinck, que os primeiros, e antiquissimos Patriarchas do Mundo dilataraõ muitos seculos a vida : *Qui inter alias vires etiam vitæ propagationem tribuunt, primos Patres illius beneficio longævos extitisse suspicantur.* E por isso estes copos de Ouro Chrysophilo eraõ muitos raros, e taõ estimados entre os antigos Monarchas da Persia, que trazendo Esdras de Babylonia para Hierusalem grande numero de vasos de Ouro, e Prata, que ElRey Artaxerxes, os Principes, e outros Magnates daquelle Imperio offereceraõ para serviço do Templo, só dous eraõ de hum metal optimo dos mesmos quilates, esplendor, e fermosura do Ouro:

Beyerlinck:
Theatr. Vitæ
Human. Tomo 2. Verb.
Chymia folh.
204.

Vasa æris fulgentis optimi duo, pulchra ut aurum. Esdr. lib. 1.
Por cousa rara fazem os Historiadores menção de cap. 8. v. 25.

alguns destes vasos, que se acharaõ entre os copos de Ouro d'ElRey Dario, que do Ouro natural se não distinguiaõ senão pelo cheiro, conforme por lição de Aristoteles refere Daniel Sennerto:

Inter Darij pocula quædam fuisse, quæ, nisi olfatus judicio ab auro distare non cognoscerentur; e não hã duvida, em que este accidente do cheiro he verdadeira prova de serem estes copos de Dario feitos de Ouro Hermetico; porque Christovaõ Parisiense referido por Beyerlinck affirma, que achando-se nos alicerces, que se abrião em Roma para hum edificio, hum vaso de vidro bem tapado, metido dentro de outro de chumbo, que estiveraõ debaixo da terra 884. annos, o Ouro Chymico, que estava dentro encerrado, ao abrir da Redoma, passou

Sennert. loc.
cit. cap. 3. fol.
186.

mou

Beyerlinck.
Theatr. Vitæ
Human. To-
mo 2. Verb.
Chymia fol.
205.

mo a todos os circunstantes com hum cheiro suaviſſimo: *Edo, ubi tanta fuit odoris fragrantia ut quot quot aderant, effecti ſint veluti ſtupidi.* Com eſtas razões, e experiencias ſe animou o Emperador da China a viver tanto tempo, quanto o ſeu delejo, e a *Philosophia Hermetica* lhe promettia; e bebendo em cada copo de agoa muitas eſperanças de ſer immortal, no fim da vida o deſenganou a morte. Chegando o tempo de pagar o tributo da natureza, chamou eſte Emperador o Conſelho de Eſtado, para determinar o que mandava fazer depois da ſua morte. E como na vida tinha eſperado ſer immortal por beneficio da *Chryſopeia*, arguirão os Conſelheiros a louca eſperança do ſeu Emperador, com o deſengano, que já todos conheciaõ, e o meſmo Monarcha confeſſava. Porém o Ceſar Hiaovo reſpondeo àquella cenzura com a verdade: *Se não fuy immortal, diſſe, não acabo ao menos como os outros homens, porque devo aos Hermeticos viver muito, ſem moleſtias, que he o mais que pôde fazer a arte Chymica: Per hanc hoc unicum obtinui, ut canitiem hanc meam obtinuerim, ſine morborum inſultibus, & ab aegritudine præſervatus, artem enim Alchymicam in hoc multum præſtare, nullus dubito. Immortalitatem autem conciliare cuidam neutiquam valet.* E iſto he verdadeiramente, o que os *Hermeticos* tambem lhe promettêrão; porque não lhe ſegurãrão a immortalidade, ſenaõ, que não morreria como os outros homens; e deſte modo ſe verificou a ſua promeſſa, por acabar Ceſar Hiaovo a vida, depois de lograr boa ſaude, e em larga, ou dilatada duraçãõ de annos, couſa, que não ſuccede aos outros homens; porque vivem pouco tempo,

e pr-

Clauder. loc.
cit.n. XIII. §.
Aleud. num.
62

e padecem muitas enfermidades antes da morte.

ENODIO. Eu bem sey, que ainda os Authores mais escrupulosos, que negão a transmutação dos metaes, concedem, que a *Pedra Philosophal* he huma universal medicina, como li ha pouco tempo no grande Medico Quercetano : *Aurum enim Philosophorum, seu Lapis, nihil aliud est, quam quedam arte compilata medicina temperata.* E atè o Padre Athanasio Kircker; acerrimo inimigo dos *Hermeticos*, se nega os effeitos da *Chrysopeia*, em transmutar os metaes, e multiplicar o Ouro, e Prata, confessa ingenuamente, que Raymundo Lullio não fez outra cousa, senão descrever debaixo da metaphora de *Cælum Philosophorum* huma *Panacea*, que cura todas as doenças, preservando de todas as molestias, e prolongando os annos da vida; e como este he tambem hum dos effeitos, que os *Hermeticos* attribuem à sua *Pedra Philosophal*, e Kircker as contradiz a respeito da transmutação, e multiplicação do Ouro, e Prata; se elles se enganaõ nas multiplicações, e transmutações, fica tambem muito duvidosa a verdade a respeito da *Panacea*; porque conforme os Philosophos, e Jurisconsultos, quem em tudo não he verdadeiro, sempre se reputa mentiroso. E nestes termos se vòs me não convenceres com outra Philosophia, e conforme a direito, provando a transmutação dos metaes com os seus Textos, sempre duvidarey desta universal medicina.

ENODATO. Não podia a vossa incredulidade appellar para Tribunais mais contenciosos, do que são os da Jurisprudencia, e da Philosophia; porque entre os Philosophos não tem fim as opi-

R

niões,

niões, e entre os Jurisconsultos não acabaõ as contendas; mas como quereis, que vos convença com Jurisconsultos, e Philosophos, ouvi as suas authoridades: entre os Gregos Suidas Philosopho, e Historiador de grande nome, fallando da *Chymica*, diz, que he huma Arte com que se faz Ouro, e Prata: *Chemia est auri, & argenti confectio*; e explicando a jornada de Jafão pelo Mar Pontico à Ilha de Colchos, para com os Argonautas conquistar o *Vellofino de Ouro*, affirma, que o *Vellofino* era hum livro *Chymico*, ou *Hermetico*, que ensinava a fazer a *Chrysopeia*: *Vellus aureum, quod Jason per Mare Ponticum cum Argonautis in Colchidem trajiciens accepit, & Medeam Aetæ Regis filiam: hoc autem non ut poeticè dicitur, sed liber erat in pel-libus conscriptus, continens quomodo per Chemiam aurum conficeretur*; e passando dos Gregos para os Philosophos Latinos, e deixando a grande authoridade de Plinio, que já fica referida, notay humas palavras de Cardano, fallando da transmutação dos metaes: *Quod tamen permutari metalla possunt, multis visum est, ob experimentum aeris jam superius adductum: quod videtur assecutus Pharmacopola ille Trevisanus, qui coram Principe, & sapientibus Rei-publicæ Venetæ, argentum vivum in aurum commutavit*. Aindaque tenho repetido huma famosa authoridade do grande Philosopho, e Medico Miguel Ettumullero, em que ensina a preparação, e confessa a operação da *Chrysopeia*, não quero agora deixar em silencio a conclusão, que no seculo passado defendeo publicamente na Universidade de Leipsic, a qual ainda hoje se conserva por este modo nas suas obras: *Epimeton unicum de Chrysopeia, & Argyropeia, vulgo* De

Cardano de
subtil. lib. 6.

De transmutatione metallorum in aurum & argentum.

Transmutatio omnium metallorum in Aurum & Argentum actu atque formaliter neque Aurum neque Argentum sunt in verum, naturale, omnia examina S. R. Imperii ferens, & ad summum perfectionis gradum exaltatum, Aurum atque Argentum, qualem veri ADEPTI Philosophi in Scriptis suis per Lapidem Philosophorum sic dictum præstandam perhibent, est Ars antiquissima, veracissima, Naturæ legibus penitissimè conformis, inestimabilis, atque dignissima. Nec vereor ultrò polliceri, me cuilibet prudenti veritatisque unice amanti, sive docto, sive literarum ignaro, cui Ars illa impossibilis visa fuerit, si ingenuo animo ulteriorem harum rerum discursum privatim desideret, solidis è Natura depromptis fundamentis & rationibus Artis hujus possibilitatem eatenus demonstraturum, ac probaturum, ut non solum dictis facile fidem habeat, sed & ipsemet sponte fateatur, se pretiosam hanc Artem credere possibilem, eam que in DEI Ter Opt. M. ac Sapientissimi Operibus naturalibus firmiter ac clarè fundatam ternere. Sedulà nanque rerum naturalium perscrutatione, indefesso que studio atque labore, in nobilissima Philosophia Physico-Chymica, Lapidis Philosophorum, seu Tincturæ Aurificæ Argentificæque, nec non stupendorum ejus effectuum in Opere Transmutationis metallorum, possibilitatem, ac fundamentum clarè perspexi hætenus, idque cuilibet à Partium studio prorsus alieno veritatisque cupido explicare promitto, ne tantum Naturæ & Artis Mysterium, in quo summi Creatoris Omnipotentia ac Sapientia, nec non totius fere Naturæ jucundissimus generationis cursus ceu in speculo Compendio vè cernitur in posterum impossibile

Ettumuller.
Tom. 1. Disp.
5. Dissert. de
Respirat. hu-
man. fol. 645.

mendaxque, uti hætenus à multis Osoribus imperite factum, reputetur. Omnia in Gloriam Dei. Não vos quero nomear, ou allegar muitos Philosophos Estrangeiros, porque lhe não dareis credito. Basta, que confesse esta verdade o mayor contradictor da *Chrysopæia* o Padre Athanasio Kircker. Escreve este grande Philosopho, que calcinando-se na sua presença hum pouco de tartaro a fogo reverberado, apparecêra no fundo do Cadinho hum globo de Ouro, e Prata, que pezou tres onças, o qual no ensayo da capella deu duas onças de Prata, e huma onça de Ouro. E affirma tambem, que de varias hervas se tirara muito Ouro na Hungria; como tambem ensina nos seus Arcanos o modo de tirar huma oitava de Ouro de huma onça de Prata, e de multiplicar a Prata de tal sorte, que de tres onças se faça hum arratel, e deste se formem quatro, e dos quatro oito, dos oito dezeseis, e dos dezeseis huma arroba, e continuando a operaçãõ, abatendo as despezas, e tirando materia para nova multiplicaçãõ, ainda fica lucro, que pòde sustentar a vida a hum homem, que com esta industria foubey, e quizer viver. Finalmente no terceiro Arcano propoem o modo de augmentar tambem o Ouro, de sorte, que possa soffrer todo o exame. Porém o que mais me admira, he, que referindo este Padre, que na presença de hum *Chymico* seu conhecido fizera hum Peregrino a *Tinctura Universal*, a qual lançada em pò sobre trezentas libras, ou arrateis de Mercurio, o convertera todo em Ouro mais fino, e mais excellente do que o natural, como se conheceo no Ensayo: *Que in pulverem redacta, & supra 300. libras Hydrargiri projecta, illud*

illud in obrisum, & nobilissimum Aurum, multo naturali excellentius, nobiliusque convertit, quod apud Aurifices optimi, & perfectissimi, examini subiret: queira provar com esta historia, que o Peregrino era o Demonio, por ser hum fugeito desconhecido, e não se achar outra vez depois de buscado, como se foraõ Diabos todos os homens grandes, que andaõ incognitos pelo Mundo, e passaõ de humas para outras terras sem serem vistos.

Maç não ponderemos as palavras de outro Jurisconsulto, fenaõ as de Oldrado; a quem pudera ajuntar outros muitos, o que não faço por vos não enfadar com authoridades Latinas: *In contrarium videtur quod isti, qui Stano, vel Plumbo, vel alio vili metallo produciunt Aurum, vel Argentum, dum tamen hoc non faciant per Artem Magicam, vel aliam legibus odiosam, ut dicit lex C. de Thesaur. l. 1. lib. X. non sunt reprehendendi, sed potius laudandi. Isti sunt metallarii, qui labore proprio sibi, & Reipub. commoda comparant. C. de metall. l. 1. lib. XI. & iura propter publicam utilitatem, quæ ex eorum officio videtur resultare favent eis. Nam possunt invito Domino ingredi fundum alienum ad metallum inquirendum C. de metall. l. 2. & C. quosdam. Et ibi non quod alias non liceret de acquir. rer. domin. Nec ipsi dicunt unam speciem mutari in alteram (ut eis imputatur) quia hoc non est possibile, sed dicunt quod ex una specie metalli, (scilicet Stano,) potest alia species metalli, (scilicet Aurum) produci. Nec hoc est inconveniens. Nam & videmus, quod quandoque ex re mortua produciitur viva: ut videmus in vermibus, ex quibus produciitur sericum, & aliis pluribus. Et ex herba produciitur vitrum: multo magis ex metallis, in qui-*

Oldrad. conf. 74. de Sortil. n. 1.

Vid. Panor. mit. super c. ex tuarum de Sotr. extr. Johani Andr. in addit. ad Specul. tit. de crimin. fals. Andr. Ifern. in Tit. feud. quæ sunt. Regal. Bald. Perus. in eodem tit. suid. n. 5. Fabian. de Mont. in Tract. de empt. & ven. pit. quæst. 5. n. 7. Albericus de Rosin

Diction. verb
 Alchym. Al-
 chym. Alber-
 tus Brun. in
 Tract. augm.
 & dimin. mo-
 net. in 1. præ-
 sup. n. 13. &
 14 Guid. Pap.
 in singul. 388
 § de his. Joh.
 de Platea in l.
 1. c. ad R. c. de
 argent. pret.
 quod thes. in-
 fert. lib. 10. Et
 alij.

quibus est maior convenientia, & similitudo. Nam (ut ipsi tradunt) & habetur in libro de proprietatibus rerum in C. de Alchymia, omnia metalla procedunt ex eodem principio scil. ex Sulphure, & Argento vivo. Sed ex virtute elementorum quedam habent maiorem influentiam in uno loco, quam in alio, in una minera fit Stannum, in alia Aurum, & sic de aliis. Cum ergo Ars imitetur naturam ut ff. de adopt. L. si adoptio, non videntur isti Alchymisti peccare, si per virtutem istam, quæ est in herbis, vel lapidibus, vel elementis volunt de Stano facere Argentum. Nam cum sint quasi ex eodem principio, & similia in habentibus symbolum, facilius est transitus, &c. Este Jurisconsulto não fô decide o pleito como Jurisperito, mas tambem discorre na materia como Hermetico, não deixando replica contra o seu dilcurso, nem embargos para a sua sentença.

ENODIO. Só me fica hum escrupulo nesta materia, de que me não poderão livrar senão alguns Theologos; por isso desejo muito, que com authoridade dos mayores Mestres da Sagrada Theologia proveis ao menos a possibilidade, quando não mostreis a existencia da *Chrysopcia*.

ENODATO. Não he a possibilidade, ou existencia da *Pedra Philosophal* ponto Theologico, que se possa provar com Textos Sagrados, ou com as razões altissimas com que sobre os Mysterios sobrenaturaes, e Divinos discorre a Theologia: he sim enigma Philosophico, em que ainda os mayores Theologos fallaõ allumeados só com a luz da *Philosophia Hermetica* não he contraria, e opposta à verdadeira, e Catholica Theologia, ouvi as authoridades de
 San-

Santo Thomaz de Aquino, Mestre de Theologos, e Anjo das Escolas Theologicas, e as de Santo Alberto Magno, Mestre do mesmo Santo Thomaz. No fim das obras de Santo Alberto, que hoje se achão na Collecção de vinte e hum Tomos de folha, em que o Santo mostrou ser tão grande Philosopho, Theologo, Expositor, e Prêgador, que mereceo, e conseguiu a antonomasia de *Magno*, se vê hum livrinho de *Alchymia*, no qual enlina a fazer a *Pedra Philosophal*; porque não só achou, que era possível a transmutação dos metaes em Ouro, e Prata: *Inveni esse possibilem transmutationem in Solem, & in Lunam*; mas certifica, que a fizera; porque tinha visto com os olhos o mesmo que publicava com a lingua: *Quod scimus loquimur, & quod vidimus, testamur*; e as razões, ou experiencias em que se funda para Philosophicamente provar, e defender a *Chrysopeia*, são estas: sendo o Arsenico vermelho, pela sublimação se faz branco, e negro pelo cosimento. O Cobre recebe a cor citrina com a Pedra Callaminar. Pelo cosimento fica o Estanho de cor de Ouro. Com a industria da Arte se transforma o Ferro em Mercurio. A agoa liquida se congela no Inverno com o frio, e fica em forma de crystal, e o caramello cristalino como vidro com o calor do Sol se derrete, e fica liquido como agoa; e assim, conclue o grande Alberto, succede ao Mercurio com o Enxofre. Humas vezes se dissolve, outras se congela, tomando differentes cores da *Tintura universal*, como hoje experimentamos na preparação do Sorvete, e da Gelea coagulada com diversas cores; porque a diversidade das cores, e das consistencias assim na agoa, como nos Metaes, por serem

Div. Albert.
Magn. Tom.
21. libel. de
Alchym. fol.
1.

rem accidentes, facilmente se perdem, e adquirem de novo: *Metalla differunt inter se accidentali forma tantum, non essentiali: ergo possibilis est spoliatio accidentium in metallis.* E para que os Peripateticos não duvidem, nem contradigão esta Philosophia, responde nesta forma às objecções, que lhe fazem com a doutrina de Aristoteles: *Cum obijciunt Aristotelis verba dicentis: sciant Artifices Alchymiae rerum species permutari non posse: respondendum; hoc dixisse de ipsis, qui credunt, & volunt metalla adhuc corrupta transsubstantiare: quod sine dubio vix fieri potest. Audiant ergo verba Aristotelis quæ sequuntur: quod experientia destruit formam specierum, & maxime in metallis: & hoc est verum quando aliquod metallum est calcinatum. Aristoteles dicit, non credo quod metalla possint transsubstantiari, nisi reducantur ad primam materiam, id est, mundificentur à corruptione sua per ignis adustionem; e deste modo, aindaque o discurso de Santo Alberto he puramente Philosophico, e nelle discorre o Santo como Hermetico, não se pôde negar, que falla como Theologo; porque em lugar de converter, e transmutar, diz *transsubstantiar*, que he termo Theologico; mas para que fique satisfeito o vosso desejo, e desvanecido o vosso escrupulo, ouvi agora a Santo Thomaz como Theologo, e Philosopho: *Metallorum propinqua materia sunt Sulphur, & Argentum vivum sicut Alchymistæ dicunt; ita quod in locis lapidosis terræ per virtutem mineralem generantur diversa metalla, secundum diversam commixtionem eorum: Unde etiam ipsi Alchymistæ per artem Alchemiæ, sed tamen difficilem propter occultas operationes virtutis cælestis, quæ mineralis dicitur, quæ ex eo quod sunt occultæ à nobis**

Div. Thom.
in lib. Aristot.
tel. Meteor. 3.
ad finem.

his imitari possunt per prædicta principia, vel per
 principiata ab ipsis, faciunt aliquando veram genera-
 tionem metallorum. Ardaqui discorre o Santo Tho-
 maz como Philosopho natural, agora falla como
 Theologo moral: Si autem per Alchymiam fieret ve-
 rum aurum, non esset illicitum ipsum pro vero vende-
 re, quia nihil prohibet artem uti aliquibus naturalibus
 causis, ad producendos veros, & naturales effectus,
 sicut Augustinus dicit lib. 3. de Trinitate cap. 8. de his,
 que arte Daemonum fiunt. E esta razão do Santo
 destroe totalmente a illação; que das suas palavras
 infere o doutissimo Feyjoo; porque escrevendo Feyjoo Thea-
 contra a Pedra Philosophal conclue o seu discurso
 deste modo: Cita tambien, a favor de la Chrysopeia,
 a Santo Thomas 2. 2. quæst. 77. art. 2. el Author de
 un papel Anonymo; que se imprimio des ayes ha;
 ro alli el Santo no determina cosa alguna, y solo ha-
 bla condicionalmente, diciendo, que si los Alquimistas
 hiciessen verdadero oro, podrian venderle como tal:
 Si autem per Alchimiam fieret verum aurum, non
 esset illicitum ipsum pro vero vendere. Antes bien la
 condicional si fieret, parece que supone, que effectivamen-
 te no se hace. E he certo; que se não pôde inferir
 tal illação, dizendo o Santo Doutor, que nada pro-
 hibee a Arte Chymica, para que usando de algumas
 causas naturaes; não possa produzir verdadeiros,
 e naturaes effectos, como por authoridade de Santo
 Agostinho affirma de todas as cousas, que se pô-
 dem fazer pela Arte Magica: Quia nihil prohibet
 artem uti aliquibus naturalibus causis ad producendos
 veros, & naturales effectus, sicut Augustinus dicit
 de his, que arte Daemonum fiunt. E se conforme a
 doutrina do mesmo Doutor Angelico a Chrysopeia

he difficulতোসা, mas não he impossivel aos homens, por ser muito facil aos Anjos, e Demonios, pelo conhecimento, que tem das operações da natureza:

Div. Thom.
apud P. Kir-
cker. loc. cit.
cap. 2. n. 2. §.

Alchimia quamvis sit difficilis, non tamen est impossibilis, quod & nos dicimus, saltem Angelis, aut Demonibus notam, qui soli norunt occultas naturae semitas, juxta quas perfecte operari possunt: daqui se segue, que se a arte pôde naturalmente fazer, o que se faz por arte do Demonio, conforme diz Agostinho: *Sicut Augustinus dicit de his, quae arte Demonum fiunt;* podendo o Demonio fazer a *Chrysopeia*, como diz Thomaz, tambem a pôde fazer a *Arte Chrymica*, aqual não tem nenhum impedimento, para por meyo de cousas naturaes obrar verdadeiros, e naturaes effeitos. De maneira, que entendeo Feyjoo, que se não fazia Ouro verdadeiro com a *Chrysopeia*, por dizer Santo Thomaz, que se se fizesse *si fieret*, seria entao licito o vendello, inferindo mal, que por fallar condicionalmente affirmava o Santo, que se não fazia, quando o Doutor Angelico, pela excellente razaõ, que depois da condicional deu para se poder fazer Ouro, mostra desfender a opiniao dos que affirmao, que se pôde fazer, e de facto se faz natural, e verdadeiro Ouro com a *Chrysopeia*. Nem obsta, que Santo Thomaz pareça dizer o contrario nestas palavras, que se pô-

Div. Thom.
2. sent. dist. 7.
quæst. 3. art.

dem ver no segundo das sentenças: *Potest quidem ars virtute naturalium agentium aliquas formas substantiales inducere in materiam; sunt tamen quaedam formae, quas nullo modo ars potest efficere, quod propria activa, & passiva principia earum non potest invenire, & adhibere, sed bene aliquid simile illis efficere, sicuti Alchymistae faciunt aliquid simile auro,*
quam

quantum ad accidentia exteriora, sed tamen non faciunt verum aurum, quia forma substantialis auri non est per calorem ignis, quo utuntur Alchymistæ, sed per calorem Solis in loco determinato, ubi viget virtus mineralis; porque as escreveo o Doutor Angelico nos seus primeiros annos, commentando as sentenças dos Padres, e defendeo o contrario sendo velho, escrevendo a Summa Theologica, como ultimo testamento das suas opiniões, segundo diz o grande Mirandulano: *Adde quod quæ juvenis negare visus est Thomas, constanter affirmavit longo post tempore, hoc est, dum Summam conficeret Theologicam, tanquam ultimum suarum opinionum testamentum.*

Joan. Franc.
Pic. lib. 2. de
Auro cap. 11.
§. Nec.

E bem pôde ser, que o motivo de seguir depois opiniaõ contraria, fosse o mesmo fundamento, porque Feyjoo achou pouco efficaz a sua razaõ, como se pôde ver nas suas formais palavras: *Es verdad que la rason del Santo no me parece mui efficaz; pues se funda en que la forma substancial del oro no se hace por el calor del fuego, sino por el del Sol; y en las Paradoxas Phyzicas hemos mostrado lo contrario; esto es, que la formation del oro no se debe al calor del Sol, siendo impossible, que este penetre a la profundidad de las mineras, sino al del fuego subterraneo.* Por isso o grande Theologo Kircker depois de referir a dita authoridade de Santo Thomaz resolve com o mesmo Santo, e outros Doutores de grande authoridade, que com o verdadeiro Ouro Chymico licitamente se pôde comprar, e vender, e não com Ouro falso: *Si aurum Alchymicum à naturali in nullo differat, id vendi, & solvi posse: secus, minime licere;* donde se segue confessarem estes Theologos, que os Chymicos fazem verdadeiro Ouro;

Feyjoo Thea.
tr. Crit. Tom.
3. discurs. 8.
§. 9. num. 45.
fol. 178.

Sij

por

porque se elles o não fizeraõ, ociosidade seria escreverem tão graves Doutores esta sua resolução; porque disputavaõ inutilmente a questão da compra, e venda.

ENODIO. Não vos quero pôr mais duvidas, porque tenho a certeza, de que respondereis, e desfareis a todas. Nem ellas se me offerecem pelo que respeita á authoridade de homens tão graves, e tão doutos, que affirmão a certeza, ou existencia da *Pedra Philosophal*; porém quero saber de vós, se com effeito se executou alguma vez esta obra tão grande.

§. X.

Prova-se a existencia da Chrysopeia com exemplos succedidos em varios Reynos.

ENODATO. **J**A' ouvistes, que o Padre Kircker elcreveo alguns segredos de fazer Ouro; e se ajantares a este grande Escriitor Esperlingio, Bartholino Fludido, Salmuth, Martino, Grems, Eschrodero, Claudero, Borello, Hunrath, Helmonte, Zwelfero, Tachenio, Bechero, Bistio, Kunkelio, Michael, Balduino, Mangeto, Pico, D'elRio, e outros Authores, nas suas historias achareis abonados testemunhos, para vos certificarem, que por muitas vezes se fez na Europa Ouro pela *Chymica*. Mas porque a lição dos livros he muito boa, para quando nos recolhermos às nossas Livrarias, e para algumas pessoas he mais divertida a conversação de quem os leu, quero agora contarvos algumas

gumas historias, que nelles tenho muitas vezes li-
do. Escreve Joaõ Frederico Helvetio, insigne Me- Helvet. vi-
dico do seculo passado, que assistindo na Cidade tul. Aur. cap.
de Haya, o visitara hum Peregrino, pobre, e hu- 3. fol. 18.
mildemente vestido, natural da Hollanda Septem-
trional, o qual lhe dera hum pouco de pó de taõ
excellente virtude, que lançado em chumbo fun-
dido o transformára em Ouro fino. Semelhante a
esta, conta Helmonte outra famosa historia, de
outro Peregrino, que depois de transmutar em
Ouro o Mercurio, lhe mostrou tanta quantidade
de pó, que podia converter dufentas mil libras de
Mercurio em finissimo Ouro. Bem notorio he no
Mundo, que Raymundo Lullio fizera *hermetica-
mente* seis milhões de Ouro, que deu a Eduardo VI.
Rey de Inglaterra, para continuar a conquista da
Palestina, os quaes elle gastou na guerra de Fran-
ça, como podeis ver em Roberto Constantino,
Martim d'elRio, Christovão Soares de Figueiroa,
D. Rafael Bluteau, e outros muitos Escriitores;
e declara Cambdeno nas suas Reliquias Romanas, Cambden:
que deste Ouro mandara fazer ElRey de Inglaterra fol. 172.
humas moedas chamadas *Rosas nobres*, cuja figu-
ra explica Selden, que tinha de huma parte huma Selden. lib:
Rosa, e da outra hum Navio, com esta inscrip- Mar. clauf. 2:
ção: *Jesus autem transibat per medium eorum*. Não cap. 25.
se pôde duvidar da certeza desta historia; porque
a contaõ, e justificaõ Authores muito graves, e
verdadeiros, sendo alguns Inglezes, que devem
faber com certeza o que succedeo no seu pro-
prio Reyno.

Porém antes, que apartemos a memoria de In-
glaterra, vos quero contar o que succedeo em Gal-
les,

les, Provincia daquelle Reyno. Refere Daniel Jorge Morhofio, Author daquelle celebre livro intitulado : *Polyhistor literarius Philosophicus, & Practicus*, no paragrafo decimo terceiro da transmutação dos metaes, que no tempo em que Inglaterra negou a devida obediencia ao Summo Pontifice, enfurecendo-se o Povo contra as Imagens, e Reliquias Sagradas, sabendo por tradições, que na sepultura de hum antigo Bispo da Provincia de Waiiam estavam encerradas muitas riquezas, abraçao o sepulchro, no qual se achou somente hum livro manuscrito, que na lingoa antiga tratava da *Chrysopeia*, e duas bolas de marfim. E vendo o Povo ignorante desvanecida a sua esperança, quebrou huma daquellas bolas, ou globos, espalhando juntamente pelo chaõ a mayor parte do pó vermelho, que continha, deixando ficar alli os pedaços, ou fragmentos da bola quebrada, com a outra que estava inteira, e o livro da *Chrysopeia*. Tudo isto guardou hum homem humilde, e de baixa fortuna, e o vendeo por huma libra Esterlina a Eduardo Keleo, homem intelligente da lingoa antiga, o qual com João Dè, Theologo da Corte de Londres, passou a Alemanha, e Bohemia, e na presença do Emperador Rodolpho II. e de outros Senhores, transmutarão na Cidade de Praga com o pó vermelho o Chumbo em Ouro, e com o branco transformarão o Chumbo em Prata. E no Palacio de Thaddeo Haggocio converteo huma libra de Mercurio em hum arratel de Ouro com huma só gota da *Tintura Philosophica*, a qual, conforme diz Sennerto, ficava como hum Rubim em cima do Mercurio em Ouro convertido, ou transformado, com

com que se podia tornar a fazer a mesma transmutação de Metal em Ouro : *Et Eduardus Kelleius Anglus Præ in ædibus Thaddæi Haggæcii librarum unam argenti vivi unica guttulâ licoris rubicundissimi in aurum convertit , & ita quidem , ut adhuc videre sit signum illius liquoris supra Mercurium in aurum conversum instar rubini hærentis , ut ex illo residuo tantundem Auri fieri possit.* Este mesmo livro traduzido depois na lingua Latina se imprimio em nome de Kelleo. Confirma-se esta historia com a grande authoridade de Elias Ashmol , quo achareis no Theatro Chymico Inglez , e nas notas ao livro de Eduardo Kelleo.

Finalmente como a fama da *Chrysopeia* moveo a cubiça de Caligula , para *Chymicamente* fazer Ouro ; tambem incitou a curiosidade de Fernando III. que lhe succedeo no Imperio Romano , para experimentar se era verdade , o que a fama pivulgara em todo o Mundo ; e porque no tempo em que o Padre Athanasio Kircker se applicava ao estudo da *Chymica* , como elle confessa : *Ego sane tunc temporis Chymia studio intentus* , se espalhou , ou divulgou o rumor , de que o Emperador tinha alcançado o segredo , que a muitos Monarchas , sempre esteve occulto ; escreveu o dito Padre ao Augustissimo Senhor Fernando III. por via do Muito Reverendo Padre Gans , Confessor da Magestade Cesarea , para que , segundo elle diz , com hum sim , ou não , o desenganasse àcerca deste enigma , e a resposta do Emperador foy esta , que se pôde ver no mesmo Kircker : *Experimentum , quod in nostra præsentia de Artis Magnæ arcano fieri iussimus , curiosum quidem fuisse ; sed quod Imperatoriam*
Majest

Maiestatem locupletare posset, minime invenimus; Imo, ne tertiam quidem expensarum partem, quibus experimentum factum fuerat, recuperare non valuisse; hisce constare volumus. E daqui infero o Padre Kircker, que pela *Arte Magna* se não pôde transmutar nenhum metal em Ouro, nem tirar utilidade alguma da *Chrysopeia*; porèm esta illação Kircheriana impugnafse com facilidade; porque a operação, que se fez diante do Emperador, foy aquella, de cujo Ouro lavraraõ os *Chymicos* varias moedas, de que faz menção o mesmo Kircker: *Ad contestandam veritatem complura varijs insignita hieroglyphicis symbolis aurea numismata Cesari inscripta ad perennem repertæ artis memoriam publicæ luci plausu incredibili, verius non credibili, tradiderunt.* E não duvido, que a operação fosse curiosa, e sem a utilidade, que podesse fazer rico hum Emperador; mas como o Cesar confessa, que foy curiosa, em algum excellente artificio cahê este elogio: *Cesareo*; e bem se vê, que sendo as moedas de Ouro: *Aurea numismata*, que quando a transmutação do Metal não fosse muito util, sempre se prova, que foy verdadeira; porque eraõ de Ouro as moedas.

Para impugnar agora muito melhor ao Padre Kircker, quero tambem censurar de passagem hums grandes descuidos do Reverendissimo Feyjoo; em que cahio por falta de vista, e fraqueza da memoria. No celebre Discurso, que escreveo contra a *Pedra Philosophal*, pertendo refutar a João Zwelphero, por affirmar na sua *Mantissa Esparagica*, que o Emperador Fernando III. estando na Cidade de Praga, Corte do Reyno de Boemia, fizera por sua

pro-

Feyjoo Theatro Crit. Tomo 3. Disc. 8. §. 6. num. 31. e 32. fol. 171.

propria mão de tres libras de Azougue dous arr-
teis e meyo de Ouro puro , com hum só graõ c
Tinctura dos Philosophos , imputando falsamente
este grande Medico , declarar , ou dizer , que o
Emperador daquelle oro embiò al Padre Kircker ,
que estava en Roma , unas monedas , para que las exa-
minasse ; y haviendolas passado por todas las pruebas ,
hallà que era oro como el natural ; e este descuido
naõ pòde ter outra desculpa senaõ a falta de vista ;
porque referindo Zwelphero a transformação do
Mercurio em Ouro , do qual o Cesar mandou fa-
zer huma só , e unica moeda , que guardava em hu-
ma gaveta ; dentro no seu gabinete , naõ se vè nel-
le huma só palavra , que falle nas moedas remetti-
das a Kircker , e examinadas por elle em Roma .
Contra esta asserção , que naõ vio , argumenta des-
te modo com a historia de que se esqueceo : *Seame
licito contradecir a Zuvelphero sobre este hecho ; porque
me acuerdo muy bien de haver leído en el Mundo Sub-
terraneo del Padre Kirquer , que haviendole llegado a
este docto Jesuita , estando em Roma , la noticia de que
el Emperador Fernando havia hecho oro artificial , le
escribió a aquel Principe , de quien era muy estimado ,
preguntandole si era verdad , y el Emperador , cuya
carta pone alli à la letra el Padre Kirquer , le respon-
dió , que no havia tal cosa . El testimonio del Padre
Kirquer en esta materia es de muy superior aprecio al
de Zuvelphero . Y valga la verdad : si aquel Empe-
rador huviesse logrado este secreto , le haria heredita-
rio en su Augusta familia , para bien de ella , y de la
Christandad . Como , pues , los tres Emperadores , que
le sucedieron , se valieron de los mismos medios , que
los demas Principes , para ocurrir a sus urgencias , y*
T . algu-

algumas vezes por falta de oro , assi ellos , como sus vassallos , se vieron en no pequeños ahogos? Antes que responda a esta p̃gunta, vos quero advertir, que sendo taõ differente a noticia que elcreveo o Emperador, da que repetio o Critico Feyjoo, devemos crer firmemente, que se elle se lembrava *muy bien de haver leido*, era só de que lera en el *Mundo Subterraneo del Padre Kirquer*; mas não do que el Emperador Fernando havia hecho; porque dizendo a Magestade Cesarea, que a experiencia era curiosa: *Experimentum curiosum*; e affirmando Kircker, que as moedas desta operação eraõ de Ouro: *Aurea numismata*; só por esquecimento do que tinha lido, podia dizer Feyjoo, que perguntando Kircker a verdade ao Emperador *le respondió, que no havia tal cosa*. E paraque Feyjoo não imagine, que el testimonio del Padre Kirquer en esta materia es de may superior aprecio al de Zuvelphero; deve notar, que a moeda de que falla Zwelphero, he muito differente das moedas, de que faz menção o Padre Kircker; porque este Padre trata de muitas moedas no plural: *Numismata*; e Zwelphero escreveo de hum só moeda no singular: *Est numisma*: Esta moeda era de Ouro puro, e não Sophistico, feito de Mercurio, com hum só grão da *Tinctura universal*, não por outras mãos, senão pelas do mesmo Emperador, que para averiguar a verdade fez pessoalmente a projecção: *Est numisma purissimo Auro conflatum, minime sophistico, quod arte, ex Mercurio urvo, per projectionem unius grani Tincturae, ipse Ferdinandus III. transmūtavit*; e as outras moedas eraõ do Ouro, que na sua presença mandou fazer o Cesar por mãos alheyas: *Experimentum, quod in nos-*
tra

ira praesentia de Arte Magnæ arcano fieri iussimus. Nesta operação fez o Emperador grandes despezas; e na projecção não gastou nada; porque Richthausen, animado pela curiosidade do Emperador, lhe offereceo liberal, e graciosamente hum só grão da Tinctura; e a *Chrysopeia* com que mandou fazer o Ouro das moedas, mandou-a fazer à sua custa. Destas moedas teve só noticia o Padre Kircker, estando ausente em Roma; e a moeda teve-a Zwelphero nas suas mãos, estando na Corte de Vienna. Finalmente Zwelphero vio a moeda com os seus olhos; e a Kircker entrou a noticia das moedas pelos ouvidos, e o testemunho de ouvida tem menos credito do que o de vista.

Aqui não quero eu agora disputar se merecem mayor fé o odio, e a paixão, com que Kircker escreveo contra a *Chrysopeia*; ou a synceridade com que Zwelphero a defende; poque o mesmo Feijoo já deo a sentença a favor de Zwelphero, quando nas *Reflexões sobre a historia* advertio que *sobre todo, importa penetrar bien la indole del Autor. Hai algunos, que muestran tan vivamente el caracter de sinceros, y hombres de verdad, que se hacen creer, aun quando hablan a favor del partido que seguieron.* Esta synceridade me concederá o mesmo Feijoo, confessando, que *para lograr este conocimiento, es menester singular perspicacia; porque aunque se dice, que en los escritos se estampa el genio de los Autores, aun es más facil ocultarle hypocritamente con la pluma, que con la lengua;* e nem com a lingua, nem com a penna occultou Kircker o furor, com que censura aos *Hermeticos*; mostrando-se Zwelphero demasiadamente modesto na sua apologetica defeza.

Feyjoo Theatro Critico
Tom. 4. Discurs. 8. §. 44.
num. 102. fol. 221.

Porém para que se averigue, y valga la verdad: saiba Feyjo, que Fernando III. não chegou a possuir o segredo de fazer a *Pedra Philosophal*, ainda que teve na sua mão a *Chrysopeia*; porque Richthausen não offereceo a este Monarcha senão hum só grão da *Tinctura Philosophica* para com elle converter em Ouro pouca quantidade de Mercurio. Esta que parece avareza, foy admiravel, e mysteriosa politica de Richthausen; porque chuvas de Ouro são liberalidades; e larguezas só dos Deoses fabulosos; e não dadivas; nem beneficios dos *Hermeticos* verdadeiros; e ainda assim com ser fabulosa a chuva de Ouro, andou Jupiter muito moderado. nesta preciosa profusão; porque fingio a Fabula, o mesmo que succede na Natureza. Não cahe de pancada, e de huma só vez toda a agoa da chuva; mas gota, e gota naturalmente se distribue; e por este modo deu Richthausen não toda a *Chrysopeia*, senão hum só grão do *Lapis* ao Cesar. Com esta *Tinctura* transformou o Emperador por sua mão as tres libras de Mercurio em dous arrateis e meyo de Ouro; porque não fez a tempo a *Projecção*, que se a fizera antes do Mercurio evaporar com o fogo, converteria em Ouro toda a quantidade do Mercurio; e para testemunho, e memoria desta verdade, de todo aquelle pezo de Ouro mandou lavrar huma só, e unica moeda, da qual fazia tanta estimação, que não quiz guardalla no seu magnifico thesouro, estando este opulentissimo Erario dentro no Paço, fechou-a em huma gaveta, que tinha dentro no seu Gabinete, como escreve Zwelphero: *Unde Ferdinandus III. hoc Numisma in tantum redamavit, ut illud consueto Aulae magnifico thesauro adjungi passus*

*ſus non fuerit, ſed ſecretiſſimo, & conclavis ſui ſcriniolo incluſerit, nullo aut paucis arbitras. No tempo, em que floreceo o Auguſtiſſimo, e invicto Empetador Leopoldo I. teve Zwelphero em ſeu poder eſta moeda, a qual conſormẽ elle, e oupros muitos Aucthores mais antigos a deſcrevem, he de figura circular, tão groſſa como hum dedo, e da medida da palma de huma mão. Tem nõ meyo a figura de hum Mancebo nõ, e de corpo inteiro, coroado em circulo com os rayõs do Sol; ſuſtentando com a mão direita a Cythara, ou Lyra de Apollo voltada para cima, tendo na mão eſquerda virada para baixo a ſerpentifera Vara, ou caduceo de Mercurio; e firmando os pès ſobre as ſuas azas. Ao redor da cabeça em forma de meyo circulo eſta eſta letra: *Divina Metamorphoſis*; cerca-o da cintura para baixo eſta inſcripção: *Exhibita Praga XV. Jan. Aõ. M.DC.XLVIII. in Præſentia Sac. Cæſ. Majeſt. Ferdinandi III.* E na outra face eſtão eſcritas eſtas palavras: *Raris hæc ut hominibus nota eſt ars, ita raro in lucem prodit. Laudetur Deus in æternum, qui partem infinitæ ſuæ ſcientiæ abjectiſſimis ſuis creaturis communicat.* E accreſcenta o meſmo Zwelphero, que elle tinha como theſouro precioſo duas onças de Ouro feito de Mercurio pelo meſmo Richthauſen, com quem tivera grande amiſade; mas declara, que era certo, e conſtante, que Richthauſen, a quem o Emperador fez Barão com o titulo de Senhor de Chaos, não fizera a *Tinctura*, com que ſe fez a transformação do Mercurio em Ouro, por ſe averiguar que outra peſſoa lha dera, ou por outro modo lhe viera à mão: *Quem deinde ad Baronis ſaſtigium evexit propemodum Sacra Majeſtas, & Domini de Chaos**

titu-

Zwelpher. in
Mantiſſ. Spag
Part. I. cap. 1.
fol. 329.

titulo insignivit. Dictum Dominum de Chaos Tincturam non ipsum elaborasse; sed aliunde accepisse constat. E daqui infiro eu contra Feyjoo, que não contradiz licitamente a Zwelphero com o exame das moedas, em que elle não falla, confundindoas, e trocandoas com a moeda, que ló descreve, da qual não teve noticia o Padre Kircker; porque ha tanta differença entre esta, e as outras moedas, quantas hay de huma a muitas, do silencio de Zwelphero, a voz com que Feyjoo as publica, e de huma transmutação util, a huma transformação sem utilidade. Porém ainda que Richthausen não dera a *Chrysopeia* ao Emperador, para transformar por sua mão, e com grande utilidade o Mercurio em Ouro, do qual mandou fazer para testemunha esta moeda; bastava qualquer das outras para provar a verdade, e utilidade do *Lapis*; porque, segundo discorre o grande Bluteau, he a moeda a verdadeira *Pedra Philosophal*, que converte a terra, em Ouro; porque faz do pequeno grande; do plebeyo, nobre; do servo, Senhor; do besta, homem; e do feyo, gentil homem. Na fome a moeda he manjar; no frio, roupa; no deserto, casa; na doença, remedio; no desemprego, abrigo; e em todas as faltas, tudo.

Bluteau Vo.
cabul. Tom.
5. fol. 533.

Para conseguir, e deixar na sua Augustissima Casa este utilissimo arcano, fez o Emperador muitas mercês, e grandes honras a Richthausen, conhecendo muito bem, que este homem não tinha merecimento para ser tão bem despachado; mas com esta liberalidade, imaginava como bom politico, que moveria o verdadeiro Author da *Chrysopeia*, para que se lhe descobrisse, e se viesse offerecer para o servir, tentando-o com a ambiciosa esperança de

Sobre a Pedra Philosophal. Dialog. I. cap. unic. §. 10. 151

de semelhantes honras, ou de mayores fortunas, não advertindo o Cesar, que assim como quem (segundo dizem) traz consigo a *Pedra Antaglisé*, de nada se admira: também quem possui a *Pedra Philosophal*, de nenhuma coisa necessita; porque o *Lapis* he huma universal Medecina, superior a todas Medicinas, que sendo inferiores imperaõ, como diz Plinio, sobre todos os Reys, e Emperadores: *Medecina una Artium Imperatoribus quoque imperat*; Plin. lib. 24. e além das suas grandes virtudes medecinaes, he cap. 1. hum thesouro opulentissimo, mayor que o de todos os Principes, e Reys do Mundo, conforme escreve o referido Richardo Anglico: *Hæc Medicina super omnes alias Medicorum medicinas est querenda, quia qui habet eam, incomparabilem habet thesaurum, & in salubri constellatione natus est, in hoc sæculo dives, divitijs infinitis super Reges, & Principes*; e como a *Pedra Philosophal* faz os Monarchas dependentes dos *Hermeticos*, e os *Hermeticos* independentes dos Monarchas, mais facilmente se veraõ os Monarchas por falta de faude, e de dinheiro pedindo à porta dos *Hermeticos*, do que os *Hermeticos* servindo em casa dos Monarchas; porque sobejando-lhes o dinheiro, e não lhes faltando a faude, de que os Magnates quasi sempre tem falta, mais tem que dar, do que pedir os *Adeptos* aos Poderosos. Por isso nenhum destes Philosophos quer servir a grandes Senhores, por lhes não ser necessario, e por não perderem a liberdade no seu serviço, que he a unica coisa, como com discreta parano-masia adverte Santo Alberto Magno, que os *Hermeticos* podem tirar da sua escusada servidaõ: *Cogitabunt perpetuo te habere, nec permittent te habere*; Div. Albert. Magn. Tom. 21. libel. de Alckim. fol. 1. e com

e com este temor, e independencia não se descobriria, nem offerceria ao Emperador Fernando III. o verdadeiro Author da *Chrysopeia*, se nesse tempo estivera vivo; porque repetindo, e fazendo o que ensinão estas palavras de Paracelso: *Alterius non sit, qui suus esse potest*, occultaria o segredo para conservar a liberdade, que val mais que tudo quanto sem ella podem dar as Magestades; e se necessario fora ainda, faria mayores excessos para não morrer cativo.

Creou Deos ao homem com a liberdade espiritual da vontade, ou livre alvedrio, que não podem violentar os Divinos Decretos, as influencias dos Astros, nem os ameacos dos Tyrannos. O corpo humano pelo contrario he sujeito a todo o genero de cativeiros. Forma-se na prizaõ do ventre materno; apenas nascido, fica envolto, e prezo nas faxas, e opprimido toda a vida com a pezada carga das suas necessidades, appetites, e dos cargos das honras; acaba finalmente no cativoiro da sepultura, que não tem resgate. Porém ainda assim no meyo de todas as pensoes, e prizões da vida, logra o homem no seu trato huma certa liberdade, da qual ninguem se quer privar, por não viver violentado. Até os animaes, as feras, e os mais viz insectos, procurão defender, e conservar a liberdade, que lhes deu a natureza. Finalmente os Elementos, ainda que insensiveis, se esforçaõ para vencer os obstaculos, que os cativaõ: voarã o fogo hum monte, por não ficar constipado na mina: indignada do freyo de hum dique, tresbordará a agoa, e alagará huma Provincia: impaciente da clausura de lugares subterraneos abalará o Ar hum Reyno, e com horriveis tremores abrirá a Cidades inteiras profundas

fundas sepulturas ; não he logo maravilha , que fação os homens tantos extremos para conservarem a liberdade propria do seu estado. Diogenes , aquelle famoso desprezador de quanto cubica a ambição dos homens , para se ver livre das fugeições deste Mundo , se revolvía no seu dolio como Planeta de differente esfera , e tendo valor para recusar a graça de Alexandre , não teve animo para se sujeitar ao jugo da Corte. Como Diogenes desprezador das grandezas , e promessas de Alexandre , recusaria o Author da *Chrysopéia* , se nesse tempo , conforme escreve Mangeto , não fôra morto , todos os premios , e mercês do Emperador Fernando ; e deste modo (como fazem todos os *Herméticos*) se despacharia melhor por si mesmo , tomando antes o *Chaos* por refugio , para não ser conhecido , do que por titulo para viver honrado , e morrer cativo ; e como este *Hermetico* se não descobrio em vida ao Cesar , não deixou aos seus Augustissimos successores o segredo para se livrarem das molestias que sentirão , e das necessidades , que padecerão ; mas poz diante dos olhos de todo o Mundo a verdadeira prova da *Pedra Philosophal* , porèm de tal sorte descuberta , que ficou ao mesmo tempo escondida na obscuridade do confuso *Chaos*.

ENQDIO. Não he crível , que os *Alquimistas* , vassallos de Monarchas poderosos , e vigilantes , lhes possam occultar o segredo da *Chrysopéia* ; porque quando como soberanos com estrondosos premios os não persuadaõ para lhes franquearem as portas de bronze , cerradas com ferrolhos , e fechaduras de ferro , para lhe darem os thesouros escondidos , e revelarem os arcanos dos segredos , como pro-

Manget. Biblioth. Chemic. Tom. 2.

U

feti-

Isai. 45. 2. 3. feticamente prometteo Isaias a ElRey Cyro: *Portas areas conteram, & vetes ferreos confringam, & dabo tibi thesauros absconditos, & arcana secretorum*; he certo, que com a trovoada dos ameaços, e com os rayos dos castigos, fulminados da altissima região de seus elevados Solios, obrigã-
 raõ a fahir da concavidade dos *Chaos*, (como antigamente succedia na Lusitania com os trovões, e rayos, que cabião do Ceo sobre o Promontorio Sae-
 cro), todo o Ouro, e Prata escondidos, e junta-
 mente o segredo de fabricar estes preciosos metaes,

Vieir. tom. 4.
 num. 435. fol.
 406.

ENODATO. No segundo Tomo da sua Mu-
 surgia traz o Padre Kircker huma estampa da sala
 de prazer dos Condes de Simoneta, distante hu-
 ma legoa da Cidade de Milão, na qual hà hum
 Echo artificioso, que repete não sete vezes (como
 o do Portico Olympiaco) mas vinte e quatro hu-
 ma syllaba, ou palavra. Procede esta repetição de
 vozes da natural disposição das concavidades, que
 daquelle *Chaos* reflectem as vozes, como os espe-
 lhos os objectos. Porém, como adverte o grande
 Bluteau no seu Vocabulario, tem-se observado,
 que o Echo, que tão pomptualmente repete refle-
 ctindo, o estrondo, ou a voz, nunca já mais respon-
 de às trovoadas, porque aos ameaços do Ceo, pa-
 ma, e emmudece a terra. Para fazer Ouro, e Pra-
 ta deve a Arte imitar a natureza; e como a na-
 tureza emmudecem também os *Artifices Hermeficos*,
 quando dos elevados thronos dos Supremos Mo-
 narchas se fulminão, como rayos, os Decretos,
 entre as trovoadas de rigorosos ameaços, para que
 atemorizados com a tormenta lhes descubraõ como
 a Cyro os thesouros escondidos, e lhe revelem os
 arca-

Bluteau Vo-
 cab. Tom. 3.
 Verbo Eco
 fol. 9.

arcãos dos segredos: *Thesauros absconditos, & arcana secretorum*. Porém fechando-se com portas de bronze, e encerrando-se com ferrolhos, e fechaduras de ferro: *Portas aereas, & vetes ferreas*, para melhor resistirem à tempestade, artificialmente multiplicação a Prata, e o Ouro, como os Echos as suas vozes; mas tão occulta, e mysteriosamente, como se formão, e repetem as vozes no profundo das concavidades, de que os Monarchas não tem outra noticia, mais do que aquella, que no tempo sereno leuão aos seus ouvidos os Echos.

ENODIO. Lembrame, que li no Criticon de Lourenço Gracian., que sempre o longe fora o asylo do fabuloso; por isso he bem recebido adagio entre os Portuguezes: *Longas vias, longas mentiras*; e por estas razões me não desengano com historias succedidas em terras tão distantes, se as não confirmares com alguma transmutação succedida há pouco tempo dentro no nosso Reyno, paraque averiguando-se a verdade, lhe possa dar todo o credito.

ENODATO. Mais barato mo fazeis do que eu cuidava; porque entendi me pedieis alguma barra de Ouro, ou Prata, para me dares credito à minha custa. Porém como sois curioso sem ambição, e determinais ir a Lisboa ver a Procissão do Corpo de Deos, (que excede na sua pompa à magnificencia dos triumphos de Roma Gentilica, e na sua riqueza, e magestade, à mesma Procissão, que nesse dia se faz com menor opulencia, e ostentação em Roma Catholica; porque o nosso Augustissimo Monarcha o Serenissimo Senhor D. JOAM V. em todas as suas acções Catholicas, ou politicas, co-

U ij

mo

o quinta essencia das Magestades, excede a todas as grandezas do Mundo politico, e Christão,) procuray na Fundição a Manoel da Rocha, Relogeyro d'ElRey, que he curiosissimo de varias artes, e muito applicado ao estudo, e exercicio da *Chymica*, e pedilhe, que vos mostre huma barra de Prata, feita de Mercurio com a *Chrysopeia*, e à sua vista ficareis desenganado. Não fez este homem esta Prata, mas como andava trabalhando no descobrimento da *Chrysopeia*, quando morava ha menos de vinte annos na Pichelaria, imaginando, que se fechasse o Mercurio de sorte, que não *podesse* evaporar, e o cozesse depois ao fogo, se fixaria per si mesmo, em que consiste a essencia do Ouro: Com este pensamento meteo quantidade de Azougue dentro no cano de huma espingarda, apertando-o, e tapando-o com huma justa, e segura tarraxa; Porém tanto que o Mercurio aqueceo, e se rarefez, ou volatilizou com o calor do fogo, em que o meteo, não cabendo no vão do cano, o rompeo com estrondoso estampido, arrojando furiosa, e violentamente o ferro, dividido em pedaços, para muitas, e differentes partes com evidentissimo perigo do operario. Assustou-se a vizinhança com a novidade de tão extraordinario estrondo, e acudindo os officiaes, e Mereadores das lojas vizinhas, e outras muitas pessoas, que hão passando nesse tempo pela rua, para averiguarem a causa daquelle nunca antes ouvido estalo, diante de todos contou, ou confessou o Relogeyro, o que tinha intentado, e lhe tinha succedido. Achou-se tambem neste concurso hum Estrangeiro, e informado da curiosidade de Manoel da Rocha, lhe disse na lin-

goa

goa Portugueza mal pronunciada , que se queria fixar o Mercurio , não havia de ser à *Virga ferrea* , ou à força de braço , senão de engenho. E para mostrar a sua sciencia , e habilidade , lhe mandou lançar hum pouco de Mercurio em hum cadinho ; e tanto que o azougue começou a fumear no fogo , lançoulhe em cima huma porção muito pequena de pó branco , e apertando o fogo , dahi a pouco tempo não subio fumo do Mercurio , porque estava transformado em fina Prata , que este homem ainda conserva , para mostrar a todos os curiosos.

ENODIO. Sempre reparey muito , (por ser digno de reparo ,) em que os Autores destas maravilhosas transformações fossem ordinariamente hums homens pobres , peregrinos , humildes , e desconhecidos ; os quaes he certo , que tendo meyos tão effectivos para serem riquissimos , escusavaõ de andar mal vestidos , e fugitivos pelo Mundo , vivendo miseravelmente com os discommodos de hum perpetua perigrinação ; e deveis , Senhor Enodato , satisfazer a este meu reparo , se quereis persuadir-me a certeza da *Chrysopeia* ; porque eu não ereyo facilmente ; o que o entendimento me representa tão difficultoso.

§. XI.

Elogio dos Hermeticos peregrinos.

ENODATO. **E**U, Senhor Enodio , não estou muito empenhado em vos convencer o entendimento incredulo , para confessares a verdade do *Lapis* ; porque a sua certeza independe

de da vossa crença, e confissão. Mas porque não imagineis, que a pobreza, humildade, desconhecimento, e peregrinação dos *Adeptos* he argumentos efficaz contra a existencia da *Chrysopeia*, vos quero dizer, ou declarar como peregrinaraõ, e vestiraõ pobre, e humildemente os dous grandes *Hermeticos* Democrito, e Paracelso. He certo, que Paracelso descobrio, e possuhio huma celeste medicina, e hum inexhaurivel thesouro na *Pedra Philosophal*, como elle confessa no seu Manual, tratando desta Pedra: *Lapis noster est celestis medicina, & plusquam perfecta, quia illa omnes abstergit metallorum sordes.* Nem se pôde duvidar, que elle possuhisse a *Chrysopeia*, publicando-o a voz de todo o Mundo, como escreve Zwelphero no capitulo primeiro da primeira parte da sua Mantissa Spagyrica: *Et vero possidisse Theophrastum Paracelsum Lapidem auriferum, orbis clamat, & ad nos vocem reflectunt Magni Rudolphi Austriaci tempora, quibus hoc indubitatum apud omnes perccebit.* Isto mesmo confessaõ, e certificaõ os Medicos, e Cirurgiões, que nas suas peregrinações o acompanharaõ, como se pôde ver em Oporino, Meandro, Libavio, e outros. E como Paracelso tudo obrava com extravagancia, e galantaria, em huma occasião fez publicamente a transmutação do Mercurio em Ouro na Praça de Basilea, aonde o examinou hum Ourives, e achando-o verdadeiro, lho pagou todo por moeda do Rhim. Por este modo era riquissimo Paracelso, porque os enfermos, que curava com o *Lapis*, lhe davaõ grandes premios, e quando lhe faltassem com o devido agradecimento a taõ grande beneficio, na sua *Chrysopeia* tinha sempre hum opul-

lentit-

lentissimo thesouro. Por isso era tão liberal, que passava a prodigo; porque a todos os necessitados dava dinheiro, sustentava à sua custa todos os passageiros, que na sua peregrinação encontrava nos Hospícios, ou nas estradas. Todos os mezes se vestia, e dava os vestidos ainda novos aos pobres, mas excessivamente fardidos, por affectar este desaceyo, para vestir como peregrino. Chegando algumas vezes por causa das suas peregrinações, e prodigalidades a verle totalmente destituido de dinheiro, no dia seguinte estava abundantissimamente provido, como escreve Oporino, que o acompanhou, e servio alguns annos nas suas peregrinações: *Pecunie erat prodigus profusus, ac ea saepe destitutus, ut ne obulum quidem ei superesse scirem: crastino statim die rursum crumenam se habere bene instructam ostendebat, ut non raro miratus fuerim, unde ei fuisset suppeditata. Singulis fere mensibus vestem novam sibi fieri curabat, & priorem cuius obuso donabat, sed ita conspurcatam, ut ego nunquam mihi dari petierim, neque ulro oblatam, ut gestarem; recepturus fuerim.*

Antes de proleguir a historia de Paracelso, quero responder a huma duvida, que contra os meyoys de fazer Ouro com o Lapis, lhe põem o Padre Feyjoo. Pero de donde sabemos, (diz) que Paracelso não venia aquellas monedas escondidas; para ostentárlas a su tiempo a Oporino, para hacerle creer, que posehia el secreto de la Piedra Philosophal, como quiso hacerlo crer a todo el Mundo? Porém estimara, que Sua Reverendissima me differa, donde colhe que Paracelso escondia o dinheiro; para que apparecendo com elle, se persuadisse Oporino, que o fazia com o Lapis? E como não havia de crer Oporino,

e o

e o Mundo, que Paracelso tinha a *Chrysopeia*, se elle não tinha outros bens, e vivendo sempre peregrino, era tão rico, e tão grandioso? He certo, que Oporino como domestico Discipulo, e criado de Paracelso, sabia donde lhe vinha o dinheiro com que se sustentava, e confessa, que algumas vezes se admirava de lhe ver a bolça cheya, sem saber donde lhe vinha: *Ut non raro miratus fuerim, unde ei fuisset suppositata*; e eu tambem me admiro, de que admittindo Feyjoo o provimento da bolça, creia, que Paracelso tinha tanto dinheiro, e dinheiro para tanto, occulto, e escondido, sem nos descobrir o modo de o adquirir, para o esconder! Estes, e outros semelhantes, são os fundamentos, com que Feyjoo impugna a existencia do *Lapis*; e por serem estalos de funda, sem pedra, ou tiros de artilharia, sem bala, em que tudo he estrondo, e fumo, não me canço em convencellos.

Com a referida extravagancia, pois, correu Paracelso a mayor, e a melhor parte do Mundo, porque nascendo em Helvecia no anno de 1493. passou instruido nas sciencias, e letras humanas a Arabia, aonde, e nas Provincias circumvisinhas, assistio dez annos, como escreve Bekero. Passado este tempo veyo peregrinando por varias Provincias, como são a Hungria, Croacia, Illyrico, Transilvania, Alemanha, Austria, Polonia, França, Inglaterra, Hespanha, Portugal, Italia, Valachia, Suécia, Flandes, Dania, e outras Provincias aonde havia Universidades, para ouvir seus Mestres, e para lhes dar alguma luz da *Philosophia Hermetica*, que estudou na Arabia, como podeis ver na lição dos seus livros, e mais breve, e succintamente na

te na relação, que das suas peregrinações fez o doutíssimo Sennerto. Obrava em Paracello o Ouro da *Pedra Philosophal* o mesmo effeito, que se observa no Ouro da *Pedra Helites*; porque esta Pedra tem huma mancha de Ouro, que seguindo o movimento do Sol, todos os dias faz o seu gyro do Oriente para o Occidente, como por lição de Cardano refere Bluteau, affirmando possuir o Papa Clemente VII. esta Pedra Solar; e com este movimento perpetuo correio Paracello o Mundo; porque parece natureza do Ouro destas mysteriosas Pedras, não ter como o Sol nenhum socego. He a *Pedra Helites* symbolo da *Pedra Philosophal*; porque se vê nella o Ouro, em que a Natureza transformou a Pedra. Porém tambem o Ouro da *Helites* he Hieroglyphico de Paracello; porque na companhia da *Pedra Philosophal* não teve nenhum descanso. Chegando finalmente a Salisburg, onde a inveja de seus emulos lhe anticipou a morte, tirandolhe a vida com veneno, aos quarenta e sete, ou quarenta e oito annos da sua idade, segundo escreve Crolio, testou de todos os seus bens, instituindo por seus universaes herdeiros aos pobres, como consta do testemunho authenticico do Serenissimo Principe, e Illustrissimo Arcebispo daquella Metropoli, que ainda hoje se lê na Igreja de S. Sebastião neste immortal Epitaphio: *Conditur hic Philippus Theophrastus insignis Medicinæ Doctor, qui dira illa vulnera, lepram, podagram, hydropisim, aliaque insanabilia corporis contagia, mirifica arte sustulit: ac bona sua in pauperes distribuenda, collocanda que honoravit. Anno 1541. die 24. Septembr. vitam cum morte mutavit.* As enfermidades, que costumava curar o grande Philippe

Bluteau Vocabul. Toin. 7. fol. 697.

Theophrasto Bombasto de Hohenhaim Paracelso, com o seu *Lapus*, são gallico, lepra, hydropesia, colica, apoplexia, gota coral, hypochondria, gota, cancro, gangrena, phthisica, peste, empyema, chagas, fistulas, e todas as outras molestias, e enfermidades interiores, que por desprezarem outros remedios, se reputão incuraveis, como consta do referido Epitaphio, e do testemunho dos Escritores seus contemporaneos. Aqui tendes, Senhor Enodio, hum peregrino desconhecido por todas as Provincias por onde viajava, com vestido de pobre, e de humilde passageiro; mas tão rico, que a todos dava dinheiro, e sustento, e a muitos o vestido, e se não gastara os seus bens, como o seu genio, e curiosidade quizerão, podera estabelecer, e deixar no Mundo huma casa tão rica, como a *Chrysopeia*, e tão perduravel como a sua fama. Porém deixando as suas riquezas aos pobres, se não fundou huma casa illustre, e opulenta na terra, onde tudo he terra, ou nada, melhor, e mais Christãamente obrou para si, enthesourando os seus bens no Ceo, para os lograr como piamente podemos crer, por toda a eternidade, porque como a vida boa he precursora de boa morte, e a boa morte he echo da boa vida, quem acaba a vida como Christão, he moralmente certo, que se salva, como Catholico.

Tambem he certo, que Democrito foy tão rico, e abundante dos bens da fortuna, que seu pay hospedou em sua casa a Xerxes com todo o seu grande exercito, como escreve Sennerto: *Fuit etiam ditissimus, cum pater ejus Xerxem Regem, & ut nonnulli referunt, cum exercitu decies centanum millium,*
hospiti-

hospicio exceperit ; e com toda esta grande riqueza estudou com os Magos, e Chaldeos, que Xerxes lhe deixou para seus Mestres, como refere Diogenes Laercio na sua vida. Depois que Democrito se instruhio na Philosophia, que os Chaldeos, e Magos lhe ensinaraõ, passou ao Egypto, para estudar a que là ensinavaõ os Sacerdotes de Vulcano; e do Egypto passou peregrinando à Persia, com desejo de ouvir outra vez os Chaldeos; e movido com a fama dos Gymnosophistas, chegou à India, donde voltou pela Ethiopia muito sabio, e senhor de grandes segredos, como diz o mesmo Sennerto : *In quibus locis procul dubio arcanissima quæque didicit.* A principal sciencia de Democrito foy a *Philosophia Hermetica*, ou *Arte Chymica*, segundo affirma o mesmo Author: *Referunt & inter Chymicos Democritum, quem insignem Philosophum fuisse certum est.* E do mesmo Philosopho Democrito escreve o Grande João Francisco Pico Mirandulano no segundo capitulo, do Livro II. de *Auro*, que foy o Principe da *Chymica* entre os Gregos, a qual este Philosopho estudou no Egypto, Persia, e na India : *Pariterque comperi Democritum apud Græcos Principem Chemicæ facultatis in Oriente versatum, ab Egyptiis, à Persis, ab Indis multa didicisse.* E quem visse a este grande *Chymico*, ou *Adepto* peregrinando de terra em terra, com o pobre trato de Philosopho, e de peregrino, e ouvisse que fazia algumas maravilhas, curando varias enfermidades, e fazendo com a sua grande sciencia muitos prodigios; como insignissimo *Hermetico*, imaginaria, que as suas artes eraõ industrias para viver; ou para enganar os Magnates, com o intento de rece-

ber delles algum beneficio , ou premio , para fazer a sua fortuna; cousa, que não podia pertender hum *Chymico* tão rico , como herdeiro de hum pay, que hospedou em sua casa ao Monarcha mais opulento , e o Exercito mais numeroso , que vio o Mundo; porque constava de cinco mil Nãos, e de cinco milhões de combatentes, como podeis ver no Sermaõ da primeira Dominga do Advento, que anda na quinta parte do grande Vieira. E se do trato humilde , vida peregrina, e sciencia *Hermética*, se fizesse argumento contra a sua riqueza, e *Philosophia*, persuadindo-se alguem pelo que viaõ os olhos , que era pobre, e ignorante *Democrito*, he certo , que se enganava , como com outros semelhantes *Adeptos* muitos homens se enganaõ.

Esta era na minha estimaçãõ a verdadeira causa do seu perpetuo riso; porque não podia *Democrito* deixar de se rir continuamente de muitos homens ignorantes, e presumidos de sabios, que julgaõ as realidades pelas apparencias , as substancias pelos accidentes , os talentos pelos vestidos, ou entendimentos pelas caras, e os interiores, pelo que vem os olhos ; porque como este *Philosopho* tinha visto grande parte da terra, e alcançado os mayores segredos com a sua extraordinaria sabedoria , conhecia com toda a evidencia , que na dilatada esfera do Mundo , ainda entre os que estudão, e sabem alguma cousa, são infinitos os tolos. Põde haver mayor fatuidade , do que julgar pelo gosto proprio a felicidade alheya , quando a felicidade humana consiste em concordar a vida com o genio, como escreve Bacon, varaõ mayor, que todos os que produzio Inglaterra : *Felices dixerim,*

xerim, quorum indoles naturalis cum vitae suae genere congruit? Dos vagabundos com capa de Peregrinos, disse Henrique Cornelio Agrippa no seu livro da vaidade das sciencias, que não trocariaõ a sua vida pela dos Magnates. Esta sentença approva o doutissimo Feyjoo, porque a segue no seu Theatro Critico, tratando da humildade, e alta fortuna. O gosto he vida; e a vida gostosa, diz Gracian, he a verdadeira felicidade. Por isso alguns *Chymicos* como Paracello, e Democrito, estimaõ mais a sua peregrinação com saude, e com dinheiro, para verem as Cortes, e grandezas do Mundo, do que o descanso com que vivem muitos sabios sem dinheiro, nem saude, fechados, ou cativos na voluntaria prizaõ da sua Livraria, aonde os seus estudos sem experiencia saõ dignos do riso de Democrito.

A sabedoria, como vinda do Ceo, anda neste globo terrestre peregrina; não he facilachalla senaõ peregrinando; errando por este Mundo, se aprende a não cometer erros. Passadas, que se daõ peregrinando, saõ degraos para a casa do desengano. Das suas fontes sahẽm os rios muito pequenos, crescem correndo, e levaõ mares ao mar. Homens, que da sua terra não sahẽm, saõ navios, que acabaõ no estaleiro; porẽm sahindo, saõ como os vapores, que na terra eraõ lodo, e apartados della, se fazem Estrellas. Servelhe a Patria de Horizonte em que nascem, e a peregrinação de Hemispherio em que brilhaõ. Que nome teriaõ hoje no Mundo os Socrates, os Pythagoras, os Platões, e outros sabios da antiguidade, se a modo de cepos, ou troncos, que aonde nascem, lançaõ raizes, e no seu proprio

prio chaõ apodrecem, ficãrão como arvores enterados na terra onde nascêrão, e não buscãrão fóra da Patria as noticias, que lhes faltavaõ? Os sabios peregrinos, são como as fontes, que correndo pela terra por veas de Prata, e Ouro, Esmeraldas, e Saphiras, Diamantes, e Pedras finas, tomaõ, e levaõ consigo as virtudes das suas preciosas qualidades. Zombe embora Plutarcho dos que louvaõ a peregrinação, e diga que se parecem com os que julgão as Estrellas errantes mais nobres, e felices que as fixas; porque no exemplo das Estrellas devem aprender todos os sabios, que sendo Estrellas: *Qui ad justitiam erudiunt multos quasi Stællæ in perpetuas æternitates*; sempre devem peregrinar como as Estrellas, que cada dia correm o Mundo, e nem no mesmo Firmamento tem firmeza; porque se tem observado, que nem as Estrellas do firmamento são xas.

ENODIO. Não posso soffrer a injuria, que injustamente fazeis a muitos sabios, como o errado juizo; que de todos fazia Democrito; porque este Philosopho foy hum homem doudo, como os Abderitas seus naturaes escreveraõ a Hippocrates, chamando-o, ou rogando-o por huma embaixada, para que se dignasse de hir curar aquelle maniaco.

ENODATO. Agora me quero eu rir tambem de vós; porque me pareceis verdadeiramente louco. Não lestes nunca em Laercio, que ouvindo Hippocrates a embaixada dos Abderitas, respondera, que se a enfermidade fosse outra, elle hiria logo curar a Democrito; porém que retirar-se das gentes, para hir viver nos desertos, o que elles reputavão por doudice, mais era para invejar, que para curar;

rar ; porque nunca Democrito estivera mais sizo-
do, nem tivera o juizo mais sam, do que quando
fugia dos homens, para viver desterrado, e pere-
grino : *Habere in eo magis, quod suspiciat, quam*
quod sanet : & illud Schema vitæ esse sartam, tutam-
que animæ sanitatem : nulloque modo melius sibi con-
suli contra pestilentem hominum aïram, quam reci-
piendo se in tuta solitudinum loca. Chegando em-
fim Hippocrates à presença de Democrito, achou
que não estava louco, senão muito prudente, e
muito sabio, aindaque tão mal reputado pelos idio-
tas, como o Supremo Dictador da Medicina re-
fere na carta, que escreveu a Dionysio, dando-lhe
conta da embaixada, e relatandolhe a doudice do
Philosopho : *Ego vero neque morbum ipsum esse pu-*
to, sed immodicam doctrinam, quæ re vera non est
immodica, sed ab idiotis putatur. E na carta, que
tambem escreveu a Damageto, confessa Hippocra-
tes, que tão fóra estava Democrito de ser doudo,
que antes era o homem mais sabio do seu tempo,
o qual com a sua doutrina o ensinára, e por elle
communicára a todos os homens a sua grande scien-
cia : *Non insanit Democritus, sed super omnia sapit,*
& nos sapientiores efficit, & per nos omnes homines. E
daqui podereis entender, como são falsos os juizos
dos homens naturaes da terra, onde nascem os Phi-
losophos como Democrito, porque são tão neſcios,
que depois que estes sabios alcançam os mayores
segredos das sciencias, e artes, peregrinando pelo
Mundo natural, ou pelo Orbe literario, quando
no seu retiro, e peregrinação lhes fazem algum ob-
sequio, publicamente lhes chamaõ doudos. Porém
consolaõ-se nestas injurias com o verdadeiro jui-
zo,

zo, que da sua peregrinaçãõ, e sciencia fazem os homens doutos como Hippocrates, porque examinando-lhes a sabedoria, e avaliando prudentemente o seu retiro, invejaõ, e louvaõ o seu grande entendimento.

ENODIO. He muito antigo, e muito verdadeiro, que ninguem he Propheta sem honra, senão dentro na sua Patria; e agora vejo, que tambem injustamente a perdem os peregrinos fóra della; porque desconhecidos os seus entendimentos, são reputados por fatuos, sendo verdadeiramente os homens mais entendidos. Porém como o desconhecimento da sua grande sciencia he occasiãõ do seu desprezo, não me parece que os *Hermeticos* ferraõ injuriados na sua Patria; porque o conhecimento da sua admiravel sabedoria lhes segura todas as estimações. He certo, que se em qualquer terra houvesse hum *Adepto* conhecido, o qual empregasse a sua Arte em serviço, e utilidade da Patria, todos os seus Patricios lhe levantariaõ hum estatua publica, para eterno testemunho do seu agradecimento, e padraõ immortal da sua fama. Por isso censuro aos *Hermeticos* viverem peregrinos, por terras alheyas, ou encobrirem a sua grande sabedoria, vivendo na sua Patria.

ENODATO. Facilmente vereis o erro do vosso discurso no claro espelho da experiencia. Na Corte de Pariz floresceo na *Philosophia*, *Mathematica*, *Poesia*, *Pintura*, e na *Chymica*, o famoso *Hermetico* Nicolao Flamel; e ouvindo Carlos VII. Rey de França, que com grandes dispendios fundava, e dotava quatorze Igrejas, e outros tantos Hóspiraes, mandou por hum Mestre de Requetes chamado Carmoisy,

segun-

segundo escreve Borel, averiguar os meynos por onde Flamel ajuntara mais de dous milhões, com que não só fundou, mas dotou com grandes rendas os ditos Hospitaes, e Igrejas : a este Ministro descobrio Flamel, que ajuntara todas aquellas riquezas, com a virtude admiravel da *Pedra Philosophal*, que lhe mostrou dentro em hum vidro. E sem embargo de que o certifica a Real Academia de França, como se lê a folhas duzentas, e doze do seu famoso Diccionario, não faltão Authores Francezes, a quem segue o dourissimo Feyjoo, que affirmem o contrario, levantando em lugar de Estatua publica, para honra, e fama de Flamel, hum falso testemunho à sua pessoa, para sua infamia, e des-honra, porque escrevem, que tendo Flamel manejado nas fianças, ganhou tão grosso cabedal com roubos, e extorções, especialmente sobre os Judeus daquelle Reyno, fingindo, que tinha adquirido aquelle dinheiro com a sua *Chrysopeia*, para com esta industria evitar o castigo, que merecia, por fazer tão exorbitantes latrocinios. Eis aqui os panegyricos, com que costumão elogiar os Patricios aos *Hermeticos*, e os Padrões, ou Estatuas, que lhes levantaão, por empregarem tão util, e virtuosamente a sua Arte, em beneficio da Patria, e da Nação. Porém eu estimara, que os Francezes, ou Feyjoo, me concordassem a piedade, e virtude, com que Flamel fundava, e dotava tantas Igrejas, e Hospitaes, com o vicio, e peccado de roubar para obras tão santas o dinheiro ? E como foubraão mais tarde os Authores Francezes, o que não pode averiguar logo El Rey de França ? He certo, que se Flamel tivesse manejo em fianças, não seria novo para

Theatr. Cri-
tric. Tom. 4.
Discurs. 13.
n.66.fol.354.

Carlos VII. a sua grande opulência; novidade se-
ria para a Magestade Christianíssima, não ser rico
Flamel, podendo ser Ladrão. Não posso porém
deixar de condemnar agora outra grande incohe-
rência, com que Feyjoo nega, ou duvida o credi-
to aos Authores Francezes; acerca das suas tradi-
ções, sobre a vinda do Arcopagita a Pariz: Laza-
ro, Martha, e Maria a Marfella: o Anjo trazendo
do Empyreo as tres Lises ao Rey Clodoveo: a
Pomba, que trouxe do Ceo a Santa Ambula, ou
Redoma de Remis, cheia de hum precioso balsa-
mo, com que se ungem os Reys de França: a fun-
dação da Monarchia Franceza em Faramundo; e
a instituição da ley Salica; dandolhe o mesmo Fey-
joo tanto credito na tradição dos roubos, e extor-
sões de Flamel. Não sey como concorda crer, e
juntamente não crer nas tradições dos mesmos Au-
thores Francezes?

ENODIO. Todos os Philosophos tem suas
paixões como homens; e não podereis agora ne-
gar, que sendo vós tão grande venerador de Fey-
joo, só porque elle escreveo com demasiada paixão
contra o *Epist*, o impugnais tambem como apa-
ixonado. Porém já que o contradizeis com tanto
fundamento em alguns pontos da sua doutrina, de-
veis por credito vosso, e da *Philosophia Hermetica*
refutar todos os seus arguimentos, e desfazer a in-
consequencia; com que elle, impugnando a *Pedra*
Philosophal, argue tão forte, e efficazmente aos *Her-*
meticos; que totalmente os deixa convencidos.

§. XII.

*Refutaõ-se finalmente todos os mais argumentos, que
contra a Chrysopeia oppõem o Reverendissimo
Feyjoo no seu Theatro Critico.*

ENODATO. **N**unca a paixão me cegou o
entendimento para deixar de
conhecer, e amar a verdade depois de descuberta;
mas sempre me escandalizou ver a imagem da men-
tira, collocada no throno da verdade; e derrubando
atè agora a verdade a estatua da mentira, co-
mo ao Idolo Dagón lançou por terra no primeiro
encontro a Arca do Testamento, neste segundo,
e ultimo combate cahirá a mentira do altar à vis-
ta da pureza da verdade, e com a cabeça, e mãos
cortadas ficará, como o Idolo, fóra do Templo
da fama, aonde estava tão idolatrada.

E principiando pelos quatro principaes argu-
mentos: funda-se o primeiro sobre a ignorancia,
que há dos principios *Chymicos*; e de premissas de
ignorancia não pôde Feyjoo inferir, ou tirar con-
clusão de sciencia. Nem, como ensina Daniel Sen-
nerto, pertence ao *Chymico* disputar de principios:
*Sed sciendum, de principijs disputare non esse Chymi-
ci qua Chymicus*; e nestes termos, deixando agora o
que como Medico, e Philosopho me pertencia, va-
mos sómente ao que importa. Funda-se o segundo
em que nenhum *Chymico* introduz o Sal na composi-
ção dos metaes, nem do Ouro feitos pela *Arte Mag-
na*; porque sem fazerem os *Hermeticos* expressa men-
ção do Sal, fallão sómente no Enxofre, e no Mercu-

Feyjoo Thea.
tr. Crit. Tom.
3. Discurs. 8.
num. 12. fol.
162.

Sennert. loci
cit. cap. 1. fol.
181.

rio, e sendo o Sal o elemento precisamente necessario para a composição dos mixtos, por dar todo o pezo, e firmeza aos corpos, com muito mayor razeão deve entrar na composição do Ouro; porque he mixto de mayor pezo, e firmeza do que nenhum dos outros metaes. Porém Sendivogio no seu Tratado do Enxofre descreve a grande pendencia, que com o Enxofre teve o Sal em huma fonte, ou perto della, sahindo o Enxofre ferido do Sal, e correndo das feridas leite em lugar de sangue, do qual nasceo, ou manou hum Rio caudaloso, em cujas agoas se sumergio Diana, e querendo salvalla o Sol naquelle naufragio, Diana afogou consigo ao Sol, ficando ambos sepultados nas agoas, até que finalmente resuscitaraõ. E o famoso Medico d'ElRey de França Pedro Joaõ Fabro se confessa ser preciso o Sal para a composição dos mixtos, e accrescenta, que sem elle se não pôde obrar cousa alguma na Obra Grande: *Unde sine sale nil in arte nostra efficere possumus*; tambem declara, que os *Chymicos* não fallaõ no Sal, por ser mysterioso, e necessario o seu grande, e importante silencio; porque sendo o Sal a chave da Arte, o mesmo seria fallarem nelle, que entregarem a todos as chaves dos seus thesouros, e segredos: *Ratio autem qua ad tale silentium sunt moti, fortasse est, quia ipsi noluerunt clavem artis patefacere; Sal enim nostrum est vera clavis artis, & absque illo, nec Sulphur, nec Mercurius in lucem patefieri possunt.* Por isso os *Hermeticos* fallaõ sempre mysteriosa, e enigmaticamente na explicação dos metaes, e dos seus phenomenos, porque confessando que os corpos metallicos constaõ de Sal, Enxofre, e Mercurio, não

Petr. Joah. Fabr.
apud Mág.
Tomo 1. Biblioth.
Chem. lib. 1. sect. 3.
subsect. 1. cap.
10. fol. 296.

naõ entendem por estes tres principios os corpos vulgares do mesmo nome, senão outras substancias semelhantes a elles; e para occultarem mais a intelligencia da sua Philosophia, attribuem aos metaes Corpo, Alma, e Espirito, entendendo pelo Espirito o Mercurio, pela Alma o Enxofre, e pelo Corpo o Sal, como se pòde ver no Collegio Chymico do grande Ettmullero: *Chymici, ut exactius metalla eorumque phenomena explicent, docent, quod illa constent ex Mercurio, Sulphure & Sale; quæ doctrina est antiquissima, & jam olim à Raymundo Lullio recepta. Intelligenda vero per hæc tria principia Sal, Sulphur, & Mercurium, non vulgaria illa corpora; sed ut res clarior fiat, per Sulphur intelligenda venit substantia acido-pinguis, à qua metalla facilem habent ignitionem & excarescentiam. Per Mercurium humiditas radicalis metalli, seu principium tale, à quo habent facilem fusibilitatem. Nomine salis substantia metalli fixior, fere de natura alcalium (quia absorbet acidum) ligans Sulphur & Mercurium, & eum ijs in substantiam metallicam fatiscens...* Conve-
nit hæc explicatio cum illo Chymicorum, quando nimirum metallis corpus, animam, & spiritum tribuere, per corpus intelligendo Sal, per animam Sulphur, per spiritum Mercurium, qui extrema quasi conglutinet atque confirmet, constringatque. E à vista do que escrevem Ettmullero, Fabro, e Sendivogio, claramente se segue do argumento de Feyjoo, que elle naõ entendeo, ou naõ leo muitos Authores Hermeticos; e naõ pòde ser argumento contra a sua mysteriosa Philosophia, a pouca noticia de Feyjoo por falta de estudo, ou de intelligencia. Funda-se o terceiro, em que o Enxofre, e o Mercurio dos

Ettmuller.
Tom. 1. Col-
leg. Chymic.
Metal. in ge-
ner. lect. 33.
fol. 377.

me-

metaes não são homogêneos, como se vê nestes mesmos princípios; tirados por destillação das plantas; e da mesma sorte, que as plantas são diversas entre si, são também entre si diferentes os metaes. E sendo naturalmente impossível fazer hum planta dos princípios de outra planta; também será impossível fazer hum metal dos princípios de outro metal. Esta paridade porém não está também ajustada como Feyjoo entende; porque as plantas são tão diferentes entre si, como os seus princípios, cuja diversidade se conhece na differença dos fructos, e dos seus sabores, como também nas diversas virtudes medicinaes, que segundo neste argumento pondera Feyjoo, nos ditos princípios se experimenta. Mas na essencia, e na raiz todos os metaes são o mesmo, e tem tanta conveniencia, que só differem entre si pelos accidentes, e maturações, originado tudo da pureza, bondade, e mistura dos seus princípios, de que resulta facilmente a sua transmutação, como dilcorre o referido Ettmullero: *In radice ergo, & essentia omnino inter se conveniunt metalla, maturitate vero, aliisque accidentibus, saltem differunt, quæ ex principiorum componentium puritate, & bonitate, horumque varie proportionata miscella originem ducunt; unde, & mutatio transmutabilia existunt.* E sendo esta solução tão natural, e verdadeira, para com subtilissimas instancias acreditar o seu engenho, suppõem o Reverendissimo Feyjoo, que „ los Alquimistas diran, que „ cada planta es un mixto perfecto de por si, pri- „ mariamente intentado por la naturaleza, como: „ los de mas contenidos debajo del mismo genero, „ pero no assi los metales, en quienes la naturaleza „ siem-

Ettmuller.
Tom. 3. Col-
leg. Pharm.
cap. 10. Mine-
ral. fol. 265.

siempre intenta la producion del oro, y los demas metales se comparan a el, como lo imperfecto a lo perfecto dentro de la misma especie, por esso entran en ellos los mismos principios, que componen, ò estan destinados a componer el oro; pero muchas vezes no arriba la naturaleza a la perfeccion de la obra, ò por las impuridades de la Matriz, ò porque los principios no estan combinados en la proporcion de cantidad debida à cada uno, ò por otro estorvo. Pero todo esto se dice voluntariamente, y fuera de toda probabilidad. Si el intento de la naturaleza fuesse solo formar el oro, y la distincion de los metales à el fuesse la que hay de lo imperfecto à lo perfecto dentro de la misma especie, en las mismas mineras del oro la misma vena, que ultimamente, en fuerza de mayor decocion, ò depuracion, viene a ser de oro, se veria antes en el estado de plomo, estaño, hierro, cobre, y plata: assi como porque la naturaleza intenta el arbol en su debida magnitud, se vè antes ir gradualmente passando por menores dimensiones, y porque intenta el fructo maduro, y sazonado, se vè antes en diferentes grados de verde, y desfabrido. Y esta paridad se hallarà ser muy ajustada, si se hace reflexion a: que los Alquimistas llaman maturacion aquella ultima perfeccion, que los principios metalicos logran en el oro. No hallandose, pues, esto en la experiencia, es claro, que los demàs metales son mixtos perfectos, adequadamente distintos del oro, y intencados, como el, primariamente por la naturaleza. Porèm a esta instancia se responde, que *tudo esto se dice*

dice voluntariamente , y fuera de toda probabilidad ; porque os metaes imperfeitos tem mais semelhança com os corpos enfermos , como diz Santo Alberto Magno , do que com o augmento das plantas , e a verdura dos fructos , conforme discorre Feyjoo nesta instancia , que vem a ser a mesma differença , que elle assigna entre o perfeito , e o imperfeito ; e assim como nem todos os corpos nascem doentes , não são tambem todos os metaes enfermos , ou imperfeitos no seu nascimento ; por isso nas minas não apparecem sempre os metaes como os fructos das arvores primeiro verdes , e depois maduros , ou fazonados ; mas quando ficam no estado de Chumbo , Estanho , Ferro , Cobre , e Prata , por serem estas enfermidades tão grandes , que as não pôde vencer só a natureza , por serem contrahidas nos principios da geraçãõ , vence-as admiravelmente a *Arte Magna* com a sua *Universal Medicina* , o que não pôde fazer a *Chrysopeia* nos fructos das arvores , que intempestivamente cahem da planta , e por outros varios modos adoecem , e se malograõ , porque entre os fructos , e os metaes , ou entre as enfermidades dos metaes , e os achaques dos fructos ha humma differença tão grande , que serve de disparidade ao paralelo , que Feyjoo presumio estava bem ajustado. E paraque a experiencia ; de que este Author não tem noticia , confirme o que tenho dito , ouçamos outra vez a Ettmullero , que com excellentes razões , e experiencias explicando-se metaphoricamente pela maturação dos metaes , mostra como fazonandose , ficam transformados : *Cum itaque metalla in radice conveniant , & non nisi gradu & perfectione differant , facile patet , quid*

quid de transmutatione metallorum sit statuendum. Nempe non repugnat, metalla imperfectiora, ignobiliora, & immaturiora, ad maiorem gradum perfectionis, nobilitatis, & maturationis, perducı posse. Notum enim est, quod Saturnus mutetur in Solem, teste Helmontio; aliaque metalla in Solem transeant, teste experientia. Res certa est. Non enim differunt formaliter, sed tantum maturitate; inde si maturationis debitum acquirunt gradum, abeunt in verum aurum. Ita Luna si perfectius figatur, evadit in aurum saltem ut eidem deficiat tinctura, quam mutuatur à Venere, cum hæc de ente Solis participet. Huc quadrant versiculi illi Basilii Valentini:

*Intus sum cæruleus & albus;
Quando consequor pretium fixum.
Venus me vestit subito,
Veste purpurea, & coccinea.*

Ettumuller.
Tom. 1. Col-
leg. Chymic.
lection. 33.
fol. 377.

Toda a transmutação dos metaes depende do seu Enxofre, que mais, ou menos puro, em todos he o mesmo. Daqui vem ser o Enxofre o fugeito das transformações, que dà, e recebe as tincturas. A Prata fixa, he Ouro branco, e com a addição do Enxofre Solar, fica perfeito Ouro. Com Espirito de nitro besoartico, se tira a cor amarella ao Ouro, e fica branco como Prata, de forte, que já se não dissolve com Agua Regia, fenaõ com Agua Forte, mas pode-se tingir outra vez, e transformar em Ouro, que se dissolverà só com Agua Regia.

Funda-se finalmente o quarto, em que admitindo, que do Ouro se pôde extrahir a tinctura propria, chamada Mercurio, ou Enxofre, he falso, que nesta tinctura resida a virtude seminal, e

Z

actiua

activa do Ouro ; porque nem o Enxofre , nem o Mercurio do Ouro , juntos , ou divididos , são o agente , mediante o qual a natureza faz o Ouro : logo não reside nelles a virtude activa do Ouro ; e a razão disto he ; porque a Arte não tem actividade , nem pôde produzir agente algum , mas só applica aquelle mesmo , de que usa a natureza . A natureza para a producção do Ouro não usa do Enxofre , nem do Mercurio antes de lograr aquella perfeita depuração , ou maturação , que tem quando compoem este metal , nem depois que a logra . Depois do logro não ; porque quando o Enxofre , e o Mercurio chegam à sua perfeita depuração , já o Ouro está formado , não sendo outra coisa o Ouro , conforme os *Alchymistas* , que hum mixto composto de Mercurio , e Enxofre depurados : e depois do logro muito menos ; porque os princípios metallicos no estado de imperfeição não podem produzir a mayor perfeição metallica , qual he a do Ouro . Bem mostrou Feyjoo neste argumento , que professava pobreza ; porque do Ouro não possui senão humas remoras , e falsas noticias , e dos metaes não tem verdadeiro conhecimento . Entendeo , que de hum *Vapor fluidissimo se forman tambien los Bronces* ; sendo os Bronzes artefactos . compostos de Estanho , e Cobre , e não productos de vapores ; por isso lhe nego o antecedente do seu enthimema , e a razão em que se funda ; porque a natureza naturada , não he como a Natureza naturante , que cria as cousas de nada ; e de nada formaria o Ouro , se não usasse do Enxofre , e do Mercurio ; porque sendo estes os princípios , de que se compoem este metal , como dizem todos os Philosophos : *Hinc dicunt*

Feyjoo Thea-
tr. Crit. Tom.
3. Discurs. 13.
§. 21. num. 84.
fol. 324.

*dicunt Philosophi, quod aurum nihil sit, quam purissimus Mercurius coagulatus à fixissimo Sulphure; se a natureza em nenhum tempo se valle delles, e no Ouro se não achaõ outros, não se serve de nenhuns principios para a sua producção; e assim obra a natureza na creação do Ouro, como obrou o Author della na creação do Mundo, fazendo creaturas de nada, cousa, que só descubro na subtilidade deste argumento. Quando o Enxofre, e o Mercurio chegaõ à sua perfeita depuração, diz Feyjoo, já o Ouro està formado: ora seja assim; mas essa he a obra da natureza, depurar perfeitamente os principios, para delles formar perfeitissimos mixtos. E se os principios nõ estado da imperfeição, como diz Feyjoo, não podem produzir a mayor perfeição metallica, qual he a do Ouro, para isso he; que os aperfeição a natureza, fixando o Enxofre, e coagullando o Mercurio. E se os *Hermeticos* dizem; que o Mercurio he a materia do *Lapis*, saiba Feyjoo, que fallaõ do Mercurio Philosophico, e não do Mercurio do Ouro, porque o Ouro tem pouco uso na *Alchymia*, e erraõ gravemente todos os *Alchymistas*, que do Ouro pertendem fazer, ou entendem, que se faz a *Pedra Philosophal*, a qual se deve procurar na raiz dos metaes, e não em os metaes perfeitos, como ensina Miguel Ettmullero: *In Alchymia quoque est paucissimu usus, ut ideo gravius errent, qui ex Auri corpore metallico lapidem Philosophorum elaborare contendunt; qui tamen non ex metallis perfectis, sed ex radice potius metallorum est querendus. Mercurius Philosophorum est decantatissima illa materia pro lapide Philosophorum. Hic Mercurius Philosophorum ex nullo perfecto metallo elaboratur, sed proxime ex ente metal-**

Z ij

lorum

Ettmuller.
Tom. 3. Col-
leg. Pharm.
cap. 10. de
Auro., fol.
260.

Ettmuller.
Tom. 1. Col-
leg. Chymic.
lct. 38. de So-
le fol. 393.

Ettmuller. *lorum primo, seu ex radice metallorum producitur.*
 Tom. 1. Col. Porém sempre do Ouro se tira o fermento da *Chry-*
 leg. Chymic. *sopeia*, para que faça o Ouro mais perfeito, segun-
 lect. 31. de do adverte o mesmo Author: *His pro fermento de-*
 Mercur. fol. *terminante aurum addendum, ut fiat aurum plusquam*
 373. *perfectum*; e. por este modo o fazia taõ puro El-Rey Salamaõ, tirando o fermento *Chrysophilo* do Ouro de Tharsis, e de Ophir, que excedia nos quilates ao Ouro de Hungria, que abaixo do *Chymico* he o mais puro, e excellente de todos.

ENODIO. Ainda que respondestes engenho-
 sa, e doutamente a estes quatro argumentos, te-
 nho por certo, que se Feyjoo ouvira agora as vos-
 sas soluções, as impugnaria com a mesma facilita-
 de com que se livra da contradicção, de que o ar-
 gue o Author da *Appellação sobre a Pedra Philosophal*,
 por ter dito Feyjoo em huma parte, *que es possible*
la produccion artificial del oro, y en otra, que es im-
possible; porque conforme responde Feyjoo, não
 há contradicção em decir al principio, *que es possible*
 Feyjoo Tom. *absolutamente la produccion artificial del oro, y probar*
 4. Discurs. 12. *despues, que es impossible por los medios, por donde la*
 §. 15. num. 39. *intentan los Alquimistas*; que vem a ser o mesmo,
 fol. 299. que dizer, *que es absolutamente possible, que un hom-*
re buelle, y añadir despues, que es impossible, que
buele con alas de plomo.

ENODATO. Com essa distincção não salva Feyjoo a inconsequencia; porque admittindo pos-
 sível a producção artificial do Ouro, necessaria-
 mente ha de conceder a sua possibilidade pelos me-
 yos, ou Arte, com que os sabios *Alquimistas*, por
 muitos, e differentes modos, como lemos em Pi-
 co, e Caulino, intentaõ, e conseguem a *Chrysopeia*,
 e Ar-

e *Argyropeia*, que he a famosa *Arte Magna* de fazer Prata, e Ouro; ainda que alguns mãos artifices, sem discredito da *Alchimia* não sabião dispor os meynos, methodo, ou Arte para conseguir o fim da *Obra grande*; como succede a muitos Dialecticos imperitos, sem discredito da Logica, não fazerem hum sylogismo perfeito, inferindo rectamente a consequencia das premissas, por não saberem dispor os meynos; porque ha outros Philosophos Peripateticos tão insignes neste artificio, como Aristoteles; e não faltaõ *Philosophos Hermeticos*, tão sabios na operaçõ da *Chrysopeia*, como *Hermes*. Agora vereis claramente a sua contradicção. Louva Feyjoo a Theophilo traductor de Aírineo Philaleta, e confessa, que *Philosofa muy bien sobre la* Feyjoo Tom. *posibilidad del oro artificial, explica oportunamente,* 3. Discurs. 8. *como el arte puede hacer las obras de la naturaleza; lo* §. 1. num. 3. *qual consiste, en que usa de los sujetos, y agentes natu-* fol. 198. *rales, de modo, que la naturaleza pone la actividad, y solo curren por cuenta del arte la direccion, y applicacion:* logo tambem confessa, que Theophilo, tendo *Alchimista*, com os meynos de que usa, e pelos meynos com que intenta, pôde fazer Ouro artificial; porque *suppone los principios Chymicos, y los aplica* Feyjoo Tom. *unyracional, y methodicamente a su intento;* e por es- 3. Discurs. 8. *te modo, ou meyo, tendo negado, que os Chymi-* §. 1. num. 3. *cos com os meynos, com que intentaõ fazer o Lapis,* fol. 158. *possaõ fazer a Chrysopeia,* não só confessa que Theophilo, mas que todos os mais *Alquimistas*, que obraõ o mesmo, podem fazer tão facilmente Ouro pela *Arte Magna*, como nega aos homens voar com azas de chumbo. Concede a possibilidade da transmutaçã dos metaes, conyencido *con la famosa* *expe-*

experiencia de la transmutacion del hierro en cobre por medio de la Piedra Lipis, o vitriolo azul; porque comprueba especiosamente la posibilidad de la transmutacion metalica. E como este meyo de fazer a transmutação dos metaes, he hum de los medios por donde la intentan los Alquimistas, segue-se com evidencia, que com os mesmos meyos, diz contradictoriamente Feyjoo, ser possivel, e impossivel a transmutação dos metaes.

Não destroe tambem Feyjoo com razão alguma a famosa experiencia do Ferro transformado em Cobre; antes confessa, *que si en las experiencias, que propone el traductor de Philaleta en orden a la transmutacion del hierro; estaño, y plomo en cobre, no ay alguna fallencia, su argumento no dexa de hacer harmonia.* Quando se argumenta com demonstração fundada em experiencia, não se duvida, averigua-se, se he falsa, desacredita-se; sendo verdadeira, não se porfia, nem se teima. Como pois diz Feyjoo, *que no nos consta, si lo que resulta de la operacion en dicha experiencia, es verdadero cobre, o solamente el hierro depurado de algunas partes mas grosseras, con lo qual adquiere aquella semejanza de cobre?* A esta duvida respondo com Sennerto, impugnando em proprios termos a Nicolao Guiberto. Tendo Sennerto mostrado, que no Monte Carpatho de Hungria; e na Jossaria havia humas fontes, que com as suas agoas transformão o Ferro em Cobre; como de outras do Monte Cunticensis o affirmão tambem Joao Mattheus, e Lazaro Eslero, accrescenta, *que o mesmo effeito faz a Arte Chymica com as agoas vitrioladas. Neque hoc saltem aquae naturales praestant, sed & Arte idem fieri potest.* Ferro enim

Sennert. loc. cit. cap. 3. fol. 182.

enim in aquam vitriolatam coniecto pulvis rubeus ad-
herescit, qui igne fusus cuprum evadit ... Et prop-
terea laborat Nic. Guibertus, Lotharingus Medicus,
qui nihilominus ista in dubium vocare, & tot expe-
rientiis tota Europa notissimis convictus, etiam de
transmutatione Ferri in cuprum scribere quidet: Id apud
aliquos semidoctos (tales scilicet sunt, si Guiberto
credimus, Aricola, Wernerus, Matthesius, & alii)
fidem invenisse: missionem quidem esse & tempe-
raturam satis exactam, quæ dederit mendacio lo-
cum, non esse formæ mutationem. Qui si ad exa-
men judicij & rationis prius hoc revocassent, lon-
ge aliter sensissent. Quasi per totum Imperium Ro-
manum, fide publica, omniumque artificum & Do-
cimi statum consensu non esset notissimum, cuprum illud
genuinum esse, imò eo, quod multis in locis e terra
effoditur, præstantius. Et Guiberto, nescio quas ra-
tiunculas in contrarium afferenti, plusquam tot arti-
ficium censura, & non unius sæculi experientiæ, fide-
li habendum, & umbratilis ad pulpitem speculatio ex-
perientiæ tot artificum præferenda sit. Homine impe-
rito nihil est ineptius! Estando esta transmutação do
Ferro em Cobre, e a do Mercurio em Chumbo,
provada com a experiencia, como se pôde ver em
João Rhenano, allegado por Sennerto, não sey
para que disputa, ou duvida Feyjoo sobre cousas
fábricas, e averiguadas por todos, senão para mos-
trar, que ignora o que todos sabem, ou que pa-
dece aquella enfermidade, que Aristoteles chama
fraqueza do entendimento: *Querere rationes, &*
demittere sensus infirmitas quedam mentis; e com de-
bilidade na cabeça he temeridade muito arriscada
entrar em desafio com a *Pedra Philosophal*; porque
o La-

Aristotel. 8.
Physic.

o *Lapis* lança por terra ainda aos mais fortes gigantes, ferindo-os mortalmente na cabeça; e se a cabeça he de Ouro, tocandolhe a *Pedra no Ferro*, e barro dos pés, facilmente a reduz a poucas cinzas. Se o Ferro, Estanho, e Chumbo artificialmente se convertem em Cobre, sendo a materia dos metaes a mesma do Ouro, como diz Santo Alberto Magno: *Metalla differunt inter se accidentali forma tantum, non essentiali*, no que concordão todos os *Philosophos Chymicos*, que razão tem Feyjoo para negar, ou duvidar se possaõ transformar tambem em Ouro pela industria da Arte?

Nem Feyjoo pôde negar, que os *Alquimistas* possaõ applicar o agente a materia proxima para formar o Ouro, confessando, que *puede el arte aplicar aquel agente, sea el que fuere, que tiene actividad para formar el oro, à aquella materia proxima de que se forma el oro*; porque a Arte não he outra couza, senão o methodo acertado, e scientifico, com que obraõ perfeitamente os Artifices; e admirome de que perguntando Feyjoo admirado, que repugnancia se puede señalar para que la diligencia del hombre los conozca, y aplique? Depois lhe assigne por repugnancia humas azas de chumbo, para lhe abater os voos. Se os homens pôdem conhecer, e applicar o agente, como duvida, que o appliquem, e conheçaõ, suppondo o agente visivel, e com existencia? E ainda que diga, que *confiessen los mismos Alquimistas, el arte no tiene actividad, ni puede producir agente alguno, si solo aplicar aquel mismo de que usa la naturaleza*: o mesmo Feyjoo confessa, que a Arte com os seus instrumentos tem actividade para produzir novas substancias, que não existião, como se vê

vê no exemplo do vidro tirado das cinzas, ou da terra pela actividade do fogo: *¿ se se nota la grande actividad, que tiene el fuego (instrumento da Arte) para induzir nueva textura, aun en las partes insensibles de los cuerpos, que resuelve, se hallará sumamente verisimil, que de su accion resulten nuevas substancias, que no existian en el cuerpo dissuelto.* Como pôde logo o fogo com o instrumento da Arte, ou a Arte com o instrumento do fogo produzir novas substancias, senão produz nenhum agente? Não entendendo esta Philosophia. Sem fogo não se faz vidro: he o vidro engenhosa producção do fogo, que entre as suas luzes gerou o agente de tão clara producção. Podendo pois do mesmo modo produzir a Arte o agente do Ouro, e applicallo à sua materia proxima os *Alquimistas*, não sey como lhe nega Feyjoo fazer Ouro, se elle mesmo tudo isto já tem concedido? Se este elevadissimo engenho, *figuendo el camino medio*, entre Philosophos, e *Alquimistas*, voa seguro como Dedalo, abata algumas vezes mais os voos, e não forme com a sua penna azas de chumbo, para se não precipitar como Icaro.

Nega o argumento, ou Aquilles dos *Chymicos*, fundado em varias historias de transformações de metal em Ouro; porque nenhum dos Authores, que dão esta noticia, foy testemunha de vista de tão admiravel operação; contradizendo-se nas *Glorias de Hespanha*, quando pertende defender a existencia de Bernardo del Carpio, sem embargo de que não ha Historiador, que testemunhasse de vista as suas proezas; mas deixando agora o argumento da contradicção, de que se não pôde livrar, mostremos a Feyjoo os seus descuidos. Primeiramente

Feyjoo Tom.
4. Discurs. 13.
§. 18. num. 62.
e 63. fol. 351

Santo Alberto Magno he testemunha de palavra, e de vista: *Quod scimus, (dizelle) loquimur, & quod vidimus, testamur;* e João Scoto, Doutor Subtil, afirma, que teve nas mãos a *Chrysopeia*, como se pôde ver em Beyerlinck *Verbo Chymia*, aonde me admiro o não vísse Feyjoo, vendo no *Theatro da vida humana* algumas cousas com que pertende impugnar a Pedra Philosophal: *Ut illum non somniasse, sed manibus tractasse filij scientiæ firmiter credant.* Como se Escoto previra, que Feyjoo depois de escrever contra a *Chrysopeia* com o fundamento de que ninguém a vio, não só diz, que a teve nas mãos, mas declara, que a vio, como quem por não estar dormindo, e sonhando, tinha os olhos abertos, desterrando com esta declaração as instancias, que este grande Critico lhe podia oppor com a doutrina do seu doutíssimo discurso intitulado *Scepticismo Philosophico*. Sobre a grande authoridade de Alberto Magno, e do subtilíssimo Escoto, entre agora a de João Pico Mirandulano, aquelle homem grande entre os mayores, que já Hespanha não pôde invejar a Italia, porter, como escreve Feyjoo, criado o seu Abulense, o qual testifica, que na sua presença fizera muitas vezes, e por muitos modos Ouro, e Prata hum seu amigo, que ainda era vivo no tempo em que escrevia: *Vivit ad hanc diem vir mihi notus, & amicus, qui plus sexagies suis manibus ex rebus metallicis aurum, & argentum confecit me presente, nec una tantum via, sed multis id est assequutus.* E no seu Diccionario tambem afirma Luiz Morey, que João André vio em Roma fazer Ouro a Arnaldo de Villanova, como se vê nestas palavras: *Le premier etablit ce qu'il avance sur la transmutation*

Mirand. op.
aur.lib.3. cap.
2.

Morey L.A.
fol. 305.

cion

cion metallique, que Jean Andre dit, il luy vit faire a Rome. Finalmente em Sennerto achará Feyjoo as testemunhas seguintes, que todas são, como declara o mesmo Author, não só de ouvida, senão de vista: *Fide digni testes, non auriti solum, sed & oculati confirmant & eloquuntur*: Anselmo Boecio, Medico Cesareo, Duarte Kelleo, Alexandre Sidonio Scoto, André Livavio, Wolfango Denheim, Nicolao Bernaudo, Bernardo Penoto, Hoghelande, Wengero, e outros muitos, que refere, e deixa por antigos, e conhecidos; e quando não houvera estas testemunhas tão qualificadas, bastava afirmar Theophilo, quem não contradiz, Feyjoo, que vira em Brusselas transformar os Metaes em Ouro ao Conde Rocheri, e ao Duque de Baviera Maximiliano Emmanuel, Governador dos Paizes Baixos.

ENODIO. Não posso replicar contra o testemunho de tantas, e tão grandes pessoas; e muito menos contra o que referis do Conde Rocheri, e do Duque de Baviera; porque Feyjoo o não impugna, mas se elle aqui estivera, não se daria por convencido com a authoridade de Pico Mirandulano, por occultar o nome do seu amigo, que tantas vezes, e por tantos modos fazia Ouro com a Arte.

ENODATO. Antes esta authoridade de Mirandulano para ninguem tem mais força, do que para Feyjoo; porque na segunda parte das *Glorias de Hespanha*, também não nomea, mas inculca hum grande fugeito da sua Religião, que canoniza por milagre de toda a erudição, e raro exemplo da modestia; e com tudo pertende, que lhe demos mui-

Aa ij

to

Feyjoo Tom.
4. Disc. 14. n.
84. fol. 412.

to credito sobre a sua palavra, obrigando-se por este modo tambem a crer a Mirandulano, ao menos por cortezia, quando não seja por necessidade; porque não hã mayor razão para crermos a Feyjoo, e não crer elle a Pico.

ENODIO. Fique a resposta dessa instancia escondida no mesmo silencio; em que tambem estão occultos os nomes de dous homens tão grandes, e tão aureos, hum na riqueza, outro na sabedoria; e vede, que haveis de responder ao argumento com que impugna Feyjoo a transmutação dos Metaes em Ouro, feita por Raymundo Lullio na Corte de Londres, por se não achar esta noticia em Author primordial, senão em Roberto Constantino, Medico Francez, que floreceo dous seculos depois de Lullio.

ENODATO. Agora basta dizer-vos, que de Feyjoo Tom. ve Feyjoo dar tanto credito a Roberto Constanti-
4. Discurs. 13. no no que escreve de Raymundo Lullio, como per-
§. 18. num. 60. tende, que demos a D. Rodrigo, e a D. Lucas no
fol. 350. que contaraõ de Bernardo del Carpio; porque to-

dos estes Escriitores igualmente, como elle diz, escrevêraõ muitos seculos depois, que viveraõ aquelles Heroes, contradizendo a sua narração o silencio de todos os Historiadores, que os precedêraõ; e contradizendo-se muito mais Feyjoo neste argumento; porque o reputa por forte contra a *Chrysopeia* de Lullio, e por debil contra a existencia de Bernardo; e não pôde sem contradicção admittir o debil, e o forte no mesmo argumento; porque são contraditorios, como o sim, e o não, e tão oppostos, como a luz, e a sombra, o dia, e a noite, o verdadeiro, e o falso. Porém não pôde negar Feyjoo

Feyjoo, que nesta igualdade, mayor certeza ha no que refere Constantino de Raymundo, do que no successo, que escrevem os Historiadores de Bernardo; porque Raymundo, como confessa Feyjoo, escreveu da *Chrysopeia*, affirmando, que sabia a *Arte Magna*, conforme vio Feyjoo em fragmentos da sua obra; e de Bernardo não vio ninguem a espadá, nem temos ao menos troncadas as imaginadas relações, que nelle fallaraõ.

ENODIO. Esses fragmentos da obra de Lulio, diz Feyjoo, que nada provaõ, em quanto não constar, que alguém guiado por aquellas suas instrucções fizer Ouro, o que nunca já mais succederá.

ENODATO. Menos prova Feyjoo com a sua prophesia, não sendo propheta; e com o seu discurso, não sendo concludente: como se ha de aprender a fazer Ouro por huma obra troncada; aonde podem saltar os principaes preceitos da Arte; e os principaes segredos da *Chrysopeia*? Se lendo Feyjoo obras inteiras de outros *Hermeticos*, confessa, que as não entendeo; como he possível entender as que estão imperfeitas? A'lem de que, se os homens, que estudarem por esta obra, não entenderem o *artificio Hermetico*, como pôde a ignorancia de quem estuda, e não entende, provar tambem a ignorancia de quem escreveu? Muitas cousas forão antigamente verdadeiras, ainda que hoje se não saibão, nem entendaõ. Já se não sabe escrever compendioso, como no tempo de Ennio: já se não tocaõ os instrumentos, como no tempo de Alexandre; e já se não preparaõ Múmias, como no tempo dos Egypcios. Será bem inferir daqui,

que

Feyjoo Tom.
4. Discurs. 12.
§. 12. num. 31.
fol. 295.

que nunca houve essas Mumias no Egypto ; taes instrumentos no tempo de Alexandre ; nem a escriptura compendiosa no tempo de Ennio , que o mesmo Feyjoo tanto exalta ?

ENODIO. Como o vosso intento he condemnar em Feyjoo o mesmo , que elle argue aos *Herméticos* , paraque ferido pelos mesmos fios faça pazes com os contrarios , ou fique duvidosa a victoria , parece-me , que não rebatereis este golpe , com que elle fere aos *Alquimistas* sem reparo. „ De Arnaldo de Villanova , diz Feyjoo , referen-
 „ algunos Jurisconsultos , citados por Beyerlink en
 „ el Theatro de la vida humana , y por el Padre
 „ Delrio en las Disquisiciones Magicas , que por
 „ el Arte Alquimico hizo algunas varillas de oro ,
 „ las quales publicamente ofreció en Roma à to-
 „ do examen. Pero como es creible , que siendo
 „ tan publico el hecho , el Summo Pontifice , que
 „ reinaba entonces , no se aprovechasse , siendole
 „ tan facil , de la habilidad de Arnaldo en bene-
 „ ficio de la Iglesia , juntando para ella immensos
 „ tesoros ? En conciencia debia hacerlo , y pues
 „ no lo hizo , es claro , que no dio Arnaldo las
 „ muestras , que se dice de su habilidad , y que
 „ los Jurisconsultos que se citan , no tuvieron otro
 „ testimonio del hecho , que alguna hablilla vul-
 „ gar.

ENODATO. Não me admiro de vòs me oppo-
 poreis essa duvida , senão de que Feyjoo fizesse
 contra a *Chrysopeia* tão infeliz argumento ! Como
 he tambem crível , que prevaleça a sua presump-
 ção contra o testemunho de tantos Jurisconsultos ?
 Como averiguou este Critico tão tarde , o que tan-
 tos

tos homens sabios, e prudentes não poderaõ indagar mais cedo? He melhor o seu discurso, do que o juizo dos outros? Saõ por ventura mais prudentes, ou mais verdadeiros Arriano, Quinto Curcio, Plutarcho, e outros Historiadores de Alexandre Magno, ou D. Rodrigo, e D. Lucas no que dizem de Bernardo del Carpio, do que tantos, e tão sabios Jurisconsultos no que affirmão de Arnaldo de Villanova? Para vós conheçerdes o pouco fundamento, com que Feyjoo argumenta contra a *Chrysopeia* de Arnaldo, vede o Dictionario de Morery L. A. fol. 305.

ser prezo em França por ordem do Papa Clemente V. por causa de alguns erros, que tinha cometido sobre pontos de Religião, fugio de Pariz para Sicillia, aonde foy beñ recebido, e muito estimado d'El Rey Frederico de Aragoã, que o amparou, e recolheo no seu Palacio; e passados alguns annos, o mandou a França, para curar o mesmo Pontifice, estando muito doente, e na viagem naufragou na Costa de Genova, antes da morte do Papa. Por respeito de Phelippe IV. Rey de França, trasladou Clemente V. a Cadeira de S. Pedro de Roma para Avinhão, e não esteve em Roma no tempo, em que Arnaldo expoz as varas de Ouro a publico exame. Nem o Papa com as discordias, que então teve com El Rey de França, sobre a eleição do Emperador Henrique VII. e com os cuidados de convocar Concilio para Viena de França, teve descanso para averiguar pelos três Cardeaes, que de Avinhão mandou para Governadores de Roma, o que nesta grande Cidade obrou Arnaldo de Villanova; e ainda que tivesse esta noticia, eraõ tão grandes

Feyjoo Tom.
4. D. scurs. 13.
num. 62. fol.
351.

Morery L. A.
fol. 305.

os

os bandos, tão crueis as guerras, e tão escandalosas as tyrannias entre os Guelphos, e Gebelinos, que não podia o Pontifice mandar prender este homem na Italia, nem ainda dentro da mesma Roma, não só porque o amparava, e defendia ElRey de Sicilia, mas porque ao mesmo Emperador Henrique VII. armado, e acompanhado de hum exercito, não obedeciaõ os moradores desta grande Metropoli, por estar a mayor parte dos Romanos, ajudados de Roberto Rey de Napoles, e dos Ursinos armados, e divididos em esquadrões, e senhores das mayores fortalezas da Cidade, de tal forte, que em quanto o Emperador esteve em Roma, todos os dias houve batalhas, e mortes pelas ruas, e Praças da Cabeça do Mundo, de que resultou não se poder coroar Henrique VII. na Igreja de S. Pedro, como era costume, e ver-se obrigado a receber a Coroa Imperial em S. João de Latrão. Pelo que indignado contra Roberto, o citou, e priuou por humma sentença do Reyno de Napoles, a qual annullou logo o Papa, por ter aquelle Reyno feudatario só a Igreja, e passados poucos dias morrerão primeiro Henrique em Italia, e Clemente em França. Vede vós agora, como o Pontifice cuidaria em mandar prender a Arnaldo, para o obrigar a revelar o segredo, ou para fazer Ouro em beneficio da Igreja, estando elle fugido de França, e amparado na Italia com a protecção d'ElRey de Sicilia, que naquelle tempo era tão poderoso, que a instancia do Emperador, por ter contratado casar sua filha com hum filho de Federico, moveu guerra com humma poderosa Armada contra Roberto, ajudado pelo mesmo Emperador, que pessoalmente

mente marchava por terra com o seu exercito para Napoles; e na jornada o matáraõ com veneno, que lhe deraõ em huma particula, sem nenhum temor das suas armas. E dous annos antes da exaltação de Clemente V. ao Pontificado, tendo o Papa Bonifacio VIII. grandes discordias com Phelippe IV. Rey de França, que por estas differenças lhe prendeo hum Bispo seu Nuncio, ou Embaixador, convocou Bonifacio hum Concilio, para proceder contra Phelippe, e privallo do Reyno, como fez por sentença, dando esta Monarchia ao Emperador Alberto I. o qual por ter já naquelle tempo casado seu filho Rodulpho com Dona Branca, filha do Rey Christianissimo, recusou politicamente esta ardua empreza. Porém crescendo os motivos do odio, e inimidade entre o Rey, e o Papa, passou a tanto excessso a ira de Phelippe, que mandou prender o Pontifice estando na Cidade de Agnania, por hum atrevido Romano do bando Gebelino, chamado Sarra, que depois de prezo, intentava levalllo a França, e se o não levou a Pariz, toda a vida o teve dentro em Roma na prizaõ, em que morreo, parece, que em castigo de ter feito o mesmo a seu antecessor o Santo Pontifice Celestino V. depois de lhe persuadir, que renunciasse o Pontificado. E à vista destes tragicos successos, não estavaõ aquelles calamitosos tempos muito propicios, para os Pontifices mandarem prender fugitivos de França a Italia, nem a Roma; quando em Roma, e na Italia, desobedeciaõ, e matavaõ os Emperadores, e sem respeito prendiaõ, e deixavão morrer encarcerados os Pontifices.

A'lem destas razões politicas, que houve para

Bb

não

não conseguir Clemente V. o segredo da *Chrysopeia*, suba Feyjoo, que a conservação, e augmento da Igreja Catholica Romana não depende da riqueza da Terra, senão da providencia do Geo. He a Igreja Catholica hum espirital edificio, fundado por Christo em huma só, e unica Pedra, que he Pedro, e não admitte para a sua conservação, nem a *Pedra Philosophal*, a uniaõ da Igreja Romana, que exclue depois de Pedro, e seus successores, todas as outras pedras. E se não, vamos à experiencia. No Padre Kircker terá lido Feyjoo, que alguns *Chymicos* imputaraõ ao Papa Joaõ XXII. que com a *Chrysopeia* ajuntara grandes thesouros; e confessa com Platina, que este Pontifice ajuntara grande quantidade de Ouro: *Certe Platina in ejus vita post mortem ingentem auricopiam apud eum inventam esse.* E o mesmo Kircker vio hum livro escrito na lingoa Franceza com este titulo: *L'art transmutatoire du Pape Jean XXII. de ce nom*, em que, segundo elle escreve, se trata do modo, e razãõ, com que por beneficio da *Arte Magna*, fez o Papa Ouro natural, e verdadeiro no seu Palacio de Avinhaõ. Agora pergunto: E que fez este Papa com tanto dinheiro *Chymico* em utilidade da Igreja? Quanto mais gl'orioso foy sem a riqueza da *Chrysopeia* hum Benedicto I. chamado por sua grande charidade pay dos pobres? Quanto mais famoso foy hum Pelagio II. que fez o seu Palacio Hospital da pobreza? Quanto mais util foy à Igreja hum Alexandre V. que costumava dizer aos seus amigos, fuy Bispo rico, Cardeal pobre, e Papa mendicante? Como estariaõ seguros os thesouros da Igreja, se no Pontificado de Clemente V.

tê V. ou de seus successores, houvesse em França, ou na Italia, não digo as perseguições antigas, senão as que soffeo o Papa Estevão III. as prizões, que matarão ao Pontifice Benedicto V. os perigos, que ameaçarão a Innocencio IV. os atrevimentos, que arrastarão pelas ruas, e depois prenderão a Gregorio VII. nem os inimigos, que obrigaraõ a fugir de Roma a Alexandre III. mas os ambiciosos intentos de Cesar Borja, mais que do Papa Alexandre VI. que se não satisfaziaõ senão com escandalos roubos, que intentavão executar com tantas mortes? As Chaves da Igreja Romana, que deo Christo a S. Pedro, e a seus successores, são chaves do Reyno do Ceo : *Claves Regni Calorum* ; e com Chaves do Reyno do Ceo não quer Christo, que os seus Vigarios fechem thesouros da terra.

ENODIO. Facilmente desfizestes a objecção, que Julio Cesar Scaligero oppoz contra Hieronymo Cardano, referindo elle, que o Boticario de Treviso convertera Mercurio em Ouro na presença de André Gritti, Doge, ou Duque de Veneza, e dos principaes Patricios daquella famosa Republica; porque, como diz Feyjoo, he o mesmo argumento, que elle tambem fórma contra Arnaldo de Villanova, fundando-se em que se isto fosse verdade, o Senado Veneziano se tivera servido daquelle Boticario, para enriquecer com immensos thesouros a Republica de Veneza. E como Feyjoo despreza as soluções, que o Padre DelRio dá a este argumento, por saber com certeza, que o Senado se não aproveitou da *Chrysopeia* ; porque se possuira este segredo, estaria Veneza Senhora,

Bb ij

não

naõ só do Imperio Othomano, mas tambem do Mundo todo, como se fará, conclue o mesmo Author, qualquer Republica, que possa augmentar os seus thesouros sem limite.

Feyjoo Tom.
4. Disc. 13. §.
8. n. 29. fol.
333.

Reg. 4. 20.

ENODATO. Não discorre Feyjoo neste argumento como Theologo, nem ainda como Politico; porque não adverte, que sendo os Emperadores Romanos os mais ricos Monarchas do Mundo, elles com as suas riquezas, não conquistâraõ, antes perderão totalmente o seu Imperio, que com a sua pobreza, escreve o mesmo Feyjoo, adquirio a Republica Romana. Em semelhantes principios estabelecêraõ os Turcos o Imperio Othomano. Nem a Republica de Veneza, e os mayores Reynos, e Imperios do Mundo, tiveraõ outros fundamentos mais illustres. Principiando todos com batalhas, e com roubos, estaõ fundados nas riquezas, que conquistâraõ, ou roubâraõ com as armas, e não nas terras vencidas, ou compradas com dinheiro. Não me mostrará Feyjoo algum Imperio comprado, ou adquirido com Ouro: eu sim lhe mostrarey, que o dinheiro, e o Ouro arruinou grandes Reynos, e Imperios. Salamão Rey de Israël com os seus thesouros sem limite, não conquistou nem hum só palmo de terra, fóra dos limites do seu Reyno; e perdeu ElRey Ezequias o Reyno de Judà, por mostrar os seus thesouros a Baladan, Embaixador de Berodach Rey de Babylonia. Com o muito dinheiro, que Duarte IV. Rey de Inglaterra deo ao Emperador Adulpho I. para o ajudar pessoalmente a conquistar o Reyno de França, não conquistou França, e foy causa de perder o Imperio Adulpho; porque offendidos os Eleitores, e outros

outros Principes de Alemanha, de que Adulpho sendo Emperador, aceitasse soldo d'ElRey de Inglaterra, e não falta quem escreva, que descontentes de não repartir com elles o Ouro, com que comprou o Condado de Misna ao Landgrave de Turingia, o privaraõ da dignidade Imperial, elegendo a Alberto I. que não só lhe succedeo no Imperio, mas tambem lhe tirou a vida com a ponta da espada, encontrando-se com elle, e ferindo-o mortalmente no rosto, na memoravel batalha de Wormes, junto da Cidade de Spira. *Escriven algunos*, accrescenta Pedro Mexia no fim da vida de Adulpho, *que estando en este trance, le dixo el Duque Alberto en alta voz, aqui perdereis el Imperio Adulpho; y que respondio el, esso Alberto està en la mano de Dios.* Naquelle conflicto podèra o Emperador Adulpho provar a sua proposiçaõ com a Oraçaõ, que na Sesta Feira da Paixão conta a Santa Igreja de Roma, pedindo tambem com ella a Deos, que puzesse benignamente os olhos no Romano Imperio: *Omnipotens sempiterne Deus, in cujus manu sunt omnium potestates, & omnium jura regnorum: respice ad Romanum benignus Imperium.* Esta Oraçaõ não vio, nem ouvio o Reverendissimo Feyjoo, ou porque não sabe rezar senão pelo seu Breviario, ou porque a paixão com que escreveo contra a *Chrysopeia*, assim como lhe cegou os olhos para a não ver no Missal, tambem lhe ensurdeceo os ouvidos para a não ouvir na Missa da Sesta Feira da Paixão, porque só estando surdo, e cego, podia deixar de ver, ou de ouvir, que a mão Omnipotente de Deos, he a que dà, ou tira os Reynos, e os Imperios.

A Nabuchodonosor, primeiro Emperador dos Assy-

Orat. 8. Fer.
VI. in Paratc.

- Dan. 5. 18. Affyrios , ou Chaldeos , deo o Altissimo Deos o Reyno, a magnificencia, a gloria, e a honra, como a seu filho Balthasar disse o Propheta Daniel : *O Rex, Deus Altissimus, regnum & magnificentiam, gloriam, & honorem dedit Nabucodonosor patri tuo;* e ao mesmo Nabuco tirou Deos o Reyno, convertendo-o por tempo de sete annos em bruto, para que este soberbo Emperador foubesse, que o Excelso Rey de todos os Reys, e Monarchas do Mundo, dominava sobre os Reynos, e Imperios humanos, os quaes dà a quem elle quer : *Donec scias, quod dominetur Excelsus in regno hominum, & cui-cumque voluerit, det illud.* Foy Nabuchodonosor Monarcha tão rico, que fez huma Estatua de Ouro de altura de sessenta covados, e seis de largura: *Nabucodonosor Rex fecit statuam auream, altitudinem cubitorum sexaginta, latitudine cubitorum sex;* e com todo este Ouro não se pode conservar no throno, quando Deos o depoz do Solio, para castigar o seu elevado coração, e o seu espirito soberbo : *Depositus est de solio regni sui.* Porque como ensina a Fè, e diz o mesmo Propheta, não hà quem resista à mão de Deos : *Non est qui resistat manui ejus.* Assim o experimentou Balthasar, quando tres dedos de huma mão mandada por Deos, escreverão na parede do seu Palacio a sentença, que o privou da vida, e do Reyno, que Deos lhe tirou, em castigo do sacrilegio commettido, por beber com os seus convidados pelos vasos sagrados do Templo de Hierulalem, para dar o mesmo Reyno a Dario Rey dos Persas, e Medos: *Apparuerunt digiti, quasi manus hominis scribentis.. ab eo missus est articulus manus, quæ scripsit hoc : Divisum est regnum tuum,*
- Dan. 4. 29.
- Dan. 3. 1.
- Dan. 5. 20.
- Dan. 4. 32.
- Dan. 5. 5. 24. 28. 30.

& datum est Medis, & Persis. Eadem nocte interfectus est Balthassar rex Chaldaeus. Et Darius Medus successit in Regnum. Por esta razão confessou Cyro no principio daquelle Decreto, em que deo liberdade aos Israëlitas transmigrados, e cativos em Babylonia, que Deos lhe dera todos os Reynos da terra: *Hæc dicit Cyrus rex Persarum: Omnia regna terræ dedit mihi Dominus Deus Celi;* e à imitação de Cyro confessaõ tambem esta verdade aquelles Monarchas, que no principio dos seus Decretos publicação serem Reys por graça de Deos.

Com a experiencia de tirar Deos a Saul o Reyno de Israël, para o dar a David, escreveo profeticamente este grande Rey, que os Monarchas, e Reys da terra, que dominarão o Mundo, não conquistarão os Reynos, e os Imperios com o seu braço, e com a sua espada, senão com o braço invencivel, e com a mão direita de Deos: *Nec enim in gladio suo possiderunt terram, brachium eorum non salvavit eos, sed dextra tua, & brachium tuum.* Todos os Reys, Monarchas, e Emperadores Catholicos, allumeados com a luz da Fè, crerão firmemente esta verdade; porque ainda sem Fè lhe deo credito o mayor Emperador do Mundo, sendo Gentio. De Alexandre Magno vencedor de Dario, conta Josepho, que entrando em Hierusalem, sahio ao receber fóra do Templo o Summo Sacerdote Jaddo, revestido nos ornamentos Pontificaes, e que Alexandre vendo-o, se lançara a seus pès, e o adorara; e perguntado pela causa de tão desusada reverencia, tão alhea de sua grandeza, e Magestade, respondeo, que elle não adorara aquelle homem, senão nelle a Deos;

Psalm. 43. 4.

Joseph. Anti-quit. lib. 11. c. 8.

Alapid. apud Vicyr. Historia Futur. c. 6. num. 67. fol. 72.

por-

porque reconhecera, que aquelle era o habito, o ornato, e a representação, em que Deos lhe tinha apparecido em Dio Cidade de Macedonia; e exhortando-o, a que emprendesse a Conquista da Persia, que naquelle tempo meditava, lhe segurara a victoria. O Senhor dos exercitos, que tinha revelado os quatro Imperios Mundo a Daniel, deo os triunfos ao grande Alexandre; porque o seu poder, e limitado apparato de guerra, era desigual a tão immensa empreza. O Exercito com que Alexandre sahio de Macedonia, como refere Plutarcho, e o prova com graves Authores, que *tambem* segue Vieira, ainda não chegava ao numero de quarenta mil homens, os bastimentos erão só para trinta dias, e não passavão de quarenta e dous mil cruzados da nossa moeda os setenta talentos de Ouro, que levava para estipendios. *Como era possivel*, que tão pouco dinheiro, e tão pequeno exercito bastasse para tão grande conquista, se a mão invisivel de Deos não puzera na cabeça de Alexandre Magno a Coroa do Imperio dos Gregos? Na vida de Julio Cesar, Emperador dos Romanos, que succedeo na Monarchia universal do Imperio dos Gregos, pondera Pedro Mexia, que conquistou mais terras com as armas, vencendo cinquenta batalhas, do que caminharia no mesmo tempo outro qualquer homem fazendo pacificamente as jornadas; porque *tambem* a Cesar tinha Deos promettido nas prophcias de Daniel o Imperio dos Romanos. Não conquistou Cesar o Imperio Romano com a sua riqueza, nem com a sua espada; deulho a mão de Deos, como vemos nas Prophecias.

Levan-

Mexia Hist.
Imp.fol. 16.

Levantou Deos no Mundo a Hieremias por seu Ministro, e a commissão, e officio, que lhe deu, foy esta: *Ecce constitui te hodie super gentes, & super regna, ut exellas, & destruas, & dissipes, & ædifices, & plantes.* Hoje te ponho, e constituo sobre as Gentes, e sobre os Reynos, para que arranques, destruas, e dissipes a huns, plantes, e edifiques a outros. Não quer dizer Deos, como discorre Vieira, que Hieremias hade arruinar, ou edificar Reynos com a espada; mas que os hade arruinar, ou edificar com as suas prophcias, profetizando a huns sua exaltação, e a outros sua destruição, e ruina. Se as prophcias resolutamente dizem, que os Reynos se haõ de perder, ou arruinar, aparelhem-se sem remedio para a sua ruina: e se dizem, que se haõ de estabelecer, e exaltar, creão sem duvida sua conservação, e augmento: *Ecce constitui te super gentes, & super regna.* Estaõ os Prophetas, e as prophcias sobre as gentes, e sobre os Reynos, ou como Astros benignos, que influem, e promettem suas felicidades, ou como Cometas tristes, e funestos, que influem, e ameaçaõ suas ruinas. Levantem pois os Reys, e os Reynos os olhos, olhem para esses sinaes do Ceo, e se os virem Estrellas, esperem, se os virem Cometas, temaõ. Mas porque muitos Reys esperaõ donde deviaõ temer, por isso erraõ, e se despenhaõ, e se perdem, e perecem muitos. Se Achab Rey de Israël témpera, como devia temer, a prophcia de Micheas, desistira da conquista de Ramoth Galaad em que tão teimosamente insistia: mas porque quizz antes esperar, como não devera, nas promessas, e lisonjas vãs de seus aduladores, em hum dia per-

Cc

deo

Hierem. I. 10.

Vieir. Histo-
ria do Futur.
cap. 8. n. 118.
fol. 118.

deo a batalha, a conquista, a coroa, a vida. Não podem as armas, e as riquezas dar a victoria a El-Rey Achab, quando nas prophcias está segura Ramoth.

Hierem. cap.
21. & 22. per
totum & cap.
34.

Eldr. i. cap. i.

Hierem. 29.
10.

Clamava a prophcia de Hieremias ao Rey, e Principes de Hierusalem, que se accommodassem com Nabuchodonosor, contra o qual não podiaõ prevalecer; mas porque El-Rey Sedecias, fiado na potencia de suas armas, quiz antes experimentar a fortuna da guerra, que vir a honestos partidos com os Assyrios, prevalecêraõ estes emfim, como o Propheta tinha promettido; e o Rey conheceo tarde a temeridade do seu conselho. Que diferente foy o de Cyro, prudente, e famoso Rey de Babilonia! Entendeo este mesmo excellente Principe, pela mesma prophcia de Hieremias, e pelas de outros Prophetas, que o cativoiro, e fogueição dos Israëlitas, que elle tinha debaixo de seu Imperio, não queria Deos, que durasse mais de sessenta annos; e tanto que estes se acabaraõ (sendo Gentio Idolatra) sem partido, sem interesse, sem obrigação, nem reconhecimento, os restituhio todos livres à sua Patria. Contentou-se o Gentio, com o que Deos se contentava, e não quiz perpetuar a servidaõ, quando Deos tinha limitado annos ao castigo: creio as prophcias sem serem suas, ou de seus Oraculos, senaõ dos mesmos Israëlitas; porque tendoas experimentado verdadeiras na sentença do cativoiro, fora cobiça, e não razaõ tellas por falsas na promessa da liberdade. Agora perguntara eu a Feyjoo, se he possivel, à vista destes exemplos, que os Venezianos com a sua *Chrysopeia*, possaõ conquistar o Imperio Othomano, e o Mundo

do todo, derogando os decretos absolutos da Providencia? Boecio, quem segue Santo Thomaz, e com elle communmente os Theologos, definindo a Providencia, diz, que he a serie de todas as cousas, e suas causas ordenadas na Mente Divina, e encadeadas, e ligadas entre si, com huns nós maravilhosos, e secretos, que ninguem pôde desfatar: *Providentia est series causarum, rerumque in mente Dei, quæ omnia suis nectit ordinibus, miris, artisque, sed arcanis modis*; e Cornelio commentando o mesmo Boecio, ainda o declara com mayor expressão: *Deus per congruos Providentiæ suæ modos, quos in thesauris sapientiæ suæ reconditos habet, facit ut omnes rerum, temporumque successus invicem appositè nectantur, ac velut ansulæ sibi invicem inserantur, & catenam elegantem efficiant*. De sorte, que os successos dos tempos, e das cousas, aindaque pareçam diversos, e encontrados, estão na Mente Divina, e na sua Providencia ordenados, e atados entre si de tal modo, que como aneis, ou fuziz enlaçados huns nos outros compoem huma uniforme, e elegante cadeia. Esta cadeia prendeo a Joseph, para do carcere subir a reynar no Egypto: esta cadeia prendeo a Joaquim, e a Sedecias, para tirar a estes dous Monarchas o Reyno de Judá: esta cadeia prendeo ao Emperador Henrique IV, para lhe succeder no Imperio Henrique V. e esta cadeia finalmente prendeo outros Monarchas para do Throno descerem aos carceres, ou dos carceres subirem ao Solio. Não acho nas historias exemplos, de que as Espadas, ou os Ouros, rompessem, nem corrompessem os aneis, e fuziz da cadeia da Providencia. Leye porém, que só com a mão de Deos

se abre, e fecha o circulo desta cadea. Com a mão invisivel de Deos, e não com as mãos de Espadas, ou de Ouros se conquistaõ os Reynos, e se conservão os Imperios. Por isso Eduardo VI. Rey de Inglaterra pintou ao globo do Mundo no ar, pendente só de huma cadea de Ouro, cujo remate sustentava huma mão, que sahia do Ceo com este Epigrafe : *Nihil sine Deo*. Nada pôde o Ouro sem a mão de Deos. Com cadeas de Ouro não prendem os Monarchas o Mundo, cativaõ os seus proprios Imperios. Confôrme as relações de varios

Bluteau Vo-
cab. Tom. 6.
fol. 150.

Authores, que segue Bluteau no seu *Vocabulario*, todas as mesas, bofetes, baxellas, vasos de cozinha, e outros moveis da Casa Real dos Incas do Peru eraõ de Ouro. Nas antecamaras havia Estatuas de Ouro, tamanhas como gigantes, e figuras de Ouro, em que se representavaõ ao vivo todo o genero de animaes, aves, hervas, arvores, e peixes, que nascem, e se criaõ naquelle Imperio. Tinhaõ huma casa de prazer, em que com mais ostentação da arte, que afronta da natureza, todas as flores, e plantas eraõ de Ouro, ou Prata mociça. As portas dos Templos eraõ cubertas de laminas, e chapas de Prata, entresachadas de esmeraldas. Por falta de cal, as pedras dos edificios estavaõ liadas com Ouro, e Prata fundidos, e misturados com Cobre, e Chumbo. Na Cidade de Panchelma a pedra grande, que servia de concha na fonte publica, era de Ouro, e pezava vinte e quatro mil marcos; e havia casas cubertas de laminas de Ouro tão grossas, que doze homens juntos não podiaõ abalar huma dellas. No meyo de tantas riquezas, notou o grande Bluteau, não podiaõ fal-
tar

tar prizoões à liberdade do animo, e demonstrações do cativoiro. Havia huma cadea de Ouro do comprimento de trezentos, e cincoenta passos, e com fuziz todos da grossura de hum punho, aqual duzentos homens dos mais robustos não podião levantar da terra. Quando lá chegãrão os Castelhanos, foy esta cadea lançada em huma lagoa, e desde então não foy possível achalla, nem tambem a liberdade perdida; porque vivendo os Principes Incas, ou Ingas por mais de seiscentos annos, ricos, e livres, no anno de 1524. affogãrão com aquella cadea a sua riqueza, liberdade, e o mesmo Imperio. Para se resgatar, offereceo Atabalippa vinte e sete milhões de Ouro; e para os Indios recuperarem a sua liberdade offerecêrão vinte e hum milhões; e sem embargo dos Castelhanos lhe tomarem setenta milhões de Ouro, e outros tantos de joyas, os Indios ficaraõ cativos, e o Emperador Atabalippa, ou Atahualpa violentamente morto, depois de prezo. Com todas estas, e outras muitas riquezas não pode Hespanha conquistar França, e no mesmo tempo perdeo Flandes, e Portugal, e pouco lhe faltou para não ficar cativa, quando com a felicissima aclamação do Augustissimo Senhor D. João IV. restauramos a nossa liberdade. Não hà riqueza, que como Ouro fulminante, não arruine com mayor estrondo, e mais estrago, do que a polvora, a Nação, que a possue. Morrêrão degollados vinte e tres mil Hebreos, que no deserto adoraraõ o Ouro de suas joyas na imagem bruta de hum Bezerro; e sendolhes o Ouro do Egypto tão inutil como o de Midas, lhes conduzio castigos como o de Tolosa. Na mesma França com muitas mãos el-

Blureau Vocab. Tom. 6. fol. 153.

gri-

grimindo, ou jugando Espadas, e dispendendo Ouros às mãos cheyas, batalhou, ou jugou Luiz XIV. com todos os Monarchas, e Principes da Europa; e no fim de tantas guerras, negociações, e conquistas, acabou o jogo marcial, e politico, perdendo quasi tudo quanto tinha ganhado, metendo-se para sempre na baralha.

ENODIO. Baralhemos nós agora os argumentos de Feyjoo, e mudemos tambem de naípe, pondo na mesa em lugar de hum Rey bellicoso de França, outro Rey Sabio de Castella. Que dizeis ao exemplo d'ElRey D. Affonso X. ou V. chamado o Sabio, ou Astrologo, que viveo pobre, possuindo a *Pedra Philosophal*, com que elle augmentava as suas riquezas, conforme escreve no seu Tratado *De Thesoro*? E não he possivel, como argue Feyjoo, que fazendo Ouro com a *Chrysopoeia*, vivesse pobre.

ENODATO. Confesso-vos ingenuamente, que não sey responder bem a esse argumento, fundando-se mais na minha pobreza; do que na d'ElRey D. Affonso o Sabio; porque dizendo eu, como elle, que sey fazer Ouro com a *Pedra Philosophal*, ainda sou mais pobre, do que este Sabio Rey. Porém deveis advertir, que bem pôde hum *Hermetico* ser pobre, sem discredito da *Arte Magna*, por não valer esta Arte aos mesmos pobres, aindaque sejam sabios; porque, conforme diz Santo Alberto Magno, para trabalhar com esta Arte, são necessarios, a qualque Artifice cabedaes para se poder sustentar ao menos dous annos: *Unde pauperibus non valet ars ista, quia ad minus valet habere expensas duobus annis.* E como se ha de sustentar hum pobre

Div. Albert.
Magn. libet.
de Alchim. in
præf. fol. 2.

bre dous annos , e comprar o necessario para trabalhar na *Obra Grande* , faltandolhe o preciso para viver dous dias? Todas as aves nascem para voar, e nenhuma voa sem lhe nascerem, e crelcerem primeiro as azas. Sem grandes , e crelcidas azas como hade voar hum pòbre sabio? Que importa, que hum pobre saiba voar, se não tem azas para subir? Sem o favor da riqueza, toda a sabedoria de hum pobre he ignorancia. Ainda que hum *Hermetico* saiba muito, sendo pòbre, diz Santo Alberto Magno, todo o seu saber he o mesmo, que nada:

*Cum labor, in damno est, crescit mortalis egestas,
Multa licet sapias, re sine, nullus eris.*

Div. Albert.
Magn. libel.
de Alchim. in
præfat. fol. 2.

Hum Philosopho *Hermetico* pobre, he como aquelle pobre sabio, que nos seus Emblemas descreve André Alciato com as azas na mão esquerda, e huma pedra na mão direita; porque quando com o engenho aligero pòde voar sobre as mais altas torres, a pedra, ou a pobreza não o deixa levantar do chão:

Dextra tenet Lapidem, manus altera sustinet alas:

Ut me pluma levat, sic grave mergit onus.

Ingenio poteram superas volitare per arces,

Me nisi paupertas invida deprimeret.

And. Alciat.
Embl. 121.

Sem riqueza, ou sem azas, a mesma *Pedra Philosophal* he pobreza. Não pòde voar o engenho tendo huma mão a *Pedra*, e outra as azas. Para unir as azas com a *Pedra Philosophal* intento como indutrioso *Hermetico* converter em Ouro, e Prata o vitriolo.

triolo da tinta com que escrevo, porque se imprimir, e vender as obras, que tenho composto, com as riquezas terey azas; e quando algum inimigo mas corte, como os cabellos a Sansão, crescerão com o tempo para sua ruina, e castigo. Não me cortará a fortuna, quem presumir, que reprime os meus voos, cortando-me agora as azas, porque se as minhas obras chegarem às mãos de seus Augustissimos Protectores, farão prodigios, e darão fructo depois de cortadas; servindo so o corte de presagio de obrarem estas maravilhas. Nunca faria tão prodigiosos milagres a Vara de Moysès, senão chegara à sua mão depois de cortada; mas o ferro, que a separou do tronco, quando parece, que a fazia esteril, a dispoz para dar fructo, e fazer milagres estupendos. He mais fecunda a vide depois de cortada: o golpe do Agricultor he para a vide grande beneficio. Com os golpes do ferro escreve melhör a penna depois de bem aparada. Com a penna aparada na mão tenho mostrado a fecundia, que excede a fecundidade da vide, ainda que não iguala o prodigioso da vara; e se como a Vara de Mercurio transformar em Ouro, o que tem escrito a minha penna, esta *Pedra Philosophal* me dará azas para voar pelo Orbe Literario com outras Obras. Não vos pareçam apocrifas estas Obras, que não vedes, como se pôde facilmente dizer do Tractado *Del Thesoro*, que Feyjoo confessa, que não vio; porque brevemente verá o Mundo; o que já virão, e approvarão os mayores sabios deste Reyno. Mas ainda que vos conceda, que El Rey D. Affonso escreveo, que fazia Ouro com a *Pedra Philosophal*, bem o podia fazer com a *Chrysopeia*; e não ser rico, como de si confessou

fou ao Reverendíssimo Padre Kircker o Emperador Fernando III. como já contra Feyjoo deixo ponderado. Ambos estes grandes Monarchas, ou Emperadores, fizeram Ouro com o *Lapis*; mas nem Fernando Sabia o segredo, nem D. Affonso alcançaria o mysterio, como ignoravão o Conde Rocheri, e o Duque de Baviera o enigma do Adepto, aquem diz Feyjoo, que tirou Rocheri a vida, e a *Chrysopeia*, para fazer Ouro.

ENODIO. Como nós estamos sós, não vos escandalizeis, se em nome de Feyjoo duvidar em segredo do testemunho desses dous Emperadores de Alemanha, entre os quaes contaõ alguns Historiadores a ElRey D. Affonso; porque como Sabios, podião jactar-se do que não sabião, para mayor credito da sua sabedoria.

ENODATO. Agora quero eu romper o silencio, e levantar a voz, de sorte, que me ouça o Reverendíssimo Feyjoo, ainda que de tão longe, porque não duvido me dê ouvidos hum grande oraculo de Oviedo. He possível, Reverendíssimo Padre, que se atreva a incredulidade de Enodio, a duvidar da verdade dos Soberanos, lendo-se ainda hoje nos seus escritos, não se podendo duvidar do credito de D. Lucas, e de D. Rodrigo, pelo que ouvirão, ou lerão de Bernardo del Carpio, no silencio dos Historiadores? Se Vossa Reverendiss.
Feyjoo Tom. 4. Discurs. 13. nada, por se fundar só, em que não há Authores §. 18. num. 59. coetaneos, ou immediatamente posteriores a Bernardo del Carpio, que sallem neste Heroe: como quer agora, que este argumento prove tudo, por não haver, como imagina, Authores, que vissem fazer.
Dd Ouro

Ad Cor. 1. c.
9.24.

cuñana; porque esta Senhora, como Vossa Reverendíssima pôde ver no Capitulo quinto do *Conde Lucanor*, era tão extremosamente credula, que antepunha as extravagancias de seu marido à evidencia da vista, e aos dictames do seu proprio entendimento? Finalmente, como se atreveo Vossa Reverendíssima a reprehender os *Hermeticos*, por intentarem todos conseguir o segredo da *Pedra Philosophal*; porque são rarissimos os que a achão; sem tambem ter condemnado, no seu *Theatro Critico*, como erro commum, os famosos Jogos Olympicos, aonde correndo todos os homens do Mundo, hum só seguia a victoria, e a coroa: *Nescitis quod si qui in stadio currunt, omnes quidem currunt, sed unus accipit bravium*? E com tudo propoem o Apostolo S. Paulo este singular exemplo aos Corinthios para os animar, ou exhortar a que lucrem a bemaventurança. Mayor erro era correr o Mundo todo nos Jogos Olympicos, aonde hum só homem ganhava huma coroa de Louro, do que discorrer a *Eschola Hermetica* sobre a *Pedra Philosophal*, ainda que hum só *Chymico*, ou rarissimos, alcançaõ o segredo de fazer Ouro. Não se pôde logo condemnar a *Eschola de Hermes*, sem primeiro condemnar os Jogos Olympicos, que S. Paulo louva tanto, que sem embargo de terem nascido entre os Gentios, os propoem por exemplo aos Christãos. Mas para condemnar estes Jogos, he necessario censurar o Mundo todo; e para convencer os *Hermeticos*, tambem he necessario vencer a todo o Mundo.

Porèm como eu não gosto de fallar com quem me não ouve, e de arguir a quem me não responde, concluamos ultimamente esta Crise, desfazendo

Sobre a Pedra Philosoph

do a inconsequência,
te aos *Hermeticos*, com
mas palavras. „ Pero
„ y juntamente mas
„ en los Escritores
„ Todos, ò casi tod
„ han escrito sobre
„ pensable, que el
„ arte, sea buen Chi
„ intencion recta, de
„ que sin essa inescusa
„ garà a aleanzarse el
„ *Philosophal*. Por otra
„ secreto se comunicò
„ nos, y los Autores primor
„ que alegan, todos son canalla *Sarracemica*,
„ *Mahomeranica*: Geber, Rassis, Avicena, Haly,
„ Calid, Jafich, Bendegid, Bolzain, Albugazal.
„ De estos tomaron todo lo que escribieron, Lul
„ lio, Villanova, Paracelso, Basilio Valentino, el
„ Trevifano, Morieno, Rosino, y los de mas Eu
„ ropeos, celebrando à aquellos por Adeptos in
„ signes, especialmente a Geber, que lleva la van
„ dera delante de todos. Conciertenme estas medi
„ das. Diciennos que es necessaria, para lograr la
„ *Chrysopeia*, la pratica del Evangelio, y al mis
„ mo tiempo nos proponen como los mayores Maes
„ tros del Arte, a los Sectarios del Alcoran. Passe
„ mos agora do argumento à soluçãõ, e do terceiro ao
„ primeiro Tomo do *Theatro Critico*, aonde Feyjoo
„ conta a seguinte Historia.

„ Mahomet Alibeg, Mayordomo Mayor de
„ El Rey de Persia, al principio de el siglo passa
do,

214. *Emnea*, ou *I. cap. unic. §. 12. 215*
„ do, subio a *tes*, se lo adver
„ „ estado de *que* tenia cer
„ *Rey and* respondio
„ ta, y *Todo lo*
„ „ *Mag-*
„ *la* *Rey*
„ *los*
„ *eyjoo* *Thea-*
„ *tr. Crit. Tom.*
„ *i. Discurs. 4.*
„ *§. 6. n. 21. fol.*
„ *88.*

cuñana; porque esta Senhora, como Vossa Reverendissima pôde ver no Capitulo quinto do *Conde Lucanor*, era tão extremosamente credula, que antepunha as extravagancias de seu marido à evidencia da vista, e aos dictames do seu proprio entendimento? Finalmente, como se atreveo Vossa Reverendissima a reprehender os *Hermeticos*, por intentarem todos conseguir o segredo da *Pedra Philosophal*; porque são rarissimos os que a achão; sem tambem ter condemnado, no seu *Theatro Critico*, como erro commum, os famosos Jogos Olympicos, aonde correndo todos os homens do Mundo, hum só conseguia a victoria, e a coroa: *Nescitis quod si qui in stadio currunt, omnes quidem currunt, sed unus accipit bravium*? E com tudo propoem o Apostolo S. Paulo este singular exemplo aos Corinthios para os animar, ou exhortar a que lucrem a bemaventurança. Mayor erro era correr o Mundo todo nos Jogos Olympicos, aonde hum só homem ganhava huma coroa de Louro, do que discorrer a *Eschola Hermetica* sobre a *Pedra Philosophal*, ainda que hum só *Chymico*, ou rarissimos, alcanção o segredo de fazer Ouro. Não se pôde logo condemnar a *Eschola de Hermes*, sem primeiro condemnar os Jogos Olympicos, que S. Paulo louva tanto, que sem embargo de terem nascido entre os Gentios, os propoem por exemplo aos Christãos. Mas para condemnar estes Jogos, he necessario censurar o Mundo todo; e para convencer os *Hermeticos*, tambem he necessario vencer a todo o Mundo.

Porèm como eu não gosto de fallar com quem me não ouve, e de arguir a quem me não responde, concluamos ultimamente esta Crise, desfazendo

Ad Cor. 1. c.
9.24.

do a inconsequência, com que elle se apresenta aos *Hermeticos*, contradizendo-se com suas mesmas palavras. „ Pero la in consequencia „ y juntamente mas ridicula, (diz elle) „ en los Escritores de Alquimia, e: la figu- „ Todos, ò casi todos los Autores Christianos, han escrito sobre ella, dan por precepto pensable, que el que se haya de aplicar a esta arte, sea buen Christiano, devoto, humilde, de intencion recta, de consciencia pura; y assientan, que sin essa inescusable circunstancia, nunca llegará a alcanzarse el gran secreto de la Piedra Philosophal. Por otra parte confieffan, que este secreto se communicò de los Arabes a los Latinos, y los Autores primordiales, ò Princepes que alegan, todos son canalla Sarracénica, y Mahometánica: Geber, Rassis, Avicena, Haly, Calid, Jasich, Bendegid, Bolzain, Albugazal. De estos tomaron todo lo que escribieron, Lullio, Villanova, Paracelfo, Basilio Valentino, el Trevísano, Moriëno, Rosino, y los demas Europeos, celebrando à aquellos por Adeptos insignes, especialmente a Geber, que lleva la vándera delante de todos. Concierténme estas medidas. Dicennos que es necessaria, para lograr la Chrysopeia, la prática del Evangelio, y al mismo tiempo nos proponen como los mayores Maestros del Arte, a los Sectarios del Alcoran. Passemos agora do argumento à soluçãõ, e do terceiro ao primeiro Tomo do *Theatro Critico*, aonde Feyjoo conta a seguinte Historia.

„ Mahomet Alibeg, Mayordomo Mayor de „ El Rey de Persia, al principio de el siglo passado,

„ do, subio a tan elevado puesto deste el humilde
 „ estado de pobre Pastorcillo. Un dia, que aquel
 „ Rey andaba a caza, le encontrò tañendo la flau-
 „ ta, y guardando cabras en el monte. Por diver-
 „ sion le hizo algunas perguntas; y prendado de
 „ la vivacidad, y agudeza con que respondiò el
 „ niño, se le llevo consigo a Palacio: donde avien-
 „ do mandado instruirle, la rectitud de su cora-
 „ zon, y la claridad de su ingenio, ganaron la in-
 „ clinacion de ElRey, de modo, que elevándole
 „ promptamente de cargo en cargo, vino a colo-
 „ carle en el que ya diximos de Mayordomo Ma-
 „ yor. Su integridad inflexible al atractivo de los
 „ presentes (cosa muy rara entre los Mahometa-
 „ nos) concitaron contra el poderosos inimigos;
 „ pero sin atrever-se a intentar hostilidad alguna,
 „ por verle tan dueño de el animo de el Soberano:
 „ hasta que muerto este, y entrando el successor,
 „ que era joven, le fugirieron, que Mahomet avia
 „ usurpado al erario Real grandes tesoros. Orde-
 „ nò el Principe, que dentro de quinze dias diese
 „ cuentas. A que Mahomet intrepido respondiò,
 „ que no era menester essa dilacion; y que si Su
 „ Magestad fuesse servido de ir inmediatamente
 „ con el à casa de el Teforero, alli se las daria.
 „ Fuè ElRey, seguido de los acusadores; pero
 „ se halhò todo en tan bello orden, y con tanta
 „ exactitud ajustada la cuenta de los caudales en
 „ los libros, que nadie tuvo que decir. De alli se
 „ passò à la casa de el mismo Mahomet, donde
 „ ElRey admirò la moderacion, que avia en alhajas,
 „ y adornos. Pero observando uno de los inimigos
 „ de el valido la puerta de un quarto cerrada, y
 „ guar-

„ guarnecida con tres cadenas fuertes, se lo adver-
„ tiò al Rey, el qual le preguntò : que tenía cer-
„ rado en aquella quarto ? Señor, (respondió
„ Mahomet,) aqui guardo lo que es mio. Todo lo
„ que hasta aora se ha visto, es de Vuestra Mage-
„ stad : diciendo esto, abrió la puerta. Entrò El Rey
„ en el quarto, y bolviendo a todas partes los ojos
„ no vio otra coula, sino las alhajas seguintes, pen-
„ diente cada una de un clavo en las paredes : una
„ zamarra, una alforja, un cayado pastoril, y una
„ flauta. Atonito las miraba El Rey, quando po-
„ niendo-se de rodillas delante de el Mahomet, le
„ dixo : Señor, este es el habito, y estos los bie-
„ nes, que yo tenia, quando el padre de V. Ma-
„ gestad me traxo a la Corte. Esto es lo que en-
„ tonces tenia, y esto lo que aora tengo. Solo es-
„ to conosco por mio. Y pues lo es, suplico con
„ el mayor rendimiento a V. Magestad me permita
„ gozarlo, bolviendo al monte, de donde me tra-
„ xo mi fortuna. Aqui no pudiendo contener El Rey
„ las lagrimas, le echò los brazos al generoso va-
„ lido ; y no contento con esta demonstracion, des-
„ pojando-se promptamente de sus Reales habitos,
„ se los hizo vestir a Mahomet : lo que en Persia
„ se estima por la suprema honra, que El Rey pue-
„ de hazer a un Vassallo. De este successo resultò,
„ que Mahomet logrò despues constantes la con-
„ fiança, y cariño de el Principe toda su vida. Que
„ lastima, que este desinteres, esta elevacion de
„ animo, esta rectitud, esta moderacion, estuvies-
„ sen depositadas en un Infel ? Está muyto clara,
„ e visível esta contradicção. Nega Feyjoo no tercei-
„ ro Tomo do *Theatro Critico*, que os Mahometanos
„ sejaó

sejaõ virtuosos ; e no Tomo primeiro do mesmo Theatro conta estas virtudes de hum Mouro ? Pois se este Mouro tinha estas virtudes moraes , e heroicas , porque não teriaõ as mesmas , e outras maiores os outros Mahometanos ? Ha-se de negar a huns por Mahometanos o mesmo que se louva , e admira em outros sendo Sarracenos ? Não me lembra em que lugar do *Theatro Critico* diz Feyjoo , que no Alcoraõ de Mafoma se prohibem alguns vicios , prohibidos tambem no Evangelho de Christo ; porque prohibe o furto , o homicidio , o adulterio , e outros semelhantes peccados : observaõ os Mahometanos muitas vezes estes preceitos , e não ha duvida , que em deixar de peccar , obraõ bem , fazendo virtudes moraes , semelhantes às virtudes Christãas. E se obraõ virtuosamente os Turcos , deixando de fazer mal , ainda procedem melhor fazendo bem. Entre todas as Nações Barbaras , e Infieis , nenhuma he mais liberal com os pobres , do que a dos Turcos , porque lhes dão huma grande parte de seus bens , a que chamão *Zaca* , para com ella se sustentarem , como entre os Christãos se alimentaõ os pobres com a esmola. No Alcoraõ , como escreve Bluteau , não està expresso o quanto cada hum ha de dar , mas segundo os Doutores da Ley , cada Musulmaõ (que responde ao que entre nós se chama Fiel) està obrigado a dar a decima parte das suas rendas. Outros de mais larga opiniaõ dizem , que basta a quadregesima , ou quinquagesima parte ; e outros mais accommodados determinaõ esta esmola , ou *Zaca* a hum por cento. Por este bem , que os Turcos fazem aos pobres , quando não seja pelos males , que deixão de fazer ao pro-

Bluteau Vo-
cab. Tom. 8.
fol. 625.

ximo, lhes pôde Deos fazer muitas mercês, e dar-lhes muitas riquezas, como diz o Padre Drexellio, que deu, ou mostrou Deos hum thesouro escondido ao Emperador Tiberio, por ser liberal com a pobreza: *Certe Tiberius Imperator ob admirabilem in egenos liberalitatem in suomet palatio copiosum aurum jam olim sepultum eruit, Deo monstrante abdolum ararium*; porque ainda que a liberalidade de Tiberio, e dos Turcos não seja entre elles verdadeira virtude, como entre os Christãos he a Charidade; com tudo merecem tanto os Infiéis por liberaes, que por esta piedade com que sustentaõ os pobres, lhes pôde Deos fazer muitos beneficios; e posto que sejam infiéis, lhes dà liberalmente as riquezas.

Drex. Tom.
4. cap. 6. de Sa-
lom. §. 1. vers.
Ita fol. 872.

Infiéis erã as Parteiras do Egypto, e desprezando por temor de Deos os Decretos de Pharaõ, não tirarão a vida aos meninos Hebreos, merecendo tanto com esta piedade, que Deos lhes fez muitas mercês, e lhes edificou, ou estabeleceo as suas casas: *Timuerunt autem obstetrices Deum, & non fecerunt juxta praeceptum regis Aegypti, sed conservabant mares. Bene ergo fecit Deus obstetricibus. Et quia timuerunt obstetrices Deum, edificavit eis domos.* Commentando este lugar o Eminentissimo Cardeal Hugo, entendo, que Deos premiou tão liberalmente as Parteiras Egyptanas pela compaixão, que tiverão, e pela piedade com que perdoarão aos Hebreos innocentes: *Pietas in eis remunerata est*; porque ainda que esta piedade, e compaixão era virtude de pessoas infiéis, não deixou Deos a sua virtude sem premio, aindaque lhe tirava a infidelidade a mayor; e melhor parte do merecimento. He

Exod. 1. 13.
20. 21.

Ee

Deos

Deos tão bom remunerador das virtudes, que ainda aos infieis faz beneficios, quando fazem acções, que parecem, ou são virtuosas. E se às Parteiras infieis, mas tementes a Deos, e virtuosamente compadecidas da innocencia dos meninos dà o mesmo Deos tantas riquezas, como deixaria de dar aos Turcos muitos bens, compadecendo-se elles tambem da necessidade dos pobres? Se tambem Deos em premio destas, ou de outras virtudes descobrio, ou permittio, que descobrissem a *Chrysopeia* os Turcos, mais segurão os Catholicos o descobrimento do *Lapis*, sendo conforme à perfeição Evangelica, consumados em todas as virtudes; porque em hum fugeito de virtudes assenta bem descobri-lhe Deos a *Pedra Philosophal*, como sobre huma pedra tem o seu assento a virtude. Pintarão os Antigos a virtude, conforme diz Bluteau, com semblante de Matrona grave, e modesta, vestida de branco, e com trage simplez, sentada em huma Pedra quadrada, circumstancias que manifestarão seu candor, simplicidade, e constancia, com que se alcança virtuosamente a *Pedra Philosophal*, a qual só nos virtuosos tem bom assento.

Ah sim, que me esquecia: a historia de Mahomet, lembrou-me a de Fr. Theodorico. „ E por-
 que era homem (são palavras formaes do Padre
 Vieira) de grande intelligencia, e industria, com-
 metteolhe o Imperador Carlos IV. algumas ne-
 gociações de importancia, em que elle se apro-
 veitou de maneira, que competia em riquezas
 com os grandes Senhores. Advertido o Empe-
 rador, mandou-o chamar à sua presença, e dis-
 se-lhe, que se aparelhasse para dar contas. Que
 „ faria

Vicir. 3. Part.
 Serm. do Bom
 Ladrão. §. 12.
 num. 441. fol.
 349.

„ faria o pobre, ou rico Monge? Respondeo sem
„ se affustar, que já estava aparelhado, que na-
„ quelle mesmo ponto as daria, e disse assim: Eu,
„ Cesar, entrey no serviço de Vossa Magestade
„ com este habito, e dez, ou doze tostões na bol-
„ ça, da esmola das minhas Missas: deixe-me Vos-
„ sa Magestade o meu habito, e os meus tostões;
„ e tudo o mais, que possuo, mandeo Vossa Ma-
„ gestade receber, que he seu, e tenho dado con-
„ tas. Com tanta facilidade como isto fez a sua
„ restituição o Monge: e elle ficou guardando os
„ seus votos, e o Emperador a sua fazenda. Com-
„ paremos agora Theodorico sendo Christão, e Re-
„ ligioso, com Mahomet sendo infiel, e Mahome-
„ tano: Theodorico seguindo o Evangelho, e não
„ observando a sua doutrina, furtou; e Mahomet ob-
„ servando o Alcorão, não furtava: Theodorico res-
„ tituhio obrigado da necessidade, e Mahomet não
„ teve necessidade de restituir: Theodorico deu má
„ conta de si, mas deu boas contas ao Emperador;
„ e Mahomet tinha as contas tão bem ajustadas, que
„ o teve o Rey em boa conta: Theodorico possuindo
„ a fazenda do Emperador não guardava os seus
„ votos; e Mahomet porque não quiz possuir a fa-
„ zenda do Rey, guardava os seus trastes: Theodo-
„ rico porque roubou a fazenda do Emperador, ficou
„ despido das negociações, e despedido do Real ser-
„ viço; e Mahomet porque não furtou a fazenda do
„ Rey, ficou vestido com a sua purpura, e conserva-
„ do no seu emprego: Theodorico finalmente sen-
„ do Religioso, vivia com tanta pompa como se
„ fosse Mordomo Mór do Emperador, e Mahomet
„ sendo infiel, e Mordomo Mór do Rey, vivia com

Ad Timoth.
5. 8.

a modestia de Religioso. Muito excedeo àquelle mão Religioso nas virtudes moraes, este bom Mahometano. O Catholico pela Fè, que professa, excede na virtude ao Infel; porèm he peyor do que o Infel, e nega a Fè, se não faz a sua obrigação. o Catholico: *Si quis autem suorum, & maxime domesticorum curam non habet, fidem negavit, & est infideli deterior.* Tal foy Theodorico, em comparação de Mahomet; porque faltando às obrigações de Catholico, era peyor do que hum Turco; e não cumprindo os votos de Religioso, era peyor do que hum Mouro. Grande vergonha he neste parallelo, e nestas antitheses, ficar peyor que hum Turco hum Christão, que hum Mouro, hum Religioso, e que hum Mahometano, hum Monge.

ENODIO. Como Feyjoo vos não pôde ouvir, não vos deve responder; nem me parece, que vos responderà quando vos ouça; não porque as vossas soluções não padeção instancia, nem os vossos argumentos não tenham reposta, mas porque no Prologo da sua *Illustracion Apologetica al primero, y segundo Tomo del Theatro Critico* diz, que se não cansara en mas respuestas ni al Señor Mañer, ni à otro alguno; e ficando indecisa esta questão, será eterno problema para *Applicação do entendimento sobre a Pedra Philosophal*, que vos defendeis de tal sorte, que me persuadistes a seguir a *Philosophia de Hermes*, no que não se oppoem ao Evangelho. Por isso vos peço finalmente, que me digais as qualidades, que deve ter o Philosopho, de que materia se fabrica o *Lapis*, e se esta he o *Mercurio*, que cousa he o *Mercurio Philosophico*, e a sua digestão.

ENO.

ENODATO. Não posso discorrer sobre materia tão delicada, senão com o estylo, e segredo *Hermetico*; e como o Sol, feito cadaver de Ouro se vay sepultar em hum tumulo de Prata, são horas de me retirar com estes Cavalheiros, e à manhã de tarde nos juntaremos neste lugar, e vos direy o que tanto desejaes saber, se o tempo com a sua variedade o não impedir, porque a perturbação dos ares nos ameaça com hum grande tempestade, em que as nuvens serão o luto, a chuva as lagrimas, e o vento o pranto, em que o Ceo chorará, e lamentará a morte, e occaso do Sol.

FINIS.



213





LISBOA OCCIDENTAL:

Na Nova Officina

DE MAURICIO VICENTE DE ALMEIDA,

morador ao Arco das Pedras Negras,

M. DCC. XXXII.

Com todas as licenças necessarias.



E N N Æ A,

O U

APPLICAÇÃO DO ENTENDIMENTO

S O B R E A

PEDRA PHILOSOPHAL.

100

ENNÆA,

OU

APPLICAÇÃO DO ENTENDIMENTO

SOBRE A

PEDRA PHILOSOPHAL.

PROVADA, E DEFENDIDA

Com os mesmos argumentos com que os Reverendissimos Padres
Athanasio Kircker no seu *Mundo Subterraneo*, e Fr. Bento Hiero-
nymo Feyjoo no seu *Theatro Critico*, concedendo a possibili-
dade, negação, e impugnação a existencia deste raro, e gran-
de mysterio da Arte Magna.

PART E SEGUNDA.

OFFERECIDA

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

FRANCISCO DE SOUSA
DA SYLVA ALCOFORADO REBELLO.

POR

ANSELMO CAETANO MUNHO'S
DE AVREU GUSMAO E CASTELLO BRANCO,

*Doutor na Universidade de Coimbra, Familiar do Santo Officio, Medico do Ex-
cellentissimo Senhor Duque de Aveiro, e natural da antiquissima Vil-
la de Soure.*



LISBOA OCCIDENTAL:

Na Nova Officina de MAURICIO VICENTE DE ALMEIDA,
morador ao Arco das Pedras Negras.

M. DCC. XXXIII.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.



*ENTRE as grandes calamidades
dos seculos passados contaõ os Eru-
ditos a irreparavel perda dos muitos volumes, que por
falta do Prelo acabãrãõ consummidos pela voracidade do
§ iij tem-*

tempo ; e entre as infelicidades do seculo presente numerao os Doutos a composiçaõ de muitos livros , que continuamente sabem a luz por meyo da estampa ; porque tão perniciosos são alguns livros modernos na Republica das letras , como seriaõ convenientes muitos volumes antigos no Orbe Literario. Mas assim como a formosura do Mundo natural se compoem da variedade de creaturas , fazendo no grande Theatro do Universo , com igual proporçaõ a sua figura as Formigas na Terra , em que passeão os Elephantes , as Fanecas no Mar , em que nadaõ as Baleas , as Moscas no Ar , em que voaõ as Aguias , os Cometas nas Espheras , em que gyrão os Planetas ; e as Estrellas menores no Firmamento , em que circulaõ os mayores Astros : tambem com esta mesma differença compoem o Orbe Literario os volumes dos homens sabios , e os livros dos homens nescios , andando na Republica das Letras os idiotas de companhia com os Doutos , e os discretos acompanhados dos ignorantes ; porque neste grande Theatro do Universo todos os Escriitores parecem sabios ; não tendo alguns Authores de homens doutos mais do que a semelhança de homens.

Na mysterosa Carroça de Ezechiel andava o Homem de companhia com o Leão , Boy , e Aguiã ; e sendo a Aguiã humã ave , o Boy hum animal , e o Leão humã fera , todos estes animaes tinhaõ a semelhança do Homem : Similitudo hominis in eis. Por esta Carroça enigmatica entende o Padre Alapide o Theatro do Universo composto não sô do Ceo , mas tambem de todos os quatro Elementos , e de todas as mais creaturas , a que Deos preside , como Superior , e Creador de todas as cousas : Currus hic est Cælum , & Universum , cui Deus præsidet. Rursum quadriga hæc habens facies quatuor animalium , hoc ipso repræsentat Mundum

- Ezech. 1. 5.

Cornel. Alapide cõment. in Ezech. C. 1. fol. 945. & 953.

dum sublunarem , qui ex quatuor elementis constat. Hinc enim currus significabat totum Universum ; omnesque creaturas , quibus præsidet Deus creator. *Pois se esta mysteriosa, e enigmatica Carroça he symbolo do Theatro do Mundo natural , do Orbe Literario, e de toda esta grande machina do Unvrerso, aonde o Homem, o Leão, o Boy, e a Aguiã são animaes tão differentes nas especies , como os quatro Elementos nas naturezas , como pôde nesta opposição , e contrariedade dos quatro animais haver analogia, e semelhança com o Homem : Similitudo hominis in eis ? Facilmente podem os animais participar da semelhança do Homem, fazendo cada hum o que está na sua mão, ou tomando na mão a penna para escrever como o Homem : Et manus hominis sub pennis eorum. Com a* Ezech. 1.8.
penna na mão mostrão os Homens , que não são animaes; e os animaes , tomando na mão a penna , e fazendo o que está na sua mão, participão da semelhança de Homens : Similitudo hominis in eis. Assim como no Orbe Literario ha Homens , que com a penna na mão parecem Aguias , tambem as Aguias , os Leões , e os Boys, sendo huns animais, tomando nas mãos as pennas, parecem na Republica das letras grandes Homens: Similitudo hominis in eis. Cada animal daquella Carroça , sendo hum sô individuo , tinha quatro faces: Quatuor facies uni; e cada huma destas faces estava dividida em muitas partes, em tal forma, que qualquer daquelles animais tinha deseseis partes , ou faces, como por lição do Chaldeo escreve o Padre Alapide: Quodque animal fuisse quadripartitum , & unicuique parti quatuor fuisse facies: itaque quodque animal habuisset sedecim facies; e deste modo qualquer daquelles animaes parecia hum grande Homem de letras;
 per-

Ezech. 1.9.

porque apparecia no Orbe Literario diuiddido em quatro partes , e multiplicado em muitos volumes , para voar nas azas da fama , formadas das suas pennas , por todas as quatro partes do Mundo : Et facies , & pennas per quatuor partes habebant. De maneira , que são hoje tantos os livros , e correm , ou voão no Orbe Literario tão multiplicados , e numerosos os volumes dos Homens sabios , e dos animaes , que parecem Homens , que na Republica das letras se equivocaõ com os Homens os animaes ; porque não sã competem entre si na igualdade , e numero dos Tomos , mas na semelhança da doutrina , e das humanidades : Similitudo hominis in eis. Todos escrevem com as mesmas pennas ; porque não sã se citão , mas se trasladaõ ; e desta sorte como os animaes da Carroça todos voão com as mesmas azas : Junctæque erant pennæ eorum alterius ad alterum ; porisso com a penna na mão , ainda que sejam animaes , tem semelhança de Homem : Similitudo hominis in eis.

Esta mesma semelhança , que se acha entre os Escritores modernos , tenho tambem observada em todos os seus livros ; porque todos , ainda que sejam partes de animaes , tem semelhança de Homens : Similitudo hominis in eis. Nascem todos os livros , como costumão nascer os Homens. A sciencia he a luz do Entendimento , e esta secunda luz he a mãe de que todos os livros são filhos. Primeiramente com idéas confusas se começa a delinear nos borradores o embriaõ , que com o calor da imaginação se anima , e com solidas especulações se alimenta , e váy crescendo. Distingue o juizo as partes , e com erudita proporção as organiza. Formado pois , e acabado o livro , sabe a luz , tendo por cabeça o frontispicio , por corpo a materia de que trata , e por alma a verdade. Os capitulos são os membros ,

bro, as regras são as veas, a tinta he o sangue, o Prêlo he o berço, e as folhas são as mantilhas. As noticias, que encerra são os seus olhos, a doutrina he o seu leite, o titulo he o seu nome, e o Protector, a quem se dedica, he o seu Padrinho. Havendo porêm tanta diversidade de livros, como de Homens, assim nos Homens, como nos livros se acha hoje huma grande semelhança: Similitudo hominis in eis. Nenhum volume sabe neste seculo a publico sem o amparo de hum Protector, porque como não ha Homem no Mundo sem Padrinho; tambem no Orbe Literario não ha livro sem Patrono.

Este he o primeiro erro, que pelo motivo, com que implorão a protecção, em muitos volumes impressos tenho notado. Temem os seus Authores a mordacidade dos Zoylos, e a severidade dos Criticos, e para que lhes defendão as obras da censura dos Aristarchos, e da malicia dos Momos supplicão na primeira folha dos seus livros o patrocínio de poderosos, ou respeitadas Mecenas, sem advertirem muitas vezes, que a petição he injusta, e o despacho impossivel; porque impressos, e divulgados por todo o Mundo os seus volumes, como poderá o seu Protector defendellos, não sendo Sol, que em perpetuo gyro ande continuamente observando quanto se nota no Mundo, e murmura no Universo. Com que razão pretendem todos, que o patrocínio do seu Mecenas seja às vezes asylo da ignorancia, silencio da loquacidade, e rayo da inveja? E como poderá tambem livrar os volumes da Satyra, ou da Critica, não lendo, e muitas vezes não entendendo o Senhor Mecenas o mesmo livro, que se lhe consagra, para conhecer se a censura està feita com a malicia de Momo, ou com o juizo de Aristarcho?

Proverb. 1.
vers. 5.

Para evitar este erro universal (já que não emendo outros muitos, que nesta obra publico) offereço a VOSSA SENHORIA esta Segunda Parte da minha Ennxa, não para que a defenda dos Criticos, e dos Zoylos; mas para que lhe ponha benignamente os olhos, e interprete os seus enigmas. He VOSSA SENHORIA como universalmente sabio, Sol do Orbe Literario. Não ha dia, em que não observe com luz propria quanto floresce na Republica das Letras; e notando o que se louva, ou murmura nos escritos alheys, cada hora se faz mais sabio. Por esta só razão (quando não houvera outras) emendo com esta Dedicatoria o erro, que censuro em outras; porque sendo estes Dialogos enigmaticos, que Patrono havia de buscar para seu Edipo, senão a hum Protector tão douto, que por ouvir aos Sabios, cada vez he mais sciente; vendo, e advertindo nos segredos das parabolâs, e nos mysterios dos enigmas: Audiens sapiens, sapientior erit: animadvertet parabolam, & interpretationem, verba sapientum, & ænigmata eorum. He este Livro com os seus enigmas obscurissimo mysterio para os ignorantes, e segredo quasi impenetravel para os Doutos: e sendo escrito para utilidade de todos, necessitam de que VOSSA SENHORIA, advertindo nas parabolâs, interprete os seus arcanos. Na balança da minha estimação tanto pèza o grande talento de VOSSA SENHORIA como o de Platão, e sendo este divino Philosopho hum homem, que valia por todos, na perspicaz intelligencia de VOSSA SENHORIA conseguirà o meu livro, que todos o entendão.

Não será difficil a VOSSA SENHORIA decifrar os enigmas da Arte Magna, quando como Sol com a maxima das Sciencias, segundo chama Salamaõ à Po-

à Política : Sub Sole vidi sapientiam!, & probavi Ecclesiastic.
maximam : penetra os mysterios mais occultos das Mo- cap. 9. 13.
narchias ; porque he mais fácil explicar enigmas , do

que adivinhar pensamentos ; e mostrou VOSSA SENHORIA muitas vezes nesta Corte , entre grande parte da mayor , e mais entendida Nobreza , aonde lhe deu lugar o seu esclarecido , e illustre nascimento , quanto pôde o estudo , e o muito , que o juizo alcança ; porque sempre ouvirão discorrer a VOSSA SENHORIA com acerto nas Politicas , e com discreta elegancia em todas as materias ; sabendo VOSSA SENHORIA unir a efficacia das razões solidas com a erudição das noticias consumadas ; porque sendo Philologo por curiosidade , Philosopho por estudo , Theologo por lição , e Mathematico por divertimento , todas estas Sciencias sabe com perfeição. Para cultura do seu grande juizo , concorrerão as quatro Lingoas Latina , Fran- ceza , Hespanhola , e Italiana , que na sua adolescencia entrarão a servir a VOSSA SENHORIA como escravas ; porque em pouco tempo se fez Senhor de todas.

Esta verdade conhecerà o Mundo , quando na Re- publica das letras apparecer impressa a vida da Rai- nha de Escocia Maria Estuarda , que VOSSA SENHORIA em outra obra tem promettido. Então ve- rão os Oradores hum Cicero , os Politicos hum Tacito , e os Historiadores hum Livio , como em dous volumes admirão já os Asceticos em VOSSA SENHORIA hum Metaphrastes , e os Politicos hum Xenophonte ; porque ainda que VOSSA SENHORIA occultou em hum destes livros o nome por modestia , que em outro escreveo por obediencia , a igualdade , e semelhança do seu estylo o fez publico , e conhecido , co- mo a voz manifestou a Jacob , disfarçado com as gal-

las de seu Irmão Ezan; porque sendo o estylo tão natural como a voz, não pode o artificio occultar a naturalidade.

Sobre esta grande capacidade, que VOSSA SENHORIA tem para interpretar enigmas, e mysterios Hermeticos, concorrem da minha parte razões forçozas, para fiar sô de VOSSA SENHORIA estes meus segredos. Huma das mayores he o consêlho de Salamão, advertindo a todo o homem, que trate os seus particulares sô com o seu amigo, e não revele o

Proverb. 25. seu segredo a pessoa estranha: *Causam tuam tracta cum amico tuo, & secretum extraneo ne revelles.* Por esta razão devo buscar Patrono para entender estes ultimos Dialogos na mesma Casa aonde elegi o Illustrissimo Protector para authorizar o primeiro. Pelo esclarecido, e nobilissimo desposorio com que VOSSA SENHORIA se aparentou na Excellentissima Casa de Menezes, fazendo da Sylva laço, unio com indissolúvel vinculo as Quinas, as Lizes, e as Luas, e com a sua benevolencia me prendeo, e captivou de sorte; que honrandome como a seu Medico, me transformou em si proprio por amigo, sendo para mim grande honra sô o titulo de seu criado; e como nem o tempo, que tudo acaba, nem a auzencia, que tudo muda, poderão extinguir no coração de VOSSA SENHORIA o verdadeiro affeeto, com que ainda hoje auzente me honra, mostrando na sua generosa constancia, e firmissima memoria, que no seu heroico animo não tem jurisdicção os celebrados effeitos do Rio Lethes, que tantas vezes tem passado para desmentir este engano; não era possivel, que faltando nas agoas do Tejo aquelle fabuloso effeito, me esquecessê eu como ingrato de tão repetidos beneficios, como tenho recebido da sua grandeza,

e ge-

e generosidade, para com este devido obsequio não mostrar agora a VOSSA SENHORIA, e a todo o Mundo o meu justo, e eterno aggradecimento. Deos guarde a Excellentissima Pessoa de VOSSA SENHORIA como todos os seus criados havemos mister. Lisboa Occidental 12. de Janeiro de 1730.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

B. as M. de VOSSA SENHORIA,

Seu criado obrigadissimo,

Anselmo Caetano Munhõs de Auren Gusmão e Castello Branco.



INDICE
DOS
CAPITULOS,
INTRODUCCOENS, E PARAGRAFOS,
Que se contêm nos dous Dialogos, de que
consta a
SEGUNDA PARTE
DESTA
E N N Æ A.
DIALOGO SEGUNDO.

CAPITULO UNICO. *Das qualidades, e virtudes do Philosopho Hermetico, e da materia da Chrysopeia. pag. 1.*

§. I. *Introducção do segundo Dialogo. pag. 1.*

§. II. *Da materia com que os Hermeticos fazem a Pedra Philosophal. pag. 27.*

DIA-

DIALOGO TERCEIRO.

CAPITULO UNICO. *Do Mercurio Philosophico, e da sua digestão. pag. 31.*

§. I. *Introducção do Terceiro Dialogo, pag. 31.*

§. II. *Revela-se a materia da Chrysopeia. pag. 33.*

§. III. *Do casamento Hermetico do Leão com a Aguia. pag. 39.*

§. IV. *Dos meynos, e extremos da Chrysopeia. pag. 41.*

§. V. *Das quatro digestoens Hermeticas. pag. 45.*

§. VI. *Da circulação da Agoa. pag. 50.*

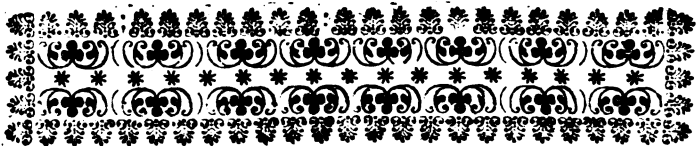
§. VII. *Do Fogo da Natureza, e da circulação dos Elementos. pag. 52.*

§. VIII. *Do Fogo Philosophico, ou Hermetico, e da preparação da Chrysopeia. pag. 59.*

§. IX. *Testamento Hermetico. pag. 80.*

§. X. *Metemfomatosis do Chumbo em Prata. pag. 48.*

A D.



ADVERTENCIA AO LEITOR.

NAs introduçõens dos precedentes Dialogos sempre os Interlocutores falarão na famosa Ponte de Soure, como Theatro verdadeiro da sua conversação ; e por descuido do Amanuense ficou (com outras muitas cousas) na margem do Original a ultima parte do parágrafo segundo, que está a folhas 32. do Dialogo III. e com este Supplemento agora ficará completo. Bem sabeis vos, que buscando eu sempre por genio o retiro, devo agora estimar a passeio por necessidade ; por que havendo de falar nos mysterios mais importantes, e occultos da Pedra Philosophal, não convém, que pratiquemos neste Phenomeno em lugar tão publico, para que não succeda ouvirme algum Pseudo-Critico, que imitando a Momo seria da minha Chrysopeia, como motejou hum Zoylo a nova Planta desta arruinada Ponte, que ideava o Doutor Manoel Martinz Falcato, equiparandoa à fantasia do Lourenço das Pedreiras ; que he hum rustico Lavrador ; resultando deste satyrico paralelo pôr este Ministro huma pedra em cima da informação, que vero tirar a esta Villa para se reedificar, e accrescentar esta Ponte ; e como nesta terra com palavrinhas picantes impedirão, que se transformasse o Vitriolo da tinta em Ouro para a reedificação desta Ponte ; tambem impugnarão com zombarias a especulação da Chrysopeia ; por que os moradores desta Villa tão facilmente se podem rir dos Philosophos, como dos Ministros.

E N-



ENNÆA,

OU APPLICAÇÃO DO ENTENDIMENTO, *SOBRE A* PEDRA PHILOSOPHAL. *DIALOGO SEGUNDO.*

CAPITULO UNICO.

Das qualidades, e virtudes do Philosopho Hermetico, e da materia da Chrysopcia.

§. I.

INTRODUÇÃO.

ENODIO.



GUALMENTE
tenho sentido a rui-
na desta grande
Ponte, por me pri-
var há muitos dias
da vossa communi-
cação; como por
ver cahida huma obra tão magnifica, como Real;
e ainda agora me affusta a representação da furio-
sa

A

la

fa tempestade, que repentinamente se levantou em 6. de Dezembro de 1729. depois que neste lugar nos apartamos, e dentro de poucas horas choveo tanta agoa, que juntando-se neste dilatado campo parecia hum grande mar, que ameaçava com novo diluvio a todo o Mundo; e como as vossas casas estão unidas com a Ponte, e cercadas com as duas Couraças, que por duas ruas largas entrão na Villa, ouvindo eu cà de longe, e na obscuridade de huma noite tempestuosa os formidaveis estampidos da Ponte arruinada, e sobvertida, entendia, que não só o quarto das vossas casas, que fica sobre o Rio, mas toda a parte da Villa, que está edificada nas suas margens, juntamente com a Ponte se sobvertião; porèm com a primeira luz do dia vi, com grande lastima, que para se livrar da inclemencia dos ares, só o insensivel das pedras desta Ponte buscou o refugio das agoas.

ENODATO. Esta Ponte chamada de *Baixo*, e aquella, que fica tambem à nossa vista, que sahindo do Castello, termina no monte onde está edificada a Igreja de *Santo André*, e chamamos Ponte de *Cima*, ambas podião ter o mesmo nome; porque ambas estão fundadas sobre outras duas Pontes muito antigas, edificadas pelos Romanos, e hoje estão enterradas, como Roma, sustentando sobre si novas Pontes, como Estatuas daquelles sepultados cadaveres; e consta por tradição verdadeira serem as Pontes velhas tão altas, quando já não erão novas, que passavão barcos à vella por baixo dos seus arcos. Os caes por onde se descia antigamente ao Rio, tinham mais de sessenta degrãos, e ainda eu conheci homens antigos, que se lem-
bra-

bravão de contarem vinte e quatro degrãos no caes da Ponte de *Cima*, os quaes com a Ponte já estavão quasi sepulrados nas areas, quando eu passey por cima della as primeiras vezes. Confirma-se esta tradição com hum violento homicidio, que se fez nas margens do Mondego junto da Ponte velha de Coimbra; porque consta de autos publicos, que devaçando-se deste delicto, jurarão as testemunhas, que o virão commetter, estando no circulo da Ponte, e que não conhecêrão o matador, por ter tanta a distancia, ou altura daquelle lugar ao Rio, que não pode a vista distinguirlhe as feições do rosto. Com razão escreve Bluteau, que se o Mundo fora eterno, como Aristoteles, e outros Philosophos erradamente imaginarão, muito tempo hã, que os mayores montes da terra estarião desmoronados, e teriamos hoje todo o globo da terra tão plano, como a palma da mão; porque o calor do Sol cria na superficie da terra huma codeasinha, que depois de muito seca se resolve em pó, e levado dos ventos, ou trazido das chuvas para baixo, he causa de que os montes vão insensivelmente mingoando, e os valles se vão enchendo, como fallando de outros valles, e oiteiros profetizou o Precursor de Christo: *Omnis vallis implebitur, & omnis mons, & collis humiliabitur*; e com esta experiencia fundada em tão claro Texto e razaõ tão certa, não podia ser mayor o erro dos Escudeiros desta terra (muito prezados de Sabios) do que deixarem fazer a planta de huma obra tão necessaria, e tão sumptuosa com o defeito de ficar baixa; tendo na magnificencia, e liberalidade do Serenissimo, e Augustissimo Senhor Rey D. Pedro II. de laudosa, e feliz memoria to-

Bluteau Tomo 5. fol. 566.

Luc. 3. 5.

4 *Ennea, ou Applicaçãõ do Entendimento,*

do o dinheiro necessario para a fazerem taõ alta, como a Torre daquelle Relogio, que he hum dos mayores Gigantes de pedra, e cal, que temos no nosso Reyno.

A este defeito da planta se juntou tambem o descuido, omissãõ, ou injustiça do seu governo politico; porque vindo todas as tardes conversar neste sitio; e sendo algumas vezes assumpto da sua conversação a futura, e já passada ruina desta Ponte, que ameaçavão duas pedras desencanaixadas do talhamar do quinto arco, nunca se resolverão a mandallas segurar à custa dos bens do Concelho, nem se atreverão a gastar cinco tostões, para com dous officiaes fazerem em hum só dia aquelle concerto à sua custa; e desta miseria, e daquelle desgoverno resultou arruinar-se a melhor parte desta obra, que não se repara agora com muitos mil cruzados; e não posso deixar de me rir, vendo que com a decima parte do que se gasta agora inutilmente em madeira, e officiaes para fazer huma passagem de tão pouca duraçãõ, como vereis, se podia evitar o estrago, que tendes visto. Porisso se faz menos sensivel esta grande perda, por ser justo castigo de miseraveis, e desgovernados, ou de cobichosos, e avarentos, quando não fosse tambem supplicio de murmuradores; porque algumas vezes costumão fer para castigo mysteriosas as ruinas. Hum dos mais prodigiosos casos com que o Ceo assombrou a terra, e as nossas terras, foy o memoravel terremoto da Ilha Terceira, não muitos annos antes deste. Arruinou, sobverteo, e arrazou totalmente a Villa chamada da Praya; mas foy muito mais notavel pelo que deixou em pè, que pelo que derubou,

Vieira Tom.
2. num. 44.
fol. 405.

rubou. Unicamente ficarão inteiras , e sem lesão estas tres partes , ou peças daquelle Povo : a Cadea publica , a Casa da Misericordia , e o Pulpito da Igreja mayor. Oh Providencia Divina , sempre vigilante , ainda nos casos , que parecem , e podem ser da Natureza ! Aquellas tres excepções tão notaveis , não forão , ou succederão sem grande mysterio : e todos os que as virão , o notarão , e reconhecerão logo. No Carcere reconhecerão a Justiça , no Hospital a Misericordia , e no Pulpito a Verdade. Como se nos prègara Deos , que por falta de Verdade , de Misericordia , e de Justiça succedem tão mysteriosas ruinas ; e porque os desgovernados faltaõ à Justiça , os avarentos à Misericordia , e os murmuradores à Verdade , para castigo das murmurações , avarezas , e injustiças parece que succedeo a ruina desta Ponte.

ENODIO. Bem castigada està a injustiça , avareza , e murmuração de *alguns* Escudeiros desta Villa com a ruina da Ponte , e com a vossa censura ; e porque agora todos estão divertidos com a fabrica da Ponte de madeira , como se fosse a que para conquistar Anvers mandou fazer sobre o Rio Escalda o grande Alexandre Farnesio Duque de Parma , e Placencia , liberdade nos fica para conversarmos sós na revelação do segredo , que me promettestes descobrir.

ENODIO. Louvo muito a vossa curiosidade , ainda que sempre me fica o escrupulo de quererdes saber a *Philosophia Hermetica* para satisfação da cobiça.

ENODIO. Não vos devo encobrir ainda os mais occultos pensamentos. Principiey a inquirir esta
esta

6 *Enica, ou applicaçã do Entendimento,*

esta materia, movido sómente da curiosidade ; mas depois que vos ouvi, confesso-vos ingenuamente, que me sobreveyo hum grande desejo de estudar, e praticar esta *Philosophia* para saber esta scientifica Arte com toda a perfeição, não para satisfação da cobiça, ou desafogo da ambição, mas para alcançar hum tão grande segredo, que me dê licitos meyos para fazer muitos beneficios aos pobres, e aos enfermos.

ENODATO. Como o fim he tão justo, e honesto, poderá Deos nosso Senhor alumearvos com a sua Divina luz, paraque descubrais o *Segredo Hermetico*, que a muitos occulta por estudarem a *Philosophia de Hermes* para augmento da sua vaidade, e oppressão dos pobres, sem terem compaixão dos miseraveis enfermos ; e como já conheço o vosso bom, e virtuoso intento, não duvido declararvos o arcano, que tanto desejais saber, nem de vos ensinar a fazer qualquer operação *Chymica*.

ENODIO. Não pretendo agora senão, que me reveleis a materia de que os *Hermeticos* formão o *Lapis*, para com este conhecimento me applicar a fazer a *Chrysopeia*.

§. II.

Da materia com que os Hermeticos fazem a Pedra Philosophal.

ENODATO. **A**Ntes que vos diga qual he a materia de que os *Hermeticos* fabricão o *Lapis*, he necessario saber se tendes vós todas as qualidades, virtudes, e perfeições necessa-

cessarias para obrares com acerto, e perfeição quando trabalhades na *Chrysopeia*.

ENODIO. Como eu não sey quaes são essas perfeições, virtudes, e qualidades, não vos posso dizer se as tenho; mas tambem vos quero dever mais essa noticia, e obrigação, se mas explicardes.

ENODATO. Primeiramente deve o *Philosopho Hermetico* ser temente a Deos, virtuoso, e justificado em todas as suas acções; porque para alcançar esta Sciencia, conforme ensinaõ Geber, Senior, e outros *Adeptos* (sendo infieis, Gentios, ou Mahometanos) he necessaria inspiração Divina, a qual concede Deos a quem he servido para os fins, que fô elle comprehende. Sem Deos nada se faz, e torna a ser nada tudo quanto se faz sem Deos: *Sine Joann. 1. 3. ipso factum est nihil, quod factum est.* Deos creou o *Philosopho Hermetico*, que trabalha por meyo do fogo, e dentro de hum vaso prepara a *Obra grande*; e Deos com a sua liberalidade, omnipotencia, e sabedoria concede aos *Hermeticos* as sciencias, e as verdadeiras *Pedras Philosophaes*, a quem podemos chamar *Pedras desejadas*, como parece lhe chama o mesmo Senhor por boca de Ilaías fallando da sua Igreja: *Ecce ego sternam per ordinem lapides tuos, & fundabo te in saphiris & ponam jaspides propugnacula tua: & portas tuas in lapides sculptos, & omnes terminos tuos in lapides desiderabiles: universos filios tuos doctos à Domino: ecce ego creavi fabrum sustantem in igne prunas, & proferentem vas in opus suum; e se Deos cria os Philosophos Hermeticos, concedendolhes as sciencias Chymicas, e as Pedras Philosophaes, que como a Chrysopeia de alguns Hermeticos são fabricadas com o Antimonio,*

OUT

8 Ennea, ou applicação do Entendimento,

Sap. 1. 4.

ou Stibio, palavra, que neste lugar diz Alapide escreverão algumas Versões: *Alij vertunt stervam in stibio lapides tuos, idest, instar stibij*, ainda que por todos as desejem são tão appetitidas, e desejadas: *Lapides desiderabiles*, que se podem chamar pedras do desejo por serem tão preciosas, segundo o Texto Hebreo, e o commento de Alapide: *Desiderij, idest, speciosos, ac pretiosos, ideoque desiderabiles*; so aos *Adeptos*, que são, e forem virtuosos, perfeitos, e justos concederá Deos esta grande sciencia; porque a sabedoria não entra no entendimento dos homens mãos, nem persevera no corpo dos peccadores: *Quoniam in malevolam animam non introibit sapientia, nec habitabit in corpore subdito peccatis*. E esta me parece a principal, e verdadeira causa de serem tão poucos os homens, que tenhaõ descuberto, e alcançado o segredo da *Chrysópeia*; porque também são rarissimas as pessoas, que sem ambição, cobiça, avareza, inveja, soberba, e vaidade (vícios; e peccados oppostos às virtudes) estudem a *Philosophia Hermetica*, e trabalhem na *Obra grande*; e não quer Deos, que os homens perversos possuão hum thesouro perpetuo, e huma *Universal Medicina*; porque não he justo que a satisfação das virtudes seja premio dos peccados.

- ENODIO. Sempre me pareceo justo o castigo dos peccados, e o premio das virtudes, e he muito necessario amar, temer, e recorrer a Deos, para merecer, e conseguir os bens temporaes na vida; e os eternos depois da morte; porẽm não entendia, que para fazer a *Pedra Philosophal* era preciso, que *Philosopho Hermetico* fosse Santo; porque me lembro de que *Hermes* foy Gentio, Geber, Mouro,

Mouro, Paracelso Herege, quando não fosse que gico, e com tudo he certo, que estes, e outrem semelhantes homens sem virtudes, e com peccados alcançarão o segredo da *Chrysopeia*.

ENODATO. Todos estes *Hermeticos* tiverão virtudes heroicas, e moraes, que Deos como recto, e justo, não deixa sem premio, e remuneração; e como sendo Gentios, Mouros, e Hereges, não havião de ser premiados com a gloria, que Deos não dá senão aos Catholicos, que morrem em graça, remunerou aquelles homens com as utilidades da *Chrysopeia*, e outros bens temporaes, para satisfazer os seus merecimentos. Mas se elles não tiverão estas virtudes, não os remuneraria Deos com estes premios. Porisso os *Hermeticos*, que aspirão a conseguir a gloria eterna, e a fortuna temporal, devem pedir, e merecer a Deos todas estas felicidades.

ENODIO. Aindaque eu não sou Santo, pela misericordia Divina estou há muitos annos fóra dos vicios; e bastando a esperança da gloria eterna para eu viver justificado, o desejo, que sempre tive de conseguir esta temporal felicidade, será hum grande despertador para perseverar constante senão em virtudes, livre de vicios; e se com isto tenho algum merecimento, peçovos, que me reveleis quaes são as outras qualidades, que deve ter o *Philosopho Hermetico*.

ENODATO. Há de ser homem de claro entendimento, profundo juizo, subtil discurso, grande comprehensão, e bom engenho; e porque isto só não basta, deve tambem ser perito na lingua Latina, consumado na Philosophia, intelligente da Mathematica, e versado na lição dos livros *Chy-*

B

micos,

10.

Appliação do Entendimento,

estudo aperfeiçoe o entendimento illustrado alcance grandes felicidade do juizo, e os reduza a engenho. A'lem de todas estas industria, constancia, riqueza, paciencia, e segredo; porque, ensinaõ todos os *Hermeticos*, certo Magno, em nenhuma cou-fer mais acautelados, do que gredos com que obraõ: *Cavea-*

Alchym. fol. 1. *ergo ne in ista operatione alicui secreta nostra reve-*
letis. Esta era a razãõ porque os Antigos (entre os

quaes foy mais conhecida esta Arte) collocavãõ nas estradas a Estatua de Mercurio chamada *Herm-Harpocrates* com hum dedo fechando a boca, e com outro mostrando o caminho aos que faziaõ jornada pelas estradas; porque como com a sua Vara tudo convertia em Ouro, que por todos os caminhos andãõ buscando os homens, se com hum dedo lhes mostrava o caminho de o acharem, com outro lhes recomendava juntamente o silencio.

ENODIO. Não posso alcançar a razãõ, que os *Hermeticos* tenham para guardarem tão inviolavel segredo a respeito do modo com que transformão os Metaes em Prata, e Ouro, descrevendo as operações da *Chrysopeia* por enigmas, allegorias, e metaphoras, quando na *Arte Magna* com que obraõ as transformações, fallão publicamente sem nenhum segredo.

ENODATO. Muitas são as razões, que os *Hermeticos* sempre tiverão para occultarem tão importante segredo, e atè as mesmas razões encobrem com grande mysterio; porèm antes que eu volas

reve-

revele, vos quero mostrar por hum exemplo, que se devem occultar os segredos com que se fazem as transformações por meyo da *Chrysopeia*, no mesmo tempo, que se publica a *Arte Magna*. Vendo o barbaro Pharaò, Rey do Egypto, que Aaraò convertia milagrosamente em Dragaõ horrivel a prodigiosa Vara de Moyès: *Versa est in colubrum*, Exod. 7. 10. mandou chamar ao Paço os mais insignes, e sabios homens, que na *Chymica*, e na *Magica* havia na Cidade de Memphis: *Vocavit autem Pharaos sapientes, & maleficos*. Estando estes Magos, ou Sabios na presença d'ElRey Pharaò, e conhecendo, que a vontade do Rey era, que a sua grande sabedoria obrasse naturaes maravilhas, semelhantes aos milagres da Omnipotencia Divina, e às obras da Natureza creada, com encantos Egypciacos, e com segredos *Hermeticos*, elles mesmos, e não outras pessoas convertèrão com a projecção as suas Varas mortas em Serpentes vivas: *Et fecerunt etiam ipsi per incantationes Egyptiacas, & arcana quædam similiter. Projeceruntque singuli virgas suas, quæ versæ sunt in Dracones*. Os Setenta Interpretes, que também são Autores Canonicos, declarão, que estes Sabios, a quem o Texto Hebreo chama Magos, eraõ Sophistas, e Pharmacos: *Sophistas, & Pharmacos*; e os Pharmacos, como diz Sennerto, não differem dos Chymicos: *Chymicus hoc modo consideratus, & Pharmacopæus non differunt*; e o Padre Cornelio Alapide expondo este Texto entendendo, que estes Magos não eraõ outros Sabios, se não huns homens peritos em segredos, e na Arte admiravel: *Sapientes hic vocantur rerum arcanarum, vel artis admirabilis periti*; e nenhuma Arte do Mun-

Exod. 7. 10.

Exod. 7. 11.

12.

Sennert. Tomo 1. de Chymicor. cum Aristot. & Galen. consensu. ac dissensu. c. 1, fol. 180.

Schengk.

apud Sennert.

loc.cit. cap. 2.

fol. 183.

do mereceo até agora o epitheto de admiravel, se não a *Chymica*, segundo adverte Schengkio : *Admodum ingeniosa est ars Chymica ut digna sit admiratione*. Pois se o Texto Sagrado declara, que estes Sabios eraõ *Chymicos*, e diz expressamente, que os *Hermeticos* convertêraõ as suas Varas em Serpentes por força de encantos, e de certos segredos, porque razão occulta os segredos, como encantos, e manifesta a Arte com que os Magos fizeraõ as transformações ? Porque os segredos da *Chymica* com que as entidades se transformaõ, sempre se encobrem, ainda quando a Arte se manifesta. Por este modo, ainda que a Arte se escreva, os segredos não se declaraõ, aindaque a Arte se divulgue, os segredos não se publicaõ, aindaque a Arte se mostre, os segredos não se descobrem, e ainda que a Arte se veja, os segredos não se penetraõ. Servirão os *Hermeticos* ao leu Rey nas occasiões, em que os *Segredos Chymicos* lhe possaõ ser convenientes para fazerem alguma necessaria transformação, mas os *Arcãos Hermeticos* sempre ficarão em segredo : *Arcana quædam*. A Arte de transformar as substancias será publica, e notoria a todo o Mundo; porém os *Segredos Chymicos* haõ de ficar para sempre encantados : *Incantationes*; e a razão deste mysterioso segredo he, porque as operações da *Arte Magna* são muito difficultosas, e não pòdem os homens explicar-se com palavras, quando as cousas são muito difficeis : *Cunctæ res difficiles : non potest eas homo explicare sermone*. Porisso a lingua, que não pòde explicar as operações difficultosas da *Arte Magna*, vos dirá agora mais clara, e facilmente as razões, que os *Hermeticos* sempre tiveraõ para não revelarem este mysterio.

A pri-

Eccles. cap. i.
8.

A primeira he, para que ficando estas operações duvidosas, não sejam inquiridas, nem averiguadas por homens ignorantes, e malignos, que executem com ellas grandes maldades, e possa a duvida excitar a curiosidade dos Sabios, e justos, para com utilidade do proximo descobrirem este segredo. Por este modo transforma a Minerva dos *Hermeticos* os cabellos de Ouro da feroza Medusa, violentada no seu Templo por Neptuno, em venenosas Serpentes, para que transformem em estatuas de pedra aos seus exploradores, que não forem Perfeitos armados com o escudo de Pallas, e calçados com os talares de Mercurio. Segunda, para que todos os Philosophos, que forem descobrindo a *Chrysopeia*, conheçam, que Deos lhes concedeo este grande beneficio, que a muitos sabios tem occultado; e encubram o mysterio, que não quer Deos, que todos saibão. Terceira, para que não sejam poderosos aquelles, que o não podem ter, nem he conveniente, que o sejam. Quarta, para que os *Hermeticos* inventores, e descobridores deste segredo não ficassem obrigados a satisfazer os damnos, que causariaõ no Mundo todos aquelles Tyrannos, e Poderosos, que abusassem de tão ambiciosa potencia, e tyrannia; porque como disse Agamenon, sendo hum poderoso Rey Gentio, quem não prohibe pecar, podendo evitar o peccado, manda commettello: *Qui non vetat peccare, cum possit, jubet*; e para que não imaginem os pouco escrupulosos, que esta Theologia he Gentilica, saibão que he tão Catholica, que a segue, e ensina o Mestre dos Theologos Santo Thomaz: *Tenetur ille restituere, qui non obstat, cum ob stare teneatur*. Quinta, para que se não confundis-

Div. Thom.
apud Vicir.
Part. 3. num.
se o 418.

14 *Ennea, ou applicação do Entendimento,*

se o Mundo racional, e politico cessando as artes, estudos, obsequios, respeitos, e dependencias. Sexta, para que se não igualasse o nescio com o sabio, o pobre com o rico, o vil com o nobre, o perverso com o virtuoso, e o indigno com o benemerito. Septima, para que o sabio, que descobriu a *Pedra Philosophal*, conhecendo o muito estudo, desvello, e trabalho, que lhe custou alcançar este segredo, faça delle a verdadeira, e bem merecida estimação, agradecendo a Deos este beneficio, com o conservar tão occulto, como Deos o tem sempre escondido; porque he providencia sua, que os grandes bens estejam sempre defendidos com as mayores difficuldades, conforme lemos no Sagrado Texto, que hum Cherubim defende com huma espada de fogo a Arvore da Vida. A mesma Natureza governada por Deos cria as riquezas do Ouro, Prata, e das Pedras preciosas encerradas, e escondidas dentro na terra, ensinando aos homens, que a sua imitação fazem estas preciosidades, obrem como ella as mesmas produções encubertas, e occultas; e quando expõem à vista dos homens o segredo de transformar os Metaes em Ouro, nunca o descobre de dia, e só o manifesta de noite; porque he providencia da Natureza, que os arcanos da *Chrysopeia* nunca já mais sayão a luz, senão envoltos, e cercados de sombras. Escreve Josepho Hebreo, que no Monte Libano nasce no mez de Mayo huma prodigiosa planta, chamada Baaras, a qual de noite se accende, e luz como tocha acceza, escurecendo-se com a luz do dia até se fazer invisivel. Tanto se occulta com a luz, e claridade do Sol, que até as mesmas folhas recolhidas em hum vaso, ou metidas em hum lenço

Joseph. de Bel.
Judaic. lib. 7.
cap. 23.

lenço desapparecem da vista. Os Arabes lhe chamão *Erva de Ouro*, porque, como refere Bluteau, he fama constante, e opiniaõ bem recebida, que com esta planta se transformaõ em Ouro todos os Metaes. Porém com ser taõ preciosa, e admiravel esta planta, não se atrevem os homens a porlhe as mãos, por lhes mostrar a experiencia, que todos aquellos, que a tocarão para a colher, cahirão repentinamente mortos, como tambem de repente morrem na China os animaes, e os homens, que arrancaõ a planta, chamada *Gin-sen*, *Jimsem*, ou *Ginsam*, que tambem se occulta de dia, e de noite se manifesta entre labaredas de fogo; porque a mesma natureza esconde de dia aos homens ambiciosos da vida, e da riqueza todos os segredos de augmentar a riqueza, e de prolongar a vida; e só de noite lhes dà alguma luz deste arcano, com que a vida se dilata, e a riqueza se augmenta, mas sempre occulto na obscuridade das trevas. E se a *Arte Magna* para fazer a *Chrysopeia* deve imitar nas suas operações a Natureza; assim como ella não manifesta de dia as duas plantas *Ginsam*, e *Baaras*, que transformaõ os Metaes em Ouro, e dilataõ os annos da vida, tambem devem os *Hermeticos* esconder a *Pedra Philosophal* para que se não veja com a luz do dia, se não entre nocturnas labaredas, e as sombras da noite. Oitava, para que sobre os *Hermeticos* não cayaõ as maldições, que os primeiros inventores fulminaraõ, e lançaõ aos que revelarem este segredo. Nona, porque os homens naturalmente não querem, que os outros saibaõ sem lhes custar estudo, nem trabalho, o que elles com trabalho, e desvelo estudaraõ, e descobrião. Decima, para que as

pef,

Bluteau Tom.
2. fol. 3.

pessoas, que vendem a materia do *Lapis*, a não vendão tão cara como o mesmo Ouro, em que pela Arte se transforma, segundo fazem os Chins com a raiz de *Ginsam*, que vendem a pezo, e pelo preço do Ouro fino. Undecima, porque seria conhecida a materia da *Chrysopeia*, e preparada a *Pedra Philosophal* pelos rusticos, e ignorantes, se os *Adeptos* a não descreverão com enigmas, e metaphoras, sonhos, e fabulas. Duodecima, porque se os Monarchas alcançassem este segredo, confundiriaõ o Mundo com o seu extraordinario poder, e insaciavel ambição. Decima terceira, porque facilitando-se algum *Hermetico* com *Principes*, e poderosos, o importunarão com a impaciencia de quere-rem ver a *Obra grande* intempestivamente acabada, e não esperando que chegue ao fim, entendem que o *Adepto* com escusas, e esperanças os engana, e desta sorte sem razão, nem fundamento o aborrecem, e infamaõ, e com a sua indignação o castigaõ, se o *Hermetico* por algum accidente não he bem succedido. Pelo contrario se tem bom successo, prendem-no para terem naquelle Artifice hum thesouro, como pondera Santo Alberto Magno: *Cogitabunt perpetuo te habere, nec permittent te habere*. De maneira, que sendo hum *Hermetico* mal succedido, castigaõ-no os Monarchas com o desprezo, e se tem bom successo, como *El esclavo en grillos de oro* fica prezo. Decima quarta, porque se algum Medico se resolvesse a curar publicamente com a *Tinctura Universal*, fecharia as Boticas, despo-voaria os Hospitales, extinguiria os enfermeiros, acabaria os Cirurgiões, e anniquilaria todos os Medicos, obrigando por este modo a todos estes ho-
mens,

mens, que hoje vivem como nobres, a trabalharem como seus pays, para não morrerem de fome, e quando elles são inimigos declarados de qualquer official do seu officio, que lhe tira da boca, o que já podera nausear o seu enchimento, se elles não tiverão mayor fome, que ventre, que seria se vissem, que hum só homem comia tudo, ao mesmo tempo, que elles pediaõ esmola, como o pobre Lazaro ao rico Avarento? Em hum Mundo aonde os invejosos matarão com veneno a Paracelso, aos quarenta e sete, ou quarenta e oito annos da sua idade, sem commetter outro delicto, do que ser melhor Medico que todos, obrando prodigios com a sua *Pedra Philosophal*, nenhum homem que tiver juizo, deixará de imitar a Democrito, que para conservar a vida, se fingia doudo; e deste modo se andava rindo de todos, com grande inveja de Hippocrates, que conhecia o seu discreto, e seguro fingimento. Para viver seguro entre os seus inimigos tambem David se fingia doudo; e a experiencia me rem ensinado, que para viver entre nescios, não há diſtame mais acertado, do que fazer-se hum homem tolo.

ENODIO. Confesso, e reconheço a importancia do segredo, e agora desculpo a sua grande recommendação; e como a mim importa guardallo, podeis fiar de mim a revelação da materia da *Chrysopeia*.

ENODATO. Bem sabeis, que vos não posso revelar a materia da *Pedra Philosophal*, senão em segredo; e para o segurar mais, quero que vos custe algum trabalho, porque os homens não estimão senão aquillo, que pelo seu trabalho adquirirão. A

C

pri-

primeira cousa, que deveis conhecer, e averiguar, he a verdadeira materia de que o *Lapis* se forma, para não trabalhades em cousa estranha, como succede ordinariamente à mayor parte dos que principião esta grande obra, sem terem as noticias necessarias para fazella. E se não dizei-me: se vòs houvesseis de eleger materia, seguindo o que tendes lido, qual escolheria a vossa eleição?

ENODIO. Conforme o que ensina Raymundo Lullio em varios lugares das suas doutissimas obras, escolheria o Vinho vermelho, ou branco, para separar delle o espirito, que he hum *quinta* effencia, a qual animada com o *Sal volatil de tartaro*, he hum menstuo radicalmente dissolvente do Ouro.

ENODATO. Sempre que entenderes os nomes, que os *Philosophos Hermeticos* daõ às entidades, tão materialmente como elles os escrevem, commettereis grandes erros. Quando Lullio fallou no Vinho vermelho, ou branco, quiz que se entendessem por elles cousas totalmente diversas do que significação aquelles nomes; porque dissolver radicalmente o Ouro, he reduzi-lo à primeira materia de que foy formado; e como seria possivel, que hum menstuo vegetavel podesse separar os principios do Metal mais fixo, e perfeito?

ENODIO. Tambem poderia eleger o espirito de urina, por ser a quinta effencia do animal, e com elle, ou com ambos juntos faria a dissolução; porque destes espiritos se prepara hum menstuo, que dissolve o Ouro.

ENODATO. A mesma impropriedade, que tem o Vegetavel, tem o Animal, para obrar sobre o Mi-

o Mineral. Ainda que esses menstrosos tem seu uso na *Chymica*, na *Alquimia* não tem nenhum prestimo.

ENODIO. Como Raymundo Lullio diz, que o *Lapis* he Vegetavel, Animal, e Mineral, entendi, que a materia havia de ser tambem Mineral, Animal, e Vegetavel, para ter com a *Chrysopeia* a sua proporção.

ENODATO. Meu amigo, tudo se acha nos livros, mas nem todos os buscão, e são poucos os que os entendem. Nas obras de Raymundo Lullio achareis convencido o vosso engano, e emendado o vosso erro; porque no Tratado intitulado: *Elucidatio Testamenti*, deixou desfeita a vossa duvida por estas formaes palavras: *Tres lapides descriptissimus Mineralem, Animalem, & Vegetabilem, cum unus dumtaxat sit Lapis nostræ artis, isque mineralis quia minera est, animalis, quia animam habet, vegetabilis, quia crescit, & multiplicatur*; e desta explicação feita pelo mesmo Author se colhe, que he muito differente a intelligencia, e sentido do que significão as palavras com que literalmente, ou para dizer melhor, enigmaticamente se explicarão.

ENODIO. Como para esta obra não serve o Vegetavel, nem o Animal, resta sómente recorrer ao Mineral; e de todos os Minaes escolheria o Salitre; porque a todos o prefere *Hermes*, como se pôde ver na Taboa Esmeragdina: *Pater ejus Sol, mater ejus Luna, portavit illud ventus in ventre sicco, nutrix ejus terra est*. Mas quando eu me engane na intelligencia deste Texto, elegerey o Vitriolo; que he hum Sal metallico, e primeiro principio de todos os Metaes, como affirmão gravissimos Escriitores; por isso fazendo-lhe anathomia no seu

proprio nome o achãrão tão myfterioso, que cada letra he huma palavra, e todas as letras juntas formão esta oração perfeita: *Visitabis interiora terræ, retificando invenies occultum lapidem, veram medicinam.* E esta he a materia de que usou Basilio Valentino para formar a *Pedra Philosophal*, a quem muitos Neotericos seguirão; e com muita razão, porque se a *Pedra Philosophal* he huma Pedra occulta, e medicina verdadeira: *Occultum lapidem, veram medicinam*, todas estas circumstancias, e propriedades se achão no Vitriolo; porque he verdadeira medicina, e Pedra occulta.

ENODATO. Havemos de gastar a tarde sem concluirmos em cousa alguma; mas quero ouvir-vos, e responder-vos, porque o meu genio he satisfazer a todas as duvidas. O Salitre não he mais do que hum Sal, de que se tira hum espirito accido, e corrosivo, o qual he totalmente *improprio* para o ministerio da *Obra Grande*; e o Vitriolo he outro Sal accido, e corrosivo, com partes sulphureas, e terreas, como vemos na anathomia, que se faz deste mixto pela *Chymica*; por isso he inutil para preparar a *Pedra Philosophal*, segundo elcrevem doutiſsimos *Hermeticos*, que entenderão melhor do que vòs a Basilio Valentino, o qual pelo Vitriolo não fallou da Caparosa, mas de outra rosa muito differente, que deixou coberta com a sua capa.

ENODIO. Alguns *Hermeticos* de grande nome dizem, que o Arsenico he a verdadeira materia do *Lapis*; porque he metallico, e volatil, não molha as mãos, e tem todos os sinaes, com que descrevem a materia da *Chymica* os *Philosophos Adeptos*.

ENO-

ENODATO. Ainda que he verdade, que os *Adeptos* chamaraõ Arsenico a materia da sua *Pedra Philosophal*, não fallàraõ literal, senão enigmaticamente do Arsenico Philosophico.

ENODIO. Lembrame, que Philaleta, e Bechero affirmaõ, que o Antimonio he a verdadeira materia do *Lapis*, e como não fallàraõ por enigmas, estimàra saber de vòs, se com elles tenho descoberto o segredo.

ENODATO. A obra de Philaleta he falsa, e sophistica, como a experiencia mostrou a Bechero, e outros muitos, que com ella se enganàraõ. Do Antimonio podereis fazer muitos, e excellentissimos remedios, segundo affirma Basilio Valentino in *Curru triumphali*, e ainda o *Lapis ignis*, que elle descreve, podereis vòs preparar do Antimonio, mas de nenhum modo podereis tirar delle a materia da nossa Obra.

ENODIO. Não posso alcançar a verdadeira razão, porque sendo excluidos os Vegetaveis, e Animaes, por serem improporcionados, se excluaõ tambem estes Mineraes, sendo Mineral a materia da Obra grande.

ENODATO. Todas essas materias, ou Mineraes, são improprios, por serem sujeitos à corrupção, introduzida nellas pela actividade do fogo.

ENODIO. Essa razão tudo exclue, porque o fogo tudo destroe; nem vòs me mostrareis entidade alguma, que o fogo não corrompa.

ENODATO. O calido innato radical, e o humido radical dos elementos são incorruptiveis, e resistem a mayor actividade do fogo; porque não pôde fazer impressão na sua homogeneidade, durissi-

rissima, e fortissima composiçaõ, uniaõ, mixtaõ, dilatadissima, e temperadissima decocçaõ dentro na sua mina.

ENODIO. Confôrme o que tendes dito, já sey que a materia, que buscamos, he o calido innato, e o humido radical dos Metaes; mas o fogo consome o seu humido, e altera o seu calido, e desta sorte nem o calido, e humido metallico, podem (segundo a vossa Philosophia) ser a materia da *Chrysopeia*.

ENODATO. Os Metaes, estando sepultados na terra muitos mil annos, sahem das suas minas incorruptos, e não appareceriaõ deste modo, se o fogo subterraneo lhes consumisse o humido, e lhes augmentasse o calido.

ENODIO. Como todos os *Adeptos* excluem as pedras preciosas, por terem meos virtudes, que os Metaes, para que dellas se tire a materia do *Lapis*, desejo saber se esta materia se tira de hum só, ou de todos os Metaes.

ENODATO. Facilmente vos responderey com estas palavras de Morieno Romano: *Scitote quod totum hoc non aliud est quàm res una sola, quæ patrem, & matrem habet, & pater, & mater eam creaverunt, & nutriverunt, & ipsa est sui ipsius pater, & mater*; e para me entenderdes melhor, haveis de saber, que na geraçaõ dos Metaes o Enxofre he como a materia feminal paterna, e o Mercurio he como a materia com que concorre o sexo feminino para a geraçaõ do feto, as quaes ambas juntas formão no utero hum só, e perfeito corpo. E daqui se segue, que esta materia he hum a só cousa, como concordemente escrevem todos os *Hermeticos*.

ENO.

ENODIO. Se o corpo metallico he hum só, e perfeito corpo, do Ouro, ou da Prata se tira a materia da *Pedra Philosophal*; porque estes dous corpos metallicos são os corpos mais perfeitos.

ENODATO. Confesso, que o Ouro he pela sua natureza mais perfeito, do que todos os outros Metaes; mas a materia do *Lapis* não se tira de toda a substancia metallica, senão da primeira materia radical, que em todos os Metaes he igualmente a mesma. Entre os Metaes não ha senão huma accidental differença, que sobrevem da mayor, ou menor decocção dentro na sua mina; porisso não devemos entender, que o Ouro he melhor, que os outros Metaes, para delle se tirar a materia para esta Obra, ainda que na verdade seja o mais perfeito, e delle, como diz Ettmullero, se tire alguma pequena porção para fermento da *Chrysopeia*; antes conforme ensina Geber, he mais improprio o Ouro do que os outros Metaes, para se tirar d'elle a materia do *Lapis*; porque o Ouro tem huma natural, e fortissima composição, e não sofre nenhuma calcinação, por não ter Enxofre combustivel, como tem os outros Metaes, que por esta causa se corrompem, e calcinão, perdendo os accidentes, que lhe tinham sobrevindo, e reduzindo-se facilmente à sua primeira materia. Por esta mesma razão se não pôde fazer a *Pedra Philosophal*, nem tirar a sua materia da Prata; porque conforme ensina Geber, a Prata no seu centro he Ouro; e a nossa Arte não permuta o Ouro, como diz Santo Alberto Magno: *Ars non permutat aurum*; porque como este Metal chegou à sua ultima perfeição, ainda que pela *Chymica* se lhe separem alguns acci-

Geber. lib. 3.
cap. 4. & lib.
3. cap. 6. & lib.
1. cap. 8.

Div. Albert.
lib. 3. cap. 7.

Div. Albert.
lib. 5. de Mi-
neralib. c. 1.

accidentes, que sobrevierão à sua materia radical, nunca por industria da Arte pôde ficar melhor do que era. Porém o que não pôde fazer a Arte sobre a Prata, e Ouro, por serem perfeitos Metaes, obra nos Metaes imperfeitos, porque facilmente perdem os accidentes, que se radicaõ na sua materia, e pela *Chymica* chegão à sua ultima perfeição; porisso o mesmo Santo Alberto ensina, que todos os Metaes imperfeitos se podem converter em outros, por serem na sua especie como entes incompletos.

ENODIO. Todos os *Adeptos* confessão, que esta materia se acha, ou se tira de cousas viz, e de pouca estimação; e confôrme esta doutrina, não se pôde tirar, nem achar nos Metaes imperfeitos; porque estes não são viz, e de pouco preço, como experimentaõ à tua custa todos os homens, que os compraõ. E agora me lembra, que disse Lourenço Gracian no seu Criticon, que só dos Escrivãens se podia tirar a materia da *Chrysopeia*, porque erão pessoas muito viz, e de baixa graduacão.

ENODATO. Se vay a murmurar, ou a fazer justiça, como elle chama às murmuracões feitas com razão, temos muitos sogeitos de que tirar a materia da *Pedra Philosophal*. Os Escrivaens, que dão fés falsas, que dilataõ os negocios com prejuizo das partes, que escondem os documentos, e fazem taes embrulhadas, que nunca se desembrulhaõ. Os Requerentes, que só cuidaõ em dilatar a decisaõ das causas, ordindo, e fazendo taes enredos, que nunca se desenredaõ. As Sogras, que promettem, e não pagaõ os dotes promettidos. Os lisongeiros, que para não desagradarem, nunca fallão verdade, e a to-

todos enganão. Os Fidalgos, que não pagão a quem os serve, nem satisfazem o que pedem emprestado, e se escondem com vergonha dos seus acredores. Todos estes, e outros muitos, que não nomeyo, na sua vileza tem materia para a *Pedra de Escandalo*, e industria para sem *Philosophia* fazerem a *Pedra Philosophal*, e ajuntarem muito dinheiro; porque se, como diz o nosso *Adagio*, he *Alquimia provada ter renda, e não gastar nada*, melhor *Chymica* he sem possuir nada, ter grande renda, como succede aos fugeitos acima referidos, que vivem ametade do anno com arte, e engano, e a outra parte, com engano, e arte. E tornando ao nosso ponto, haveis de saber, que os *Adeptos* chamarão vil a esta materia, comparandoa com o valor, que depois adquire por beneficio da *Arte Magna*.

ENODIO. Essa comparação exclue o Estanho, e o Chumbo; porque ainda que *Hermes*, e *Pythagoras* affirmão, que nestes Metaes se occulta o segredo, he muito provavel, conforme ensina Geber, que o Chumbo, e o Estanho commum são Metaes impurissimos, e immundos na sua raiz, ou no principio da sua criação; porque he tão impura a sua essencial substancia; que se não pôde facilmente purificar das partes terreas com qualquer preparação; e confessa Geber, que perdера inutilmente o tempo, e a paciencia na depuração destes dous corpos metallicos; porque os não pudera nunca reduzir ao seu lucido esplendor, por serem Metaes naturalmente immundos na sua propria raiz. E o peyor de tudo he, serem destituídos de substancia fixa, que permaneça constantemente no fogo, e dotados de substancia volatil, a qual quando se sublima em espiritos, leva consigo a sua essencial impuridade; poris-

Geber. lib. 2.
cap. 7. & lib.
2. cap. 2.

so alguns *Chymicos* quando querem fazer ostentaçãõ da sua grande Sabedoria, ordinariamente transmutaõ o Chumbo em Ouro, para com a difficuldade acreditar a sciencia. E à vista do que tenho lido, e ouvido a homiens muito doutos, tenho receyo de fallar no Ferro, Cobre, e no Mercurio; porque tambem estes Metaes tem immundicias.

ENODATO. Pois deesses tres Mineraes affirmão os *Adeptos*, que se tira com mayor facilidade a materia da *Pedra Philosophal*; porque sendo tres Metaes diversos na sua fôrma accidental, ou apparente, na substancia radical são essencialmente o mesmo sujeito metallico. Entre todos os *Metaes imperfeitos*, sô estes tres tem a raiz pura, segundo ensina Geber:

Geber. lib. 4. *Substantia Veneris, & Martis dealbatio pura est, & similiter Lune rubificatio*; porque este grande Mestre de todos os Philosophos, ou como elles lhe chamão, *Magister Magistrorum*, entende pelo branco o Mercurio, e pelo rubicundo da Lua o Enxofre, ou Tinctura vermelha do Mercurio; e afirma que todos são puros na raiz, e tem intrinseca, e essencialmente a mesma natureza. Porém com isto ser tão certo, declara o mesmo Geber, que do Azougue se tira mais facilmente a materia da *Pedra Philosophal*, ou da *Universal medicina*, que do Cobre, e do Ferro:

Geber. lib. 2. *Dicimus quoniam ex ipsis corporibus metallicis cum suo sulphure, vel arsenico preparatis, & ex solis similiter corporibus hæc medicina elici potest. Ex solo vero Argentum vivo facilius, & propinquius, & perfectius invenitur*. E de qualquer destes tres Metaes podereis vós tirar a materia da *Chrysopeia*, se vos applicares ao estudo, e exercicio da *Philosophia Hermetica*.

ENODIO. Como Geber sendo Mestre confessa,

fa, que do Mercurio se tira mais facilmente a materia da *Pedra Philosophal*, no Azougue me resolvo a trabalhar, e para ser com algum fructo, estimàra, que me ensinasseis a preparar a *Chrysopeia*.

§. III.

Da preparação da Pedra Philosophal.

ENODATO. **N** Enhum Philosopho explica claramente essa preparação, porque não he licito fallar nesta materia com muita clareza; porisso tambem eu não excederey os termos com que elles se explicarão. Nem para vòs me entenderes serà necessario mudar o estylo dos Philosophos. Ouvi, pois, em segredo, e em boa amizade, a verdadeira preparação da materia da *Obra grande*, declarada pelos termos com que os *Hermeticos* se explicão com os seus amigos. O Mercurio, ou Azougue ficou tão inficionado pelo peccado original mineral, que se occultaõ nelle duas immundicias: a primeira adquirida na terra, que se lhe mistura na sua geração, e que lhe fica pegada, quando na mina se còagula; e a segunda he hydropesia, com introduccão de agoa entre a pelle, procedida da humidade crassa, e impura, misturada com a pura no principio da sua creação. Não pòde a Natureza expellir, facudir, nem separar estas impuridades, ainda que sejaõ de materia estranha, e volatil; mas como esta lepra, que mancha o corpo do Mercurio, não procede da sua raiz, nem se identifica com a sua substancia, e só accidentalmente se une com elle, facilmente se pòde separar pela industria da Arte. A ter-

Dij

ra se-

ra separasse por banho humido, e pela ensaboadura da Natureza; e a agoa por banho secco, e calor benigno foga, e desapparece. Por este modo com tres lavagens, e purgas se renova o Dragaõ, despindo as escamas, e antigas conchas.

ENODIO. Sempre achei muita graça no estylo dos *Hermeticos*; porque neste enigma explicação de tal modo, que se deve fazer huma separação no corpo do Mercurio, para se tirar delle a materia da *Pedra Philosophal*, que declarando tudo, não revelão nada; e ao mesmo tempo deixão revelado o mysterio, e debaixo de huma pedra escondido o segredo.

ENODATO. Como vós entendeis tudo, importa pouco, que os nescios não entendão nada; porque com homens ignorantes, nem eu, nem vós fallamos.

ENODIO. E agora que elles vem passeando, he tempo de emmudecer-mos, reservando para outra tarde a continuação desta pratica.

ENODATO. Não tenho duvida em servir-vos, aindaque não gosto de conversar em lugares publicos. Por isso nas caçadas, e pescarias, que são os melhores divertimentos, que os montes, e rios circumvilinhos offerecem aos moradores desta Villa, costumo gastar os dias, que não emprego nos meus estudos.

ENODIO. Tambem esses divertimentos solitarios são estudos, e a solidão tambem he eschola, como disse S. Pedro Damião, aquelle grande homem, que pelo sayal trocou a Purpura, e pelo deserto a Roma: *Solitaria vita caelestis doctrinae schola est, & divinarum artium disciplina: illic enim Deus est totum, quod discitur*. Esta he a razão, porque S. Bernar-

nar-

nardo escreveu a hum amigo, que mais se aprendia nos bosques, do que nos livros: *Experto crede, aliquid amplius invenies in sylvis, quam in libris*; porque nos botques acha-se Deos, que he a verdadeira fonte de toda a sabedoria, e nos livros acha-se muita ignorancia dos homens.

ENODATO. Com o mesmo pensamento disse o Doutor Maximo S. Hieronymo, que para elle o povoado era carcere, e o deserto paraíso: *Mibi opidum carcer est, Solitudo paradisus*. Tinha S. Hieronymo passado a vida em Roma, e nas Cidades da Grecia: e tambem tinha experimentado como se vivia nos desertos da Thebaida, e da Palestina; e conferindo a vida do povoado com a vida do deserto, achou, que o deserto era paraíso, e carcere o povoado. Com este desengano fugi sempre do povoado, e gostey muito do deserto, como testemunhaõ os montes, e valles, que estão no termo desta Villa, e das circumvisinhas, principalmente os bosques, ou matas de S. Gião (que ficaõ junto ao lugar de Almagreira, Freguesia de quasi todos os moradores, que vivem entre esta Villa de Soure, e a de Pombal,) Selvas tão deliciosas, pelo frondoso, e espesso labyrintho dos seus grandes, e sombrios arvoredos, e com a perenne multidaõ das suas fontes, que com muita propriedade a huma das suas Povoações chamão os Naturaes *Aldeya dos Anjos*, e a hum dos seus lugares o *Casal dos Reys*, como se foraõ Paizes dignos de serem habitados só de pessoas Reaes, e de Espiritos Angelicos, citio em que possuo huma dilatada fazenda, para nella fazer huma boa Quinta, por estar cercada do Rio Arunca, e ser regada com muitas fontes de excellentissima agoa, para neste retiro passar os ultimos annos

annos da minha vida, assim como agora costumo gastar alli os dias dos meus honestos divertimentos, que por serem muito frequentes, não hã lugar nestes montes desde a Serra de N. Senhora da Estrella atè as prayas do Mar Oceano, aonde està edificado em huma espaçosa campina o magnifico Templo consagrado à Virgem Senhora Nossa, com o titulo da Guia, e da Igreja de N. Senhora do Cardal, atè à Ermida da Virgem Soberana do Bom Successo, que fica à nossa villa, no alto daquelle monte, que eu não tenha pizado com os pes, perfumado com polvora, e semeado de Chumbo, por tomar o exercicio da caça, humas vezes por divertimento, e outras vezes por pretexto para fugir do carcere do povoado, e agora, que me recolho a casa, me vou fechar lá dentro na minha Livraria, e com este solitario retiro me parecerà a casa hum Paraíso muito largo, e todo o Mundo hum carcere muito estreito.

FIM DO DIALOGO SEGUNDO.



ENNÆA,



ENNÆA,

OU APPLICAÇÃO

DO ENTENDIMENTO,

SOBRE A

PEDRA PHILOSOPHAL

DIALOGO TERCEIRO.

CAPITULO UNICO.

Do Mercurio Philosophico , e da sua digestão.

§. I.

INTRODUÇÃO.

ENODIO.



OM grande alvo-
roço vos estou es-
perando neste lu-
gar ha muitos dias,
em que os instan-
tes me parecêraõ
annos, as horas se-

culos, e os dias eternidades; porque o desejo de vos
ver augmentou o tempo de esperar.

ENO.

ENODATO. He desnecessaria essa vossa lizonja, para conversarmos agora ambos na *Pedra Philosophal*; porque faço muito gosto de satisfazer o vosso desejo, sem que vos custe a vergonha de me pedires, que vamos passeando pelas margens destes Rios, e fallando na *Chrysopeia*.

ENODIO. Adivinhastes-me o pensamento, e cativastes-me o coração com a vossa benevolencia.

ENODATO. Quando as inclinações se conhecem, logo os pensamentos se adivinham; mas como os interiores nunca se penetram, nem os discursos se averiguam, quero saber o que tendes discorrido sobre a materia da *Pedra Philosophal*.

ENODIO. Tenho discorrido muito, e não tenho averiguado nada. He tão limitada a capacidade do meu entendimento, que estando tão adiantado nesta *Philosophia*, me vejo agora no seu principio, e por mais que caminho para diante, me parece que não tenho dado o primeiro passo.

ENODATO. Não vos desconsoleis, nem desanimeis, por estares pouco adiantado. Esta *Philosophia* he sumamente difficilissima, e não se pôde saber senão com estudo, experiencia, e paciencia. Já vejo que a paciencia vos falta, aindaque vos lobeja a com que me tendes ouvido. A experiencia vende-se na botica dos annos, e o estudo o podereis fazer pelos meus livros. Mas como não tendes paciencia para ler tantos Authores, se quizeres saber alguma cousa sem estudar muito, eu vos direy alguma parte do que tenho estudado.

ENODIO. Revelastes-me, que a primeira materia da *Obragrande*, se podia tirar do Ferro, Cobre, e do Mercurio; e aindaque ignoro como se tira,

ra, desejo saber para que serve, porque a sua utilidade se for grande, me incitará para que trabalhe em tiralla.

§. II.

Revela-se a materia da Chrysopcea.

ENODATO. **C**Om a promessa de trabalhar-des, e fazerdes alguma diligencia da vossa parte, vos descubro, que a materia da nossa obra he o ninho onde nasce, e se cria a nossa *Aguia*, he o instrumento com que se fabrica a *Obra grande*, e he a chave mestra, que abre as portas do *Palacio encantado* da Natureza.

ENODIO. Nesse labyrintho do entendimento, vejo que serve para muito a materia, mas parece-me, que não entra na *Obra grande*.

ENODATO. Aindaque esta materia não entra na Obra, serve de meyo para alcançar, e conhecer a materia, que nella entra. Esta he composta dos quatro elementos (que agora quero admittir para me entenderdes) proporcionados, e determinados em materia mineral.

ENODIO. Como essa materia he mineral, necessariamente hà de ser corporea, sem nenhum espirito; e não posso entender o que ensinaõ os *Hermeticos*, affirmando, que he espiritual a materia.

ENODATO. Esta materia tem corpo, alma, e espirito; porque he filha do espirito universal.

ENODIO. Vós haveis-me de explicar, que cousa he este universal espirito; porque os *Hermeticos* publicamente o explicão.

E

ENO.

Bluteau To-
mo 3. liter.E.
fol.282.

ENODATO. Há pouco tempo, que vos ofereci os meus livros para estudardes; e para vos augmentar a curiosidade, vos repetirey o que do *Espirito Universal* escreveo o grande Padre D. Rafael Bluteau no seu Vocabulario universalissimo. *Espirito Universal* (diz elle) entre os *Chymicos*, particularmente aquelles, que se applicarão ao conhecimento, e artificio da *Pedra Philosophal*, he muy familiar esta expressã; e como os mais Philosophos ordinariamente ignoraõ, ou querem ignorar o seu significado, acho, que não será inutil declarar aqui o que por ella se entende. *Espirito Universal* (segundo a *Philosophia Hermetica*) he huma substancia, subtilissima, purissima, penetrantissima, que do Ceo Empyreo para os corpos celestes, e destes para os sublunares, e elementaes he lançada, como setta, em todos os mixtos, *Mineraes*, *Vegetantes*, e *Animaes*, dando a todos elles aquella virtude, e vida propria, e particular de cada especie, e individuo. Como esta substancia he impalpavel, e invisivel, com razão se lhe deu o nome de *Espirito*; tambem merece o epitheto *Universal*, porque nelle estão metidas, e occultas as virtudes de todas as sementes do Universo. Estas pois, como se vê, nos grãos de todos os pães, legumes, e frutos da terra, ainda que sejam visiveis, e palpaveis, o *Espirito Universal* embebido nelles, e em todos identico, mas multiforme, segundo a natureza de cada hum, he imperceptivel, posto que insensivelmente se faz corporal, misturando-se com os corpos, e dando-lhes o augmento, e perfeição, que lhes convem. O que claramente vemos em qualquer grão, ou semente metida debaixo da terra; porque se não tivera dentro de si hum Agepte, procurador, e sollici-

licitador da sua germinação , apodreceria , e não chegaria a fazer-se vegetante. Este Agente , procurador , e sollicitador he o *Espirito Universal* , que continuamente eleva, fortifica, e accrescenta do seu proprio cabedal o seu paciente ; desta forte , todo o grão , ou semente depois da sua germinação , não tem diminuição alguma , e fica do tamanho que era , quando foy semeado. Nem val o dizer , que a planta , que d'elle brotou , tomou da terra circumvisinha , e adjacente o seu crescimento , porque ficaria aquelle chaõ com cova , proporcionada com a materia do augmento , faltando a quantidade da terra , que entrasse na corporatura da planta , e assim todo o chaõ de que sahissẽ todas as arvores de huma grande mata , teria covas muito profundas , por darem a materia das plantas , que nelle se criaraõ. Donde se infere , que sã ao *Espirito Universal* se deve attribuir a criação , e augmentação dos corpos , e não às massas terrestres , que sã excrementos da materia espirital , o que tambem se conhece no cozimento do estomago , que lança excrementos quasi em pezo igual aos alimentos , que cozeo ; o succo que delles extrahio , não he outra cousa , que este *Espirito Universal* , encerrado na massa dos ditos alimentos. O logeito pois , em que reside o dito Espirito como alma no seu corpo , he o que os *Philosophos Hermeticos* chamãõ Sal , ao qual , como ao seu principio , se reduzem todas as cousas , porque todas sã compostas da materia , em que se resolvem , e assim a primeira materia de todo o composto , he a que se reduz o proprio composto. Com o movimento pois dos Astros , e corpos celestes , que he circular , continuamente se communica este Espirito a todas as partes da terra , atẽ o centro

E ij della,

della, do qual não podendo passar adiante, pelo Archeo da natureza (como dizem os *Hermeticos*) he repellido para cima, e nos Metaes, e raizes das plantas penetrando se une com o *Espirito Universal*, que do Ceo vem para a terra; de sorte que a flor que brota da terra, ou da arvore, traz consigo o *Espirito Universal*, que do centro da terra vem a unir-se com o que manda o Ceo; e no Mundo grande esta circulaçãõ he quasi o modo da circulaçãõ do sangue para a conservaçãõ, e subsistencia do Mundo pequeno. De maneira, que o *Espirito Universal* he filho do Sol, e do Ceo, alma do Mundo; e fonte da vida de todas as cousas. He a quinta essencia da Natureza, que contém em si as ideas de todas as fórmas. He huma substancia espiritual, e invisivel, que tem tres substancias distinctas; e não differentes em si mesmo; porque he homogenea; mas como se achão nella o calor, secura, e humidade, sendo todos entre si distintos, e não differentes, digo, que os tres são huma essencia, e huma mesma substancia radical. Tem tres nomes diversos; porque a respeito do seu fogo natural se chama Enxofre, a respeito do seu humido, que he o proprio alimento do seu fogo, se chama Mercurio; e a respeito do seu seco radical, que he o que une o humido, e o quente, se chama Sal. He universal, e especifica-se no Vegetavel, Animal, e Mineral, conforme a matriz, que recebe este tão universal, como admiravel Espírito.

ENODIO. Com grande gosto, e mayor admiração, ouvi a explicação do *Espirito Universal*; e agora desejo saber se he tambem elle o pay da Pedra dos Philosophos.

ENODATO. He pay da *Pedra Philosophal*, e
de

de todas as cousas criadas , como instrumento da Omnipotencia Divina.

ENODIO. Como chamão os *Hermeticos* à materia do *Lapis* depois do seu nascimento ?

ENODATO. Chama-se *Mercurio Philosophico*, o qual contem em si os quatro elementos , ou Sal, Enxofre, e Mercurio , ficando hum corpo de maravilhosa, e admiravel figura, e qualidade.

ENODIO. Quaes são as principaes qualidades do *Mercurio Philosophico* ?

ENODATO. O calido, e o humido ligado no secco, como explica Raymundo Lullio no Testamento : *Fili tibi diximus quod humiditas radicalis, in qua calor naturalis hospitatur, & residet, multum est un-* Lullius in
Testam. cap. 65.
ctiosa, & ideo difficulter separatur, & per consequens sua siccabilitas, quod nisi esset natura, non posset suis necessitatibus providere, quæ sunt soliditas, fluxibilitas permanentes.

ENODIO. Como se unem o calido, e o humido ?

ENODATO. Quando pela força do fogo se destila a humidade radical, juntamente com ella se destila o seu natural calor, que tem cor de Ouro. Este he o *Ouro Philosophico*; e destes dous vapores fallou Alberto quando disse : *Vapor humidus includens, & vapor siccus inclusus in illius ventre, simul elevatur, & hoc fit vi caloris utrumque vaporem elevantis, quoniam semper commiscet, & facit ut unius essentia moveatur in alterius essentia.* Albert. met. lib. 3.
A este vapor secco radical chamão os Antigos Ouro, Alma, e Enxofre; porque na sua cor parece Ouro.

ENODIO. Como podem esse Ouro, Alma, e Enxofre, residir ao mesmo tempo com os quatro

tro elementos no *Mercurio Philosophico*?

ENODATO. Ouvia a Bernardo Conde de Tre-veris na sua Práctica: *Solem nihil aliud esse nisi maturum Argentum vivum. Nam in Mercurio sunt tantum duo elementa actu, scilicet terra, & aqua: elementa autem activa, ut aer, & ignis sunt in eo potestate tantum. Sed, ut notum est, quando illa aer, & ignis in Mercurio mundo deducuntur de potentia ad actum, scilicet ad debitam digestionem, & proportionalem decoctionem, tunc fit aurum.*

ENODIO. Conforme a doutrina de Bernardo, parece que se não pôde chamar ao Mercurio, no mesmo tempo Mercurio, e Enxofre, ou *Ouro Philosophico*; mas se lhe deve dar nome, conforme os grãos de calor, que teve na digestão.

ENODATO. Quando o Azougue está em forma de Mercurio, contem em si o *Enxofre Philosophico*; mas quando perde a forma, he Enxofre fixo. Ouvia humas palavras do Author do *Clangor Buccinae*, que explica esta materia com grande estrondo: *Notandum quod Philosophi dicunt, quod istud argentum vivum, & sulphur, super quod fundat natura suam actionem, & operationem, est argentum vivum, & sulphur deductum, seu productum ad aliquam naturam aqueam subtilissimam, albissimam, & amantissimam, quam Philosophi vocant argentum vivum, & ad quandam terream materiam subtilissimam, quam vocant sulphur per artificium, quod Philosophi mirabiliter occultaverunt. Est autem istud argentum vivum, & istud sulphur una res, & de una re exit.*

ENODIO. Esse Author diz, que a materia do *Mercurio Philosophico* he agoa.

ENODATO. Não entendais esse nome material,

terial, e literalmente assim como soa, se não como elle mais abaixo se explica: *Et cum dico aqua mineralis, nolo intelligere Mercurium nudum, sed Mercurium Philosophorum, rubæ substantiæ, extractum à mineris in se habentibus materiam de Sulphure & Mercurio.*

ENODIO. Logo o Mercurio, e o Enxofre existem em huma só materia, ainda que sejaõ de qualidades differentes?

ENODATO. Assim o confessa, ou affirma Raymundo Lullio no Codicillo: *Inter Sulphur, & argentum vivum nostrum non est differentia, quia in genere complexionis naturaliter conveniunt, licet sit de ratione humidum, & alterum siccum.*

ENODIO. Quanto mais vos explicaes, menos vos entendo; mas confesso, que esta falta de intelligencia he ignorancia minha, e não culpa vossa. Porém ainda que sou tão ignorante, e a materia he tão imperceptivel, com tudo reconheço, que he necessario fazer mayor reflexão no que me tendes explicado, para perceber a contextura do *Mercurio Philosophico*; e depois de chegar a este conhecimento, quero saber o que para diante se segue.

§. III.

Do casamento Hermetico do Leão com a Aguia.

ENODATO. **T**Omay a Virgem com azas, lavada, limpa, e prenhada da Seminal, e espirital materia do primeiro contacto masculino, ficando illesa a gloria da sua virgindade, com as faces tintas de roxo; ajuntay-a com o segundo sugeito masculino sem sospeita, nem perigo de adultério;

rio; e por fim parirà hum veneravel fructo de ambos os sexos, do qual sahirà huma immortal profapia de poderosissimos Reys.

ENODIO. São muito differentes as Leys, e os vinculos dos congressos Metalicos, do que os dos Matrimonios humanos.

ENODATO. Nessa mesma differença, se bem advertirdes, achareis a mais admiravel semelhança. Nestes ajuntamentos de que fço menção, tudo he puro, sem mancha de vicio: não se perde a virgindade, nem se commette adulterio. Ajuntay pois a *Aguia* com o *Leão*, e escondeyos no seu claustro diaphano, com a porta muy bem tapada, para que não faya por ella a sua respiração, ou lhe entre o ar estranho. A *Aguia* acometendo o *Leão*, o despedaçará, e comerá. E logo adormecêra com hum profundo, e dilatado sono, inchandolhe tanto o estomago, que feita hydropica, se converterá com admiravel metamorphose em hum Corvo muito negro; este perdendo paulatinamente as pennas, principiará a voar, e com o seu voo se remontará tanto, que subirá sobre si mesmo agoa das nuvens, até que ficando molhado dispa de boa vontade as azas, e descendo por falta dellas, se converta em hum branquissimo Cygne.

ENODIO. Bem entendo, que nessa operação a *Aguia*, *Leão*, e *Corvo*, se convertem em hum Cygne, o qual não apparece se não desapparecendo o *Corvo*, *Leão*, e *Aguia*.

ENODATO. Entendo, que percebestes admiravelmente a transformação destes Animas; porém se quereis ser bom Artifice, deveis imitar as obras da Natureza com os primores da Arte. A Natureza não obra

obra de repente, senão por successivos, e dilatados movimentos. Principia a geração, e producção, e sem parar nem hum só instante, lentamente, como subindo por grãos, leva as cousas produzidas, e geradas ao ultimo ponto da sua natural perfeição. Intenta, e consegue o termo das suas maravilhosas producções, mais com a dilação, do que com a brevidade, e conclue as suas obras entre dous extremos distinctos, e separados, que são o principio, e o fim. A practica da *Philosophia Hermetica*, que he imitadora da Natureza, trabalhando na preparação da *Obra grande*, e reduzindo a praxe a subtilissima especulação da sua mysteriosa Pedra, não se deve apartar do exemplo, e caminho, que a Natureza tem mostrado, porque apartando-se destes seus naturaes dictames, erra, ou se expoe a commetter erros gravissimos.

ENODIO. Para evitar tantos perigos vos peço, que me digais, quaes são os extremos da *Pedra Philosophal*; porque ignorando donde devo principiar, e quando heide acabar, não posso acertar com o meyo destas Scylla, e Carybdes, em que tem naufragado todos aquelles, que não acertaõ com o meyo entre os perigosos, e arriscados extremos.

§. IV.

Dos meyo, e extremos da Chrysopeia.

ENODATO. OS extremos da *Pedra Philosophal* são o *Mercurio Philosophico*, e o Elixir perfeito; e os meyo, que estão entre estes dous extremos, que servem para proseguir a fabrica da *Obra grande*, são de tres generos,

F per-

42 *Ennea, ou Applicaçãõ do Entendimento,*

pertencentes à materia, obra, ou aos sinais demonstrativos della. Com estes meynos, e com estes dous extremos toda a nossa obra se acaba.

ENODIO. Já que explicastes tão claramente os dous extremos da *Pedra*, peço-vos, que me expliqueis tambem os meynos.

ENODATO. Os meynos materiaes da *Pedra Philosophal* tem diversos grãos, e successivamente se tirão huns dos outros : os primeiros são *Mercurio Philosophico*, e os Metaes perfeitos, os quaes, ainda que são extremos nas obras da Natureza, são meynos na obra desta *Philosophia*. Destes primeiros se tirão os segundos, que vem a ser os quatro elementos, que circulaõ atè se fixarem : dos segundos sahẽ os terceiros, a saber hum, e outro *Enxofre*, cuja multiplicação acaba a primeira obra : os quartos, e ultimos meynos são os fermentos, ou unguentos produzidos successivamente na obra do *Elixir*, pela ponderada mistura das sobreditas cousas : finalmente pela acertada direcção das taes cousas se cria o *Elixir* perfeito, que he o ultimo termo de toda a obra, em que descansa a *Pedra Philosophal*, como no seu centro, cuja multiplicação não he outra cousa mais, que huma breve repetição das cousas sobreditas.

ENODIO. Agora vos peço, que me ensineis, quaes são os meynos, que pertencem à obra, porque nesses me dizem se deve pôr o mayor cuidado.

ENODATO. Os meynos operativos, que tambem se chamaõ chaves da *Obra grande*, são quatro. O primeiro he *dissolução*, ou liquefacção : o segundo *lurvação* : o terceiro *reducção* : e o quarto *fixação*. Pela *liquefacção* se reduzem os corpos à sua primeira

meira, e antiga materia; o que estava cozido torna a ficar cru, e fazendo-se o congresso do macho, e da fêmea, geraõ hum negro Corvo: finalmente separaõ-se os quatro elementos confusos da Pedra, quando retrocedem os Luminares. A *lavação* ensina a fazer branco, como Cygne, o Corvo negro, como carvão, e de Saturno faz nascer a Jupiter, o que se faz convertendo o corpo em espirito. A *reducção* pertence restituir a alma à Pedra desanimada, e sustenta-la com leite orvalhado, e espirital, atè que tenha perfeito vigor. Em ambas estas duas ultimas obras exercita o Dragaõ a sua grande crueldade comsigo mesmo; porque tragando a sua cauda, todo se engolle, e ultimamente se converte em pedra. Finalmente o effeito da *fixação* he fixar hum, e outro Enxofre sobre o seu corpo fixo; mediante o espirito, que he o medianoiro das Tinturas: coze os fermentos por seus grãos, amadurece, ou fazona as coufas cruas, dulcifica as amargosas, e derretendo; penetrando, e tingindo, gera, e aperfeioa ultimamente o Elixir, exaltando-o ao summo auge de sublime.

ENODIO. Essa operação tem muito que contemplar, e vendo-se todos esses admiraveis effeitos, tem a Philosophia grande assumpto para exercicio do seu discurso. Agora estimára ouvir a explicação dos ultimos meysos.

ENODATO. Os meysos, ou sinaes demonstrativos, são as cores, que abração, successivamente, e por ordem, a materia; e manifestaõ o que ella obra, ou padece; destas cores se devem notar sómente tres, a que alguns accrescentaõ huma quarta cor. A primeira he negra, chama-se cabeça de Corvo, tanto que

F ij

prin.

principia a primeira negridão, cujo crepúsculo introduz o principio da acção do fogo da natureza, e da dissolução: a noite porém muito negra conclue a perfeição da liquefacção, e a confusão dos elementos. Então apodrece o grão, e se corrompe, para que fique disposto para a geração. A' cor negra succede a branca, na qual se dá a perfeição do primeiro grão, e do Enxofre branco. Esta Pedra se chama Bemdita. Esta he a Terra Foliata, em que os *Philosophos Hermeticos* semeão o seu Ouro. A terceira cor he amarella, que apparece no transito do branco para o vermelho, como se fosse o meyo de ambas misturadas, e he, como Aurora, annunciadora dos cabellos dourados do Sol. A quarta cor vermelha, ou sanguinolenta, se tira da branca, ló pelo fogo; porém a cor alva, por ser alterada por outra qualquer cor, antes que appareça a luz, principia a diminuir a sua alvura; mas a cor vermelha escura acaba a obra do Enxofre do Sol, chamado Esperma masculino, Fogo da Pedra, Coroa Regia, e Filho do Sol; e nesta cor descança o primeiro trabalho do Operante *Hermetico*.

ENODIO. Essas são todas as cores, que apparecem na preparação da *Obra grande*?

ENODATO. São tantas as cores na obra, como na Natureza; porque vemos nellas infinitas cores, que se manifestão nos vapores, ou nuvens, como no arco chamado Iris, as quaes brevissimamente se desvanecem, e se transformão em outras, que lhe vão succedendo, e sobrevindo de novo. Estas cores fazem mayor impressão no ar, do que na terra; por isso o Operario deve fazer pouco caso dellas; porque não são permanentes, nem procedem da intrinseca disposição da materia.

ENO-

ENODIO. Havendo erro na obra, variaõ as cores, e pode-se conhecer o erro pela sua variedade?

ENODATO. Pelas cores estranhas, que succedem antes do tempo, se prognostica o damno da *Obra grande*; porque os filhos do Corvo se deixarem o ninho, não tornarão para elle. O vermelho anticipado se apparece na materia, he indicio de grande secura, e não se pòde remediar senão com grande perigo, lançando logo o Ceo a chuva necessaria; mas he faustissimo final no fim da esperança certa da colheita.

ENODIO. Aqui ninguem nos ouve (ainda que os passageiros nos vem) ensinaime em segredo o que devo fazer para não errar.

ENODATO. Como me prometteis segredo, vos declaro, que a Pedra se exalta por grãos com successivas digestões, e por fim alcança, ou chega à sua ultima perfeição. Aquellas quatro operações, regidas por quatro digestões aperfeiçoão a obra, cujo author he o fogo, o qual determina as suas differenças.

ENODIO. Explicai-me melhor essas digestões, para que as possa executar, tendo dellas verdadeiro conhecimento.

§. V.

Das quatro digestões Hermeticas.

ENODATO. **A** Primeira digestão consegue a dissolução do corpo, pela qual se faz o congresso do macho, e femella, a mistura das materias seminaes, a putrefacção, e a resolução dos
ele-

elementos em agoa homogenea, o eclipse do Sol, e da Lua na cabeça do Dragão. Finalmente todo o Mundo torna a ficar no chaos antigo, e no tenebroso abyfmo. Esta primeira digestão se faz, como no estomago, com calor brando, mais proprio para a corrupção, do que para a geraçãõ.

ENODIO. Os *Chymicos* vulgares errarãõ facilmente nessa digestão; porque estãõ costumados a usar de fogo forte. Mas qual he a segunda digestão?

ENODATO. Na segunda digestão anda o Espirito do Senhor sobre as agoas. Principia-se a fazer a luz, e vão se separando as agoas das agoas, renovaõ-se o Sol, e a Lua. Tiraõ-se os elementos do chaos, para que misturados perfeitamente em espirito constituaõ novo Mundo, formem nova terra, façãõ hum novo Ceo, e *espiritualizem todos os corpos*. Os filhos dos Corvos, transformados já em Pombas, principiãõ a trocar as pennas pretas em azas brancas. A *Agua*, e o *Leão* se abraçãõ com eterno, e intimo laço. Mas esta regeneração do Mundo se faz pelo *Espirito Igneo*, que desce em forma de agoa, e lava o peccado original; porém a agoa dos *Philosophos* he fogo, que se move pelo calor do banho, que faz esta operação. Mas he necessario obrar com grande advertencia, para que se faça a separação das agoas com o pezo, e medida, de sorte, que as agoas que ficão debaixo do Ceo, não afoguem a terra, e as que sobem ao Firmamento, a não desamparem de modo, que fique secca.

ENODIO. He muito delicada a *Philosophia desta Hermetica* operação. Parece-me, que da primeira

meira vez se não acertará; mas vamos à terceira digestão.

ENODATO. A terceira digestão dà a beber a terra, que acaba de nascer, leite orvalhado, e todas as virtudes espirituas da quinta effencia; e mediante o espirito, liga ao corpo a alma vivificante. Então esconde a terra em si hum grande thesouro, fazendo-se primeiramente semelhante à luz resplandecente, e ao depois ao Sol rubicundo. A primeira se chama terra da Lua, e a outra terra do Sol, e ambas nascem pela conjunção de dous Planetas. Nenhuma dellas teme já o tormento do fogo; porque ambas estão purificadas; e porque muitas vezes forão limpas do peccado pelo fogo, e padecerão tão grave martyrio, que de compaixão todos os elementos se virarão, e descêrão para baixo.

ENODIO. Curiosíssimas são estas operações, porque ainda ouvidas dão gosto, e causão admiração; e he sem duvida, que vistas ainda serão mais admiraveis. Continuay-me a merce de me dizerdes, ou explicardes a quarta digestão.

ENODATO. A quarta digestão aperfeiçoa todos os mysterios do Mundo, e convertida por ella a terra em excellentissimo fermento, fermenta todos os corpos imperfeitos; e porque passou primeiro à natureza celeste de quinta effencia, a sua grande virtude emanada do *Espirito Universal*, he prompta, e efficacissima *Panacea Catholica*, e *Universalissima Medicina*, para curar quasi momentaneamente todas as enfermidades de todas as creaturas. Ella impede, e dilata a velhice: ella renova a idade: ella prolonga a vida: ella evita a doença: e ella cura, e remedeia perfeitamente toda a molestia. Este

mila

milagre da natureza, e da arte vos manifestará o forno secreto dos Philosophos, repetidas algumas vezes as digestões da primeira obra. Mas para conseguires esta grande felicidade, haveis de ser justo, e virtuoso, para que Deos vos favoreça; e se o não fizeres assim, será inútil o vosso trabalho. Toda a fabrica da *Obra Philosophica* não he outra cousa mais que dissolver, e coagular: dissolver o corpo, e coagular o espirito; e ambas estas cousas são huma só operação. Nella se mistura o volatil, e o fixo, unindo-se perfeitamente em espirito; e isto se não pôde fazer se se não dissolver primeiro o corpo fixo, feito volatil. Pela reducção se fixa o corpo volatil em permanente corpo, e a Natureza volatil ultimamente passa a ser fixa, do mesmo modo, que a fixa tinha passado a ser volatil. Todo o tempo porém que as naturezas confusas andão errantes; em forma de espirito, aquelle espirito mixto sustenta a natureza de espirito, e corpo, de volatil, e de fixo.

ENODIO. Não duvido dos efeitos dessa admiravel, e quasi milagrosa *Panacea*; porque vejo que a agoa de hum Rio entrando em hum lago corrupto lhe purifica, e renova as agoas; o azeite que novamente se lança no candieiro, lhe conserva; e perpetua a luz; e assim purifica a *Pedra Philosophal* o sangue; e conserva a nossa vida; mas esta obra só se pôde fazer havendo hum radical dissolvente do Ouro, e da sua mesma natureza, como vós dizeis, que he o *Mercurio Philosophico*; porém quem o não tiver, não poderá colher o fruto desta Arvore da vida, ainda que saiba conlietella.

ENODATO. A producção da Pedra dos Philosophos he como a creação do Mundo; porque he

he necessario que tenha o seu chaos, e a sua materia prima, em que nadem confusos os elementos, atè que seja separados pelo espirito Igneo, e que seja elevada a parte leve desta separação para cima, e a grave seja precipitada para baix. Nascendo a luz, desaparecem as trevas: ajuntando-se as agoas em hum lugar, apparece a terra secca, ou arida. Finalmente sahem successivamente os dous Luminares grandes, e produzem as virtudes Mineraes, Vegetaveis, e Animaes na terra Philosophica.

ENODIO. Com razão se compara a mayor obração da Arte com a mayor obra da Omnipotencia, porque tem muita semelhança, o que Deos, como Author da Natureza, criou de nada, com o que a Arte, imitadora da Natureza, produzio do que nada val; mas isto não basta para igualar por todas as circumstancias o parallelo.

ENODATO. Criou Deos Adam do limo da terra, em que residiaõ as virtudes de todos os elementos, e principalmente da terra, e da agoa; as quaes constituem mais a machina corporea, e sensivel. Nesta Estatua de barro inspirou Deos a respiração, ou espiraculo da vida, que he a alma racional: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitae*; e desta forte vivificou aquelle barro com o Sol do Espirito Santo: criou homem, e mulher, ou como diz o Texto, macho, e femea; e lançando-lhes a sua benção, lhes poz o precelto, e lhes concedeo a faculdade de multiplicar: *Masculum, & feminam creavit eos: benedixitque illis Deus, & ait: crescite, & multiplicamini, & replete terram, & subjicite eam*. A criação da Pedra Philosophal he por todas as circumstancias semelhança da de Adam, porque do corpo

Gen. 2. 7.

Gen. 1. 27.

po terrestre, e grave dissoluto pela agoa se faz o limo, que mereceo chamar-se *Terra Adamica*, na qual residem as qualidades, e virtudes de todos os elementos. Tambem se lhe infunde a alma celeste pelo espirito da quinta essencia, e o influxo solar, e pela benção, e orvalho do Ceo se lhe dà a virtude infinitamente multiplicativa, mediante a copula de ambos os sexos.

ENODIO. Agora confesso, que assim como a creação da *Pedra Philosophal* tem propriedades, e semelhanças da creação do Mundo grande, assim he conveniente, que as tenha a respeito do Mundo pequeno. Muito desejo saber todos os seus grandes mysterios.

ENODATO. O mayor segredo desta obra consiste no modo de obrar, o qual todo depende da circulação dos elementos, porque a materia do *Lapis* váy passando de huma para outra *Natureza*. Puxa-se successivamente pelos elementos, que paulatinamente alcanção o dominio; porém agita-se cada hum pela circulação do secco, e humido, até que todos fiquem embaixo, e alli tomem descanso.

ENODIO. Essa circulação hà de ser muito curiosa; e se a minha amizade vos merece alguma cousa, peço-vos, que má expliqueis com todas as suas circumstancias.

§. VI.

Da circulação da Agoa.

ENODATO. Como o amigo he outro eu, não vos posso occultar o que sey. Na obra da *Pedra Philosophal* os mais elemen-

elementos circulão em figura de agoa; porque em agoa se resolve a terra, em que residem os outros elementos. A agoa se sublima em vapor, o vapor torna a cahir em forma de agoa, e deste modo por hum circulo direito se move a agoa até que para fixa no fundo. Assim se resolvem nella, por ella são exaltados, com ella vivem, e morrem com ella; porêm a terra de todos elles he o termo ultimo.

ENODIO. Muito se deve à agoa nesta obra, mas he agoa, que se converte em terra, conhecida de poucos, e desejada de muitos.

ENODATO. A ordem admiravel da Natureza, pede que toda a geração principie pelo humido, e não humido: na obra Philosophica se hã de reger a Natureza de tal sorte, que a materia da Pedra, que he terrestre, secca, e compacta, antes de tudo se resolva no seu proximo elemento, que he agoa; então do Sol se gera Saturno.

ENODIO. Nessa obra se joga o trocado; porque no principio do Sol se gera Saturno; e no fim de Saturno se gera o Sol, quando transforma o Chumbo em Ouro.

ENODATO. Depois de sete gyros, ou revoluções succede à agoa o ar, que circula com outros circulos, e reduções, até que se fixe embaixo, e expellido Saturno, tome as insignias de Jupiter, com cuja vinda se forma o Infante Philosophico, creando-se no ventre, até que finalmente sahe a luz, mostrando na candida, e serena face o resplendor da Lua.

ENODIO. Com essa operação se prova, e confirma, que o elemento do ar he mais nobre que o da agoa.

ENODATO. Deixemos cousas de pouca importancia, e concluamos no que vos importa saber. Finalmente, o fogo da Natureza concluindo os exercicios dos elementos, apertando o fogo externo, de occultos se faz manifesto. Então o açafraõ tinge a branca Allucena, a vermelhidão, ou rubicundo occupa, e cora as faces do abrazado Mancebo, feito já mais valeroso. Este he o fim da primeira obra, e perfeita circulaçãõ dos elementos, cujo final he, quando tudo se acaba no secco, e o corpo fica prostrado sem espirito, nem alento, nem ainda movimento do pulso; e deste modo finalmente descansão todos os elementos na terra.

ENODIO. São bem Philosophicas estas circulações; mas não me direis, que vem a ser esse togo da Natureza?

§. VII.

Do Fogo da Natureza, e da circulaçãõ dos Elementos.

ENODATO. **O** Fogo, que se incluye na *Pedra Philosophal*, he o principado da Natureza, filho, e vigario do Sol, que move, e digere a materia, e que nella aperfeiçoa todas as cousas, se alcança liberdade. Para vos servir livremente, procura a liberdade; porque está escondido, e fraco debaixo de huma dura casca. Adverti porém, que não he conveniente apertallo com excessõ; porque não podendo soffrer a tyrannia, se fará logo fugitivo, sem vos deixar esperança alguma de tornar: chamay-o pois brandamente, e guarday-o com a prudencia, que importa.

ENO-

ENODIO. Explicay-me o aperto, ou tyrannia, de que devo livrar o Fogo da *Pedra Philosophal*.

ENODATO. He o fogo externo; porque nesta operação he o primeiro motor da Natureza, e o que modera o interno fogo, e toda a nossa obra. O Philosopho deve saber muito bem o seu regimento, e observar os seus pontos, e grãos; porque d'elle depende a prosperidade, ou a ruina da obra. A Arte ajuda a Natureza, e o Philosopho he ministro de ambas.

ENODIO. Como esta obra he fabricada pela Natureza, e pela Arte, tambem por este principio tem semelhança com a dos Vegetaveis, e Animaes.

ENODATO. Com aquelles dous instrumentos da Arte, e da Natureza, se levanta a Pedra suavemente com grande engenho da Terra ao Ceo, e torna a cahir do Ceo na Terra; porque a Terra he a sua ama, e levada no ventre do vento, toma força dos superiores, e dos inferiores.

ENODIO. Explicay-me isso com mayor distincção, e mais clareza.

ENODATO. A circulação dos elementos exercita-se por gyro dobrado, por mayor, ou extenso, ou por menor, e recolhido: o gyro extenso fixa todos os elementos na Terra, e o seu circulo não se fixa, se não com a obra do Enxofre consumada. A revolução do gyro menor acaba-se com a extracção, e preparação de cada hum dos elementos. Neste gyro porèm hà tres circulos, que com certo movimento errante, e intrincado agitaõ totalmente a materia varia, e muitas vezes, ou quando menos sete, trazem à roda cada hum dos elementos, succedendo-se alternadamente entre si, mas
tam,

54 *Ennea, ou Applicaçãõ do Entendimento,*

tambem ordenados, que se falta algum, o trabalho de todos fica perdido. Estes são os instrumentos da Natureza, com que os elementos se preparão.

ENODIO. Não entendo bem esses tres circulos.

ENODATO. Cada circulo tem seu proprio movimento; porẽm todos os movimentos dos circulos andão entre o humido, e o secco; e estão tão encadeados, que produzem huma só operação, e huma harmonia da Natureza. Dous delles são oppostos não só na razão dos termos, mas tambem na das causas, e dos effeitos; porque hum move para cima seccando pelo calor, outro move para baixo, humedecendo pelo frio; mas o terceiro representando a imagem do sono, e do descanso, dirigindo com summa temperança, traz a suspensão de ambos.

ENODIO. Para eu perceber melhor essa explicação, haveis-me de explicar por si a cada circulo.

ENODATO. O primeiro dos tres circulos he a evacuaçãõ, cujo trabalho consiste em separar o humido superfluo, como tambem o puro, limpo, e subtil das fezes crassas, e terrestres. Porẽm ha grande perigo no movimento deste circulo; porque trata das cousas espirituaes, e tira as entranhas a Natureza. Duas cousas se devem principalmente advertir no movimento deste circulo: a primeira, que se não mova com muita força; a segunda, que não dure mais tempo do que convem: o movimento accelerado excita confusão na materia, de tal sorte, que se levantará a parte crassa, impura, e indigesta, com a pura, e subtil, e o corpo não dissoluto, ou desfeito, misturado com o espírito resoluto. Com este

este movimento precipitado se confunde a Natureza celeste , e terrestre , e corrupto o espirito da quinta essencia , misturado com a terra , se faz grosso , e inutil. Pelo movimento mais dilatado se evacua demasiadamente a terra do seu espirito , fazendo-se tão languida , arida , e destituida de espirito , que se não pôde facilmente restaurar a sua compleição. Ambos os erros queimão as tinécturas , ou as fazem fugitivas.

ENODIO. Muito tem que observar , e entender este primeiro circulo , mas passemos à explicação do segundo.

ENODATO. O segundo circulo he a restauração , cujo officio he restituir com a bebida as forças ao corpo debilitado , e myrrhado com a sede. O primeiro circulo foy orgão do trabalho , e do suor ; este porém he do refrigerio , e consolação. A sua acção em triturar , e abrandar a terra , he semelhante à dos Oleiros , para que melhor se misture , se fórme , e finalmente se coza. O movimento deste circulo , convem que seja mais leve , que o movimento do primeiro , principalmente no principio da sua revolução , para que os filhos do Corvo não se escondão , ou afoguem no seu ninho com a torrente do Rio , e para que o Mundo , que nasce , se não destrua com o diluvio. Este he o que peza a agoa , e que examina as medidas ; porque distribue a agoa pelos preceitos das razões Geometricas. Quali que não hà mayor segredo em toda a praxe da obra , que o certo , e ajustado movimento deste circulo , porque dà forma ao *Infante Philosophico* , e lhe inspira com a alma a sua vida. As leys do movimento deste circulo , são que corra
lenta,

lenta, e paulatinamente, e que parcamente se derrame, paraque com a pressa não sobrepuje a medida, e paraque o calido innato, e architecto da obra, afogado nas agoas se não esfrie, ou apague: tambeem se devem administrar as bebidas alternadas vezes, para que se faça melhor a digestão, e a melhor compleição do secco, e humido; porque he hum forte laço de hum, e outro o fim, e a difficuldade da obra. Pelo que deveis advertir, ser necessario regar tanto, quanto faltar assando; paraque a restauração corroborando, restitua tanto de forças perdidas, quantas tinha tirado a evacuação debilitando.

ENODIO. Tinham parecido difficullosa a intelligencia, e practica do primeiro circulo; porém ainda este segundo he mais difficuloso de praticar, e de entender. Agora conheço, que dizem com muita razão os *Adeptos*, que esta obra se não pôde saber, nem praticar senão com Mestre, que a ensine com muita clareza. Mas com tudo quero ouvir a explicação do terceiro circulo.

ENODATO. A digestão, ultimo circulo, obra com movimento tacito, e insensivel; por isso dizem os *Philosophos Hermeticos*, que se faz em forno secreto. Coze o sustento recebido, e o converte em partes homogeneas do corpo; daqui vem chamar-se putrefacção; porque se corrompe no corpo; assim como o alimento se altera, e fermenta no estomago, antes que se tranlmute em chylo, e se converta em sangue, e partes semelhantes. Assim tritura esta operação o alimento com o calor estomachal, e de algum modo o apodrece, paraque se fixe melhor, e passe da natureza mercurial a sulphurea.

rea. Mas tambem se chama com alguma propriedade de enterro; porque por ella se enterra o espirito; e quasi morto se sepulta na terra. Porém como prosegue muito lentamente, por isso necessita de muito mais tempo. Os primeiros dous circulos trabalham principalmente em resolver, e este em coagular; ainda que todos obrem huma, e outra couza. As leys deste circulo são, que se mova com lentissimo calor febril, e de esterco, para que não fuja o volátil, e se não perturbe o espirito no tempo da sua estreitissima conjunção com o corpo; porque então se faz a obra com grande socego, e tranquillidade. Por isso deve haver cautela, para que a terra se não mova com alguns ventos, ou chuvas. Finalmente, he necessario que este terceiro circulo succeda logo, e sempre por sua ordem ao segundo; assim como succedeo o segundo ao primeiro. Assim, por obras continuadas, e por tres vezes; aquelles circulos errantes cumprem huma circulação inteira, a qual repetida muitas vezes, tudo se converte em terra, estabelecendo finalmente a paz, e concordia entre os inimigos.

ENODIO. Tendes explicado os circulos com todas as suas circumstancias; mas varias vezes tendes feito menção do fogo com differentes significações, e desejo entendellas todas; porque me parece esta intelligencia muito necessaria para esta obra.

ENODATO. Tendes razão, e agora satisfarey o vosso desejo. Usa a Natureza do fogo; como tambem a sua imitação se vale do fogo a Arte, como instrumento, e martello na fabrica das suas obras. He o fogo o Mestre, ou Presidente nas operações da Arte, e da Natureza. Por esta razão he muito necessario ao Philosopho o conhecimento dos fo-

H

gos,

gos; porque desconhecendo-os, trabalhará inutilmente, como Ixion, seguindo sem utilidade a roda da Natureza.

ENODIO. Como he tão necessario este conhecimento tão desconhecido, explicaime a natureza do fogo.

ENODATO. O nome *Ignis*, ou fogo he equivoco entre os *Philosophos Hermeticos*; porque algumas vezes se toma pelo calor, e admittem tantos fogos como calores. Na geração dos Metaes, e dos Vegetaveis conhece a Natureza tres fogos, que são celeste, terrestre, e innato. O primeiro desce do Sol, como da sua fonte para o seyo da terra; move os fumos, ou vapores mercuriaes, e sulphureos, com que se mistura na creação dos Metaes. Excita o fogo dos Vegetaveis, que estava como apagado, dentro nas suas sementes, accrescentandolhes as partes igneas para a sua vegetação. O segundo está escondido nas entranhas da terra, e com a sua acção impelle os vapores subterraneos, para que subão pelos seus poros, e sayão para a superficie do Mundo, produzindo de caminho os Metaes, e aperfeicoando as Sementes dos Vegetaveis, preparando-as, e abradando-as para fazerem melhor a sua producção. O terceiro he producção do primeiro, infundido no vaporoso fumo dos Metaes, e tambem no menstruo, cresce juntamente com a materia humida, e quasi como prezo, fica encerrado na sua fortaleza, ou fica ligado no seu mixto como forma. Porém introduzido nas sementes dos Vegetaveis, fica nellas sigillado, até que sollicitado pela agudeza dos rayos paternos, se inquieta, e move, e com este movimento, ô dá juntamente com a forma a materia, fazen-

fazendo-se como Oleiro , e dispenheiro do mixto. Na geração dos Animaes o fogo celeste obra insensivelmente com o Animal ; porque he o primeiro agente na Natureza. O calor porém da femea corresponde ao calor terrestre , em quanto a materia seminal está em putrefacção , prepara-a , e favorece-a. Mas o fogo sigillado no semen filho do Sol , dispoem a materia , e disposta , lhe dá fôrma.

ENODIO. Tendes explicado magistralmente os fogos , ou calores da Natureza , que são os instrumentos , com que obra nas producções ; agora estimâra que me explicasseis , quaes são os fogos da *Obra grande*.

§. VIII.

Do Fogo Philosophico , ou Hermetico , e da preparação da Chrylopeia.

ENODATO. **N**A materia da sua obra observarão os *Philosophos Hermeticos* tambem tres fogos , a saber natural , não natural , e contra a Natureza. Fogo natural chamão àquelle espirito fogo celeste , sigillado , occulto no profundo da materia , e prezo estreitissimamente nella , o qual , por causa da fortaleza do Metal , está como extinto , atè que pelo engenho Philosophico , e pelo calor externo se excita ; e move , e posto , em liberdade tem actividade de mover , e alterar o seu corpo resolutivo. Então desfazendo , penetrando , dilatando , e finalmente congelando , dá fôrma à sua humida materia. Em qualquer mixto he o fogo da Natureza o principio , e o movimen-

H ij

to

to do calor. Fogo não natural chamão àquelle, que vindo extrinsecamente, e de longe, com maravilhoso artificio se introduz na materia, paraque augmente, e multiplique as forças naturaes. É o fogo contra a Natureza he aquelle, que corrompe o temperamento da Natureza, e apodrece o composto. Este fogo he imperfecto, por ser invalido para a geração, e não excede os termos da corrupção. Semelhante a elle he o fogo, ou calor do menstuo. He verdade, que impropriamente se lhe deu o nome de fogo contra a Natureza; porque de algum modo he confôrme a mesma Natureza; porque salva a fôrma especifica, e corrompe a materia de tal sorte, que a dispoem para a geração.

ENODIO. Já vejo pelo que me dizeis, que na obra Philosophica entra o fogo natural, e não natural; mas não percebo se entra tambem o chamado fogo contra a Natureza.

ENODIO. He mais provavel; que o fogo contra a Natureza não diffira do innato, mas que seja o seu primeiro grão; porque a ordem da Natureza pede, que a corrupção preceda à geração; e assim o calido innato consentindo nas leys da Natureza, ambas as cousas executa, excitando hum dobrado, e successivo movimento na materia: o primeiro de corrupção, mais tardo, e vagaroso, excitado por hum calor brando; e o segundo gera mais breve, e activamente, impellido pelo calor mais forte, para animar, e plenamente informar o corpo elemental, disposto já pelo primeiro movimento; e assim não são dous fogos, senão hum dobrado movimento, produzido pelo duplicado grão de calor do mesmo fogo.

ENO-

ENODIO. E o fogo não natural fica sempre com as mesmas qualidades, ou tem alteração nesta obra ?

ENODATO. O fogo não natural, por successivos grãos de digestão se converte em fogo, natural ou innato, e o augmenta, e multiplica. Todo o segredo consiste na multiplicação de fogo natural, o qual sendo simples, não pôde nem obrar, nem communicar aos corpos imperfeitos perfeita Tinctura, mais do que as suas proprias forças lhe permitem; porque he sufficiente sómente para si, nem tem mais que dar; mas multiplicado pelo não natural, que abunda muito na virtude multiplicativa, obra com mayor poder, e actividade, extendendo-se além dos extremos da Natureza, aperfeiçoando, e tingindo os outros corpos imperfeitos, por causada abundante Tinctura, e occulto thesouro do fogo multiplicado.

ENODIO. Como pôdem ser tão activos esses fogos, se hà pouco que dissestes, explicando o segundo circulo, que nesta obra he tanta a agoa, que se póde afogar nella toda a a materia?

ENODATO. Os *Philosophos Hermeticos* tambem chamaõ fogo à sua agoa, por ser summamente calida, e por estar cheya de hum espirito igneo. Por isso com o nome de agoa nomeaõ tambem o fogo; porque queima os corpos dos Metaes perfeitos mais do que o mesmo fogo, dissolvendo-os perfeitamente, não obstante resistirem elles ao nosso fogo, sem poderem ser por elle dissolutos, ou desfeitos; e por esta razão lhe chamaõ agoa ardente, e adurente. O fogo porèm da Tinctura se occulta no ventre da agoa, manifestando-se com dobrado effeito,

62 *Ennea, ou applicação do Entendimento,*

feito, que vem a ser a dissolução do corpo, e a multiplicação.

ENODIO. Usa-se de mais algum fogo nesta obra?

ENODATO. A Natureza usa de dous fogos na obra da geração, que são interno, e externo, ou extrinseco, e intrinseco. Este impresso, ou sigillado nos mixtos, e nas sementes, se occulta dentro no seu centro, movendo, e vivificando o seu corpo, como movimento, e principio da vida. E aquelle, ou emane do Ceo, ou da terra, excita o primeiro adormecido pelo sono, obrigando-o a obrar. Os atomos igneos vitaes innatos nas sementes de algum modo necessitam de motor externo, para que obrem, e se movão. Por semelhante modo se procede na obra Philosophica, porque a materia da Pêdra possui o seu fogo interior, o qual parte innato, e parte accrescentado, por modo Philosophico se une em hum só fogo; porque aquellas duas partes, por serem homogeneas, interiormente se ajuntão. O fogo interno necessita do externo, que administra o Philosopho *Hermetico* conforme os preceitos da Arte, e da Natureza. Aquelles fogos andão quasi em duas rodas, das quaes a occulta, impellida pela sensível, se move mais tarda, ou rapidamente conforme o impulso. Por este modo se ajuda a Natureza da Arte. O fogo interno he meyo entre o seu motor, e a materia, de que resulta, que do mesmo modo que he movido por elle, assim a move: se for impellido com mayor, ou menor actividade, do mesmo modo obra na sua materia. Finalmente a fôrma de toda a obra depende da medida do fogo externo.

ENODIO. Necessario he logo ter grande

de conhecimento deste fogo exterior.

ENODATO. Quem ignorar os pontos, e os grãos do fogo externo, não emprenda a *Obra Philosophica*; porque a luz nunca sahe das trevas, se não passar pelo meyo o calor: assim tambem os Elementos, cujos extremos não se convertem senão pelos meyos; e porque toda a obra consiste na separação dos quatro Elementos da Pedra, são necessarios para ella outros tantos grãos de fogo; porque cada Elemento se tira com o seu proprio grão do mesmo fogo.

ENODIO. Quantos grãos tem o fogo externo?

ENODATO. Reparte-se, ou divide-se o fogo externo em quatro grãos, a saber, fogo de banho, fogo de cinzas, fogo de carvão, e fogo de flamma, ou labareda; mas cada grão tem os seus pontos, ao menos dous, e algumas vezes tres; porque o fogo deve-se mover pouco a pouco, e por pontos, ou se augmente, ou se diminua, para que a materia, à imitação da Natureza, se adiante paulatina, e livremente, para ter fôrma, e perfeição. Nenhuma cousa he tão contraria à Natureza como o violento. Considere o *Philosopho Hermetico* a demora, ou dilação com que o Sol se chega, ou retira, para com o seu calor fertilizar o Mundo, conforme os tempos, e leys do Universo, imprimindolhe o seu natural temperamento.

ENODIO. E quaes são os pontos de cada grão de fogo?

ENODATO. O primeiro ponto do calor de banho, he hum calor febril, ou de esterco, o segundo se chama fômente de banho. O primeiro ponto do segundo grão he o simples calor da cinza,

64 *Ennea, ou applicação do Entendimento,*

e o segundo o calor da area. Porém o fogo de carvão, ou de flamma não tem pontos, mas pela obra se distingue pelo artifice, que sendo pèrito, conhece se deve ser mais, ou menos activo. Entre os *Philosophos Hermeticos* se não admittem mais do que tres grãos de fogo, a saber, de banho, cinzas, e ardente, que comprehende o fogo de carvão, e de flamma. O fogo de esterco algumas vezes se distingue do fogo de banho. Muitos Escretores escondem com as trevas de varias, e desconhecidas palavras, a luz do fogo dos *Philosophos Chymicos*; porque tem este conhecimento por hum dos seus principaes segredos.

ENODIO. E como se applicação esses grãos de fogo com os seus pontos à obra grande?

ENODATO. Na obra branca, como se puxa só por tres Elementos, bastaõ tres grãos de fogo, o quarto, que he o ardente, fica reservado para a obra vermelha. Pelo primeiro grão se faz o Eclipse do Sol, e da Lua: pelo segundo se principia a restaurar a luz da Lua: Pelo terceiro recebe a Lua todo o seu esplendor; e pelo quarto se exalta o Sol no mais alto auge da sua gloria. Mas em qualquer parte se administra o fogo conforme as regras da Geometria, de tal sorte, que o agente corresponda à disposição do paciente, proporcionando-se justamente as suas forças.

ENODIO. Supponho, que não falta agora mais do que fazerdes huma breve relação da applicação destas cousas.

ENODATO. Tomay o *Dragão Ruivo*, animoso, e bellicoso, em cujo nascimento não faltou nenhuma força. Depois escolhey sete, ou nove

Aguias

Aguias generosas , cuja vista se não offenda com raios do Sol. Lançay as *Aves* com a *Fera* em hum carcere claro , e fortemente fechado , debaixo do qual poreis hum vapor tepido , paraque se accenda a peleija. Em breve tempo se cometerão com dilatada , e obstinada batalha , atè que finalmente depois de quarenta e cinco , ou cincoenta dias principiãrão as *Aguias* a picar , e a despedaçar a *Fera*. Morrendo esta , inficionãra todo o carcere de podridão , e de veneno negro , com o qual feridas as *Aguias*, tambem perdẽrão a vida. Da corrupção dos cadaveres se gerarà hum negro *Corvo* , o qual levantando pouco , e pouco a cabeça , augmentando algum tanto o banho , começãra logo a estender as suas azas , e a remontar-se nos voos. Porém buscando varedas , andarà voando à roda muito tempo , vagando pelas nuvens , e região dos ventos. Vòs tereis cuidado , que não ache nenhuma porta por onde fuja. Finalmente lavado com lenta , e dilatada chuva , e com o orvalho celeste , que lhe lançar em cima o Ceo sereno , ficarà de huma candidissima cor. Mas o nascimento do *Corvo* seja para vòs indicio da morte do *Dragão*. Para branquear o *Corvo* puxay pelos Elementos , e destilay pela ordem determinada , atè que se fixem na sua terra , ficando reduzidos a pòs subtilissimos , e alvissimos. Acabada esta obra , conseguistes o vòsso desejo pelo que respeita sómente ao branco.

ENODIO. E para conseguir o vermelho , que se deve fazer?

ENODATO. Se quizerdes passar adiante atè conseguir o vermelho , accréscentay o elemento do fogo , que falta à obra branca. Immovei pois o va-

so, e augmentado paulatinamente por seus pontos o fogo, apertay a materia, atè que se faça manifesto o occulto, o que se conhecerà principiando a apparecer cor amarella. Regey o fogo do quarto grão pelos seus pontos, atè que pela obra de Vulcano das brancas allucenas nascão purpureas rosas, e cravos da Rochela; mas não deixeis de puxar pelo fogo com o fogo, atè que vejais a materia reduzida a cinzas rubicundissimas, e imperceptiveis ao tacto, ou impalpaveis. Esta *Pedra Vermelha* vos levante o animo a cousas mayores, acções Catholicas, e heroicos procedimentos, favorecido com os auxilios da Santissima Trindade.

ENODIO. Que vem a ser propriamente esse põ vermelho?

ENODATO. Aquelle *Enxofre Philosophico* he huma terra subtilissima muito calida, e secca, em cujo ventre se occulta abundantemente multiplicado o fogo da Natureza, pelo que se chama fogo da Pedra; porque tem em si a virtude de abrir, e penetrar os corpos dos Metaes, e de os converter, ou reduzir ao seu temperamento, produzindo o que lhe he semelhante; e por isso se chama pay, ou semen masculino; e além desta grande actividade, preserva de molestias, cura enfermidades, dilata as vidas, e finalmente transforma as idades.

ENODIO. Pòde-se augmentar esse semen masculino por outro modo mais breve?

ENODATO. Para se augmentar infinitamente deve o Sabio, que tiver descoberto a Mina do fogo celeste, guardalla muito bem. Porém da mesma materia, de que se gerou aquelle *Enxofre* se multiplica, accrescentando huma pequena porção
sua,

sua, e tudo o mais, como tenho dito; e se quereis saber mais nesta materia, consultay a Raymundo Lullio, que elle volo dirà nas suas obras, porque nellas està fallando, não com vozes aos ouvidos, mas com o silencio, e com os caracteres aos olhos.

ENODIO. Tenho ouvido tudo, e não tenho percebido nada; porque entendendo o que dizeis, não comprehendo o que explicaes; e desejo que me declareis esta Philosophia, de sorte que ao menos possa entendella, quando não saiba praticalla.

ENODATO. Não vos posso declarar, nem explicar mais esta subtilissima Philosophia; mas paraque não fiquéis desconfolado, tomay este papel, e lede o sonho, que nelle escrevi hontem pela manhã, com tenção de volo dar para que o interpretasseis. Elle me parece mysterioso, e se o não entenderdes, não vos appliqueis ao estudo da *Chymica*, porque não haveis de tirar d'elle nenhum fructo.

SONHO ENIGMATICO.

TEndo examinado todas as opiniões dos *Philosophos Hermeticos*, e ponderado todos os *Enigmas* com que os *Adeptos* explicarão a mayor obra, que a Natureza produz com os instrumentos da Arte, cançado já de tão grande trabalho, adormeci, e comecey a sonhar, que estava embarcado, e dava logo à vèla, navegando com bonança pelas inquietas ondas do Oceano. Como não descobria mais que Mar, e Ceo, desejava avistar, ou descobrir terra, para me livrar de tão molesta jornada, exposta a tantos incommodos, perigos, e naufragios. Fuy-me engolfando, e perdendo o animo com avizinhança

ça da noite, e presença de huma tormenta, tão furiosa, que primeiro alterou o Mar, e depois de sobverter o navio, me arrojou, abraçado com huma taboa, a huma deserta praya. Esperey nella que amanhecesse, e tanto que principiou a rir a Aurora do meu pranto, fuy caminhando pela terra dentro, e com o nascimento do Sol, descobri huns dilatados, e desconhecidos campos; porém sem cultura, estradas, nem varedas, por onde entendi, que erão desertos, e despovoados. Representouse-me na Phantasia o mesmo, que no ar ostenta a Natureza, quasi todos os annos, no mayor calor do Estio, junto da Cidade de Rheggio, do Reyno de Napoles, na Calabria Ulterior, a qual representação chamão os moradores da dita Cidade *Morgana*. He este espectáculo huma fórma de Theatro, aberto da parte do Estreito de Sicilia, no meyo dos vapores do ar, em que apparecem com tão admiravel, como repentina architectura, Castellos, e Palacios com arcos magnificos, e columnas equidistantes, e estas em tão grande numero, que certo Padre da Companhia em huma Relação, que fez do dito espectáculo, ao Padre Leão Sanctio da mesma Companhia, Perfeito dos Estudos do Collegio Romano, affirma, que lhe parecerão mais de dez mil, todas bellissimas, com proporção, e cor admiravel, e pouco a pouco desvanecendo os primeiros objectos, succedem, como em differentes scenas, e apparencias, bosques amenissimos, ciprestes, e arvores mayores em fileiras, e campos abertos, cheyos de homens, e gados de muitas castas. O Padre Kircker no seu livro intitulado *Ars Magna lucis, & umbræ*, com razões naturaes, fundadas na Catoptrica,

ca.

ca, doutamente mostra a possibilidade deste maravilhoso apparato, pela proporcionada mistura de luzes, e sombras, formando-se no meyo dos vapores mais crassos, oppostos ao monte, huma opacidade, com varios angulos de incidencia, e reflexão, da qual resulta hum perfeito espelho polyedro, que de hum só objecto, v.g. de huma só columna, que acaso estará na praya, se reflecte huma prodigiosa multidão de columnas, e assim do objecto de hum só animal se multiplicão as especies em numerofo gado, de huma arvore se faz hum bosque, e de hum homem hum exercito. Demaneira, que assim como dos objectos da praya forma a Natureza no ar aquella vaporosa pompa; assim tambem dos objectos desta terra formou na minha Phantasia este mysterioso espectaculo. Caminhey contra o Sol, que vinha nascendo, buscando nas suas luzes o meu refugio, e remedio; e depois que subio alguns grãos sobre o Horizonte, descobri por baixo d'elle alguns montes, que fuy demandando, e reconhecendo. Cheguey perto delles junto ao meyo dia, e entrando por hum valle, que ficava entre dous montes muito altos, a poucos passos fuy descobrindo ao pé, ou raiz dos outeiros que se seguião, varias plantas pequenas de muito diversas cores, e figuras, porque não só erão verdes, mas brancas, amarellas, azuis, pardas, e negras. Permanecião estas Plantas muito viçosas, sem haver naquelle lugar agoa, que as regasse, nem pessoa alguma, que as cultivasse. Atravessey outros montes, que estavam adiante, vestidos todos com as mesmas plantas, e desta sorte fuy caminhando até que vi ao longe humas serras muito altas, que estavam cubertas de vis-
tofas

tosas arvores. Amimey-me a reconhecellas, e depois de grande trabalho, cheguey cansado a hum admiravel, e delicioso bosque, que me palmou pela extraordinaria contextura do seu prodigiolo arvoredos.

As primeiras arvores que vi, tinham os troncos, ramos, e folhas cubertos de cinzas, e os seus fructos parecião beringellas: adiante estavam outras plantas, cujos troncos parecião feitos de escamas de peixe, e os fructos erão semelhantes a pedaços de requeijão. Para hum lado estavam humas arvores, cujos troncos, ramos, e folhas erão tecidos com cravos da India, e os fructos erão da cor de vermelho escuro. Da outra parte estavam outras plantas, cuja casca, e folhas erão parecidas às cascas das avellans, e os fructos estavam muito verdes. Em hum outeiro mais baixo estava hum *Arvore singular*; porque o tronco, ramos, e as folhas erão formadas de gotas de agoa, que sustentavão humas às outras, e os fructos parecião jasmims. Da raiz deste outeiro sobia hum monte mais alto, que os outros, onde estavam duas arvores mais prodigiosas, e admiraveis, do que todas quantas eu tinha visto; porque hum tinha o tronco, ramos, e folhas de Prata, e os fructos erão como assucenas; e a outra tinha os fructos de purpura, e as folhas, ramos, e tronco de fino Ouro.

Junto a esta ultima Arvore estava assentado hum veneravel Ancião, que tinha colhido hum fructo della, do qual espremeo na mão hum *sô gota*, e apenas lhe tocou com a ponta da lingua, e a engullio, se transformou em hum mancebo de poucos annos, ou quando menos parecia moço, sen-

sendo na idade muito velho, porque as forças, cores, e saúde erão as mais perfeitas da nossa idade. Cheguey-me admirado para elle, e com huma grande reverencia, lhe disse, que tinha naufragado, e andava naquella montanha perdido; mas que desejava conhecello, e informarme da terra em que estava, para saber se poderia voltar para a minha Patria, e offerecer-me para o servir na minha peregrinação. Respondeo-me o Ancião, ou renovado Mencho, que estimava muito a minha vinda, e a nova occasião de servir huma poderosissima Emperatriz, como seu primeiro Ministro, que era, havia mais de trezentos annos, do seu universal Imperio, sem ter outra occupação, nem obrigação mais do que ensinar aos curiosos Peregrinos, mostRANDOLHES as maravilhas daquelle Reyno. Perguntey-lhe como se chamava, para nomeallo com decencia, e respeito; porque em huma conversação, algumas vezes seria necessario tratallo pelo seu titulo. Respondeo-me, que o seu nome, e o seu titulo era o de Philosopho, e que eu não tomaria naquelle Reyno outro nome, senão o de Peregrino. Com estes nomes nos tratamos algum tempo, e por agradecimento deste sonhado beneficio, e memoria deste fantastico Philosopho escrevi com elles o sonho, por modo de Dialogo.

PEREGRINO. Com a vossa occupação he ensinar ignorantes Peregrinos, e mostrar-lhes as maravilhas deste Imperio, dizey-me que terra he esta, e quem he a Emperatriz, que a domina?

PHILOSOPHO. Esta he a montanha de huma grande quinta, em que habita huma Senhora muito sabia, e tão poderosa Emperatriz, que domina

mina absolutamente o Mundo todo; mas com maior gosto vive nesta quinta, como quinta essencia de todas as quintas.

PEREGRINO. Como pôde esta Senhora dominar a todo o Mundo, estando elle dividido em Reynos, e Imperios, Republicas, e Principados, os quaes governão varias Pessoas, com tantos titulos, como os seus desejos, e pensamentos?

PHILOSOPHO. Esses chamados Monarchas todos são vassallos, e feudatarios da minha Emperatriz; porque todos os instantes lhe pagão indispensaveis tributos.

PEREGRINO. Não posso deixar de entender, que tão omnipotente Emperatriz he a Santissima Trindade; porque são Deos Trino, e Uno he verdadeiro Rey dos Reys, e Senhor dos que dominão o Mundo.

PHILOSOPHO. Não he Deos esta grande, e Soberana Senhora; porque he creatura sua, e tem mais de natural, que de divina.

PEREGRINO. Como se chama esta Senhora, que desejo conhecella?

PHILOSOPHO. Não podeis ignorar-lhe o seu nome, sendo ella tão famosa, e nomeada no Mundo, porque lhe obedecem todas as creaturas, como a Mãe, e a todas ama, como filhas.

PEREGRINO. Agora entendo, que fallais da Natureza, de quem sois primeiro Ministro, como Philosopho; e venturoso serey nesta peregrinação se vós me explicais os mysterios desta sua prodigiosa quinta.

PHILOSOPHO. Não vos posso explicar os segredos da Natureza, se vós não tiverdes percebido

bido os mysterios da Philosophia; porque não costumam fallar senão com quem me entenda.

PEREGRINO. Eu se não sou Philosopho, ao menos estudey Philosophia com o mayor Mestre desta Sciencia de entendidos; porque respondendo, e dissolvendo todas as duvidas alheyas, para os seus argumentos nunca houve resposta. Foy o terror das Aulas, o pasmo, e admiração dos Sabios. Pequeno elogio seria da consumada sciencia do grande Padre Simão de Almeida, filho da sempre esclarecida, e sapientissima Companhia de JESUS, exceder na Sabedoria aos Platões, e aos Aristoteles, que souberão pouco, e ignorarão muito, mas sendo alumno da Casa da Sabedoria, os mayores Mestres della podião ser discipulos seus; e mayor estimação fiz eu sempre d'este glorioso nome de seu discipulo; do que do grão, que na Universidade de Coimbra se me deu de Mestre; e se com o trato de tão grande Philosopho tenho algum merecimento, participando d'elle a luz da Philosophia, peço-vos que me digais, para que espremeistes, e engolistes o çumo do prodigioso fructo desta Arvore?

PHILOSOPHO. Para conservar os humores do corpo na sua natural harmonia, expellindo o nocivo, e conservando o util para a saúde; e com algumas gotas, que tomey em diversos tempos, tenho vivido mais de tres seculos, e crescendo cada vez mais os annos, parece-me que tenho menos, porque me vejo com as forças, e alentos da mais robusta, e florida adolescencia.

PEREGRINO. Permittime, que colha, e leve comigo hum fructo desta arvore para me aproveitar das suas virtudes.

K

PHI-

PHILOSOPHO. Liberdade tendes para os colherdes todos; porque a Emperatriz a ninguem negou atègora essa licença.

PEREGRINO. Com toda esta diligencia, e força que estou fazendo, não posso colher nenhum fructo desta planta, e o mais que tenho conseguido he arrancar-lhe algumas folhas; porque os fructos se escondem dentro dos troncos. Dizcyme, Senhor, se partindo estes ramos, acharey dentro os seus fructos?

PHILOSOPHO. Os fructos desta arvore não se colhem com força, nem com violencia, senão com sciencia, e arte. Para colherdes estes fructos, deveis primeiro examinar a natureza das arvores, que estão nestes montes circumvisinhos.

PEREGRINO. Como estas plantas são tão diversas, lerà muito dilatado esse exame.

PHILOSOPHO. Enganais-vos com a sua apparencia; porque sendo differentes na cor, e figura, todas são o mesmo na raiz; e paraque vos defenganeis com a vista dos vossos olhos, agora vereis as raizes de todas estas plantas, quando eu ferir a terra com o primeiro golpe desta vara. Dizcyme, que vedes depois que eu dey o golpe?

PEREGRINO. Vejo que todas as arvores tem a raiz descuberta, e todas estas raizes são brancas, e semelhantes, entrando todas perpendicularmente pela terra dentro, aonde se sustentão sem nenhuma agoa.

PHILOSOPHO. Não vos admire a conservação destas plantas sem agoa, porque se bem advertirdes, vereis que por baixo dessas raizes perpendicularmente vem subindo dous fumos, cada hum por sua

sua parte, os quaes em chegando às raízes, se juntão, e formão hum só fumo, que sem passar adiante, fica nas raízes pegado. Estes fumos são a materia, e a agoa de que se formão, e sustentão as raízes destas plantas; e conforme a terra, assim produzem diversas arvores estas raízes. Porém no coração destas plantas està occulto hum tallo, de que se faz hum bálsamo de tão raras virtudes, que a menor de todas he, facilitar a colheita dos fructos da Arvore de Ouro, sem mais trabalho, que tocar com elle nos seus ramos.

PEREGRINO. Não sey como se pôde descobrir, nem tirar esse tallo, sendo os troncos dessas arvores quasi impenetraveis.

PHILOSOPHO. Não são tão impenetraveis como vos representa a vossa imaginação; porque com os golpes da minha vara qualquer dellas mostra logo o tallo; e paraque vos desenganeis com a experiencia, notay os effeitos que ella faz com o seu toque nesta planta, que parece formada de gotas de agoa.

PEREGRINO. Com o primeiro toque da vossa vara se fez a arvore toda negra. Cahirãolhe os ramos, e as folhas, e abrindo-se juntamente o tronco appareceo no meyo delle hum branco tallo.

PHILOSOPHO. Colhey esse tallo precioso, para conseguirdes com elle o que vos falta.

PEREGRINO. Está colhido; e que devo fazer agora?

PHILOSOPHO. Ponde-o sobre os vossos hombros, e hide presentallo à Emperatriz, para que lhe lance a benção; e voltay logo com elle a este lugar, onde vos espero deitado ao pé da arvore de Ouro.

K ij

PERE-

PEREGRINO. He tão grande a vontade de hir, como a ignorancia do caminho; e accrescenta a difficuldade não saber a lingua da terra, nem ter na Corte nenhum amigo, que me facilite audiencia de tão grande Magestade.

PHILOSOPHO. O caminho he este só; se o seguirdes directamente, sem vos inclinardes a nenhuma das partes contrarias, no fim achareis o Palacio Imperial. O tallo que levais vos servirá de lingua, e conductor. Porém caminhay sem parar de dia, e de noite, atè avistardes o Paço da Imperatriz.

PEREGRINO. Quanto tempo se gasta nesta jornada?

PHILOSOPHO. Huns peregrinos chegam mais tarde, que outros, e alguns se perdem no caminho, e todos estes successos dependem da pureza do tallo que levão; como esse que vós levais está bem puro, elle vos alentará para que não canceis; e para não errares o caminho será hum certa guia.

PEREGRINO. Fuy caminhando com o meu tallo ao hombro por estrada plaina, e direita, mas sempre deserta, aliviando com o fresco da noite o grande calor, que o Sol causava de dia; caminhey sempre com tempo sereno, sem avistar nem hum pequena nuvem. Não encontrando na estrada pessoa alguma via muitos passaros, e pelas madrugadas orvalho; e passados muitos dias avistey o magnifico Palacio da Imperatriz, que buscava. Na sua circumferencia estavam muitos Cortezãos, que se parecião com o Philosopho, porém erão mais moços, e todos suspensos olhávão para a Imperatriz, a qual estava assentada em hum elevadissimo throno, e riquissimamente adornada com tudo
quan-

quanto produz o Universo. Cheguey confiadamente aos seus pés, sem que ninguém mo impedisse, nem ella mo estranhasse, e ajoelhando, com grande reverencia, puz o tallo à sua vista; o qual logo floreceo tanto, que ella com semblante agradável, e risinho lhe lançou a sua benção; e logo me despachou remettendo-me ao Philosopho, para que me ensinasse o que ignorava. Beijeilhe a mão, com demonstração do meu agradecimento, e voltando pela mesma estrada, me achei em poucas horas na companhia do Philosopho, que estava deitado ao pé da Arvore de Ouro; e presentando-lhe o tallo, lhe disse, o que me ordenara a Emperatriz, para que me ensinasse o que devia fazer.

PHILOSOPHO. Colhey essas flores do tallo, e pondeas sobre huma folha da arvore, que estiver mais exposta ao Sol, e observay com grande cautela o successo.

PEREGRINO. O calor do Sol derrete a folha, e as flores, e tudo fica reduzido a huma massa.

PHILOSOPHO. Deixay obrar o calor do Sol, e vereis que essa massa se converte em hum fructo, semelhante aos que produz continuamente a Arvore de Ouro.

PEREGRINO. Estou admirado vendo essa transformação.

PHILOSOPHO. He' chegado o tempo de o colherdes sem nenhuma difficuldade, e de vos aproveitardes das suas virtudes.

PEREGRINO. Aqui o tenho; e para que me serve este fructo?

PHILOSOPHO. Esfregay com elle as folhas das outras arvores, e vereis, que todas se conver-

vertem em folhas da Arvore de Ouro.

PEREGRINO. Rara maravilha! Assim o experimento. Estou vendo as transformações, e não as creyo. Parece-me este bolque a methamorphose de Ovidio. Dizeime, Senhor, poderey tambem tirat deste fructo aquelle cumo, que vos vivifica, como lemos, que Medea convertera de velhos em mancebos a Eson, e a Etha?

PHILOSOPHO. Esse he o principal effeito deste fructo; e se elle não tivera esta virtude não teria tanta estimação; lançai-o na mão, e engolindo-o para baixo, logo experimentareis hum raro prodigio.

PEREGRINO. Não tenho outra duvida para bebello se não o justo receyo de me tornar a ver menino; porque se este succo vos transformou de velho em moço, tambem converterá em menino hum mancebo; e não queria agora verme de tão pouca idade fogeito às pensões da infancia. Não me quero ver moço, sendo sempre amo, nem quero ser novo, nascendo velho; eu me dou por satisfeito com esta idade.

PHILOSOPHO. Este succo não diminue, accrescenta o numero dos annos; porque dilata a vida a quem o bebe; mas sem diminuir a idade, converte os velhos em mancebos; porque sendo eu de trezentos e oitenta annos, estou com o vigor da minha adolescencia.

PEREGRINO. Pois resolvome a tomallo, para viver, ainda que febricitante, com tosse, pernas inchadas, e tolhido, como vim este Outono das Caldas, e para me livrar do funesto prognostico, que lá me fez o mayor Medico da Europa.

PHI-

PHILOSOPHO. Se vòs o tomardes, logo ficareis livre de todas essas, e quaesquer outras molestias.

PEREGRINO. Eu o tomo, e já vou sentindo os braços, e as pernas livres, e desembaraçadas, o corpo fresco, o peito livre, desvanecida a tosse, e a cachexia, e o que mais me admira he nutrirme de repente, estando muito extenuado. Se me não engana a minha imaginação, brevemente passarey pelas ruas, restituído à minha faude; e com este gosto, que não foy pequeno, me alterey de sorte, que de repente fiquey acordado, reconhecendo, que tudo isto era sonho.

ENODIO. Tenho lido com muito gosto, e contemplado com grande ponderação o vosso sonho; e parece-me tão mysterioso, que o levo para estudar por elle o que desejava saber, e não podia descobrir em outros escritos. Não lhe darey o credito que merecem os sonhos propheticos de Jacob com os Anjos da escada: os sonhos de Joseph com a adoração das Estrellas: os sonhos de Pharaò com a figura das vacas; e os sonhos de Nabuco com os Metaes da Estatua; mas observarey as circumstancias do sonho, para penetrar naturalmente o seu mysterioso segredo. Por este modo refere Herodoto no Livro terceiro, que sonhando a filha de Policrates, que via a seu pay no Ar, previo morrer elle pouco tempo depois enforcado. O Emperador Mauricio vio em sonhos a tragedia da sua morte, executada violentamente por Phocas. E Phormaco, segundo no Livro decimo escreve Herodoto, conheceo a sua futura enfermidade, sonhando com a imagem da sua doença. Agora com estes exemplos, e como Ar-

temi-

temidoro, Author Grego, compoz hum livro, em que pretende dar regras certas, para a interpretação dos sonhos, com grande curiosidade, e attenção vou logo ver em Luciano a engenhosa descripção que faz da Ilha dos Sonhos, para ver se posso entender o sonho desta Ilha. Se escrevestes sobre esta materia mais alguma cousa, peço-vos, que me não occulteis os vossos estudos, e segredos.

§. IX.

Testamento Hermetico.

ENODATO. **N**ÃO permittio o Emperador Nero a seu Mestre o grande Philosopho Seneca, que testasse de seus bens, estando condemnado por elle à morte; mas o grande Philosopho deixou aos seus amigos a sua vida por herança; porém eu vendo-me muito enfermo, como sem proposito se me representou tambem no sonho, antes que partisse para as Caldas, fiz o meu testamento nestas decimas, no qual lhe deixava o mesmo testamento por legado. Seneca foy tão rico, que teve sete milhões, e meyo de renda, e não pode restar na morte, se não da vida que acabava; e eu testei de huma vida, que dura, e de huma riqueza, que se não extingue.

Si en

Si en Mercurio no alterado,
Dissuelves Oro nativo,
El *Rebis* has conseguido,
Y el fermento deseado:
Ponle en vaso sigilado,
En fuego lento a cofer,
Advertiendo, que ha de fer
Tan suave el movimiento,
Que solo el entendimiento,
Pueda llegarlo a entender.

La sabia Naturaleza,
Por devidas digestiones,
Llega a lograr las funciones
De los trabajos que empieza:
Aborrece la fiereza,
Del fuego consumidor,
Y usa del con tal primor,
Y tan singular reposo,
Que es un fuego vaporoso,
El arte de su lavor.

Lo Animal, lo Vegetable,
Lo Mineral, que produze,
Esta regla lo conduze,
A una perfeccion loable:
De un principio, que es notable,
Tres cosas en conclusion,
Saca por separacion,
Y puras buelve a juntar;
Pero no se puede hallar
Esto, sin putrefaccion.

L

Al

Al Camaleon parecido
 Es el licor no alterado,
 Y antes de especificado,
 Le ajusta qualquier vestido:
 En Mercurio convertido,
 Pierde el nombre universal,
 Y assi llorando su mal,
 En lagrimas se deshaze,
 Y solo le satisfaze,
 Con lo que guarda de Sal.

En dos alas solamente,
 Consiste toda la Obra,
 Y lo de màs todo sobra,
 Porque es engaño patente:
 Toma un cuerpo permanente,
 Y aun que te custe disvelo,
 Abate el Aguila al suelo,
 Y no la dexes bolar;
 Porque el intento es hallar;
 Modo de unir Tierra, y Cielo;

El Fuego, y el Agoa son,
 El instrumento preciso,
 Con que el Philosopho quilo,
 Disponer la perfeccion;
 El Agoa por la ablucion
 Lo terreno purifica,
 Y el Fuego es quien clarifica
 El veneno arsenical,
 Y assi encuentra lo essencial,
 Quien los accidentes quita.

En.

En qualquier grano sabemos,
Que ay virtud vegetativa,
Pero en lugar de la activa
Virtud no le conocemos:
Si la semilla ponemos,
En la Tierra alli el vapor
Central, y el salino humor
Concurriendo a un mesmo punto,
Despiertan en el conjunto,
El Vegetante vigor.

La ceniza a quien la ardiente
Llama voraz constitue,
De una verdad nos instrue,
Por experiencia evidente,
Que cosa ay más permanente,
Que su phisica substancia,
Pues es tanta la constancia,
Con que puede mantener-se,
Que no rehusa exponer-se,
Del Fuego a la vigilancia,

Assi el Philosopho atento,
La Natureleza sigue,
Y si no yá más consigue,
Lo que busca tan sediento,
Discurre el proprio alimento,
Con que qualquier planta cresce,
Mira con lo que apeteze,
De la Tierra la humedad,
Y luego la qualidad,
Del Fuego com que la cuese.

§4 *Ennea, ou Applicaçõ do Entendimento,*

ENODIO. Mais rico fico com este vosso legado, do que Nero com a herança de Seneca; e para eu poder addir esta herança, haveis-me de declarar como posso fazer a transmutação dos Metaes em Ouro, e Prata.

§. X.

Metemfomatosis do Chumbo em Prata.

ENODATO. **A**Dmittio o antigo Philosopho Empedocles a *Metemfomato-*

sis, ou transcorporação com que os corpos elementaes se transformão, do que se rio com muita razão o grande Tertulliano; e receyo, que tambem vos *Tertul. lib. de Anim. cap. 22.* provoque a riso a *transmutação*, que agora vos declaro de dous corpos mixtos. *Dissolvey* huma onça de Prata fina em Agua Forte, e precipitando-a com Espirito de Sal, ficará no fundo huma materia semelhante ao requeijaõ. Tiray toda a humidade, e lavay esta materia duas, ou tres vezes com agoa quente, e depois de secca, achareis huns pòs muito brancos. Fundi tres onças de Chumbo, e tanto que estiver derretido, lançaillhe paulatinamente os pòs da Prata, a qual se dissolverà em forma de oleo. Tende cuidado não caya dentro da Oبرا algum carvão, ou braza. Tanto que a materia estiver derretida, tiray o cadinho fóra do fogo, e deixay esfriar tudo, estando o cadinho tapado. Depois que tu lo estiver frio, quebray-o, e separay o Chumbo da Prata, que esta por cima em forma de massa. Copellay este Chumbo, e achareis huma onça de Prata de copella. Esta transmutação fez o Espirito da

da Prata, penetrando, e purificando o Chumbo. Não se tira della nenhuma utilidade, mas colhe-se desta operação hum grande documento; porque vos dà luz para fazerdes huma grande fortuna, se souberes reduzir a corpo a massa da Prata; e daqui poderis facilmente passar ao verdadeiro conhecimento, de fazer as transmutações dos Metaes viz em fino Ouro. Não vos revelo o segredo, como enigmaticamente fizeram Santo Alberro Magno, e outros *Hermeticos*; porque não quero satisfazer à cubição ambiciosos, senão à curiosidade dos Sabios.

ENODIO. Os Sabios não se contentão da curiosidade, se juntamente não he util; e não se podem satisfazer com esta operação, em que vós confessais, que não ha utilidade.

ENODATO. Nesta operação não hà conveniencia; porque se tira a mesma Prata, com que se faz a Obra, mas propoem hum exemplo, para se conseguir o modo de fazer a *Pedra Philosophal*, de que resultem ao descobridor deste segredo as mayores conveniencias, e utilidades; e para que as vejais descubertas, ouvi humas largas, e grandes palavras, que escreveo o Padre D. Rafael Bluteau fallando da mesma Pedra. *Pedra Philosophal*, diz elle, se houve, ou se ha tal pedra no Mundo, não he propriamente pedra, mas he a materia, com que alguns Philosophos, ou *Alchimistas* pretendem fazer artificialmente Ouro. O mayor argumento, com que se costuma impugnar a possibilidade deste artificio, he que não se pôde naturalmente mudar huma cousa de huma especie para outra, como he fazer do Estanho Prata, ou da Prata Ouro. A este argumento respondem os Professores desta Arte, que os Metaes não são especifica-

Bluteau. Voc.
cab. Tom. 6.
lit. P. fol. 353.

ficamente, mas só accidentalmente diversos; e que a ténção, ou intento da Natureza, que sempre tende aos mais perfeito, he fazer de todos os Metaes Ouro; o que de ordinario não consegue, ou porque das veas da terra se tirão antes do tempo requesito os Metaes imperfeitos, e indigestos; ou porque nos montes, em que se vão creando, contra-hem, como as crianças no ventre materno, as immundicias, e impuridades da terra, sua matriz; e do mesmo modo, que hum homem por ser pallido, amarello, e doente, não differe especificamente daquelle, que he corado, vermelho, e bem disposto, assim não differe hum Metal de outro essencialmente, mas só accidentalmente, por ser mais, ou menos puro, ou impuro, ou mais, ou menos sam, ou doente, como v. g. o Chumbo, que pela muitas fezes, que tem, he o mais impuro dos Metaes, e o Ouro summamente apurado, e por consequencia summamente compacto, porque homogeneo, e por isso mais difficuloso de dissolver, he dos Metaes o mais puro.

A *Pedra* pois *Philosophal*, ou o pò, a que chammaõ de projecção lançado sobre o Metal mais impuro derretido, se tivera a virtude, que se lhe attribue, não transformaria essencialmente o Metal, mas fazendo evaporar as fezes, e materias heterogeneas, ficaria Ouro aquella parte, que a Natureza destinou para este effeito; e assim como com a chamma de hum a vèla se converteria logo em fogo hum monte de polvora, assim com a *Pedra Philosophal*, Ouro vital dos Philosophos, se converteria em Ouro perfeito hum mar de Metal liquido; e disposto para receber a efficacia da sua impressão (como advertio na sua

Chry-

Chrysopeia Augurello) nem tão pouco se augmentaria a difficuldade desta transformação com a brevidade do tempo , porque segundo Aristoteles no quinto livro da sua *Phyfica* , assim como ha mortes repentinas , e violentas , contrapostas às que chamamos naturaes , tambem hà producções , ou gerações anticipadas , e quasi instantaneas , que abbreviã o curso , e methodo ordinario da Natureza. Conheço , que estas , e outras muitas razões , que neste lugar se poderião trazer , sem experiencia são frivolas ; porèm não me posso resolver a negar absolutamente a possibilidade da *Pedra Philosophal* ; quanto mais , que o Padre Martinho delRio perguntando nas suas *Disquisições Magicas* , se a *Pedra Philosophal* ; ou a Arte de fazer Ouro , he Arte diabolica , affirma , que não , e certifica , com exemplos que traz , que por doze differentes modos naturaes se pôde fazer Ouro. Tambem não acabo de me persuadir , que todos os Authores antigos , e modernos , que seriamente , e com altíssimas razões philosophicas tratãrão esta materia com grande estudo , e sem emolumento algum , quizessem inculcar aos Leitores das suas obras fabulas por verdades. Verdade he , que algumas experiencias , que parecem abonos desta Arte , bem consideradas , e examinadas são enganos.

Na Cidade de Florença em Italia , entre as preciosas curiosidades , que se mostrão na famosa Galeria do Grão Duque de Toscana , se vê hum prègo meyo Ferro , e meyo Ouro. Eu o vi mais de humma vez , e quem o mostrava , dava a entender , que a parte do dito prègo , feita Ouro , era milagre da *Pedra Philosophal* , obrado por hum *Chymico* , que
por

por aquellas partes passára, e desapparecêra. Dahi a alguns annos passey de Italia para França, e de França para Portugal, aonde tive a honra de beijar as mãos ao Grão Principe de Toscana, hoje Cosmo III. e na Cidade de Lisboa praticando com elle sobre a possibilidade da *Pedra Philosophal*, admirado de que elle a impugnasse, procurey firmalla com o prego; mas foy o dito Principe servido de enganarme, dizendo, que a parte aurea do dito prego, não era transmutação de Ferro em Ouro, mas união de hum bocado de Ferro com Ouro, e essa tão subtil, que ficára imperceptivel ao tacto, e à vista. Por este, e outros modos, e artificios, muitos falsos *Alchymistas* desacreditarão esta Sciencia; porèm não faltão homens de bom juizo, que lhe deem algum credito, e ainda que o Abbade Furetiere, no seu Diccionario Francez a despreze, como delirio da imaginação, e occupação de loucos, parece quiz a Academia Real de França dar a esta Arte alguma probabilidade no seu famoso Diccionario pag. 212. aonde diz, que Nicolao Flamel, Francez de Nação, com a intelligencia de hum livro, que lhe communicára hum Judeo, chamado Abraham, chegou a fazer Ouro em tão grande quantidade, que dotára com boas rendas quatorze Igrejas, e outros tantos Hospitaes em França, e que vivendo em hum tempo, em que era muito mais raro, que hoje o dinheiro, a saber, nos annos de 1393. e 1413. gastára em obras pias mais de dous milhões de cruzados.

O thesouro da faude, que tambem por meyo da *Pedra Philosophal* se espera, he muito mais estimavel, que o das riquezas. O fundamento desta esperan-

perança he, que fendo a *Pedra Philosophal* o correctivo dos viciosos excessos dos tres principios, ou elementos da *Philosophia Chymica*, a saber, *Sal*, *Enxofre*, e *Mercurio*, que são a causa das doenças dos Metaes imperfeitos; tambem as enfermidades do corpo humano se originão de algum excesso dos tres ditos principios, ou por qualidades terreas, que he o que chamão *Sal*, ou por qualidades oleosas, e igneas, que he o a que chamão *Enxofre*, ou por qualidades aquosas, que he o que chamão *Mercurio*; e nos corpos, como nos Metaes destroe a *Pedra Philosophal* estas nocivas qualidades; e esta he a razão, porque a *Pedra Philosophal* se chama *Medicina Universal*. Entre as experiencias deste prodigioso preservativo das enfermidades corporaes, humas das notaveis he a que temos na pessoa de Federico Gualdo, que no anno de mil e seiscentos e oitenta e dous, por conjecturas bem fundadas, passava de trezentos annos de idade, improvissamente desappareceo da Cidade de Veneza, aonde alguns successos davão motivo para sospeitar, que com o auxilio da *Pedra Philosophal* prolongava a vida.

Aos argumentos; que se poderião formar contra esta tão singular maravilha, responde o Author de hum livrinho Italiano, impresso em Colonia no anno de 1694. intitulado, *La critica della morte, o vero l' Apologia della vita, e le ricette dell' Arte, che accrescono i languori della natura*; e no principio do dito livro se vê a effigie do dito Federico Gualdo, com esta inscripção Latina:

Federicus Gualdus

*Natione, ut dicebatur, Germanus, sed verè
Cosmopolita; attamen melius dicam,
HERMETICI ORBIS PRINCEPS,
Nam plusquam trium seculorum coetaneus,
A multis assertus,
Tamen suo ore nonagenarius confessus,
Anno M. DCLXXXIII. die XXII. Maii
Solus iter ignotum accipiens à Veneta urbe,
Ubi quadragenarius incola moratus est,
migravit, imò disparuit.*

Como a fraude abaixo da graça de Deos, seja neste Mundo o mayor bem do homem, com razão se hou- vera de preferir a todas as sciencias humanas a da *Pedra Philosophal*; e por isso com esperança de huma dilatada vida, ou quando menos de huma vida sem achaques atè a hora destinada de Deos para a morte, gastarão muitos Philosophos muito dinheiro, e muito tempo na investigação deste admiravel segredo, que he o unico, que pôde conservar o humido radical, e o calor natural em perfeita união, e harmonia, desterrando a velhice, e restituindo a mocidade; advertindo, que nenhum medicamento natural tem virtude para restituir as partes vitæe damnadas, porque (como dizem os Philosophos) à *privatione ad habitum non datur regressus*; mas só pôde haver remedios para expellir humores heterogeneos, e nocivos, e para com esta expulsaõ accrescentar muitos annos de vida.

Para conseguir este bem, que dos bens transitorios he sem duvida o mayor, he preciso acertar com a materia da *Pedra Philosophal*; para este effeito

feito escolhêrão alguns o Vitriolo, outros o Mannà, outros o Orvalho, e outros a Prata, e o Ouro; mas acho, que os melhores Mestres desta Arte assentão, que não se pòde tirar a materia da *Pedra Philosophal* de Metal algum, aindaque perfeito, mas da materia mais proxima à formação dos Metaes. Achada pois a materia, que he hum das mayores difficuldades desta Arte, são tantos os Enigmas dos Authores, e tão varias as operações desta fabrica, que quasi nunca se alcança, o que se intenta. O mais sam conselho, que nesta materia se pòde dar aos que deseão dilatar a vida, he que observem as leys de hum verdadeiro celibato, e de huma moderada abstinencia, porque de ordinario os vicios, contrarios a estas duas virtudes, são a funesta causa da brevidade das nossas vidas.

Não recorro a esta moralidade para eludir os argumentos, que se pòdem fazer contra a possibilidade do *Lapis*, porque não me obriguey a averiguar esta materia. Mas não posso deixar de estranhar a facilidade, com que muitos se rim dos nomes enigmaticos desta *Philosophia*, como se os homens doutissimos, que usarão delles, os inventarão para ostentarem o seu saber, e zombarem do Mundo. Esta mesma escuridade he mysterio para mayor veneração da Arte. Só dos nomes, que se dão à materia, da qual se compoem o *Lapis*, ou ao proprio *Lapis* depois da sua composição, se pòdem fazer Catalogos capazes de encher grandes volumes, e com a declaração dellas, e de outros infinitos concernentes às operações, e effectos do *Lapis*, grandes Livrarias. Que imaginaõ estes Mysochimicos, Antagonistas, e Antipodas da *Hermetica Philosophia*, que sonhavaõ, e deliravaõ os Sabios, que nas suas obras chamàrão à materia do *Lapis*,

Naturalis, Simplex, Catholica, Chaosa, ou Chaotica, Primaterialis, Antiquissima, vel verè Saturnina, e finalmente Materia rerum prima? Todos estes epithetos tendem a mostrar, que esta materia he realmente a primeira de todas; que della todas nascem; e a ella todas por putrefacção natural se reduzem, sem por isso ser ella a materia prima, (segundo os principios da Philosophia Aristotelica.) Todos os nomes, que lhe deraõ, são mysterios, que occultamente insinuaõ as suas propriedades, e qualidades naturaes. Chama-se *Microcosmus noster Macrocosmicus*, porque nella se contêm todas as virtudes elementaes, e celestes do Mundo grande, e pequeno. Chamaõ-lhe *Chaos*, porque nella todas estas virtudes estaõ misturadas, e confusas. Chamaõ-lhe *Magnesia*, porque attrahe para si todos os Metaes, particularmente o Ouro, e a Prata, por causa da sua perfeição. Chamaõ-lhe *Ente Metallico*, e na realidade o he, porque delle se originaõ, e formaõ todos os Metaes. Chamaõ-lhe *Espirito*, porque he volatil, e dà aos Metaes vida como seu vital espirito. Chamaõ-lhe *Altissima, e Unica Medicina*, porque cura todas as enfermidades dos homens, e dos Metaes. Chamaõ-lhe *Veneno*, porque aos Metaes, e mais cousas dà morte, conduzindoas à putrefacção, mas para as regenerar, e restituir a estado mais perfeito. Chamaõ-lhe *Lixivium, id est Cenrada, ou Decoada*, porque tira, e absterge todas as impuridades metallicas. Chamaõ-lhe *Espola, Mãe, Mulher, Eva, &c.* porque della nascem nobilissimos filhos. E no mesmo tempo chamaõ-lhe *Virgem, e pura*; porque ainda que produza filhos, permanece casta, e depois de os matar, e afogar ao proprio Marido,

rido, os refuscita, e restitue à immortal, e incorruptivel vida. Chama-se *Leite Virginal*, porque da sua terra sahe a modo de leite o seu licor, e no recipiente com o frio se coalha a modo de manteiga, e com o calor se dissolve. Chama-se *Sangue*, porque se faz vermelho como sangue, e contém, como sangue, espirito de vida. Chama-se *Agoa ardente, e ignea*; porque derrete todos os Metaes com mais actividade, do que poderia fazer o fogo mais violento. Chamaõ-lhe *Lucifero, Estrella matutina, e vespertina*, porque na operação luz muito nas manhans, e nas tardes; o que he digno de grande admiração. Chamolhe *Iris*, porque nella se vem as proprias cores, que no Arco celeste se divisão. Finalmente por outras innumeraveis observações se chama *Serpens, & Draco, Nubes, Ros, Luna, Plumbum, Venus Naturæ, Sputum Lunæ, Syrupus granatorum, Aqua repugnans igni, congelata, non madesaciens manus, Glacies Sophorum, Lapis non lapis, de semine Mundi maioris, filius Omousios parenti suo, in quo omnis plenitudo naturæ, hoc est EL-I-XEIR magnum, &c.* Isto he o que o Vulgo chama *Pedra Philosophal*, rindo-se de todos os titulos, que se lhe attribuem, sem outro fundamento, que o que poderia ter hum rustico, que ouvindo fallar em fôrma accidental, substancial, assistente, informante, em especie expressa, impressa, infima, intencional, objectiva, predicavel, subalterna, subjicivel, &c. se risse da Logica, chave das Sciencias; ou aos eccos de Espiração activa, e passiva, Innascibilidade, Hypostasi, Omohypostaton, Pneumatômacho, Consubstancialidade, Immanencia, Processões, Relações, Emanações, zombasse da Theologia, nobilissima filha da Fè, e gloriosis-

94 *Ennea, ou Applicaçãõ do Entendimento,*
riofíssima interprete dos arcanos Divinos.

Os que não admittem esta *Chymica*, aceitem esta moralidade. A verdadeira *Pedra Philosophal* he a graça de Deos, que communica à alma a virtude de purificar os Metaes dos cinco sentidos, e converterem Prata, e Ouro para a coroa da gloria as nossas obras. O humido superfluo, que os *Chymicos* devem tirar, he o luxo; o sulphureo ardor, he o fogo da luxuria; a negridão corruptente, he a macula do peccado; as fezes terrestres, que estorvão os progressos da obra, são o amor aos bens da terra, que contamina a pureza do espirito. Tambem nesta obra concorrem as operações *Chymicas*, a saber, *Sublimação*, quando se levanta a alma ao conhecimento do Altissimo; *Precipitação*, quando conhece a sua baixeza; *Calcinação*, com o pensamento nas cinzas da morte; *Solução*, *liquação*, e *distilação*, nas lagrimas da penitencia; *Coagulação*, e *Fixação*, na constancia da Fè, e firmeza no amor de Deos. Neste breve, mas elegante, e doutissimo discurso vos descobre o grande Bluteau as utilidades da *Pedra Philosophal* nos famosos exemplos de Nicolão Flamel, que foy muito rico, e de Federico Gualdo, que viveo muito; e se vòs descobirdes o segredo, que elles alcançãrão, tereis huma larga vida, e possuireis hum grande thesouro, que são grandes utilidades.

ENODIO. D. Raphael Bluteau moraliza, e não certifica a verdade, nem descobre o rico thesouro do *Lapis*; e desta sorte não approva, nem condemna a certeza da *Chrysopeia*: admira-se com as turbas.

ENODATO. Não queirais, Senhor Enodio, que presume eu da vossa grande ambição, o que da miseria do Leitor mosino affirma no Prologo do
Sup-

Supplemento do seu doutíssimo Vocabulario o mesmo D. Raphael ; porque diz com grande discriminação , e profundo juizo, que dos livros compostos por Apuleyo , só lhe agrada o *Asno de Ouro*. Vós haveis de saber que D. Raphael he hum Varão muito grave, muito sabio, e muito serio, e como tão grande homem, he o alvo de ignorantes, e invejosos tiros, que o ferem tanto como as pedras, que os Barbaros Ethyopes atirão ao Sol. Falla na *Pedra Philosophal* inclinando-se mais a defendella, do que a reprovallá , para que conheçam os doutos , que he o seu defensor, mas não saibão os ignorantes, que a defende, para que os Sabios o venerem, e os nescios se não riaão. E com este artificio faz o tiro com a pedra, e esconde a mão. Por este modo he D. Raphael admiração das *Turbas dos Philosophos* , e dos Philosophos das Turbas.

ENODIO. Como o fallar nesta materia he tão arriscado, e tão exposto às injurias dos ignorantes, estimo muito , que ao pé desta Cruz retirados do passeio , e sós , conversassemos quasi sempre na *Chrysópeia* ; para evitarmos as suas nescias censuras.

ENODATO. Depois que li nos Evangelhos, que a malicia , e a ignorancia humana, murmurou, escarneceo, e crucificou a Sabedoria Divina Encardada : *Murmurabant ergo Judæi de illo : Hudebant ei : Non enim sciunt quid faciunt : crucifixerunt eum ;* Joan. 6. 40. Math. 27. 29. temi pouco, e estimey muito as calumnias, que continuamente me fazem os ignorantes com as suas satyras, injurias, e affrontas, para ter sempre alguma cousa, em que imitar a meu Senhor JESU Christo , seguindo as suas pizadas , e participando dos opprobrios da sua Cruz. Luc. 23. 33. 34.

FINIS LAUS DEO.



LISBOA OCCIDENTAL:
Na nova Officina de
MAURICIO VICENTE DE ALMEIDA,
Morador ao Arco das Pedras Negras.

M. DCC. XXXIII.



